

3.º CICLO EM HISTÓRIA

**O Abade de Baçal e o Universo Epistolar:
para uma *Cartografia* Cultural**

VOLUME I

Ana Maria Afonso

D

2023



Ana Maria Afonso

O Abade de Baçal e o
Universo Epistolar: para
uma *Cartografia Cultural*

VOLUME I

Tese realizada no âmbito do Doutoramento em História, orientada pelo Professor
Doutor Luís Carlos Correia Ferreira do Amaral

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ano: 2023

Ana Maria Afonso

**O Abade de Baçal e o
Universo Epistolar: para
uma *Cartografia Cultural***

VOLUME I

Tese realizada no âmbito do Doutoramento em História, orientada pelo Professor
Doutor Luís Carlos Correia Ferreira do Amaral

Membros do Júri

Presidente:

Vogais:

A minha Mãe

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho é da minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Bragança, 14 de agosto de 2023

Ana Maria Afonso

Agradecimentos

O estudo apresentado é, de certa forma, subsidiário do trabalho de organização iniciado em 2012 no Museu do Abade de Baçal, pela equipa que, à época, orientava nas funções de diretora do Museu. Agradece-se, assim, o trabalho da equipa de então.

À Fundação Calouste Gulbenkian agradeço o projeto de digitalização que se concretizou em 2012, trabalho que nos facilitou o estudo que agora encetamos. Nesse ano davam-se os primeiros passos na organização do arquivo pessoal do Abade de Baçal.

O nosso interesse por esse conjunto documental tem uma origem mais remota, quando o então Diretor do Museu, João Neto Jacob, nos propôs a sua organização. Trabalhávamos na altura no Arquivo Distrital de Bragança. Mais tarde, o privilégio que tivemos em ir como diretora para o Museu do Abade de Baçal, permitiu-nos continuar o trabalho e publicar em colaboração com o nosso orientador, na revista *Brigantia*, o primeiro conjunto documental — correspondência enviada ao Abade de Baçal pelo Pe. José Manuel Miranda Lopes e Monsenhor José de Castro.

Em 2018, como consequência do resultado de concurso, deixávamos o Museu. Para continuar o estudo que muito nos motivava, idealizámos transformá-lo no objeto de estudo para uma tese de doutoramento. Contactámos o nosso futuro orientador, que acolheu o projeto e nos apoiou. Decidimos, então, finalmente, tratar as cartas dirigidas ao Abade de Baçal e transformá-lo num projeto de doutoramento, projeto este que foi aprovado.

Terminado esse laborioso e longo percurso, agradecemos a todos os que, de diversas formas, nos acompanharam nessa caminhada e contribuíram para a nossa investigação.

O apoio moral foi-nos oferecido pelos mais próximos, o Zé, o Miguel e o João. Para eles entregamos, não agradecimentos, mas o resultado do trabalho que traduz o legado que recebemos de nossos pais — o estímulo pelo trabalho — como ele é libertador e nos deve acompanhar ao longo da vida. Que compreendam as ausências...

Aos nossos amigos mais próximos, as simples e grandiosas palavras amigas, e o apoio incondicional.

Agradecemos a sorte de ter um excelente orientador, que nos foi pacientemente guiando neste roteiro, onde sempre lançou as suas luzes orientadoras. A generosidade com que nos proporcionou comentários e críticas, que nos auxiliaram nos momentos de desânimo e dúvidas, foi fulcral para a prossecução do trabalho agora apresentado.

Assim, estamos imensamente gratas a todos acima mencionados, mas reservamos o nosso maior agradecimento ao nosso orientador, e fazêmo-lo reproduzindo as palavras insertas num dos documentos epistolares estudados:

pelo valioso estímulo de confiança que trouxe aos meus justificados receios de inexperiência ensaísta, pela tranquilidade que o seu parecer de Mestre e homem de Bem veio trazer ao meu espírito...

com mil agradecimentos, sou com toda a estima

Ana Maria Afonso

Resumo

O estudo da correspondência recebida por Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, permitiu-nos construir uma *cartografia* cultural, baseada na vasta rede de correspondentes e nas temáticas plasmadas no conjunto epistolar.

Estas redes motivadas pelo interesse pela História e pela Arqueologia, pela troca de ideias ou pelo simples convívio ou amizade, constituem-se num espaço privilegiado de construção da identidade de Francisco Manuel Alves e do diálogo com um grupo de pares de extrema importância para o seu reconhecimento intelectual e para a “construção” do homem, do sacerdote e do cientista. Possibilita-nos, outrossim, a identificação das origens e o despertar da sua vocação como sacerdote e historiador e do universo cultural (temáticas) em que se moviam o Abade e os múltiplos correspondentes.

Assim, o estudo destes documentos permitiu-nos compreender o universo cultural da época em que se situavam, conhecer a rede dos correspondentes e tornar mais nítida a “identidade” do Abade.

Para o efeito, relacionaram-se correspondentes, conteúdos e conjunturas.

Esta *cartografia* possibilitou-nos, igualmente, perceber quais os grupos-chave com os quais o Abade manteve relações e dos quais dependia para a construção do seu capital intelectual ou simbólico. Foi graças a esse grupo, regido por afinidades e interesses comuns, que o seu nome e obra alcançaram maior repercussão.

Palavras-chave: Abade de Baçal, Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, Arquivos Privados, Epistolários, Redes Epistolares.

Abstract

The study of the correspondence received by Francisco Manuel Alves, Abbot of Baçal, allowed us to construct a cultural cartography based on the vast network of correspondents and the themes reflected in the letters themselves.

These networks, driven by an interest in history and archaeology, the exchange of ideas, or simple companionship and friendship, constituted a privileged space for the construction of Francisco Manuel Alves' identity and dialogue with a group of peers of extreme importance for his intellectual recognition and for the "construction" of the man, priest, and scientist. Additionally, this study enables us to identify the origins and awakening of his vocation as a priest and historian, as well as the cultural universe (themes) in which the Abbot and his multiple correspondents moved.

Thus, the study of these documents allowed us to comprehend the cultural universe of the era in which they were situated, understand the network of correspondents, and make the identity of the Abbot more distinct.

To this end, correspondents, content, and conjunctures were related.

This cartography also enabled us to understand the key groups with whom the Abbot maintained relationships and on whom he depended for the construction of his intellectual or symbolic capital. Thanks to this group, governed by common affinities and interests, his name and work achieved greater impact.

Key-words: Abbot of Baçal, Archaeological-Historical Memories of the District of Bragança, Private Archives, Epistolaries, Epistolary Networks.

Índice de Figuras

Figura 1.	Bilhete de Identidade de Francisco Manuel Alves	24
Figura 2.	O Abade de Baçal no seu gabinete no Museu.....	55
Figura 3.	Catálogo da correspondência recebida pelo Pe. Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal)	66
Figura 4.	Carta de luto com monograma	81
Figura 5.	Carta com timbre	81
Figura 6.	Cartão de boas festas.....	82
Figura 7.	Bilhete-postal	83
Tabela 5.	Índice de assuntos.....	93
Figura 8.	Retrato do Abade com cerca de 40 anos	99
Figura 9.	Bilhete-postal de José Leite de Vasconcelos, 11 de novembro de 1916	101
Figura 10.	Cliché de A. Soucasaux, de Barcelos, retratando Raul Teixeira, o Abade e José Montanha, na década de 30	102
Figura 11.	O Abade na varanda de sua casa	106
Figura 12.	Carta de Alfredo da Fonseca Menéres, 5 de julho de 1917	111
Figura 13.	Carta de Maria Ermelinda Ferreira com versos dedicados ao Abade, 9 de abril de 1943 ..	113
Figura 14.	Cartão de Maria Ermelinda Ferreira sobre os preparativos para a recepção de António José de Almeida, 15 de maio de 1911.....	114
Figura 15.	Telegrama de boas festas de Cândida Florinda Ferreira, 1937	116
Figura 16.	Carta de Maria Queiroga, paroquiana de Mairós, 6 de julho de 1896	117
Figura 17.	Cartão de agradecimento de D. José Alves de Mariz, 14 de março de 1909.....	127
Figura 18.	Cartão de agradecimento de António de Oliveira Salazar	127
Figura 19.	Carta de Abílio Beça, 4 de maio de 1905	130
Figura 20.	Envelope com notas manuscritas do Abade	131
Figura 22.	Casa do Abade de Baçal, Baçal, 15 de maio de 1996	135
Figura 23.	Cartão de condolências pela morte do pai do Abade de Baçal.....	137
Figura 24.	Condolências pela morte do cunhado do Abade, 3 de dezembro de 1921	137
Figura 25.	Cartão de Raul Teixeira de condolências pela morte da mãe do Abade	138
Figura 26.	O Abade com a irmã Cândida e sobrinhos Luzia e Barnabé, em 1934.....	139
Figura 27.	Medas em Baçal	143
Figura 28.	O Abade no dia da homenagem, em 9 de abril de 1935.....	148
Figura 29.	Carta de Abílio de Lobão Soeiro	159
Figura 30.	Cartão de Abílio Beça, 30 de julho de 1894.....	162
Figura 31.	Carta de Abílio Beça, 10 de outubro de 1894.....	165
Figura 32.	Cartão de Abílio Beça, 10 de novembro de 1894.....	166
Figura 33.	Envelope com notas manuscritas pelo Abade	171
Figura 34.	Envelope com notas manuscritas pelo Abade	178
Figura 35.	Carta de José Ferreira Thedim, 22 de julho de 1942	179
Figura 36.	Carta do Reitor do Seminário, 25 de abril de 1935	195
Figura 37.	Envelope com notas manuscritas do Abade	198
Figura 38.	Carta de Martinho Valdrez, 23 de junho de 1936.....	201
Figura 39.	Cartão do Abade de Águas Frias	205
Figura 40.	Cartão com notas manuscritas do Abade	212
Figura 41.	Carta de Abílio Beça, 23 de novembro de 1899	214
Figura 42.	Carta de Daniel Rodrigues.....	216
Figura 43.	Carta de João da Cruz Teixeira, 19 de setembro de 1911	219
Figura 44.	Recorte de jornal.....	220
Figura 45.	Carta do <i>Álbum dos Vencidos</i> , 8 de maio de 1915	221
Figura 46.	Circular sobre as eleições de 26 de agosto de 1915.....	223
Figura 47.	Pedido de Apoio para a causa Monárquica	226
Figura 48.	Envelope com notas manuscritas pelo Abade	231
Figura 49.	Carta de Moura Coutinho	232
Figura 50.	Envelope com notas manuscritas do Abade	236

Figura 51.	Envelope com notas manuscritas do Abade	237
Figura 52.	Carta de Domingos António Neves, 16 de agosto de 1898.....	272
Figura 53.	Carta de Leite de Vasconcelos.....	273
Figura 54.	Envelope com notas manuscritas pelo Abade	277
Figura 55.	O inquérito para as <i>Memórias</i>	287
Figura 56.	Carta de João Martins de Aragão, 4 de janeiro de 1908	290
Figura 57.	Carta de Manuel António Pombo, 17 de março de 1917	292
Figura 58.	Envelope com notas manuscritas do Abade	293
Figura 59.	A primeira edição das <i>Memórias</i>	298
Figura 60.	Bilhete postal de José Montanha, 3 de janeiro de 1945.....	299
Figura 61.	Carta da Câmara Municipal de Vimioso	300
Figura 62.	Cartas da Empresa Guedes.....	303
Figura 63.	Envelope com notas manuscritas pelo Abade	307
Figura 64.	Carta de Ernesto de Sales.....	309
Figura 65.	Nota biográfica do Abade	321
Figura 66.	Desenho de brasões enviados na carta de António Henrique de Figueiredo Sarmiento	327
Figura 67.	Carta de José Silvério Campos H. Andrade, 28 de março de 1933	328
Figura 68.	Envelope com notas manuscritas pelo Abade.....	333
Figura 69.	Carta de Augusto Moreno, 13 de maio de 1931	334
Figura 70.	Desenho da epígrafe de Picote, enviada por José Cardoso	341
Figura 71.	Carta de José Afonso com notas manuscritas pelo Abade	354
Figura 72.	Carta de José Montanha	356
Figura 73.	Carta de Fortunato de Almeida de 1 de junho de 1907.....	362
Figura 74.	Envelope com notas manuscritas pelo Abade.....	363
Figura 75.	Carta de Manuel Paulo Mêrea, 14 de junho de 1919.....	366
Figura 76.	Carta de António Gomes da Rocha Madail	371
Figura 77.	Varanda da Casa do Abade	381
Figura 78.	Registo da visita de Leite de Vasconcelos nas paredes da varanda da casa do Abade.....	382
Figura 79.	Almoço na cortinha da casa do Abade, nos inícios da década de 30, com amigos de Bragança e Henrique Tavares, Eng. Gomes da Silva e Arq. Baltazar de Castro.....	383
Figura 80.	O Abade na sua cortinha	383

Índice de Tabelas

Tabela 1.	Distribuição da correspondência por anos.....	68
Tabela 2.	Distribuição da correspondência pelos principais locais de envio.....	72
Tabela 3.	Distribuição da correspondência por tipos de suporte	83
Tabela 4.	Distribuição da correspondência por correspondente.....	86
Tabela 5.	Índice de assuntos	93

Índice de Gráficos

Gráfico 1.	Distribuição da correspondência por anos.....	69
------------	---	----

Índice

I VOLUME

Declaração de honra	3
Agradecimentos	4
Resumo.....	6
Abstract	7
Índice de Figuras.....	8
Índice de Tabelas.....	10
Índice de Gráficos.....	11
Índice	12
Lista de abreviaturas e siglas.....	15
Normas de transcrição	16
Introdução.....	17
Capítulo 1 Enquadramento teórico-metodológico	34
1.1. Epistolários enquanto fonte histórica: síntese historiográfica e estado da arte.....	35
1.2. Correspondência: em torno do conceito.....	37
1.3. A correspondência como fonte: uma visão global.....	39
1.4. Arquivos pessoais e epistolografia no Brasil.....	42
1.5. A correspondência como fonte historiográfica em Portugal	46
1.6. Como ler as cartas do Abade?	49
Capítulo 2 O epistolário de Francisco Manuel Alves: caracterização global.....	54
2.1. Tratamento técnico.....	61
2.2. Cronologia.....	68
2.3. O fluxo epistolar.....	70
2.4. Os locais	72
2.5. Materialidade e estrutura discursiva das cartas.....	74
2.6. A rede de correspondentes.....	84
Capítulo 3 Os assuntos	91
3.1. “A vida privada” nas cartas.....	95
3.2. A ausência e o esquecimento: “Meu Caro Ami.º Não acho desculpa plausível para o teu longo silêncio”.....	97
3.3. A amizade por carta: “Abraço sem sal” e as confidências: “o assunto que nós sabemos”	102
3.4. A doença e a saúde: “Deus não quis que as letras pátrias perdessem um valioso elemento, e os amigos a afetuosa e dedicada amizade vossa”	109
3.5. As mulheres no universo epistolar: “Devotada admiradora”.....	112
3.6. Os pedidos: “meter empenho”	120
3.7. Os conflitos “Azedume da teologia contra a sólida argumentação das ciências positivas”	129
3.8. A vida na comunidade.....	135

3.9.	As deceções da vida: “a que se podem juntar enormes desgostos, muitas desilusões”	141
3.10.	A agricultura: “Faremos tudo o que seja possível de irrigação, e também de arborização e estradas”	143
Capítulo 4	Vida religiosa: “Preso-me de ser padre, de honrar a veste sacerdotal, de amar a classe o melhor que posso e como posso”	147
4.1.	O sacerdote Francisco Manuel Alves: “porque nem tudo é alma, nem tudo matéria; nem tudo espírito, nem tudo corpo, nem tudo há-de ser oração, nem tudo buscar pão”	148
4.2.	O tempo sacerdotal: “velhos párocos, cansados, cheios de trabalhos, viam-se forçados a pastorear duas e três freguesias através de ínvios carreiros, quando já nem a sua própria podiam paroquiar”	152
4.3.	As paróquias do Abade: “Obtenho o compromisso formal do despacho (...) mas é preciso que me escreva uma carta (...) que aquelle amigo pode contar com toda a sua dedicação política. Sabes o que é esta infamíssima cadela da politica”	156
4.4.	Os concursos paroquiais: “Eu tenho estudado alguma cousa mas como tu sabes quando elles não querem pouco nada sobra”	169
4.5.	O dia a dia paroquial: “Conto também que me direis aqui missa no diade S. Pedro, pois tenho intenção de ir às corridas a Zamora n`esse dia, onde vão tourear o celebre Machaquito e Chiquito”	176
4.6.	A pobreza do clero secular no espaço rural: “Senhor Abbade: Antes de ler toda esta carta rogo lhe que imagine qual será o desespero d` um padre cheio de fome. Esse padre sou eu”	181
4.7.	Os Prelados: “Sendo o parocho a ultima patente, da milícia sagrada, universal, deve mais que o próprio soldado obediência ao seu chefe!”	185
4.8.	Intrigas: “O que vae de intrigalhada por aí, santo Deus! E de politiquice!”	201
Capítulo 5	A política e a Igreja: “Seguimos sempre o partido regenerador, mas nenhuma má vontade nos moveu contra os progressistas onde contavamos amigos”	205
5.1.	Abílio Beça: “Seja-me, meu abbade, uma vez luctador (...) Desculpe o estímulo mas reconheça que o seu temperamento precisa”	212
5.2.	Igreja e Política: “Que dizer da Pastoral é um primor, ficaram zangados com ella mas que tenham paciencia, nella está traçado o caminho que temos a seguir”	218
5.3.	Pedidos de apoio político: “Atrevo-me a escrever-lhe, supplicando-lhe o seu concurso e influência para a lista que a colligação eleitoral apresenta pelo districto de Bragança”	224
5.4.	A República pelos <i>de longe</i> : “Coitado conta-me cobra e lagartos dessa republica porém nem tudo pude acreditar, duvido que o homem está fanatizado”	228
5.5.	Raul Teixeira: “Do Raul para auxiliar nas eleições do Dr. ArturCardoso”	231
5.6.	Fraudes eleitorais: “O número de elegiveis é de 16, com aquelle a quem o secretário pos”	234
5.7.	Convites declinados: “Do Dr. Alfredo Rodrigues offerecendo-me um logar na Junta Geral. Era o de presidente: não aceitei”.	236
Capítulo 6	As <i>Memórias</i> no epistolário de Francisco Manuel Alves: O período da preparação	239
6.1.	As <i>Memórias</i> : breve caracterização.....	242
6.2.	A génese das <i>Memórias</i>	244

6.3.	A génese do investigador Francisco Manuel Alves	246
6.4.	A metodologia.....	250
6.5.	Os “influenciadores”	253
6.6.	As fontes de investigação	268
6.7.	As fontes documentais	276
6.8.	Os informantes	287
Capítulo 7	As <i>Memórias</i> no epistolário de Francisco Manuel Alves:O período da execução e edição	298
7.1.	Incorreções e imprecisões	308
7.2.	O volume V: Os Judeus	311
7.3.	Volumes VI e VII: Os Fidalgos e Os Notáveis.....	321
7.4.	Volumes IX, X e XI: A Arqueologia	341
7.5.	As <i>Memórias</i> : a opinião dos “pares”	358
7.6.	A casa em Baçal: a varanda e as visitas.....	381
Epílogo		390
Bibliografia		409

Lista de abreviaturas e siglas

MAB Museu do Abade de Baçal

f. Fólio e fólhos

liv. Livro

Pe. Padre

s.d. Sem data

s.l. Sem local

vol. Volume

vols. Volumes

Normas de transcrição

A transcrição dos textos seguiu rigorosamente a grafia fixada nos documentos. Tenham-se em conta ainda as seguintes indicações:

(?) — Indica todas as dúvidas resultantes, quer por falta de nitidez do original, quer por dificuldades de leitura.

[] — Revela que foram introduzidos elementos que não se encontram no documento, mas foram definidos pelo sentido da palavra ou frase, ou que foram extraídos noutras fontes de informação.

“” — Significa que se trata de uma transcrição do texto.

(sic) — Revela que a palavra foi transcrita exatamente como está no documento.

«» — Significa que a palavra ou frase transcritas estão entrelinhadas, ou à margem do documento.

Introdução

Estava para embarcar quando recebi a sua carta que muito me sensibilizou. Voua caminho de Santos sobre um mar brando e sob um céu estrellado. Cercado de um povo cosmopolita, sem conhecer ninguém, tenho a língua em férias e o coração, como sempre, em Portugal, nessa terra que é minha porque é nossa e agora em Baçal onde esta o Sr. Abbade, de quem não sou amigo por ser, desde longe, seu devoto (...) Vou dormir sonhando coisas boas, as boas coisas da minha terra e dos meus amigos. Queira-me bem e abraçe quem o abraça. Alto mar-1-10-926. Pe. José de Castro. (Amaral & Afonso, 2016-2017, p. 381)

O excerto da precedente carta de Monsenhor José de Castro integra o vasto conjunto de correspondência recebida e reunida por Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. O subscritor participa de um vasto leque de correspondentes que tecem uma densa rede epistolar, de grande diversidade temática, amplitude cronológica e dispersão geográfica. Escreve do “Alto-mar” quando rumava em direção ao Brasil¹. Trata-se de um excerto de um conjunto de sensivelmente 4700 cartas, endereçadas por cerca de 1400 correspondentes, que configuram uma janela temporal de seis décadas (1888-1947). A amizade que unia o autor e o destinatário destaca-se enquanto tema do documento.

O estudo desta “torrente de escritas e protagonistas” constitui-se no objeto da tese que apresentamos. As missivas, escritas para circular no seu tempo, foram zelosamente guardadas e constituídas em arquivo por Francisco Manuel Alves. Transportam, assim, a memória do tempo em que são escritas e a memória dos sujeitos que as escrevem; ajudam, também, a compreender o perfil do sujeito que as recebe. Tornam, deste modo, mais ampla a observação do período histórico a que se reportam e mais nítido o pensamento de Francisco Manuel Alves, sacerdote mais conhecido por Abade de Baçal.

¹ Monsenhor José de Castro (Bragança, 15-2-1886 — Coimbra, 26-8-1966). Sacerdote, historiador e diplomata. Monárquico tenaz, foi preso em 1911, tendo sido acusado de ter fornecido informações aos monárquicos na altura da incursão de Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, visando restaurar a Monarquia em Trás-os-Montes. Apesar de libertado pouco depois, decidiu-se pelo exílio em Espanha. Daí passou para o Brasil, local onde se manteve 14 anos. Regressaria a Portugal apenas em 1926, quando estava já implantado o regime da Ditadura Nacional. Fixou-se em Roma, em 1930, após ter sido nomeado consultor eclesiástico da legação portuguesa junto da Santa Sé, local onde se dedicou a investigar os documentos sobre Portugal, existentes nos Arquivos Secretos do Vaticano (Fonte, 1998, pp. 152-153).

Com base nestes pressupostos, o objetivo central desta tese constitui-se na apresentação de uma proposta de organização para o epistolário de Francisco Manuel Alves e na construção de um guia de leitura temática.

A partir do tratamento técnico do conjunto documental e do guia temático produzido, damos a conhecer esse extraordinário conjunto documental. Propomos, assim, chaves de leitura que lancem focos sobre o entendimento desse relevante e inédito conjunto documental, importantes fontes históricas.

Propõe-se, assim, uma singular proposta de leitura e interpretação, conscientes de que, a partir deste “tesouro documental” muitas outras propostas se poderão alicerçar.

Desta forma, revelamos e damos voz, a estas fontes documentais que, entre outras *nuances*, nos permitem:

1. Dar a conhecer novas facetas e aprofundar o entendimento sobre o Abade e a sua obra.
2. Aceder ao ambiente intelectual e cultural do Portugal nos finais do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX.
3. Construir e conhecer as redes de correspondentes, a sua cronologia, a sua dispersão geográfica, os seus interesses pessoais, políticos e culturais, os seus valores, e a informação que circulava nessas redes.
4. Identificar e perceber como uma periferia cultural se relacionava com os centros.

Quando demos início ao estudo documental deste acervo, fizemo-lo cientes das dificuldades que nos traria, quer pela quantidade documental, diversidade de caligrafias e multiplicidade temática, quer pela escassez de trabalhos sobre a temática abordada. Contudo, abraçámo-lo com entusiasmo — ainda que com alguns momentos de desânimo no percurso da investigação.

Ademais, o caminho que tínhamos percorrido academicamente e profissionalmente ancorou-o. Primordialmente porque nos licenciámos em História e adquirimos formação em organização de arquivos com a pós-graduação em Ciências Documentais. Subsequentemente, na vida profissional: aos seis anos de ensino, seguiram-se vinte

anos de trabalho no Arquivo Distrital de Bragança, quer como técnica superior de arquivo, quer como diretora. Seguimos o percurso profissional na Câmara Municipal de Bragança, como diretora do Departamento Sociocultural. Em 2010, iniciámos funções de diretora no Museu do Abade de Baçal.

Nestes contextos profissionais, de uma forma mais ou menos constante, cruzámo-nos com a figura do Abade de Baçal: enquanto aluna da Licenciatura de História na consulta das *Memórias Arqueológico-Históricas* para trabalhos académicos; com os seus escritos e documentos reunidos no Arquivo Distrital de Bragança e com o seu vasto arquivo pessoal presente no museu que ostenta o seu nome.

Sempre estivemos cientes da relevância desta documentação para a História da região, do Museu do Abade de Baçal e do seu produtor, Francisco Manuel Alves. Contudo, o arquivo pessoal do Abade, disperso, na sua grande maioria, pelo Arquivo Distrital de Bragança, pelo Museu do Abade de Baçal e pela Escola Secundária Emídio Garcia, antigo Liceu de Bragança, não estava inventariado e estudado, não sendo, por conseguinte, dado a conhecer.

No Museu do Abade de Baçal, reúne-se o mais vasto conjunto documental, conjunto esse que integra o epistolário agora estudado; coexistindo com um vasto acervo museológico, este sim conhecido, grande parte fruto do incansável trabalho de investigador do Abade de Baçal, que passaremos doravante a designar por Abade.

Como aludimos, em 2010 iniciámos funções de diretora no Museu do Abade de Baçal. No horizonte programático do Museu, tínhamos presente uma importante data para assinalar: o centenário do Museu e os 150 anos de nascimento do Abade de Baçal (a ocorrer em 2015). Considerámos que a melhor forma de homenagear o Abade nestas significativas datas seria tratar e divulgar o seu arquivo pessoal, dando ênfase ao epistolário – trabalho que nos permitiria conhecer melhor o Abade, a sua vasta rede de contactos e os seus interesses materializados no imenso caudal de epístolas, bem como o aprofundamento da história do Museu e das suas coleções.

Ademais, a necessidade e o interesse do tratamento e estudo deste conjunto epistolar foram por diversos autores e em diversas ocasiões referenciados. Francisco Cepeda, na

sua obra *Bragança no século XX através da imprensa regional*, dá-nos a conhecer como Paulo Quintela se constitui uma das vozes que se destacou na defesa do tratamento desta documentação:

No Mensageiro de Bragança de 18 de novembro de 1977, o Prof. Doutor Paulo Quintela escrevia: Que é feito do Abade de Baçal, sobretudo da sua correspondência, riquíssima e importantíssima para a nação e para o estudo da sua personalidade? Deve haver lá cartas provenientes de todo o mundo — de todo o mundo da Arqueologia, e da Ciência de uma maneira geral — desde Hubner, passando pelo José Leite de Vasconcelos, até ao seu último grande amigo que foi o Prof. Abel Salazar. É preciso que se descubra onde está a correspondência do Abade de Baçal — que ela seja resguardada para o País e seja convenientemente publicada. (Cepeda, 2021, p. 1206)

Em síntese, o nosso percurso profissional, as menções constantes à necessidade de tratar tão relevante coleção, a motivação pessoal, acrescida do *fascínio* pela figura do Abade, despertaram em nós o interesse pelo estudo e pela divulgação deste *corpus* documental que se encontrava, na quase totalidade, inédito – acrescido de um certo sentido de “dever” profissional. Todos estes fatores foram determinantes no esboçar do projeto que culminou na elaboração da tese que agora apresentamos.

Como aludimos, colocada a possibilidade de continuarmos a investigação e definirmos um projeto de doutoramento, falámos com o nosso orientador que concordou e nos apoiou. Definimos a metodologia: o tratamento técnico preliminar, a identificação dos correspondentes, acompanhada da análise de conteúdos do conjunto epistolar.

Na verdade, só após um primeiro recenseamento documental, tratamento técnico que no Museu se iniciou em 2012, sob a minha orientação, mas executado com interrupções várias exigidas pelas funções de então diretora do Museu, colocámos a hipótese de continuar o estudo e transformá-lo num projeto de tese de doutoramento. Sublinhamos que o estudo do conjunto epistolar teve as suas raízes e conceção desde que se digitalizou a epistolografia do Abade de Baçal, através de uma candidatura que apresentámos e obteve aprovação e financiamento por parte da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2012.

Este aproximar ao arquivo do Abade de Baçal na sua globalidade, e em particular à correspondência recebida, transformou-se num desafio. Perante um largo

“amontoado” de cartas que tinha perdido a sua estrutura original, o objetivo primeiro era proceder a um inventário preliminar, concretizando o primeiro contacto com a totalidade do conjunto documental. Conseguíamos dessa maneira as primeiras respostas às perguntas: com quem se correspondeu o Abade? De que locais eram enviadas as cartas, em que cronologias? Como estes contactos desenhavam e davam forma à rede epistolar?

Excetuando casos pontuais, tudo era desconhecido e como tal novo, despertando em nós redobrado interesse. Cada documento lido era o início de uma descoberta de um novo autor, de um novo tema que se ia completando com as subseqüentes leituras. À medida que adentrávamos na análise destes documentos, íamo-nos apercebendo da multiplicidade de correspondentes e temas e dos “múltiplos tons” desta escrita privada.

Esta primeira abordagem não foi tarefa simples. Na fase inicial, a imensidão de documentos separava-nos do final da sua leitura, que nos remetia para um tempo de leitura interminável. Acentuavam estas dificuldades a pluralidade de correspondentes e a diversidade de grafias — tão diferentes que nos exigiam uma persistência na leitura. De referir também que muitas grafias acompanhavam décadas de trocas epistolares, variando as letras no mesmo correspondente, como se nos identificassem, quer o seu estado psicológico e de saúde, quer a pressa na escrita, o cansaço, o nervosismo, etc., apresentando grafias menos perceptíveis, tornando ainda mais difícil a leitura.

A quase totalidade das mensagens é escrita pelo seu autor. As poucas exceções ocorrem quando o correspondente se encontrava impossibilitado de escrever por doença e pedia a outrem da sua confiança para o fazer.

Dada a variabilidade da caligrafia, em diversas circunstâncias, no mesmo correspondente, tivemos de cruzá-la pacientemente com a análise da assinatura; tarefa que se tornou fundamental para esclarecer dúvidas, e possibilitar a identificação e autonomização dos correspondentes. Como já afirmámos, os documentos perderam a sua estrutura original e não se encontravam ordenadas por correspondentes. Essa análise impôs-nos a recolha das assinaturas associando-as aos autores, conforme

apresentámos no *Anexo 3 — Índice alfabético dos correspondentes do Pe. Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal)*.

Acrescia à dificuldade de identificação dos escreventes as missivas que não eram subscritas, originando dúvidas quanto ao autor. Outras cartas não estavam datadas e não mencionavam o local.

No que lhe diz respeito, se alguns documentos apresentavam os assuntos perfeitamente identificados, outros reportavam-se a assuntos muito diversos e, por vezes, expressos de uma forma lacunar, dificultando a sua análise e representação documental.

Procedemos a uma leitura integral dos documentos e produzimos um sumário onde sintetizamos os assuntos principais. Estabelecemos depois alguns termos que nos permitiram definir categorias. Enfatizamos o facto, apesar de já termos assinalado, que estes documentos são um terreno de múltiplos assuntos de difícil categorização temática, sendo que a sua representação não substitui a sua leitura integral. A multiplicidade de temas abordados na produção intelectual do Abade e as múltiplas funções, refletem-se no conjunto epistolar. Deste modo, estabelecendo analogia do epistolário com o que escreveu Sande Lemos relativamente às *Memórias*:

No entanto, pelo menos para mim, a obra do Abade, tal qual ele a publicou, será um território único, em que caminho com cautela, em alerta, pois ao dobrar de uma vereda, num ponto inesperado, descubro uma informação, que me tinha escapado nas dezenas de anteriores leituras (...) Existem porém outras pontes no tempo, movimentos pendulares de memória. Os textos de excelência possuem o sortilégio de nos colocar no mesmo tempo que os autores viveram (...) Pela sua dimensão, pelo seu íntimo relacionamento com o território a obra do Abade de Baçal reúne vários tempos e prolonga-se para além do tempo em que foi escrita. (Lemos, 1999, pp. 60 e 62)

Este extenso conjunto epistolar foi fruto, em grande medida, da criação de redes culturais de informadores, mecenas e outros agentes culturais que, não obstante, a aparente periferia de Bragança, conferiam à atuação do Abade centralidade. Para percebermos este facto bastará individualizar no conjunto dos correspondentes, a título de exemplo, entre tantos outros, José Leite de Vasconcelos, Jorge Dias, Abel Salazar, Egas Moniz, Orlando Ribeiro, Mendes Correia, Joaquim de Carvalho, etc.

Para além do testemunho contextualizado de uma realidade, existe neste conjunto epistolar todo um potencial de interpretação de um período profícuo em resultados na história da produção do conhecimento científico em Portugal (Torgal et al., 1996). As atuais áreas da História, Antropologia, Etnologia, Arqueologia e Geografia encontravam-se neste período em fase de afirmação enquanto ciências. Alicerçámos o exposto nas diferentes obras de síntese que abarcam a cultura nas suas mais diversas facetas e a História do Portugal Contemporâneo. Reportamo-nos, entre outras obras, Mattoso, (1992-1994, 2011) e Torgal et al. (1996).

Vive-se entre a última década de Oitocentos e a implantação do Estado Novo uma verdadeira segunda fundação do País, revestido agora de uma nova identidade republicana, circunstância à qual o Abade de Baçal foi particularmente sensível (Ramos, et al., 2015).

O conjunto dos documentos que se estudou, em certa medida, refletem as profundas alterações ocorridas no período considerado. Todo o vasto trabalho que o Abade, defensor convicto do património e da cultura da região, conduziu a nível arqueológico e etnográfico, reflete-se de forma decisiva no conjunto epistolar. É espelho também da sua faceta de sacerdote, um espaço epistolar, onde nos deixam registos de uma autenticidade, que provavelmente só num registo mais íntimo, como é a correspondência privada, se materializa.

Por outro prisma, os documentos estudados permitiram-nos também responder à pergunta: que figura seria esta, que de uma recôndita aldeia situada numa região isolada, entre os finais de Oitocentos e meados de Novecentos, motivou tão intenso cartear?

Figura 1. Bilhete de Identidade de Francisco Manuel Alves

Fonte: Museu do Abade de Baçal

Francisco Manuel Alves foi uma figura charneira da cultura transmontana na primeira metade do século XX².

Sacerdote secular, arqueólogo e historiador, nasceu em Baçal, Bragança, em 9 de abril de 1865 e faleceu em Baçal, em 13 de novembro de 1947. Era filho de Francisco Alves Barnabé e Francisca Vicente e teve cinco irmãos, apesar de que apenas lhe sobreviveu a sua irmã Luzia. Todos os outros faleceram com menos de 25 anos. Da sua infância e meninice pouco se sabe. Teria estudado na Escola do Tio Rito, escola que não

² Damos nota da bibliografia que consideramos mais relevante sobre o Abade de Baçal: Alves, F. M. (2000). *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* (XII vols.). Museu do Abade de Baçal, Câmara Municipal de Bragança; Alves, V. (1999). A Cultura finissecular na periferia: O exemplo do Abade de Baçal. *Actas do Colóquio O Abade de Baçal* (pp. 25-47); Amaral, L. C. & Afonso, A. M. (2016-2017). Correspondência Recebida pelo Padre Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. *Brigantia*, XXXIV-XXXV, 259-449. Branco, A. (1997). *Abade de Baçal: Vida e Obra*. João Azevedo Editor; Fernandes, H. P. (2012). *Bibliografia do Distrito de Bragança* (vol. I). Câmara Municipal de Bragança; Garcia, J. C., & Daveau, S. (2017). *Baçal Segundo o Seu Abade*. Frauga; Jacob, J. M. (Coord.). (1999). *Actas do Colóquio O Abade de Baçal*. Museu do Abade de Baçal; Lage, M. O. (2016-2017). Abade de Baçal, o amigo: Correspondência com Abel Salazar. *Brigantia*, XXXIV-XXXV, 259-449; Verdelho, T. (1999). As Memórias... do distrito de Bragança. Um Roteiro do amor à terra. In J. N. Jacob (Coord.), *Actas do Colóquio O Abade de Baçal* (pp. 109-122). Museu do Abade de Baçal; Afonso, A. M. (Coord.). (2016-2017). Número dedicado ao 150º aniversário do nascimento do Abade de Baçal. *Brigantia*, XXXIV-XXXV.

conseguimos identificar. Fez o ensino preparatório no Liceu de Bragança e Teologia no Seminário de Bragança. Ordenado presbítero, em 13 de junho de 1889, começou a exercer o sacerdócio em Mairos, onde foi provido como reitor, em 1893. Em 1895, foi nomeado pároco da sua terra natal, sendo, por esse facto, conhecido por Abade de Baçal. Viveu uma vida dedicada aos paroquianos, à investigação arqueológica e histórica e aos trabalhos agrícolas. Absorvido na investigação histórica, não descurou a sua condição de sacerdote e os interesses da Igreja, vocações por ele consideradas duas faces da mesma moeda. Foi nomeado em 1925 diretor-conservador do Museu Regional de Bragança, Museu que corporiza o seu projeto intelectual.

Em 1935, foi alvo de grande homenagem. Nesse âmbito, foi atribuído o seu nome ao Museu de Bragança, condecorado com o Grande Oficialato da Ordem de Santiago e inaugurado o seu busto, monumento do escultor Sousa Caldas. Foi membro de vários institutos académicos nacionais e estrangeiros. Integrou, nomeadamente, a Academia das Ciências, do Instituto Etnológico, e foi vogal da Comissão de História Militar e da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Legou-nos vastíssima obra, constituída por inúmeras páginas impressas, tendo em conta, fundamentalmente os 11 vols. das *Memórias*, a *Monografia de Vimioso*, o III vol. dos *Anais da Academia Portuguesa de História* e os muitos artigos que publicou em revistas como a *Revista de História*, o *Arqueólogo Português*, *O Instituto de Coimbra*, a *Portugália*, o *Portugal Agrícola* e a sua participação na imprensa. Contudo, a sua obra fulcral é constituída pelos 11 vols. das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, cuja edição começa em 1909 e termina em 1947, sendo o último vol. uma edição póstuma (Fernandes, 2012, vol. I, pp. 341-450).

O projeto de “produção científica” apresenta-no-lo no prefácio do vol. XI das *Memórias*:

1º Publicar integralmente todos os documentos existentes nos arquivos particulares e públicos, que por qualquer forma pudessem interessar ao Distrito de Bragança sobre assuntos de arqueologia, história, etnografia, geografia, heráldica, genealogia, linguística, etimologia, biografias de homens notáveis na virtude, letras, armas, beneficência, bibliografia, geologia, hidrologia, mineralogia, botânica, arte (arquitetura, escultura, pintura, etc.), agricultura, indústria, estatística, demografia, criminologia, vistas panorâmicas, etc.

2º Publicar integralmente os códices manuscritos respeitantes ao distrito, e quando fossem demasiadamente volumosos, extrair as partes principais integralmente, fazendo o máximo possível para ser abundantíssimo em dados cronológicos, visto a cronologia ser o nervo da História e, só por si resolver inúmeros problemas que, sem ela, ficariam insolúveis, deixando-nos no caos, como sucede com os nobiliários antigos.

3º Enfim, publicar tudo quanto interessa à região bragançana sob qualquer ponto de vista que seja. Dar um apanhado completo de tudo quanto há publicado em livros impressos, respeitante ao distrito de Bragança, transcrevendo literalmente os textos mais interessantes, máxime os de livros raros e caros, indicando nomes de autores, título exatos das obras, edições e páginas. (Alves, 2000, pp. V-VI)

É fundamentalmente a sua faceta de documentalista que nos é evidenciada neste enunciado.

Para melhor o compreendermos, é relevante observarmos alguns excertos do texto do seu autorretrato, escrito quando tinha 82 anos de idade. Apresenta com grande pormenor as suas características físicas, e a evolução ao longo dos anos. Fala-nos das enfermidades, da sua faceta de andarilho e dos km que percorreu a pé; o quanto estudava e lia, o gosto pela agricultura e o gosto e a sensibilidade pelas flores.

Autorretrato

Tenho 1,74 m de altura; tez morena; olhos castanhos; barba espessa e preta; cabelo preto e crespo; mãos delgadas; dedos compridos; unhas pequenas e bravas. Sou muito peludo por todo o corpo, de musculatura forte; pouco carregado em carnes, tendendo mais para o magro do que para o gordo (...) Começou a notar-se-me a careca aos 30 anos; agora, 1917, estou muito calvo e muito mais ruço da barba do que da cabeça. A barba começou a pôr-se-me grisalha antes do que a cabeça. Desde os 52 anos por diante o cabelo da cabeça parou de me cair. Em verdade que estas cousas todas conjugadas com os 52 anos feitos, que já tenho, com os 79 quilos de peso, mais 14 em dezasseis anos, do que quando tinha 35, me parecem campainhadas no chocalho da eternidade ferindo os primeiros avisos para sinal de partida e, no entanto, sinto-me bem; apenas tive uma pneumonia aos 17 (...) Também de longe em longe tenho sofrido dores reumáticas de pouca duração. A 9.4.1945 tive ataque de gripe e pneumonia em Sacoias onde ia dizer missa por ser domingo. Estive de cama em casa do Abílio Pires até ao dia 17 em que vim para Baçal a pé, já bom de saúde. (...) Ando sempre a pé, tanto para o serviço da freguesia, como para as funções eclesiásticas, embora distantes — uma e duas léguas —, e para o Museu Regional de Bragança, onde vou todas as semanas desde 1925, em que fui nomeado director, até 9.4.1935, em que deixei o cargo por ter atingido o limite de idade — setenta anos.

Tenho vida activa pois, além do muito que estudo e leio, trato, por distração, das hortas, sachando-as, mondando, regando, estacando as vinhas, podando, e de outros pequenos serviços — plantação e limpa, enxertia, viveiros de árvores, etc., etc., não esquecendo as flores, de que muito gosto.

Segundo cálculos muito aproximados que vão exarados no fólho 107, desde 9 de Abril de 1865, em que nasci, até 9 de Abril de 1947, ou seja ao completar 82 anos de idade, tenho andado a pé 32 211 léguas de cinco quilómetros cada uma, ou sejam, 161 055 quilómetros. (Fernandes, 1986, pp. 122-125)

Ao Abade, que sucintamente apresentamos, é dirigido o conjunto epistolográfico estudado, constituindo-se este num espaço único para a caracterização do universo cultural do Abade no seu tempo, a “construção” da *cartografia* cultural e perceber como esta teia de correspondentes utiliza a correspondência, como pensam e se relacionam por intermédio das cartas no mundo dos finais do séc. XIX e início do séc. XX, como temos vindo a afirmar.

Estes documentos são igualmente um lugar de subjetividade e sociabilidade; um espaço de partilha de ideias, projetos, expectativas e de acesso ao mundo das relações sociais, edificando, assim, um lugar de sociabilidade.

Por outro lado, o conjunto de correspondentes permite-nos verificar todos os que, de uma maneira ou de outra, de forma evidente ou de modo mais discreto, acompanharam o Abade na sua caminhada, e, epistolarmente, o tiveram como amigo, confidente, conselheiro, pároco, intelectual, etc.

Face ao exposto, partindo do princípio que o investigador não se move ao acaso no passado, mas sim com um plano na mente, um problema para resolver e uma hipótese de trabalho para verificar, apresentamos os objetivos do presente trabalho:

Objetivo geral:

Proceder à *cartografia* cultural a partir do estudo do epistolário de Francisco Manuel Alves, e inscrição do universo cultural do Abade no contexto nacional coevo.

Objetivos específicos:

1. Inventariação/catalogação, estudo e leitura da correspondência recebida pelo Abade de Baçal.

2. Colocar em evidência as relações epistolares do Abade, contribuindo para a percepção dos contactos pessoais e científicos mantidos com o Abade ao longo de cerca de seis décadas.
3. Dar relevância à integração do ambiente cultural transmitido através da epistolografia no contexto cultural do Portugal da primeira metade do séc. XX.
4. Tornar mais nítido o perfil do Abade enquanto sacerdote e intelectual a partir da análise epistolar.
5. Compreender o processo de elaboração das *Memórias* através dos contactos epistolares, e o contributo que a epistolografia exerceu na produção intelectual do Abade em geral e das *Memórias* em particular.

Referidos os objetivos, enunciamos, agora, a problemática:

As histórias de vida dão forma e delimitam os arquivos pessoais. O caso do conjunto epistolar pertencente ao arquivo pessoal do Abade de Baçal não difere deste princípio. As diversas funções exercidas ao longo da sua vida originaram a produção de um relevante e expressivo arquivo. Contudo, apesar do valor documental, do relevo do produtor, dos múltiplos correspondentes e da dimensão do espólio epistolar, os trabalhos de edição e análise desta documentação manuscrita são praticamente inexistentes, e os que existem encontram-se na sua fase inicial.

Não obstante, a importância da correspondência enquanto fonte da investigação histórica estar a ser percecionada por vários investigadores, e desde o final do século XX ter-se verificado um crescendo nos estudos e edições sobre a documentação epistolar.

Em síntese, assinalamos a problemática: a correspondência permanece inédita e por tratar, razão pela qual pretendemos proceder ao seu tratamento técnico e colocá-la à disposição do meio científico e da comunidade em geral e potencializar trabalhos futuros, nomeadamente de transcrição e edição da correspondência.

Relativamente à metodologia e *corpus* documental, o desenvolvimento da pesquisa caracterizar-se-á pelo estudo de caso que tem por premissa que um caso estudado em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros (Gil, 2002).

Em relação ao *corpus* documental, conservado pelo Abade, o epistolário transforma-se, assim, num conjunto epistolar com uma identidade própria.

Parte-se da hipótese que este epistolário ordenado e classificado, convertido em conjunto, dotado de um significado num todo, estabelece uma ligação através do tempo, que tece uma memória e uma identidade. Esta identidade, recreada a partir destes registos, institui um tempo e um lugar a partir do qual é possível edificar memória e identidade, ou seja, História.

Como conjuntos orgânicos que são, estes documentos são produzidos para cumprir funções na vida dos indivíduos, refletem, desse modo, as atividades, os gostos, etc. Assim, o contexto de produção e acumulação relaciona-se com o perfil intelectual, profissional, social e emocional dos produtores e recetores.

Contudo, se alguns eventos referidos podem ser enquadrados em datas precisas, outros eventos são atividades rotineiras de longa duração, com início e término imprecisos. Fernand Braudel (1992) alerta para a carga de significações e relações que um acontecimento pode conter. Breves acontecimentos anexam-se a um tempo superior à sua própria duração e são testemunhas de movimentos profundos. Certas estruturas (enquadradas na longa duração) comportam elementos estáveis de uma infinidade de gerações.

Assim, de que factos e tempos nos falam estes registos? Será essa a pergunta central à qual tentaremos responder, como já referenciámos, dando relevância à integração do ambiente cultural transmitido no conjunto epistolar.

Para perceber o contexto de produção dos documentos, é necessário procurarmos funções, atividades e interesses, quer do titular (Abade de Baçal), quer dos emissores. Através do estudo biográfico, procurámos conhecer quem são os produtores dos documentos, observar os lugares e os espaços que ocuparam, papéis, funções e as relações sociais.

Assim, tentamos recuperar a trajetória de vida de Francisco Manuel Alves e dos seus correspondentes e percorremos caminhos que nos permitiram conhecê-lo com mais

profundidade e conhecer quantos (muitos) se cruzaram com ele nas suas diversas ações e relações sociais.

O tratamento dado ao conjunto documental foi realizado nas seguintes fases:

1. Elaboração do inventário. Para o efeito, recolheu-se a cota atribuída pelo Museu, a data de produção, o emissor, o suporte, o número de fólios e o estado de conservação. A partir destes dados produziu-se um quadro síntese, tornando-se, deste modo, mais clara a rede de correspondentes, o número de correspondentes, as datas, os locais e o número de cartas, permitindo uma caracterização global do epistolário.
2. Produção do catálogo, sumário e recolha de assuntos. Identificámos os temas considerados relevantes. Definimos as categorias gerais, que, por vezes, subdividimos em categorias mais específicas.
3. Num terceiro momento, procedemos à revisão das categorias. Cada carta foi tratada como um caso que pode ter diversas unidades de análise. Utilizamos a análise qualitativa de conteúdo, técnica adequada ao propósito de investigação. Depois deste levantamento temático passamos à verificação da existência de padrões e definição das categorias para a classificação dos assuntos e elaboração das listas temáticas (Santos, 2018).

No que concerne ao estado da arte, tendo por base a pesquisa bibliográfica efetuada, procedemos à leitura de alguns estudos sobre epistolografia em diversos países, terminando com o estado da arte em Portugal. Referir-nos-emos sucintamente, à “revolução” dos campos metodológicos, epistemológicos, heurístico, verificada na historiografia ao longo da década de 60 do século passado.

Relativamente às dificuldades encontradas, damos ênfase à extensão da massa documental; à correspondência desagregada e à perda da sua estrutura original, apresentando-se, por vezes, sem envelopes e sem os documentos referenciados (artigos, fotografias, recortes), não permitindo a sua datação e a perceção do exato conteúdo de alguns registos. A diversidade de correspondentes fez com que a leitura dos documentos nem sempre fosse clara e fácil. A incompletude de algumas cartas, sem

assinaturas ou com assinaturas ilegíveis, dificultou a identificação do autor. Por fim, mas não menos relevante, conseguir equilíbrio entre a análise e a representação dos dados, tornou-se numa tarefa complexa.

A análise de situações tão diversas em que uma única carta podia apresentar diversos assuntos e acumular temas e informações sem ordenação, revelou a extraordinária complexidade da análise documental e representação de conteúdo. A consciência que a síntese anula a riqueza individual dos matizes do sentimento, as particularidades de carácter, das expressões originais — que, por vezes, se torna o mais “expressivo” do conjunto epistolar, foram dificuldades com que tivemos de lidar e que tentamos colmatar ao longo do processo.

Realçamos também que a elaboração da base de dados e a utilização de análise de conteúdo, como técnica de análise qualitativa, nos determinaram algumas precauções, tentando colmatar a consciência de inexistência de leituras e interpretações neutras.

No que respeita à estrutura da tese, este trabalho está desenvolvido em sete capítulos, precedidos pela “Introdução” e encerrados por um “Epílogo”. O primeiro capítulo “Enquadramento teórico-metodológico” diz respeito à metodologia usada e às linhas em que se insere a problemática central da investigação. Aí fazemos referência à transformação da História como disciplina que originou novos sujeitos e novos objetos de estudo e concluímos com a reflexão sobre a natureza da correspondência enquanto fonte, destacando a carta enquanto prática social.

No segundo capítulo “O epistolário de Francisco Manuel Alves: caracterização global” procedemos à apresentação do epistolário através da sua caracterização, nomeadamente o estado de conservação, o tratamento técnico arquivístico, a construção da base de dados, a cronologia, o fluxo epistolar, os locais de emissão, a materialidade, a estrutura discursiva, o objetivo e a rede de correspondentes. Aprofundamos quem são os autores da correspondência, apresentando as redes de correspondentes que pudemos definir.

A seguir realizamos uma breve reflexão sobre a materialidade da correspondência, constituindo-se num primeiro olhar sobre a caracterização do conjunto das missivas.

No terceiro capítulo “Os assuntos”, tratamos os temas de índole privada que compulsámos na correspondência. Propomos uma reflexão a partir de diversos focos temáticos, partindo da realidade que se desdobra em assuntos correlacionados. Trata-se da escrita do dia a dia, onde tratamos os temas que se ligam especificamente à vivência do quotidiano. Este capítulo termina com o olhar dos correspondentes sobre o Abade.

No quarto capítulo “Vida religiosa”, observamos o quotidiano paroquial e o sacerdote Abade de Baçal. Procedemos a uma análise da vida paroquial na época, a pobreza do clero secular, os concursos paroquiais, os missionários, e, por vezes, as complexas relações com o episcopado. Dá-se nota da amizade, mas também das intrigas. Observamos, igualmente, o esboço do perfil do Abade traçado pelos seus colegas sacerdotes.

No quinto capítulo “A política e a Igreja”, referenciamos uma região em ambiente conflitual, de guerras partidárias e de algum ambiente anticlerical, que nos deixaram registos impressionantes na epistolografia de um quotidiano difícil. Epistolarmente, de uma forma indireta, continuamos o delinear do perfil do Abade, adquirindo, desta forma, mais nítidos contornos a figura do clérigo.

No capítulo sexto “As *Memórias* no epistolário de Francisco Manuel Alves: o período da preparação”, analisamos o tema mais presente no epistolário. Percecionamos a origem do historiador, e presenciamos a génese das *Memórias*, antecédida de uma breve caracterização desta obra fulcral. Percebemos que este tema é o mais presente na rede de correspondentes. Testemunhamos os que mais o influenciaram, as fontes que usou, os locais que percorreu para a investigação, o modelo de pesquisa e, fundamentalmente, a criação da imensa rede de informantes.

No capítulo sétimo “As *Memórias* no epistolário de Francisco Manuel Alves: o período da execução e edição”, olhamos para o processo da execução e edição das *Memórias*. Sempre que a análise temática das cartas nos permitiu, associamos a correspondência com os respetivos vols. das *Memórias*. Nesta temática, à semelhança do procedido nos capítulos antecedentes, contemplamos a opinião dos “pares” sobre o Abade, fechando

com as narrativas individuais das visitas à sua casa de Baçal de alguns informantes, prosseguindo com o processo de definição do perfil do Abade.

Em epílogo, apresentamos um resumo das ideias gerais. Reflexão produzida a partir das conclusões que foram sendo apresentadas no decurso do trabalho e na análise de cartas e minutas que consideramos muito significantes para alicerçar a síntese apresentada. A terminar, incluímos a bibliografia e os anexos.

Capítulo 1 Enquadramento teórico-metodológico

Inserimos neste capítulo a problemática central da investigação. Nesse âmbito, apresentaremos a exposição dividida em três temas, relacionando-os entre si. No primeiro enquadraremos o tema, sinteticamente, nas novas perspectivas da historiografia atual — as transformações que ocorreram na História nos últimos 50 anos e que colocaram em questão a natureza e os objetivos da pesquisa histórica. Essas transformações preconizaram o despertar de novos problemas e temas e, assim como na ampliação das fontes³. Procederemos depois à análise de estudos sobre epistolografia, referindo-nos, similarmente, aos arquivos privados, de onde provém o conjunto epistolográfico estudado. Abordaremos alguns dos estudos dos arquivos pessoais no Brasil, país onde se tem verificado um profícuo trabalho e apresentaremos uma síntese sobre a epistolografia em Portugal.

Terminaremos com uma síntese sobre as questões metodológicas no estudo da epistolografia e arquivos pessoais, baseada em alguns estudos — reflexões críticas que nortearam a construção do modelo teórico e metodológico do nosso estudo⁴.

³ Não é nosso objetivo aprofundar as transformações que têm ocorrido na História enquanto disciplina, e, no nosso entender, não cabe no âmbito deste trabalho. Contudo, considerámo-lo importante, para uma correta contextualização do tema, proceder a uma abordagem, ainda que sintética. A História Cultural emergiu nos anos 80, num ambiente de indefinição, com o terminar das utopias socialistas e com a vitalidade dos estudos surgidos relacionados com os movimentos identitários sobre temas como a etnia e o género. Apresentamos como exemplo: Bonifácio, M. F. (1999). A narrativa na «época pós-histórica». *Análise Social*, XXXIV(150), 11-28; Hobsbawm, E. (1997). *On History*. Abacus; Bebianno, R. (2002). *Sobre a história como poética*. As Oficinas da História. Colibri, pp. 47-70.

⁴ Temos assistido ao incremento do uso de arquivos pessoais e a uma atitude auto reflexiva no tocante aos aspetos teóricos metodológicos da pesquisa histórica. Essa atitude tem potenciado o estudo dos arquivos pessoais de historiadores e de intelectuais. Esse incremento levantou questões quanto à sua preservação e multiplicou as doações a instituições públicas. Destacamos aqui os “Espólios da Biblioteca Nacional”. Estes arquivos correspondem aos documentos produzidos e colecionados por um autor. Mantêm, em princípio, a unidade estabelecida pela personalidade que lhe dá o nome. Embora a configuração de cada acervo varie conforme a atividade cultural, cívica e literária do autor, são, normalmente, constituídos pelas versões dos manuscritos, pelos documentos colecionados pelo detentor e pelos que lhe foram enviados. Assim, os documentos mais presentes são os recortes de imprensa, as fotografias, os documentos biográficos e os manuscritos de terceiros, onde se destaca a correspondência. Biblioteca Nacional (Biblioteca Nacional, Espólios, 2020, julho 10).

1.1. Epistolários enquanto fonte histórica: síntese historiográfica e estado da arte

Como já destacado anteriormente, observamos que a investigação histórica nos últimos 50 anos sofreu transformações importantes, e uma delas é o aparecimento de novos sujeitos como objeto de estudo, bem como o surgimento de novas fontes. De acordo com Hobsbawn (1997, p. 268), esses novos sujeitos incluem as "classes subalternas", e para Enzo Traverso (2005, p. 24), são chamados de "people on their own", ou seja, pessoas às quais a história não costumava dar importância. O seu estudo é considerado fundamental, uma vez que traz *à luz* grupos que antes eram silenciados, permitindo-nos questionar as narrativas dominantes, que geralmente se referem às elites intelectuais, políticas, militares e religiosas (Pontes, 2018, p. 15).

A "visibilidade histórica" desses grupos resultou numa nova abordagem da memória na escrita da História, como observado por Traverso (2005, p. 54). Isso implicou uma disputa no "campo epistemológico" que reconhece as diversidades e especificidades, representando uma mudança na História e nas narrativas a ela associadas. Essa teoria relaciona-se com a tradição das ciências sociais e humanas, propondo uma leitura crítica das narrativas centradas no paradigma ocidental, além de outros princípios de compreensão da História e do presente, desconstruindo hierarquias de conhecimento estabelecidas e silêncios nas narrativas dominantes (Pontes, 2018, p. 15).

Nestes contextos, inicialmente encarados com alguma indiferença, os arquivos pessoais ganham relevância e atenção da ciência histórica nas primeiras décadas do séc. XX (Heymann, 2009, pp. 42-43). Assistimos já no séc. XIX ao interesse que muitos investigadores do continente europeu e, em menor escala, do continente norte-americano dão ao seu estudo (Rubalcaba, 2005, pp. 331-334).

Partindo do crescente interesse pelos documentos de arquivos pessoais em geral, e pela epistolografia em particular, apresentamos um resumo de como esses documentos têm sido utilizados em termos teóricos e epistemológicos.

Analisamos sinteticamente alguns estudos que utilizaram epistolários como fontes históricas. Para essa análise, utilizamos principalmente a tese de doutoramento de

Maria del Carmen Rubalcaba Pérez, que apresenta um excelente balanço sobre o uso das cartas como fontes históricas (Rubalcaba, 2005)⁵.

⁵ Neste trabalho, foram investigadas as práticas e usos da cultura escrita, bem como a sua função e difusão social. O objetivo foi analisar os graus de alfabetização daqueles que produziam esse tipo de texto, bem como observar os fenómenos sociais que eles representavam.

1.2. Correspondência: em torno do conceito

Rubalcaba (2005) apresenta-nos o conceito de correspondência como sendo a troca entre pessoas, com uma certa regularidade, para que se vá construindo, entre elas, redes de comunicação que obedecem a um contexto social determinado, tendo em conta as normas de conduta do espaço e tempo em que se inserem (p. 92). Reflete, dessarte, a forma como os indivíduos se relacionam com o grupo a partir do marco em que se situam, através de fórmulas codificadas. Possibilita, assim sendo, a apreensão das relações sociais passadas, hábitos, costumes, assuntos particulares, negócios, visão política e interesses que de uma forma implícita se plasmam nas epístolas. Para além de ser uma forma de comunicação, a correspondência, de uma forma simbólica, ajuda a compreender a trama social constituída numa determinada época.

De acordo com Dauphin, Lebrun-Pezzerat e Pouban (1995), correspondência é um objeto inscrito no tempo e espaço, desde o seu nascimento até à sua descoberta, passando por todas as suas metamorfoses, incluindo o momento em que o conjunto epistolar é reunido num todo indissociável. Esse todo converte-se em arquivo, onde os registos são integrados, classificados e catalogados, para serem descobertos por um leitor que se interesse por esse mundo fascinante, se bem que efémero, escondido por detrás das missivas. No prefácio desta obra, Roger Chartier refere-nos que estas fontes podem revelar maneiras de viver, características ocultas de uma sociedade em particular, sem, contudo, ignorar as limitações e perigos que qualquer documento pode trazer enquanto objeto de estudo.

Relembrando os ensinamentos de Marc Bloch (1998), é importante considerar as emoções, sentimentos, interesses e o contexto em que o remetente se encontra, bem como os interlocutores, aqueles que decidiram guardar as cartas para a posteridade e aqueles que as descobrem e decidem manipulá-las para "invadir" e descobrir o passado de outros seres humanos.

Convém assinalar que todos os signos inscritos numa carta estão imbuídos de sentido: o endereçamento, o corpo do texto, a despedida, a assinatura, a pontuação, os anexos, e todos os elementos materiais e forma do texto, evidenciando o grau de

domínio sobre as convenções epistolares e revelando a posição numa determinada estrutura social.

O domínio dos protocolos destes documentos, recomendados pelos manuais epistolares da Europa no séc. XIX, converte-se num elemento classificador dos indivíduos na sociedade, conferindo prestígio e reconhecimento social a quem os conhece e usa, face aos iletrados que desconhecem estas fórmulas. Neste contexto, a escrita transforma-se num instrumento de poder e para o poder. É usada conscientemente por certas personagens para estabelecer e manter contacto com as suas redes familiares, amizade, negócios, clientelas políticas, institucionais, etc. (Rubalcaba, 2005, p. 16).

Face ao exposto, considerando a multiplicidade de usos possíveis na investigação, de comportamentos e atitudes, pensamentos e ideologias materializados nas epístolas, torna-se primordial para o investigador definir o método e a abordagem adequados.

1.3. A correspondência como fonte: uma visão global

Rubalcaba (2005), no capítulo IV da sua obra, disserta-nos sobre o uso destas fontes de caráter privado e apresenta a epistolografia como fonte para o estudo de assuntos como a família, as guerras, a relação entre público e privado, escrita e poder, entre outros.

Nesse capítulo, oferece-nos um balanço historiográfico sobre o uso da correspondência enquanto recurso na metodologia de investigação científica e social, utilizando uma divisão cronológica em três períodos: trabalhos produzidos entre 1900 e 1960, a renovação metodológica que ocorre entre 1960 e 1970 e os trabalhos de 1980 a 2000.

Na Itália, Filipo Lussana desenvolveu um estudo baseado na epistolografia popular intitulado “Lettere di illetterati. Note di psicologia sociale”. Analisou missivas de emigrantes italianos na região dos Abruzos com a finalidade de estudar a mentalidade operária e campesina, trabalho realizado em 1913 (Citado por Rubalcaba, 2005, p. 332).

De acordo com a autora, na área temática em questão, o trabalho a destacar que utilizou epistolários para a história das emigrações foi o de William Isaac Thomas, americano, e Florian Znaniecki, sociólogo polaco. Este trabalho foi realizado entre 1918 e 1920, e publicado numa obra de cinco volumes. O seu objetivo era compreender a experiência da mudança social a partir da perspectiva do indivíduo e a sua finalidade última era produzir uma renovação metodológica no campo das Ciências Sociais.

Alguns escritores debruçaram-se sobre as cartas produzidas pelos soldados italianos que participaram, sobretudo, na Primeira Guerra Mundial. Nesta temática, o primeiro trabalho foi de Leo Spitzer intitulado “Lettere di prigionieri di guerra italiani 1915-1918”, no qual estudou epistolários de soldados escritos em italiano. A intenção era utilizar textos populares não literários (Rubalcaba, 2005, p. 333).

Na América, em 1955, Theodore Blegen, George Stephenson e Marcos Lehanson, escreveram “Land of their Choice. The Immigrants Write Home”. O interesse era que as cartas da emigração fossem usadas para criar uma história da América mais democrática, substituindo a narrativa política. Rubalcaba afirma que este trabalho ajudou a criar a nova História Social (Rubalcaba, 2005, p. 333).

Nos anos de 1960 a 1970, assistiu-se a uma profunda renovação dos métodos, temáticas e fontes na pesquisa histórica, o que originou um interesse acrescido pelos documentos pessoais (correspondência, diários, postais, entrevistas, autobiografias, etc.). Essa renovação fez despertar o interesse pela história dos grupos de caráter popular, de origem comum, propósito facilitado agora pelo crescente grau de alfabetização. Realizaram-se estudos sobre a emigração utilizando as missivas dos emigrantes das regiões da Irlanda, Grã Bretanha e países americanos. Tratava-se de realizar a história dos que não tinham história (Rubalcaba, 2005, p. 335).

A partir de 1960, surgiram diversos estudos sobre a história da correspondência “em si mesma”, tendo a historiografia francesa e italiana desempenhado um papel central nesta área.

Em 1968, realizou-se um colóquio internacional organizado pela “Société d’Histoire Littéraire de la France”, que teve como objetivo a publicação de epistolários inéditos. Nesse colóquio, lançou-se um apelo para a criação de centros de documentação, com o propósito de recolher e preservar epístolas e fotografias, apelo que culminou com a criação do “Centre Pluridisciplinaire de Correspondance du XXe siècle”, pertencente à Universidade de Paris Sorbonne.

Desde 1980, tem havido um crescente interesse pela correspondência privada e íntima, coincidindo com um momento chave da historiografia francesa, que se começou a interessar por estes assuntos.

Como já citámos, na década de 90 do século passado, um grupo de investigadores dirigido por Roger Chartier e integrado por Alain Boureau, Cécile Dauphin, Jean Hebrand, Pierrette Lebrun-Pezzerat, Anne Martin-Fugier e Danièle Pouban, promoveram em toda a França e Europa relevantes transformações relativamente ao uso dos epistolários. A proposta era passar das interpretações “de la historia social de la cultura a la historia cultural de la sociedad” (Rubalcaba, 2005, p. 358). O resultado desse trabalho foi publicado em 1991 sob o título “La correspondance. Les usages de la lettre au XIXe siècle”.

Esta obra procede a uma análise do ponto de vista da História e Sociologia sobre a epistolografia como fontes para o conhecimento historiográfico. O tema central é o estudo da família a partir do conteúdo das cartas. A metodologia estava orientada por forma a analisar os mecanismos que poderiam explicar a lógica dos epistolários, as regras de produção, a escrita, tendo em conta as normas sociais nas quais se inscreve o redator.

Neste friso cronológico, a partir de 2000 assistiu-se a um incremento de investigações que tiveram os epistolários como fonte historiográfica, em geral, e, em particular, como objeto de estudo da carta em si mesma (Dauphin, 1995, p. 3).

1.4. Arquivos pessoais e epistolografia no Brasil

Iumatti e Nicodemos (2018) no artigo *Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico* analisam o uso dos arquivos pessoais na historiografia brasileira, apontando alguns caminhos para futuras investigações.

Tecem as suas análises a partir de quatro temas: a ideia de “redes” de intelectuais (tema onde se inscreve o nosso objeto de estudo, tendo presente que procuramos entender as redes socio intelectuais e institucionais evidenciadas pelo *corpus* estudado); a relação entre intelectuais e esfera pública; os processos de criação e o arquivo enquanto memória.

Os temas apresentados são analisados igualmente no âmbito das transformações na escrita da História que se operaram ao longo das últimas décadas.

Os autores referem que uma das grandes potencialidades dos arquivos pessoais de intelectuais é possibilitar o “entendimento das redes socioculturais e institucionais, apreendidas a partir da análise da documentação. Interessa saber como se situa o autor/detentor em relação aos seus pares. A correspondência configurada por redes, frequentemente dinâmicas e heterogêneas, permite perceber como o conhecimento circulava em determinado contexto temporal e espacial (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 100).

Na teoria de “ideia de redes e circulação intelectual” destaca-se o trabalho de Jean-François Sirinelli. Este propõe como ponto de partida a compreensão do papel dos intelectuais na História Sociocultural e a História Política. Reflete sobre os conceitos de itinerário e estrutura de sociabilidade, que designa de redes, estudando os laços que ligam os intelectuais e os espaços onde elas adquirem forma. Classifica as redes de adesão (amizades, fidelidades e influências) e de exclusão (as cisões) (Sirinelli, 2003).

Este conceito de redes intelectuais interagiu com a revalorização da História do tempo presente. Nesta perspetiva, é igualmente importante considerar os trabalhos de *Histórias conectadas* de Trebitsch e Espagne (1999), a *História cruzada* de Werner (2004) e de Werner e Zimmermann (2003), envolvendo perspetivas transnacionais. A influência desses trabalhos é constatada na obra editada por Ângela de Castro Gomes e

Patrícia Hansen (2016), denominada *Intelectuais Mediadores* (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 101).

Para a compreensão de redes locais, nacionais ou transnacionais, é importante destacar o estudo realizado por Angela Castro Gomes (2005) na obra *Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre* (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 101).

Não podemos deixar de mencionar as redes baseadas no afeto que remetem para “microclima” e para as redes de caracterização de identidades regionais, redes estudadas por Karine Anhezini (2003), *Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay* (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 104).

Assim como o Abade de Baçal, Taunay também foi diretor do Museu Paulista e o arquivo pessoal do autor faz parte da coleção do Museu. Através do estudo da correspondência, a autora observou a rede de sociabilidade que teve grande importância na formação e consolidação do autor. Bufe (2005) também utiliza a mesma coleção para analisar os processos de construção de identidades.

Quem trabalha com arquivos privados depara-se com o problema de demarcar a relação entre esfera pública e privada. De facto, uma questão que se coloca com acuidade a quem procede a estudos sobre historiadores, utilizando como base arquivos pessoais, são os limites entre espaço público e privado e a sua relação com a esfera privada na trajetória desses intelectuais. Não obstante, é inegável que os documentos de caráter privado podem dar resposta a perguntas que não se obteriam em documentos de caráter público (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 105).

Por sua vez, Amed, num estudo sobre correspondência pessoal de Capistrano Abreu, utilizando como referencial teórico Trebitsch, apresenta a ideia que esses registos devem ser consideradas como testemunho sobre as redes de sociabilidade e sobre algumas ideias objeto de esquecimento ou marginalização (Amed, 2006, pp. 190-191, citado por Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 101). Defende a tese que o exercício epistolar de Capistrano se configurou como uma resposta privada, subjetiva, frente a um

impedimento que se deu na esfera pública (Amed, 2006, p. 46, citado por Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 101).

Por seu turno, partindo de referências teóricas da Nova História Cultural, Paula Batista, no trabalho *Capistrano de Abreu e a correspondência feminina*, tenta recuperar a rede de sociabilidade intelectual, tendo por base a “troca de favores”, reconhecendo práticas clientelistas (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 105).

Já Gontijo e Oliveira (2006), no estudo da correspondência de Capistrano de Abreu, analisam os processos de canonização do intelectual (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 107).

Além disso, os arquivos pessoais e bibliotecas de intelectuais originaram trabalhos pioneiros pelos estudiosos da literatura, na designada “crítica genética”, que ocorreu a partir dos anos de 1970 (Zular, 2002, citado por Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 108).

Este método permite delimitar o processo de construção de obras literárias. Esses estudos compulsam a documentação dos arquivos pessoais para compreender o processo de criação e desenvolvimento de uma obra. A título de exemplo, veja-se Nicodemo (2008, 2014), Wegner (2000), Iumatti, (2001, 2018) e Iumatti et al. (2008). Iumatti (2001) evidencia as alterações ocorridas no pensamento de Caio Prada na sua obra *Formação do Brasil Contemporâneo* (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 109).

Outros trabalhos têm refletido e estudado a constituição de arquivos pessoais como memória retrospectiva, ou seja, a formação de acervos pessoais como um ato de memória. Questionam uma série de ações que vão desde a construção da memória pelo titular do arquivo até o tratamento técnico e a incorporação numa instituição. Essa informação é de grande importância e deve ser incorporada na história de cada arquivo (Campos & Bezerra, 2015, pp. 230-231, citado por Iumatti, 2005, p. 110).

Raphael Guilherme de Carvalho (2017) examina a memória construída sobre Sérgio Buarque de Holanda, contemplando os sentidos e significados produzidos sobre o seu legado após a morte.

Por sua vez, Castro Gomes (1998) alerta para o possível “feitiço” dos documentos dos arquivos pessoais quando assumimos que eles expressam a “verdade” dos seus autores.

No mesmo sentido, Prochasson (1998) adverte para as “armadilhas” desses arquivos, tendo em conta o ensejo de consagração dos autores e o propósito de o material vir a ser editado. Chama similarmente atenção para o carácter provisório de alguns projetos e ideias constantes nos escritos (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 111).

Por sua vez, Venâncio relativamente ao acervo de Oliveira Vianna e Malatian, concretamente acerca da biblioteca de Oliveira Lima, aprofundam a questão de como o “lugar de legitimação erudita” incrementou a criação de arquivos, bibliotecas e museus, bem como da publicação de acervos documentais. Nessa perspetiva, os arquivos pessoais destacam-se como lugar privilegiado da análise histórica, por registarem uma forma de acumulação privada que detem como marca identitária específica o nome do titular (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 112).

Iumatti e Nicodemo (2017) terminam esta síntese abordando questões centrais no uso dos arquivos pessoais. Afirmam que a constituição de um arquivo se interliga com a vontade de preservação da memória, consagração e imortalização do titular. Contudo, a História da historiografia tem o desígnio fulcral em articular “dois planos temporais entrecruzados”: a evolução cronológica do pensamento e sociabilidade de determinados autores e a sua rede, em contraponto com o desafio de se perceber como certas interpretações se cristalizaram no decurso do tempo, conferindo determinada forma ou imagem que nos foi edificada sobre autores e temas (pp. 113-115).

Como expressa Rebeca Gontijo (2004, pp. 166-167), é fundamental conhecer como se processou a publicação das coleções epistolares, como e quando aconteceu, assim como o espaço atribuído a estes registos na obra e vida de um autor. Alerta para a necessidade de investigar a constituição dos processos sociais de produção dos arquivos, incluindo o manuseio dos documentos pelos próprios detentores até os critérios expressos e ocultos na produção do arquivo. O mesmo é expresso por Olívia Cunha, ao tratar do arquivo da antropóloga Ruth Landes e Heymann ao contemplar os arquivos de Darcy Ribeiro e de Filinto Müller (Iumatti & Nicodemo, 2018, p. 112).

1.5. A correspondência como fonte historiográfica em Portugal

Partindo da breve análise que apresentamos sobre a situação atual e a revisão da literatura referente aos estudos epistolares, procedemos agora a uma abordagem sucinta da problemática da investigação sobre a epistolografia em Portugal.

Embora alguns trabalhos de investigação tenham sido desenvolvidos utilizando a correspondência como fonte histórica, muitas vezes em conjunto com outras fontes históricas, esses estudos têm sido predominantemente de natureza política e económica. No entanto, a correspondência tem sido amplamente utilizada para o estudo das biografias de personagens que foram centrais na História política do país e para a História da vida privada.

Assistimos igualmente ao aumento da publicação de cartas inéditas de intelectuais. Recentemente, a epistolografia tem vindo a ganhar relevância, principalmente pela via da "escrita feminina", sobretudo nos estudos sobre as mulheres ou estudos feministas. Em Portugal, têm surgido alguns trabalhos nesta área do conhecimento que articula diferentes domínios, como a História, Estudos Literários, Sociologia, Antropologia, Educação e Psicologia (Lage, 2015, p. 18). As cartas escritas por mulheres ganham importância como documento "humano", fonte histórica e expressão literária. Também representam uma "escrita de si" apoiada numa linguagem que permite a compreensão de biografias, novas sensibilidades femininas, sentimentos, representações sociais, memórias e identidades.

No entanto, para o contexto português, como tem sido referido por alguns autores, urge um estudo teórico sobre a epistolografia que inclua os tempos atuais⁶.

⁶ Sobre epistolografia portuguesa contemporânea, especificamente sobre cartas privadas e cartas de amor, consultar Belchior, M. L. (Jan. 1995). Recensão crítica a "Cartas I — Para Joana Luísa (1943-1944)", de Sebastião da Gama. *Colóquio Letras*, 135/136, 269-271; Antunes, L. (2005). *D'este viver aqui neste papel descripto Cartas da Guerra*. Dom Quixote. Consultar também, no tocante à correspondência de gente anónima, o projeto que teve a coordenação de Rita Marquilhas — CARDS (Cartas Desconhecidas). Este projeto foi complementado por FLY (Forgotten Letters Years 1900-1974), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Ver também os seguintes textos: Marquilhas, R. (Maio 2009). Eu ainda sou vivo. Sobre a edição e análise linguística de cartas de gente vulgar. *Estudos de Linguística Galega*, 47-65; Pontes, M. J. Q. (2018) *Sinais de vida: cartas da guerra, 1961-1974*. [Tese de doutoramento, ISCTE-IUL].

Contudo, numa perspectiva próxima da História Social da cultura escrita, a carta, enquanto documento e como género literário — pela sua tradição, longa história e por ser um género propício para revelar pessoas e épocas — tem sido um objeto privilegiado da historiografia atual, para além de ser usada em numerosos estudos em outras áreas do saber (Lage, 2015, p. 25).

Releve-se, todavia, que alguns trabalhos de investigação que utilizaram essa escrita pessoal, terem usado esses registos “sobretudo como fontes históricas e não tanto como documentos nas suas características próprias” (Lage, 2015, p. 30). Produção recente constitui exemplo de como se podem estudar estes textos escritos sob o foco da História Social da cultura escrita, e como estes foram incrementados a partir do século XIX. Nesta fase fulcral na história das práticas epistolares, que ocorreu simultaneamente com o crescimento do correio, o género epistolar constituiu-se numa das formas mais significativas da ampliação social da escrita (Lage, 2015, p. 30).

Temos que considerar que as cartas, devido às suas características formais e materiais, configuram muitas vezes documentos de difícil acesso e recuperação. Com frequência, sendo perdidas ou desprezadas, são consideradas apenas de interesse no âmbito do uso privado (Lage, 2015, p.30).

Por outro lado, como já foi sugerido anteriormente, este tipo de correspondência abre perspectivas produtivas e diversificadas de investigação. Isso inclui a nível testemunhal e biográfico, abrindo novas possibilidades de pesquisas sobre os bastidores da produção literário-artística. Também é importante considerar uma linha interpretativa do género epistolar como um "arquivo da criação" ou crónica da obra criativa. Com isso, abre-se caminho para a discussão da "crítica genética", que considera a epistolografia como uma "oficina" que permite observar o processo criativo através dos seus vários prismas, condições de gênese, elaboração e receção (Moraes, 2007, citado por Lage, p. 31).

Em Portugal, tem-se como ponto de partida para o conhecimento da escrita epistolar na História da Epistolografia Portuguesa a crucial obra *A Epistolografia em Portugal* de Andrée Crabbé Rocha, mulher de Miguel Torga.

Rocha analisa 62 epistológrafos, de protagonistas da literatura, essencialmente, mas também da política e da Igreja, que se situam entre os séculos XV e XX.

O período da História social portuguesa em que surge este estudo, confere-lhe o seu pioneirismo, enunciado no prefácio pela autora⁷. Contudo, estudos de fôlego, tendo por base conjuntos epistolográficos em Portugal, mantêm-se ainda numa fase embrionária. Como referia, em 2008, Aníbal Pinto de Castro, na apresentação do artigo de Hirondino da Paixão Fernandes, sobre a epistolografia de Trindade Coelho, publicado na revista *Brigantia*:

(...) a epistolografia portuguesa continua com raras exceções, em grande parte inédita porque considerada como simples conjuntos de textos ‘menores’, aos quais apenas se recorre para estabelecer a biografia ou a história da escrita de cada autor, permanecendo dispersa ou sepultada em arquivos e espólios pertencentes a instituições públicas ou avaramente guardados por particulares que raras vezes se mostram recetivos ao dever de permitir que ela se torne conhecida do grande público ou sequer dos estudiosos da literatura. (Castro, 2008, p.7)

⁷ No trabalho de epistolografia de Cameirão, C. P. (1999). Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX. *Série Estudos*, 42, também é mencionada a escassez de estudos sobre a epistolografia portuguesa.

1.6. Como ler as cartas do Abade?

Terminamos este capítulo com algumas considerações sobre as questões metodológicas no estudo dos conjuntos epistolares, baseadas no estado da arte que apresentámos; dando origem a reflexões críticas que nortearam a construção do modelo teórico e metodológico do nosso estudo.

As perguntas centrais colocam-se-nos agora com outra acuidade. Como era o “desenho” da rede dos seus contactos epistolares? Como ler e representar documentalmente as cartas do Abade? De que forma se reflete a sociedade portuguesa do tempo do Abade, no conjunto epistolar? Até que ponto a escrita destes grupos contrasta com as versões difundidas pela historiografia sobre o Abade, que recorreu a outras fontes.

Após a análise, podemos afirmar que estes documentos completam outras fontes com as “miniature di vita costituite dalle esperienze dei singole individui” (Caffarena, 2005, p. 20), permitindo completar e restabelecer os meios social, económico e político onde o Abade se movimentou.

Trata-se do início de um trabalho de cruzamento da história coletiva com a do sujeito, conferindo pormenor aos grandes eventos através das *nuances* de tantos fragmentos de histórias sentidas e vividas.

Outrossim, conferimos a visibilidade histórica a estes correspondentes, dando-lhe lugar na memória e na escrita da história do seu tempo e da relação epistolar com o Abade.

É, dessa forma, na relação entre memória e história que se insere o estudo do conjunto de escritos de foro privado, como é o conjunto epistolar objeto do presente estudo.

Referimo-nos já que as transformações da disciplina histórica, nomeadamente a ascensão da História Cultural nos anos 80 e a intensificação de estudos e reflexões críticas sobre estas fontes, motivaram a recolha e inventário de fundos de arquivos de gente comum. Esse trabalho executado um pouco por toda a parte, que Pierre Nora (1989) explica como a necessidade de tudo arquivar e preservar no contexto da procura de referências e do medo do futuro incerto (p.13).

Contudo, o interesse pelas escritas autobiográficas, “*écritures du moi*” como as designa Georges Gusdorf, se por um lado têm sido acolhidas por alguns autores com muitas reservas, alegando a sua subjetividade e débil ligação com a verdade, outros veem nelas a única forma de edificarem certas narrativas históricas.

Sobre esta questão, Emilio Lledó (1998) diz-nos que a memória é “la única posibilidad de permanencia, y la escritura, a pesar de todas as limitaciones, el más poderoso medio de evocarla” (p. 43). Este entendimento originou muitos trabalhos que abordaram a “relevância dos estudos autobiográficos como fontes e os limites do uso do “eu” na História” (Pontes, 2018, p. 18).

Para Artières e Kafila (2002) a escrita autobiográfica, enquanto meio de reconhecimento do indivíduo comum como verdadeiro ator da História, teve três momentos: sobrevalorização; problematização e banalização.

No primeiro momento, a fase de sacralização corresponde à sobrevalorização do testemunho. Estes documentos, considerados como a verdade testemunhal, dão origem à sua edição e publicação, incluindo habitualmente alguma contextualização.

Esta corrente teve grande desenvolvimento em França, apesar de esse desenvolvimento ter um paralelo nos Estados Unidos da América, em finais dos anos 60. Estas conceções, em concordância com o ambiente social vivido, têm como referente Michel Foucault. Colocam-se em questão categorias até ao momento consideradas estáveis, agora como historicamente incertas (Pontes, 2018, p. 19).

Ao segundo momento, nos anos 80, Artières e kalifa (2002) designam fase da problematização. Agora a historiografia, além dos que não tiveram voz, enquadra práticas do quotidiano deixadas até aí, denominados “*ses silences*” (p. 10). A Antropologia, os Estudos Literários e História Cultural tiveram um relevante papel nessa mudança. Daniel Fabre (1993), com a escrita de gente comum, Philippe Lejeune (1993), com estudos sobre a autobiografia e Roger Chartier (1991), com o tema da correspondência no âmbito da História da escrita e da leitura, são referências nesta segunda fase. É nesta fase que os arquivos particulares se tornam objetos históricos, conquistando destaque na História da Vida Privada (Pontes, 2018, p. 20).

Por último, na fase de banalização, a utilização das fontes das escritas autobiográficas pretende “le mental émotionnel des contemporains des événements”. As fontes são analisadas dentro dos contextos sociais, culturais, religiosos ou políticos em que foram produzidas. Os historiadores atribuem o significado à cultura dado pelos antropólogos. Assistimos à crítica da perspectiva eurocêntrica e das ideias de continuidade e progresso na História. Não se aceita a escrita autobiográfica a partir de categorias universais, mas propõe-se situá-la numa cultura específica, com códigos próprios. É o momento de valorização do testemunho individual (Pontes, 2018, pp. 19-21).

Problematiza-se a urgência de repensar limites de investigação nos arquivos particulares, os quais originaram questões críticas para a historiografia. O problema central refere-se à cientificidade, especialmente à questão da prova testemunhal, “l’immense problème du vrai”. Coloca-se agora o mesmo problema que se tinha colocado com a memória, o carácter testemunhal e o deslumbramento pela verdade, que se toma no imediato, “testemunhos insubstituíveis”, como os designa Michelle Perrot (1990, p. 11). Estes não representam “verdades” nos documentos privados, mas sim o resultado de regras de convivência e auto encenação (Pontes, 2018, pp. 19-21).

Como nos alerta Rémy Cazals (2008, p. 27), não obstante, estes condicionalismos, ignorar estes documentos traduz uma atitude epistemológica arrogante.

Essa situação é contornada por Ângela Castro Gomes (2004, p. 15), que distingue memória e verdade e toma a verdade como sinceridade. A questão da autenticidade está para além da questão imediata de verdade/falsidade do documento, não lhe subtraindo relevância. Além disso, situa a escrita a partir destes documentos mais livre dos constrangimentos dos limites impostos pela verdade. O uso destas fontes, de uma forma crítica, em cruzamento com outros documentos, responderá à questão central da validação a que todas as fontes terão que responder. A testemunha oferece um conhecimento factual que só estas fontes permitem “restituer la qualité d’une expérience historique, qui change de texture une fois enrichie par le vécu de ses acteurs.” Possibilitam aceder à vida interior dos sujeitos, aceder aos valores e representações onde viveram e ao período em que se inserem (Pontes, 2018, p. 22).

Teremos que considerar que a ascensão da História Cultural ocorrida nas últimas décadas gerou um interesse pela história das singularidades, o que, como já mencionado, levou a um interesse por outras fontes. O foco na subjetividade dos atores resulta numa história cada vez mais fragmentada, composta por itinerários individuais. A oposição entre singular e coletivo, indivíduo e sociedade é considerada uma ilusão. Indivíduo e sociedade são duas abstrações que se complementam e se questionam, eliminando as fronteiras artificiais entre o privado e o público, o pessoal e o social, dando origem a um "eu" também coletivo (Pontes, 2018, pp. 23-24).

Se a escrita autobiográfica tem sido considerada como porta para a vida privada, dando acesso a valores em que se constituiu, a carta, pelas suas especificidades, constitui-se o local privilegiado para essa aproximação.

As missivas, enquanto fontes documentais, encerram múltiplas abordagens. Por um lado, são documentos que contribuem para o conhecimento de acontecimentos, ou seja, informação histórica no sentido lato. Por outro lado, analisados como objetos em si, possuidores da sua própria história, possibilitam estudo dos modos de produção, conservação e difusão, estudos que interessam sobretudo à Linguística e à História Social da cultura escrita. Sierra Blas (2008, p. 651) designa essa essência como “el carácter poliédrico” da correspondência. Incita a uma abordagem transdisciplinar, qualitativa e quantitativa, para realçar todas as potencialidades e a riqueza destes textos. Situa esta abordagem no cruzamento da História, Literatura, Sociologia e Linguística, fazendo jus aos seus múltiplos sentidos.

Estas reflexões fazem-nos regressar à questão central desta tese: como ler estes documentos epistolares recebidos pelo Abade, categorizá-los e contextualizá-los nas redes epistolares que integravam?

Os documentos epistolares, como nos diz Marc Bloch, citado por Dauphin (2004, p. 47), são, em similitude com os outros documentos, “témoins malgré eux de leur temps”. A sua leitura deve situar-se além do texto e incluir o contexto que complementa o significado de cada documento. Só dessa forma se potencia a sua inteligibilidade.

Nesse seguimento, podemos afirmar que para perceber estes registos é necessário combinar uma série de ações, onde o contexto de produção é de extrema relevância. É o contexto que nos possibilita situar estes documentos entre outras práticas culturais e percecioná-los inseridos numa rede de trocas, que expressam ideias e acontecimentos numa determinada época, meio social, intelectual e linguístico, que Traverso designa de “paysage mental”, 2011, pp. 18-19).

Numa outra “face”, os documentos epistolares oferecem-nos o acesso às esferas privadas do remetente e do destinatário. Revelam-nos facetas acerca do tempo em que foram escritos e acerca dos autores e destinatários. Desse modo, é importante considerar a diacronia, compreendendo o que se reporta ao longo do tempo, identificando, sempre que possível, pensamento e ideologias. Contribuiu-se, desta forma, para a História política da vida quotidiano, sustentada na História da vida privada.

Não obstante, a interpretação destes textos epistolares tem que ter em conta, como expressa Traverso, que “l’histoire réelle ne coincide pas avec ses représentations abstraites” (2011, pp. 18-19). Ou, como alude Bossis “les champs du réel et de l’autre, la représentation que chaque individu s’en fait.” Para nós os investigadores, o caminho a seguir será o apresentado por Hobsbawn (1997, p.13) ou seja analisar o que designa por “sense of the past”, mantendo separados o campo dos factos e da interpretação e do que sobre eles foi relatado pelos intervenientes.

Foram estas questões que nos orientaram durante a investigação, caminho que percorremos com cautela e que agora damos forma através deste trabalho. É importante destacar a escassez de trabalhos na temática, bem como a extensão e complexidade do conjunto epistolar estudado. Contudo, estamos cientes de que o caminho se faz caminhando, utilizando as ferramentas e metodologias disponíveis e contando com a orientação valiosa do nosso orientador.

Capítulo 2 O epistolário de Francisco Manuel Alves: caracterização global

O objetivo foi estudar a correspondência como um conjunto inseparável. Um corpo que possui uma identidade conferida pelas suas especificidades, com uma configuração particular que, apesar da polissemia, lhe confere um significado próprio. Procurámos os nexos existentes e as relações entre os documentos, mediante a caracterização do seu vínculo de origem. Procuramos, também, a função de cada documento no contexto de atividades mais vastas. Garantiu-se, dessa maneira, que os diferentes itens pudessem representar as circunstâncias do contexto e a sua acumulação. Foram descritos alguns documentos sem datação. Se alguns eventos podem ser enquadrados em datas precisas, outros remetem-nos para atividades de longa duração, com início e término imprecisos.

Assim, o objeto de estudo, tomámos como *corpus* documental a totalidade da correspondência recebida, evidenciando, desse modo, o seu valor documental. Tratando a totalidade das missivas assegurámos, dessa forma, a sua representatividade, evitando-se na sua análise generalizações menos rigorosas. Apontamos aqui o interesse de posteriormente cruzar estas missivas com a correspondência expedida pelo Abade e as minutas por ele guardadas no seu arquivo. Expressámos já que se trata de um vasto conjunto de 4651 cartas, endereçadas por 1384 correspondentes, situadas cronologicamente entre 1888 e 1947 e que tecem uma rede epistolar onde os tons são definidos pelos múltiplos assuntos que se inscrevem nos documentos.

Como já escrevemos, poucas são as exceções ao ineditismo que caracteriza o conjunto documental. Depositado no Museu do Abade de Baçal, com uma história custodial pouco conhecida⁸, apesar de não ter sido objeto de tratamento até ao presente, ter-lhe-

⁸ João Neto Jacob, ex-diretor do Museu do Abade de Baçal, escreveu na apresentação do n.º 9 do Ano I, do Boletim do Museu do Abade de Baçal, de 9 de Abril de 1997: “achamos urgente proceder à divulgação sistemática da sua obra (Abade de Baçal), sobretudo os menos conhecidos e valorizados; as dezenas de dispersos publicados na imprensa regional e nacional, os manuscritos inéditos — cadernos de apontamentos das suas viagens de estudo, conferências, rascunhos e cópias epistolares, textos variados, etc. —, além das centenas ou milhares de cartas que foi recebendo ao longo da vida. Este espólio é já pertença do Museu há 48 anos. Achamos que é tempo de o trazer à luz do dia. Ficam, pois, abertas aos investigadores as portas do Museu e deste boletim. A direcção”. Escrevia depois, no mesmo boletim: “O Abade de Baçal, Faleceu, como se sabe, em Novembro de 1947.

á sido concedida relevância superior pela instituição que detém a sua guarda. Aquando da atribuição do edifício do antigo Convento de São Francisco para instalar o então criado Arquivo Distrital de Bragança (1919), foi para aí transferida toda a documentação depositada no antigo Paço Episcopal e atual Museu do Abade de Baçal, excetuando o arquivo pessoal do Abade que permaneceu no Museu.

Entretanto, diversas tentativas existiram para o tratamento da correspondência, ainda que circunstâncias várias não permitissem a sua concretização. Apenas alguns documentos foram sendo tratados isoladamente e usados em ocasiões pontuais para efemérides, edições e exposições.

Figura 2. O Abade de Baçal no seu gabinete no Museu



Fonte: Museu do Abade de Baçal

É muito possível que o seu espólio doado só tenha dado entrada no Museu em 1948, se atendermos, por homologia, a que a regularização da sua doação ao então Liceu só se verificou em 10 de Agosto de 48 (...). É que não entendemos as razões porque este fundo nunca foi tratado em termos arquivísticos. Como é que se pretende estudar e dar a conhecer a figura e a obra do Abade sem por à disposição dos investigadores o seu espólio e sem ter uma actuação bem definida acerca da publicação desse acervo documental? (...) Do recheio do acervo do Abade de Baçal, mais especificamente, fazem parte os originais manuscritos das suas Memórias, cadernos manuscritos, apontamentos das suas viagens de estudo pelo Distrito, leituras e recensões bibliográficas, textos publicados, conferências, parte por publicar(...) couceiros (...) e a correspondência...”.

Expostos que foram, no capítulo anterior, os princípios teóricos e metodológicos, apresentamos agora o epistolário através da sua caracterização global.

No estado da arte demonstrámos que em muitas perspetivas se pode estudar a correspondência: na sua dimensão histórica; na reconstrução de trajetórias biográficas; no estudo das redes de sociabilidade; na aproximação às vivências de índole privada e no estudo dos sentimentos, que explícita ou veladamente se confessam nas missivas mais intimistas.

Assim, recuperam-se nestes documentos as expressões testemunhais que nos ajudam a definir perfis biográficos; confidências e impressões disseminadas pela correspondência, contam trajetórias de vida, esboçam psicologias singulares que ajudam a compreender o tempo da escrita, as identidades pessoais e nos ajudam a clarificar e compreender os seus produtores.

O arquivo pessoal do Abade de Baçal, constituído por uma vasta massa documental, encontra-se distribuído por diversas instituições: Museu do Abade de Baçal, Arquivo Distrital de Bragança, Escola Emídio Garcia, familiares e alguns privados. Além de fisicamente dividido e desarticulado, não está intelectualmente organizado, lançando assim o seu tratamento desafios particulares.

A documentação foi acumulada pelo Abade, zelosamente guardada e após a sua morte doada ao Museu. Como já expressámos, cada história de vida do produtor formaliza a estrutura e “desenho” do arquivo pessoal. O caso do arquivo pessoal do Abade, em geral, e do epistolário estudado, em particular, não diferem deste princípio. O seu poliédrico perfil e as diversas funções exercidas ao longo da vida deram origem a um expressivo e impressivo conjunto epistolar, que nos possibilita perceber o seu perfil, os meandros da sua carreira e a sua produção científica, entre outros. Constituem-se, em suma, estes documentos, em “bastidores da génese” da criação dos seus projetos científicos, permitindo-nos conhecer as diversas etapas da sua produção literária, desde o embrião até à receção, crítica e reelaboração⁹.

⁹ Aproximam-nos assim da crítica genética, que procura a trama da invenção e examina as *nuances* dos processos de criação.

O terreno epistolar constitui-se, deste modo, num campo muito fértil. Os interlocutores definem os projetos de uma forma mais ou menos explícita e trocam opiniões sobre os trabalhos. A produção é posta frequentemente à apreciação do outro, podendo ser considerada, metaforicamente, como se se tratasse de uma escrita feita a diversas mãos¹⁰.

Localiza-se também na correspondência uma constelação de depoimentos que permitem acompanhar o processo de criação das *Memórias* e as suas diversas etapas. Aí encontram guarida a partilha de projetos, as diversas versões, a crítica, a divulgação e os depoimentos instigantes para o destinatário.

Assim, a correspondência passiva do Abade afirma-se-nos, na epistolografia nacional, como seara ondulante, onde a sementeira conquista uma verdade não conseguida noutras fontes, revestindo-se de grande singularidade.

Se cartas existem com a retórica habitual, outras oferecem-nos vivências que só na esfera intimista se inscrevem, registos onde se fala com alguma liberdade “mal dos outros”, se usam impropérios, as denominadas “cartas de pijama” (Andrade, 1972, pp. 182-183).

Aludimos já que, decorrido algum tempo após uma leitura prévia dos documentos, o que se nos configurava inicialmente simples, revelou-se complexo. Proceder à leitura e sumarização dos registos, em paralelo com as leituras da bibliografia sobre a temática, revelaram-nos que trilhávamos um campo complexo e pouco explorado, se bem que, por outro lado, também ele muito mais aliciante do que à partida se nos afigurou¹¹. O “estado da arte” demonstrou-nos a complexidade da utilização da correspondência como fonte histórica¹².

¹⁰ Voltaremos a estes temas, a partir de exemplos contidos nas missivas, quando analisarmos a rede de correspondentes e os assuntos.

¹¹ O interesse deste conjunto documental foi já identificado em ocasiões pontuais, nomeadamente por António Paulo Quintela e o antigo diretor do Museu, João Neto Jacob, como já referenciado. Há alguns anos, João Neto Jacob, solicitou-nos o apoio para o tratamento dessa correspondência. Circunstâncias várias impediram que essa intenção se concretizasse.

¹² Desvendou-nos também que a correspondência, nas últimas décadas, conquistara um estatuto igual a outras fontes e produziu resultados encorajadores e estimulantes. A título de exemplo refere-se: Bossis, M. (Dir.) (2007). *Archive épistolaire et Histoire*. Connaissances et Savoirs; Brandes, U., Kenis, P., De Grande, P., & Eguía, M. (2008). *Reconstruyendo la red de lazos personales*. Metodología egocéntrica

Estudar e divulgar as missivas endereçadas ao Abade, os correspondentes e o tempo em que viveram e, em privado, fixaram um particular universo, até ao presente desconhecido, conferindo-lhe alguma densidade de análise, foi o nosso propósito. A rede epistolar cruza toda a sociedade, independentemente da classe social, idade, género, poderemos dizer que são, desse modo, fontes mais “genuínas e democráticas” que nos ajudam a traçar facetas do perfil do Abade ainda pouco conhecidas. Mensagens que foram zelosamente guardadas por quem as recebeu e a partir de diferentes perspetivas, nos são apresentadas pela memória e tempo dos correspondentes, pelo tempo em que se insere o texto escrito e nos permitem ampliar o conhecimento do Abade e da sua época¹³.

Perante um conjunto documental que de certa forma nos intimidava pelo seu volume e pelo múltiplo mosaico que as diversas letras desenhavam, procedemos numa primeira fase à verificação de toda a documentação e a uma primeira análise. O entusiasmo da descoberta desse mundo pouco conhecido que os documentos nos desvendavam, levou-nos assim a uma leitura primeira que poderemos considerar mais apressada. Constatámos, nessa fase, que alguma correspondência foi desarticulada, e, conseqüentemente, muitos documentos foram desagregados; apontamos a título de exemplo as fotografias, os folhetos e os livros que eram remetidos com as missivas¹⁴.

Muitos desses documentos teriam sido perdidos e grande parte dos envelopes, colocados em cronologias diferentes, foram agregados a cartas às quais não pertenciam, o que nos levou, por condicionalismos temporais, a não proceder, para já, à sua efetiva integração (junção).

para investigación sociométrica. *Redes-Revista hispana para el análisis de redes sociales*, 15, 166-181.

¹³ Apesar do trabalho não se inserir no estudo das “redes egocentradas”, aplicámos alguns dos seus conceitos, que nos permitiram clarificar as nossas análises. Beunza, ao abordar as redes sociais a partir da análise de exemplos centrados em epistolários do séc. XVII, mostra as possibilidades e limitações das análises qualitativas clássicas e o interesse de recorrer às análises de redes egocentradas, defendendo a combinação de ambas as metodologias, associando a análise do conjunto de relações de um indivíduo revelado pela sua correspondência. Imízcoz, J. M. (2003). Actores, redes, processos: reflexiones para uma história más global. *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, História, III(5), 115-140.

¹⁴ Preservou rascunhos, escritos informais para uso posterior. Informam-nos a genética da produção intelectual. O Abade de Baçal tinha o hábito de guardar no seu arquivo as cópias e minutas das cartas que enviava e de escrever notas pessoais, como “estados de alma”, provavelmente como forma de fixar para a memória futura e atenuar a solidão na sua labuta solitária da escrita.

Elaboramos, depois, uma lista única com o nome dos remetentes, sendo, no final do trabalho, apresentados por ordem alfabética. Esta lista foi aperfeiçoada à medida que desenvolvíamos o trabalho. Tentamos eliminar entradas diferentes para o mesmo correspondente, situações ocorridas quando usavam assinaturas distintas, ou as cartas não se encontravam assinadas. Tentamos resolver esse problema com o cruzamento das caligrafias com os assuntos, as cronologias e os locais, o que nos permitiu eliminar esse duplicar de entradas. Contudo, estamos cientes que na lista final poderão ainda ocorrer algumas dessas situações. Identificamos cerca de 1400 tipos de letras, tantas quanto os correspondentes. Por sua vez, um correspondente, dada a diacronia, muitas vezes por doença ou pressa, praticava escritas diferentes. Acrescia o facto de, frequentemente, a cumplicidade entre emissor e recetor levar a uma escrita praticamente cifrada, de difícil compreensão. Veja-se, a este propósito, o caso de uma carta de Leite de Vasconcelos de 26 de novembro de 1902:

Desculpe o meu laconismo, mas estou repleto de trabalho, e como a Bibliotheca tem horas fataes em que fecha, preciso de aproveitar o tempo.

Para qualquer outra informação que V. E. deseje, e que eu esteja no caso de lhe dar, só tem de mandar-me e terei mt. gosto em cumprir as suas ordens quem é¹⁵.

Arrolamos, depois, os assuntos principais versados na correspondência, dando informação sobre o tema principal abordado e alguns subtemas. Este trabalho tornou-se muito moroso. Numa mesma epístola referiam-se diversos assuntos, noutras as letras de difícil leitura não nos facilitaram a análise de conteúdo. Quanto estávamos familiarizadas com uma determinada caligrafia, outra nos surgia com obstáculos diferentes. Em alguns documentos, em que o conteúdo era sigiloso, apresentavam uma escrita cifrada, de difícil perceção.

À medida que nos surgiram estas questões, apercebemo-nos que conhecer aprofundadamente o produtor do arquivo é condição indispensável para o tratamento da correspondência.

Assim, servimo-nos das diversas notas biográficas do Abade já publicadas, para a elaboração da cronologia de Francisco Manuel Alves, como já afirmámos, espinha dorsal

¹⁵ MAB/FAAB-Doc. 522.

para a análise do conjunto documental. Deparámo-nos com a existência de eventos pontuais: jantares, festas, homenagens, etc. Encontramos atividades de longa duração, como funções profissionais e outras atividades de longa duração não mensuráveis no tempo, como pesquisa científica e relações de amizade.

Publicou e produziu centenas de textos científicos, literários e jornalísticos. A esses textos estão vinculados outros documentos que viabilizam o texto final, constituindo um conjunto indissociável.

Foi de extrema importância estabelecer a cronologia da sua vida, em minúcia e construir uma verdadeira linha do tempo. O epistolário permitiu-nos recuperar/confirmar a trajetória de vida de Francisco Manuel Alves, e percorrer caminhos que possibilitaram conhecê-lo com mais profundidade e conhecer também quantos (muitos) se cruzaram com ele nas suas diversas ações e relações sociais.

2.1. Tratamento técnico

Como já assinalámos, dão corpo ao epistolário apenas as cartas recebidas¹⁶. A nível físico, globalmente, o conjunto epistolar encontra-se em bom estado de conservação¹⁷. Excetuam-se alguns documentos que apresentam lacunas e não nos permitiram leituras integrais. Por sua vez, algumas mensagens escritas com tinta permanente criaram um sombreado que dificulta a leitura.

A nível intelectual o conjunto documental sofreu desestruturações, perdendo-se a sua estrutura original. Deste modo, algumas cartas estão incompletas, não contendo os documentos referenciados — frequentemente eram enviadas publicações, recortes de jornais e fotografias, por vezes sem envelopes, ou anexadas a envelopes que não correspondem à missiva, como já aludimos anteriormente.

Não é objeto desta tese desenvolver e problematizar o tratamento técnico arquivístico de que o conjunto epistolar foi alvo, contudo apresentamos, de uma forma sintética, as ações de tratamento documental já realizadas¹⁸.

Efetuada a higienização e acondicionamento da documentação, procedemos depois ao levantamento documental, à análise da documentação e identificação de subséries, constituídas nesta situação pelos diversos correspondentes. Executou-se depois o inventário preliminar, finalizando-se com a catalogação e indexação.

Este moroso trabalho materializou-se nos Anexos 1, 2 e 3 apresentados no final deste trabalho e possibilitou-nos:

1. Reconstruir a rede epistolar do Abade de Baçal.

¹⁶ O trabalho seria valorizado com a leitura das minutas integradas no arquivo pessoal do Abade. Todavia, o espaço temporal para a concretização deste projeto não nos permitiu o seu estudo. De referir também a publicação de diversas cartas enviadas pelo Abade, trabalho de grande envergadura elaborado por Fernandes, H. P. (1985-1992). *Bibliografia do Distrito de Bragança* — Francisco Manuel Alves. *Brigantia*, V(2,3,4), 349-496; VI(1,2,3), 37-218; X(4), 69-102; XII(4), 79-140.

¹⁷ Como já referimos, em 2011, uma candidatura à Gulbenkian, “Tratamento de Conjuntos Documentais”, permitiu-nos a digitalização das cartas. Estava assim a sua preservação em parte garantida e facilitado o trabalho de inventário e comunicação.

¹⁸ Apesar da nossa formação em arquivos, este trabalho não se insere nessa área. Não obstante, sempre que possível e conveniente, usamos alguns conhecimentos que considerámos que valorizariam o presente estudo. A problematização do trabalho arquivístico deverá ser inserida no arquivo pessoal no seu todo e não apenas numa das suas partes, como é o caso do epistolário estudado.

2. Perceber os temas/assuntos em que se moviam estes escreventes e a elaboração de uma *cartografia* cultural.
3. Análise qualitativa da rede social a partir de alguns conceitos e alguns parâmetros de “Network Analysis”, que se podem aplicar na investigação histórica e permitem reconstruir redes egocentradas.
4. Identificar os indivíduos e as suas relações, os correspondentes diretos e as pessoas referenciadas, o que são uns em relação aos outros, que relações mantêm entre si, em que assuntos participam, quais foram as cumplicidades¹⁹, que favores e informações trocam. Num volume tão vasto de missivas, tornou-se um trabalho, como já declarámos, moroso e com alguma complexidade.

Por vezes, a única maneira de identificar os assuntos e de os compreender foi seguir a correspondência no tempo e recorrer ao cruzamento das referências destes documentos epistolares com outras fontes e informações.

Nestas circunstâncias, a correspondência não foi tratada como uma fonte isolada, mas combinada com outras fontes. As missivas produzem-se à medida que se desenvolve uma ação e que diferentes indivíduos nela se implicam. Estas ações geram outros documentos, ou seja, as cartas informam sobre a produção de outros documentos.

Os dados biográficos dos escreventes, sempre que os conseguimos, auxiliaram na reconstituição deste imbricado *puzzle*. Contudo, considerando o volume documental, nem sempre nos foi possível identificar todos os factos referidos nas missivas e proceder ao cruzamento de fontes. A título de exemplo apresentamos a carta de António Bernardo, que de Cernache do Bonjardim se dirige ao Abade, solicitando todo o sigilo na “encomenda”. Uma única carta deste correspondente não nos permitiu apreender a que se referia na sua missiva.

Como mencionámos no enquadramento metodológico, realizamos uma pesquisa qualitativa de carácter bibliográfico e documental. Bibliográfico, porque foi feito levantamento bibliográfico sobre o tema: arquivos privados e epistolografia.

¹⁹ Por vezes, a cumplicidade entre os correspondentes não necessita da explicitação dos assuntos.

Documental porque se fez a análise documental da correspondência enviada a Francisco Manuel Alves. Assim, neste trabalho utilizámos a pesquisa bibliográfica e documental. Como refere Marconi e Lakatos (2003) “a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.” (p. 183).

A pesquisa documental “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (Gil, 2002, p. 45). Este autor observa que “nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgão públicos e instituições privadas, [...] incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, etc.”. (Gil, 2002, p. 46)

No que concerne aos processos aplicados²⁰, este trabalho foi realizado por meio das seguintes etapas:

- Realização da análise da correspondência, identificação das características, estruturas e temas abordados;
- Análise, identificação e categorização dos assuntos constantes na correspondência;
- Elaboração de parâmetro de leitura e seleção dos termos;
- Aplicação do modelo de leitura e seleção dos assuntos mais importantes e descrição em palavras ou termos;
- Verificação da pertinência dos termos ou palavras selecionados, avaliando a sua adequação ao conteúdo do documento.

Nos parâmetros de leitura orientámo-nos pelas seguintes perguntas na análise dos documentos: O que? De que forma? Como? Quando? Onde? materializando-se na: Ação

Referimo-nos já à escassez de trabalhos realizados tendo por base o tratamento técnico da correspondência, fundamentalmente no tocante à indexação. Para o modelo apresentado baseámo-nos no estudo: Santos, F. S. (2018). *A Prática de Indexação em correspondências: Proposta de modelo de leitura e representação documental*. Universidade Federal de Pernambuco.

— O que aconteceu? Agente da Ação — Quem / o que fez isso? Objeto da Ação — A quem aconteceu? Local — Onde Aconteceu? Tempo — Quando aconteceu?

No processo de tratamento da correspondência estas perguntas auxiliam na prática de leitura e na representação desta tipologia documental. Como já aludimos, este tipo documental apresenta características próprias, na sua maioria, a sua estrutura apresenta endereçamento, signatários, destinatário, assunto e data.

Na análise desta tipologia, Camargo (2011, p. 18) usa as seguintes indagações de pesquisa diante do objeto documental — correspondência: “Que é a correspondência? Quem escreve? Quem lê? O que lê? Em que época? Por que motivos?”. Estas perguntas são fundamentais para leitura e representação documental, contribuindo para evitar critérios diferentes na análise dos documentos.

Durante o processo de tratamento documental, algumas cartas não respondem a todas as perguntas, por vezes, por falta de adoção de uma estrutura “oficial”. Contudo, é importante que sejam respondidas as questões elencadas, adequando a quantidade de termos usados para a representação aos objetivos do trabalho.

Sintetizando, considerámos como etapas fundamentais a leitura documental, a análise conceptual e a tradução terminológica. Consiste na leitura dos documentos, assimilando o seu conteúdo, seleccionando as ideias centrais; a seleção dos assuntos mais importantes e representação em palavras ou termos; a avaliação da pertinência dos termos ou palavras seleccionadas, conferindo a sua adequação ao conteúdo dos documentos (Santos, 2018, p. 16).

Cientes que a leitura interfere na qualidade da análise e representação dos conteúdos informacionais, constituindo-se como uma das fases mais importantes no processo de tratamento documental, fizemo-la com todo o rigor. Procurámos distinguir essencial do acessório e identificar as unidades do conteúdo em que estavam estruturados os documentos.

Identificámos a ideia principal. Para sintetizar a informação e para o reconhecimento dos conceitos, por vezes, foi necessário reformular, condensar, precisar, e identificar as palavras-chave, não esquecendo que a identificação dos conceitos documentais deve

estar associada ao objetivo da leitura, ao contexto do documento e à necessidade dos seus utilizadores.

Relevamos que na qualidade da análise intervêm diversos fatores: o conhecimento sobre o assunto, a experiência sobre o trabalho técnico, capacidade e compreensão da leitura, a atenção dada à especificidade, às ambiguidades ou imprecisões, entre outros (Santos, 2018, p. 19).

Na análise de assuntos, seguimos o preconizado por Fujita, subdividindo o processo de leitura em três etapas que correspondem à “compreensão do conteúdo do documento; identificação dos conceitos que representam este conteúdo e seleção dos conceitos válidos para recuperação” (2003, p. 64).

Para a qualidade da análise tivemos em consideração a exaustividade, característica que permite aferir a determinação dos diversos assuntos constantes no documento e respetiva representação dos termos selecionados; a seletividade, que permite avaliar a seleção das informações relevantes e pertinentes para os utilizadores; a especificidade, onde evidenciamos se a descrição traduz o conteúdo dos documentos de forma específica, não fazendo uso de termos muito gerais; a uniformidade ou consistência que permitem aferir se os termos selecionados descrevem da mesma forma documentos, sobre um mesmo assunto da mesma forma (Santos, 2018, p. 19).

Procedemos à elaboração de uma base de dados para inserir os dados do tratamento efetuado ao epistolário.

Numa primeira fase foram coligidos os elementos concernentes à identificação dos documentos: a cota dada pelo Museu, a data de produção, o emissor, o tipo de documento (carta, postal ou outro), o n.º de fólios, e notas consideradas pertinentes. Estes elementos permitiram-nos uma caracterização global do conjunto da correspondência, conseguindo tornar mais clara a perceção global do epistolário.

Figura 3. Catálogo da correspondência recebida pelo Pe. Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal)

N.º	Tipo	Correspondente	Data	Local	Sumário	Assunto	Assunto
1	Carta	Ernesto Augusto Pereira de Sales	1919-03-07	Lisboa	Informa que o Foral de Quintela, referenciado no vol. III das <i>Memórias</i> se reporta a Quintela do concelho de Vila Real e não a Quintela de Lapaças, como aí consta. Refere também que o 1º foral conhecido referente a Cortiços é de Afonso IV e não de D. Dinis, como alguns escreveram. Indica os argumentos para a sua opinião.	Memórias	Forais
2	Carta	Ernesto Augusto Pereira de Sales	1908-01-18	Lisboa	Por indicação do Pe. João Baptista Lopes, envia-lhe o Livro do Soldado.	Edições	
3	Carta	Ernesto Augusto Pereira de Sales	1915-04-26	Lisboa	Envia o vol. VIII do Dicionário Bibliográfico, adquirido a pedido do Abade. Informa do interesse de Alfredo Menéres sobre Carvalhais. Refere as cartas do médico Fonseca. Inclui recortes de jornal com ata de reunião da Academia de Ciências. Anotação manuscrita do Abade: "Menéres/Conferência dos Aliados/D. de N. N. / 29-7-1917".	Edições	
4	Carta	Ernesto Augusto Pereira de Sales	1917-10-31	Lisboa	Informa sobre as diligências feitas para encontrar o "paradeiro dos forais manuelinos", nomeadamente de Torre de D. Chama (referencia o seu desaparecimento), Mirandela e Frechas (entregues à Câmara por seu intermédio), Abreiro e Lamas de Orelhão.	Forais	
5	Carta	Ernesto Augusto Pereira de Sales	1925-05-18	Lisboa	Envia a publicação Nossa Senhora dos Passos da Graça, da sua autoria. Informa sobre um engenheiro judeu (rabino), de nome Schwarz, que prepara uma publicação acerca dos judeus.	Edições	

Fonte: Elaboração própria

Na segunda fase, como atrás referimos, procedeu-se à catalogação, constituída pela elaboração de um breve sumário e a determinação dos assuntos principais de cada carta e a sua representação em linguagem “natural” desses termos.

Quem são os autores destas múltiplas cartas?

O nome do autor de cada documento (unidade de análise) trouxe-nos diversas dificuldades na sua identificação, como já mencionámos. Alguns tipos de letras não nos permitiam uma correta identificação e muitas missivas eram omissas relativamente ao autor, não estando assinadas, ou apresentando assinaturas lacunares. Sempre que nos foi possível, procurámos retirar o nome completo, contudo, alguns autores apenas subscreviam a missiva com o nome próprio. Outros, quando usavam os apelidos, a letra era difícil, não permitindo uma segura identificação.

Por sua vez, se muitos autores eram bem conhecidos, outros (muitos) eram desconhecidos, e não nos foi possível elaborar uma simples nota biográfica. Sempre que nos foi possível registámos a função ou a categoria.

Em suma, e como já observámos, sempre que esteve ao nosso alcance, cruzámos os registos epistolares com as biografias, segundo os ensinamentos de Dauphin e Pouban (1995). Esta abordagem permite-nos cruzar e estabelecer as relações dos “fragmentos de existência”, a correspondência com a biografia, constituindo-se em “história do seu tempo”. Os elementos biográficos transportam-nos para uma experiência singular e única, no entanto, remetem-nos, outrossim, para o coletivo, próprio do tempo, época e meio em que se inscrevem.

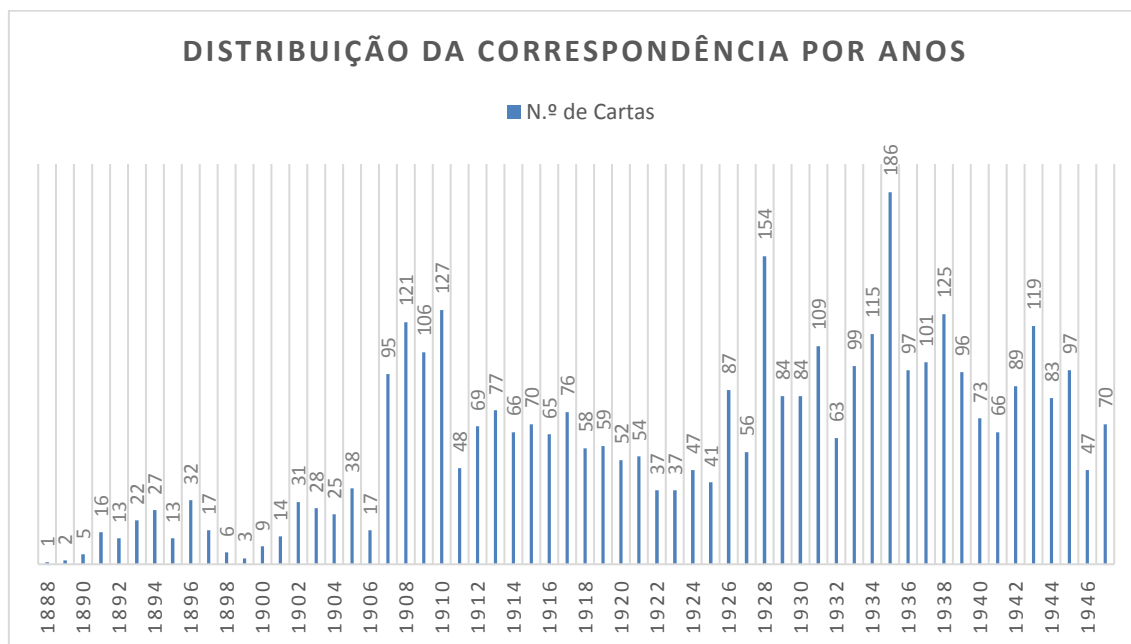
2.2. Cronologia

Os anos de 1888 e 1947 constituem-se nas balizas cronológicas deste *corpus* documental. Sessenta anos da vida do Abade são percorridos por este epistolário, com ritmos e densidades diferentes, observados nos fluxos díspares destas missivas, que abordaremos à frente. A primeira carta que documentámos recebeu-a o Abade aos 23 anos, frequentava ainda os estudos eclesiásticos no Seminário de Bragança, estudos que terminou no ano seguinte. Alguns documentos são de data posterior ao seu falecimento, correspondendo às missivas, maioritariamente cartões, dirigidos à sua irmã, Cândida Alves, transmitindo-lhe o pesar pela morte do Abade, que, provavelmente, a própria teria tido o cuidado de guardar e incorporar no conjunto epistolar.

Tabela 1. Distribuição da correspondência por anos

Anos	N.º de Cartas	Anos	N.º de Cartas
1888	1	1918	58
1889	2	1919	59
1890	5	1920	52
1891	16	1921	54
1892	13	1922	37
1893	22	1923	37
1894	27	1924	47
1895	13	1925	41
1896	32	1926	87
1897	17	1927	56
1898	6	1928	154
1899	3	1929	84
1900	9	1930	84
1901	14	1931	109
1902	31	1932	63
1903	28	1933	99
1904	25	1934	115
1905	38	1935	186
1906	17	1936	97
1907	95	1937	101
1908	121	1938	125
1909	106	1939	96
1910	127	1940	73
1911	48	1941	66
1912	69	1942	89
1913	77	1943	119
1914	66	1944	83
1915	70	1945	97
1916	65	1946	47
1917	76	1947	70

Gráfico 1. Distribuição da correspondência por anos



Ao analisarmos a tabela e gráfico apresentados percebemos que existem anos de maior fluxo epistolar que correspondem a eventos que tiveram maior relevância no percurso de vida do Abade²¹.

²¹ Apesar de a grande maioria das epístolas serem datadas, situando a feitura da epístola no tempo, como já enunciámos, nem todos os correspondentes dataram as suas missivas: por esquecimento, ou por outras razões que desconhecemos. São, todavia, exceções. Situações existem, nos correspondentes mais presentes na teia epistolar em que os registos se balizam da mocidade à velhice.

2.3. O fluxo epistolar

Observemos agora o fluxo epistolar. Os escreventes e a diacronia em que inserem as epístolas desenham-nos a rede onde o Abade é o epicentro, conseguindo, dessa forma, reconstituir o fluxo epistolar.

As mensagens são de familiares, amigos, colegas sacerdotes, intelectuais, informantes, anónimos, apresentando-nos uma determinada distribuição no tempo, e definindo, assim, fluxos variáveis.

Se a ordem cronológica de todo o conjunto epistolar (a ordem natural da génese dos documentos) é fundamental para percebermos o fluxo epistolar, a organização das epístolas por correspondente e destes por ordem cronológica possibilita a inteligibilidade do conteúdo de muitas cartas. Permitindo, deste modo, seguir a factualidade e acontecimentos referenciados e perceber a evolução das relações entre os correspondentes.

A sequência cronológica da correspondência permite-nos, assim, observar a duração e a relação epistolar. Uma correspondência trocada durante várias décadas revela mais nitidamente a evolução da relação no tempo, as regularidades, as variações, a renovação e a caducidade, os afetos e desafetos, permitindo perceber as dinâmicas duradouras e a rutura de vínculos.

Na seriação cronológica percebemos, igualmente, os tempos e os matizes temáticos relativas ao recetor (Abade), a sua variabilidade e configuração ao longo das quase seis décadas de vida.

Em algumas situações, não conseguimos reconstituir a coerência serial, por faltarem cartas. Ancoram-se, no entanto, na coerência de conteúdos desdobrados em temas que se constatarem comuns em determinados grupos, que dependem dos interesses, da origem, educação e do modo de vida.

Como já observámos, um epistolário bem conservado oferece-nos uma mais fidedigna percepção da rede e das relações dos destinatários. Contudo, não podemos deixar de apontar que a correspondência apenas reflete parte da rede com que um indivíduo se relaciona. Não recolhe as relações com aqueles que pela sua proximidade geográfica

não se escrevem, embora muitas vezes venham indiretamente refletidos nas cartas. Não obstante, a correspondência epistolar é fulcral para o estudo das relações articuladas nas redes sociais, fora dos círculos locais.

Como aludimos, o conjunto epistolar inicia em 1888, quando o Abade tinha 23 anos e terminava os estudos eclesiásticos em Bragança. A sua meninice e vida familiar é, destarte, lacunar neste conjunto epistolar. Muitos eventos relevantes no seu percurso biográfico são registados no conjunto epistolar mais expressivamente, através quer de um maior número de missivas, quer na própria extensão dos textos. Se a edição das *Memórias* originou diversas missivas, a defesa do bispo D. José Alves de Mariz, que lhe causou alguns dissabores na sua rede de amizades, deixa-nos registo em diversos documentos.

Com Abel Salazar trocou uma parca, mas intensa relação epistolar. Três cartas cuja extensão e densidade constituem exemplos paradigmáticos. A este assunto regressaremos nos capítulos subsequentes.

Regista-se igualmente a sua fugaz passagem pela vida política, enquanto vereador regenerador da Câmara de Bragança em 1908. Em 1925 é aposentado como Reitor de Baçal e toma posse como Diretor do Museu, evento que se materializa em diversas epístolas. Todavia, é o ano de 1935 que nos apresenta um maior n.º de missivas (185), precisamente o ano em que lhe prestaram uma homenagem, como já referenciámos.

2.4. Os locais

A análise da rede dos locais de origem deste vasto cartear, demonstra-nos que o Abade ultrapassou a “marginalidade”, estabelecendo amplos contactos no todo nacional e também a nível internacional. Percebemos bem que o Abade superou, desse modo, as limitações físicas de personalidade regional, para assumir uma dimensão nacional.

A geografia dos correspondentes dá-nos uma ideia muito clara desse facto. Os locais de emissão das cartas fornecem-nos e completam, desta maneira, um guia de leitura para o estudo da rede social, cultural e científica. A densidade dos locais desenha-nos uma geografia de relevância. Lisboa, Porto e Coimbra são cidades que nos surgem com uma acentuada densidade de envios. Muitos outros testemunham uma considerável diversidade, correspondendo a uma assinalável dispersão geográfica, que vai desde as aldeias do distrito de Bragança, às cidades de grande parte do País e a algumas cidades estrangeiras.

Apresentamos de seguida a tabela com os locais com maior representatividade no conjunto documental.

Tabela 2. Distribuição da correspondência pelos principais locais de envio

Local	N.º de Cartas
Lisboa	841
Bragança	503
Porto	338
Coimbra	141
Braga	50
Vinhais	50
Carviçais	48
Argozelo	45
Vimioso	45
Mogadouro	43
Vila Nova de Foz Côa	43
Torre de Moncorvo	41
Chaves	39
Peso da Régua	37
Vila do Conde	34
Bouçoais	32
Viana do Castelo	30
Tuizelo	28
Viseu	27
Palácios	25
Edral	24
Lamego	22

Local	N.º de Cartas
Angra do Heroísmo	22
Mirandela	20
Roma	20

Como dissemos, os locais de origem das missivas não se situam apenas no plano nacional. Países da Europa são espaços presentes nesta geografia dos carteiros. Em regra, não se escreve a quem é da mesma terra. A carta é assim substituta da presença corpórea, sendo frequente nas pessoas que se ausentam. A ausência intensifica a reafirmação dos afetos, e acaba por enriquecer a demonstração e expressão desse sentimento.

Outras geografias recheiam estes documentos, dando-lhe densidade na expressão de sentimentos, como nas mensagens de Abel Salazar. Por sua vez, a evocação de terras longínquas, o meridiano onde se situa a aventura geográfica, política, humanitária, religiosa, científica, ganha outra dimensão naqueles que cruzaram fronteiras. A título de exemplo indicam-se as mensagens do exílio de Monsenhor José de Castro, quando escreve sobre o paradoxo da terra madrastra coercitiva, as maravilhas das outras regiões e a insustentável saudade da Pátria.

2.5. Materialidade e estrutura discursiva das cartas

Apesar deste estudo não se incluir no domínio da “História da Cultura Escrita”, para caracterizarmos o conjunto epistolar, sinteticamente, observámos a sua materialidade, os artefactos utilizados na escrita, o contexto de escrita, e situámos, de forma breve, a “representação discursiva da escrita e da leitura enquanto práticas rituais” (Pontes, 2018, p. 64):

Os elementos referenciados remetem-nos para o ambiente da criação da correspondência e as fórmulas encontradas para a comunicação. Como escreve Andréa Rocha:

A carta é um meio de comunicar por escrito com o semelhante. Compartilhado por todos os homens, quer sejam ou não escritores, corresponde a uma necessidade profunda do ser humano. Comunicar não implica apenas uma intenção noticiosa: significa ainda «pôr em comum», «comungar». Escreve-se, pois, ou para não estar só, ou para não deixar só. Lição de fraternidade, onde as palavras substituem os atos ou os gestos, vale no plano afetivo como no plano espiritual, e participa, embrionária ou pujantemente, do mecanismo íntimo da literatura-dádiva generosa e apelo desesperado, em simultâneo.

A contextura literária da carta é um fator que se sobrepõe a esse elemento primordial. Nem sempre, de resto, coincide com o facto de provir da pena dum literato profissional. Há grandes artistas que são epistológrafos medíocres, há outros que são, cumulativamente, excelentes carteiros. Inversamente, há gente que nunca pensou dedicar-se às belas-letras, e consegue, no entanto, transmitir numa forma muito próxima da literatura os sentimentos que experimenta. A solicitação imediata da admiração, da revolta, da amizade ou da afronta solta a pena mais perra, e revela dotes literários em quem menos se esperava. (Rocha, 2013, p. 13)

As soluções encontradas para comunicar dependem, em grande parte, das aptidões e domínio da escrita e do nível do conhecimento da cultura escrita, estabelecendo-se relações entre o escrevente, a cultura e classe a que pertence. Revelam similarmente o que há de aspetos comuns, quer relativamente aos temas que adiante se desenvolverão, quer na estrutura do texto.

O primeiro olhar sobre o epistolário centrámo-lo na materialidade, as propriedades para linguísticas dos textos: suporte, disposição do texto, a utilização da página, os utensílios, a tinta, etc. Os elementos decorativos da carta, o *post-scriptum*, o local na folha ocupado

pelo nome do destinatário, a assinatura, os sublinhados, as rasuras, os poemas, os espaços em branco, os envelopes, foram também tidos em conta. Tomando em consideração Marquilha (2011) e corroborando a autora, considerar estas propriedades dos textos escritos amplifica o estudo das finalidades e sentido do discurso.

A carta privada representa a manifestação de maior tradição e estabilidade e a principal forma de comunicação entre as pessoas, desde as classes altas à gente comum. Armando Petrucci refere que nos últimos 5000 anos na sociedade do mundo mediterrâneo e na Europa Ocidental, sempre existiu correspondência (2006, p. 93). À medida que avançamos nos tempos modernos, assistimos ao intensificar da atividade epistolar. Petrucci diz-nos que na longa duração se algo caracteriza a carta enquanto atividade é a sua estrutura e estabilidade. Se por um lado a carta comunica um ponto de vista individual, “um percurso de vida singular”, usa formas de expressão advindas das convenções para a escrita destes documentos veiculados no espaço público, originando semelhanças, o que permite analisar continuidades e descontinuidades (Pontes, 2018, p. 85).

Na Idade Moderna, consolida-se uma sociedade epistolar (Castilho Gómez, 2011, p. 29), muito estimulada pela alfabetização e pela ampla produção de manuais e impressos. A presença desses manuais epistolares corrobora a ampla difusão da correspondência e a extensão social da prática epistolar ao longo da Época Contemporânea, acompanhado pelo crescimento do alfabetismo, apesar de lento, proporcionado pela escola pública e pelas bibliotecas (Sierra Blas, 2003).

Neste contexto, é importante considerar os avanços da indústria papeleira. Foi nessa época que o bilhete postal foi criado e o seu uso intensificado.

As migrações, serviço militar obrigatório, conflitos bélicos, incrementaram o desenvolvimento da epistolografia. A necessidade de comunicar das classes subalternas e a burocracia do Estado conduziram igualmente ao crescimento da correspondência, multiplicando-se os profissionais da escrita.

A forma era reconhecida e imitada, quer através dos manuais, quer através das missivas recebidas, sendo que a estrutura destas se organizava em torno de três elementos

principais: “introdução, corpo da carta e despedida”. Já mencionamos que todos os signos inscritos numa carta estão imbuídos de sentido: o endereçamento, corpo, despedida, assinatura, pontuação, anexos, e todos os elementos materiais e forma do texto, evidenciando o grau de domínio sobre as convenções epistolares, revelando a posição numa determinada estrutura social.

Na segunda metade do século XVII assistimos a um incremento das publicações de manuais epistolares. Com a finalidade de auxiliar os que não dominavam as técnicas epistolográficas, definiam as regras para se escrever corretamente e integravam modelos de cartas.

Antonio de Torquemada, em 1574, no *Manual de escribientes*, estabeleceu regras do bom desempenho do ofício de escrevente. Jean Puget de la Serre, em 1640, em *Le secrétaire à la mode*, inventaria os diversos tipos de carta e apresenta modelos do género epistolar. Por sua vez, em 1684, François publica *Secrétaire à la mode réformé*. Em 1845, J. I. Roquette publica em Paris o *Código do bom tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. O volume, para além de incluir a apologia das regras do bem viver, dedica o capítulo 13 às missivas. Nesse capítulo expressa conceitos sobre a arte da epistolografia. Contudo, e apesar da proliferação de manuais epistolares, como nos escreve Roger Chartier (1991, p. 116), estes manuais não terão sido usados pelos leitores populares. É nesta época que surgem escritores públicos que tinham como ofício redigir para pessoas sem instrução (Vasconcellos, 2008, pp. 5-6). Todavia, adquiri-los era uma “espécie de enobrecimento cultural”.

Os diferentes formatos correspondem às diferentes funções e objetivos ao longo do tempo. Por outro lado, estes documentos epistolares representam a memória gráfica dos correspondentes, remetendo-nos, desta forma, para as desigualdades sociais e diferentes níveis de acesso ao uso da escrita²².

²² Sobre a historiografia relativa à epistolografia, cf.: Cruz Medina, V. (2005). Missivas mensajeras: La carta de la Edad Moderna en la historiografía española. *Revista de Historiografía*, II(3) 48-54; Martín Baños, P. (2006). La carta en el Renacimiento y el Barroco. Guía bibliográfica. *Cuadernos De Historia Moderna*, 187-201; Sierra Blas, V. (2005). Olvidos epistolares: luces y sombras en la epistolografia contemporânea. *Revista de Historiografía*, II(3) 55-68.

Os tratados e formulários apresentavam instruções e casos práticos conforme o pretendido, tendo em conta a função social pretendida e o destinatário. Neles era expresso que a carta devia ser de papel de qualidade, limpo, pautado e direito, apresentar rubrica, e selo quando adequado.

Era igualmente importante a administração dos espaços em branco na parte superior e a margem esquerda, proporcional à solenidade e condição da pessoa a quem se destinava. A página e o texto deviam estabelecer uma disposição harmónica e elegância gráfica.

A letra devia ser tranquila, de bom tamanho, bonita, regular, clara, oferecendo uma fácil leitura (Sas, 1819, p. 48). Habitualmente, gente letrada, mais treinada, tinha uma escrita cursiva, pequena, disposta de forma ordenada e regular sobre o fólio, com os sinais de pontuação adequados, abreviaturas e nexos mais visíveis. Os testemunhos epistolares de gente comum, de pessoas pouco alfabetizadas, revelam conseqüentemente alguma inabilidade de escrita, apresentando módulos de letra grande, mais esboçada que escrita, desequilíbrio do pautado, incorreta união ou separação de palavras, discurso contínuo sem sinais de pontuação, etc. Como já expressámos, em todos estes elementos se descobrem traços sociais e de níveis de literacia de quem escrevia.

O discurso, a forma, o suporte material, sofreram mudanças pontuais, inscrevendo apenas algumas inovações que em certos momentos se deram nas práticas epistolares.

O papel de carta, o envelope, o selo e o bilhete-postal articulam aspetos fundamentais de uma nova materialidade do escrito epistolar (Petrucchi, 2008, pp. 129-146). Alguns destes novos produtos simplificaram a escrita epistolar (protocolo epistolar) que no início não foram bem aceites pelas gentes de letras. Surge também o papel de luto e os cartões de pêsames (Petrucchi, 2008, pp. 161-163).

No tocante às cartas recebidas pelo Abade, a diversidade de emoções, factos, situações e pensamentos refletidos no conjunto epistolar, materializam-se numa ordem textual com relativa estabilidade, mantendo poucas alterações na sua formulação inicial, expressos em alguns tratados da época clássica até aos nossos dias.

A data surge habitualmente ao cimo da primeira página, geralmente por extenso, acompanhada pela indicação da localidade onde é escrita.

Constatámos que a fórmula inicial é muito semelhante, mostrando pequenas variações. A saudação, ou seja, a forma como se dirigem ao Abade, denota o grau de proximidade, o meio social e o nível de instrução.

Depois da saudação, habitualmente, dá-se nota da boa saúde, invocando a Graça de Deus. Confirma-se a receção da mensagem a que se responde. Termina-se com “um abraço”, consoante a intimidade, muitas vezes é registado já nas margens. Na generalidade, a assinatura encerra a missiva, contudo existem documentos com recados depois da assinatura.

Os escreventes revelam, na sua maioria, dominar o ofício da escrita: a utilização da página, a estrutura e disposição do texto, o suporte material (papel, utensílios e tinta). Revelam, também, dominar as fórmulas habituais de escrever, adaptando, à sua maneira, as fórmulas dos manuais. Contudo, observamos que quanto maior escolaridade menos rigidez apresentam nas fórmulas. Muitos correspondentes eram intelectuais e, como acentua Rita Marquilhas (2011, pp. 5-6), por vezes, as formas linguísticas utilizadas na carta assemelham-se com os do diálogo falado, criando a sensação de proximidade.

De referir que a escrita emotiva colmata a ausência de elementos no diálogo como os recursos fonéticos e emotivos presentes na oralidade, ou a modulação da voz, os gestos e olhar. Nos escreventes desta rede, se letras existem bem desenhadas, que nos permitem uma fácil leitura, outras há com alguns erros e rigidez formal, de quem está pouco habituado e familiarizado com a escrita.

A diversidade de autores, a diversidade de fins, a diversidade de escrita e de conteúdos, dependendo dos grupos, assumem semelhanças, respondendo, assim, a necessidades semelhantes. Assim, a escrita é determinada pelos conteúdos e intenção e motivo, como, similarmente, pelos diferentes graus de literacia que os correspondentes apresentam.

Estas observações admitem matizes. A maior ou menor habilidade de escrita não dependia apenas da posição na escala social, dependia igualmente da saúde e da idade.

A nível de cores do papel utilizado como suporte, constatámos que a paleta de cores não é muito diversificada: situa-se nos brancos, cremes e cinzas com gradações mais ou menos acentuadas, os cinzas e pontualmente algumas coloridas entre o azul carregado e o amarelo igualmente proeminente, oferecendo-nos algumas pinceladas em tons de azul e amarelo. Temos presente que à medida em que se avança no séc. XIX, aumenta o surtido de papéis para a escrita epistolar, surgindo papéis pautados, raiados e quadriculares. Os papéis de fantasia eram usados, fundamentalmente, para correspondência amorosa e de amizade. A suavidade de cores e simplicidade era um conselho reiterado nos manuais epistolares.

Observamos que o formato mais usado é o A5, sendo que a sequência da escrita nem sempre é regular, sobretudo nas cartas que apresentam esta configuração²³. A grande maioria apresenta-se com o formato in-fóliodobrado em dois. Escritos geralmente em quartilhas. Papéis tamanho quarto, dispostos verticalmente, dando lugar a espaços de escrita mais estreitos. De relevar que este formato se converteu no formato de excelência (papel dobrado). O tamanho usual das cartas do epistolário é de 21 cm de altura e 14 cm de largura. Na correspondência oficial emprega-se, por regra, a folha simples. A relativa uniformidade do suporte e elementos decorativos é quebrada pelos anexos, fotos, convites e por alguns postais e cartões de boas festas, imprimindo algum colorido, onde os desenhos se nos apresentam.

Como referimos, na sua maioria, as cartas estão datadas e assinadas, se bem que existem algumas sem esses elementos e outras onde a escrita surge pouco nítida, não nos sendo possível datar, nem identificar os correspondentes e os assuntos tratados. Há igualmente mensagens incompreensíveis, quer pelo tipo de letra, quer pelo suporte estar materialmente danificadas (rasgadas ou manchadas), ou por serem escritas em tinta permanente, o que originou a degradação do suporte.

²³ A inexistência de numeração das páginas torna a leitura das cartas mais morosa, no sentido de decifrar a ordem das folhas.

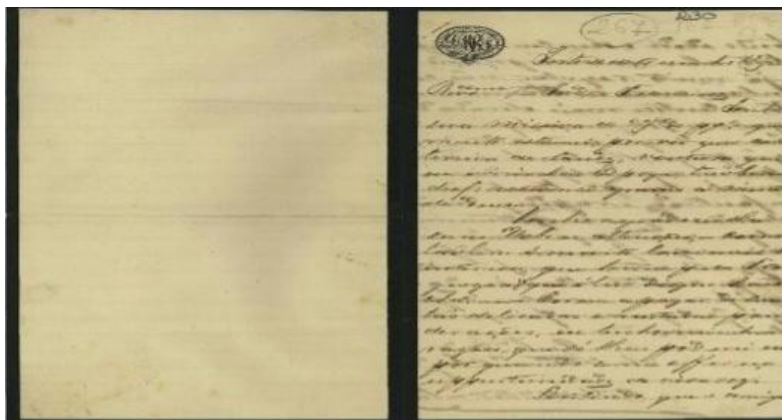
A mancha do texto apresenta alguma diversidade. Em muitas cartas, as margens são preenchidas com texto contínuo até ao fim da página disposto, por vezes, perpendicularmente às linhas do papel, ocupando, a totalidade dos espaços vazios, evitando outra folha, mais peso e, naturalmente, mais selos.

Na quase totalidade as cartas são manuscritas, pontuam raros documentos dactilografados, sobretudo os de carácter oficial. Mensagens sublinhadas transmitem-nos o acentuar de determinados temas e dão um colorido ao texto. Os documentos com linhas a lápis revelam a preocupação em escrever de uma forma retilínea. As tintas usadas são predominantemente de cor azul e preto e os documentos escritos a tinta permanente.

A escrita epistolar, como temos vindo a referir, constituindo-se uma experiência íntima e solitária, transmite-nos, por vezes, estados de alma, saúde, idade, etc., que se refletem na escrita. No que lhe refere, apresentam-se-nos missivas com escritas firmes que nos transmitem segurança de quem as escreve, e outras existem com escrita que nos surge hesitante, insegura.

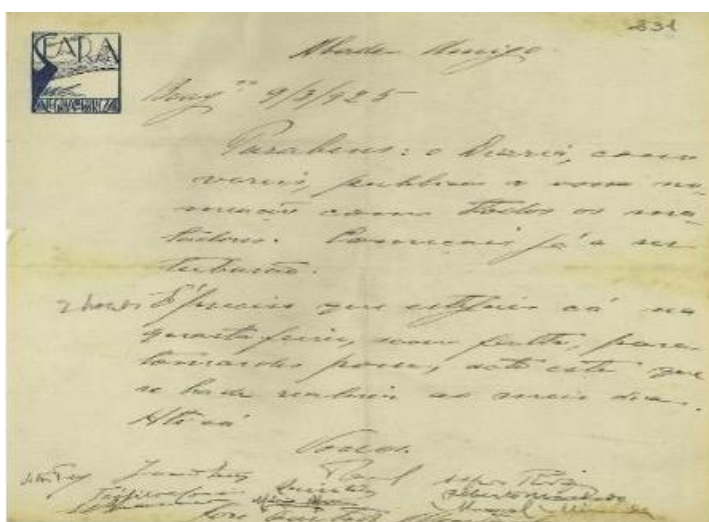
Pontuam, esporadicamente, documentos escritos em papel timbrado, que vão desde as firmas comerciais, a academias, a empresas familiares e brasões de família. Alguns particulares de distintas condições sociais também os usavam, permitindo dar melhor clareza ao nome. Como nos refere Tallafigo (2000) o papel timbrado adaptou-se essencialmente a partir de finais do séc. XIX. Colocado no canto superior esquerdo, sendo a sua impressão paralela ao desenvolvimento das técnicas de impressão (pp. 215-216).

Figura 4. Carta de luto com monograma



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Figura 5. Carta com timbre



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Quanto à distribuição do conjunto documental por tipologias, a maioria é constituída por cartas, o que facilmente se compreende. Os bilhetes-postais apresentam-se em número expressivo no conjunto documental. Nestes a escrita era menos privada, assim como nos cartões, postais, telegramas e boas festas.

Figura 6. Cartão de boas festas



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Os anos de 1910 a 1920 foram considerados a “idade de ouro do postal” (Riego Amézaga, 2010). Cartões de visita foram usados pelas elites desde o séc. XVIII, para felicitar e marcar encontros. O postal propriamente dito surgiu na segunda metade de oitocentos. Podiam circular com menos custos e, depois da Revolução de 5 de Outubro de 1910, levavam impresso na parte superior o texto “República Portuguesa”.

Os postais ilustrados, segundo Nelson Schapochnik, representam um convite à viagem e uma prenda delicada para aqueles que estão distantes. Além disso, como representação visual de ideias e afetos, eles são frequentemente testemunhos de vínculos afetivos, o que os torna uma fonte valiosa para o estudo da vida privada. As mensagens, textos breves, pequenos poemas ou meditações no verso permitem avaliar a importância dos rituais da vida privada, como aniversários, Natal e Páscoa. É possível acompanhar através das fórmulas da linguagem mais ou menos polidas a interiorização das regras de cortesia e etiqueta, reconstruir as estratégias da sedução amorosa e as expressões do afeto e da amizade entre parentes e amigos, perceber a dor da distância e os apelos a lugares

distantes, entre tantos outros aspectos concretos que essa fonte permite elucidar (Vaquinhas, 2011, pp. 461-462).

Figura 7. Bilhete-postal



Apresentamos a seguir a distribuição das missivas pelos diversos tipos de suporte que encontramos.

Tabela 3. Distribuição da correspondência por tipos de suporte

Tipologia	N.º
Carta	2984
Bilhete Carta	1
Bilhete Postal	720
Bilhete Postal Ilustrado	6
Cartão	375
Cartão de visita	452
Circular	12
Telegrama	96
Convite	5

2.6. A rede de correspondentes

Tornou-se comum o uso da noção de rede de intelectuais para se referir aos laços que esses profissionais estabelecem entre si em encontros pessoais, viagens, correspondência, conferências, congressos e associações culturais, políticas, publicações, revistas, relações de mestre e discípulo e outros meios que permitem conexões para além dos limites impostos por categorias sociais e genealogia (Olivares, 2017, p. 177). Ao enfatizar as relações subjacentes no mundo dos intelectuais, é possível resgatar a importância de figuras e textos marginais na construção das obras intelectuais (Olivares, 2017, p. 177).

Desta forma, ao construir essa rede através destes documentos, conseguimos ler as trajetórias de figuras menores através das cartas que se ligam com o seu tempo, participando na criação e difusão de uma história de Trás-os-Montes no início do séc. XX.

No que lhe concerne, não é possível estudar o intelectual Abade, como sujeito criativo, enquanto solitário, com uma escrita solitária, antes como um indivíduo inscrito em circuitos e conexões sociais, que lhe conferem uma dimensão coletiva partilhada no fazer histórico. É nos grupos e relações sociais que adquire recursos para os seus objetivos e aspirações, e assimila valores e ideias. Cria uma rede dinâmica, rede de amigos e intelectuais de muitas latitudes, provenientes de diversos campos culturais.

Conseguimos assim estudar o papel que têm figuras menores, na configuração da história do Abade. Foi também por intermédio desta rede que a sua marginalidade e periferia foi relativa. Com efeito, no nosso entender, a carta foi para o Abade o meio privilegiado do seu relacionamento intelectual.

Não deixamos de ter em consideração que a análise das redes sociais circunscrita com base apenas na mais densa e evidente rede²⁴ de relações é redutora e não permite analisar toda a sua amplitude e complexidade.

²⁴ O conceito de rede social tem sido usado de uma forma polissémica por parte dos historiadores. Vários trabalhos usam o conceito ao procederem à análise qualitativa das relações pessoais, referindo-se às inter-relações no âmbito de um sistema social. Os sociólogos que se debruçam sobre a análise de redes consideram insuficiente esta abordagem. Apesar de insuficiente, não deixa de ser útil, desde que

Deve ter-se em conta todos os intervenientes. A metodologia não pode partir da definição *a priori* da rede social. É necessário trabalhar a rede como confronto de conexões entre atores e interações efetivas que se produzem num determinado tempo. Deve observar-se da forma mais completa possível o conjunto de interações entre indivíduos para detetar como se articulam, desde os mais *vinculados* e densos até aos mais ocasionais (Beunza & Ruiz, 2011, pp. 103-106).

Como já mencionámos, a correspondência é uma fonte de primeira magnitude para o estudo das relações interpessoais, redes sociais e elites. Transporta informação privilegiada para a construção de redes egocentradas. Permite a execução de um trabalho qualitativo, tendo por base os conteúdos das relações entre os atores sociais e o que se veicula através delas (informação, ideias, influência, etc.), as funções de cada vínculo, os valores e a evolução ao longo dos tempos (Beunza & Ruiz, 2011, p. 104).

A mensagem e primeira imagem que as cartas nos transmitem são aclaradas quando colocadas no sistema relacional (rede), permitindo uma melhor compreensão dos textos e das suas circunstâncias.

No conjunto de interações sociais materializadas pelos correspondentes temos a presença de indivíduos que estão relacionados habitualmente entre si e os que entram em contacto de forma ocasional, ou excecional. Ocorre, qualquer que seja a natureza do vínculo (parentesco, amizade, profissional, afinidade, clientelismo) e quaisquer que sejam os valores das relações, desde a cooperação ao conflito²⁵.

Mesmo sem procedermos a um estudo aprofundado destas redes, através dos fluxos epistolares nas interações, detetamos os grupos e subgrupos presentes, os atores mais próximos, fortemente conectados; os que atuam como pontes entre grupos nominais

não se considere rede como algo com uma formação social definida, mas como sinónimo de grupo que evolui, se ramifica, conquista espaços de poder (Beunza & Ruiz, 2011, pp. 175-214).

²⁵ A inclusão de todos os indivíduos conectados com os correspondentes é importante para perceber a forma de articulação social. Para tratar de assuntos com o recetor, cada correspondente fala de outras pessoas, na maior parte dos casos, conhecidos de ambos. Alguns presentes na rede epistolar, outros não. Cada correspondente tem a sua própria rede de relações (apenas percebemos a que está ligada com o recetor). Por meio dos correspondentes chegam notícias de terceiras pessoas, pedem-se favores, circulam bens e serviços, articulam-se ações de diversa índole. Assim, esta rede é aberta.

(família, parentesco, amizade) na interação efetiva entre atores e os que se correspondem pontualmente²⁶.

A rede é também o conjunto de indivíduos conectados de um modo ou de outro por interações efetivas produzidas num dado momento. De características mutáveis, variando de um momento para o outro. Se indivíduos interatuam mais constantemente, num período mais amplo, em diversos assuntos, outros são ocasionais e apenas num tempo mais curto.

Observamos em presença a durabilidade vs. variabilidade. O acompanhamento da correspondência epistolar no tempo permite observar a evolução da rede e relações.

A rede de correspondentes estudadas apresenta estatutos sociais muito diversificados, desde um Presidente do Conselho de Ministros (António de Oliveira Salazar); bispos (D. António Ferreira Gomes, D. José Alves de Mariz), sacerdotes, intelectuais, políticos, estudantes, artistas (Abel Salazar, Alberto Sousa), arqueólogos, historiadores, comerciantes, agricultores, empresários, advogados, militares, escritores, governadores civis, heraldistas, professores, antropólogos, jornalistas, etc. Uns comunicam intensamente, permitindo observar a polivalência das suas dinâmicas, sendo este um tema que analisaremos mais adiante, quando abordarmos as temáticas²⁷.

Extratámos do *Anexo 3* a lista de correspondentes mais constantes, que apresentamos a seguir, ordenados pelo volume epistológico.

Tabela 4. Distribuição da correspondência por correspondente

Correspondente	N.º Cartas
Francisco de Moura Coutinho	161
José Leite de Vasconcelos	139
Raúl Manuel Teixeira	97
Ernesto Augusto Pereira de Sales	76
José Silvério Campos H. Andrade	58
José Augusto Tavares	57
Domingos Augusto de Miranda Ferreira Deusdado	58
João da Cruz Teixeira	54

²⁶ Para isso ocorrer é necessário proceder à análise qualitativa dos conteúdos e das suas interações (Beunza & Ruiz, 2011, pp. 175-214).

²⁷ Como temos vindo a referir, o trabalho sistemático com a correspondência não é simples, requer tempo e metodologia específica. Usou-se esta fonte, com frequência, de forma superficial e periódica. Dessa forma, essas abordagens não servem para a análise de redes sociais. Para isso requer-se a análise da correspondência do indivíduo com o conjunto dos seus correspondentes.

Correspondente	N.º Cartas
Alfredo da Fonseca Menéres	45
Firmino Augusto Martins	46
Casimiro Henriques de Morais Machado	45
Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior	45
José Miranda Lopes	45
Abílio Augusto de Madureira Beça	43
João José Pereira Vaz Guedes de Morais de Abreu e Sarmento	42
António Augusto Esteves Mendes Correia	41
Salvador Nunes Teixeira	40
José António Furtado Montanha	37
Maria Ermelinda Ferreira	37
Óscar de Pratt	35
Domingos B. Videira	33
João Vaz d'Amorim	31
José Augusto Ferreira	32
Albino dos Santos Pereira Lopo	28
José António de Castro	30
Manuel António da Ressurreição Fernandes	27
Pedro Vitorino	26
António Augusto da Rocha Peixoto	25
João Maria de Araújo Correia	24
António Neto	23
Eugénio do Valle Teixeira	23
Fortunato de Almeida	23
Miguel Maria Leal de Mariz	23
Torquato Brochado de Sousa Soares	23
Beatriz Arnaut	23
Álvaro Valdez	21
Câmara Municipal de Vimioso	21
Francisco de Barros Ferreira Cabral Teixeira Homem	21
José Maria Cordeiro de Sousa	21
Alípio José Alves Morais	20
Francisco Manuel Alves	21
António Maria Mourinho	19
Cândida Florinda Ferreira	18
Domingos Manuel Rodrigues de Sá	17
José Alfredo de Magalhães	1
Adelino Ramos	18
Eugénio de Freitas	18
Joaquim de Mariz	18
Abílio Augusto Vaz das Neves	16
António Manuel dos Santos Vila	16
Armando dos Santos Pinto Pereira	17
Fidelino de Sousa de Figueiredo	17
Daniel José Rodrigues	15
António Augusto Pires Quintela	15
Constantino da Fontoura Madureira Guedes	15
Francisco Miranda da Costa Lobo	15
José Cardoso Figueira	15
António Maria de Sousa Sardinha	13
Manuel Bernardo Pires	16
Manuel de Mello Sampaio	13
António Augusto Gonçalves Braga	13
António Henrique de Figueiredo Sarmento	13
Cláudio Basto	13
João do Nascimento Pires	14
Eduardo de Figueiredo	12

Correspondente	N.º Cartas
Francisco Augusto Martins de Carvalho	13
João Baptista Vilarés	12
José Manuel Landeiro	12
Júlio de Carvalho Vasques	12
Adrião Martins Amado	12
António Vaz Pereira	11
Artur Alberto Camacho Lopes Cardoso	11
Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares	11
José Benedito Fernandes Lageira	11
Manuel António Monteiro	11
Mário Augusto de Vasconcelos Cardoso	11

Como temos vindo a referir, a informação da correspondência é de uma grande riqueza qualitativa. Revela a pluralidade das suas dimensões, as solidariedades, as tensões e conflitos. As relações surgem, desse modo, com os conteúdos. Evidenciam-se os papéis, as funções que desempenham os indivíduos. Observa-se o “capital relacional”, a sua utilização, as funções de mediação, a ação e a mobilização dos atores. A veiculação da informação, a circulação de favores, o poder de influência, as relações com as instituições e a transferência de bens e serviços (Beunza & Ruiz, 2011, p. 109).

Revelam, da mesma forma, o significado que os próprios atores dão às suas relações “economia moral”. Expressam os valores, novas ideias com que estes atuam e se relacionam entre si. Descubrem-nos a diversidade de conteúdos dessas relações, bem como as dinâmicas individuais e coletivas dos grupos de atores relacionados. Isto é, na ação real, as redes de relações com a variedade de dimensões em que os atores se movem e com os processos históricos em que participam: sentimentos, ideias, circulação, relações de poder, conflitos e solidariedades universais e culturais e ideológicas, construção sociopolítica, etc. (Beunza & Ruiz, 2011, p. 109).

Captámos como se utilizam as amizades e relações profissionais e afinidades políticas para conseguir os recursos em favor dos seus interesses. A estrutura das redes sociais pode propiciar capital social e dar origem a benefícios tanto públicos como privados. Estes e outros exemplos levam-nos a ver a importância das redes sociais para captar recursos fora da comunidade. Desenvolveremos estes temas nos capítulos subsequentes.

São evidentes as influências de Abílio Beça no sentido de o Abade Baçal ser constituído pároco na sua terra natal, pagando-lhe com alguns favores políticos. Raul Teixeira

mobiliza os artistas para procederem a doações ao Museu. Montanha gere financeiramente a edição das *Memórias*.

As relações afetivas ganham centralidade e influência na rede de relações duradouras, orientando a direção do grupo relativamente a outras relações menos efetivas.

O conflito de um indivíduo com elementos do núcleo mais denso e unido da rede leva à expulsão do grupo e privação da sua solidariedade. Assiste-se também às conexões de determinadas redes entre os territórios periféricos e centralidade política.

Para a análise da realidade social, colocamos em ação os conceitos de densidade de “laços fortes e laços frágeis”. Conseguimos perceber um núcleo mais denso de amigos que se conhecem entre si e cooperam ativamente, alimentando interesses comuns e um conjunto de relações ocasionais e periféricas. Escrevem com mais frequência e regularidade, trocam favores, informação privilegiada, serviços, investigação, financiamentos, recomendações a terceiros. Os laços fortes apresentam-se como o motor, neste núcleo principal alguns exercem o papel de conectores.

Por meio de epístolas cruzadas a uns e outros conectam-se entre si, mobilizam e promovem a cooperação. De este modo contribuem para gerar núcleos com centralidade e capacidade de obter resultados efetivos, apesar da separação geográfica.

Fora deste contexto denso, outros indivíduos estabelecem relações mais abertas e os sinais, espaços sociais mais heterogêneos, apresentam-se muito variados com segmentos sociais e institucionais muito diversos. Amizades estudantis, eclesiásticas, etc.²⁸.

Podemos concluir que, apesar do nosso trabalho não se inserir no estudo de redes, como temos vindo a observar, a construção e análise de uma rede egocentrada procura a perceção global e quantitativa de um conjunto de atores que interatuam num determinado momento e do conjunto de assuntos e esferas e territórios em jogo. Permite calcular o parâmetro de conetividade de uma rede (densidade, centralidade,

²⁸ Apesar da utilização intensiva da correspondência epistolar para uma análise qualitativa das relações pessoais ter muitas potencialidades, encontra limitações quando queremos ter uma perceção mais completa e segura de uma rede de relações mais ampla, onde intervêm centenas de pessoas, com assuntos muito diversos, em diferentes territórios.

dispersão, mediação), possibilita comparar a estrutura de diferentes redes sociais, e futuramente o esboçar e representar graficamente da estrutura da rede e as suas partes.

Constitui-se, deste modo, num instrumento para melhorar a análise qualitativa, permitindo ver coisas que de outro modo não veríamos com tanta clareza.

A percepção mais ampla e segura do conjunto de interações e a pluralidade dos seus conteúdos permite um melhor entendimento. A análise qualitativa e a “Network Analysis” alcançam melhores resultados quando se complementam mutuamente (Beunza & Ruiz, 2011, pp. 175-214).

Capítulo 3 Os assuntos

Caracterizado formalmente o epistolário no capítulo anterior, neste capítulo e subsequentes procederemos à análise dos assuntos corporizados nas epístolas. Caracterizámos os assuntos ou temas recorrendo à análise de conteúdo — técnica que se baseia na leitura e análise como instrumento de recolha de informação. No que a este aspeto diz respeito, a leitura exige-se sistemática, objetiva, replicável e válida, como já aludimos no capítulo sobre a metodologia.

Combinámos a observação e a produção de dados com a interpretação e a análise de dados. Sempre que nos foi possível, à interpretação direta do conteúdo associámos o seu conteúdo latente, simbólico. Estes dois sentidos, analisados à luz do contexto de produção documental, possibilitam a captação mais completa dos múltiplos significados de um texto (Abela, 2002, p. 2).

A análise de conteúdo, enquanto método e técnica de análise, encontra-se na fronteira com outras técnicas, como a análise linguística, documental, textual, de discurso e semiótica. Se a análise linguística observa as regras de funcionamento da língua, a análise de conteúdo trabalha a prática da língua. Enquanto o analista linguístico apenas se ocupa das formas e da sua distribuição, o analista de conteúdo tem em conta fundamentalmente os significados latentes e profundos. Por sua vez, a análise do conjunto documental, e o seu conjunto de operações, representa o conteúdo de uma forma díspar da original, de modo a facilitar a consulta em estudos posteriores, pois o documentalista atua fundamentalmente sobre os documentos, e o analista de conteúdo sobre as mensagens comunicativas. A análise documental faz-se essencialmente através da classificação e indexação, sendo que a análise categorial temática configura uma entre as várias técnicas de análise de conteúdo (Abela, 2002, pp. 9-10).

Assim, o objetivo da análise documental é a representação da informação para o seu armazenamento e posterior pesquisa. Já a análise de conteúdo estabelece inferências e explicações da realidade por intermédio das mensagens comunicativas, técnicas que usamos neste estudo.

Enquanto a análise de discurso faz referências fundamentalmente ao ato conversacional, e aos processos estruturais de intenção em que se produzem. Persegue similarmente como a análise de conteúdo, a procura última do sentido do texto.

Por último, a análise semiótica ocupa-se do significado dos textos como a análise do conteúdo, mas através dos signos.

Apesar das especificidades, estas técnicas podem usar-se exclusivamente ou de uma forma combinada e complementar (Abela, 2002, p. 9).

Tendo por base o exposto, podemos assumir que, globalmente, no nosso trabalho cruzámos a análise documental com a análise de conteúdo. Apesar de o conteúdo dos documentos ter sido interpretado de uma forma direta, sempre que possível, teve-se em conta o contexto na captura do significado do texto. Como temos enfatizado, qualquer análise de conteúdo deve realizar-se em relação com o contexto dos dados, ou seja, o significado de um ato deve situar-se no contexto social, político e cultural da situação em que ocorreu.

As “regras” explicitadas foram aplicadas de uma forma sistemática a todas as unidades de análise. Na segunda fase do tratamento documental procedemos à catalogação sumária e categorização por assuntos/temas, conforme o quadro apresentado. Os dados recolhidos foram organizados, transpostos e apresentados no Anexo 2 — *Índice temático de assuntos da correspondência recebida pelo Pe. Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal)*.

A catalogação, elaborada a partir da análise do conteúdo de cada documento (cada missiva, constituiu-se numa unidade de observação, onde se procurou um significado, como temos vindo a expressar), exigiu a familiarização prévia com as diversas caligrafias. O estudo da biografia dos correspondentes e do recetor facilitou-nos a identificação de uma série de temas que se nos apresentaram como relevantes e nos permitiram caracterizar as missivas.

Uma primeira listagem destas categorias construiu-se a partir desta primeira abordagem.

À medida que avançávamos neste trabalho, íamos afinando, alterando, retificando as categorias, estabelecendo, assim, um trabalho dinâmico entre dados e categorias. Categorias principais foram divididas em categorias mais específicas. De referir que em cada unidade de análise estabelecemos a categoria principal e, quando justificado, outra categoria.

Depois de todos os documentos estarem classificadas, os conteúdos reunidos por semelhanças, prosseguimos com a segunda etapa, revisão, verificação e avaliação dos padrões identificados. Como já declaramos não aplicamos a exclusividade de critérios, uma carta poderia ter mais que um tema/significado, permitindo uma descrição e análise mais ampla.

Tabela 5. Índice de assuntos

Índice de assuntos
AGRADECIMENTOS
AGREMIÇÕES
AGRICULTURA
AMIZADE
ANGARIAÇÃO DE ACERVO
ARQUEOLOGIA
ARQUIVOS
ARTES PLÁSTICAS
BIBLIOGRAFIA
BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA ABADE
BOAS FESTAS
CANCIONEIRO
COMEMORAÇÕES
CONCURSOS PAROQUIAIS
CONDOLÊNCIAS
CONGRESSOS/CONFERÊNCIAS/EXPOSIÇÕES
CUMPRIMENTOS
EDIÇÕES
EDIÇÕES ABADE
EPIGRAFIA
ETIMOLOGIA
FELICITAÇÕES DE ANIVERSÁRIO
FINANÇAS
FORAIS
GENEALOGIAS
GRUPO DE AMIGOS DOS MONUMENTOS E OBRAS DE ARTE DE BRAGANÇA
HERÁLDICA
HOMENAGENS
HOMENAGENS ABADE
IMPrensa
IMPrensa, artigos Abade
INDÚSTRIAS POPULARES
INVESTIGAÇÕES

Índice de assuntos
JUDEUS
LINGUAGEM POPULAR
MANUSCRITOS
MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICO-HISTÓRICAS DO DISTRITO DE BRAGANÇA
MUSEU ABADE TAVARES
MUSEU ETNOLÓGICO
MUSEU MUNICIPAL DE BRAGANÇA
MUSEU MUNICIPAL DO PORTO
MUSEU REGIONAL DE BRAGANÇA
MUSEU REGIONAL DE CHAVES
MUSEUS
NUMISMÁTICA
PATRIMÓNIO/RESTAURO
PESSOAL
TOPONÍMIA
USOS E COSTUMES
VIDA POLÍTICA
VIDA RELIGIOSA
VIDA SOCIAL, protocolo
VISITAS ABADE
VISITAS ESTUDO

A *posteriori* pudemos definir duas grandes áreas para melhor inteligibilidade e agrupamento das categorias: pessoal, vida privada (onde incluímos assuntos como a doença e saúde, saudade, amizade, os pedidos, família, vida na comunidade, as criadas de servir, lazer e divertimento, devoções, atitude perante a morte, finanças, atividades agrícolas, etc.). Uma segunda área, com atividades mais de carácter público, onde abordamos a vida sacerdotal, política e intelectual.

3.1. “A vida privada” nas cartas

Face ao atrás referido, abordamos agora, no domínio da vida privada e pessoal, os eixos semânticos que mais representatividade têm nos textos epistolares. Frisamos novamente as dificuldades em diferenciar o domínio público do privado na produção documental dos arquivos pessoais, conforme abordado no capítulo sobre o enquadramento teórico-metodológico.

Sobre o conceito “Vida Privada”, Irene Vaquinhas afirma:

O mesmo princípio da inviolabilidade se aplica à correspondência e ao domicílio, afirmando-se que “a casa de todo o português é para ele um asilo” (...). Da linguagem simbólica do texto constitucional infere-se a sacralização do espaço doméstico, fazendo-o absorver a ancestral tradição religiosa do “direito de asilo” do cristianismo medieval, incorporação que vai ao encontro das reflexões de Benjamim Constant, para quem a vida privada era uma “espécie de refúgio” à margem da vida pública, como atrás se referiu. A casa é o domínio privado, por excelência, o fundamento material da família, pilar da ordem social. (Vaquinhas, 2011, p. 13)

Incluímos assim neste capítulo a correspondência que nos fala de temas de índole privada. Observamos o que acontece no ambiente doméstico, a rotina do quotidiano, como saúde e doença, família, património, agricultura, alimentação, vestuário, devoção, oração, sentimentos e saudade. Cartas onde sentimentos, afetos, valores sociais, com um elevado grau de intimidade, se expressam mais livremente.

Para Irene Vaquinhas a noção burguesa de vida privada está ainda associada, no imaginário oitocentista, à expressão dos sentimentos, fundamento da coesão familiar, sendo entendida como o lugar por excelência da materialização dos afetos, base da felicidade individual, enquanto se considera a vida pública controlada pela razão (Vaquinhas, 2011, p. 8).

Sobre os arquivos privados e a vida privada observa-nos ainda a autora:

Como captar o silêncio, o íntimo, as nuances dos afectos, o que não se diz e permanece oculto? Como aceder aos monólogos interiores, às orações, aos medos, aos desejos e aos sonhos da vida futura? Que documentos interrogar? Os arquivos privados são raros e socialmente bem determinados. Os arquivos públicos, em particular, as tradicionais fontes políticas ou administrativas, são omissas ou lacunares sobre o tema, excepto no que concerne ao debate ideológico

sobre a instituição da família, considerada o epicentro da vida privada e a unidade primária da vida social e afetiva. (Vaquinhas, 2011, p. 9)

A mesma autora, ainda sobre a separação entre vida privada e pública, refere:

Em rigor, a vida privada define-se por oposição à vida pública, identificando “aquela que se passa em particular”, ou seja, distingue-se por aquilo que a separa dos órgãos formais do aparelho político-administrativo do Estado e de tudo o que denuncia uma relação com a coisa pública, sejam bens, valores ou o exercício de uma actividade profissional. (Vaquinhas, 2011, p. 11)

De que nos falam então estas missivas neste domínio da “vida privada”?

Apontam-nos uma multiplicidade de assuntos, interligados ou não, enquadrados por emoções e valores que nos transportam para um tempo social e afetivo dos correspondentes e do recetor. Textos frequentemente com uma escrita íntima, por vezes de grande ingenuidade e sinceridade por quem os escreve. Encontrámos, numa outra dimensão, os anseios, as confissões, as inquietações e a falta da presença do outro. Sofrimento, doença, miséria, dor, conflito, revolta, mágoa, raiva, desilusão, o desespero, o abandono e a solidão, o amor, a amizade, a adoração e estima, saudade, compaixão, a caridade, gratidão, transformam-se em emoções propulsoras da escrita; adquirem forma num grande número de textos, através da voz dos escreventes que as percorre. Sentimentos estes que impulsionam o discurso e lhe conferem uma particular vivacidade.

3.2. A ausência e o esquecimento: “Meu Caro Ami.º Não acho desculpa plausível para o teu longo silêncio”.

As cartas frequentemente tematizam o sofrimento provocado pela ausência das trocas epistolares, sendo o discurso centrado no abandono, isolamento e solidão. Enunciados existem que manifestam expressiva e sentidamente a falta de quem está longe. Assim, a saudade é um sentimento que acompanha a escrita de diversos correspondentes, estando presente com grande frequência. Reduzir a distância, diminuir a solidão e o isolamento são motivações expressas por inúmeras missivas, sentimentos dicotômicos que se materializam na dor pelo esquecimento, tristeza que contrasta com a alegria quando são rececionadas as missivas. Elucidativa desta situação é a carta que a seguir apresentamos do colega sacerdote Alípio José Alves.

Meu caro Robespierre

Uma destas noites sonhei que te tinha abraçado e que nu`um d`estes rasgos de commoção chorava de alegria. Acordei e então realmente deu-me ganas e dilui-me em lágrimas. Tenho esperado ansioso por carta tua, mas nada, nada, apesar de estar em debito. Has de ser sempre o mesmo Robespierre!!²⁹

Os atrasos no correio e extravio das cartas são vivenciados com alguma ansiedade, assumindo representatividade nos textos. Não nos podemos esquecer que se tratava de uma época em que as vias de comunicação eram deficitárias, numa região onde a escassez de vias de comunicação era agudizada pela geografia e pelas condições meteorológicas, provocando atrasos na expedição e receção do correio e muitas vezes perdas e extravios de correspondência³⁰.

Por outro lado, os trabalhos e as doenças, justificavam a ausência e demora das desejadas cartas. Contudo, são as ausências epistolares do Abade e a demora na resposta que mais “melindres” provocam, dando origem a cartas onde é questionado o abandono do

²⁹ MAB/FAAB-Doc. 4838.

³⁰ Uma região, onde o Antigo Regime, do ponto de vista económico, se manteve até ao séc. XX. Região de forte diferenciação entre ricos e pobres, entre os proprietários e camponeses, por um lado e habitantes da cidade e população rural, por outro. É neste contexto de um mundo arcaizante, fortemente hierarquizado, que temos que entender a sociedade e quotidiano da época. A geografia da região, a sua natureza montanhosa e a dificuldade das comunicações agudizavam a situação. Sobre este tema ver: Sousa, F. (2013). *Bragança na época contemporânea (1820-2012)* (vol. I), pp. 71-182. Câmara Municipal de Bragança.

Abade e são pedidas respostas. A expressão da dor do “Querido Abade e Amigo, que os tinha votado ao esquecimento”.

Mencionámos já que a rede de correspondentes é muito diversificada, porém, são, sobretudo, os amigos que nos expressam mais veementemente estes sentimentos.

Não obstante, estas ausências, assumindo a forma da saudade, reforçam as relações e a continuidade da amizade. Assim, por vezes, a ausência dos diálogos epistolares era o tema central das epístolas. Alexandre (?), em 1894, do Porto, escreve um bilhete-postal ao seu amigo Abade, à data a paroquiar em Mairos e expressa “Meu Caro Ami.^o Não acho desculpa plausível para o teu longo silencio”³¹.

Outros, numa escrita que se propõe muito mais como desabafo do que ato comunicativo, escrevem apenas a enviar cumprimentos e um abraço³², para manter vivo este cartear. Da mesma forma, para evitar a quebra do fluxo epistolar, informa-se a mudança de direção, para assim evitar o esquecimento.

O esquecimento a que o Abade os poderia relegar, é uma preocupação recorrente. Henrique Fernandes Tavares lastima que “o meu caro Abade, por um lapso de memória esqueceu o meu nome. Creia que me sinto triste por me ver abandonado por um dos meus melhores amigos...”³³.

O colega e amigo Pe. João da Cruz Teixeira, em 1897, de Edral, questiona o abandono, num tom de mágoa “Caríssimo Robs Es tu aquelle que te dizes meu amigo? És tu aquelle em que punha toda a minha confiança, e deixas-me no esquecimento sem teres bilhete que me dirigir. Ingratatão”³⁴.

O sentimento de ausência podia ser colmatado pelo “retrato”. A fotografia divulgou-se na sociedade burguesa e industrial oitocentista, assumindo o carácter de um processo técnico revolucionário de registo imediato e mecânico da realidade, destinando-se a ser fundamentalmente mostrado no círculo privado dos parentes ou dos amigos mais

³¹ MAB/FAAB-Doc. 3405.

³² MAB/FAAB-Doc. 2401.

³³ MAB/FAAB-Doc. 796.

³⁴ MAB/FAAB-Doc. 2792.

próximos. Formaliza igualmente um novo meio de comunicação à distância, contribuindo para a democratização da imagem, individual ou coletiva. Permite organizar, de forma sistemática, a memória das famílias, alimentando a permanência de uma continuidade visual com o passado ao entrecruzar parentes vivos e mortos, ascendentes e descendentes, acentuando, por esse meio, a coesão social e a pertença a uma comunidade afectiva (Schapochnik, 1998, p. 459).

Figura 8. Retrato do Abade com cerca de 40 anos



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Recorrentemente convocavam a presença do Abade através do pedido do seu retrato. Lemos nas cartas a felicidade de quem recebe a oferta. Era então necessário decidir o local de destaque para o colocar: os mais intimistas decidiam-se pelo quarto; o escritório era a escolha dos que procuravam nessa presença do Abade o estímulo para o trabalho; na sala, em lugar de destaque, com a devida e merecida moldura e autógrafo, era a escolha de outros. Por vezes, manifestavam a pretensão de o incorporar no património da família, determinando que seria para deixar de herança aos filhos, por isso, pediam o retrato autografado, dando continuidade a uma comunidade afectiva.

É o caso do seu amigo Montanha, de tal forma era o valor atribuído ao seu retrato, que lhe remete umas fotografias e expressa:

Mandei hoje umas fotografias, sendo um grupo para ti: o teu retrato para tua irmã e sobrinhos: o outro teu retrato é para mim mas quero-o com a tua dedicatória que o quero deixar aos meus filhos: deves pol-a na frente para se poder vêr, pois no verso ficaria no caixilho. Teu José”³⁵.

No mesmo envelope escreve o Abade com trémula letra:

Do José Montanha a propósito da minha fotografia feita pelo Sucasseau com dedicatória para deixar aos filhos. Mandou duas — uma escrevi a dedicatória, mas fiquei com ela por nesse dia o nervosismo não deixar escrever legivelmente e fiquei com a outra.

Recordemos que seria nesse ano que o Abade viria a falecer.

Semelhantemente, o seu amigo João José Pereira Vaz de Abreu, em 10 de março de 1936, solicita a fotografia que lhe prometera, nos seguintes termos:

Há muito tempo que não tenho noticias suas e, por vezes, bem falta me fazem (...) Dê-me licença que lhe lembre a promessa que me fez quando aqui estive de uma fotografia sua em ponto grande, quando viu o meu interesse em mandar fazer uma ampliação de uma pequena que trago sempre na minha carteira. Lá diz o adágio: “Ao rico não devas e ao pobre não prometas”³⁶.

O Abade cumpriu o adágio e, em 23 de maio do mesmo ano, agradece³⁷:

Recebi a sua carta e a fotografia que agradeço com profundo reconhecimento pela satisfação e honra que nos deu (...) Gosto mais duma pequena que tirou de perfil do que desta e por isso é possível que me resolva a mandar a fazer ampliação da pequena³⁸.

Leite de Vasconcelos, num bilhete-postal, diz que tem o retrato do Abade, uma pintura de Alberto de Sousa, em boa companhia: “tenho no meu quarto, ao lado do P. Vieira e M.el Bernardes, o seu retrato feito pelo Alberto Sousa: está emoldurado em caixilho antigo. Veja que boa companhia!”³⁹.

³⁵ MAB/FAAB-Doc. 1125. A epístola não se encontra datada, apenas temos a seguinte data inscrita no envelope: “17-D-3000 ex. — 20-1-1947”.

³⁶ MAB/FAAB-Doc. 1429.

³⁷ MAB/FAAB-Doc. 1429.

³⁸ MAB/FAAB-Doc. 1325.

³⁹ MAB/FAAB-Doc. 498.

Figura 9. Bilhete-postal de José Leite de Vasconcelos, 11 de novembro de 1916



Fonte: Museu do Abade de Baçal

O colega sacerdote Abel Pires expressa:

Cá estou pois no vosso quarto e na vossa cama. Sem querer sinto-me também archeologo, vejo por aqui tantas coisas antigas”. As teias de aranha que tinhaiis na cabeça foram desterradas para a parede e tecto. O pó foi batido dos in-folios e lá se agglomera, tambem, nas sobreditos. Sois, portanto um homem sem teias e desempoeirado. Assim é como i é! Um dos retratos que tendes sobre a vossa commoda, foi-me preceito limpal-o para o conhecer. Descobri que era a vossa pessôa e dando-me pena do abandono a que foi votado resolvi leval-o para a sala de visitas da minha casa de Bragança onde podereis vel-o no lugar de honra que lhe pertence no dia em que visitardes a minha casa. Assim me antecipo ao vosso ofrecimento, devido ao muito affecto que vos dedico⁴⁰.

⁴⁰ MAB/FAAB-Doc. 306.

3.3. A amizade por carta: “Abraço sem sal” e as confidências: “o assunto que nós sabemos”

As saudades, os “melindres” pela ausência ou demora de notícias, os retratos solicitados, dão forma a diversas faces da amizade que o Abade tanto cultivou ao longo da sua vida.

A amizade era o sentimento que atravessava o conjunto epistolar e lhe conferia um vibrante colorido. Os escreventes não se coíbiam de expor os sentimentos e expressarem verdadeiros hinos de amizade — o elo que os ligava. Claro que falamos dos amigos próximos, íntimos, que ao longo da vida lhe tributaram apoio férreo. Esse grupo era mais vasto do que à partida poderíamos supor. São já sobejamente conhecidos os indefetíveis amigos que o acompanharam ao longo da sua vida. Destacamos o “Teu” Montanha, o Raul, e o Monsenhor José de Castro e Paulo Quintela. Contudo, o conjunto epistolar significa-nos consistentes amizades que não têm sido divulgadas na prolífera bibliografia sobre o Abade. Muitos outros correspondentes escrevem-lhe mensagens de tal intimidade que só aos amigos se enviam.

Figura 10. Cliché de A. Soucasaux, de Barcelos, retratando Raul Teixeira, o Abade e José Montanha, na década de 30



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Dos amigos da meninice e adolescência do Abade, muito pouco recuperamos no epistolário. Nesta escassez assume destaque uma missiva de 9 de abril de 1929, do amigo de infância João Baptista Loureiro:

Tem V. Ex. , ainda hoje presente, a visão bem nítida, d'um quadro lyrico da sua infância...! Uma criança de élite — “meiga, affável e bondosa”, acariciando e protegendo contra a turba (?) impiedosa do rapazio infrene ... outra criança, — humilde, retrahida, sertaneja! É na verdade, um episodio bem sympathico da vida sentimental: e se essa primeira criança, era eu, como diz; sinto ainda a distancia, engrandecer a minh'alma, pelo bem, que então fiz! (...) Os meus condiscípulos de infancia, tomo-os à conta de irmãos, e sinto um prazer imenso, em communicar com eles. Bem haja pois, por me ter avivado, de forma tão lisonjeira, um trecho saudoso da nossa infância!... (...)

Do teu condiscípulo e sempre amigo⁴¹.

Esta missiva era a resposta à oferta da publicação que o Abade lhe tinha enviado e ao “oferecimento” que o Abade lhe escrevera:

Tive, na escola do tio Rito em Bragança, em 1878-79 quando frequentava instrução primaria um condiscípulo — verdadeiro anjo de meiguice e bondade, unico a que o meu natural acanhamento engrandecido ainda pelo meio em que me crei a sertaneja aldeola graçolas — encontrava conforto contra os distrates e graçolas dos restantes condiscípulos. Esse condiscípulo desapareceu em breve e nunca mais tive noticia delle se bem q. no meu espirito a sua imagem se ter radicado, mais e mais n'uma aureola de bondade só dada às almas superiores — A sua imagem doce jamais a esquecerei e sempre a vejo sorridente ao evocar o passado da minha vida. Ultimamente vim a concluir q. esse condiscípulo é o Dr. João Baptista Loureiro, a elle pois os meus votos, a profundeza do meu reconhecimento.

Baçal 14 de maio de 1909 Fr. M. Alves

Puz este offerecimento no Caso de Bragança e resposta aos Críticos -.

O texto que o Abade escreveu ao amigo na dedicatória, 31 anos após terem sido colegas, apresenta-nos um quadro onde ele surge como criança “humilde, retrahida e sertaneja” a ser defendido das “graçolas” dos colegas, pelo “verdadeiro anjo de meiguice e bondade”. Esta imagem que o Abade guardou na memória contrasta com o jovem a quem no Seminário apelidaram de Robespierre pelas suas ideias revolucionárias.

⁴¹ MAB/FAAB-Doc. 4611.

Sobretudo do núcleo “forte” dos amigos, são múltiplas as missivas que nos refletem essa amizade. Quando necessário, todos se mobilizavam para o amigo apoio. Quintela escreve em 18 de agosto de 1944: “Francisco (...) Aqui vai a grande nova: o caso do Raúl foi resolvido (...) isto deve-se exclusivamente ao Trigo Negreiros...”⁴².

Seríamos alguns dos muitos testemunhos de amizade por parte dos colegas de sacerdócio: o colega sacerdote e devotado amigo P. João Teixeira da Cruz dirige-se-lhe com um afável “meu Robs”, terminando com a subscrição “Todo Teu”⁴³, e expressa:

Já tenho vontade de vel-o, bem sabe que sempre tive prazer em contá-lo no número dos meus muito dedicados e bons amigos (...). Está-me a palpar uma coisa! O Pe. João D`Edral toma posse, ou colla-se lá para Junho, e pode ser que o amigo Abade não faltara a essa borracheira que lá vamos apanhar, e por consequência terei então ocasião de abraçar o meu caro am^o.

Em 1918, Abel Pires escreve a lápis no verso da Revista de História, nº 21 e 24, de 1917, do quarto do Abade, na sua casa de Baçal. Só a quem muita intimidade se confere, se oferece o quarto da sua casa.

Meu caro Robs.

Baçal, 4- 2^o-1918

São nove horas da noite. Estou escrevendo deitado na vossa cama, ao acabar de ler um pouco da vossa “Revista de História” n. 24 anno VI; e que encontro admiravelmente bem feita. Estou bastante fatigado. Se orpheu tenta embalar-me nos seus braços, porém não posso conseguir sem vos dizer, por escrito, o que fiz relativamente à vossa carta de hontem (...)⁴⁴.

Por sua vez, Alípio José Alves Morais, de Zeive, responde a missiva do Abade, onde lhe teria confidenciado a solidão que sentia em Mairos, longe da família e da sua terra:

Hoje, porem, impellido pel agradabilissima sensação, que no meu espirito produziram as tuas bellas filosofias, não posso deixar de ir com minhas letras mitigar a d`or que o teu coração exprimenta, nas horrorosas (?) do deserto a que aludes. Compreendo bem quão terrível seja para ti, o isolamento em que vives nessa longínqua freguesia de Mairos; onde me dizem que ha muito (?) e poucas distrações, mas tem paciencia, meu caro, pois é essa a cruz que todos nos está reservada desde o momento em que demos (ou antes nos obrigaram a dar) os

⁴² MAB/FAAB-Doc. 722.

⁴³ MAB/FAAB-Doc. 4611.

⁴⁴ MAB/FAAB-Doc. 687.

primeiros passos para o estado clerical: e portanto a resignação e a coragem sãoas companheiras que devem ir a par de toda esta caranguejola.

(...) Talvez estranhes que eu ainda esteja em casa, quando vos todos já sois parochos, mas tu bem sabes que a minha sentença para a defesa das (?) ainda foi lavrada primeiro que a tua, e se hoje não estou já sendo victima do sofrimento, como tu e muitos outros, é devido a circunstancias que só à vista teexplicarei.

(...) Finalmente concluo pedindo te que não esqueças o teu Prior, que eu também não esqueço o meu querido Robespierre. Recebe do teu amigo Prior não 2.1,2,3,4.....mil abraços⁴⁵.

O mesmo amigo, em 20 de janeiro de 1891, escreve:

Hoje por motivos imprevistos escrevo-te para assim estar prevenido contra o ataque dos inimigos. Esses motivos são os seguintes;-Estou prefeito d`uma sala e já se vê faço cumprir à risca a disciplina d`ahi o odio da parte dos súbditos. Um destes dias houve uma insubordinação contra um dos meus ajudantes na prefeitura e o resultado foi castigo que ferve, ora um deles quis vingar-se e tratou de me comprometer de qualquer modo, para isso foi-me ao baú e roubou-me uns rascunhos a lápis que tu me fizes-te para eu copiar e mandar às Affonsinas da Estacada (...) levou-me uma copia minha; ora eu quero provar que o original nem é meu mem é moderno, que é ahi de 86.

Em nome da amizade que os une pede que confirme que foi o Abade que fez os rascunhos. E termina “Mas que cavalgada eu não ter rasgado o diabo dos papelochos!!”.

Alguns colegas sacerdotes, amigos desde crianças, tinham abraçado a causa missionária e de países longínquos manifestavam a sua amizade e saudade. Em 15 de junho de 1902, Domingos Bernardino Videira escreve de São Tomé:

Encheu-me de prazer a tua carta, que recebi há tempos, mas a que não respondi logo por me achar longe de S. Thomé ... Estou bem de saúde, graças a Deus, mas nem por isso deixo de ter saudades de Portugal (...) Sinto deveras os teus padecimentos, e tanto mais que este sentimento é inspirado na amizade que sempre nos ligou desde crianças.

Recomenda-lhe que tem de tratar da saúde “Não me sejas agarrado à fazenda nem sacrifiques a saúde por causa de comprar mais uma leira”⁴⁶.

⁴⁵ MAB/FAAB-Doc. 4838.

⁴⁶ MAB/FAAB-Doc. 3496.

Identicamente, o colega e amigo Manuel Sebastião Fernandes, de Vargem, em 1908, lamenta a distância a que se encontra o Abade, não o podendo aconselhar, e lamenta o facto de não ter assistido à sua primeira missa:

Perguntas-me como me tenho arranjado não tem sido muito bem, mas cá vamos indo, lutando com muitas dificuldades tudo isto devido ao meu acanhamento de espírito. Vos bem podeis calcular a falta que me tendes feito para me instruir na vida prática falta que no dia da minha primeira missa notei muitíssimo. Era a vossa presença que eu desejava e requeria n'esse dia, mas não era so eu que desejava a vossa presença, mas também toda a minha família⁴⁷.

Figura 11. O Abade na varanda de sua casa



Fonte: Museu do Abade de Baçal

No grupo dos amigos mais próximos destaca-se, epistolarmente, Francisco Moura Coutinho. A sua relação epistolar é de grande intensidade e amplitude cronológica. Os temas tratados são diversos, contudo, a amizade encontra-se de uma forma subliminar sempre presente nas mensagens epistolares. Os desabafos revelam grande intimidade,

⁴⁷ MAB/FAAB-Doc. 3899.

desabafos que só aos amigos se confiam. É num tom de desilusão com a vida que expressa:

Meu amigo, meu querido irmão, Santarém, 18 de set. de 1917. Nem vós calculais a transformação que se operou em mim depois da saída de Bragança. Os pungentíssimos (?) desgostos da m^a vida traziam-me n'uma constante amargura, mas ainda consegui encobri-la (...) Aqui soçobrei de todo e vivo n'um desespero e tanto que receio pela integridade das m^a faculdades mentais e até temo que um acto de desespero me leve a acabar com este fardo de vida que me está tornando tão pezado. Lembram-me as minhas queridas filhas e isso me tem assustado. Mas, meu querido Abade, este meu mal não será também (?) terrível contágio para ellas (?) Um dia que tenha disposição vos contarei a minha vida e vereis então todo o meu sofrimento. Como dedicastes a vossa amizade a um verdadeiro desgraçado.

Continua a escrita, às três horas da manhã, e pede as boas palavras do Abade, a quem quer como irmão, para alívio da sua dor. Desabafa depois os seus problemas e discorre:

São 3 horas, meu Abade, e falta tanto para raiar o dia! (...) Meu amigo pedi a Deus nas vossas orações por mim e dai-me a esmola das vossas boas amigas palavras que me trarão um grande alívio (...) Um abraço, grande e saudoso abraço, meu querido Abade, a quem quero como irmão, mais admirado Vosso mt. dedicado⁴⁸.

Esta amizade que os unia traduzia-se, também, na colaboração na investigação, na descoberta de documentos, no envio de peças para o museu, assim como nas ofertas pessoais. Ao Abade oferecia rapé⁴⁹, café, açúcar, cigarros⁵⁰, castanhas⁵¹, etc. Em 1920, envia-lhe cigarros e pergunta:

A FRANQUEZA JÁ VOS FALTA. Quereis fumar e não tendes cigarros! (...) O que falta em Baçal pode haver em Viseu⁵² (...) Já fallei em 10 Kl de castanhas em Sendim, quando passar o criado podes levá-las⁵³ (...) Se no correio desconfiam que a encomenda tras assucar, não chega cá⁵⁴.

A amizade e a cumplicidade, expressas em cartas de índole privada, deu origem a textos onde eram revelados assuntos do maior sigilo: “O assunto que nós sabemos”, recomendo “objeto da inclusa carta”, pede para remeter a encomenda “o mais oculto

⁴⁸ MAB/FAAB-Doc. 3674.

⁴⁹ MAB/FAAB-Doc. 1754.

⁵⁰ MAB/FAAB-Doc. 1629, 3790.

⁵¹ MAB/FAAB-Doc. 1830.

⁵² MAB/FAAB-Doc. 1629.

⁵³ MAB/FAAB-Doc. 1850.

⁵⁴ MAB/FAAB-Doc. 3789.

possível”, expressões patentes na escrita que nos remetem para a confidencialidade dos assuntos tratados.

As confidências são de diversa índole. Confidenciam-se os desgostos amorosos. O amigo, Alexandre (?), em 19 de agosto de 1894, escreve sobre o namoro de uma prima “amava-a doidamente”, indicando “Se há paixões sinceras e verdadeira a minha era desse número. Imagina qual seria minha decepção quando, depois de fazer os exames, recebo uma carta d’um meu amigo participando-me o próximo casamento d’ella”⁵⁵.

A vida íntima e sexual era escrita através de uma linguagem com referências implícitas, assuntos não ditos, ainda que presentes. Luís escreve sobre intimidade com malícia. Fantasia e sexo proibido, e escreve sobre a atração pelo sexo oposto, com uma linguagem, que seria usada apenas com amigos com quem se tivesse proximidade e a certeza de que não revelaria o conteúdo.

No que lhe diz respeito, a distância fazia com que a correspondência fosse praticamente o único meio para confidências e desabafos para quem estava longe. Assim, desta forma, surge-nos uma missiva com linguagem obscena, com assunto de índole sexual, que não ousam assinar, usando pseudónimo, e solicitam a sua destruição depois da leitura: “Esta carta guarda-a ou queima-a. O teu condiscípulo de Alemão”.

(...) depois disto pergunto o teu modo de vida nesses decantados valles de Chaves... Dis-me já tens Égua. É verdade o que me disseram a respeito do teu rebanho? Isto é, tens boas ovelhas? Tracta-as bem e principalmente as borregas que já não parem...”.

Continua no mesmo tom a falar de alguns colegas. Termina: “Não assigno a carta por recear que a não recebas”⁵⁶.

⁵⁵ MAB/FAAB-Doc. 3389.

⁵⁶ MAB/FAAB-Doc. 3516.

3.4. A doença e a saúde: “Deus não quis que as letras pátrias perdessem um valioso elemento, e os amigos a afetuosa e dedicada amizade vossa”

Estar de boa saúde é sempre uma preocupação manifestada pelos amigos. Pergunta-se pela saúde, bem maior que se preza aos amigos e desejam-se as melhoras nas doenças. Noticiam-se as doenças e acompanham-se com preocupação. Envia-se receitas médicas e aconselham-se curas.

A saúde do Abade era uma preocupação natural dos escreventes. Assim, neste vai e vem de mensagens, conseguimos ter a percepção de algumas enfermidades do Abade através das preocupações manifestadas pelos amigos. Quando o Abade era assolado por uma doença, são múltiplos os documentos a manifestarem a preocupação e outras tantas se seguiam a manifestar o contentamento pela sua recuperação. Temos, assim, conhecimento das diversas doenças de que o Abade sofreu, ao longo deste tempo epistolar.

Sabemos da sua robustez, por ele referida no autorretrato, todavia, doenças houve que preocuparam os amigos. Uma grave pneumonia assolou-o em 1944, facto que deu origem a diversos relatos epistolares de preocupação dos amigos e da satisfação pela recuperação da doença. A sua amiga Ermelinda Ferreira, em maio de 1944, escreve:

Aqui me tendes a apresentar-vos os meus melhores e mais sinceros cumprimentos de felicitações pelas melhoras, dessa importuna doença, que eu, ainda há bem pouco, soube que vos acometeu. Deus não quis que as letras pátrias perdessem um valioso elemento, e os amigos a afetuosa e dedicada amizade vossa⁵⁷.

No que lhe diz respeito, um seu colega teve conhecimento da doença pelo *Mensageiro de Bragança* e imediatamente lhe escreve a manifestar os seus cuidados e as orações que por ele tem feito:

(...) querido Abade é certo que é forte, entretanto convem não abusar (...) Felicito o meu respeitável amigo e colega pelas melhoras e não me esqueci de , durante, este mes, pedir à SS. Mãe Virgem a saúde para Aquele que é (?) sua Glória da Igreja e a mais lidima honra da classe⁵⁸.

⁵⁷ MAB/FAAB-Doc. 2141.

⁵⁸ MAB/FAAB-Doc. 2816.

No mesmo sentido, António Rodrigues, em 20 de abril de 1944, escreve:

(...) em franca convalescença da perigosa doença de que sofreu (...) congratulo-me por esse facto, fazendo os mais sinceros votos para que Deus conserve a sua preciosa vida e saúde que tão abnegadamente tem posto sempre ao serviço da humanidade e da ciência⁵⁹.

Não podemos deixar de referir os cuidados de José Montanha, seu fiel amigo. Perante doença que lhe atacou a vista, carinhosamente recomenda-lhe: “Frade Estimo que estejas melhor (...) Lava os olhos com a água borica, fazendo uso de algodão que irás deitando fora à medida que os fores lavando. Não chegues lá com as mãos. Teu José”⁶⁰.

Não são apenas as doenças do Abade que ocupam este espaço epistolar, as de alguns amigos ocupam igualmente centralidade nesta temática.

Dá-se a má notícia do sofrimento e gravidade da doença do seu amigo Alfredo da Fonseca Menéres. No dia 24 de maio de 1917, apesar de gravemente doente — viria a falecer cerca de um mês depois, escrevia-lhe a dizer: “Foi uma indisposição de estomago, abusei das laranjas (...)”.

Nessa mesma missiva o Abade anotou “Pobre amigo! A reconhecer-se são e, no entanto, a moléstia a progredir, por forma que o matou a 12 de Julho de 1917 ou seja menos de mês e meio depois!!”.

Constatámos que no dia 29 de junho o Abade lhe escreveu uma missiva, contudo, o grave estado de saúde de Alfredo Menéres não lhe permitiu a leitura. Quem lhe vai responder é um outro amigo:

(...) apresso-me a comunicar a V. Ex^a que o Alfredo tem estado gravissimamente doente e está n'este momento entre a vida e a morte.

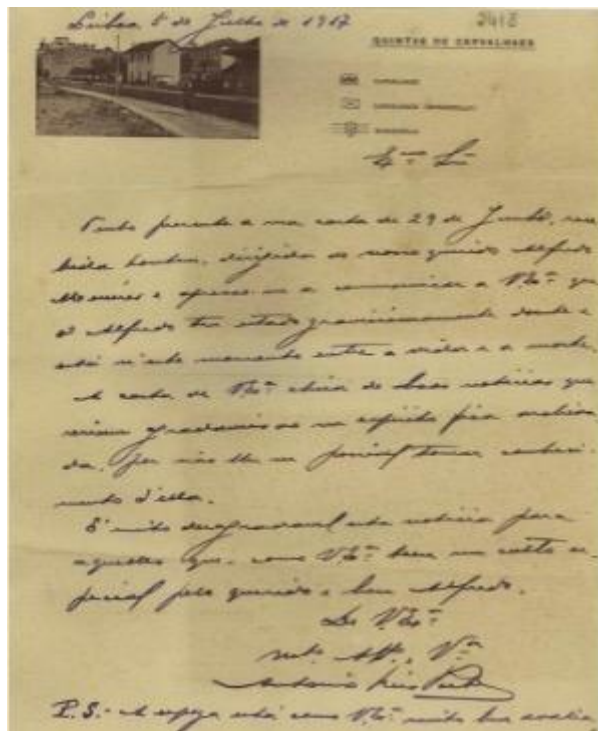
A carta de V. R^a cheia de boas noticias que seriam agradáveis ao seu espírito fica arquivada por não lhe ser possível tomar conhecimento d'ella”.

É muito desagradável esta noticia para aquelles que como V. R^a tem um culto especial pelo querido e bom Alfredo.

⁵⁹ MAB/FAAB-Doc. 3737.

⁶⁰ MAB/FAAB-Doc. 2909.

Figura 12. Carta de Alfredo da Fonseca Menéres, 5 de julho de 1917



Fonte: Museu do Abade Baçal

3.5. As mulheres no universo epistolar: “Devotada admiradora”

Na rede de correspondentes inclui-se, igualmente, o universo feminino, embora em reduzido número (32). Não nos pode surpreender, dada a época em que se inscreve este epistolário e o seu destinatário, que se sinta a falta das vozes femininas, no círculo intelectual e privado, e que os nomes dos autores manuscritos, sejam, na sua grande maioria, do género masculino. Contudo, nas epístolas no feminino, a escrita origina belas missivas, legando-nos mensagens onde os sentimentos de admiração pelo Abade e a amizade proliferam.

Assim, a presença feminina ocupa um singular espaço. Uma presença, em alguns casos, muito expressiva e com alguma continuidade. Neste grupo destacam-se as mulheres de letras. Pretendiam o reconhecimento e apoio do Abade, se bem que, por vezes, ao longo do tempo epistolar, se desenvolvam e consolidem sólidas amizades.

As amizades partiam da esfera intelectual e divergiam para a esfera privada. Ligações que começaram na área intelectual e que muitas vezes abrangiam o campo afetivo e entram em território privado. As cartas transformavam-se, assim, em lugares de sociabilidade deste mundo feminino.

Maria Ermelinda Ferreira⁶¹, professora de Palácios, dá forma na escrita epistolar ao que era uma prática comum em diversos correspondentes: a exaltação das qualidades intelectuais do Abade. Outrossim, deixa-nos cartas repletas de afetuosidade e admiração. Com frequência envia-lhe versos.

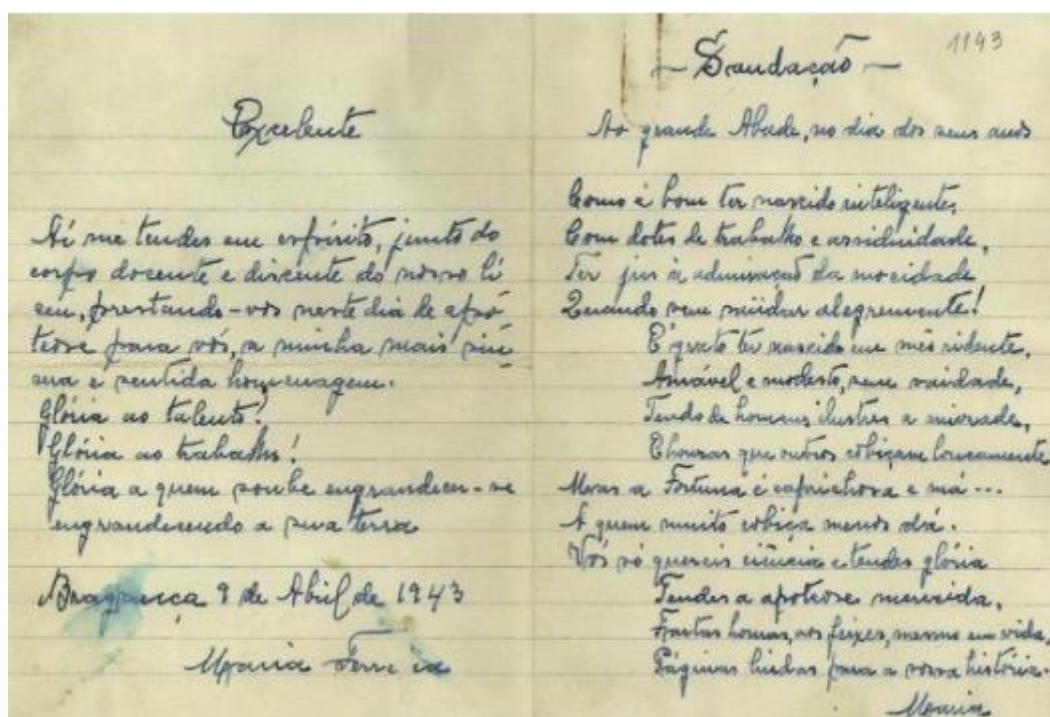
A primeira missiva de um conjunto de 37 é um bilhete-postal do ano de 1905, onde agradece a apreciação que o Abade teria feito sobre um artigo que tinha publicado na *Gazeta*, onde se lê: “Quem me dera merecer o logar (?) veneração em que tão generosamente me colocaes!”⁶².

⁶¹ O Abade escreve: “D. Maria Ermelinda Ferreira, mimosa poetisa e ilustrada professora de Babe” (Alves, vol. II, p. 520).

⁶² MAB/FAAB-Doc. 2935.

Associa-se à homenagem que alunos e professores do liceu lhe prestaram no dia do seu aniversário, em 9 de abril de 1943, como se percebe na carta que se segue, onde lhe dedica versos⁶³.

Figura 13. Carta de Maria Ermelinda Ferreira com versos dedicados ao Abade, 9 de abril de 1943



Fonte: Museu do Abade de Baçal

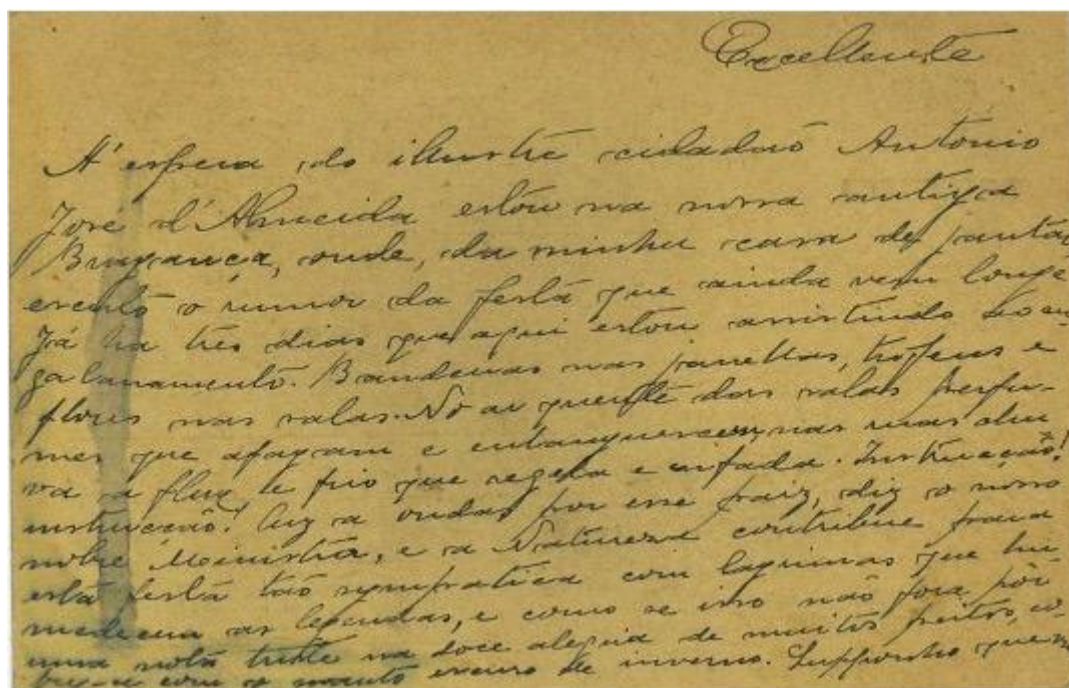
Nos outros documentos demonstra grande admiração pelo Abade, pelo seu talento, trabalho e dedicação à terra onde nasceu, que também é a sua. Acompanha-o no seu percurso científico, felicitando-o pelos trabalhos que vai dando à estampa e pelas condecorações que foi granjeando ao longo desse percurso. Felicita-o nos aniversários e nas festas litúrgicas. Comunica as mortes da família, como a do seu pai, e envia sentimentos pelas mortes da família do Abade. Solicita, identicamente, o apoio do Abade para conseguir algumas benesses a pessoas da sua relação, que sabendo da sua ligação ao Abade a ela se dirigiam com esse fim.

Se vai de viagem, envia postais com as impressões da viagem. Professora de profissão, denota mestria na escrita. Descreve com algum pormenor e sentimento alguns eventos

⁶³ MAB/FAAB-Doc. 1143, 2142, 2143.

políticos, como, por exemplo, a vinda do Ministro António José de Almeida, como se constata no cartão que se segue.

Figura 14. Cartão de Maria Ermelinda Ferreira sobre os preparativos para a receção de António José de Almeida, 15 de maio de 1911



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Exerce, igualmente, o papel de informante, enviando alguns dados solicitados pelo Abade, como, por exemplo, o funcionamento da “máquina de álcool”.

Percebemos que o Abade corresponde a esta amizade e “veneração”, comentando artigos que publica em alguns jornais locais. Agradece esses elogios, condimentando-os com palavras de modéstia referindo as imerecidas palavras. Quando alquebrada pela doença, é ao seu venerando amigo que envia palavras confidentes de sofrimento e desânimo.

Outra correspondente, Beatriz Arnaut, adquire, outrossim, destaque no grupo de mulheres que se correspondem com o Abade. Em papel em tom lilás escreve a primeira carta deste epistolário, datada de 1915, onde dá resposta ao inquérito que o Abade tinha lançado no *Trás-os-Montes*. Envia, para esse fim, a lista dos livros que publicou e da colaboração tida em jornais. Teria sido esta missiva que deu início à relação epistolar, enformada por 21 manuscritos. Outras se seguem onde os interesses culturais adentram

por uma amizade e admiração. Em algumas cartas dirige-se ao Abade com “Exmo. Senhor da minha maior consideração” e termina “Devotada admiradora e conterrânea muito grata”⁶⁴. Ao longo da correspondência vão trocando publicações e agradecimentos. Agradece, “enternecida”, o envio das obras dos “Notáveis”, onde incluiu o seu nome. Apresenta o seu descontentamento por não a ter ido visitar quando foi a Lisboa.

Regista a discordância com as palavras que o Abade lhe terá enviado referentes à homenagem que a Academia das Ciências de Lisboa lhe prestou, alegando que “Todas as homenagens prestadas a V. Excia. engrandecem e dão honra a uma província, pela qual tanto V. Excia. se tem sacrificado num trabalho fatigante para a ver maior”. A certa altura, lamenta a ausência de notícias: “tenho sido deitada a um grande abandono”.

Este cartear termina com o envio de condolências a Cândida Alves pelo falecimento do Abade, em finais de 1947.

Com Cândida Florinda Ferreira⁶⁵ tece uma correspondência onde a partilha de trabalhos intelectuais assume centralidade temática. Da mesma forma, essa partilha ter-se-á transformado em amizade: “Ao meu melhor Amigo e Mestre, agradeço, penhoradíssima a oferta do IX vol. das *Memórias*”⁶⁶.

Acompanha-o nas homenagens, felicitando-o: “Felicit-o sinceramente pela atitude justa e lógica que o país acabou de tomar perante V. Excia. O maior aristocrata da

⁶⁴ MAB/FAAB-Doc. 4875.

⁶⁵ Suzanne Daveau e João Carlos Garcia (2017) em *Baçal Segundo o Seu Abade*, acerca dos primeiros encontros com Orlando Ribeiro e o Abade de Baçal, escrevem: “Quando a partir de 1930, Orlando Ribeiro (1911- 1997) começou a frequentar em Campolide (Lisboa), a casa de José Leite de Vasconcelos (1858-1947), ouviu-lhe falar do amigo, Abade de Baçal. Este contacto indireto ocorreu também através do Professor Manuel Ramos (1862-1931), de quem frequentou em 1930-31 a cadeira de Propedêutica Histórica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ou, ainda, da historiadora feminista Cândida Florinda Ferreira (1893-1978), que morava na rua de S. Marçal, muito perto da casa do jovem geógrafo. Com efeito, esta antiga professora do Ensino Primário, de origem transmontana, ingressou na mesma Faculdade, em 1927, licenciando-se em Ciências Histórico-Geográficas, chegando a prestar aí provas de doutoramento, em janeiro de 1937, mas sem conseguir aprovação”. (pp. 18-19) Referem também em nota que o facto de ela ter aderido ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, em 1934, a sua militância feminista ter-lhe-á sido particularmente adversa. Cândida Ferreira teria sido aluna de Leite de Vasconcelos e de Manuel Ramos e, provavelmente, condiscípula de Orlando Ribeiro.

⁶⁶ MAB/FAAB-Doc. 621.

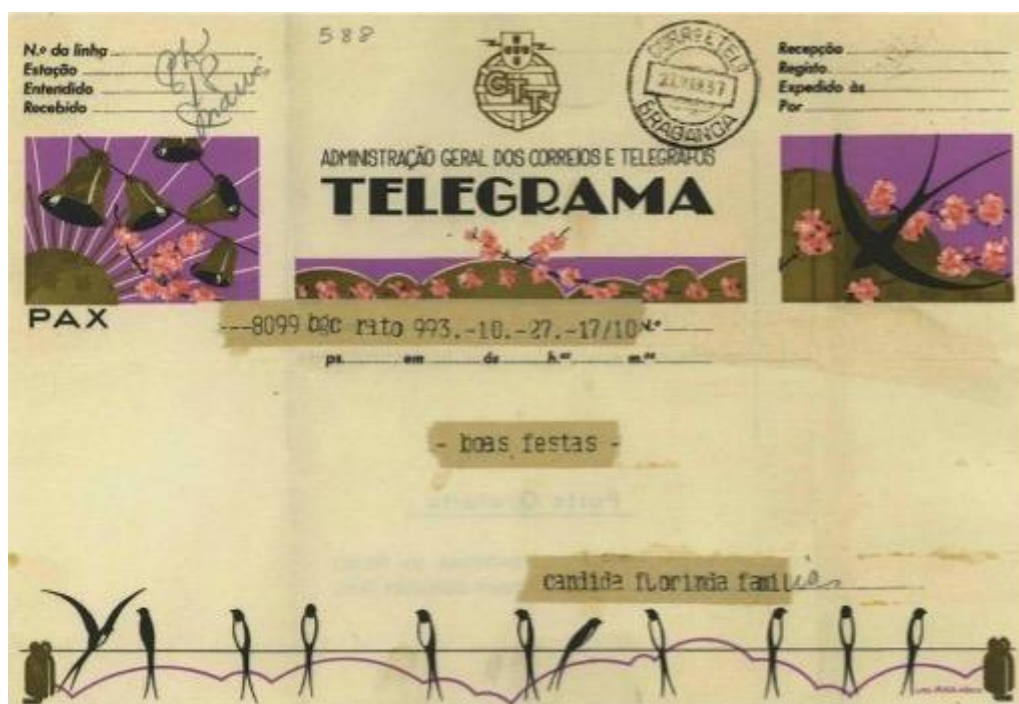
singeleza”⁶⁷. Numa longa carta, expressa: “Agradeço penhoradíssima a sua carta e lamento que mais vezes me não dê suas notícias”.

Na mesma carta convida-o para a nova casa onde vive com os seus pais, e expressa a desilusão com a sociedade da época.

Eu continuo oficialmente, professora primária, sim, nesta época de tanta moralidade, eu poderia desempenhar cargo superior. Continuo nesta situação por que me faltam apenas 3 anos para a reforma. De resto, ralo-me pouco, deixar triunfar a vilanagem⁶⁸.

Agradece as ofertas das publicações do Abade. Dá nota dos seus trabalhos: vai fazer uma palestra no Rádio Club sobre os painéis de São Vicente e pede informação sobre o que o Abade escreveu a esse respeito. Felicita-o pelas homenagens. Envia votos de boas festas pelo Natal.

Figura 15. Telegrama de boas festas de Cândida Florinda Ferreira, 1937



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Felicita-o pelos anos. Convida-o para vir visitá-la a Lisboa. Informa sobre a sua saúde e dos pais, com quem vive. Escreve sobre as saudades da mãe, após a sua morte.

⁶⁷ MAB/FAAB-Doc. 4229.

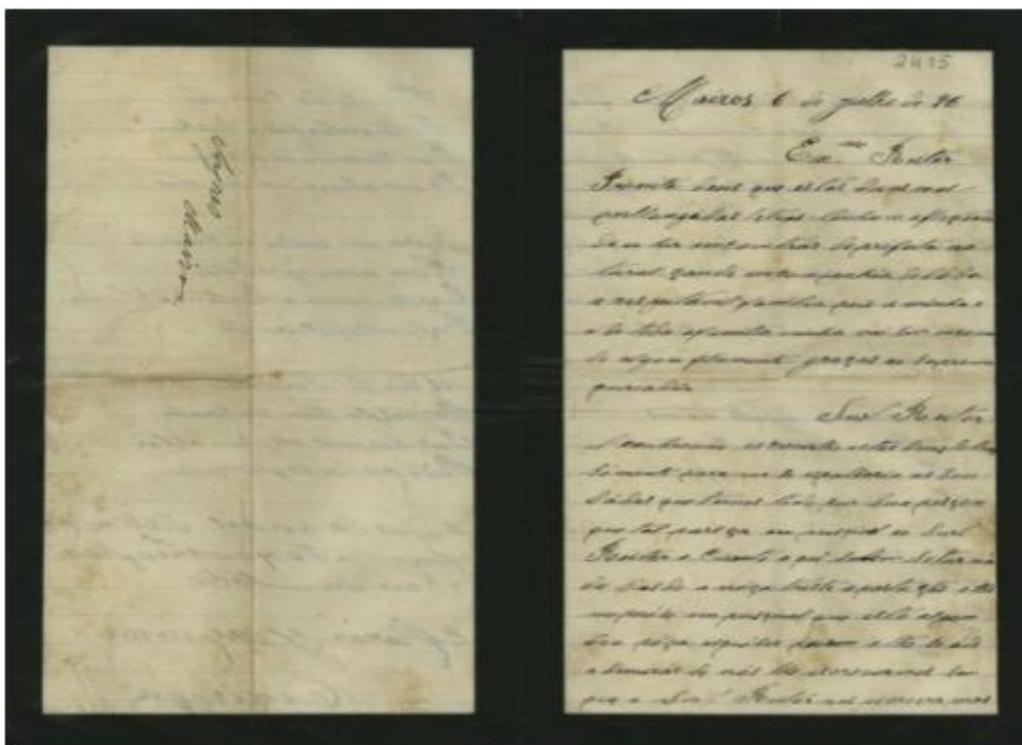
⁶⁸ MAB/FAAB-Doc. 579.

Transmite que lhe adiaram a defesa da tese do doutoramento. Tem dedicado o seu tempo ao seu colégio e biblioteca. Como tem conhecimento que mandou copiar os documentos sobre a seda em Trás-os-Montes no Arquivo Colonial, informa-o que começou esse trabalho há dois anos e só não o terminou porque o trabalho do colégio não lhe permitiu. Todavia, tenciona terminá-lo agora e enviar-lhe-á os documentos. São estes os principais núcleos temáticos abordados nas cartas.

As paroquianas, do mesmo modo, deixaram a sua voz neste círculo epistolar.

Maria Queiroga, paroquiana de Mairos, num documento escrito com grande ingenuidade, expressa as saudades do Abade.

Figura 16. Carta de Maria Queiroga, paroquiana de Mairos, 6 de julho de 1896



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Outros documentos escritos no feminino enviam notas biográficas da família, por vezes dos maridos falecidos, exercendo, igualmente, o papel de informantes.

Maria da Conceição Rodrigues Pires, viúva de João Pires, o seu amigo e assíduo informante de Urrós, agradece os sentimentos enviados pela morte do seu marido, e escreve:

O meu pobre João, árvore sem raiz no meio do deserto, não era, certamente, merecedor da consideração em que V. Excia o julgava e por isso tanto maior é a minha gratidão pela honra que V. Excia se dignou dar à sua humilde pessoa. Era realmente, um grande e dedicado amigo de V. Excia incansável aquisidor de recordações antigas que tinha o maior prazer em oferecer a V. Excia⁶⁹.

Em síntese, podemos assinalar que as questões intelectuais, partilha de publicações, solicitação de informação, comunicação e envio de publicações é tema recorrente, o que nos conduz a um perfil de mulheres letradas. Frequentemente, o início da partilha de investigação dava origem a amizades prolongadas no tempo.

Concluimos este ponto com a posição que o Abade nos deixa relativamente aos direitos da mulher, numa época de grandes preconceitos. Fá-lo quando a Comissão de Homenagem a Regina de Magalhães Quintanilha, transmontana, primeira portuguesa a formar-se em Direito, em 1941, lhe pede a sua participação. Nas cartas no feminino percebemos quanto valorizava o seu trabalho intelectual e as motivava, atitude pouco comum na época, como se constata no documento que a seguir transcrevemos.

Uma transmontana. Quando vi que era uma transmontana — D. Regina de Magalhães Quintanilha — era a primeira portuguesa, que rompendo os preconceitos sociais, conseguia formar-se em Direito (...) estilhaçar os referidos preconceitos arrancando assim à sociedade os direitos devidos à mulher, que negava, fiquei-me a sismar no transmontano de antanho, que se distinguira por ser o primeiro a rasgar na selva o caminho das grandes iniciativas ou a marcar nele o traço inconfundível da sua personalidade.

Versa depois sobre os transmontanos que se destacaram ao longo da História, referindo a perfeita simbiose dos transmontanos com a natureza, estabelecendo paralelismo entre o perfil dos transmontanos com a paisagem.

Perguntei então a mim mesmo se os puros ares destas montanhas bruscas; a grandiosidade destes panoramas naturalistas, que dão ao roble (?) a dureza típica tão diversa da fibra molarenga da rocha e roble de outras terras, não influíram na psicologia desses transmontanos. Fiquei então mais convencido de que devem ter razão quantos cortam a famigerada manta entre os ascendentes de D. Regina de Magalhães Quintanilha que, assim como ela rompeu com o preconceito do mar tenebroso intransponível, assim ela esfrangalhou o preconceito da incapacidade mental da mulher!

⁶⁹ MAB/FAAB-Doc. 4397.

Baçal, 19-3-1941

P. Francisco Manuel Alves

Na minuta escreve:

Vai o que pede. Fui breve para não roubar espaço a quem melhor saiba responder. Agradeço a V. Excia a honra que me deu empregando-me no seu serviço em prol de uma transmontana ilustre, orgulho do meu rincão Bragançano, que há muito venero admiravelmente e ficando ao dispor de V. Ex. deseja-lhe saúde e paz. Francisco Manuel Alves Abade de Baçal.

3.6. Os pedidos: “meter empenho”

A posição social do Abade, o apreço de que era tributário, o seu vasto leque de amigos bem colocados, quer na hierarquia eclesiástica, quer na hierarquia política, conferia-lhe um lugar privilegiado para lhe serem dirigidos pedidos de favores pessoais. Estes pedidos eram de diversa índole e deixaram profícua presença no epistolário.

Deste modo, a “cunha” e o patrocínio marcam presença na correspondência, tornando-o o principal conteúdo de diversas missivas⁷⁰. Presenciamos a cunha associada quase sempre ao emprego e carreira: nomeações e retribuições, recompensas, condecorações para o próprio ou para os seus próximos, familiares e conhecidos.

No que lhe diz respeito, algumas provinham de pessoas muito “humildes”, outras de pares ou até de superiores. Desse modo, pessoas humildes e intelectuais exerciam a ativa tarefa de meter “cunhas”.

Pede-se recompensa para um colega ou amigo, “metem-se cunhas” aos políticos de topo, pedidos vindos de personalidades partidárias que usam essa condição para pedirem lugares, considerados estes como sendo lugares de confiança política. Estas cunhas são reivindicadas em nome da fidelidade partidária: como efetuei isto pelo “nosso” partido tenho direito a ter este lugar ou nomeação. Podemos, assim, referir que assistimos à generalização da “cunha” a todos os níveis sociais como uma prática consentida e aceite.

Observemos, então, como adquirem forma estes pedidos no conjunto documental e o registo de algumas destas práticas.

Muitos eram os pedidos concernentes ao ensino: passagem em exames, a entrada para a faculdade, para o seminário, etc. O Abade conhecia muitos professores e intelectuais influentes que muito o prezavam, facto que o colocava em situação privilegiada, originando o endereçamento de diversos pedidos. Para percebermos a sua diversidade, sucintamente, sinalizamos alguns.

⁷⁰ Numa região marcada pela pobreza e distante dos centros de poder, o Estado, quer a nível central, quer a nível local, era o verdadeiro centro das “cunhas” e a política e os aparelhos partidários o seu principal veículo.

Casimiro Henriques de Moraes Machado pede para interceder por Joaquim Faustino da Silva Calejo, professor que fará exame em Bragança. Henrique João de Barahona Fernandes comunica que o protegido do Abade entrou para medicina. A sua amiga, Maria Ermelinda Ferreira, em 1939, agradece a proteção ao David, que ficou aprovado. Firmino Augusto Martins pede para interceder junto de Norberto Lopes pelo filho de um amigo, José Pires, para entrar na Universidade de Coimbra. Henrique da Cunha Pimentel Vasconcelos solicita a intercessão pelo seu filho que vai fazer exame com Leite de Vasconcelos. Júlio Augusto Afonso remete pedido de José Leite de Vasconcelos para proteger no concurso liceal o Dr. Carlos Alberto Moreira de Remondes. O Pe. João da Cruz Teixeira pede para interceder pelo seu sobrinho nos exames. João Vaz d'Amorim pede-lhe para interceder pela filha de um amigo, aluna do 2.º ano da Escola Industrial. Ricardo Almeida solicita que interceda junto de Daniel Rodrigues, a favor de João Manso, que realizará exame no liceu. Silvino Rodrigues Nóbrega Real roga que interceda junto do Pe. Rocha, júri dos exames de latim. Torquato Brochado de Sousa Soares diz que não se esqueceu de recomendar ao Dr. Ventura e Dr. Lopes de Almeida a D. Carolina Vitória Pires, nos exames.

A preocupação em conseguir trabalho, levou a que muitos pedidos de emprego deixassem o seu sinal no conjunto documental.

Eduardo Augusto Rodrigues solicita que recomende o amigo ao Arq. Baltazar, pois fará concurso de escriturário de 2.ª classe para os Edifícios e Monumentos Nacionais. O pintor Alberto de Sousa agradece o pedido que fez ao Gomes da Silva para a colocação do seu filho.

Francisco José Reis Pêra roga ao Abade que peça ao Dr. Montanha para ele conseguir um trabalho no Banco de Portugal. António de Jesus Coelho pede que recomende o seu irmão, para o concurso do Banco de Portugal, ao seu amigo Moura Coutinho.

António Neto pede que intervenha por uma irmã, professora, tendo em vista a sua colocação.

Bernardo de Bessa Ribeiro relata as dificuldades por que passa e solicita que interceda por ele, escrevendo uma mensagem de recomendação ao Dr. Fernando de Sousa,

diretor do jornal a *Voz*, para conseguir colocação e poder estudar. Ernesto Moura responde ao pedido que o Abade lhe fez para atender ao pedido de um carteiro, de modo a alterar-lhe o local de serviço.

Francisco de Moura Coutinho pede-lhe que interceda perante o Dr. Cagigal de modo a recomendar o sobrinho do P. Castilho para um lugar no banco Sotto-Maior, em Viseu. José A. Martins solicita a intercessão junto do Raul Teixeira para que o seu pai fosse nomeado Delegado do Comissariado do Desemprego em Miranda do Douro. Natália Neto pede que interceda por ela, tendo em vista a sua colocação como professora de labores.

Luís Ferreira Real solicita que interceda por Arthur Teixeira Pissarro, 1.º cabo que lutou contra o Gungunhana, para ser nomeado zelador da câmara.

Como cotejamos, os pedidos vinham dos mais diversos níveis sociais. D. Abílio Augusto Vaz das Neves solicita-lhe apoio para um protegido do arcebispo de Évora e agradece, depois, os cuidados com o referido protegido.

Múltiplas missivas transmitem os pedidos que pretendem que o Abade faça ao superior hierárquico eclesiástico.

O colega, Pe. da Horta, pede para interceder junto do bispo para o deixar ir estudar para Lisboa. António Manuel Gonçalves informa-o que foi suspenso pelo Prelado sem motivo e solicita ao Abade que interceda por ele. António Vaz Pereira pede para interceder pela ordenação do sobrinho, António Pereira, subdiácono, professor de Rio de Onor. António Vaz Pereira transmite que embarca no dia 18, no vapor, em Leixões e solicita que interceda por ele perante o bispo para lhe dar "demissionária", se não será o seu "suicídio lento". Casimiro Henriques de Moraes Machado pede que recomende José António Carneiro ao bispo para poder entrar no seminário de Vinhais. Daniel José Rodrigues solicita intercessão do Abade para internar no seminário, como pobre, o filho do Palmeiro de Sacoias, que luta com extremas dificuldades para se ordenar e, além disso, é "correligionário". Domingos B. Videira pede a intercessão junto do bispo, pois o Patriarca solicitou informações ao bispo e estas foram más, não podendo assim continuar.

José Mendes Pereira Correia pede intercessão ao bispo, para aceitar como seminarista Firmino Augusto Martins, bom aluno, contudo os pais não têm possibilidades. Nicolas Losada Gardon, padre em Pinheiro Novo, roga para que o Abade interceda junto do bispo para poder continuar em Portugal, expressando que "este governo mazónico e carbonário não admite padres estrangeiros". Maria José Gonçalves de Sanfins pede para interceder, perante o bispo, pelo filho de um amigo que faleceu e como estuda no seminário seja isento do pagamento. P.e Vaz Pereira numa mensagem confidencial solicita "Em todos os que lhe tenho dirigido, pedindo que me proteja junto do bispo, tenho ocultado a causa principal da minha insistência caustica. Ei-la agora: Devo ao Conselheiro Abilio Beça a quantia de 150.00 rs que não posso pagar sem ganhar mais alguma coisa..."⁷¹.

Existiam igualmente os "favores políticos".

Abílio Augusto de Madureira Beça informa que poderá dar a notícia ao regedor e família que veio resolvido o recurso relativo à contribuição, e diz que "o caso deu muito trabalho".

Fernanda Guardiola noticia que o pedido feito por ele, acerca da Sra. D. Elisa Augusta Moreno, foi despachado, por atenção muito especial.

A justiça, embora em menor escala, também era um alvo dos pedidos.

Manuel Gomes de Castro, do Porto, pede para interceder perante os Juizes de Bragança no julgamento de um amigo, que considerava inocente.

No leque de pedidos incluímos, num outro *item*, pois de outra natureza se tratava, os que se dirigem à "alma caridosa" do Abade.

Joaquim Domingos da Covilhã expressa o quanto o Abade o ajudou com as suas esmolas. Máximo de Castro Coelho, de Lisboa, apela à sua generosidade, solicitando-lhe caridade, pois encontrava-se sem trabalho. Domingos Ferreira de Matos agradece a "esmola". José Esteves, de Lisboa, artista, descreve a sua miséria e pede apoio ao Abade. João

⁷¹ MAB/FAAB-Doc.1947.

Gonçalo Pacheco Pereira, de Matosinhos, doente, solicita apoio financeiro do Abade para os tratamentos.

Constatámos que os pedidos surgiam de todo o País, denotando que o perfil caritativo do Abade era conhecido.

Alfredo José Rodrigues solicita apoio para enterro. Maria José Gonçalves pede que interceda pelo seu filho, que estuda no seminário, todavia não tem possibilidades económicas para custear as despesas.

José Rosa de Araújo exprime:

Sobre a entrada do Cabo para o Posto Meteorológico: logo que recebi a carta do Sr. Montanha, falei com o diretor e aquele organismo (Tenente José Amado) e, como somos velhos amigos, tudo foi imediatamente tratado. Oficiou ele as autoridades competentes alegando que do Posto eram dados 2 homens e ele só tinha 1. Dias depois, veio a negação sob pretexto de que não havia pessoal disponível, mas que dentro em breve o requerido seria satisfeito⁷².

O pintor Alberto de Sousa, em 1937, escreve:

venho também agradecer-lhe do coração o pedido feito ao Eng. Gomes da Silva para que o meu filho fosse colocado no Porto. Realmente o rapaz viu satisfeito o seu desejo e o meu, e para a próxima semana deve já estar a exercer as suas funções de desenhador das obras públicas para as quais fez concurso publico com boa classificação felizmente (...) Envio saudades à sua (?) casa romana, ao seu enxame de abelhas suas amigas, aos pardais, ao boi da sua lavoura, à paz Virgiliana da sua aldeia!⁷³.

Maria Ermelinda Ferreira apresenta-lhe pedidos e envia versos sobre esse tema. Escreve: “Esteve mesmo agora aqui a Maria do Carmo, de Babe, mãe do preso (...) a implorar a vossa proteção a favor do filho”⁷⁴.

A filantropia do Abade “Alma caridosa” é referida com muita frequência.

Presos da cadeia de Monsanto escrevem-lhe missivas a relatar a sua situação de miséria e a apelar ao seu bom coração.

⁷² MAB/FAAB - Doc. 1546.

⁷³ MAB/FAAB-Doc. 2139.

⁷⁴ MAB/FAAB-Doc. 2141.

Um preso de Carrazeda de Ansiães, a cumprir pena há mais de 18 anos, solicita ao Abade apoio para comprar um agasalho, próximo que está da sua liberdade:

E como me vejo em precárias circunstancia e sem família, que as pessoas de mais amizade Deus nosso senhor chamou a si, dirijome ao meu Revr. Na fé que Deus comova o generoso coração do Revr, para me recorrer com alguma coisinha para ajuda de comprar alguns agasalho para a minha liberdade (...) Desijando-lhe umas festas felizes e um ano cheio de propriedades e a toda a Exma família, licença pede para se assinar Francisco Augusto dos Santos, nº 457 prisão n.º 2, Cadeia de Monsanto. Lisboa⁷⁵.

Manuel Gonçalves, da mesma forma, recluso da cadeia de Monsanto, tendo conhecimento do aniversário dos seus 70 anos, dirige-lhe as felicitações:

(...) no próximo dia 9 do corrente, passa o 70^a aniversario do homem simples e bom, que sem alardes vem há meio século espalhando a luz a bondade e o carinho atreve-se a endereçar-vos os seus parabéns mais sinceros (...) Toma a liberdade de se recomendar, ao coração bondoso de vossa Reverencia, em toda a sua nudez e simplicidade, expondo-vos a sua miséria e suplicando, de todo o coração, um auxilio monetário por insignificante que seja, mas que o ajude a alcançar a liberdade sagrada e lhe permita abraçar quem sabe so pela derradeira vez, uma netinha rosada e traquina que e todo o seu enlevo, a razão da sua vida (...) julgo que são, para vossa Reverencia, desnecessárias palavras pomposas ou frases académicas, pois que a vossa reconhecida modéstia não permitiria lisonjas, bem que merecidíssimas⁷⁶.

Joaquim Domingos envia os pêsames à irmã do Abade, pelo falecimento do Abade:

um bom serçedote era bom conselheiro o mano e para todos os (?) da coçiedade fás falta à pobreza e no seu lugar de servo Deus e do povo (...) que encontre todosos prémios das esmolos e do bem que prestou, neste mundo a pobres e çociedade⁷⁷.

Máximo de Castro Coelho, reportando-se ao seu aniversário, em 1935, felicita-o e escreve:

un pobre operário cristão que me encontro doente, ajá 8 meses e sem puder trabalhar cheio de dores reumáticas posto que a miseria com toudos os seus orrôres, entrou no meu lâr esse, o mutivo, purque apelo para o nobre coração de ouro de V. Ex.^a serto de que serei atendido⁷⁸.

⁷⁵ MAB/FAAB-Doc. 3914.

⁷⁶ MAB/FAAB-Doc. 4822.

⁷⁷ MAB/FAAB-Doc. 4384.

⁷⁸ MAB/FAAB-Doc. 4665.

O Pe. José Gomes Brás, em 7 de janeiro de 1939, de Torre de Moncorvo, comenta e solicita a oferta das *Memórias* dado a "miséria" a que ficou reduzido devido à revolução espanhola:

Sou Professor neste importante colégio da região transmontana, mas formei-me na Espanha em Filosofia e Letras; apanhei em Madrid a revolução espanhola ficando reduzido à maior miséria, pois perdi tudo quanto tinha; só consegui salvar a vida à custa de grandes sacrifícios. Não tenho um só livro. Hoje estou de Professor neste Colégio, mas o pouco que ganho não chega para atender a minha desgraçada mãe, gravemente doente numa cama.

Por isto atrevo-me a dirigir-me a V. Rex ma; cujo nome aprendi a amar em Espanha.

Peço-lhe com toda a minha alma, que tenha a imensa caridade de oferecer-me um exemplar das suas magníficas obras, que eu tanto desejo estudar, pois gosto muitíssimo da Arqueologia: em especial tenho muito interesse em conhecer também a sua magnífica obra "os Judeus".

Tudo espero da grandíssima caridade de V, Ex cia., que saberá atenuar a minha miséria.

Depois dos pedidos, seguiam-se os agradecimentos. Os muitos pedidos que abordámos davam origem a diversas missivas onde era expressa a gratidão. Os agradecimentos são diversos, fruto de diversas circunstâncias que os determinaram, expressos em longas missivas ou, em grande maioria, em simples cartões de visita.

Agradece-se o ter incluído o nome da mãe e da irmã nas *Memórias*⁷⁹, mas também se agradece, simplesmente, as palavras⁸⁰.

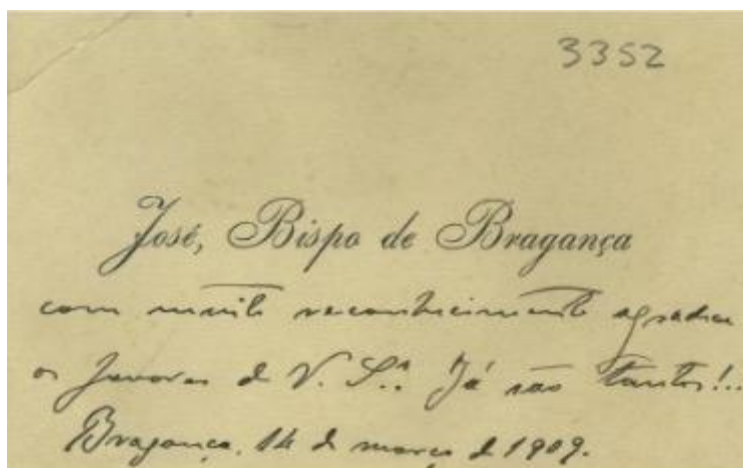
Observemos alguns desses agradecimentos:

O bispo D. José Alves de Mariz agradece os "muitos favores":

⁷⁹ MAB/FAAB-Doc. 542.

⁸⁰ MAB/FAAB-Doc. 3778.

Figura 17. Cartão de agradecimento de D. José Alves de Mariz, 14 de março de 1909



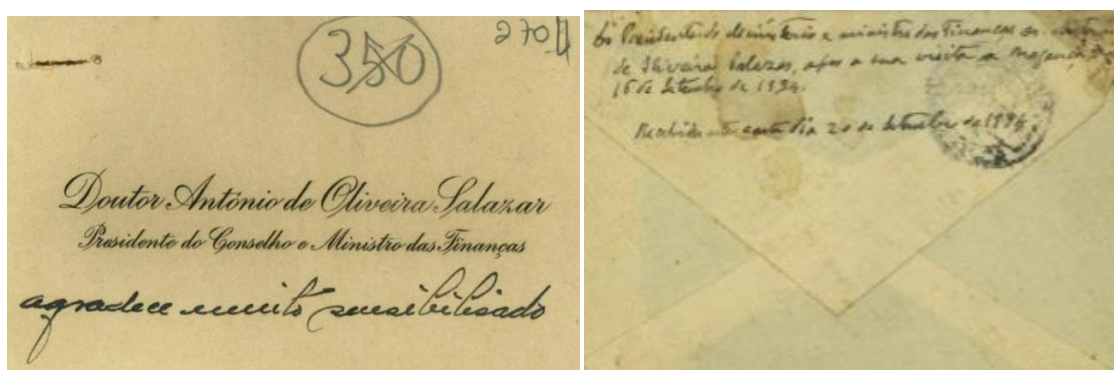
Fonte: Museu do Abade de Baçal

Túlio Vitorino, em 14 de abril de 1933, agradece as amáveis palavras:

Respeitosamente cumprimento V. Ex.^a agradecendo efusivamente as palavras amáveis, e elogiosas que me dizem, e que eu não mereço, bem como a gentileza do convite que V. Ex. as me fazem (...) É natural que apareça por ai em qualquer ocasião pois além do desejo de cumprimentar pessoas que tão bem interpretamo meu sentir. Eu desejaria reproduzir em tela as belezas dessa tão característica cidade⁸¹.

Oliveira Salazar “agradece muito sensibilizado” na sequência de uma visita a Bragança e ao Museu, em 16 de setembro de 1934.

Figura 18. Cartão de agradecimento de António de Oliveira Salazar



Fonte: Museu do Abade de Baçal

⁸¹ MAB/FAAB-Doc. 2776.

Virgílio Correia, em 8 de maio de 1935, agradece as felicitações enviadas pelo seu doutoramento⁸².

Xavier da Cunha, Diretor da Biblioteca Nacional, em 18 de maio de 1945, agradece a "prezadíssima" carta e "a sua gentil aquiescência na remessa do precioso autógrafo por mim solicitado para o meu album Camoniano"⁸³.

⁸² MAB/FAAB-Doc. 2838.

⁸³ MAB/FAAB-Doc. 4708.

3.7. Os conflitos “Azedume da teologia contra a sólida argumentação das ciências positivas”

Temos vindo a referir os temas da amizade, da gratidão, no entanto, as epístolas, similarmemente, falam-nos da outra face da moeda: dos conflitos e das desavenças. O dia a dia também era feito de desencontros e “zangas”, por vezes no seio dos amigos, embora estas, de uma forma geral, fossem passageiras, simples “amuos”. Outras existiam que não chegavam a ser sanadas.

Era na privacidade e confidencialidade do mundo epistolar que se relatavam as desavenças aos amigos e se descreviam com linguagem contundente para atacar os, então, “inimigos”, por vezes, com uma linguagem “crua” e agressiva. O ressentimento transformava-se no motivo propulsor da escrita.

Dependendo da linguagem usada, podemos referir que os conflitos tinham diversas intensidades e eram de diversas índoles.

Por vezes, as zangas com os amigos davam origem a simples “melindres” — amuos de amigos, mas que o tempo sanava: “O sr. Abade já conhece as rabujices do Dr. Raul, que ferve em pouca agua e, por vezes, sem razão para tal. No fundo, porem, é um excelente amigo e cheio de qualidades (...). Agora esta melindrado por o Rev. Abade não ter aparecido em casa d`ele como era seu costume”.

E termina pedindo ao Abade, para por termo ao melindre, e que o fosse visitar quando fosse a Bragança. No envelope o Abade escreve “do Dr. José Salazar a propósito dos anos do Raul”.

Ocorrem, também, diferendos com colegas sacerdotes e com a hierarquia eclesiástica. Nesse tocante, o conflito de maior contundência ocorreu com o bispo Meneses, assunto que desenvolveremos⁸⁴. Existiam, igualmente, intrigas entre sacerdotes que originavam acusações ao Abade⁸⁵.

⁸⁴ MAB/FAAB-Doc. 3459.

⁸⁵ MAB/FAAB-Doc. 4566.

A amizade que unia o Abade a muitos dos escreventes não impediu que alguns desentendimentos, e por vezes questões mais “graves”, ficassem registados nas trocas epistolares.

Raul Teixeira escreve um texto menos abonatório sobre o Abade na imprensa, em 1905. Em sua defesa, Abílio Beça dirigiu-se ao Abade e oferece-lhe a *Gazeta*, jornal do qual era diretor para, caso entendesse, aí usar o direito de resposta:

Regressando d'Alfandega da Fé, só ontem li a atrevidíssima pasquinada d'um garoto petulante e ignaro contra o meu amigo. Felismente que o P.e Jayme Mendes deu ao primo Raul uma correcção salutar.

Mas, talvez o amigo não julgue suficiente se quizer dar-lhe outra com mão de mestre, a *Gazeta* publicará sem restrições o que o amigo quizer⁸⁶.

Figura 19. Carta de Abílio Beça, 4 de maio de 1905



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Ao Abade, por diversas vezes, é concedido o estatuto de mediador de conflitos. A imagem que nos surge no epistolário do seu primo homónimo Francisco Manuel Alves é de alguém que propiciava alguns conflitos e intrigas, que o Abade classifica num envelope de “intrigalhas”.

⁸⁶ MAB/FAAB-Doc. 4765.

Figura 20. Envelope com notas manuscritas do Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Sobre esse assunto, o Abade de S. Martinho D`Angueira, em 1903, escreve:

Sim, colega; já estou reconciliado com o seu duplamente primo co irmão: não lhe responderei, pois, no campo da imprensa, por isso que, apanhado de surpresa por um numeroso grupo de colegas e amigos, a isso me comprometti.

Contudo, adverte “tal reconciliação não é nem podia ser completa, sob pena deeu ser o mais desprezível dos bandalhos”. Compromete-se a não usar de represálias, todavia, adverte que não irá “às funções das suas freguesias e convidal-o ou mandar convidal-o para as da minha...”. Continua a apresentar as razões para o efeito: “Bem o viu nobre colega: elle não só me negou a lisura, a franqueza, a lealdade e gratidão — virtudes que ninguém até hoje me negou, mas até me attribuiu os vícios contrários a ellas!.

Concluiu que todas estas melindrosas questões se justificam pela circunstância do primo pretender a igreja onde ele está a paroquiar, referindo: “Se a alma delle fosse nobre como a do primo!”⁸⁷.

O maior diferendo registado epistolarmente protagonizado pelo Abade foi com D. José Lopes Faria. Numa longa epístola de D. José Lopes Faria, testemunhamos um longo diferendo entre este bispo e o Abade. Começa por justificar o atraso na resposta à missiva que lhe enviara o Abade:

⁸⁷ MAB/FAAB-Doc. 1748.

A somma verdadeiramente excessiva de cuidados e trabalhos que de todo me têm absorvido e quase esgotado”. De seguida apresenta os aumentos do diferendo interpretou mal (bem mal) a minha do outono de 1918”⁸⁸ e continua: “Não é verdade que eu affirmasse que V.^a R.^a ignora a sciência, principalmente tomada esta palavra no sentido restricto em que na carta a que responde, ella é tomada (para significar um determinado ramo da archeologia) Tendo V. Rv.^a falado em tom absolutamente estranhável e ate intolerável num sacerdote cathólico do “azedume da teologia contra a sólida argumentação das sciências positivas”, eu limitei-me a responder em substância, que V. Rv.^a. não tinha autoridade para proferir tal desconcerto, porque conhece mal as sciências teológicas, e não conhece melhor as sciências positivas (que somam muito mais que o aludido ramo da archeologia).

Fallei como Prelado que zela a bôa orientação doutrinal do seu clero, e como amigo, que sou mais do que V. Rev.^a pensa, embora soubesse que ia desagradar no conceito que V. R.^a forma e está falsamente persuadido que todos formam de si (não me leve a mal que lhe falle com mais franqueza do que os inconscientes ou malévolos adutores que tanto mal lhe têm feito) pois para corrigir é que julguei dever falar.

Continua a apresentar os argumentos, contrapondo a sua formação:

E também podia falar como quem tem cultivado aquellas duas categorias de sciências com não menos estimação e amor... já que V. Rv.^a tivera a petulância de me lançar em rosto, num retrato da gazeta que toda a gente podia ler, que eram sem valor certas coisas por mim publicadas no Semiador.

Argumenta, também, que o facto de o Abade ter sido convidado para o Congresso Luso-Espanhol, não testemunha o seu valor científico, como o Abade afirmou.

Diz também que o Abade não apresenta diplomas de membro de sociedades científicas. Continua a apresentar os seus argumentos e a referir os factos que contribuem para que o Abade não possa ser considerado um Arqueólogo, e afirma:

Eu, entre os acheólogos que tenho conhecido, tratei por vezes com um bom homem (que não era o ilustrado Abbade de Tagilde) que morreu com não sei quantas condecorações, membro de não sei quantas sociedades de archeologia e tendo publicado não sei quantos, indigestos livros relativos a esta sciência, que não passava de um curioso (...).

⁸⁸ A carta referida é datada de 13-6-1921. O tempo que medeia outono de 1918, seriam cerca de 3 anos e 4 meses. Ou seja, um período estranhamente longo de resposta. Não localizámos a carta de 1818.

Acrescenta que lamenta “principalmente que tenha reservado tam minguada parte dos seus cuidados para as sciências mais necessárias a um sacerdote”. Contudo, não deixa de se subscrever “Sou com paternal consideração e affecto”⁸⁹.

Constatamos que é fundamentalmente com elementos do clero da diocese que ocorrem as situações de conflito. Em 1937, Guilhermino Alves, seu colega e reitor do Seminário, redigia:

Aqui não se fala mal do Sr. Abade, e eu só me lembro de V. R^a para pedir a Deus que lhe dê muitas Graças... respondo apenas a uma das acusações só por nela andar envolvido o nome de V. R^a.

É absolutamente falso ter eu pronunciado a frase a que V. R^a se refere. Enganaram-no para fins inconfessáveis, mas eu confio na justiça de Deus.

Dias após a homenagem do Abade, o seu primo Francisco Manuel Alves apontava:

Fiz-lhe ver que faziam melhor calarem-se para evitarem Venho saber que fazem perguntas ao Pe Neto do Vimioso se sim ou não se te deviam ter feito a homenagem e não sei que mais. Nada lhe colhi do que pensava responder, e cheio de (?) fiz-lhe ver que de nada te envedecias, mérito nenhum de vossas honrarias, e se te deviam ou uma bruta ingloria contigo, e com os que acompanham”⁹⁰.

A questão dos achados arqueológicos, a sua compra e ida para museus originava diversas zangas e intrigas que abordaremos com mais pormenor quando tratarmos do tema da Arqueologia. O principal motivo era o destino a dar a esses achados, que museus os iriam receber.

A inveja era o ingrediente que originava muitos dos desentendimentos. A esse respeito Monsenhor Benavenuto de Sousa escreve:

Meu excelente amigo. Nada havia a agradecer. Fui sempre assim: admirador entusiasta de quem tem méritos. Não se preocupe com o incidente. Em todo o tempo, as invejas foram mordazes... não se lhes faz a vontade. Para a frente é o caminho⁹¹.

Como já aludimos, as relações pessoais eram dinâmicas. Evoluíam, por vezes, de estranhos se tornavam amigos “epistolares”. Contudo, similarmente, o inverso sucedia.

⁸⁹ MAB/FAAB-Doc. 3459.

⁹⁰ MAB/FAAB-Doc. 4586.

⁹¹ MAB/FAAB-Doc. 4712.

Miguel José Rodrigues de uma relação amigável, com carta a agradecer o artigo do Abade na imprensa a louvar a memória e obra do irmão, propostas de trabalhos sobre descendentes de Jacob Pereira, intermediário de Carolina Michaelis e Joaquim de Vasconcelos; permuta de publicações, apresenta-nos duas violentas cartas, com acérrimo ataque ao Abade. Em tempos politicamente conturbados, a política dividiu as pessoas e criou inimizades. Dirige-se ao Abade com termos muito violentos:

Abbade amigo dos diabos

Não me procure, porque está excomungado ao ter aceitado uma benesse desse Estado ateu como essa chafarica à frente da qual está António José da Merda”.

E continua com grande azedume e agressividade:

Ainda foi bem não vir à festa de S. Julião, que é advogado dos caçadores perdidos, mas deveis encomendar a alma a este santo, porque você é um caçador de fama de nome, de fama e nome perdido, mas quem achou uma e outra fui eu porque, contra minha vontade vou notabilizar-vos por todo o mundo, como porco e lapa caldos. E desde Varge ao Japão, a toda a América e África (...).

Continua a referir os insultos à sua família, sobretudo ao seu irmão José, Coronel de artilharia.

3.8. A vida na comunidade

A correspondência dá-nos a conhecer a vida da comunidade, o dia a dia. Eventos que noticiam a vida na comunidade (rural e urbana).

Figura 22. Casa do Abade de Baçal, Baçal, 15 de maio de 1996



Fonte: Centro Português de Fotografia

Transportam notícias de nascimentos, casamentos, mortes, doenças, brigas, dias normais ou invulgares, desgostos, resignação e esperança, felicidade e tristeza, a vida dura e pobre, a saúde e a doença, as novidades e não novidades. Condições atmosféricas, atividades agrícolas, preços dos bens, os poucos rendimentos, etc.

Descrevem espaços de intimidade que aproxima os ausentes; pormenores sobre ambientes domésticos, decoração, a luz, a roupa. Notícias do País e do mundo. A falta de alimentos. Acontecimentos sociais, aos quais se atribui importância. A peste espanhola. Dificuldades financeiras, desilusões da vida, etc.

Do espaço rural saíam muitas mulheres que iam trabalhar em casas ricas, sobretudo em espaços urbanos, designadas “criadas de servir”. Estruturam a vida doméstica da classe média em ascensão, que vivia na cidade.

A pedido do seu amigo Leite de Vasconcelos, o Abade arranja-lhe uma “criada”, a Cremilde. Após um início onde nos é referido que tudo corria bem, quer com a longa viagem de Baçal a Lisboa, quer com a sua estada em Lisboa, a situação altera-se e Leite de Vasconcelos escreve a queixar-se do trato da Cremilde: “o trato da Cremilde chegou ao ultimo extremo, tive de a despedir ao começo d’este mês, de repente”, e apresenta-lhe os motivos “Desleixo, porcaria, maus modos, má educação e outros defeitos...”⁹².

⁹² MAB/FAAB-Doc. 442.

José Montanha, em 1941, pede-lhe para localizar uma “creada” que serviu em casa da sua cunhada e é de Baçal, porque “tenho uma velhota que está doente (...) precisa de alguém que lhe vá à fonte e lave a roupa (...) ve se a Luzia descobre a rapariga”⁹³.

O amigo, Moura Coutinho, a quem o Abade pedira para empregar um “criado” da sua aldeia, responde da seguinte forma:

(...) receio que em chegando cá e não se demorando a que alguns dias que lhe dê na veneta e ir-se embora. Um rapaz acostumado a viver n`aldeia, e affeito a todas as liberdades que ella dá, arrancado bruscamente a essa vida não se adapte (...) As creadas aqui é rara a vez que saem do collegio, que é uma jaula, não são bem tratadas, porque sempre cá estou a ver caras novas, a alimentação d`elles é fraca, acresce ainda a circumstancia de não estam acostumadas a comer pão de milho, e o pão, como sabes, é a base da alimentação⁹⁴.

O dia a dia era, outrossim, feito de devoção, situação compreensível considerando o número elevado de sacerdotes que integravam os correspondentes, e as cartas serem elas também dirigidas a um sacerdote.

Festas do calendário litúrgico e rotinas religiosas ocupam parte expressiva da narrativa (Natal, Missa do Galo, Procissão de Ramos, Páscoa, Visita Pascal). Remetem-nos para o envolvimento na vida religiosa da comunidade. Apercebemo-nos, assim, da sua intensa religiosidade.

Frequentemente solicita-se a oração. A título de exemplo, António Sardinha solicita as orações e agradece a oração no funeral da mãe⁹⁵.

A morte é um tema muito presente na vida da comunidade. Assim, constitui-se assunto em variadíssimos cartões (cartões de luto) e em algumas epístolas.

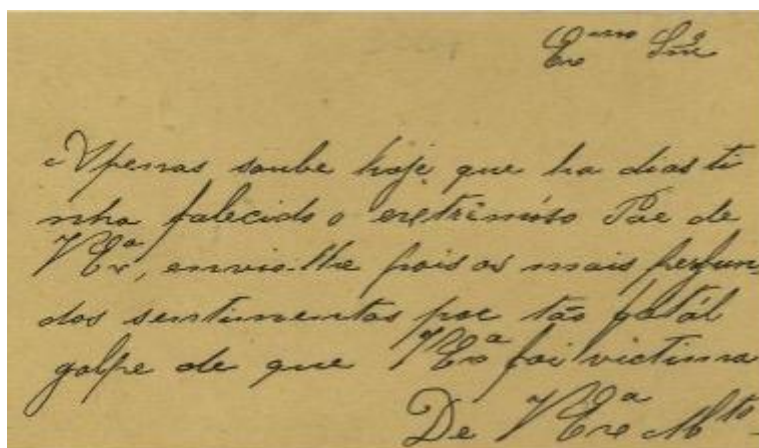
As mortes do pai, da mãe e do cunhado do Abade figuram na correspondência. O pai do Abade faleceu quando o Abade tinha apenas 28 anos, em 1893.

⁹³ MAB/FAAB-Doc. 4408.

⁹⁴ MAB/FAAB-Doc. 3289.

⁹⁵ MAB/FAAB-Doc. 2573.

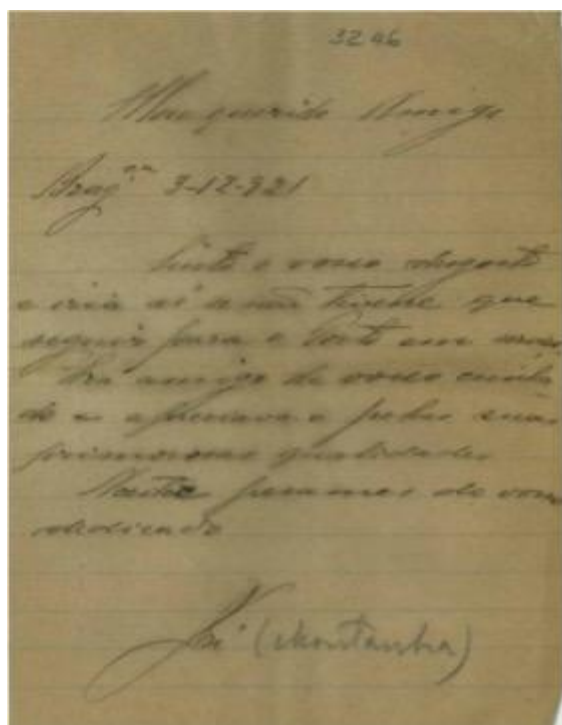
Figura 23. Cartão de condolências pela morte do pai do Abade de Baçal



Fonte: Museu do Abade de Baçal

José Montanha, no dia 3 de dezembro de 1921, envia carta onde manifesta o sentir pelo falecimento do cunhado do Abade de Baçal e escreve: “Era amigo do vosso cunhado e apreciava-o pelas suas qualidades. Aceite os pêsames do vosso dedicado José Montanha”⁹⁶.

Figura 24. Condolências pela morte do cunhado do Abade, 3 de dezembro de 1921



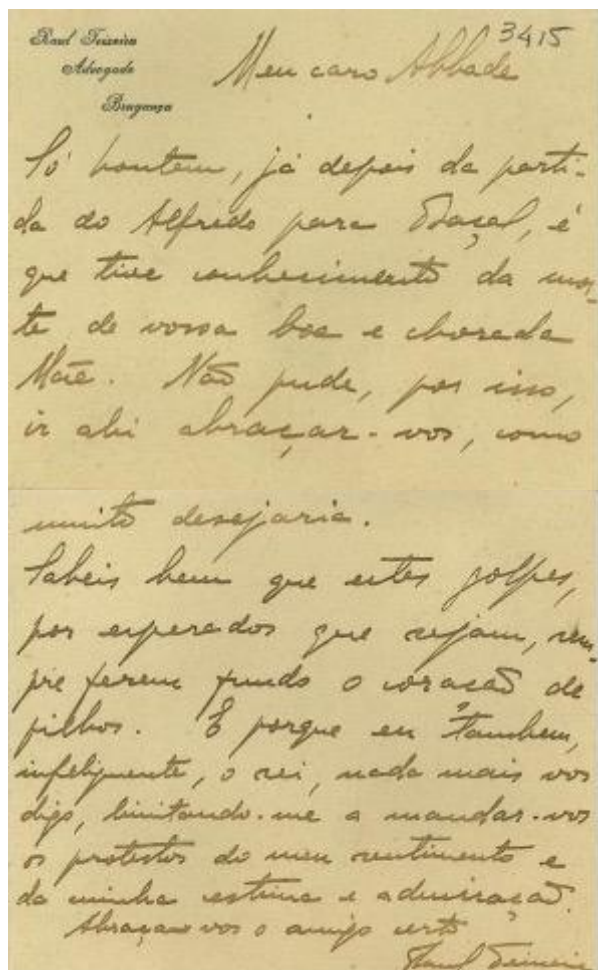
Fonte: Museu do Abade de Baçal

⁹⁶ MAB/FAAB-Doc. 3245.

A mãe teria sido a grande referência e o grande amor do Abade. Viria a falecer em 2 de março de 1912.

Raul Teixeira envia os sentimentos pela morte da mãe⁹⁷.

Figura 25. Cartão de Raul Teixeira de condolências pela morte da mãe do Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Sobre a morte do Abade Monsenhor José de Castro escreve:

Eis como soube morrer. Num pobríssimo leito de ferro, arqueado pelo tempo e pelo peso, entre cobertores caseiros, está o nosso Abade. No quarto, abaixo de modestíssimo, dois retratos: o dele, ainda na força vital, e o da Mãe, o seu grande amor. Atrás do leito, a Benção Apostólica do Santo Padre (...).

⁹⁷ MAB/FAAB-Doc. 3415.

Por sua vez, o Abade Baçal desempenhava um papel central na comunicação dos falecimentos dos elementos da rede epistolar, quer pela amizade, quer pela sua condição de sacerdote.

No dia 12 de julho de 1919, o Pe. Manuel António da Veiga escreveu: “Dou-lhe a triste notícia do falecimento do nosso bom e querido amigo Exmo. Conselheiro Menéres. Recebe a notícia de falecimento do Abade Tavares, do Abílio Beça, do Francisco Lopes, Prior de Argozelo, etc.

Participa-se o falecimento, enviam-se “pesares”. Comunica-se a morte de um familiar, o pedido de colaboração nas exéquias⁹⁸. Adrião Martins Amado participa a morte do prior de Argozelo, amigo do Abade⁹⁹. Abílio Beça, notável da região e pessoa muito influente é ao seu amigo Abade que pede, aquando da morte do seu irmão: “se se resolver fazer exequias na sé do meu saudoso irmão José, quer o amigo fazer no pulpito um discurso apropriado”¹⁰⁰.

Figura 26. O Abade com a irmã Cândida e sobrinhos Luzia e Barnabé, em 1934



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Nas alusões à família, surgem relatos da saúde, dos nascimentos, casamentos e óbitos, da evolução dos estudos; referência aos filhos, cônjuges, etc.

⁹⁸ MAB/FAAB-Doc. 186.

⁹⁹ MAB/FAAB-Doc. 1431

¹⁰⁰ MAB/FAAB-Doc. 186.

A título de exemplo, reportamo-nos a uma carta do amigo Capitão Morais Sarmento que, com grande pormenor, descreve a sua assinalável prole¹⁰¹.

Para satisfazer a sua anciedade vou então dizer-lhe alguma coisa da minha pequenada”. Fala em pormenor de todos os filhos, do seu temperamento, saúde e vida escolar. “O mais velho, o Alfredo que teve apendicite está muito alto (1,75 cm), mas tem sido mto infeliz com a saude... apesar de tudo estuda com muito afinco e quero ver se tira o curso para seguir a carreira diplomatica. O outro a seguir faz depois de amanhã 16 anos esta forte e bastante mais alto do que eu... ambos bom rapazes mas este é bastante cabula. Os outros a seguir são dois gemeos, uma pequena, a Zélia Maria e um rapaz, o Fernando, garoto como poucos, preocupa-me mais do que todos os outros e mete-me a alma no inferno (....).

Continua a descrever a sua numerosa prole. Pergunta, outrossim, pelos sobrinhos do Abade “Os seus sobrinhos Luzia e Barnabé já casaram? E a sua mana como tem passado?”.

¹⁰¹ MAB/FAAB-Doc. 1447.

3.9. As deceções da vida: “a que se podem juntar enormes desgostos, muitas desilusões”

Se múltiplas missivas nos transmitem um ambiente de amizade, registam-nos, outrossim, o sofrimento pelas desilusões da vida. No fluxo epistolar, elas ocorrem fundamentalmente no último período cronológico. No início do tempo epistolar, são os projetos que os entusiasma e se constituem o móvel do fluxo epistolar. No evoluir temporal e o aproximar da velhice, são as desilusões que adquirem nova centralidade nos eixos temáticos.

Discursos em tom de lamento relatam sentimentos de desilusão com a vida, incompreensão com a sociedade, abandono, etc. Assistimos, assim, a mudanças nos sentidos que nos surgem nas cartas. A mágoa e a desilusão. A crítica sobre a sociedade da época. A escrita sofrida, com diferentes gradações e intensidades. Contudo, é fundamentalmente a revolta que impulsiona o discurso e regista momentos de solidão. A lucidez diante a realidade desoladora proporciona momentos de revolta no discurso.

Cândida Ferreira, a propósito da morte da sua Mãe, escreve sobre a sociedade corrupta da época: “Eu e meu pai, bem, felizmente, mas ando ainda moralmente abatida com a morte da minha querida velhinha. Faz-me tanta falta! Era a minha única amiga, a quem eu contava todas as contrariedades da vida. Agora ensimesmei-me completamente e fujo às conveniências, que, em sociedade tão corruta e falsária, me causam nojo”¹¹⁹.

A amizade, intimidade e confidencialidade levam à escrita de mensagens intimistas onde os desabafos epistolares com o amigo eram minuciosamente expressos. Monsenhor José de Castro revela o sofrimento pela excomunhão e a saudade. Quer apenas regressar à sua Pátria de “cara levantada”. Escreve:

A amizade é o contrario da myopia. Quanto mais ao longe maiores os objectos. E eu appareço-lhe grande, assim com proporções episcopais. Não se assuste. Aqui não passo de um pobre padre que trabalha muito e a quem o Arcebispo dá uns tantos jantares de mistura com muitas canseiras que atormentam dias e noites. E com tudo isto sou um padre que é... português. Ahi sou um padre que é excomungado pelo Fariseu de Vinhaes, o superbollo da revolta triumphante e um brasileiro.

Quer o Sr. saber qual é o meu ideal? O ideal pobre e desamparado de um lar português, de uma sepultura portuguesa, depois de fadigas em Portugal. Nada

mais. Mas para isto é mistério (?) uma grande coisa — que limpamente, decentemente me deixem estar em Portugal sem ser preciso voltar à condição de servo de gleba ou antes de escravo às ordens do feitor de senzala. Lembro-me agora de um coveiro de Pavarede (?), perto da Figueira, que ganhava pelo numero de covas. Dizia elle: “Eu não desejo mal a ninguém, mas é muito bom que Deus ajude cada um no seu officio”. Assim eu não desejo mal ao Sr. Bispo de Vinhaes, mas seria muito bom que se fosse embora!...

Tenho agora só um grande desejo: que chegue Março — ó meu rico 11 de Março! — para sahir, para descansar e para ver a minha família. Sinto que só em Agosto poderei estar em Bragança. Tenho de andar por lá, pelo mundo, correr secca e mecca para depois chegar a Bragança. Mas eu vou nas mesmas condições do anno passado e a minha vaidade quer dar ao Fariseu de Vinhaes esta prova publica e solenne: ir á Europa, outra vez, à custa da Archidiocese do Rio, por nomeação do Arcebispo enviado especial de grande imprensa do Rio. Deus me perdoe esta vaidade. Mas é a pobre vingança de um pobre que quer apparecer de rosto levantado numa terra que é sua, duma terra que tem sempre no coração.

Em 25 de agosto de 1918, António Correa, a propósito da opinião que o Abade lhe pediu sobre a criação de um jornal, num tom pessimista, revela as desilusões que teve com a “Ilustração Transmontana”, expressando:

Neste momento em que nos falta tudo, a começar pelo papel, a fundação d`um jornal parece-me coisa pouco acertada, salvo se os novos de que me fala têm muito dinheiro para gastar sem que lhes faça falta e muita energia... Serei pessimista? Talvez. Mas não será mau que elles saibam que esta opinião é d`um homem a quem a nossa Ilustração levou cerca de tres contos de reis a que se podem juntar enormes desgostos, muitas desilusões, etc.¹⁰².

Com veneração e respeito lhe beijo as suas amigas mãos pelas bondosas palavras que me endereçou, pelo valioso estímulo de confiança que trouxe aos meus justificados receios de inexperiencia ensaísta, pela tranquillidade que o seu parecer de Mestre e de homem de Bem veio trazer ao meu espirito...¹⁰³.

¹⁰² MAB/FAAB-Doc. 3384.

¹⁰³ MAB/FAAB-Doc. 2668.

3.10. A agricultura: “Faremos tudo o que seja possível de irrigação, e também de arborização e estradas”

A atividade agrícola ocupa centralidade temática em alguns documentos, são diversas as cartas que tematizam o interesse do Abade pela agricultura.

É conhecida a dedicação do Abade à sua casa agrícola. O Abade enquanto proprietário agrícola, dedicava-se à gestão de um vasto património agrícola, que ia aumentando por meio de compras.

Inicia a gestão da casa agrícola à distância, em Mairos, após a morte do pai. Construiu uma casa agrícola que à época, na região, se podia considerar abastada.

A sua paixão pela vida agrícola impulsiona-o a ser pioneiro na ciência e técnica agrícola e experimenta novas técnicas. Compra e adquire instrumentos agrícolas tecnicamente avançados, gados e bens imóveis.

Figura 27. Medas em Baçal



Fonte: Museu do Abade de Baçal

A rede de contactos permitia ao Abade obter informação científica sobre a agricultura. Longas missivas de engenheiros agrónomos e professores de agronomia explicam com todo o pormenor como semear o sobreiro e o que consideravam ser a melhor opção agrícola para a região. Explicam como eliminar as pragas dos celeiros, tratar das plantações para o bicho-da-seda, qual a melhor qualidade de amoreira, o cultivo da

vinha e dos vinhos. Elucidam sobre as características das ceifeiras, em resposta ao interesse manifestado pelo Abade para a sua compra¹⁰⁴.

O Engenheiro Agrônomo, João Inácio Teixeira de Menezes Pimentel, em 1913, transmite a sua opinião para o cultivo da amoreira:

Parece-me conveniente V. Ex. Fazer um pequeno viveiro com varas (?) do ano findo, de amoreira preta, porque vende depois as plantas que não quiser aproveitar, regando-o e tratando-o convenientemente (...) qualquer das espécies — preta e branca — se dão ahi perfeitamente, com quanto a folha de amoreira branca seja melhor para o sirgo e para a seda, porque a folha da amoreira preta è mais aquosa e parece fazer aparecer mais a flacidez¹⁰⁵.

Em 1909, o Pe. António Pavão Madureira, responde ao pedido do Abade: “Enquanto à outra tua petição, isto é, com relação aos cortiços para abelhas, não pude encontrar noticiasde um só, em razão de terem aqui vindo uns gallegos em procura da cortiça, e levaram tudo o que havia”. Acrescenta que deverá procurar em Coelhoso ou Paradinha, terra decortiça.

Daniel José Rodrigues, em 1922, de Salgueiro, responde-lhe sobre as características das ceifeiras: “A ceifeira faz gabelas e não ata. Não sei hoje o custo dessas maquinas. Quem conhece bem o assunto é o Abilio Zoio. Ele que lhe faça o preço, que eu cedo-a por aquilo que ele disser”¹⁰⁶.

Na crise do cereal, da Intendência Geral dos Abastecimentos, Delegação Concelhia de Bragança, em 25 de julho de 1946, recebe uma circular a solicitar informação: “com exactidão possivel, quais as pessoas dessa freguesia, que não colheram cereal algum e, portanto, as que necessitamde ser abastecidas de farinha ou pão por esta Delegação”¹⁰⁷.

¹⁰⁴ Manuscrito que nos dá pistas para uma leitura de algumas características dos tempos que nos ocupam, e dos quotidianos. Contabilidade das suas despesas durante 23 anos que começa quando tinha 25 anos, a paroquiar em Mairos. Sobressai desses minuciosos registos, o proprietário, com grande apego das suaspropriedades. Os investimentos e progressivo poder aquisitivo do seu património. Quando fecha a vida económica tinha 48 anos (1913). Monteiro, J. R. (2013). Sociedade e quotidianos de Bragança contemporânea. In Fernando de S. (Coord.), *Bragança na época contemporânea (1820-2012)* (vol. I, pp. 183-302). Câmara Municipal de Bragança.

¹⁰⁵ MAB/FAAB-Doc. 2011.

¹⁰⁶ MAB/FAAB-Doc. 2106.

¹⁰⁷ MAB/FAAB-Doc. 4602.

Numa longa carta de Costa Lobo ficamos a conhecer o pedido que o Abade lhe tinha dirigido, onde denotamos a sua preocupação pelo desenvolvimento da região quer a nível agrícola, quer a nível das vias de comunicação:

Tenho o maior prazer em (?) importante iniciativa de que me falla, estou convencido de que poderei facilmente conseguir o que deseja (...) tenho todo o empenho em poder ser útil à nossa região (...) Faremos tudo o que seja possível de irrigação, e também de arborização e estradas. São pontos capitais. Para nos ocuparmos da arborização ja escrevi ao nosso Exmo Bispo, tendo a promessa do ministro, muito meu amg de nos dar todos os recursos possiveis (...) Tenho muito desejo de ahi voltar para todos conversarmos e assentar no que possa fazer-se n'essa politica superior que é a do engrandecimento regional indispensável para o (?).

Armando Roseira, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, envia a classificação de uma planta “A planta que me enviou, chama-se *Euphorbia segetalis* (...) Com todo o prazer, fico á espera das outras plantas de V. R^a pretenda classificadas”¹⁰⁸.

Bento Carqueja descreve pormenorizadamente a sementeira do sobreiro¹⁰⁹: Descreve os diversos métodos de plantação dos sobreiros “Outro meio, de todo o mais certo nos seus resultados, é a sementeira em vasos que nunca falha”. Explica como semear cerejeira e ensina como destruir os insetos que atacam o grão no celeiro: “e os insetos que atacam o grão no celeiro, fazem-se formigações com folhas secas de plantas de cheiro acre ou fervem-se folhas de sabugueiro emisturam-se no monte de grão”.

O Abade sempre se revelou pragmático na gestão do seu património, preocupava-se, assim, com os seus investimentos financeiros.

Em 8 de outubro de 1895, o Pe. Manuel Bernardo Pires indica os rendimentos que aufera em Baçal, a pedido do Abade. O Abade iria, finalmente, paroquiar a sua Aldeia e queria saber com que rendimentos podia contar: “Diz-me que virá regularmente no dezembro, é ocasião para ser meio anno”. Contudo, alertava-o para a falta dos rendimentos caso fosse no Natal.

¹⁰⁸ MAB/FAAB-Doc. 1021.

¹⁰⁹ MAB/FAAB-Doc. 3947.

“Os rendimentos eram razoáveis, se fossem bem pagos, esta ultima parte falta em larga escala. Rende Baçal, derrama 95:960 reis nominais e ofertas 136 alqueires de centeio; Avelleda”. Continua a descrever com pormenor toda a contabilidade. Propõe-lhe que, caso o prelado o mande substituir em Mairos, situação que não lhe convem pela distancia “podia-mos fazer permuta de generos e outros objectos (?) De centeio batata, alguma louça poucos moveis etc (?)”¹¹⁰

José Montanha, o seu amigo ligado à banca, tratava da vida financeira do Abade e aconselhava-o: “Estão compradas as vossas 9 acções que me foram emprestadas para fazer parte da minha caução (...) Junto envio uma norma de procuração que nos evita a vinda aqui para distrate da escritura (...) Vão os recibos das contribuições (...)”¹¹¹.

Era o amigo José que o aconselhava nos seus investimentos “Devo dizer vos que actualmente as acções estão a 545\$00 e 580\$00, o que é uma loucura. Afigura-se-me melhor negocio conservar o dinheiro no Ultramarino que rende 30\$00 e tal ao ano”.

Os empréstimos, pedem-se e devolvem-se. O Abade ficava diversas vezes de fiador. José Montanha escreve: “Os vossos amigos a quem assinais as letras não prestam atenção nenhuma e deixam nas ir para a conta protesto: se não fosse por vossa atenção cada descuido custava aos interessados 7.00 escudos”.

¹¹⁰ MAB/FAAB-Doc. 1823.

¹¹¹ MAB/FAAB-Doc. 1119.

Capítulo 4 Vida religiosa: “Preso-me de ser padre, de honrar a veste sacerdotal, de amar a classe o melhor que posso e como posso”

Neste capítulo, numa primeira parte, analisámos as relações entre a escrita epistolar e a faceta de sacerdote, destinatário epistolar; um perfil construído e percecionado através do olhar, fundamentalmente, dos seus colegas sacerdotes, ao longo do relacionamento epistolar de quase sessenta anos.

Na segunda parte conectamos os temas relacionados com o dia a dia da gestão das paróquias e da diocese; numa complexa teia de relações e interesses, num tempo de crise económica e social, profundamente conturbado e profundamente anticlerical, que incide numa região de poucos recursos e onde os problemas se agudizavam.

4.1. O sacerdote Francisco Manuel Alves: “porque nem tudo é alma, nem tudo matéria; nem tudo espírito, nem tudo corpo, nem tudo há-de ser oração, nem tudo buscar pão”

Figura 28. O Abade no dia da homenagem, em 9 de abril de 1935



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Preso-me de ser padre, de honrar a veste sacerdotal, de amar a classe o melhor que posso e como posso, de concorrer para a fundação do Seminário sem requear confrontos com os que mais se avantajaram em igualdade de circunstâncias. (Alves, 2000, vol. IV, p. 547)

No excerto das *Memórias*, em cima referenciado, o Abade transmite-nos com clareza a sua condição de sacerdote: como se orgulhava dessa condição, a honrava e amava a classe. Os registos comprovam estas afirmações. Na sua ação, Francisco Manuel Alves assume-se primordialmente como sacerdote, homem da igreja do seu tempo e da sua diocese. Como descreve um amigo:

(...) nunca largava o seu cabeção eclesiástico e mostrava certo orgulho pela sua condição de padre (...) Era impecável nos seus deveres sacerdotais de celibato, piedade e zelo. Modelo de pároco inteiramente devotado à sua paróquia e à sua gente. Cumpridor atento e metucioso dos deveres do seu ministério; homilia, catequese, administração dos Sacramentos. Respeitador da disciplina da Igreja e fiel às instruções e directrizes da hierarquia eclesiástica. (Pires, 1985, p. 237)

A condição de sacerdote não tem sido alvo de muita atenção na prolífera bibliografia sobre esta figura. Não obstante, temos de assinalar que, enquanto sacerdote, marcou indelevelmente a Diocese, quer pelo seu exemplo no cumprimento dos deveres sacerdotais, quer pelas atitudes corajosas em favor do clero, em tempos tão conturbados; quer pelo “pai espiritual e amigo incansável” de tantos sacerdotes, tema representado com grande exuberância no epistolário.

Essa lucidez, que tão característica lhe era, perante realidades que considerava injustas e desoladoras, originava momentos de escrita de revolta, rebeldia e não aceitação. Desenvolveremos este tema quando abordarmos a relação epistolar com Abel Salazar.

Contudo, não se tenha a imagem de subserviência, de figura sem sal. Não! Perscrutamos a palavra lúcida, mas certa e contundente lançada no cartear, através da escrita das inúmeras vozes dos correspondentes — quando considerava necessário. É nessas circunstâncias que mais nitidamente reconhecemos o sacerdote, implacável nas injustiças na defesa dos mais fracos, não oscilando ao sabor dos ventos, que, à época, mudavam com tanta frequência. Não lhe identificámos a palavra submissa, interesseira, ao sabor de um credo político utilitário. Não percebemos hesitações nesse caminho da verdade e autenticidade. Nessa senda, sempre existia um propósito, e não se desviava da sua rota traçada de sacerdote.

Nas *Memórias*, por vezes em locais inesperados, lança-nos a sua palavra acutilante e o seu sentir sobre o sacerdócio, que nos ajuda a compreender os temas epistolares:

Sou contra o frade padrenossoeiro e beato, que quer tudo reduzido à igreja, exercícios espirituais, sufrágios e respectiva paga. Mas não posso deixar de admirar a Igreja medieval, o padre medievo, que, num ritmo sublime de equilíbrio, arroteou campos, desbravou maninhos, povoou desertos; construiu pontes, estradas e calçadas; fundou hospitais, asilos, orfanatos pios, maternidades, gafarias, montepios, associações cooperativistas; ergueu soberbos monumentos românicos e góticos, onde deixou o recheio que hoje enche de orgulho os museus (Alves, 2000, vol. IX, p. 424).

Não se identificava com os sacerdotes que apenas rezavam, a quem designava de “padressoneiros”, mas sim com os “padres medievos”, que cuidavam das almas, mas

também do poder temporal. Deste modo, em perfeita sintonia com o lema beneditino “Ora et labora”: equilíbrio entre oração e trabalho. Lega-nos, igualmente, a sua noção de retidão e justiça, num espírito de compromisso e intervenção:

À brandura dos costumes portugueses, ao nosso proverbial descuido e deixar correr, à nossa sentimentalidade doentia em que as ideias de rectidão e justiça se confundem com uma pieguice aviltante, algo repugna um proceder enérgico até à realidade, além de que é por demais conhecida a relutância com que os bragançanos se deixam levar por outra orientação que não seja conforme aos seus hábitos nem sempre razoáveis e muitas vezes adquiridos pela culpável indiferença da autoridade. (Alves, 2000, vol. II, p. 147)

Percecionamos, igualmente, o perfil de sacerdote que para si traçou, no seu caminho sacerdotal — quais os valores que o norteavam —, pela antítese das características farisaicas apontadas ao “doutor Cunha”: a caridade, justiça, fortaleza, prudência e temperança.

O doutor Cunha era o tipo desses cristãos pautadinhos, regradinhos, amaneiradinhos; untuosinhos, melifluosinhos, gravesinhos, no falar, olhar, vestir, andar e exterior devoto; cristãos conservadores, respeitadores, cumprimentadores, todos atentos às praxes, às fórmulas protocolares, às etiquetas, que põem todo o tento nas longas rezas cheias da multidão das palavras e que das autênticas virtudes conhecem a fé e a esperança e pouco da principal — a caridade, justiça, fortaleza, prudência e temperança. Pregam a castidade e observam-na talvez, mas pelam-se por palestrar com pessoas de outro sexo, nunca perdendo ocasião de deambular em ranchos delas e de as acompanhar. Parecem santinhos capazes de pôr no altar, mas, se alguém os belisca, pouco que seja, vai tudo raso e, pela sua elástica moral, justificam tudo em ordem aos seus interesses pessoais (...) Depois, na idade seguinte, ainda se manteve, em parte, o mesmo espírito, mas brevemente surdiu a sizania padrenosseira, misseira, e beata, com seus longos exercícios e longas orações, tipo farisaico, em paga das quais julgava pequenos todos os réditos, eivada, de mais a mais, pelo preconceito fidalgáceo, que considera o trabalho como anti- nobre, e com ela a desinteligência social sempre em progressão crescente, porque nem tudo é alma, nem tudo matéria; nem tudo espírito, nem tudo corpo, nem tudo há-de ser oração, nem tudo buscar pão. (Alves, 2000, vol. VII, p. 144)

Na outra face da moeda, muitas mensagens reverberam a sua infinita compreensão pelos desvarios humanos, revelando-nos um ser humano de extrema compreensão com as fragilidades humanas, de grande sensibilidade e afabilidade. São muitos os documentos que nos elucidam sobres estes múltiplos “perfis”.

No que concerne aos seus guias espirituais e ao início da sua vocação sacerdotal, são poucas as referências. É nas palavras de Manuel António Pires que identificamos um dos líderes espirituais:

O Abade de Baçal nutria uma grande estima e particular consideração por um seu antigo professor do seminário, o cónego Manuel António Pires (...) foi professor de ciências eclesiásticas e diretor espiritual do seminário de Bragança, examinador pro-sinodal e prelado doméstico de Sua Santidade com o título de Monsenhor. Sacerdote, como dizia o Abade, sábio e santo. (.) Pois bem. Quase sempre que o Abade de Baçal me encontrava com prazer falava das virtudes do seu saudoso professor, do piedoso, culto e bondoso cónego Pires. (Pires, 1985, p. 237)

D. José Alves de Mariz teria tido grande influência sobre o Abade, assunto a que voltaremos¹¹².

¹¹² Desenvolveremos este assunto no subcapítulo sobre “Os prelados”.

4.2. O tempo sacerdotal: “velhos párocos, cansados, cheios de trabalhos, viam-se forçados a pastorear duas e três freguesias através de ínvios carreiros, quando já nem a sua própria podiam paroquiar”

Referidos alguns valores que teriam norteado o sacerdócio de Francisco Manuel Alves, analisamos agora, sucintamente, *o seu tempo sacerdotal*.

Abordámos no capítulo sobre a metodologia a necessidade de proceder à contextualização do tempo do conjunto epistolar para melhor inteligibilidade da trama epistolar. Procedemos, assim, a uma síntese sobre o tempo onde se inscreve o sacerdócio de Francisco Manuel Alves: tempos politicamente exaltados que interferiram na vida religiosa e deixaram profundas marcas na sociedade, e que se materializam com uma particular vivacidade na epistolografia.

De modo a proceder à contextualização, recuamos aos tempos da Revolução Francesa, pois sabemos que esta comprometeu o rumo da História dos finais do século XVIII até aos inícios do século XX. Apesar do lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, a sociedade do século XIX inscreve-se num período problemático do ponto de vista sócio-cultural. As correntes ateias e anticlericais, que emergiram no período revolucionário, ingressam na mentalidade “burguesa e proletária”. A Igreja vê perder a centralidade que obtivera no Antigo Regime. Porém, verifica-se uma valorização da espiritualidade e a sua inserção na vida social. Assistimos à fundação de universidades católicas e ao incremento dos estudos dos seminários. Surgiu uma nova geração de católicos que pretende estabelecer a relação entre a Fé e a Ciência, pugnando para que a religião, paulatinamente, adquira novamente espaço na vida social. O anticlericalismo desse tempo (século XIX) preconizava o enaltecimento da razão e da capacidade humana, tornando-se essa a verdadeira religião (Fileno, 2014, pp. 5-6).

Como já registámos, o Abade obteve a sua educação no seio de uma família de agricultores, católicos, que poderemos considerar, para a época, abastados. Apesar das mortes dos familiares que o acompanharam, dando destaque à morte de cinco irmãos (dos cinco irmãos apenas lhe sobreviveu a sua irmã Luzia), teria sido uma criança feliz. A mãe teria sido sempre a sua âncora familiar. A sua aldeia natal assumirá um papel central na sua vida, local onde sempre quis estar, exercer o sacerdócio. É neste espaço

que se irá dedicar à vida intelectual e aos trabalhos agrícolas. Foi nesta aldeia que se assumiu como pároco, agricultor e intelectual. A correspondência teria tido um papel fundamental na quebra do isolamento e na afirmação e desenvolvimento destas facetas, destacando o papel fulcral na construção da sua obra intelectual.

Sobre a sua família e o papel que esta teria exercido na sua vocação, o epistolário pouco nos revela. Registam-nos a doença da mãe; o falecimento do irmão, do pai e da mãe; a dedicação extrema do Abade à família; a ajuda na formação da irmã e do irmão; o quanto sofreu pela morte do seu irmão. Conseguimos, similarmente, perceber o papel central que a mãe ocupava, como já mencionámos.

Sobre a meninice e os amigos de infância, poucas recordações nos despontam desse tempo no conjunto epistolar — apenas algumas leves referências às amizades de longa data. Da sua juventude, percebemos as amizades que se mantiveram ao longo da sua vida — na sua grande maioria colegas do Seminário.

Apesar de ter nascido numa família de abastados agricultores e da sua “paixão” pelo seu “berço”, não podemos deixar de relevar a dureza dos tempos, que assumiam outra acuidade nas aldeias transmontanas. De criança teve que fazer o ensino primário em aldeias vizinhas — para onde se dirigia diariamente a pé. Percorrer os caminhos de Baçal a Rabal e Sacoias, fundamentalmente, nos frios invernos e nos escaldantes verões, não teria sido fácil. Assim, em 1875 inicia a sua vida escolar em Rabal, com 10 anos; em 1877, passa para a então criada escola de Sacoias; em 1880, com 15 anos, inicia os preparatórios em Bragança e, em 1889, conclui os estudos eclesiásticos no Seminário de Bragança.

Numa carta algo surpreendente, já assinalada, teria estado em Bragança numa escola particular, local onde os colegas da cidade o teriam intimidado com as suas graçolas e sobranceiras por ser “Rapaz da aldeia!” Bem diferente este relato do dos seus colegas de Seminário que o apelidaram de *Robespierre*.

O apelido *Robs* remete-nos para um perfil contestatário. As viagens a pé para a escola primária, a rudeza do internato no Seminário, associada à frugal vida rural, teria

contribuído para o tornar uma pessoa espartana, de certa forma, que pouco valorizava o conforto — são diversos os trabalhos que abordam a *vida franciscana* do Abade¹¹³.

Nesse tocante, são esclarecedoras as palavras de Monsenhor Francisco Moreira das Neves, que nos retrata a modéstia levada ao extremo do sacerdote:

Era exemplar no cumprimento das obrigações paroquiais, sempre simples, de hábitos rurais levados aos extremos da modéstia, contentando-se com uma tábua como secretária, com um cortiço de abelhas como assento, com uma enxerga de palha para dormir e com uns tamancos para sair ao quintal, a tratar das suas couves e das suas roseiras, porque tinha o gosto do ar livre e todo se alegrava, como S. Francisco de Assis, com os olhos dos animais e a sinfonia dos pássaros do céu. (Neves, 1985, p. 246)

O Seminário, seguramente, teria tido um papel determinante, quer pela formação, quer pelas amizades que aí sedimentou. As saudades do Seminário e dos colegas regista-as, quando a propósito das obras no episcopado de D. José Alves de Mariz, nos fala da saudosa varanda que agora fora suprimida pelas recentes obras e, de uma forma emotiva, com pormenor e vivacidade nos descreve as tertúlias com os colegas:

Esta varanda — ó inconstância das coisas humanas! — já não existe; a sua supressão foi reclamada pela nova construção. Era uma varanda pequena, extremamente pequenina (...). Varanda, ó minha nunca esquecida varanda! Fiel confidente das minhas mágoas, canseiras e desalentos escolares, como me alanceia a alma o teu desaparecimento, como te recordo saudoso, como me apareces risonha, sempre risonha, regada da luz da felicidade nos anelos dos meus sonhos de ventura! Ó! os meus sonhos! as ilusões que afaguei junto a ti, esvaíram-se, ficou só a realidade bruta a torturar-me: como tu, passaram, mas do meu espírito jamais passará a tua memória. (Alves, vol. II, p. 336)

Continua, depois, em tom apelativo, num texto com um vibrante colorido a apresentar os colegas seminaristas, através das diversas tonalidades temperamentais, tendo sempre como referência a *confidente varanda*. São as saudades de um passado que se supõe feliz e que conflitua com o tempo presente!

Ao longo das *Memórias* aponta-nos alguns dos seus amigos sacerdotes: João da Cruz Teixeira, velho amigo dos bancos escolares em Bragança, Abade de Bouçoães, com

¹¹³ Sobre este tema ver: Jacob, J. N. (Coord.). *Actas do Colóquio O Abade de Baçal* (1999). Museu do Abade de Baçal; Branco, A. (1997). *Abade de Baçal: Vida e Obra*. João Azevedo Editor.

quem desenvolve um intenso cartear; Francisco Manuel Alves, homónimo e primo, Abade de Cicouro, primo por quem nutria uma grande estima e a quem dedicou o III vol. das *Memórias*; José Miguel Machado, pároco de Rabal, “grato e prestante companheiro das nossas peregrinações arqueológicas e auxiliar devotado na revisão das provas” e Manuel Domingos Afonso Tiza, pároco de Aveleda, “que sempre, de boa vontade, inteligentemente nos coadjuvou na revisão das provas” (Alves, 2000, vol. II, p. 520).

Em suma, o Seminário teria desempenhado um papel fundamental, quer no amadurecimento da fé, quer na formação, assim como teria sido igualmente marcante para a valorização das relações humanas — foi aí que fez grandes amigos que o acompanharam no percurso da vida. Ao longo da correspondência, com grande intensidade e sem qualquer constrangimento, surgem-nos autênticas confidências e hinos de amizade que os unia.

Por outro lado, a vida no espaço rural, pouco dada a confortos; esta vida de *monge* e do rigor da disciplina, ter-lhe-iam ajudado a definir o seu carácter, de *antes quebrar que torcer*, que todos lhe reconheciam, a quem a força de um corpo atlético — motivo pelo qual o apelidaram de “O Grande” — conferia ainda mais vigor.

Num texto que escreveu para uma homenagem a Regina Quintanilha, que já citámos, escreve o Abade:

Preguntei então a mim mesmo se os puros ares destas montanhas brucas; a grandiosidade destes panoramas naturalistas; que dão ao roble (?) a dureza típica tão diversa da fibra molarenga da rocha e roble de outras terras, não influíram na psicologia desses transmontanos¹¹⁴.

Era essa a psicologia do Abade, em perfeita sintonia com a paisagem que habitava. Contudo, captámos um carácter equilibrado, não alimentando “intriguices”, como o Abade as nomeava, se bem que sensível, por isso, emotivo, que o levavam às suas posições mais fleumáticas.

Debrucemo-nos agora sobre a sua ação paroquial.

¹¹⁴ MAB/FAAB-Doc. 2431.

4.3. As paróquias do Abade: “Obtenho o compromisso formal do despacho (...) mas é preciso que me escreva uma carta (...) que aquele amigo pode contar com toda a sua dedicação política. Sabes o que é esta infamíssima cadela da politica”

Como aludimos, a vida paroquial teria sido a principal aspiração do Abade — primordialmente, paroquiar a sua aldeia. A vida introspetiva e contemplativa não o seduzia. A pastoral era a sua verdadeira vocação. Essa vocação explica, em parte, a facilidade, naturalidade e sinceridade com que estabelecia as relações humanas e o quanto valorizava a amizade. Estas relações permitiram-lhe desenvolver uma rede de sacerdotes que num cartear intenso o acompanharam ao longo da vida. Tinham no Abade o “mestre” confidente a quem recorriam com frequência e dirigiam mensagens intimistas. Esta rede de sacerdotes colaborou também intensamente no seu grande projeto de investigação; projeto que desenvolveremos nos dois últimos capítulos.

Naturalmente, a liturgia, dimensão fundamental da vida cristã do sacerdote, que é chamado a viver em prol do povo, marca forte presença na epistolografia, englobando sacramentos, batismos, sermões, casamentos, festas religiosas, entre outros.

Da mesma forma, questões relacionadas com a colocação dos sacerdotes, e todas as ações relacionadas: despachos ministeriais, colocações episcopais, nomeações, concursos, permutas, anexações e desanexações, são tematizados num intenso e fervoroso cartear. Não eram assuntos pacíficos! Em tempos politicamente agitados, as decisões, muitas vezes, eram tomadas sobre uma teia política de interesses, que só epistolarmente eram confessados, revelações que conferem uma intensidade muito particular aos documentos.

A colocação numa paróquia com bons rendimentos dava lugar a uma série de interesses e movimentações, que oscilavam do pedido ao político influente, ao amigo bem posicionado, e muitas vezes, quando não satisfeitos, divergiam para conflitos insanáveis.

A essa situação, não era alheia a miséria em que muitos padres se encontravam. Expressava o Abade:

A falta de clero na diocese, quando este prelado¹¹⁵ tomou conta dela, era enorme! Velhos párocos, cansados, cheios de trabalhos, viam-se forçados a pastorear duas e três freguesias através de ínvios carreiros, quando já nem a sua própria podiam paroquiar. (Alves, 2000, vol. II, p. 115)

Por estes motivos, era compreensível que existissem movimentos por parte dos sacerdotes para conseguirem uma paróquia com melhor situação geográfica e melhores proventos, numa época de imensa crise.

Analisemos, então, alguns registos que nos retratam esse imbricado mundo. Começemos pelas colocações do Abade.

Versamos já que Baçal foi sempre o local aonde Francisco Manuel Alves quis regressar como pároco, e se algum favor político teve que suportar — bem avessos ao seu temperamento —, foi com esse fim! Regressar ao seu berço; pois não lhe conhecemos um interesse particular por qualquer tendência política, apesar do próprio afirmar:

Seguimos sempre o partido regenerador, mas nenhuma má vontade nos moveu contra os progressistas onde contávamos amigos; também muitas vezes fomos insultados na imprensa por causa de escritos que publicámos sobre o assunto e outras vezes ferido com alusões malévolas. Resta-nos a satisfação de poder declarar que não correspondemos na mesma moeda aos que assim nos tratavam nem nunca deixámos de lhes falar. (Alves, vol. II, p. 369)

A paróquia de Mairos foi a sua primeira colocação como pároco encomendado, nomeado em 7 de dezembro de 1889 — terra muito distante da aldeia natal. Deixa-nos impressionantes relatos da sua viagem, quando pela primeira vez para aí se dirigia. Para aí levou a sua irmã e afilhada Luzia, de sete anos. Com um vibrante pormenor descreve-nos a sua primeira viagem:

Fomos na mala até Vinhais e depois levei-a a cavalo diante de mim (...). Entrou comigo de boa vontade para o carro em Bragança, mas desde que viu rodar e que a minha mãe, que a acompanhara ficava, desatou numa grande berreira, queria botar-se abaixo, custou-me a sossegar. Para a distrair comprei-lhe em Vinhais um boneco que tocava automaticamente caixa de rufo, ainda assim adormeceu, tive de a levar nos braços por aquelas intermináveis ravinas (...) ¹¹⁶.

¹¹⁵ 33º Bispo de Bragança-Miranda — D. José Luís Alves Feijó — 1871-1874.

¹¹⁶ MAB, Caderno manuscrito do Abade de 1891. Livro com a seguinte nota de abertura "Hade servir este livro para nelle serem lançados os factos mais importantes da minha vida económico-social. Mairos 12 de abril de 1890". Monteiro, J. R. (2013). Sociedade e quotidianos de Bragança contemporânea. In

A irmã foi recebida na casa da professora de Mairos, a quem o Abade custeava o ensino e o sustento.

Relatos epistolares expressam-nos como se deu bem em Mairos, numa comunidade paroquiana que muito o estimava. Sobre o assunto o P. João Vaz d` Amorim, escreve:

Fui a Mairos, em agosto passado; para a “Voz de Portugal”, já mandei tres cronicas relativas aquela freguesia, e nelas, tive ensejo de me referir ao ex- paroco, Pe. Francisco Manuel Alves, não esquecendo até o respeito e saudade, que entre aquela bôa gente ha pelo seu antigo pastor.

Com que sentimento o povo de Mairos recorda o seu Pe. Francisco!¹¹⁷.

Apesar de perfeitamente inserido na comunidade paroquial, a distância de Mairos a Baçal era, na época, grande. Assim, imbuído pelo desejo de paroquiar Baçal, como já alegamos, envidou diversos esforços. Sabemos que a sua casa agrícola também era uma preocupação e, com a morte recente do seu pai, tinha agora a sua mãe sozinha a cuidar da casa. Apesar do acompanhamento à distância que lhe conferia, como percebemos no seu manuscrito: “Em 2 de fevereiro mandei para Baçal uma vaca”. Em 9 de agosto de 1893, com a morte do pai, tinha o Abade 29 anos, gastou 20.000 reis¹¹⁸.

No mesmo documento registou a visita da mãe e apercebemo-nos o quanto a estimava e o apoio pecuniário que lhe conferia: “Esteve cá minha mãe, dei-lhe uma cadeirinha de andar a cavalo e mais em dinheiro 2500”. Em Mairos permaneceu 6 anos.

É a partir da carta de Domingos Manuel Rodrigues de Sá enviada do Porto, em 30 de novembro de 1892, que ficamos a saber do concurso para a paróquia de Mairos, e dos cinco concorrentes aprovados. Alerta-o para a influência que a política poderá ter no desfecho do concurso, originando alguma injustiça, e aconselhando-o para acompanhar o concurso de perto. Disponibiliza-se para o apoiar nos seguintes termos:

Bem convencido de que o meu amigo é um dos pretendentes a nossa Igreja e que dos 5 aprovados um d` elles foi V.^a Ex.^a com quem decerto ninguém rivalizaria.

Fernando de S. (Coord.), *Bragança na época contemporânea (1820-2012)* (vol. I, pp. 183-302). Câmara Municipal de Bragança.

¹¹⁷ MAB/FAAB-Doc. 3295.

¹¹⁸ Monteiro, J. R. (2013). Sociedade e quotidianos de Bragança contemporânea. In Fernando de S. (Coord.), *Bragança na época contemporânea (1820-2012)* (Vol. I, p. 206). Câmara Municipal de Bragança.

Quanto que, atendendo a outros merecimentos decerto o amigo será o preferido sem mais receio e com motivo, que entrando n' este negocio influencias politicas como geralmente entra em tudo, esteja sojeito a receber alguma injustiça e que conseguinte precisa acompanhar de perto.

Eu sinto que, despresando tudo que dis política, não tenho voto p.^a nada, mas inda assim se me julgar apto p.a qualquer pedido p. intermedio de algum amigo eu me prestarei de tão bôa vontade como se fôra objeto propriamente meu¹¹⁹.

Contudo, apesar das advertências do amigo, tudo acabou a contento do Abade. É Luís Paulino que transmite a boa nova. "Meu bom Am.o (...) Posso pois afiançar-lhe está despachado p.a essa Egreja"¹²⁰.

Para as nomeações, era necessário esperar pelo momento político oportuno e favorável para os respectivos despachos se concretizarem.

A vontade de se aproximar da sua terra de nascimento, levou-o a encetar diversas tentativas nesse sentido. Deste modo, as missivas registam-nos os esforços de aproximação à sua terra natal.

Pela carta de Abílio de Lobão Soeiro ficamos a saber que o Abade terá concorrido para Cicouro. Nessa carta, enviada de Lisboa, pede-lhe para desistir da igreja de Cicouro, "caso só tenha concorrido por concorrer"¹²¹. Provavelmente, para atender a algum pedido que lhe dirigiram.

Figura 29. Carta de Abílio de Lobão Soeiro



Fonte: Museu do Abade de Baçal

¹¹⁹ MAB/FAAB-Doc. 766.

¹²⁰ MAB/FAAB-DOC. 766.

¹²¹ MAB/FAAB-Doc. 210.

Abílio Lobão Soeiro era amigo dos apoiantes de António Alberto Charula¹²². Veio a integrar a redação do jornal *Districto de Bragança* e desempenhou o cargo de secretário do Ministro da Marinha, Teixeira de Sousa, padrinho político de Alberto Charula. Inicialmente constituiu-se opositor de Abílio Beça. Contudo, Abílio Beça, para “apaziguar as águas” convida-o para seu secretário, quando é nomeado Governador Civil. (Mónica, 2005, vol.II, pp. 274, 560-562 e 745; vol. III, p. 778).

O interesse de Abílio Soeiro na desistência da igreja de Cicouro por parte do Abade continua a manifestar-se em outra missiva, demonstrando o grande interesse nesse assunto. Escreve nova epístola, com o seguinte texto:

Venho pedir-vos um favor que se fosse em proveito proprio certamente não teria maior empenho em que me obsequiasses. É a desistencia da igreja de Cicouro a que concorrestes ... por concorrer (...)

Se pretendeis a egreja e não podeis por isso, desistir, dissei-o franca e lealmente, como é proprio do vosso caracter e lealdade. Acreditaes que me prestaes um favor valiosissimo (...)”¹²³.

É nomeado Reitor de Mairos e toma posse em 11 de fevereiro de 1893. Domingos Manuel de Sá, no dia 14 de fevereiro de 1893, após ter lido a notícia da colocação do Abade em Mairos no *Comércio do Porto*, escreve a felicitá-lo: “felicitar, apenas tenho de fazê-lo aos habitantes que alcançaram um Parocho da Escola Moderna mas com senso dos antigos”¹²⁴.

Como já mencionámos, as cartas revelam a tentativa do Abade se aproximar da sua terra, nomeadamente, para as paróquias de Cicouro, Sezulfe, Parâmio, Sambade e Valebenfeito. São múltiplos os contactos dos amigos que o pretendem ajudar nesse desígnio. Com outros sacerdotes, tentou articular interesses, nomeadamente, nas

¹²²Regenerador, António Alberto Charula Pessanha, membros de uma autêntica dinastia local. Descendente de Francisco António de Almeida Moraes Pessanha, deputado por Trás-os-Montes às Cortes vintistas, sendo o segundo filho de um matrimónio que uniu um membro da família Pessanha ao antigo deputado e governador civil regenerador João José Pereira Charula. Até 1922, que saibamos, membros desta família e aparentados (como o visconde das Arcas ou o dirigente progressista Eduardo José Coelho) ocuparam cargos parlamentares representando o distrito de Bragança e, algumas vezes (1851, 1852 e 1864), estiveram igualmente presentes dois dos seus membros na mesma legislatura. (Sobral & Almeida, 1982, p. 656)

¹²³ MAB/FAAB-Doc. 210.

¹²⁴ MAB/FAAB-Doc. 1648.

permutas, nomeações, despachos, etc. A conjugação destes interesses, feita nos bastidores, não era isenta de originar, por vezes, alguns dissabores.

Deduzimos, pelo que lemos nos documentos, que os concursos ou nomeações para os locais referenciados não se efetivaram. Fresulfe teria sido o local onde a colocação esteve mais próxima de ser concretizada. A intenção era permutar depois com Baçal.

O Pe. Alípio José Alves Morais, em 1894, escreve uma carta acerca da colocação do Abade em Fresulfe e a futura permuta para Baçal. Esta situação originou alguns melindres. Antes de concorrer, e dado que uma das preocupações recorrentes se prendia com os rendimentos das paróquias, o Abade ter-lhe-á perguntado sobre os rendimentos de Fresulfe. Após ter respondido de forma favorável sobre esse assunto, o Abade ter-lhe-á dito que não aceitava porque outros o avisaram dos fracos recursos financeiros da paróquia, contrariando a sua informação. Sobre o assunto ele retorquiu: “disse-lhe que a parochia dava, e agora vem dizer-me que está recebendo avisos de que em Fresulfe se morre de fome — Quem falla verdade? Eu ou os dos avisos?”¹²⁵.

No concurso para Sezulfe, contou com a influência do seu amigo, político influente, Abílio Beça:

Tenho muito recomendado negocio (?) do despacho do Reitor de Mairos para Fresulfe. (...) Acabo agora de receber telegrama do Soeiro, de Lisboa, em que se diz que lavrado esse despacho. Falta que seja assignado e publicado, o que não deverá demorar. Apresso-te a dar-te a noticia, por saber o interesse que tomas no caso. (...)

Teu am.º Certo Abílio Beça¹²⁶.

Primeiramente, o Abade teria solicitado o apoio de Abílio Soeiro, um rival político de Abílio Beça, apesar de pertencer ao mesmo partido, regenerador. Pretendia ser nomeado para Valebenfeito. Este acede ao seu pedido, embora, em contrapartida, lhe solicite um compromisso escrito de apoio político a Alberto Charula, grande rival de Abílio Beça. Acreditamos que não o tivesse feito, até porque o despacho será finalmente conseguido por Abílio Beça. Abordaremos estas questões no capítulo seguinte.

¹²⁵ MAB/FAAB-Doc. 199.

¹²⁶ MAB/FAAB-Doc. 188.

Recebi em tempo a vossa prezada carta. Mto obrigado pelas palavras amaveis de affecto e estima que me endereças. Sou vosso adm.or e amigo sincero podeis crê-lo, — e assim vos pago.

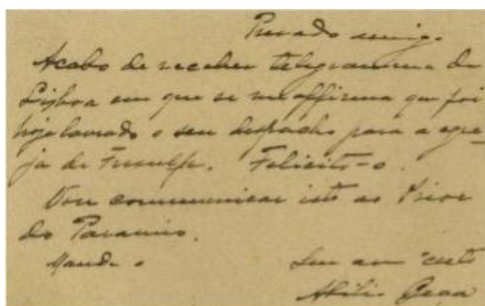
Obtenho o compromisso formal do despacho do vosso (?) p. Vallebenfeito, mas é preciso que me escreva uma carta que eu possa mandar ao meu bom am^o e comp. o Alberto Charula, Chefe Politico de Macedo em a qual elle me assegura que aquelle amigo pode contar com toda a sua dedicação política. Sabes o que é esta infamíssima cadela da politica (...).

Arranjae isso e mandae.

Sempre Vosso Abílio Soeiro¹²⁷.

Epistolarmente constatámos que Abílio Beça exerceu um papel central nos concursos do Abade. Este, foi deputado do Parlamento e governador-civil em Bragança. Iniciou a atividade política, a nível local, 1884, no Partido Progressista, como vogal da comissão executiva da Junta Geral do Distrito. Afastou-se depois do Partido Progressista, por o partido “não lhe satisfazer de prompto todas as suas desmedidas ambições pessoais e familiares”, nomeadamente a candidatura que tinha apresentado a São Bento. Por sua vez, o seu sogro entrara em conflito com Eduardo Coelho, líder dos Progressistas no distrito, por o ter aceitado no cargo de Administrador do Concelho. Em 1894, Abílio Beça foi finalmente para a capital. Conseguiu ser eleito deputado pelo círculo de Bragança, nas eleições vencidas pelo Partido Regenerador, realizadas em abril. Passava, deste modo, da periferia para o centro político. Ao ir para a capital, poderia mais facilmente concretizar o seu sonho — a linha de caminho de ferro de Mirandela a Bragança (Pereira, 2014, pp. 92-93).

Figura 30. Cartão de Abílio Beça, 30 de julho de 1894



Fonte: Museu do Abade de Baçal

¹²⁷ MAB/FAAB-Doc. 206

Atentemos à atuação de Abílio Beça a favor do Abade. Em 30 de julho de 1894, dá-lhe a boa notícia de que será emitido o despacho de transferência de reitor de Mairos para reitor de Fresulfe¹²⁸. Recebe diversas felicitações, ente elas a do Pe. Alípio José Alves Moraes, que sempre acompanhou com muito interesse as colocações do Abade. No dia 4 de abril de 1894, de Palácios, felicita-o pelo "concurso" para Fresulfe¹²⁹.

Outro colega que assume algum protagonismo no concurso de Fresulfe é Bartolomeu Pires. Tinha interesse em continuar a paroquiar a sua terra natal, Fresulfe. Articulou-se com o Abade para moverem esforços e conseguirem o desejo do Abade, a abertura de concurso para Baçal. Desta forma, o Abade desistia de Fresulfe, permanecendo na paróquia Bartolomeu Pires.

O processo foi difícil e algo conturbado, apesar de ter tido um “final feliz”: a colocação do Abade em Baçal. Recuemos no tempo e atentemos a estes “novelescos acontecimentos”. Bartolomeu Pires, em 7 de agosto de 1894, em Fresulfe, recebeu uma missiva do Abade, a solicitar-lhe que fosse a Vinhais a falar com Pedro Campilho para envidar influências e conseguirem a abertura do concurso para Baçal. Assim fez, e informa-o que, este, de imediato, escreveu a Eduardo José Coelho para que Baçal fosse a concurso e “colocasse o Abade sob sua proteção”¹³⁰. Como já indicamos, o interesse era de ambos, o Pe. Bartolomeu ficava na sua terra, Fresulfe, e o Abade viria do mesmo modo para a sua terra, Baçal.

Num documento de 8 de agosto de 1894, o Pe. Bartolomeu Pires escreve:

Tudo isto é contra a minha vontade, porque eu não desejo obstar a sua vinda por desconsideração (...) tão somente por contrariar os desejos de quem tanto se tem empenhado para me tirar d'aqui, sem eu lhe fazer causa, a não ser politica decente da minha parte (...)¹³¹.

Continua a acompanhar o caso com todo o interesse e dá-nos informações dos diversos pedidos a que vai procedendo.

¹²⁸ MAB/FAAB-Doc. 188.

¹²⁹ MAB/FAAB-Doc. 201.

¹³⁰ MAB/FAAB-Doc. 203.

¹³¹ MAB/FAAB-Doc. 203.

(...) Quando em primeiro d'agosto o Sr. Campilho escreveu ao Ex. mo Sr. Eduardo Coelho, pedindo-lhe a igreja de Baçal a concurso (...) respondeu, que tomava o pedido com toda a consideração (...).

Como não obtinha resposta, pediu a um amigo para ir falar com ele pessoalmente a Macedo, e respondeu “que não estava esquecido, que esperava mudança de situação política breve e não tinha dificuldade em o colocar em Baçal, que era questão de pouco tempo¹³²”.

Numa epístola de José Manuel Cordeiro, de 1902, constatámos que o Abade teria concorrido, igualmente, para Sambade. Após ter conhecimento que o Abade apresentara requerimento para Sambade diz-lhe “não te arrependerás, e não só pelo rendimento da freguesia como pela boa gente que é muito respeitadora” e como “Foi tal o affecto com que te fiquei desde que estivemos nos exercícios”, prontifica-se a acompanhá-lo na ocasião da posse.

Numa outra carta escrita a Campilho, sugere que o Abade enviasse carta a Sua Majestade a desistir da paróquia de Fresulfe.

O Abade, com a vinda para Baçal e a morte do pai, passa a gerir a casa agrícola, na companhia da mãe e irmã. O seu envolvimento na política desde então será esporádico, como já mencionámos e terá sido motivado exclusivamente pela sua pretensão à paróquia de Baçal.

A vinda de Francisco Manuel Alves para Baçal teve também o contributo dos amigos e família. Francisco Manuel de Moraes, em 1892, a pedido do pai do Abade envia-lhe um livro e informa-o que o Pe. de Baçal está muito doente. Nesta situação, pede para o avisar se tem interesse em vir para Baçal¹³³.

No dia 16 de dezembro de 1893, Alípio Moraes escreve:

(...) era tão somente para te dizer que casualmente, mas de pessoas competentes soube que Baçal tem uma derrama importante (...) Já falei em que Baçal viesse a concurso, para ti, no que me responderam que a seu tempo se trataria de tal negocio, e estou certo que se a situação regeneradora se conservar poderei satisfazer ao teu pedido, e com grande satisfação¹³⁴.

Contudo, nesta tarefa que se revelava tão difícil, ser colocado como sacerdote na sua terra natal, o amigo Abílio Beça volta a desempenhar um papel decisivo. É por seu

¹³² MAB/FAAB-Doc. 204.

¹³³ MAB/FAAB-Doc. 2404.

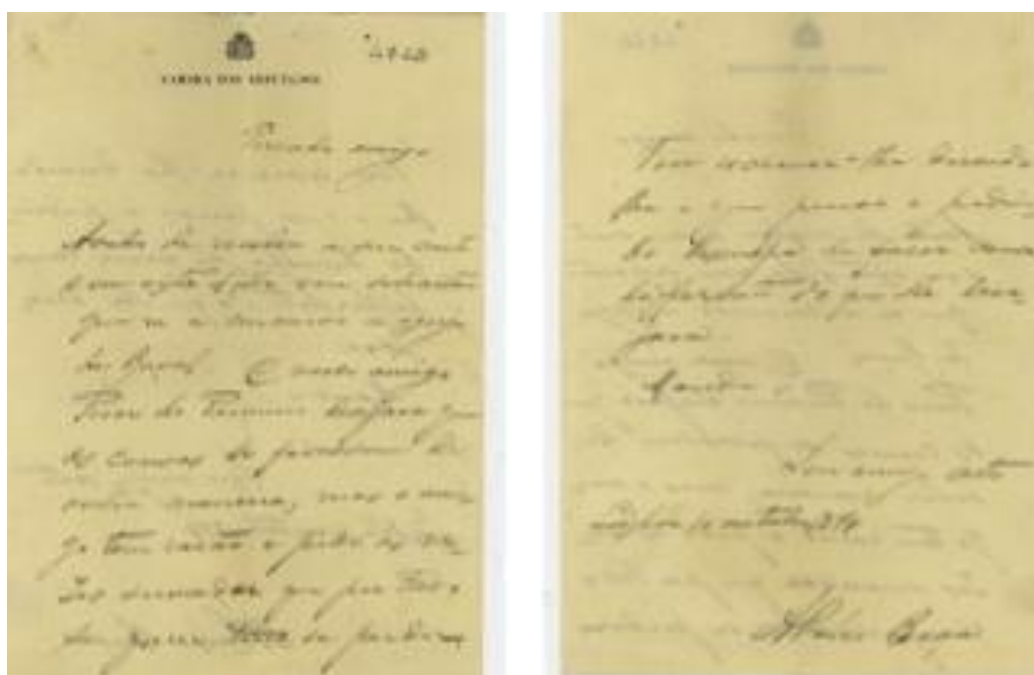
¹³⁴ MAB/FAAB-Doc. 3472.

intermédio que os pedidos foram dirigidos ao mais alto nível, ou seja, ministro e bispo diocesano.

Por solicitação do Abade, Abílio Augusto de Madureira Beça, no dia 10 de outubro de 1894, informa que pedirá a abertura do concurso para a igreja de Baçal, cerca de um ano antes de ser nomeado para essa paróquia.

Após estes diversos esforços, em 1896, finalmente, é colocado na sua aldeia natal. Não foi fácil! Como verificámos, teve que encetar diversos pedidos, que, conhecendo o seu temperamento, não lhe teriam sido fáceis. Com a interferência política de Abílio Beça, dirigente regenerador, e de D. José Alves de Mariz, consegue o desejado despacho e provisão e, finalmente, paroquiar as suas gentes.

Figura 31. Carta de Abílio Beça, 10 de outubro de 1894

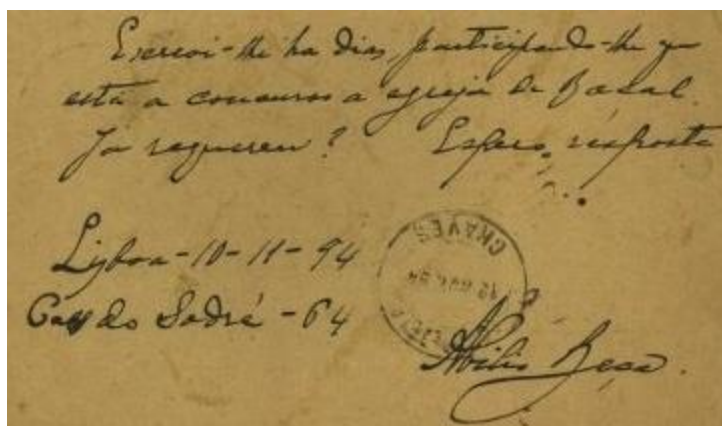


Fonte: Museu do Abade de Baçal

Decorrido apenas um mês, Abílio Augusto de Madureira Beça faz saber que se encontra aberto o concurso para a igreja de Baçal: “Escrevi-lhe ha dias, participando-lhe que está a concurso a egreja de Baçal. Já requereu? Espero resposta”¹³⁵.

¹³⁵ MAB/FAAB-Doc. 3040.

Figura 32. Cartão de Abílio Beça, 10 de novembro de 1894



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Em 1905, comunica-lhe ter sido o único concorrente à igreja de Baçal, “O Barrigão acabou por não concorrer”. Dessa forma, solicitou de imediato ao Ministro para produzir o despacho¹³⁶.

No documento que a seguir transcrevemos constatámos as dificuldades para tal *empreendimento*. Em 23 de agosto de 1895, descreve a situação Abílio Beça:

(...) Qualquer censura que (?) haja sido feita a seu respeito é injusta.

Houve dificuldades a vencer para o seu despacho e por tanto diligencias a empregar. Por causa das aggressões do Moncorvense contra o prelado da diocese, este tem andado com alguma má vontade sobre as nossas pretensões. (...) declarou que não o collaria sem passar o prazo regulamentar de tres annos ou 30 meses. Depois foi preciso pedir ao Ministro que instasse pelas informações. Então o Sr. Bispo deu-as, mas em forma a perguntar o Ministro para aqui se queriamos o despacho que nos arriscariamos a que o bispo não lhe desse collação. Instei por ella e veio logo, pois appareceu hoje no Diário.

Confio em que hei de obter do nosso bispo que lhe facilite a collação.

Diga-me quanto tempo tem de parochio collado em Mairos. Não se preocupe e não occupe mais ninguem. Vá preparando o que hé necessario e previna-me quando tiver as cousas concluidas.

Seu amigo certo

Abílio Beça¹³⁷.

¹³⁶ MAB/FAAB-Doc. 4766.

¹³⁷ MAB/FAAB-Doc. 4230.

Foi com satisfação que os amigos receberam a notícia. A 22 de agosto de 1894, Alípio de Moraes, felicita-o: “Hontem deu-me parte o Beça hoje o Ribeirinha e o jornal, e por isso envio um (...) abraços que se aqui fossem dados de certo te partiriam uma d’essas costellas herculeas”¹³⁸.

Em 1910, o Abade, queixando-se do reumatismo, solicita autorização ao prelado para deixar a anexa de Aveleda. D. José Alves de Mariz anui ao seu pedido, lamentando os problemas de saúde “o que sinto é que V. Ex. cia. Se queixe tanto do rheumatismo. Estimo que melhore”, e dá instruções ao seu secretário, Pe. Figueira, para tratar desse assunto¹³⁹. A partir desta data ficou o Abade a paroquiar apenas a sua aldeia, até à sua jubilação.

No ano de 1935, relata Monsenhor José de Castro:

A 9 de Abril, o reitor de Baçal, P. Francisco Manuel Alves, festejou 70 anos de idade. Pretexto para se lhe fazer uma manifestação que em verdade foi nacional, desde o bispo diocesano ao governo da República. Dom Luís António de Almeida, em provisão de 25 de Março de 1935, e em atenção aos “seus muitos e apreciados estudos históricos e proficientes investigações arqueológicas”, e às suas qualidades de “escritor erudito e fecundo publicista”, sendo por isso “uma gloria do clero”, e em “público testemunho de elevada consideração, afectuosa estima e sincero reconhecimento”, conferiu-lhe o título de Abade de Baçal, com todas as honras, privilégios e regalias inerentes que de direito lhe pertencem. (Castro, vol. IV, p. 156)

Finalmente, Francisco Manuel Alves é nomeado Abade. Nomeação considerada tardia por muitos. Não encontramos melhores palavras para nos descrever a situação que as do amigo Luís Teixeira:

Felicit-o por o terem promovido à dignidade eclesiástica que o valor, maior do que o dum Bispo, lhe outorgou antes do desideratum desse Bispo. O povo!... -

Desde que entendo as palavras me habituei a ouvir falar ao meu Pai, no nosso Abade. Então o nosso bom Abade seria como a pescada?!... Antes de o ser já o era!!

¹³⁸ MAB/FAAB-Doc. 200.

¹³⁹ MAB/FAAB-Doc. 843.

Um abraço, longa existencia e pouco trabalho no ramo descendente da trajectória da vida que desejo bem ver-lha precorrer com todo o vagar possível, como Amigo dedicado¹⁴⁰.

¹⁴⁰ MAB/FAAB-Doc. 3885.

4.4. Os concursos paroquiais: “Eu tenho estudado alguma coisa mas como tu sabes quando elles não querem pouco nada sobra”

Abordámos as atribuladas colocações paroquiais do Abade através da epistolografia, olhemos agora para a não menos complicada teia em que se moviam os concursos paroquiais de outros colegas sacerdotes.

Em ambientes anticlericais, numa Diocese com poucos recursos, dotada de clero insuficiente, desencantados com o ministério, com muitos a passarem dificuldades económicas, as colocações na paróquia adequada, quer porque ficava perto da localidade de onde o pároco era natural, quer pelos rendimentos auferidos, movia muitos interesses no ambiente sacerdotal. Ao Abade muitas cartas lhe eram dirigidas com uma multiplicidade de pedidos para conseguirem uma “boa paróquia!” Pediam-lhe para mover as suas influências junto dos prelados e junto dos amigos políticos influentes. Neste tocante, Abílio Beça continua a exercer protagonismo. Em mensagem de 1900, comunica ao Abade: “O negócio do P. Mariz está no seguinte pé teve despacho no Ministério da Fazenda (...) no dia 21 d`abril oficiou-se ao Ministério da Justiça para obter a renúncia”¹⁴¹.

Para estes movimentos, não seria despiciendo a facilidade de os párocos mobilizarem os paroquianos nas eleições, conseguindo os seus votos a favor de um determinado partido. Dessa maneira, os favores transformavam-se em moeda de troca para a obtenção de votos. Desenvolveremos este assunto no capítulo seguinte.

Face ao referido, quando se moviam muitos interessados, a colocação numa determinada paróquia dependeria do apoio político do partido que estava no poder. O Pe. José Benedito Fernandes Lageira, em 1902, pede informações sobre o pedido que lhe dirigiu para conseguir o despacho de desistência a favor do padre de Bouçoais e, desanimado, expressa a necessidade de apoios “políticos” para as colocações dos sacerdotes¹⁴². Referindo-se à vantagem de colocação de um colega, escreve: “tem boas proteções progressistas locais e de fora”.

¹⁴¹ MAB/FAAB-Doc. 189.

¹⁴² MAB/FAAB-Doc. 2024.

Dirige-lhe outra mensagem “Reservada” a solicitar-lhe apoio para a sua colocação, preocupado, porque o arcebispo só depois da queda do Governo procederá às colocações e, dessa forma, estava sem benefício “neste desterro de Tronco”. Solicita-lhe também que convença o primo do Abade a desistir do concurso para Bouçoais, paróquia para a qual concorrera.

O Abade mediava estes interesses com parcimónia e sensatez. Como já alegamos, tinha contactos ao mais alto nível, quer na hierarquia religiosa, quer na área política, deles era tributário da “maior consideração”. Contava igualmente com a capacidade de influenciar os colegas — era muito respeitada a sua opinião. Bem conceituado e aceite entre os colegas, dirigiam-lhe, então, imensas missivas sobre este tema, cujos assuntos incluíam o simples desabafo pelas “injustiças” nas colocações, os pedidos para os exames, as permutas e as desistências a favor de alguém. Muitos destes interesses que se moviam em torno das colocações originaram diversos conflitos e melindres entre colegas e com a hierarquia.

Deparámo-nos com correspondência dos colegas com comentários e desabafos sobre as colocações, onde o Abade exerce o papel do fiável confidente, de quem se espera as amigas e lenitivas palavras, a quem se confiavam os desabafos das injustiças nas colocações.

A distribuição das paróquias transformava-se habitualmente, pelas razões já apontadas, em tema para longas missivas, onde se dirimia com pormenor quem ia para onde e todas as questões ligadas aos interesses pessoais, concretizados ou não concretizados.

José Benedito Fernandes Lageira, em carta de 9 de setembro de 1896, enviada do Tronco, reflete sobre a colocação dos padres e as constantes questiúnculas¹⁴³.

Alípio José Alves Morais, de São Julião, em fevereiro de 1893, envia palavras de felicitações pela colocação em Mairos. Todavia, é num tom de desilusão e revolta, que escreve sobre a sua colocação em S. Julião que por “vingança política, que se mete em

¹⁴³ MAB/FAAB-Doc. 2036.

tudo"; o "pernicioso" bispo; os padres que se “meteram na política”, e o resultado na colocação de colegas¹⁴⁴.

João da Cruz Teixeira, o seu grande amigo, de Vilartão, em 1909, lança o apelo à “superior inteligência” do Abade na seguinte questão:

(...) Está a fazer-se a circunscrição das freguesias, sem attender aos direitos dos Parochos Collados.

Não sei as bases, nem vi tal decreto.

Se a freguesia d'um Parocho colado for anexada a outra, em que condições fica esse parocho? (...) Vê se te podes orientar. Bem sei que pensas mais noutros assuntos, mas a tua superior intelligencia dá para tudo. Nisto guarda-me segredo¹⁴⁵.

João Vicente Pinelo, em 23 de janeiro de 1907, agradece a amiga e reconfortante missiva do Abade, se bem que é num tom de revolta e ironia que manifesta queixume contra o bispo e o Pe. Figueira, por o terem transferido de freguesia:

Recebi a tua carta que fiquei bastante contente com as tuas declarações, que as julgo de amigo, mas deves ver que é patifaria do Zé e do Figueirinha descalço a passar o rio (...) Agradeço todos os teus obsequios e consulta lá esses senhores se querem a ver se querem (sic) que ande com a roupa ás costas todos os dias. Estava bem se não fosse terem-me mandado para aqui sem me consultarem¹⁴⁶.

Nem sempre o Abade reconhecia legitimidade nestas lutas concursais. No envelope escreve: “João Sacoias disparates a propósito do Bispo e Figueira”¹⁴⁷.

Figura 33. Envelope com notas manuscritas pelo Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

¹⁴⁴ MAB/FAAB-Doc. 4837.

¹⁴⁵ MAB/FAAB-Doc. 4235.

¹⁴⁶ MAB/FAAB-Doc. 2407.

¹⁴⁷ MAB/FAAB-Doc. 2407.

Miguel Maria Leal de Mariz dirige diversas mensagens ao “Robs” cujo tema central são as colocações paroquiais. Em 1 de outubro de 1905, de Ferradosa, escreve¹⁴⁸:

Apezar dos teus esforços e do conselheiro Abílio Beça, ainda d`esta vez não foi possível conseguir que eu saísse d`esta malfadada freguesia, paciência que é bôa para a vista. (...) Espero, pois, da tua pessoa, como amigo que sempre fui, me continuarás a prestar o teu auxilio e favor¹⁴⁹.

Em 1906, convoca o Abade para endereçar um pedido ao Prelado, pois pretende ir para Alvites¹⁵⁰. No ano seguinte, 1907, escreve a agradecer: recebeu a carta para "Mascarenhas"¹⁵¹. Ainda não tinham decorridos dois meses, escreve nova mensagem a solicitar ajuda para sair de Mascarenhas. No ano de 1913, remete novo pedido para lhe ser anexada a paróquia de Abambres que vagara recentemente¹⁵².

Como nos apercebemos, não seria fácil para o Abade gerir todos estes interesses e vontades.

A saída de uma paróquia e a nova colocação era comunicada com frequência. O Abade de Vale Benfeito, Manuel Bernardo Pires, em 1906, comunica a saída de Podence e oferece os serviços na nova paróquia, Vale Benfeito¹⁵³.

Outros assuntos prendiam-se com questões mais sensíveis e de índole privada. Domingos B. Videira, em 1907, de Sintra, confia ao Abade as dificuldades tidas em lhe ser concedida licença para celebrar, devido às más informações sobre ele enviadas pelo Patriarca. Preocupado, pede ajuda. Pretende que escreva ao Patriarca a referir que, como o Prelado não queria que saísse da Diocese, dada a falta de padres, ter-lhe-á dado más informações a seu respeito¹⁵⁴.

Percebemos que o Abade tinha uma relação privilegiada com o Paço Episcopal, ou, deste modo, era interpretado pelos colegas nas mensagens que lhe dirigiram.

¹⁴⁸ MAB/FAAB-Doc. 2727.

¹⁴⁹ MAB/FAAB-Doc. 2717.

¹⁵⁰ MAB/FAAB-Doc. 2729.

¹⁵¹ MAB/FAAB-Doc. 2730.

¹⁵² MAB/FAAB-Doc. 2714.

¹⁵³ MAB/FAAB-Doc. 3015.

¹⁵⁴ MAB/FAAB-Doc. 3490.

Manuel António Rodrigues, a 6 de janeiro de 1908, escreve:

Chico:

Como ves pela carta autographada P. Francisco, pediu a exoneração de parcho da Freguesia de Carragosa. N'esta altura convinha-me a anexação, embora elle depois de restabelecido da sua doença, torne a ser integrado na mesma parochialidade. Os documentos foram para o Paço no dia 1º do corrente. Agóra vê tu, se podes interessar-te n'esta minha pretensão sem grave compromisso então fal-o com Toda a urgência; se não paciencia.

Caso queiras mandar officio ao Bispo diz ao portador que m'ò leve à Rica Fé onde o espero até às 9 da manhã¹⁵⁵.

José Cardoso Figueira, Escrivão da Câmara Eclesiástica, em 1913, responde ao Abade acerca de questões sobre a substituição de párocos.

Por ora nada está definitivamente resolvido sobre a substituição dos tres parchos a que se refere. Espero amanhã instruções do Senhor Bispo sobre isto. Sei porém que todos os tres parchos tem de ser substituidos mais dia menos dia, e é de crer que o sejam agora¹⁵⁶.

Se as questões temporais assumem centralidade nestes documentos, as questões espirituais deixam-nos impressivas epístolas, como é o caso dos “exercícios espirituais”, representados em diversas missivas.

O Seminário de Vinhais era o local habitual de realização. Estes, para além das questões doutrinárias, serviam para encontro entre colegas. Para aí se dirigia o Abade, a pé, encostado ao seu cajado, por caminhos íngremes: “era pontual nos exercícios espirituais para o clero, que então se faziam no edifício do Seminário de Vinhais. Percorria mais de 30 km a pé, encostado ao seu cajado” (Pires, 1985, p. 238).

Nas suas *Memórias* observa: “É também a D. José Alves de Mariz que a diocese de Bragança deve a introdução da salutar e útil prática dos exercícios espirituais ao clero pelos anos de 1896” (Pires, 1985, p. 238).

Sobre a carta-pastoral do mesmo Prelado acerca dos exercícios espirituais do clero, datada de 15 de agosto de 1898, discorre:

¹⁵⁵ MAB/FAAB-Doc. 3115.

¹⁵⁶ MAB/FAAB-Doc. 840.

Quanto ela seja óptima em frutos tendentes a afervorar sentimentos religiosos, extirpar abusos, uniformizar os actos do múnus pastoral e transmitir impressões de encorajamento contra as perseguições diabólico-mundiais, assaz o experimentam os que têm a felicidade de os frequentar. O próprio Prelado, sabendo que as palavras movem mas os exemplos arrastam, costuma assistir a esses exercícios. (Alves, 2000, vol. II, p. 145)

Manuel António da Ressurreição Fernandes, em 1937, envia autorização ao Abade para organizar os exercícios espirituais do ano seguinte¹⁵⁷.

Frei João Penitente de Vale de Asnes, numa longa epístola dirigida ao Abade, com fervor religioso, caracteriza-nos os “Santos Exercícios”¹⁵⁸.

A vossa epistola foi a graça do Espirito Divino que veio illuminar a minha alma (?) pelas dezordens do mundo ou antes do seculo; mas oh! bondade infinita do meu Deus! espero conseguir apartar de mim tudo o que estimula a besta, e a alma, saciada pelos santos orvalhos celestes, entrará na contemplação do Amor divino. Mil louvores ao Senhor Jesus que te inspirou tam santa resolução. Eu quasi ignorava que os Santos filhos do Santo Patriarcha de Loyola se tinham resolvido neste anno de graça a ir semear a divina palavra no meio dos tristes peccadores desta abençoada e ditoza diocese (...) Poderia eu, o maior dos peccadores recusar-me à penitencia?

Só num caso de força maior; doutra forma eis-me ahi. Tu me avizas por mandado de Deus e aos mandados de Deus não pode faltar à mais precisada de Todas as ovelhas do rebanho do Senhor. A penitencia pois se aproxima o grande dia e não sabemos a hora. Quem nos diz que o divino espozo vem e não temos a candeia bem temperada? Vamos de pressa à tasca comprar azeite bastante; os taberneiros sam promptos e vendem a preços razoaveis por tanto é aproveitar. Espero desta vez trazer provizão bastante para não deixar extinguir a lampada sagrada, porque temo que o Leão rugidor me serque e não dê tempo de buscar mais oleo. — Tu, caríssimo irmão, bem sabes a quantos perigos está exposta a alma desamparada da graça, principalmente nestes segregados dias em que as potencias do inferno se tem conjurado para as levarem ao caminho da perdição. Façamos pois penitencias, recorrendo aos Santos Exercicios, refresquemos as ardencias da carne no cilicio e alimentemos a alma do santo amor divino. Que as potencias internas da alma polidas pelas praticas de piedade subjugem os sentidos, sobretudo a baixa concupiscencia. Isto entende-se com quem ainda no vigor e viço da vida difficilmente resiste aos atractivos da carne; nós neste ponto estamos mortos em parte pelos trabalhos e idade e em parte pelas meditações da torpeza do peccado, etc. É preciso no entanto meditar dia e noite nos novissimos, porque embora os estímulos da carne não nos fustiguem sam de temer os restantes

¹⁵⁷ MAB/FAAB-Doc. 751.

¹⁵⁸ MAB/FAAB-Doc. 4710.

inimigos da alma. Que a saúde e a graça do Altíssimo te não desamparem até ao grande dia.

Os Exercícios Espirituais constituíam-se, também, local de sociabilidade e partilha. Firmino Augusto Martins, em 1928, manifesta o contentamento pela ida do Abade no mesmo turno para se poderem encontrar e partilhar os trabalhos intelectuais: irá levar o "Folclore" para o "amigo ver"¹⁵⁹.

¹⁵⁹ MAB/FAAB-Doc. 132

4.5. O dia a dia paroquial: “Conto também que me direis aqui missa no dia de S. Pedro, pois tenho intenção de ir às corridas a Zamora n’esse dia, onde vão tourear o celebre Machaquito e Chiquito”

As questões advindas das funções paroquiais oferecem-nos um vasto número de documentos. Com efeito, sobre o dia a dia da vida paroquial, muitas epístolas nos falam. Os assuntos são muito diversificados, correspondendo às diversificadas funções dos párocos. Remetem-nos para as funções litúrgicas: pedidos de sacerdotes para assistir a ofícios, sermões, casamentos, batizados, funerais, etc.

Mencionamos, a título de exemplo, Abreu Moura que envia convite para pregar o sermão na festa da Sra. dos Milagres, em 14 de setembro¹⁶⁰. Francisco Pires Morais pede ajuda nas confissões¹⁶¹. O professor de Aveleda, João Baptista da Cruz, solicita que avise na missa quem tem que comparecer para os exercícios escolares¹⁶².

Da parte da Diocese, a Comissão da Diocese Bragança-Miranda do Douro, em 1934, divulga peditório para compra de banquetas de prata para a homenagem a Nossa Senhora de Fátima.

As cartas eram o meio usado para solicitar documentos do arquivo paroquial. Joaquim Silva Melo, em 1936, pede certidão de batismo de José Ferreira Castro, para efeitos de matrimónio. Nesse documento escreve o Abade: "o autor desta carta foi fuzilado pelos vermelhos à porta da igreja como se diz na Vos de 15 de Agosto de 1936"¹⁶³.

Prática corrente era a comunicação das mortes: O Pe. João Vaz d’Amorim, em 1943, Bouçoais, "muito triste" informa sobre a morte do Pe. Domingos Neves¹⁶⁴.

Como investigador *consagrado*, muitos eram os pedidos que elementos do clero lhe dirigiam sobre a História das paróquias. Prontamente auxiliava os colegas sacerdotes. João Cruz informa-o que paroquiará Mascarenhas “contrafeito e desgostoso”, contudo pede-lhe informações históricas sobre Mascarenhas¹⁶⁵. Manuel António Pires solicita

¹⁶⁰ MAB/FAAB-Doc. 3664.

¹⁶¹ MAB/FAAB-Doc. 3107.

¹⁶² MAB/FAAB-Doc. 1535.

¹⁶³ MAB/FAAB-Doc. 1388.

¹⁶⁴ MAB/FAAB-Doc. 2049.

¹⁶⁵ MAB/FAAB-Doc. 805.

dados históricos sobre Alfândega da Fé, Freixo de Espada à Cinta e Torre de Moncorvo para preparar o próximo Congresso Eucarístico Regional, a realizar em Torre de Moncorvo¹⁶⁶.

Francisco Moreira das Neves, em 1942, agradece a prontidão da resposta à questão que lhe colocou relativa ao semitismo de Guerra Junqueiro¹⁶⁷. Nessa carta, tece considerações “confidencialíssimas” sobre o Dr. Neves, afirmando que não era fonte segura e insuspeita. Discorre sobre os assuntos do Cardeal Patriarca Cerejeira, nomeadamente a recusa para se constituir sócio da Academia. Envia cópia da missiva do Cardeal Patriarca com a recusa e a exigir a sua publicação¹⁶⁸.

Da Secretaria Episcopal, Manuel Pires, em 30 de junho de 1943, a propósito de uma grande peregrinação ao Santuário da Senhora da Serra, solicita-lhe um artigo sobre o Santuário para o *Mensageiro*. Passados 9 dias agradece o trabalho (9 de julho)¹⁶⁹, demonstrando-se, assim, a diligência com que o Abade tratava estes assuntos.

António Maria Álvares Martins, em 1908, envia os estatutos da confraria de S. Vicente e pede a “habilitada” colaboração do Abade para a sua correção¹⁷⁰. Francisco Joaquim Neto, em 1914, elogia e agradece o artigo do Abade.

Manuel António da Ressurreição Fernandes, em 1916, de Guimarães, questiona a divergência da designação da diocese “Bragança” e “Bragança e Miranda” e a necessidade de a uniformizar¹⁷¹.

¹⁶⁶ MAB/FAAB-Doc. 2015.

¹⁶⁷ Moreira das Neves, passados mais de 40 anos, deixa-nos este testemunho: “Já antes, ao preparar o meu ensaio sobre Guerra Junqueiro — o Homem e a Morte, pretendendo debruçar-me sobre o debatido problema da origem judaica do Poeta, consultei o Abade de Baçal, incontestavelmente a maior autoridade sobre os hebreus de Trás-os-Montes. Teve a gentileza de logo me atender, em carta de 7 de Agosto de 1942”. (Neves, 1985, p. 249) “era assim, foi sempre assim o Abade de Baçal: independente e franco, sem subserviências nem hipocrisias; um homem inteiriço, tão voltado para os mistérios das cavernas primitivas e dos cipos legendados, como refractário às intrigas e mentiras dos salões forrados de sedas e com candelabros doirados a iluminá-los”. (Neves, 1985, p. 251)

¹⁶⁸ MAB/FAAB-Doc. 736.

¹⁶⁹ MAB/FAAB-Doc. 4616.

¹⁷⁰ MAB/FAAB-Doc. 2440.

¹⁷¹ MAB/FAAB-Doc. 2744.

Francisco Joaquim Neto, em 1917, de Meirinhos, Mogadouro, solicita informações históricas sobre Torre de Moncorvo para aí ir pregar¹⁷².

Figura 34. Envelope com notas manuscritas pelo Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Albano de Jesus Falcão, em 1934, envia subscrição a favor do projeto de criação da Rádio Renascença, e solicita ao Abade que promova a subvenção dos seus fregueses.

Manuel António Pires, em 1944, envia o resultado do inquérito feito por 120 párocos, com a análise da situação da Diocese. José Joaquim de Campos, em 1945, solicita dados sobre a Confraria do S.mo Sacramento na Diocese, trabalho que pretende apresentar no Congresso Eucarístico a realizar nas Festas Centenárias¹⁷³.

A atividade dos Movimentos Religiosos nas paróquias, está, também, presente. A Obra das Vocações Sacerdotais, em 16 de julho de 1944, remete circular sobre o programa para o dia das vocações e seminários. Em 24 de julho de 1944, envia nova circular com notas sobre a criação da Obra das Vocações Sacerdotais¹⁷⁴.

José Cardoso Figueira, em 1909, solicita a vinda do Abade para a sagração dos Santos Óleos¹⁷⁵.

¹⁷² MAB/FAAB-Doc. 2654.

¹⁷³ MAB/FAAB-Doc. 2851.

¹⁷⁴ MAB/FAAB-Doc. 2854.

¹⁷⁵ MAB/FAAB-Doc. 1532.

Eugénio Jalhay, em 1939, transmite que efetuará uma visita breve a todas as direções diocesanas, na qualidade de Assistente Geral da Juventude Escolar Católica. Irá a Bragança pela primeira vez. Pretende visitar o Museu e cumprimentá-lo¹⁷⁶.

O Vigário Geral da Diocese, em 2 de maio de 1945, remete o programa das celebrações religiosas centenárias da fundação da Diocese em Miranda do Douro, para distribuir pelos peregrinos¹⁷⁷.

José Manuel Diegues, em 12 de maio de 1945, divulga o Congresso Nacional do Apostolado da Oração. Envia impressos para angariar fundos para as despesas¹⁷⁸.

Figura 35. Carta de José Ferreira Thedim, 22 de julho de 1942



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Em algumas cartas ficamos a conhecer o cuidado do Abade com a sua igreja nos aspetos artísticos. Em setembro de 1936, do Porto, informam-no que existe artista competente para o que pretende: uma cópia da imagem de S. Sebastião. Esse artista é o escultor José Ferreira Thedim¹⁷⁹. Este artista, em 3 do janeiro de 1942, de São Mamede do Coronado, escreve a dizer que copiará fielmente a imagem de S. Sebastião. Em 21 de julho de 1942, agradece as boas referências à sua reprodução e envia os custos: “Agradeço muito reconhecido as referências feitas à minha reprodução da imagem de S. Sebastião.

¹⁷⁶ MAB/FAAB-Doc. 4918.

¹⁷⁷ MAB/FAAB- Doc. 2672.

¹⁷⁸ MAB/FAAB- Doc. 2671.

¹⁷⁹ MAB/FAAB-Doc. 1314.

Tomo-as na devida consideração por saber que são provenientes d'uma alta competência (...) muito e muito obrigada”¹⁸⁰.

Pela comissão de Organização do Quadricentenário da Diocese de Bragança-Miranda do Douro, Manuel António da Ressurreição Fernandes, em 1945, envia orientações aos párocos de modo a selecionarem peças para integrar na exposição de Arte Sacra, a realizar-se no Seminário de Bragança, no âmbito do programa das Festas Quadricentenárias da Diocese¹⁸¹.

Abílio Augusto Vaz das Neves, em 13 de março de 1946, envia convite para a festa do 76.º aniversário da Fundação dos Socorros Mútuos de Bragança¹⁸².

Raul Teixeira, em 1942, pergunta se pode vir fazer o casamento do José. A missa será celebrada na capela "armada no escritório". Em 1944, como teve conhecimento que o Abade ia construir uma casa paroquial em Baçal, pede-lhe para mandar construir uma casa digna e recomenda o Eng. Baltazar para a elaboração da planta.

Os documentos dão-nos conta, também, do lazer. O primo, Francisco Manuel Alves, em 1910, pede que o Abade venha a Miranda do Douro substituí-lo, para rezar Missa no dia de S. Pedro, pois tenciona ir a Zamora ver a tourada: “Conto também que me direis aqui missa no dia de S. Pedro, pois tenho intenção de ir às corridas a Zamora n`esse dia, onde vão tourear o celebre Machaquito e Chiquito de Begona com as respectivas quadrilhas”¹⁸³.

Verificámos assim que o tema suprarreferido se materializa abundantemente nos documentos compulsados.

¹⁸⁰ MAB/FAAB-Doc. 1291.

¹⁸¹ MAB/FAAB-Doc. 2674.

¹⁸² MAB/FAAB-Doc. 2679.

¹⁸³ MAB/FAAB-Doc. 1551.

4.6. A pobreza do clero secular no espaço rural: “Senhor Abbade: Antes de ler toda esta carta rogo lhe que imagine qual será o desespero d’ um padre cheio de fome. Esse padre sou eu”

Os finais de oitocentos, teriam sido para Trás-os-Montes, região periférica de Portugal, “porventura, um dos períodos mais dramáticos da sua História Contemporânea” (Sousa, 2013, vol. I, p. 108).

Apesar de a população do distrito de Bragança ter crescido desde 1864, o seu peso demográfico, percentualmente em relação ao total nacional, diminuía, acompanhando a inclinação geral verificada no interior norte.

Acentuava este problema o baixo nível de urbanização que se verificava em Bragança, que se encontrava nos últimos lugares entre os distritos, apresentando a menor percentagem de população urbana. A cidade de Bragança, capital de distrito, tinha apenas cerca de cinco mil habitantes e registou uma diminuição populacional na década de 1890.

A agricultura era a atividade económica central da região, com produção de castanha, vinho, batata e centeio. No entanto, a produção era limitada e arcaica, devido à falta de capitais, mão de obra, juros elevados e ausência de máquinas e processos modernos de cultivo. Além disso, a filoxera teve um impacto significativo na viticultura, que era a cultura mais importante da região, causando uma queda de 90% na produção de vinho entre 1882 e 1890 (Sousa, 2013, vol. I, pp.82-92).

Na indústria, o cenário também era desolador. Praticamente inexistente, a exceção era a indústria da seda. Contudo, essa indústria também se encontrava em acentuado declínio. O comércio baseava-se na atividade dos almocreves. Ressalta-se que o comércio com a Espanha desde o final da década de 1880 se concentrava no sul do distrito, devido à ligação ferroviária entre Barca d'Alva e Salamanca (Sousa, 2013, vol. I, pp. 92-108 e 113-123).

A emigração foi, desde finais da década de 1880, uma consequência desta grave crise económica no distrito. O número de emigrantes, entre 1888 e 1902, cifrava-se numa média de cerca de 570 indivíduos por ano (Sousa, 2013, vol. I, pp. 53-57).

Também na área dos transportes, Trás-os-Montes era uma região periférica. Praticamente sem caminhos-de-ferro (a província tinha pouco mais de 100 km de ferrovia: linhas do Tua e parte da do Douro, geridas pela Companhia Nacional de Caminhos de Ferro e pelo Estado e com uma fraca extensão da rede rodoviária, contrastava vincadamente com outras zonas do reino e acentuava paulatinamente a sua periferização (Pereira, 2017, p. 46).

O analfabetismo, que se situava nos 80% em 1900, agudizava a situação sucintamente elencada. (Sousa, vol. I, pp. 108, 390-391 e 425).

Foi o contexto suprarreferido que teremos que ter em consideração para analisar e perceber a condição de pobreza do clero paroquial registada no conjunto documental.

António Caetano Vaz Pereira, em 1905, solicita a intercessão do Abade perante o bispo para o colocar na freguesia de Pinela, de modo a fazer face à miséria em que vivia²¹⁰. No que lhe diz respeito, traça-nos um quadro negro de pobreza. Com poucos rendimentos, a sustentar uma irmã, passa fome. Solicita, assim, ao Abade que interfira por ele perante o bispo para lhe atribuir paróquia.

Senhor Abbade

Antes de ler toda esta carta rogo-lhe que imagine qual será o desespero d'um padre cheio de fome. Esse padre sou eu e quer o meu bom amigo ver como é verdade? O meu passal é de 450 rs.; está commigo uma irmã, temos portanto que comer vestir e calçar cada um com 225 rs!! As ordens não servem de nada porque estive 97 dias sem haver quem me mandasse celebrar uma missa, não sendo as dos domingos. O meu patrimonio nada me rende porque tendo-mo feito meu tio, não queria tomar conta d'elle para não ser ingrato. Se saio d'aqui a parochiar perco a cadeira. Eu já me dirigi ao Sr. Bispo a pedir-lhe que me desse esta freguesia, mas elle não satisfez o meu pedido. Se o Sr. Abbade se interessar porque eu seja parochio d'esta freguesia (alguem me disse que tem todo o valimento junto do Sr. Bispo) eu o serei e por isto peço lhe por mais caro tiver no outro mundo que peça ao Sr. Bispo um meu favor, é uma verdadeira esmola¹⁸⁴.

Dado o contexto social e político que temos vindo a referenciar, muitos sacerdotes, cansados da miséria em que viviam, acrescida pelo cansaço provocado pela instabilidade política, partiram como missionários para Angola, Moçambique, Brasil,

¹⁸⁴ MAB/FAAB-Doc. 1774.

entre outros locais. Neste tocante, muitas missivas eram provenientes desses missionários, onde, frequentemente, pediam notícias da terra natal.

António do Patrocínio, de Vargem Grande, expressa que não tem vontade de voltar e pede notícias, sobretudo sobre os acontecimentos da bomba colocada no Paço episcopal:

Cheguei bem felizmente a Terras de Santa Cruz.

Estou na minha terra. Que mais quer que eu lhe diga??

Só se fôr que estou com ganas de ahi não voltar mais. Mas que prejuízo! Não acha, Abbade? (...)

Abbate cá estou à espera do seu livro que anda em publicação, por isso quando terminar, não seja preciso mais nada.

Conte-me, si vous plâit, alguma novidade d'ahi de Bragança, que estou ancioso por saber em que parou ou hade parar o caso da bomba no Paço Episcopal¹⁸⁵.

Da mesma forma, António Maldonado, de Lourenço Marques, num tom de crítica a Bragança e com satisfação pela *nova terra*, escreve:

Por cá me tenho dado bem, nesta nossa terra, onde nada falta. E onde há um chefe que mande, e onde se trabalha com gosto. Quando há um chefe de envergadura, tudo corre bem, estou por tanto satisfeito. Estou longe desse nojo que por Bragança vai, e dou Graças a Deus. Aqui; Graças a Deus, não há piequices Guilherminanas nem ipocritas como ele e os da claue. Digna à lamentação é a nossa Bragança, com a dinastia dos imbecis; é claro, entre reinados de glorias, há sempre uma dinastia vergonhosa¹⁸⁶.

Da Missão de São Bento de Angola, Frei João Bosco de Sampaio Mariz e Castro, comunica que se fez monge de S. Bento em Cozombo, deixando assim de ser pároco. Em 8 de julho de 1940, de S. Paulo, expressa:

(...) heis a razão de eu ter envergado a cogula beneditina, a cogula dum ilustre beneditino D. Frei Gonçalo de Moraes tão do seu conhecimento. Abandonei a vida ardua paroquial por saber que só um cura de (?) conseguiu vencer (...) ¹⁸⁷.

¹⁸⁵ MAB/FAAB-Doc. 2029.

¹⁸⁶ MAB/FAAB-Doc. 4569.

¹⁸⁷ AAB/FAAB-Doc. 4750.

Patrocínio Rodrigues, em 22 de novembro de 1912, de Vargem Grande, S. Paulo, escreve:

Saudo-o, bem como aos seus. Há quanto tempo não tenho noticias suas, nem de Baçal, meu berço! Hoje, atacado duma forte nostalgia, tive a feliz ideia de me dirigir ao meu amigo Mestre, a fim de me dizer alguma coisa da situação política e actual, bem como noticias do meu velho Pae, do qual ha mais de 3 mezes não tenho noticias. Por ahi as cousas decerto estão correndo bem, com a Republica, e muito principalmente para quem se chama Robspierre! Pois creio que o meu caro Abbade, não seria tão ultramontano que não aceitasse a pensão que o estado garante ao clero que se conformou com a celebre lei da separação. E se assim fez, fez muito bem! O pe. (?) está qui meu vizinho, e prometeu-me vir passar o Natal em minha casa. Coitado conta-me cobras e lagartos dessa republica; porem nem tudo pude acreditar, devido a que o homem está fanatizado!...

De resto, haja carne, vinho e pão que não faltará a paz aos homens, na terra! Não acha? (...) diga-me, por favor alguma coisa do nosso caro Baçal¹⁸⁸.

¹⁸⁸ MAB/FAAB-Doc. 3203.

4.7. Os Prelados: “Sendo o parocho a ultima patente, da milícia sagrada, universal, deve mais que o próprio soldado obediência ao seu chefe!”

As cartas dão-nos também conta do significado da representação que assumem as relações do Abade com a diocese e os seus prelados. Considerando que aos prelados competia o governo das dioceses, concluímos que as relações do Abade com o episcopado foram de cortesia e respeito, excetuam-se casos pontuais, que à frente abordaremos.

O Abade de Baçal frequentou o Seminário no episcopado de D. José Alves de Mariz (1855-1912) e, nessa altura fez os estudos de humanidades e teológicos (1880-1889); nos tempos considerados áureos, que antecederam o advento da República. Com uma longa experiência de professor nos seminários de Aveiro e depois de Coimbra, D. José Alves de Mariz, ao chegar a Bragança direccionou as primeiras ações para o Seminário: renovou-o, fez obras e elevou o nível de ensino (Alves, vol. II, p. 135-138). Fundou em 1898 a cadeira de Arqueologia e Iconografia (Alves, vol. II, p. 135). A pastoral que publicou sobre a cadeira de Arqueologia tem sido apontada como de grande relevância e influência nos estudos arqueológicos do Abade.

O Abade demonstrou sempre grande apreço por este Prelado:

Eleito bispo de Bragança a 21 de Julho de 1885 e confirmado no consistório do dia 30 do mesmo mês, foi sagrado a 15 de Novembro seguinte, entrando solenemente em Bragança a 31 de Janeiro de 1886. As Instituições Cristãs, desse tempo, pormenorizaram a brilhante recepção feita em Bragança a um prelado que vinha precedido da fama de grandes dotes intelectuais e brilhantes qualidades morais. (Alves, 2000, vol. II, p. 134)

Todavia, esta figura, que atravessou os ventos anticlericais da implantação da República, sofreu grandes contestações, orquestradas pelos movimentos republicanos, a que o “Motim do Seminário” conferiu um particular vigor contestatário. O Abade procedeu à sua defesa, tendo publicado diversos artigos na imprensa e produzido diversas publicações¹⁸⁹.

Nas suas *Memórias*, sobre o tema, versa:

Em volta da acção episcopal de D. José Alves de Mariz tem-se agitado discussão enorme, e é este o melhor sinal do seu valimento e importância, não trepidando

¹⁸⁹ Sobre o assunto consulte-se o trabalho: Fernandes, H. (2012). *BDB* (vol. I). Câmara Municipal de Bragança.

seus inimigos ante o recurso às calúnias e injúrias. Os anticlericais, vêem nele o naufrágio dos seus planos subversivos; os tímios, a necessidade do trabalho e o fim dos ledos ócios, e os das sinecuras reconhecem, enfim, embora forçados, quemem tudo são direitos, regalias, isenções e privilégios, mas que os deveres e obrigações lhe andam ligados. Daqui, a guerra de extermínio que todos estes elementos mancomunados movem ao prelado. E como os homens dos grandes planos, de larga intuição, dos grandes empreendimentos, são sempre mal compreendidos na época em que vivem, pela simples razão de que vendo as coisas à luz de uma intelectualidade muito superior à vulgar, vivem num plano mais elevado de ideias. (Alves, 2000, vol. II, p. 149)

Continua a defender o Prelado, referindo os benefícios que trouxe à Diocese com a sua ação, realçando o aumento do número de sacerdotes e as obras no Seminário:

A Igreja e especialmente a diocese de Bragança devem incontestáveis serviços ao sr. D. José Alves de Mariz. No bispado, durante o seu governo, a disciplina ecclesiastica tem-se levantado e mantido. O clero, aqui tão diminuído desde ha muitos annos, a ponto de um parochio ter de attender duas e tres freguezias, vae augmentando de anno para anno, graças ás medidas adoptadas pelo zeloso prelado. O Seminario diocesano, de antro escuro, acanhado, insalubre e quasi deserto que era, foi, devido aos seus tenazes esforços, convertido em espaçoso, alegre e saudavel edificio. (Alves, vol. II, pp. 133 e 148)

D. José Alves de Mariz teria um conselheiro no Abade. Diversos cartões emanados da Secretaria Episcopal solicitam a vinda do Abade. Manuel António da Ressurreição Fernandes, em 12 de novembro de 1903, a pedido do bispo, solicita-lhe a vinda ao Paço¹⁹⁰. Seis dias após, envia novo cartão: o bispo solicitava novamente a vinda ao Paço¹⁹¹.

José Cardoso Figueira, em 22 de dezembro de 1911, pede para o informar do conteúdo das investigações e estudos sobre o Paço Episcopal. Alude que precisa desses elementos, pois, o bispo, obrigado a sair do Paço, tem que elaborar alguns protestos e precisa de elementos seguros¹⁹². Tê-lo-á ajudado na sua defesa, quando foi expulso do Paço.

¹⁹⁰ MAB/FAAB-Doc. 3690.

¹⁹¹ MAB/FAAB-Doc. 3689.

¹⁹² MAB/FAAB-Doc. 837.

D. José Alves de Mariz, escreve:

Ill.mo e Rv. mo S. e meu bom amigo

Quando sahi de Bragança estava eu informado, da vespera, que era concluido o primeiro livrinho, em que sou carinhosamente tratado por V. S^a.

Vi o unico exemplar que tinham mandado do Porto ao S. Abbade Figueira, com que fiquei, e que vim mostrar a meus Irmãos que bendisseram o nome do illustradissimo e paciente Auctor.

Soube, ha 3 dias, da continuação das perversidades do Nordeste, e era na verdade bem oportuna a ocasião de se começar a distribuir o elogioso folheto.

Já hontem fiz saber ao Sr. Abbade Figueira para que o mandasse ao Episcopado immediatamente.

Agora peço eu a V. S. que se digne lembrar-lhe a conveniencia de continuar a distribuição, se tiver lá a edição toda. (...)

Com mil agradecimentos Bencanta 1^o de
janeiro de 1907

J.e Bispo de Bragança¹⁹³.

A defesa acérrima por parte do Abade de D. José Alves de Mariz não foi bem aceite por todos os setores da sociedade. O seu colega, Pe. António Caetano, escreve diversas missivas com duros ataques a D. José Alves de Mariz e disserta longamente sobre a incompreensão da defesa que o Abade lhe confere:

Tenho lido todos os artigos publicados na Gazeta de Bragança, artigos esses que têm feito em pó todos os sofismas do Nordeste. O meu collega tem apresentado argumentos, parece, solidos e consequencias bem deduzido, que, no entanto, me deixam mergulhaado em tenebrosa duvida, porque tenho em meu poder, e agora presente, um seu postal, resposta a uma carta minha, em que me diz: no entanto devo dizer-lhe que pouco podemos esperar porque não é a gratidão a feição principal do homem, isto, referindo-se ao nosso Bispo (...)

A defesa, perante isto peca pela base, pois que o proprio defensor duvida do homem Creo: a defesa do Bispo, que o meu prezadíssimo collega tem apresentado, ou é uma velhacaria, o que eu não posso admittir, attenta a dignidade de character que toda a gente é obrigada a reconhecer-lhe, ou uma insensatez verdadeiramente estúpida, a que tam pouco eu admitto porque me vejo forçado pela verdade a reconhecer-lhe uma intelligencia, illustração e prudencia superiores (...).

¹⁹³ MAB/FAAB-Doc. 4320.

Apresenta depois a argumentação caracterizando a índole do Bispo:

E senão vejamos: O sr. Bispo é prudente? não terá visto exemplos, passam em pouca cousa; é caritativo? não, porque quem é perdôa pelo amor de Deus, as injurias que lhe hajam feito, ou a caridade consiste em dar esmola, à fharisaica?(e o meu prezado colega dirá que também assim pensa, se quiser ser sincero, porque o nosso Bispo é a negação de toda e qualquer virtude. E a sciencia? Não, porque eu sei bem que o Bispo consultou muitas vezes o meu tio, do meu nome, em casos de pastoral muito fáceis de resolver (...) quem não se respeita a si não pode ser respeitado pelos outros e demais o que eu vejo criticado, grotescamente é verdade, é o homem não a autoridade de que está investido, respeite-se esta, que o merece e despreze-se e entregue-se à excreção o homem que d'ella não sabe usar, mas tão somente abusar.

Peço ao meu colega que não julgue isto como desrespeito, mas unicamente como manifestação do meu modo de sentir¹⁹⁴.

Numa outra missiva, continua a disferir críticas ao Bispo e aponta a opinião do seu tio, Vice-Reitor do Seminário, aludindo: “para que o defendeu elle não dá uma patada a direito (?) que tenha juízo o Robespierre”.

De todos estes desabafos, agressividade e queixumes, o Abade deixa-nos a sua opinião manuscrita no envelope “Do Pe. António Vaz Pereira sobrinho do Vice Reitor do Seminário e lente. Triste vida do rebanho”¹⁹⁵.

Passados apenas cinco dias, em novo documento, pede desculpa ao Abade caso o tenha magoado com as referências que fez sobre as notas biográficas do bispo que o Abade escreveu “peço-lhe perdão, pois o que quis foi unicamente mostrar-lhe que o informaram mal e que estamos em completo desacordo a respeito da caridade do bispo”.

Paradoxalmente, depois de disferir todas as críticas, não deixa de pedir para intervir junto do Prelado para solicitar a colocação em Grijó de Parada “que rende o triplo de Pinello” e desabafa sobre a sua miserável situação:

(...) porque assim o beneficia a elle e a mim me afasta do desespero, de que já vou bem próximo, devido à miséria em que tenho vivido. Se o não é porque não quer e neste caso qual será preferível a apostasia ou o suicídio? Apesar de não ser a

¹⁹⁴ MAB/FAAB-Doc. 1946.

¹⁹⁵ MAB/FAAB-Doc. 1942.

gratidão a feição principal do homem: é possível que algo possa conseguir e como se faz uma esmola ao Diabo pelo amor de Deus!¹⁹⁶.

Numa outra missiva, insiste no pedido ao bispo e afirma agora que está desesperado porque precisa de pagar um empréstimo ao Abílio Beça. Despede-se “grato o voso já quasi louco amigo”¹⁹⁷.

Num crescendo de linguagem agressiva, revelando o seu desespero, no dia 6 de agosto de 1909 escreve “Dir-vos-ei que qualquer defesa do Prelado é inútil porque a miséria, a absoluta miséria despresada e escarrecida trouxe a descrença, esta trouxe o desespero e este trará o crime”¹⁹⁸.

Apesar das palavras *destemperadas*, percebemos que o Abade, com grande humanidade, respondia com mensagens de ânimo, compreendendo o desespero do colega:

recebi a vossa de 8 do corrente. Agradeço muito reconhecido os bons conselhos que n'ella me dais, mas na presença de Deus eu vos juro que tenho muita fome, muita miséria e que a Imitação de Christo não da pão para matar a fome, não da uma camisa para vestir nus, mata os piolhos que eu tenho matado de ha três meses para cá. Não há remedio, a sorte destinarme.

Vosso desgraçado e infeliz amigo¹⁹⁹.

Começa este documento com “Última”. O Abade no envelope deixa-nos novamente a sua opinião: “Do sobrinho do Vice Reitor desesperado”.

Foi com grande compreensão que o Abade lidou com estas palavras de revolta e azedume do Pe. António Caetano Vaz, onde, mensagem atrás de mensagem, constrói um veemente ataque *epistolar* a D. José Alves de Mariz e ao Abade pela sua defesa.

O seu primo, Miguel José Martins, no dia 16 de junho de 1907, solicita que se mantenha em reserva e não responda às cartas do seu afilhado, que se referem ao bispo, Pe. António, professor de Pinela²⁰⁰.

¹⁹⁶ MAB/FAAB-Doc. 1947.

¹⁹⁷ MAB/FAAB-Doc. 4586.

¹⁹⁸ MAB/FAAB-Doc. 1772.

¹⁹⁹ MAB/FAAB-Doc. 1942.

²⁰⁰ MAB/FAAB-Doc. 1944,

No sentido oposto, João Baptista Loureiro, no dia 20 de maio de 1908, de Montemor o Velho, envia-lhe uma longa epístola de apoio à defesa do D. José Alves de Mariz e felicita-o pelas publicações sobre o motim do seminário:

E na verdade: - “O motim do seminário de Bragança” — é um artigo completo e bellamente deduzido! Ha ahi muito em que se medite e aprenda! (...)

Não é uma defesa a rabula ou chicana, venal ou servil, como tantas, que a publico vêm: é um brado sobre o altivo, que procura, para um bispo infamado, a legitima reivindicação de uma authoridade e prestigio!

Com effeito: um parcho, é o immediato ao seu bispo, na ordem descendente da hierarquia eclesiastica: cumpre-lhe pois, defender e manter integra toda a jurisdicção do seu primeiro e legitimo ascendente (...)

Sendo o parcho a ultima patente, da milícia sagrada, universal, deve mais que o proprio soldado, obdiencia ao seu chefe! A bandeira que defende é santa, a lei que regula, - o evangelho, a doutrina de Christo, — e esta — quasi toda um dogma!

Deve o parcho, ser o primeiro a evitar — quebra na unidade de funções eclesiastica, que dimanantes do papa, chegam até elle por intermedio do bispo: e na verdade, uns e outros são solidarios, na respectiva esphera da sua jurisdicção(...) Não quer isto dizer, que os bispos sejam infalliveis impecaveis, mas há, como em todas as instituições, a forma de recurso ordinario, para correcção de seus excessos ou demandas.

De resto, será a anarchia nos principios religiosos, com reflexos perturbadores, na ordem das sociedades civis! (...)

O clero meu amigo, também anda transviado, na sua grande parte (...) ²⁰¹.

D. José Alves de Mariz, em 30 de março de 1905, de Bencanta, em epístola “Reservada”, agradece e lamenta que seja maltratado por causa dele. Informa que tem planos para publicar em Coimbra os seus artigos publicados no “Comércio do Porto”, com a mensagem do clero de Bragança e com a Pastoral.

Agradeço-lhe a sua carta, e sinto muito que seja maltratado de palavras por minha causa.

Ha plano aquí de publicar-se, n`uma imprensa de Coimbra, os seus bellos artigos n`um folheto, taes quaes appareceram no “Comercio do Porto”, com todas as Mensagens do Clero de Bragança (Diocese); e e tambem com uma Pastoral Provisão que está sahindo á luz, e vae ser distribuida por todos os Arciprestados brevemente.

²⁰¹ MAB/FAAB-Doc. 2177.

A parte 2: fase da questão — não quiseram publicá-la no periódico aludido, e nem a devolveram.

No folheto ainda mais comedimento é necessário.

Portanto, se V. S.^a quiser dizer com o seu bello estylo qualquer coisa da 2: fase da questão, sem acrimónias para ninguém (porque os factos dizem tudo) e sem mencionar pessoas ou nomes, juntar-se-hia ao já publicado, e ficará completa a sua informação, que deve ser acompanhada do seu nome. Nada tem V. S.^a com as despesas d'essa publicação; como eu nada devo ter com isso; mas sim a pessoa que me pediu a minha condescendência e o meu segredo.

Creia-me com muita estima e consideração.

Bencanta, 30 de março de 1905.

J. e Bispo de Bragança

P. S. Peço o favor de me dizer se concorda com o plano dos meus amigos, e quando poderiam contar com o seu acréscimo²⁰².

José Miguel Machado, em 20 de fevereiro de 1907, elogia a coragem pelos artigos publicados na *Gazeta* a favor do bispo:

Acabo de ler as Notas Biographicas, e tenho visto a Gazeta, muito bem, é assim mesmo, carregame nesse malandro que esta fazendo grande mal a igreja felizmente que todos o conhecem e ninguém pode negar que o bispo tem trabalhado a valer para o bem da diocese. Como seria bom que outros padres seguissem teu corajoso exemplo! Eu apesar de que nada valho, se não fosse andar-me a preparar para o concurso já estava a servir de ceryneu”²⁰³.

Seria o Pe. José Cardoso Figueira que, em 21 de agosto, comunica a morte do amigo, D. José Alves de Mariz, e solicita a presença nas exéquias fúnebres²⁰⁴.

Se, por um lado, assistimos a múltiplos testemunhos da acérrima defesa de D. José Alves de Mariz, por outro, testemunhamos as dissensões com D. José Lopes Leite de Faria (1916-1927).

As relações ter-se-iam iniciado com o respeito devido do sacerdote ao seu prelado, como nos apercebemos no testemunho do Cónego António Pires:

Na obra do Abade de Baçal, existente na biblioteca do Seminário de Bragança, lê-se no vol. I a seguinte dedicatória: “Respeitosamente ao seu Prelado, o Ex.moe

²⁰² MAB/FAAB-Doc. 4316.

²⁰³ MAB/FAAB-Doc. 224.

²⁰⁴ MAB/FAAB-Doc. 839.

Rev.mo Senhor D. José Lopes Leite de Faria como tributo de consideração máxima. Francisco Manuel Alves, Reitor de Baçal. Bragança, 19-IV-1916, e no vol.III a mesma dedicatória: “Ao Ex. mo e Rev.mo Senhor D. José Lopes Leite de Faria, Dig.mo Bispo de Bragança com preito de homenagem e com muito respeito. (Pires, 1985, p. 237)

D. José Leite de Faria, em 12 de agosto de 1921, numa missiva onde a rispidez e azedume, chegando ao tom ameaçador, assumem corpo, responde a dúvida colocada pelo Abade.

A resposta à consulta de V. Rv.^a está na minha Inst. Ecles. sobre a binação da Missa, de 18-4- 1917 (O Semiador, a. I, pag. 166-176). Aí se encontra toda a doutrina applicavel ao caso proposto por v. Rev.^a, a applicação é facillima.

Refere depois a carta anterior do Abade, cujo teor lhe tinha profundamente desagradado:

(...) a que a falta absoluta de tempo me tem impedido de dar a necessária resposta. Infelizmente, esta resposta tem de ser muito differente das brandas (brandíssimas, quando comparadas com a graveza e número dos desmandos) correcções anteriores, porque não posso esquecer que tenho sobre mim a tremenda responsabilidade da disciplina eclesiástica na Diocese. Digo-o com o coração esmagado de desgosto (...) ²⁰⁵.

Numa outra extensa e amarga missiva de D. José Lopes Faria, constatámos as dissensões entre este bispo e o Abade. Começa por justificar o atraso na resposta à mensagem que lhe enviara o Abade, onde assume uma posição de questionamento e crítica ao Abade: “A somma verdadeiramente excessiva de cuidados e trabalhos que de todo me têm absorvido e quasi esgotado”.

A revolta sentida pelo Prelado impulsiona o discurso, a voz enunciadora demonstra desilusão, dando origem a uma escrita onde o tom que percorre o texto é fundamentalmente de raiva, vingança e ressentimento.

A seguir apresenta os argumentos do diferendo:

(...) interpretou mal (bem mal) a minha do outonno de 1918” (...)

Não é verdade que eu affirmasse que V.^a R.^a ignora a sciência, principalmente tomada esta palavra no sentido restricto em que na carta a que respondo, ella é tomada (para significar um determinado ramo da archeologia). Tendo V. Rv.^a

²⁰⁵ MAB/FAAB-Doc. 3456.

falado, em tom absolutamente estranhavel e até intoleravel num sacerdote cathólico, do “azedume da theologia contra a sólida argumentação das sciências positivas”, eu limitei-me a responder em substância, que V. Rv^a. não tinha auctoridade para proferir tal desconcerto, porque conhece mal as sciências theológicas, e não conhece melhor as sciências positivas (que sam muitas mais que o alludido ramo da archeologia). Fallei como Prelado que zela a bôa orientação doutrinal do seu clero, e como amigo, que sou mais do que V. Rev^a pensa, embora soubesse que ia desagradar ao conceito que V. R.^a forma e está falsamente persuadido que todos formam de si (não me leve a mal que lhe falle com mais franqueza do que os inconscientes ou malévolos aduladores que tanto mal lhe têm feito); pois para corrigir é que julguei dever falar.

Continua, contrapondo a sua formação:

E também podia fallar como quem tem cultivado aquellas duas categorias de sciências com não menos estimação e amor (...) do que que V. Rv^a; e, já que V. Rv.^a tivera a petulância de me lançar em rosto, num retalho da gazeta que toda a gente podia ler, que eram sem valor certas coisas por mim publicadas no Semiador.

Argumenta que o facto de o Abade ter sido convidado para o Congresso Luso-Espanhol, não testemunha o seu valor científico, como o Abade afirma e apresenta os argumentos.

Diz igualmente que o Abade não apresenta diplomas de membro de sociedades científicas. Continua a elencar os seus argumentos e a referir os factos que contribuem para que o Abade não possa ser considerado um arqueólogo, e afirma:

Eu, entre os acheólogos que tenho conhecido, tratei por vezes com um bom homem (que não era o illustrado Abbade de Tagilde), que morreu com não sei quantas condecorações, membro de não sei quantas sociedades de archeologiae tendo publicado não sei quantos indigestos livros relativos a esta sciência, quenão passava de um curioso (...).

Acrescenta que lamenta “que tenha reservado tam minguada parte dos seus cuidados para as sciências mais necessárias a um sacerdote”. Contudo, não deixa de se subscrever “Sou com paternal consideração e affecto”²⁰⁶.

O Pe. Aurélio Joaquim Vaz, em 1935, escreve sobre o Prelado:

Então que diz ao caso da resignação e saída oculta do Prelado. Depois de tantas fraquezas sem coragem para dar um pontapé em meia duzia de sabujos e

²⁰⁶ MAB/FAAB-Doc. 3459.

intriguistas, sai vergonhosamente deixando a diocese num estado lastimavel, guiando-se por aldravões não se atreve a um ato de justiça depois dá nisto²⁰⁷.

Outro diferendo que originou epístolas com palavras contundentes foi o conflito com o reitor do Seminário, Guilhermino Alves. De modo igual, as relações, amistosas inicialmente, divergiram para uma relação de conflito.

Este, em documento de 1914, agradece as amáveis palavras do Abade e solicita a sua colaboração para o "Legionário" para "contrariar as infames campanhas maçons"²⁰⁸. O Abade felicitara-o pela recente ordenação.

De coração agradeço as suas amáveis palavras que não mereço. (...)Tenho realmente muito amor à Igreja e desejo de servir como Armitão (...) ordeno-me, agora, porque me convencera de que (?) assim o queria. Vou tarde e mal preparado, mas vou como o presbitero dou o que tenho. Oxalá possa fazer alguma coisa com o auxilio de Deus agora que a Igreja é abandonada e combatida. O seu art. já marchou para Guimarães. Pode ir mandando mais à medida que tiver vagar. Hei-de ver se depois se transcrevem no legionário para contrariar a infame campanha dos maçõs. (...) Ultimamente o noticias acusou-nos de pedrastas aos do legionário. Respondo aos pulhas e digo-lhe que a seu tempo provarei que a sodomia é vicio essencialmente dos judeus.

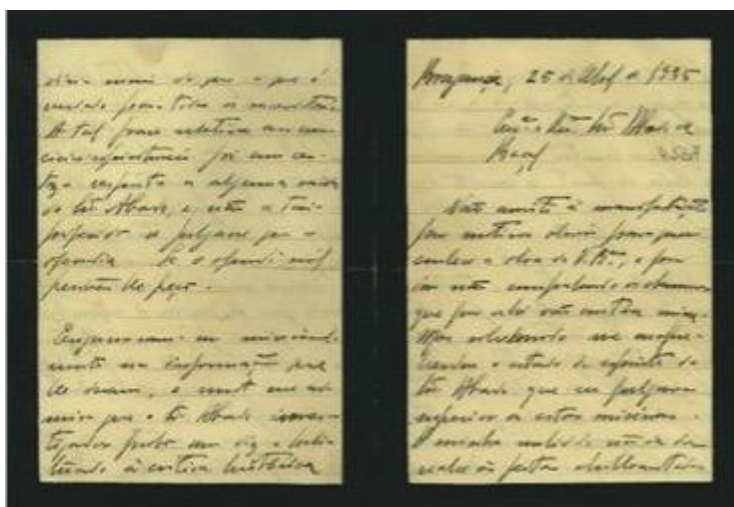
Em 1917, de Vinhais, envia circular a informar o candidato da Comissão Diocesana do Centro Católico, nas próximas eleições legislativas pelo círculo de Bragança, Francisco de Sena Esteves de Oliveira: “Limito-me pois a apresentar a V. Excia o candidato certo de que tanto basta, para que a dedicação à causa católica fará por esta eleição quanto esteja ao seu alcance”.

Como já mencionámos, o Prelado associou-se à homenagem, nacional, ao Abade, aquando dos seus 70 anos. D. Luís António de Almeida em provisão de 25 de março de 1935, conferiu-lhe o título de Abade de Baçal. Todavia, o reitor do Seminário, instituição muito prezada pelo Abade, não se fez representar, revelando algum desconforto pela homenagem.

²⁰⁷ MAB/FAAB-Doc. 2268.

²⁰⁸ MAB/FAAB-Doc. 2881.

Figura 36. Carta do Reitor do Seminário, 25 de abril de 1935



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Assim, a correspondência regista-nos a voz discordante de alguns sacerdotes, na apoteótica homenagem prestada ao Abade em 9 de abril de 1935. Não foi bem recebida por alguns elementos do clero. Se houve sacerdotes que lhe expressaram o quanto o acompanhavam nessa homenagem e se sentiam comungar da sua felicidade. Outros, movidos pelo velho sentimento da inveja, não se associaram e criticaram a homenagem. É neste conjunto que assume particular relevância o Reitor do Seminário, Guilhermino Alves. Seria de esperar o contrário pelo lugar ocupado — lemos em diversos documentos o carinho do Abade pela sua escola (Seminário) e os apoios pecuniários que lhe conferia. Numa extensa epístola, de cuidada redação, o Reitor expõe os motivos da não presença na homenagem:

Para desfazer a intrigalhada a que se refere, que é contra mim, devo dizer-lhe que eu me limitei a comunicar aos Padres do Sm^o o convite do Senhor Governador Civil a dizer-lhes que não tomava parte na manifestação pelo respeito que devia à memória do Senhor Dom José Faria e também, como procurador de Padres, por o Senhor Abade não sentir com a Igreja em questões importantes. E nem isto passaria da sala onde nos reunimos se um dos presentes não divulgasse malevolamente o que por dever de ofício devia calar²⁰⁹.

²⁰⁹ MAB/FAAB-Doc. 4567.

Alegou a lealdade à memória de D. José Faria e à falta de empenhamento do Abade nas questões “importantes” da igreja. Apresenta depois as suas qualidades morais e refere a tardia vocação e ordenação como sacerdote (39 anos de idade).

Refere: “Ganhei sempre a minha vida com muito trabalho”. Descreve os estudos em Roma. A sua vida pessoal: “Só uma vez tentei casar-me, mas quem eu pretendia era pobre, embora aparentada com família rica e ilustre”.

Menciona a tardia ordenação: “Vim a ordenar-me quando me estava preparando para ir para Angola (...) vim a ordenar-me quando tudo fugia do sacerdócio e os seminários fechavam por falta de alunos”.

Acrescenta que o apelidaram de “louco” por tomar a decisão de se ordenar nesse contexto tão desfavorável à igreja. Explica, depois, as atitudes que teve relativamente à homenagem do P. Firmino e na expulsão do Pe. José de Castro.

Continua a defender-se:

Nepotismo, que o digam os pobres presentes que por aqui tenho que são tratados com maior rigor que os outros (...)

A manifestação do Sr. Pe Firmino foi meramente política digam o que disserem, e tão mal orientada que muitos viram nela uma contra-manifestação.

No caso do P.e Castro estive pelo lado da razão e a razão estava com a auctoridade a quem eu devia lealdade. Hoje o P.e Castro não me quer mal posso estar com certeza.

Expressa que, de uma forma dolorosa, aceita uma acusação:

Uma só coisa é certa, o que se refere ao meu nascimento, mas censurarem-me por isso é vileza que só infama quem a pratica, e relembra não teria outro efeito mais do que magoar profundamente pobres mulheres que passaram a vida esquecidas a fazer o bem que puderam (...) Tenho muitas faltas, mas por graça de Deus, não tenho falta de carácter nem cometi nunca baixeza.

Após tecer todos os argumentos contra as acusações que lhe foram dirigidas, conclui:

Aqui fico ao dispor de V. R^a e peço desculpa dos gatafunhos, mas estou cansadíssimo. Não deixarei de continuar a pedir a Deus pelo Sr. Abbade, o que faço há muitos anos de modo especial

Não assisti à manifestação por motivos óbvios para quem conhece a obra de V.R. a, e por isso não compreendo os clamores que por aí vão contra mim. Mas

sobretudo me surpreendeu o estado de espirito do Sr. Abade que eu julgava superior a estas misérias.

A minha nulidade não ia dar realce às festas abrilhantadas com tantas notabilidades. (...)

Poucas vezes falo do Sr. Abade e quando isso se dá é só para discutir qualquer ponto da sua obra (...)

O resto, Sr. Abade, são calúnias ou falsidades.

Nunca censurei o Sr. Abade por se dedicar à arqueologia, nem o poderia fazer manifestando eu a cada passo o desejo de ver um clero grandemente instruído: mas se alguma vez disse - o que pode ser - era que o estudo da filosofia e da teologia lhe faziam bem, não diria mais do que o que é verdade para todos os sacerdotes.

A tal frase relativa aos exercícos espirituais foi com certeza resposta a alguma saída do Sr. Abade, e não a teria proferido se julgasse que o ofendia. Se o ofendi mil perdões lhe peço.

Enganaram-no miseravelmente na informação que lhe deram (...) ²¹⁰.

Escreve depois que estando o Abade habituado à crítica histórica, não devia ter acreditado na “má fé” e o devia ter defendido. Ele, na mesma situação, teria defendido o Abade.

Ainda sobre a homenagem e a ausência do clero temos o testemunho do seu primo, Francisco Manuel Alves:

Venho saber que fazem perguntas ao Pe Neto do Vimioso se sim ou não se te deviam ter feito a homenagem e não sei que mais. Nada lhe colhi do que pensava responder, e cheio de (?) fiz-lhe ver que de nada te envedecias, mérito nenhum de vossas honrarias, e se te deviam ou não ter feito já estava dito. “Fiz-lhe ver que faziam melhor calarem-se para evitarem uma bruta ingloria contigo, e com os que te acompanham” ²¹¹.

Guilhermino Alves é um nome que nos surge a protagonizar outros conflitos. Desse exemplo é a carta do Pe. Felix Rodrigues Lopes, em 1936, de Vinhais, onde anexa cópia de missiva contra o Reitor do Seminário. Carta que os professores do Seminário pretendem remeter ao Prelado, colocando-o a par das atrocidades perpetradas por

²¹⁰ MAB/FAAB-Doc. 4567.

²¹¹ MAB/FAAB-Doc. 4586.

Guilhermino Alves contra o Pe. Jaime da Cruz Mascarenhas, não permitindo a sua ordenação.

Alegam:

Ora V.^a Ex.^a Rm.^a, que vibrou de indignação perante a injustiça de que foi vítima o desventurado Valdrêz, ha-de consentir que, sob a sua alçada, se consuma outra iniquidade (...)

A verdadeira razão da não ordenação não é o seu estado mental, mas o ter caído em desagrado do Reitor por outras questões que referenciam. “Mas estes processos já são velhos, pois já foram usados contra o malgrado Martinho Valdrêz que o levaram à sepultura.”²¹².

Figura 37. Envelope com notas manuscritas do Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Reproduzimos já a opinião do Pe. Maldonado, de Lourenço Marques, que, em 1937, escreveu: “Aqui, graças a Deus, não há pieguices Guilherminianas, nem ipocritas com ele e os da claque”²¹³.

Apercebemo-nos das tensas relações com o Prelado, protagonizadas por alguns sacerdotes.

José Augusto Tavares, em 16 de outubro de 1928, de Carviçais, pergunta pelo novo bispo, desabafando “que já era tempo de serem felizes”²¹⁴.

²¹² MAB/FAAB-Doc. 4588.

²¹³ MAB/FAAB-Doc. 2029.

²¹⁴ MAB/FAAB-Doc. 156.

Por sua vez, o bispo D. Abílio Vaz das Neves, Prelado com significativa representatividade no conjunto epistolar, surge-nos com voz apaziguadora.

Em 1945, tece considerações sobre as dificuldades financeiras da Diocese e a necessidade de manter os seminários e de apoiarem os padres inválidos. Para esse fim, solicita o apoio dos párocos.

São diversos os documentos epistolares que nos demonstram o bom relacionamento do Abade com D. Abílio. Seriamos e apresentamos alguns a título de exemplo.

António Maria Mourinho, em 1945, de Miranda do Douro, felicita-o pelos 80 anos e pelo número do *Mensageiro* em sua homenagem. Solicita que peça ao bispo para não o mandar para Miranda do Douro. Prefere ficar na aldeia para, e, com mais tempo, continuar as suas investigações²¹⁵.

A Câmara Municipal de Miranda do Douro, em 19 de abril de 1945, envia convite para tomar parte das festas do IV centenário da criação do bispado de Miranda do Douro e almoçar com o bispo, D. Abílio²¹⁶.

Em 1944, informa-o que aceita o seu pedido de substituição "nos deveres paroquiais" de Baçal²¹⁷.

Em 1945 envia-lhe orientações para a distribuição dos rendimentos das missas²¹⁸. No mesmo ano, envia questionário sobre o movimento do Apostolado da Oração²¹⁹. Em 1941, D. Abílio Vaz das Neves envia peditório para o Seminário e criação do Colégio-Liceu²²⁰. Tece considerações sobre a possibilidade de criar um colégio-liceu para meninas na região nortenha²²¹.

²¹⁵ MAB/FAAB-Doc. 1745.

²¹⁶ MAB/FAAB-Doc. 3470.

²¹⁷ MAB/FAAB-Doc. 3871.

²¹⁸ MAB/FAAB-Doc. 2678.

²¹⁹ MAB/FAAB-Doc. 3606.

²²⁰ MAB, FAAB-Doc. 2675.

²²¹ MAB/FAAB-Doc. 2675.

Solicita-lhe o texto para epitáfio de um benemérito do Seminário²²². Em agosto de 1941, agradece o envio do epitáfio e informa que já o entregou ao marmorista para produzir a lápide²²³.

²²² MAB/FAAB-Doc. 1704 e 3871.

²²³ MAB/FAAB-Doc. 1705.

4.8. Intrigas: “O que vae de intrigalhada por aí, santo Deus! E de politiquice!”

A intriga e a inveja são sentimentos presentes no seio da igreja. Sentimentos que adquiriam ainda mais intensidade quando se associavam a intrigas políticas. Um certo ambiente de conflito e intriga ia corroendo o bom relacionamento na diocese. Escrevia o seu amigo Firmino Martins, em documento de 1945: “O que vae de intrigalhada por aí, santo Deus! E de politiquice! Mas que temos nós com isso?”²²⁴, quando se referia a uma homenagem que pretendiam fazer a um colega.

A esse respeito, o Pe. Martinho, em 23 de junho de 1936, escreve:

Constando-me que estás de posse d'uma carta escrita por um padre, em que fala no Ex.mo Vigário Capitular, e com palavriado pouco digno d'um padre para o seu superior, venho rogar-te o favor de me enviar copia autentica, com a brevidade que te seja possível²²⁵.

O Abade anota na carta:

Martinho Batista Valdrez (...) morreu em Bragança (Sé) a 22 de Junho de 1936.

Aos seus funerais isto é, ao officio na Sé assistiu o reitor do Seminario, Dr. Guilhermino Alves seu assassino moral. Tinha o curso teológico e era professor do Seminário, mas o Guilhermino não o deixou ordenar²²⁶.

Figura 38. Carta de Martinho Valdrez, 23 de junho de 1936



Fonte: Museu do Abade de Baçal

²²⁴ MAB/FAAB-Doc. 342.

²²⁵ MAB/FAAB-Doc. 4568.

²²⁶ MAB/FAAB-Doc. 4568.

João António Martins, em 1942, de Carragosa, solicita os bons ofícios do Abade para levar a bom porto a homenagem ao Pe. Castro. No Paço e no Seminário não viam com bons olhos a homenagem. Pede, neste contexto, a intervenção do Abade e do Pe. Firmino Martins.

Pelo que tenho observado, tanto no Paço como no Seminário, não vêem bem que o P.e Castro seja homenageado. O Tigelino tinha uma habilidade extraordinária para a intriga e naturalmente é ainda essa semente que aqueles que o ouviram germina, tornando-os assim indiferentes e até hostis²²⁷.

O Pe. António Maria Mourinho, em 1945, acerca de diferendos com os padres do Seminário, diz: "A nossa entrevista fez gemer os do seminário", referiram que o Abade tinha "cultura revolucionária"²²⁸.

Em suma, podemos afirmar que o Abade foi um sacerdote integrado na Igreja do seu tempo. Viveu na defesa do clero os ventos da separação da Igreja e Estado (1911), todavia adaptou-se à República. Ele próprio se afirmou republicano.

De aguda consciência social e crítica, foi solidário na intervenção cívica, na complexa conjuntura sócio histórica do seu tempo. Fê-lo com forte sentido humano, que se materializou na verdade da sua atuação para com os colegas e superiores hierárquicos. Comprometido eclesiasticamente, por força da condição sacerdotal, criticou de forma contundente, mas, do mesmo modo, defendeu e compreendeu. Defendeu personalidades religiosas contra a injustiça, o melhor exemplo a apontar é a defesa de D. José Alves de Mariz. Contudo, foi acutilante quando necessário, não poupou críticas, veja-se o caso das contendas com D. José Leite Faria e o Reitor do Seminário.

Como se verifica, foi independente e franco, sem subserviências nem hipocrisias, contudo, não voltado para intrigas. Foi vítima de invejas, sobretudo de alguns sacerdotes. Não obstante, mesmo nos momentos de maior tensão, os colegas reconheciam-lhe a sua nobreza de caráter, e devotavam-lhe a maior consideração e amizade. São as palavras epistolares que o registam na sua plenitude. Os exemplos são

²²⁷ MAB/FAAB-Doc. 708.

²²⁸ MAB/FAAB-Doc. 2453.

infindáveis. Terminamos com as cartas do amigo José Maria Ferreira, aquando da sua homenagem, em 1935:

Meu velho am.o e caro colega:

Tenho conhecimento pelas “Novidades” e pelo “Boletim da Diocese” da merecida homenagem que, no proximo dia 9, Bragança e seu Districto te vão prestar. É caso inusitado n`estes tempos de feroz egoismo e de invejas implacaveis. É, até, um milagre de gratidão, a brigar com a sociedade hodierna, odienta e desprezadora do clero.

Bendito seja Deus que, depois dos 70 anos, me deixa vêr este gesto de maravilha! Bispo, clero, auctoridades, povo, tudo e todos a homenagear um Padre, em vida (e na sua terra)... maravilha, milagre!²²⁹.

Nas palavras de Firmino Martins constatamos o que sempre pretendeu o Abade, um clero culto e esclarecido, unido e cumpridor das obrigações paroquiais.

Meu querido e ilustre Mestre:

Recebi a sua carta que muito agradeço. Gostei saber da forma como correu a conferencia. Estou a veêr que o clero ainda se não portou mal de todo. Se acordasse para uma bôa camaradagem, mais eficiente seria a sua ação. É pena que lhe falte a coragem das responsabilidades e a clareza das atitudes. Se a conferencia é a verdade nua e crua, porque não definir-se o sacramento?

Unidos, leais, confiantes, em volta do superior hierarquico e na defesa da verdade do que lhes pertence e da doutrina, muito á luz das necessidades presentes que são as reivindicadas pela acção catolica, seríamos uma força com que tinham de contar gregos e Troianos força que se impunha em Todos os campos, no social, no político e no intelectual ou cultural. Ainda não discriminei razão porque, quando algum padre ou religioso estrangeiro se destaca na sciencia e é louvado pelos profanos, as companhias sacristas e da nossa imprensa católica, tocam a rebate (...) e se calam mudos como penedos, quando é alguém nacional. É pena, mas é verdade. E não percebo as razões.

Meu caro Mestre, por Deus, nunca lhe doam as mãos. Abraça-o o

Excorde

Pe. Firmino Martins²³⁰.

Os documentos epistolares corroboram o que D. António José Rafael referiu sobre a sua condição de sacerdote:

²²⁹ MAB/FAAB-Doc. 4639.

²³⁰ MAB/FAAB-Doc. 137.

O Abade de Baçal era um humanista no mais profundo e genuíno, cristão e pastoral sentido do termo. Nele todo o saber era humano (em função do homem e pelo homem). Por isso é que toda a sua cultura era pastoral e toda a sua acção pastoral era cultural.

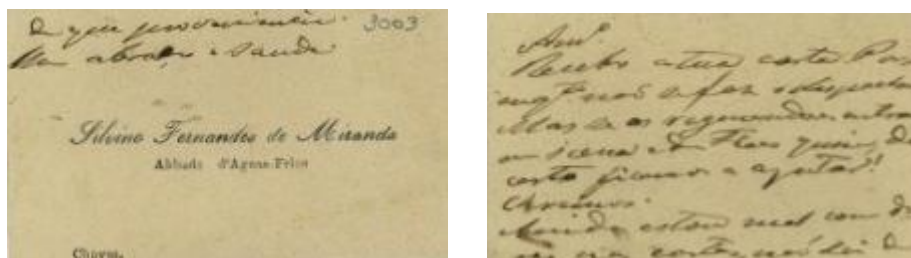
Por isso este Padre nunca pressentiu sequer qualquer incompatibilidade entre o Abade e o Sábio, nem experimentou qualquer dificuldade em juntar como irmãos gémeas a pastoreação e a investigação, a Paróquia e a Ciência.

Este homem, porque fez do homem a sua vocação e missão, isto é, a razão de ser e sentido da sua vida, foi padre no sentido pleno da palavra: padre em tudo e sempre. Ele foi e é o Abade!. (D. António Rafael, 1985, p. 605).

Face ao explanado, consideramos que neste epistolário encontramos uma chave para melhor conhecer o perfil do sacerdote que foi Francisco Manuel Alves.

Capítulo 5 A política e a Igreja: “Seguimos sempre o partido regenerador, mas nenhuma má vontade nos moveu contra os progressistas onde contávamos amigos”

Figura 39. Cartão do Abade de Águas Frias



Fonte: Museu do Abade de Baçal

No capítulo anterior, procedemos a uma leitura dos eixos semânticos relacionados com a vida religiosa. Outro eixo semântico presente reporta-se às questões políticas e à sua influência na vida religiosa. Os dois temas nem sempre nos surgem isolados, em diversas situações, interpenetram-se e tecem uma única trama epistolar.

À semelhança do que acontece com os outros temas, como declarámos no capítulo da metodologia, frequentemente, as cartas privadas conferem pormenores a eventos específicos e possibilitam o esclarecimento de dúvidas. Identicamente, dão a conhecer factos inéditos. Noutra perspetiva, como se trata de correspondência particular, desvendam atitudes e aspirações que, de outro modo, não seriam conhecidas. Nas questões políticas, estes pressupostos adquirem outra acuidade, visto que “a política é, pelo menos numa grande parte, na melhor parte, representada nos bastidores”. (Raul Brandão, citado por Almeida, 2003, p. 170)

Como temos vindo a referir nos anteriores capítulos, para a descodificação destas missivas é necessária a sua inserção no contexto sociopolítico da época. Assim, à semelhança do capítulo anterior, onde procedemos à análise do tempo religioso, traçamos agora uma síntese do enquadramento político que contextualiza as cartas analisadas. Como temos vindo a apontar, as cartas atravessam cerca de seis décadas, configuradas por três regimes políticos: a Monarquia Constitucional, a República e o Estado Novo. Desta forma, o Abade assistiu, na força da sua vida, ao estertor da Monarquia e à implantação da República.

O distrito de Bragança não ficou incólume às vicissitudes do chamado rotativismo monárquico, nem das consequências do evoluir do Partido Republicano Português. Acompanhou a implementação das medidas que integravam o ideário republicano. Neste cenário de instabilidade, em tempos de antagonismos políticos, os bragançanos construíram os equilíbrios possíveis (Jacob & Simões, 2010, p. 9).

A última década de Oitocentos é marcada pela existência de várias crises que comportam aspetos económico-sociais e político-ideológicos, sobretudo a partir de 1890-91. A crise política, económica e financeira desse biénio, com a bancarrota do Estado Português, teve como marco inicial o Ultimato. O discurso da decadência entrou na moda e foi intensamente utilizado na literatura da época, sob a orientação das escolas naturalista e realista, materializado em poemas, em textos doutrinários, no romance, na caricatura, na pintura, panfletos, entre outros (Prescott, 2009, p. 5).

Alexandre Herculano, Guerra Junqueiro, Antero de Quental e Oliveira Martins participaram ativamente nesta literatura de teor político-social, focando-se no debate acerca dos temas da nação, identidade nacional e interpretações sobre a decadência nacional. O Ultimato britânico de janeiro de 1890 causou um grande impulso na cultura de decadência nacional no final do século XIX (Prescott, 2009, p. 5).

Após o movimento da Regeneração (1851), assistimos ao rotativismo partidário e parlamentar.

Assim, as formações políticas mais importantes foram, nesta segunda metade do século, o Partido Regenerador e o Partido Progressista, que alternaram o exercício do poder até à emergência e consolidação do Partido Republicano, em 1876.

O Partido Regenerador defendia o lealismo ao trono e a fidelidade à Carta Constitucional, visando garantir a liberdade através da moderação, ordem e progresso. O Partido Progressista, por sua vez, defendia a Monarquia Constitucional em conjunto com a reforma da Carta. Nesse contexto, as rivalidades entre os regeneradores e os progressistas corroeram a base de apoio do regime liberal (Jacob & Simões, 2010, p. 68).

O distrito de Bragança ilustrava bem a realidade bipolarizada que acabamos de mencionar. O distrito estava fortemente dividido entre regeneradores e progressistas

que ascendiam alternadamente aos cargos políticos, segundo as mudanças que ocorriam na capital do reino. Essa bipolaridade foi a base para vários fenómenos de contestação que ocorriam nas terras de Bragança, sempre que os partidos monárquicos realizavam atos eleitorais ou quando se opunham ao Governo, dependendo do partido que estivesse no poder (Jacob & Simões, 2010, pp. 68-69).

Em 1875, foi fundado o Partido Socialista por José Fontana e Antero de Quental. Um ano depois, um grupo de progressistas com simpatias maçónicas criou o Partido Republicano Português. A dinâmica de dissidência e fusão acompanhou o republicanismo até a emergência do 28 de maio de 1926.

Na última parte do século XIX, a realidade política de Portugal era bastante confrangedora. A política era, na maior parte do país, mais pessoal e personalizada do que baseada em ideias políticas concretas e objetivas.

A organização dos partidos monárquicos utilizava como base uma complexa rede de personalidades, apoiando-se ou combatendo-se pela concessão mútua de favores para satisfação de aspirações locais, promoção de ambições individuais e de acesso a benesses do Estado. A ideologia, embora presente, era secundária. Essa rede de influentes criava uma dinâmica em que o eleitor dava o seu voto a alguém em troca da promessa de apoio às suas aspirações. Em Bragança, assim como em todo o país, essa era a realidade do rotativismo monárquico, com a famosa alternância entre regeneradores e progressistas já mencionada (Jacob & Simões, 2010, p.70).

Abílio Beça, como já aludimos no capítulo anterior, era um político de grande influência, e assume grande destaque no conjunto documental que analisámos sobre este tema — quer nas tentativas de “empurrar” o Abade para a “sua política”, quer nos apoios que lhe solicita constantemente. Foi deputado, governador-civil e presidente da câmara.

Para perceber a “trama epistolar” no período onde este tema adquire mais densidade (1890-1910), importa referir o papel político desempenhado pela imprensa local, — época áurea da imprensa brigantina. Referimos os que, na época, mais se destacaram: *O Brigantino* (1886-1889), *a Gazeta de Bragança* (1892-1910), *O Nordeste* (1888-1910) e *O Districto de Bragança* (1902-1907).

O Brigantino e a Gazeta de Bragança contaram com a direção de Abílio Beça. O papel fundamental de o *Districto* era ser veículo da oposição dentro do partido Regenerador. Por sua vez, *O Nordeste* era o grande adversário da *Gazeta*. Como verificamos, neste período, estes jornais estavam assumidamente comprometidos com os partidos políticos. *O Nordeste* denominava-se “órgão do Partido Progressista do districto de Bragança” no seu cabeçalho, assim como *A Gazeta* nunca escamoteou a sua assumida ligação a Hintze Ribeiro, representante dos regeneradores. No *Districto* o apoio ao regenerador Teixeira de Sousa e a Alberto Charula, seu protegido em Bragança, era claramente assumida (Sousa, 2013, pp. 471-476).

A trajetória de Beça desenvolveu -se inicialmente em Bragança, onde se viria a afirmar como cacique local. Assim que obteve tal estatuto, passou a agir como intermediário entre o centro decisor (Lisboa) e a periferia (Bragança), com o objetivo de aproximar ambas as regiões através da tecnologia ferroviária. (...) Bragança era uma zona da periferia económica, política e técnica da nação, e o caminho de ferro foi encarado como solução para minorar, e até eliminar, tal distanciamento. (Pereira, 2017, p. 42)

Relativamente à Igreja, tanto no Regime Monárquico como no Republicano, a sua situação não era favorável. Foi caro para o catolicismo ter sido considerado a religião oficial do Estado. O poder secular manteve controle sobre a legislação eclesiástica, tendo subtraído à Igreja a liberdade de atuação por meio do Beneplácito Régio (Ramos, 1983, p. 253).

Entre 1900 e 1904 e em 1906, Ernesto Rodolfo Hintze-Ribeiro, líder do Partido Regenerador, foi o primeiro-ministro.

O Partido Republicano travou uma feroz luta contra a Igreja, com a intensa colaboração das organizações secretas da maçonaria e da carbonária.

Relativamente à ação católica no final da Monarquia, muita foi conduzida sem a aprovação superior do episcopado. Essa ação deu origem a um sistema partidário que muitos bispos não aceitaram. Em 1894, uma estrutura suprapartidária de católicos deu origem à criação de um Partido Nacionalista que dividiu os católicos. Muitos discordaram do que era preconizado.

D. Manuel Bastos Pina afirmou numa carta de 25 de novembro de 1910 que o clero deveria manter-se afastado das lutas partidárias. Os sacerdotes não deveriam envolver-se na vida dos partidos políticos; a sua ação deveria limitar-se a votar nos "amigos da religião e da Igreja" (Ramos, 1983, pp. 259-260).

As recomendações de D. Manuel Bastos Pina foram acolhidas pelos sacerdotes e influenciaram a opinião dos católicos em geral, e do Partido Nacionalista, em particular. Os membros deste partido consideraram não uma atividade católica partidária, mas "a união e organização dos católicos de todos os partidos na defesa religiosa" necessária (Ramos, 1983, p. 260).

Como resultado, um mês após a Revolução, os bispos decidiram publicar uma pastoral coletiva. Relativamente ao envolvimento político dos padres, nessa pastoral afirmava-se que os católicos poderiam escolher um partido, contudo deveriam seguir duas regras fundamentais para orientar a sua ação na vida social: "1.º — não devem jamais cooperar, admitir a menor cumplicidade nem sequer dar aprovação a coisa alguma que signifique ou origine hostilidade ao catolicismo". A outra regra dos católicos era eleger candidatos que garantissem a defesa dos interesses da Igreja Católica (Ramos, 1983, pp. 261-264).

Além disso, deveriam garantir a proteção da imprensa católica. Por sua vez, os jornalistas deveriam lutar pela imparcialidade nas suas opiniões e serem prudentes nos seus julgamentos, evitando polémicas e cumprindo a sua missão de informar e esclarecer. Os católicos, em primeiro lugar, deveriam observar a caridade (Ramos, 1983, p. 264).

As últimas instruções da pastoral coletiva foram comunicadas aos párocos, para que lessem e explicassem a pastoral na missa aos paroquianos. Assinada em 24 de dezembro de 1910, para ser impressa, a pastoral foi remetida à impressora diocesana da Guarda. No final de fevereiro de 1911, foi enviada a todas as dioceses. No entanto, alguns párocos não receberam o seu exemplar porque muitos foram desviados pelas autoridades civis.

Da breve síntese que traçamos, fácil será perceber como teria sido difícil ser sacerdote em tempos tão conturbados, desígnio a que não teria estado isento o Abade. Os dois

primeiros períodos caracterizaram-se por um forte anticlericalismo. Os últimos governos monárquicos, imbuídos pelo espírito republicano e a colaboração das associações secretas, empregaram medidas persecutórias em relação à Igreja. “A amálgama das doutrinas positivistas do século dezanove trouxe consigo a república, antes esta trouxera já o fenómeno de perseguição religiosa” (Ramos, 1983, p. 296).

Da parte do clero assistimos a uma defesa coletiva contra essas leis. A pastoral coletiva emanada no outubro republicano de 1910 viria a revelar-se uma defesa eficaz. O clero, maioritariamente, uniu-se em torno dos seus prelados. A recusa das pensões, reação da maioria do clero, foi uma atitude de união e coragem, apesar da diocese ser pobre, e muitos sacerdotes viverem em situações de privação.

Observemos, agora, estes tempos conturbados pela voz dos escreventes, e perscrutemos a opinião do destinatário. Transcrevemos alguns excertos com a opinião “política” do Abade, que nos ajuda a entender os fluxos epistolares e os seus significados.

Num vasto artigo sobre o motim do Seminário, escreveu o Abade:

talvez alguém queira ver motivos apaixonados no que fica escrito sobre esta questão; declaramos, porém, que procuramos ser o mais imparcial possível. Seguimos sempre o partido regenerador, mas nenhuma má vontade nos moveu contra os progressistas onde contávamos amigos; também muitas vezes fomos insultado na imprensa por causa de escritos que publicámos sobre o assunto e outras vezes ferido com alusões malévolas. Resta-nos a satisfação de poder declarar que não correspondemos na mesma moeda aos que assim nos tratavam nem nunca deixámos de lhes falar. (Alves, 2000, vol. II, p. 369)

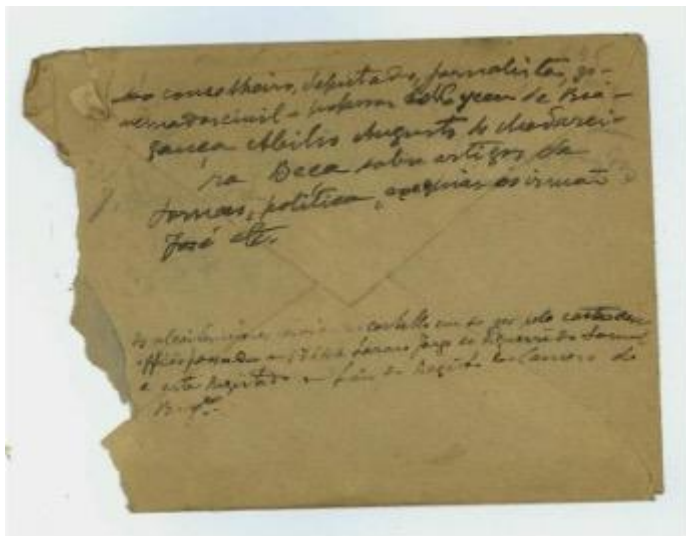
Defendendo as ideias republicanas, mas não aceitando a pensão do Estado oferecida aos párocos pela Lei de 20 de abril de 1911, indignando-se com o “penso” e com quem o aceitou. Escreve palavras duras com a aceitação pelo seu primo:

Pobre rapaz, a quem tanto estimei e ainda estimo a ponto de lhe dedicar o IV Volume das minhas Memórias, cortou relações comigo porque lhe censurei o ter aceitado a pensão (penso é que deve ser, pois assim chamam os galegos à razão que dão aos machos) concedida aos párocos pela Lei de Separação (decreto de Abril de 1911), o que só uma insignificante minoria de clero desqualificado aceitou. Devo declarar que me agradou sempre mais a ideia republicana e, por isso, já como estudante, me crismaram — Robespierre, mas não quis aceitar o

penso por achar que o clero que tivesse sentimentos, vergonha e dignidade a não podia aceitar. (Alves, vol. I, pp. 253-254)

5.1. Abílio Beça: “Seja-me, meu abbade, uma vez luctador (...) Desculpe o estímulo mas reconheça que o seu temperamento precisa”

Figura 40. Cartão com notas manuscritas do Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Neste capítulo consolida-se a constatação da grande influência que teve Abílio Beça na vida do Abade.

Em missiva de Luís Ferreira Real, de abril de 1902, comprova-se a influência de Abílio Beça na comunidade brigantina:

Os telegramas succedem-se uns aos outros, desde os das Reaes Magestades, até aos dos deputados — incluindo Teixeira de Sousa — Eduardo Coelho — Navarro — , o nosso incansável governador civil, que todos dizem que foi apresentado já a parecer da comissão d' Obras públicas e fazenda, e que amanhã será apresentado na Camara dos deputados à discussão onde será aprovado, e quena 4^a feira irá para a Camara dos Pares, onde talvez appareçam algumas divergencias, mas que já está tudo prevenido e remediado, e por tanto que não ha duvida que deve ser aprovado tambem lá namesma sessão, de forma que na semana que vem temos a certeza de que as desejadas aspirações dos Brigantinos e de todos os habitantes do concelho vão realizar-se²³¹.

Abílio Beça, em 1894, foi eleito deputado pelo círculo nas eleições ocorridas em abril, ganhas pelo Partido Regenerador, o que lhe permitiu estender sua influência política até à capital. Desse modo, conseguiu deslocar a sua ação política da periferia para o centro

²³¹ MAB/FAAB-Doc. 4705.

das decisões, onde eram definidos os investimentos em obras públicas, e finalmente concretizar seu desejo: a construção da linha férrea para Bragança (Pereira, 2014, p. 118). Porém, a legislatura terminou abruptamente em 28 de novembro de 1894 e Abílio Beça regressou a Bragança como presidente da Comissão Distrital, diretor da *Gazeta*, professor e advogado. Durante esse período, trabalhou na sua candidatura ao Parlamento e Câmara, apesar das incompatibilidades dos dois cargos. Abílio Beça acabou por vencer as duas eleições (Mónica, 2005-2006, vol. III, p. 357).

Eleito deputado, e por determinação do Supremo Tribunal Administrativo, não pode continuar como presidente da Câmara devido à incompatibilidade. Prescindiu assim do cargo autárquico. Era uma situação comum os políticos locais abdicarem dos cargos autárquicos quando eram eleitos deputados (Pereira, 2017, p. 52).

No ano de 1899, numa carta muito sugestiva quanto à cumplicidade do Abade e de Abílio Beça, comprovamos a influência de Abílio Beça nas colocações do Abade, nomeadamente no concurso para a paróquia de Mairós, na “odisseia” para ser colocado em Baçal e nos obstáculos que Abílio Beça ultrapassara para colocar o seu amigo. Era a vez agora do Abade, que afinal se afirmava regenerador, ajudar politicamente com o magistério “poderoso” da sua influência sacerdotal. As eleições ganham-se com votos!

Percebemos, similarmente, que era terreno que o Abade não pretendia percorrer e onde não se sentia bem, pelo menos confortável. São vários os *reparos* de Abílio Beça sobre a *inércia política do Abade*: “Seja-me, meu abbade, uma vez luctador (...) Desculpe o estímulo mas reconheça que o seu temperamento precisa”.

Noutras frases usadas por Abílio Beça, reconhecemos um tom um tanto imperativo para o seu amigo Abade, no tocante ao auxílio nas eleições.

A ida do Pe. Miguel a Varge e França constitui um perigo, que com trabalho e boa vontade se pode evitar. Se o amigo quizer ir todas as tardes à Aveleda, poderá prevenir o descalabro da votação d’aq.la povoação. Olhe que o Pe. Miguel, que é um fanatico, e o pai e irmãos, não largarão agora aq.la gente e sabe quanto esses eleitores são fracos e versateis.

Seja-me, meu abbade, uma vez luctador. Os eleitores da sua freguesia só lhe escapam se houver descuido da sua parte. Tem sobre elle ascendente que muito dignas qualidades cimentam.

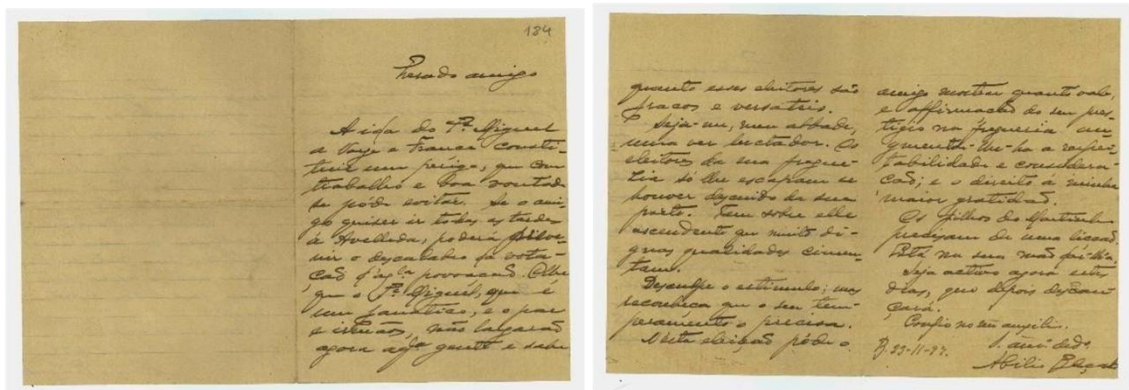
Desculpe o estímulo; mas reconheça que o seu temperamento precisa.

N'esta eleição pode o amigo mostrar quanto vale, e afirmação do seu prestígio na freguesia augmentar-lhe-ha a respeitabilidade e consideração; e o direito à minha maior gratidão.

Os filhos do Martinho precisam de uma lição. Está na sua mão dar-lha. Seja activo agora estes dias, que depois descançará.

Confio no seu auxilio²³².

Figura 41. Carta de Abílio Beça, 23 de novembro de 1899



Fonte: Museu do Abade de Baçal

De referir que a carta foi enviada três dias antes das eleições de 26 de novembro de 1899, em consequência das quais Abílio Beça volvia ao Parlamento. A legislatura durou até 24 de junho de 1900, na sequência da substituição do governo de Luciano de Castro por Hintze Ribeiro. Como fora nomeado Governador Civil de Bragança, Abílio Beça não concorrer a essas eleições (Pereira, 2014, p.145).

A morte do seu irmão (José Beça) constituiu um duro golpe para Abílio Beça. Nestas circunstâncias, é ao seu amigo dileto (Abade Baçal) que dirige convite para as exéquias fúnebres. Solicita-lhe que apresente uma proposta na Câmara para se “assistir como corporação”²³³ ao funeral. Recordemos que o Abade fora eleito vereador (regenerador) da Câmara de Bragança, em novembro de 1908, cargo que ocupou até 1910.

Como já aludimos, o sonho político de Abílio Beça era trazer o caminho de ferro para Bragança. O seu irmão, deputado, procurava em Londres e Paris investidores e Abílio

²³² MAB/FAAB-Doc. 184.

²³³ MAB/FAAB-Doc. 193.

Beça conseguia do governo adiar o início das obras. O acordo não se concretizou e José Beça, após o regresso a Portugal, morre em dezembro de 1902. Agudizava-se a situação para Abílio Beça: “Em Bragança o protelamento da questão fazia recrudescer a animosidade dos progressistas e dos charuláceos contra Abílio Beça, dado que o fracasso do concessionário era o fracasso do governador civil” (Pereira, 2017, p. 64).

Nas eleições de 1908, eleição em que é eleito vereador o Abade, Abílio Beça solicita os seus bons ofícios:

Deve saber que a eleição na cidade é a valer e até nas assembleias ruraes se resolvem fazer o acto com inteira legalidade. Tenho empenho em que a eleição seja m.to concorrida na cidade. Peço-lhe reuna os eleitores ahi, V.e Lamas e Avelleda e os traga (...)

Desculpe ir tarde. Mas tenho tido tanto que providenciar...²³⁴.

Sobre as mesmas eleições, mais uma vez, apela ao empenho do Abade:

Por Deus vá la (...)

Rogo-lhe não esmoreça nem afroixe nos trabalhos eleitoraes. O Daniel foi à freguesia e deve ter-se esquecido.

Também o Alvaro Mos foi a Sacoias, e dizem-me que o amigo ainda lá não foi. Por Deus vá la e deve (?) todos os dias até domingo, se for preciso.

Precisamos ser tão activos como os progressistas.

Fallou-se em accordo em condições honrosas; mas nada feito. Nós devemos ganhar a eleição no Concelho²³⁵.

Daniel Rodrigues empenhava-se nas eleições e pretendia medir a sua influência com Álvaro Moz:

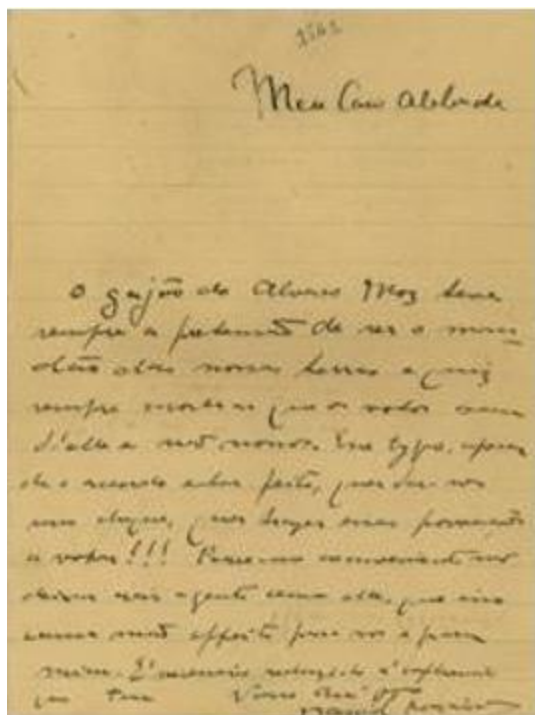
O gajão do Alvaro Moz teve sempre a pretensão de ser o mandão das nossas terras e quiz sempre mostrar que os votos sam d'elle e não nossos. Esse typo, apesar de o accordo estar feito, quer dar-nos um cheque, quer trazer essas povoações a votar!!! Parece-me conveniente não deixar vir a gente com elle, queisso causa mao effeito para vos e para mim. É necessário reduzi-lo à influência que tem²³⁶.

²³⁴ MAB/FAAB-Doc. 3396.

²³⁵ MAB/FAAB-Doc. 3588.

²³⁶ MAB/FAAB-Doc. 1561.

Figura 42. Carta de Daniel Rodrigues



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Percebemos o intenso labor eleitoral na mobilização dos eleitores, os contactos a solicitar votos, as idas às aldeias, as promessas eleitorais. Tratava-se de uma logística complicada, onde se mediam as influências... As promessas eleitorais tinham de ser feitas de viva voz. Numa carta escrita em dois momentos temporais comunica:

Continue prosseguindo nos seus trabalhos, que os homens querem fugir à derrota que os espera. (...)

Já procurei o conego Sebastião. Não o encontrei. Vou logo instar (?) novamente. Voltei: Ele vota em mim, mas não pede. Diz o Araujo que espera votar connosco.

É preciso estar prevenido de que o Manoel Martinho vae a Baçal esta tarde. Como Alvaro Mos garanta a todos o que tem crias d'elle que o amigo, eu e o Sonim lhes daremos as crias que aquelle lhes tirar. Pode garantir isto com toda a segurança²³⁷.

Da mesma maneira, contava com ao Abade nas suas lutas políticas na Câmara de Bragança, onde o Abade era vereador (regenerador), nas votações contra os progressistas. Na missiva seguinte lê-se:

Peço-lhe ajuda a resolver qualquer dificuldade. Hoje parece não haver indícios de desistencia das partes progressistas. Mas sempre é bom estar prevenido²⁷¹.

²³⁷ MAB/FAAB-Doc. 4231.

Muito obrigado pelos seus bons concelhos. Afinal as tentativas da opposição são inanes (?) Veem-se impotentes e recuam

Previno-o que sabe que só com o recebedor da Camara poderemos ter segurança em que os serviços e escripturação da thesouraria da Câmara poderão ser bem desempenhados.

Há todavia quem pretenda apresentar outro candidato à Camara. Previno-o d'isto, não va — o que não creio — prometter qualquer cousa irreflectidamente²³⁸.

Isto por cá, nas Câmaras, tem estado agitado. As opposições declararam a sua incompatibilidade com o governo e é inevitável na proxima semana uma crise, que deverá resolver-se com a queda do governo. Mas não se pode assegurar queseja agora chamado o partido regenerador²³⁹.

Pedi-lhe, também, a mobilização da Freguesia aquando das eleições a favor do irmão, José: “(...) é preciso trabalhar com toda a urgencia e atividade para a eleição de 25, em favor do meu irmão José. Espero que comprometta já toda a freguesia antes que J. Faria (?) o faça²⁴⁰.

Nestas eleições, foi imposto a Abílio Beça o apoio a dois protegidos de Teixeira de Sousa como candidatos ao Parlamento: Alberto Charula e José Galas. Associaram-se a Lopes Navarro e ao irmão de Beça, José Beça. Conseguiram os regeneradores eleger os quatro deputados. Neste contexto, Abílio Beça passava a usar a sua influência em Bragança como Governador Civil e em Lisboa, no parlamento, através de seu irmão (Pereira, 2014, p. 181).

²³⁸ MAB/FAAB-Doc. 4728.

²³⁹ MAB/FAAB-Doc. 4764.

²⁴⁰ MAB/FAAB-Doc. 4227.

5.2. Igreja e Política: “Que dizer da Pastoral é um primor, ficaram zangados com ella mas que tenham paciencia, nella está traçado o caminho que temos a seguir”

No ponto anterior, seríamos alguns documentos que nos evidenciam a trama epistolar e o jogo de influências e como o Abade lidou com essa situação. Analisamos agora como se posicionou o clero perante a Pastoral e o seu envolvimento político. Como viveram estes conturbados tempos os seus colegas sacerdotes e como o registaram nos documentos que analisámos.

Através das mensagens do seu amigo, Pe. João da Cruz Teixeira, conseguimos ter uma imagem da região e um retrato, ainda que fragmentado, dos tumultuosos anos de transição entre a Monarquia e a implantação da República. Em 1907, expressa a preocupação de que o seu concurso possa não ser concluído, caso o governo caia, e lamenta: "Os regeneradores, ou melhor, a padralhada, conspiram contra mim"²⁴¹.

Em 8 de março de 1911, ao expressar a sua opinião sobre a pastoral, manifesta apreensão em relação à República e às suas medidas anticlericais, e pede a sua opinião “fallas tão bem, tens tão bons pensamentos”, manifestando-lhe a tristeza e apreensão pelos novos tempos de Portugal.

Que dizer da Pastoral é um primor, ficaram zangados com ella mas que tenham paciencia, nella está traçado o caminho que temos a seguir.

Diz tu alguma coisa, fallas tam bem, tens tão bons pensamentos. Estás triste, também eu, não sabemos o que será o dia d`amanhã. E que será Portugal atheue pagão, uma caricatura do antigo, os estygmas (?) do vicio n`uma casa sem vergonha.

Que Deus se compadeça dos catholicos. Vale Todo Teu²⁴².

No dia 8 de março, João da Cruz Teixeira, em nova missiva, dá nota das perseguições aos párocos monárquicos e a si próprio e pergunta se aceitou a pensão:

O Pe. José Russo está refugiado na Galliza, o Ferre.^a de Travancas idem, o de Mairos preso, outros tem andado a monte.

²⁴¹ MAB/FAAB-Doc. 4726.

²⁴² MAB/FAAB-Doc. 306.

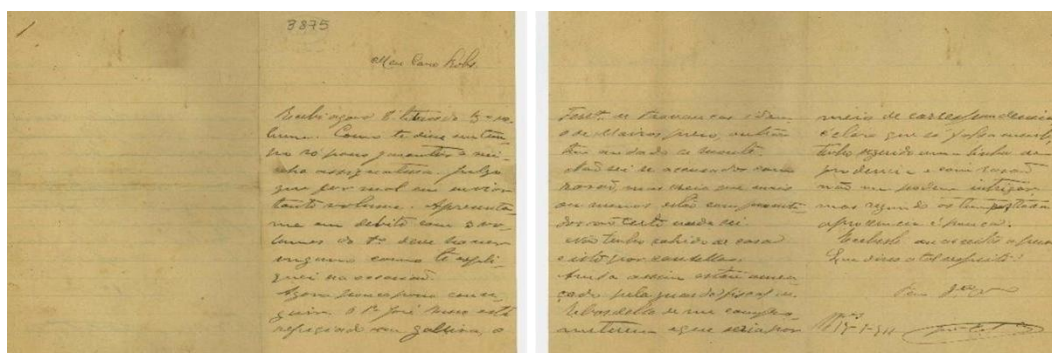
Não sei se acusados com razão, mas creio que mais ou menos estão comprometidos ao certo não sei.

Não tenho saído de casa e isto por cautella.

Ainda assim estou ameaçado pelo guarda fiscal de Rebordello se me comprometerem e que seria por meio de correspondencia é claro que só falsamente, tenho seguido uma linha de prudencia e com razão não me podem intrigar, mas segundo os tempos toda a prudencia é pouca.

Recebeste ou aceitaste a pensão? Que dizes a tal respeito!²⁴³.

Figura 43. Carta de João da Cruz Teixeira, 19 de setembro de 1911



Fonte: Museu do Abade de Baçal

João da Cruz Teixeira, em 23 de outubro de 1897, volta a pedir ajuda ao Abade: “Tenho contra mim elementos progressistas e regeneradores, e todos à porfia esforçam-se para que, ou esta igreja não seja posta a concurso, ou se for requererem algumas (?) para assim me impossibilitarem”²⁴⁴.

Envia-lhe informação confidencial sobre colocação de sacerdotes. Sofre perseguições de progressistas e regeneradores e pergunta o que deve fazer. Já o quiseram prender, insultaram-no no jornal e publicaram a carta que dirigiu ao Abade: “Sabes já quiseram prender-me tenho me visto às aranhas. Mando-te o jornal, que me insultou”. Remete cópia de notícias do jornal²⁴⁵.

²⁴³ MAB/AAB-Doc. 3875.

²⁴⁴ MAB/AAB-Doc. 4785.

²⁴⁵ MAB/FAAB-Doc. 4724.

Figura 44. Recorte de jornal



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Tornava-se difícil para os sacerdotes permanecerem imunes a este ambiente conspirativo e resistir à intromissão política na esfera religiosa.

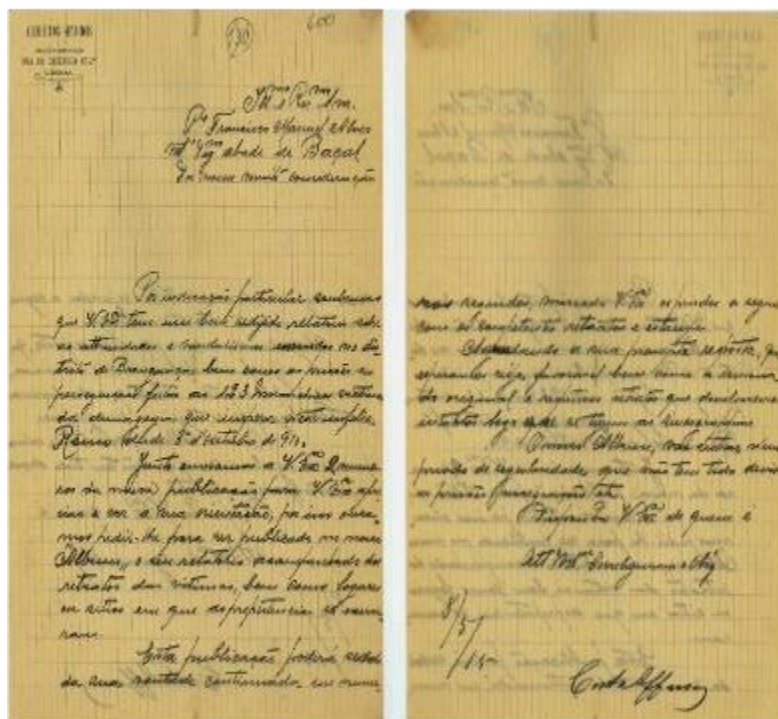
Do *Álbum dos Vencidos* solicitam informações ao Abade sobre as perseguições aos monárquicos perpetradas no Distrito:

Por indicação particular soubemos V. Ex.^a tem um bem redijido relatorio sobre as atrocidades e vandalismos exercidos no distrito de Bragança bem como as prisões e perseguições feitas a 123 Monarchicos vitimas da demagogia que impera n'este infeliz Reino desde 5 de Outubro de 1910.

Junto enviamos a V. Ex.^a 2 numeros da nossa publicação para V. Ex.^a apreciar e ver a sua orientação, por isso ousamos pedir-lhe para ser publicado no nosso "Album" o seu relatorio acompanhado dos retratos das victimas, bem como logares ou sitios em que as prepotencias se exerceram²⁴⁶.

²⁴⁶ *Álbum dos Vencidos* da autoria de Alberto Pereira d'Almeida foi publicado em Lisboa, entre 1913 e 1914, baseado no cativo de alguns presos políticos portugueses.

Figura 45. Carta do *Álbum dos Vencidos*, 8 de maio de 1915



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Se sacerdotes houve que procuraram a neutralidade política e se afastaram destas “lutas políticas”, que teciam uma rede em que se imiscuía política e religião, outros, na privacidade epistolar, confessavam o seu envolvimento, como no caso de Alípio José Alves Morais:

Perguntas-me o que faço, e em que penso? Vou dizer-to: Fazer, não faço outra mais do que pedir votos, como um doudo para as proximas eleições; pensar não penso senão em política, e tanto assim que eu te digo, almoço politica, janto politica, ceio politica e se subrejar ainda tenho para prato de meio a maldita politica, já estou cheio d'ella e ainda agora principiei: tu não imaginas como por aqui se mexem todas os bichos políticos, portanto já podes vêr que não são tão pequenas como tu pensas as empresas em que ando mettido, não é nada: — ferve d'ofensa por toda a parte²⁴⁷.

Para combater a crescente secularização da sociedade portuguesa e as diversas campanhas anticlericais, a Igreja criou um partido de natureza católica. Entre os líderes deste movimento, destacou-se Jacinto Cândido da Silva (1857-1926), que liderou o projeto de constituição de um partido político de inspiração católica, o Nacionalismo

²⁴⁷ MAB/FAAB-Doc. 4838.

Católico (1901-1911). O objetivo principal deste partido era lutar pelos direitos e liberdades da Igreja (Olaio, 2004, p. 148). Neste contexto, Jacinto Cândido da Silva dirige-se ao Abade e pede apoio eleitoral para a lista do partido Nacionalista:

Em nome da Colligação Eleitoral, de cuja comissão executiva faço parte, representando o partido nacionalista, peço a V. Exa. o favor do seu valioso apoio eleitoral à lista de opposição monarchica²⁴⁸.

Por sua vez, a Diocese, por intermédio de Manuel António da Ressurreição Fernandes, em 1916, informa que um grupo de católicos pediu para ir a "essa freguesia" fazer propaganda eleitoral e pergunta ao Abade se vê alguma vantagem nisso²⁴⁹. Em nova missiva, 30 de outubro de 1916, tece observações sobre a lista católica que vão apresentar às eleições para "conquistar para a igreja liberdades essenciais"²⁵⁰.

Certamente sabe já que vamos às urnas nas próximas eleições com uma lista exclusivamente catholica.

Por toda a parte se nota um consolador movimento catholico politico. A nossa entoada decidida na vida politica é evidentemente o unico meio de conquistarmos para a Egreja as liberdades essenciais.

Contamos com uma derrota. Devemos ir apesar d'isso, no meu humilde modo de ver pois me parece que precisamente das derrotas é que ha-de sahir a divisãodos campos e a consequente união dos catholicos²⁵¹.

Na mesma senda, o Pe. Guilhermino Alves, em 22 de outubro de 1925, apresenta a candidatura de Francisco de Sena Esteves Oliveira, sugerida pela Comissão Diocesana do Centro Católico para as eleições legislativas²⁵².

²⁴⁸ MAB/FAAB-Doc. 4435.

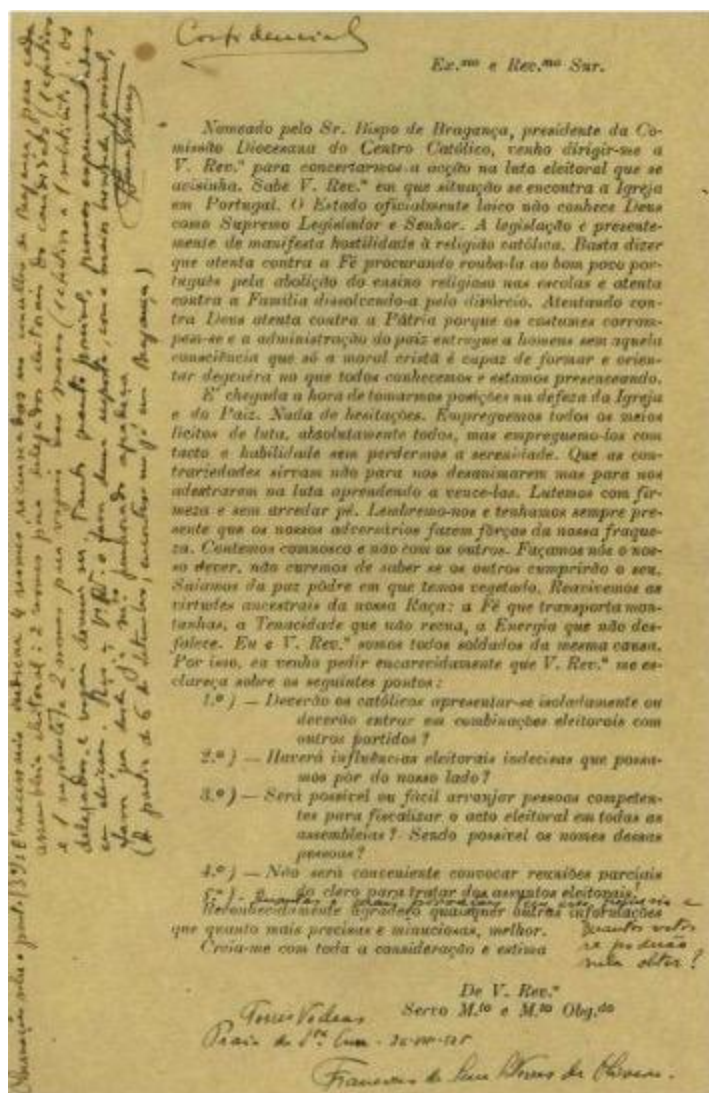
²⁴⁹ MAB/FAAB-Doc. 2740.

²⁵⁰ MAB/FAAB-Doc. 2746.

²⁵¹ MAB/FAAB-Doc. 746.

²⁵² MAB/FAAB-Doc. 3595.

Figura 46. Circular sobre as eleições de 26 de agosto de 1915



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Francisco de Sena Esteves de Oliveira apresenta o candidato e discorre “trata-se um dever de consciência, que se ha de cumprir com os olhos em Deus e a esperança nas suas recompensas”. Em documento confidencial “Pedem todos os votos que possam arranjar”²⁵³.

²⁵³ MAB/FAAB-Doc. 3595.

5.3. Pedidos de apoio político: “Atrevo-me a escrever-lhe, supplicando-lhe o seu concurso e influência para a lista que a colligação eleitoral apresenta pelo districto de Bragança”

Como atrás constatámos, não foi apenas Abílio Beça que solicitou o apoio e envolvimento político ao Abade. Considerado por muitos, e sabendo que a sua opinião mobilizava diferentes “credos políticos”, “namoravam” o apoio do influente Abade.

Nas eleições legislativas de 1910, também Gomes dos Santos, Diretor da *Liberdade*²⁵⁴ e correspondente da *Palavra*, solicita o apoio para a causa nacionalista:

Embora não tenha o prazer de o conhecer pessoalmente, atrevo-me a escrever-lhe, supplicando-lhe o seu concurso e influencia para a lista que a colligação eleitoral apresenta pelo districto de Bragança.

Velho nacionalista²⁵⁵, ligado a esse circulo pela consideração de favores e deferencias que d'ahi tenho recebido, não me pode ser indifferente a luta que ahi vai travar-se. Sei que v. Ex.^a Rev.^{ma}, pela sua atuação, caracter e respeito, é dos mais valorosos elementos eleitorais do circulo, e não me perdoaria, a mim proprio, se junto de V. Ex.^a R.^a deixasse de fazer esta tentativa.

A adesão de V. Ex.^a Rev.^a honrar-me-ia em extremo, e seria mais um título a juntar à gratidão que por V. Ex.^a Rev.^a professo, por sabel-o um leitor dos meus artigos, e d'aquelles que mais immerecidamente as considerara.

Aguardando a resposta de V. Ex.^a R.^a, subscrevo-me com mui distincta consideração, sympattia e respeito²⁵⁶.

Em 28 de agosto de 1910 realizaram-se as últimas eleições legislativas antes da República. Contudo, as eleições foram anuladas pelo decreto de 24 de outubro de 1910.

Numa nova missiva, percebemos que o Abade tinha respondido dia 15 de agosto e a resposta não foi de “não adesão à causa nacionalista”, como solicitado:

Meu respeitavel amigo

De regresso da minha casa de Alcacer, onde fui passar alguns dias, encontro a sua carta datada de 15 do corrente, a que immediatamente respondo, agradecendo, como me cumpre, a sua benevolencia para commigo.

²⁵⁴ Sobre o tema consulte-se: Cruz, M. B. (1878). As origens da democracia cristã em Portugal e o salazarismo. *Análise Social: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, 14(54), 265-278.

²⁵⁵ Sobre o tema ler: Olaio, N. (2004). Jacinto Cândido da Silva (1857-1926): Através das memórias de um dos seus fundadores. *Lusitania Sacra*, 16, 147-178.

²⁵⁶ MAB/FAAB-Doc. 3595.

Lamento sinceramente que V. Ex.^a Rev. ma não conseguisse ainda desatar os laços que o prendem à politica rotativa, que eu considero a causa primordial da nossa desgraçada situação. Felizmente, vem proximos os tempos da libertação das almas que gemem acorrentadas à tradição e ao preconceito partidário. Os aggrupamentos politicos sofrem n'este momento uma profunda transformação; eu creio que o futuro ainda será risonho e que um novo mecanismo politico e partidario substituirá com vantagens a actual. No nosso estado de cousas encontrará V. Ex.^a, por certo, melhor collocação para as suas affeições politicas²⁵⁷.

Oferece-lhe a revista *Liberdade* para um artigo mais extenso sobre o vol. I das *Memórias*, então publicado.

A *Palavra* começa a publicar-se em agosto de 1872. Contrariamente ao defendido pelos legitimistas, que tinham como principal jornal *A Nação*, defendiam a compatibilidade entre catolicismo e liberalismo. Sustentavam que os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade integravam a tradição cristã. Pretendiam resolver os problemas sociais através círculos católicos de operários (Moura, 2010, p. 46).

Nas eleições de 28 de abril de 1918, Bragança elegeu, como deputado, Francisco Miranda da Costa Lobo.

O Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo agradece a amizade que o Abade Ihe tem dispensado e manifesta grande satisfação pelos resultados obtidos na sua terra nas eleições:

(...) tenho no maior apreço da amizade que me dispensa um Patricio tão illustre como o meu am.^o. Creia que tive uma grande consolação com o acolhimento que teve a minha eleição pela terra a que me prendem os laços de sangue e que terei o maior prazer em demonstrar o meu reconhecimento e desejo de contribuir para o seu progresso.

Não se trata de phrases, e o meu am. faz-me demasiadamente justiça à minha acção. Pois espero que muito me obsequiará dando-me as suas indicações²⁵⁸.

A contrarrevolução monárquica ocorreu logo após a proclamação da República, em 5 de outubro de 1910. O seu objetivo era restaurar a monarquia e as instituições do Antigo Regime por via de um movimento político-militar. Henrique de Paiva Couceiro liderou essa contrarrevolução, usando armas para se opor à revolução republicana. Comandou

²⁵⁷ MAB/FAAB-Doc. 3595.

²⁵⁸ MAB/FAAB-Doc. 1890.

Luís de Castro leite em 14 de junho de 1921 pede para o Abade apoiar a “Causa Monarchica” nas eleições:

Tornando-se indispensavel à Causa Monarchica, como prova de vitalidade, tanto maior quanto maiores são as dificuldades com que nos defrontamos, concorrer às urnas no proximo ato eleitoral e tendo em absoluto conhecimento não só da muito boa vontade de V. Sr. como tambem da sua grande influencia nessa região, venho muito positivamente avisar V. Ex. de que, por esse circulo se deverão apresentar candidaturas (...)

Para ellas solicito de V. Sr. todo o seu valiosissimo apoio e fico certo que não apelarei debalde²⁵⁹.

²⁵⁹ MAB/FAAB-Doc. 1339.

5.4. A República pelos *de longe*: “Coitado conta-me cobra e lagartos dessa republica porém nem tudo pude acreditar, duvido que o homem está fanatizado”

Nas trocas epistolares percecionamos como era vivida a República pelos sacerdotes que deixaram o País.

Patrocínio Rodrigues, de S. Paulo, em 22 de novembro de 1912, pergunta como está a situação do País com a República, e expressa que o Abade se deve estar a dar bem com a situação, pois não teria sido em vão que o apelidaram de “Robespierre”, e deduz que terá aceitado a pensão.

Assim, pergunta se o Abade se conformou com a lei da separação e aceitou a pensão.

Saudo-o, bem como aos seus. Ha quanto tempo não tenho noticias suas, nem de Bacal, meu berço! Hoje, atacado duma forte nostalgia, tive a feliz ideia de me dirigir ao meu amigo e Mestre, afim de me dizer alguma cousa da situação politica actual, bem como noticias do meu velho Pae, do qual ha mais de 3 mezes não tenho notícias. Por ahi as cousas decerto estão correndo bem, com a Republica, e muito principalmente para quem se chama Robspierre! Pois creio que o meu caro Abbade não seria tão ultramontano que não acceitasse a pensão que o estado garante ao clero que se conforma com a celebre lei da separação. E se assim fez, fez muito bem! (...)

Aborda que um padre vizinho “Coitado conta-me cobras e lagartos dessa republica; porem nem tudo pude acreditar, duvido que o homem está fanatizado...!”²⁶⁰.

Nos documentos epistolares, contava com amigos republicanos e conservadores monárquicos que lhe enviavam a sua opinião sobre os “novos” tempos.

Sobre os templos republicanos, Luís de Castro Leite, a 1 de março de 1918, de Lisboa, expressa:

(...) penhorantíssima carta que me fez o favor d`escrever a proposito do meu regresso ao ensino. Comoveu-me na realidade a sua manifestação de sympathia (...) É muito agradável para quem na vida publica só procura o bem geral, com o maior desinteresse pessoal, encontrar quem o comprehenda e quem aprecie seu esforço. Essa satisfação deu-ma V. Rev. vindo lá de tão longe com o seu aplauso animando-me nos meus trabalhos. Mas a republica tem-me cansado muito, criando esta atmospha de odios, de perseguições, de suspeições, de

²⁶⁰ MAB/FAAB-Doc. 3203.

desasocego, de falta de segurança individual, de ataque à propriedade, de tensão nervosa em que nos consome toda a energia vital n'uma labareda incessante.

Queima-se-nos, arde-nos toda a vida destinada a um normal prolongamento, em poucos anos! E eu preciso de mais vinte anos d'existência p.^a deixar encarreirados os meus sete queridos filhos! Com a ajuda de Deus espero leva-los até serem homens de bem e de utilidade christã e portugueza, como eu tenho procurado ser²⁶¹.

Campos Monteiro foi Administrador do concelho da Maia, deputado monárquico pelo distrito do Porto no período de governação de Sidónio Pais (1918) e capitão-médico miliciano, tendo sido demitido do posto de major, a 28 de agosto de 1919 (Abílio Campos Monteiro, 2016).

(...) de ter conhecimento que se encontra a concluir o 4.^a volume das “Memórias Archeológicas”. Deus lhe dê vida, animo, paciência e tranquilidade para proseguir na construção do maior monumento do nosso Districto!

Felizmente com a concordia da familia Portuguesa não soffri tanto como esperam outros. Como era deputado ao tempo do governo sidonista, havia aproveitado o comboio presidencial para vir de Lisboa ao Porto, e tive o desgosto de ver cahir Sidonio Paes a pouca distancia de mim. Embarcando para o norte no dia seguinte, vim encontrar o Porto em plena fermentação politica. Fiz o máximo de contra-vapor que podia no que respeita à revolução monarchica, que se me autolhava extemporanea, e, pelo momento, criminosa. Sahi da “Patria” por esse motivo. Creio que foi isso que me salvou. Claro que estive homiziado uma temporada, após a qual fui preso quatro vezes. Não cheguei nunca, porem, a darentrada na cadeia, pelo facto de ser capitão-médico miliciano, e ter ficado ilibadoda culpa no processo que a meu respeito correu no quartel-general (...)

E aqui tem, tracejada em poucas palavras, a minha odisseia política de dezembro para cá²⁶².

Nascido a 7 de abril de 1858, freguesia de Rio Frio, Manuel António Ferreira Deusdado foi educado pela mãe, Florência Cavaleiro de Miranda, numa linha tradicionalista e católica. Manteve-se próximo do Miguelismo e do Partido Regenerador. Defendeu os valores culturais tradicionais, e foi acérrimo defensor do Integralismo Lusitano, apoiado depois pela República e o Estado Novo (Fonte, 1998, p. 193).

Deixa-nos epistolarmente a opinião sobre a República.

²⁶¹ MAB/FAAB-Doc. 4754.

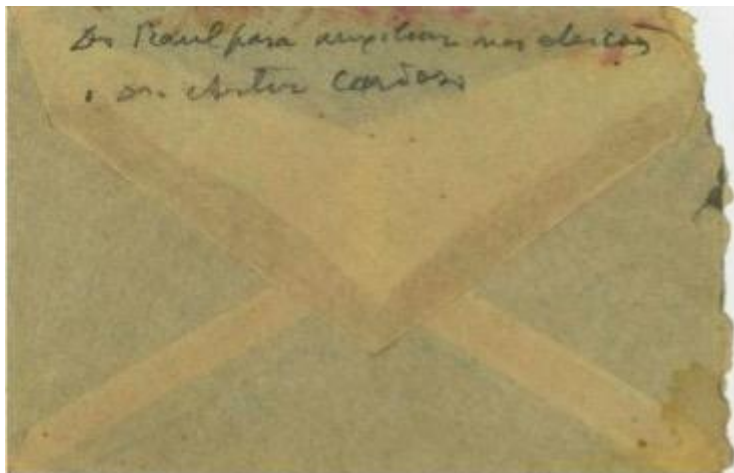
²⁶² /FAAB-Doc. 719.

O vergonhoso crime do T. do Paço continua a afligir-me. A glorificação dos assassinos, promovida pela associação do registo civil, não é de humanos, é d'uma escoria vivente. Os fieis da Igreja necessitam pelejar contra esta infame descristianização da patria!²⁶³.

²⁶³ MAB/FAAB-Doc. 1202.

5.5. Raul Teixeira: “Do Raul para auxiliar nas eleições do Dr. Artur Cardoso”

Figura 48. Envelope com notas manuscritas pelo Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Raul Teixeira pediu o apoio ao Abade para mobilizar os eleitores a favor de Lopes Cardoso, nas eleições de 1921:

O Lopes Cardoso escreve-me pedindo para que me dirija a vós solicitando-vos mobiliseis Baçal nas proximas eleições. A circunstancia de ele assim se me dirigir é para mim motivo de orgulho, pois é uma honra considerarem-me como creatura tão vossa amiga que me possa a vós dirigir em tal sentido.

Após referir as qualidades do candidato, diz:

d'ele bastante ha que esperar, a bem dos interesses da nossa terra. Precisa, portanto, do ser auxiliado porquem, como vós, é alguém na região. Como vós, com certeza, pensais d'este modo, estou convencido de que dareis instruções aos vossos eleitores no sentido de votarem a lista apresentada pelo Artur, nem que com isso possa ser prejudicada a candidatura do Quintela que vae substituir, com decencia e brilho, o imbecil do Santos Pereira, estranho à terra e debil mental²⁶⁴.

O Abade escreveu no envelope “Do Dr. Raul Teixeira. Política”. Em 30 de outubro de 1925, volta a solicitar o apoio eleitoral:

²⁶⁴ MAB/FAAB-Doc. 364.

Ahi vae a lista dos eleitores da tua aldeia. Vê se trazes tudo convosco. Não te deixes tomar pela preguiça. Pedindo, como espero que pedirás, convenço-me que nem os 5 que me indicaste hostis deixarão de ir contigo²⁶⁵.

O amigo Moura Coutinho também lhe pede o apoio eleitoral para Gama Ochoa:

Guardo a vossa carta como prova do vosso character e generosidade. Muito, muito obrigado.

So desejo os vossos votos p.^a a candidatura de deputados, p.a o regionalista Gama Ochoa. Já hontem vos enviei as listas p.^a se mandar votar ou mandai votar em q.ue vos parecer.

E mil vezes obrigado por esse vosso gesto²⁶⁶.

Figura 49. Carta de Moura Coutinho



Fonte: Museu do Abade de Baçal

As eleições legislativas portuguesas de 8 de novembro de 1925 são as últimas realizadas na vigência da Constituição de 1911.

O Partido Democrático dominou o mapa político do distrito durante este período. Em 1915 obteve maiorias em todos os concelhos, à exceção de Alfândega da Fé; em 1919 venceu em todos os municípios, e em 1921 e 1922 é majoritário em Mogadouro, Torre de Moncorvo, Alfândega da Fé, Mirandela, Vila Flor, Carrazeda de Ansiães e Freixo de Espada à Cinta. Em 1925 volta a repetir maiorias nos doze concelhos do distrito de Bragança (Jacob & Simões, 2010, p. 71). Para a aldeia de Sacoias é delegado José Montanha, grande amigo do Abade de Baçal. Como assinalámos, ao Abade é pedida colaboração política por Raul Teixeira, para Lopes Cardoso, precisamente no mesmo ano

²⁶⁵ MAB/FAAB-Doc. 358.

²⁶⁶ MAB/FAAB-Doc. 3705.

em que foi nomeado diretor do Museu Regional. Em abril, Artur Lopes Cardoso foi saudado o novo chefe do partido.

Sabemos que em 1919, para a direção do novo museu, tinha sido nomeado Álvaro Carneiro, republicano democrático apoiado por Alberto Charula e Lopes Cardoso, em processo politizado. A sua nomeação não foi bem recebida por muitos bragançanos — designadamente por Raul Teixeira, que sustentava que o Abade de Baçal era o concorrente adequado para o cargo. O Abade teria sido preterido por ter estado envolvido politicamente na última eleição monárquica em que foi eleito vereador na lista regeneradora de Abílio Beça.

Como observamos na epistolografia, a este ficou a dever os favores pelas suas nomeações para Mairos e, pouco depois, para Baçal. Em 23 de agosto de 1906, O *Nordeste*, jornal progressista dirigido por Raul Teixeira, publica o artigo “Fóssil reverendo” onde se escreveu: “um sacerdote deslavado — podem tomar o termo nos dois sentidos: próprio e figurado — evidenciou, no passado domingo, junto à mesa eleitoral da assembleiade Santa Maria, uma habilidade e aptidão (...) O reverendo soba de Baçal (...)” (Jacob & Simões, 2010, p. 104).

No *Nordeste* de novembro de 1908, artigo idêntico contra o Abade, no qual se falava em manipulação de votos na urna da Sé. Desta eleição sairá o Abade eleito vereador para a Câmara Municipal, na presidência de Abílio Beça, onde se manterá até à República. Afasta-se depois definitivamente da política ativa, apesar de, posteriormente, a pedido dos seus grandes amigos, Raul Teixeira e José Montanha, ter de sensibilizar os paroquianos para o apoio a Lopes Cardoso e Alberto Charula, no mesmo ano em que foi nomeado Diretor do Museu (Jacob & Simões, 2010, pp. 104-105).

5.6. Fraudes eleitorais: “O número de elegíveis é de 16, com aquela a quem o secretário pos”

Os interesses políticos em jogo davam origem a algumas “Fraudes” eleitorais.

Nos resultados das áreas rurais, dada a pouca politização das populações e débil fiscalização do processo eleitoral, observava-se maior manipulação dos votos, aceitando-se com mais brandura as pressões governamentais (Almeida, 1985, p. 113).

Desta forma, nas áreas rurais, desencadeava-se uma intensa atividade política nos períodos eleitorais. Eram palco de aguerridas disputas entre as redes de caciques rivais, que tudo faziam para controlar clientelas locais. Nos conflitos e negociações, por vezes, era fundamental a mediação das chefias partidárias distritais ou nacionais (Almeida, 1985, p. 129).

Em 24 de abril de 1902, Luís Ferreira Real dá conta que:

Está uma participação contra o regedor d'Aveleda, entregue ao juiz de direito, em nome do tal Augusto Gostei, pelo facto de não deixar presidir à eleição da junta de parochia, feita já se vê pelo Faria.

É preciso que o amigo venha amanhã cá, ou mandar alguma exposição circunstanciada, com testemunhas, em que prove, que a eleição se não fez pelo presidente não saber escrever, (se é verdade) e que o tal Augusto não apresentou o ofício em que a camara o nomeou; a tempo e horas de se fazer a eleição, declarando que esse documento, que agora está junto à participação, só foi apresentado depois de meio dia, como o amigo me disse, e que a assembleia não tinha conhecimento d'elle, e que pela declaração feita por o substituto, os eleitores não acreditaram que elle fosse o nomeado, sem que mostrasse o respectivo documento²⁶⁷.

Dois dias após, dirige nova missiva ao Abade, nos seguintes termos:

Parece-me que será bom responder à local do Nordeste, narrando os factos, como realmente se passaram, para assim poder destruir, qualquer effeito que possa produzir a aleivosa mentira que elle publicou, tanto no espirito do Juiz que ade julgar, como no do auditor que tem que apreciar a nullidade da eleição.

Como está hoje a repartição fechada não lhe posso mandar dizer qual o numero de eleitores da freguesia d'Aveleda, o que farei amanhã, pois tenho lá o caderno de recenseamento.

²⁶⁷ MAB/FAAB-Doc. 4706.

O número de elegíveis é de 16, com aquele a quem o secretario poz²⁶⁸.

²⁶⁸ MAB/FAAB-Doc. 4706.

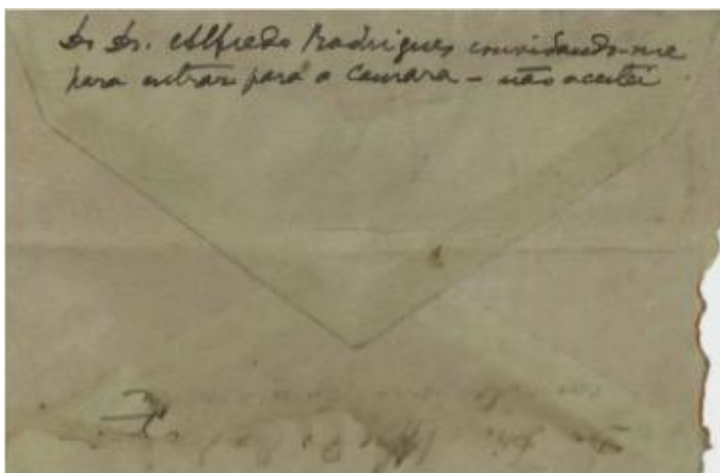
5.7. Convites declinados: “Do Dr. Alfredo Rodrigues offerecendo-me um lugar na Junta Geral. Era o de presidente: não aceitei”.

A fraca apetência do Abade para a política é materializada em algumas epístolas. Alfredo Rodrigues dirige-lhe convite para integrar a Câmara de Bragança e a Junta Geral de Distrito. Relativamente à Câmara escreve:

O Governador Civil manifestou-me o desejo de organizar uma Comissão Municipal que se imponha pela honestidade e competência; e, assim, pede-me que lhe indique nomes.

Eu, concordando com tal orientação, mas querendo, de preferencia, monarchicos, venho pedir-te que me dês licença para na lista incluir o teu nome e destinar-te lugar²⁶⁹.

Figura 50. Envelope com notas manuscritas do Abade



Num outro documento:

Em nome dos nossos amigos, venho convidar-te a aceitar um lugar na Junta Geral do Districto.

Orienta-nos, em tal oferecimento, a amizade e o reconhecimento das tuas faculdades de trabalho e intelligencia, que os variados assumptos da junta aproveitarão.

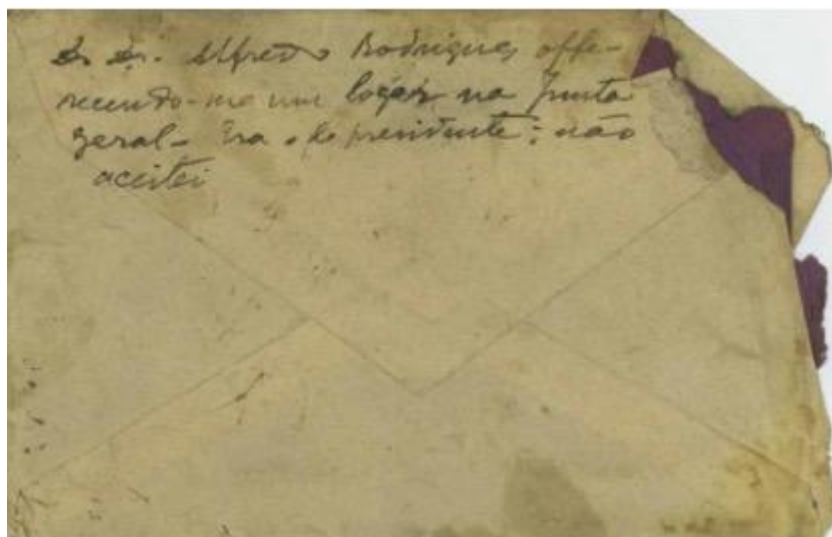
Na lista ficas, pois²⁷⁰.

²⁶⁹ MAB/FAAB-Doc. 4706.

²⁷⁰ MAB/FAAB-Doc. 4706.

O Abade anota no envelope “Do Dr. Alfredo Rodrigues offerecendo-me um lugar na Junta Geral. Era o de presidente: não aceitei”.

Figura 51. Envelope com notas manuscritas do Abade



Das temáticas expostas, onde demos uma vez mais voz aos documentos epistolares, percebemos uma região em ambiente conflitual, de guerras partidárias, e de algum ambiente anticlerical, que nos deixaram registos impressionantes de um quotidiano difícil. Emergem-nos as vozes dos correspondentes que se situam ao mais alto nível da hierarquia religiosa, os prelados, e dos influentes políticos locais e dos poderes centrais.

Na sua grande maioria não são cartas de retórica afetada, mas sim cartas sinceras “cartas de pijama” (Andrade, 1972, p. 182). A partilha de confidências, reflexões, revolta, angústias, crítica, nelas encontram guarida, oferecendo-nos depoimentos dinâmicos e reveladores.

Uma constatação se impõe: os envolvimento políticos do Abade foram pontuais, sem as habituais “paixões” da época. Em carta dirigida ao amigo José Rosa de Araújo, em 26 de fevereiro de 1942, lemos:

Chegaram a queimar em auto público de fé numa praça de Bragança a Gazeta de Bragança onde eu escrevia, combatendo uma corrente política prejudicial à terra. Alguns propuseram mesmo que me afogassem no Batoque; outros que me fuzilassem pelas costas, no Campo do Forte, junto a Bragança (...)

O bispo ao colocar-me em Baçal não me quis dar o título de abade, como tiveramos meus antecessores, por causa de um artigo que publiquei na Revista Católica, de Viseu, donde veio eu assinar-me reitor de Baçal e toda a gente me chamar abade.

Eu via e ouvia toda esta saraivada de flechas, para não dizer coices e ria-me e marchava impávido para a frente. (Araújo, 1985, pp. 258-259)

Numa outra missiva, de João Carlos Noronha, no dia 3 de agosto de 1931, constatámos o verdadeiro interesse do Abade:

Pela muita consideração que tenho pelas grandes qualidades de trabalho e inteligência, e amôr que V.^a Ex. cia sempre manifestou pela nossa terra, as palavras que me mandou dão-me a certeza que o meu pensamento é a expressão verdadeira do sentir de todos os bons transmontanos. O valor e riqueza da nossa região, até hoje desprezados, ou trocados pela reles e mesquinha política individualista, começa a acordar o brado sonoro e sincero que os livros de V. Excia por toda a parte espalham. Era preciso que Alguem nos indicasse o caminho, e esse Alguem apareceu na pessoa do illustre Abade de Baçal que representa o modelo de alma Transmontana²⁷¹.

O Abade nunca se interessou pela “mesquinha política individualista”, como referia o seu amigo. Os seus eternos interesses foram o sacerdócio e a investigação, ambas faces da mesma moeda. Teve que suportar alguns favores políticos para lhe ser concedido o que, por mérito próprio, lhe era devido: a paróquia da sua terra natal e a direção do Museu, aos quais devotou a sua vida!

Em síntese, podemos afirmar que encontrámos um terreno epistolar muito fértil neste eixo temático. Gostaríamos de o ter percorrido com outro tempo e mais profundas leituras e análises, pois as possibilidades são infindáveis, contudo o tempo e o volume de documentos não nos possibilitaram.

²⁷¹ MAB/FAAB-Doc. 4706.

Capítulo 6 As *Memórias* no epistolário de Francisco Manuel Alves: O período da preparação

As cartas são documentos que registam vestígios do caminho percorrido pelo historiador no processo de criação da sua obra intelectual. Deste modo, do ponto de vista metodológico, a partir de uma leitura crítica, estabelecem-se relações entre as questões significativas do projeto intelectual do Abade materializadas no epistolário.

Outrossim, corroboramos e reforçamos a tese que temos vindo a aventar que os epistolários passivos de intelectuais facilitam a compreensão do desenho e configuração das redes socio intelectuais e facultam a compreensão de como se posiciona um determinado autor e o seu itinerário em relação aos seus “pares”.

Essas redes, habitualmente heterogêneas e dinâmicas, inseridas em contextos mais abrangentes, transmitem-nos o modo como o conhecimento circulava em determinado espaço e tempo, os valores a ele associados, os seus pressupostos e a própria produção do conhecimento (Iumatti & Nicodemo, 2018).

Corroborando o que afirmámos no capítulo sobre o enquadramento teórico, o debate concernente à ideia de redes e circulação intelectual tem sido equacionado fundamentalmente nos últimos 10 ou 20 anos, nomeadamente, pelos autores franceses, onde assume papel de destaque o historiador Jean-François Sirinelli (2003). O autor, propondo a compreensão da conduta dos intelectuais ligados à História Sociocultural e História Política. Analisa e apresenta reflexões acerca das noções de itinerário e estruturas de sociabilidade. Estas últimas, também denominadas redes, reportam-se aos laços que os intelectuais tecem entre si, assim como aos espaços nos quais se materializam esses laços, redações de revistas, salões literários, etc.

Na opinião de Sirinelli, no entorno dessas estruturas edificam-se as forças de adesão, com as amizades que as sustentam, as fidelidades construídas e influência por elas exercidas; e as de exclusão, pelas cisões, conflitos, debates e posições tomadas, etc. (Sirinelli, 2003).

São estas forças, materializadas na rede epistolar, que neste capítulo analisaremos em torno da “escrita das *Memórias*”, a mais importante obra intelectual de Francisco Manuel Alves.

A importância do epistolário do Abade de Baçal resulta, em certa medida, da amplitude do arco temporal, que atravessa conturbados períodos históricos, conferindo-lhe uma dinâmica especial. Advém, também, da diversidade e relevância dos correspondentes e da multiplicidade temática, como já expressámos.

Bastará referir alguns nomes de correspondentes para percebermos a importância deste epistolário no estudo da História e Cultura dos séculos XIX e XX português. Encontramos missivas assinadas por Egas Moniz, Leite de Vasconcelos, Santos Júnior, Paulo Merêa, Torquato de Sousa Soares, Orlando Ribeiro, Joaquim de Carvalho, Raul Proença, Monsenhor José Ferreira, Abel Salazar, etc.

O vasto conjunto dos testemunhos fornece-nos, com grande relevância, uma visão em perspectiva da obra de Francisco Manuel Alves. Em suma, neste capítulo pretendemos evidenciar o importante contributo hermenêutico destas missivas para a escrita das *Memórias* e para estudos que se venham a produzir sobre a historiografia de Francisco Manuel Alves.

Outra relevante vertente de estudo do epistolário passivo de Francisco Manuel Alves reporta-se à possibilidade de confrontar os aspetos tratados na correspondência e como a partir destes constrói a sua narrativa histórica. Essa abordagem proporcionará achegas importantes para a reconstituição do itinerário intelectual do historiador, e abrirá novas possibilidades para a reflexão em torno do “fazer historiográfico” de Francisco Manuel Alves²⁷².

O peso temático da escrita das *Memórias* no epistolário assume tal proporção, que o Abade organizava a correspondência em maços onde indicava o vol. das *Memórias* a que se reportavam²⁷³. Contudo, dado o estado de desestruturação, não nos foi possível

²⁷² A importância deste estudo foi já referenciada por Jacob, J. N. (2000). *Memórias*. vol. I, p. XXIV.

²⁷³ Corroborando a opinião de João Neto Jacob: “No caso do Abade, a investigação histórica baseia-se na transcrição dos documentos originais, nas «excursões archeologicas» assinaladas nos *Couseiros* — cadernos não paginados onde assentava «causas» ou, então, como aparecem vários, «e na imensidão

recuperar essa estrutura original no trabalho técnico de organização. Perdida essa organização original, se muitas missivas pelos temas ou menção direta ao vol. anotado pelo Abade no-la permitem recuperar, outras existem em que se torna difícil estabelecer essa correspondência, considerando a diversidade de temas de alguns vols. e as constantes atualizações que o Abade materializava nas “adições, correções e adendas”.

da correspondência recebida dos informadores distritais, muita dela originalmente organizada por volumes das *Memórias* — e aqui conviria investigar os milhares de missivas recebidas pelo Abade e averiguar da forma de tratamento e utilização da informação veiculada” (Jacob, 2002, vol. I, pp. XXIV-XXIV).

6.1. As *Memórias*: breve caracterização

Procederemos agora a uma breve caracterização das *Memórias*, de modo a procedermos à contextualização do presente capítulo.

As *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, cobrindo um enorme leque temático e um longo período cronológico (desde os tempos pré-históricos até ao início do séc. XX), como já mencionámos, ocupam um lugar cimeiro na produção historiográfica sobre Trás-os-Montes.

Apesar da diversidade de temas apresentados em cada vol., podemos dividi-los na seguinte estrutura temática: no I e II vols. o autor apresenta a problemática da origem de Bragança, a história política, militar, económica, social e eclesial. No III e IV vols. publica os documentos medievais relacionados com as temáticas apresentadas nos dois primeiros vols. Nos vols. V a VII, respetivamente, judeus e ciganos, fidalgos e os notáveis, traça a história destes grupos, tratando-os como determinantes nos destinos da região. Os vols. IX e X dedica-os, fundamentalmente, à arqueologia e etnologia. No vol. X atualiza o vol. IX. Por fim, o vol. XI “é uma espécie de «despejar da gaveta», em que, talvez mais que nos dois anteriores, insere um pouco de tudo o que ficara para trás” (Campos, 2000, vol. IX, p. IV).

No que concerne ao número de vols., se na primeira década do séc. XX o autor nos fala na obra estruturada em dez volumes, na década de 40 refere-se já à intenção de a estruturar em doze vols.

Em suma, os oito primeiros vols. contemplam a História Institucional do Distrito — sociedade, política, economia, religião e genealogia, apresentando uma maior coerência temática. Os três últimos dedicam-se fundamentalmente à Arqueologia, à Arte e à Etnologia. Estes inserem os assuntos de uma forma menos organizada, completando alguns assuntos tratados nos vols. anteriores.

Não nos podemos esquecer que muitos dos vols. eram estruturados à medida que conseguia as informações. Por outro lado, sabemos que reunia na tipografia a serem impressos mais que um vol. simultaneamente; ou seja, à medida que obtinha as

informações, escrevia e ia enquadrando os textos nos vols. em impressão, o que tornava a sua organização complexa.

Se esta grandiosa obra se nos apresenta, como aludimos, um pouco desordenada, tal advém do ritmo e percurso de investigação, bem patente na imensa correspondência. O processo de edição não permitia a incorporação da informação que, entretanto, fora recebida, e deste modo ia sendo publicada nos apêndices.

Perfilhando da opinião de Nelson Campos (2000), quando aborda a “desordem das temáticas”: “As *Memórias* podem ser um saco de «batatas, alhos e bugalhos», mas está lá tudo. São o cérebro aberto do Abade de Baçal” (vol. IX, p. IV).

Foi nesse saco que verteu grande parte do conteúdo das missivas, depois da sua crítica de historiador. Já aludimos que o Abade baseia a investigação histórica na transcrição de documentos, na informação fruto das “excursões archeologicas”, assinaladas nos “couseiros” e na imensidão da correspondência recebida pela não menor imensidão de informadores, que estudámos no presente trabalho.

6.2. A génese das *Memórias*

No tocante ao conhecimento da escrita das *Memórias* tendo por base a análise do epistolário, as primeiras questões que colocámos e para as quais procurámos resposta nas missivas foram as razões que motivaram Francisco Manuel Alves a realizar este exigente trabalho, ao qual dedicou toda a sua vida e o seu saber.

O autor revela-nos o que pretende:

O propósito de Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, definido no prólogo do tomo I, parece ser, tão-só, dotar o distrito/diocese de um conjunto de registos de coisas dignas de menção, referentes à sua história. Lembrando as memórias que vinham sendo elaboradas desde o século XVIII, por iniciativa académica ou de clérigos ilustrados, assim como as diversas indicações para se redigirem histórias eclesiásticas e anais municipais, o autor procura a «integração das colectividades étnicas num período histórico», dotando essa mesma região de uma consciência de si, já que «nem só de pão vive o Homem». (Campos, 2000, vol. IX, p. II)

A colaboração dos múltiplos e diversificados informantes, materializada nos inúmeros textos enviados nas missivas, informação que o Abade verteu nas *Memórias*, representam, destarte, um trabalho coletivo burilado pela escrita historiográfica do Abade. As múltiplas colaborações emergem ao longo das *Memórias*, acompanhadas com o respetivo agradecimento. Depois da leitura e análise do conteúdo das missivas, podemos, sem reservas, assinalar a relevância das missivas dos diversos informantes na escrita historiográfica das *Memórias*.

Deste modo, neste universo epistolar recriamos, tanto quanto possível, a génese da criação do projeto científico das *Memórias*.

A correspondência apresenta uma constelação de depoimentos que nos permite acompanhar o processo de criação: as suas diversas etapas, a partilha do projeto, as diversas versões, a crítica, o elogio, a divulgação, etc. Para além destes factos, deixaram o seu caudal na atividade epistolar as sempre presentes emoções com que acompanhavam estas etapas. A colaboração surge repleta de emoções: entusiasmo e, por vezes, desilusões, numa escrita privada, íntima, maioritariamente pouco formal. Cartas onde se promete ser sincero nas opiniões, sem as reservas da escrita oficial.

Percorremos, seguramente, terreno muito fértil, pois os interlocutores participam na definição dos projetos, de uma forma menos ou mais explícita e entusiasta.

O contrato da amizade continua a estar recorrentemente presente na escrita. Se as cartas são espaços testemunhais que historiam fases de pensamento e acompanham a produção intelectual, a amizade serve de base a este fazer — assim, recuperam-se os projetos executados, e também se registam os sonhados.

Podemos, seguramente, afirmar que o processo de criação das *Memórias* também se edifica no universo epistolar. As cartas onde o Abade tantas vezes coloca “vi” e “aproveitei”, exerceram um papel fulcral na sua produção historiográfica.

São estas constatações que as missivas nos proporcionaram e que apresentamos neste capítulo.

6.3. A génese do investigador Francisco Manuel Alves

Mencionámos já nos capítulos anteriores as questões de índole biográfica, origem familiar e social, a formação genérica e específica, as vivências e contactos e as atividades desempenhadas pelo Abade, determinantes para a sua condição de historiador.

Sabemos que a formação escolar, a natureza dos cursos, a capacidade linguística, o acesso à historiografia, os contactos nacionais e internacionais com intelectuais, historiadores e outros cientistas sociais, as atividades profissionais, foram condições fundamentais desfrutadas pelo Abade para o exercício da prática historiográfica.

A questão que agora colocámos é quando surge e que razões explicam o despertar do historiador Francisco Manuel Alves, que o levaram a abraçar esse desígnio com tal afincio que ombreou com a sua condição de sacerdote.

Mairos tem sido apontado como o local da génese do investigador, coincidindo com o início da vida sacerdotal. Aí começou, igualmente, a colaboração na imprensa. A proximidade com Chaves permitiu-lhe as necessárias consultas bibliográficas numa das raras bibliotecas públicas da região. Aí consultou *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga* de Jerónimo Contador de Argote, obra que teria exercido uma importante influência enquanto investigador (Jacob, 2000, vol. I, p. XXII)²⁷⁴.

Foi também em Chaves que encontrou a folha das listas inquisitoriais, documento que o levou à publicação do vol. sobre os judeus.

Na conferência que proferiu em Chaves, em 1930, expressa:

A grata visão de Chaves jamais se apagará no meu espírito, porque foi nesta terra, depois de ter divagado pela História, pela Teologia, pela Literatura, que encontrei, na Biblioteca Municipal desta nobre cidade, as Memórias de Argote, a Biblioteca Lusitana de Diogo Barbosa Machado, diversas crónicas monásticas e outras

²⁷⁴ João Neto Jacob escreve na introdução da reedição das *Memórias* “É em Mairos, onde estive entre 1890 e 1896, que nasce o sacerdote e se manifesta o investigador. De facto, é aqui que ele se inicia como articulista (...) e se manifesta para os estudos históricos motivado pelas obras que encontrou na biblioteca de Chaves — ele refere-se explicitamente a Argote em vários textos e no manuscrito Algumas das obras mais importantes que tenho lido (Arquivo do Museu do Abade de Baçal) — onde se deslocava periodicamente para se abastecer de livros. (Jacob, 2000, vol. I, p. XXII)

raridades bibliográficas, que me fizeram ingressar nos interessantíssimos estudos arqueológicos (...)

Foi no meio da Rua Direita, de Chaves, que encontrei, abandonada, uma folha avulsa das raras listas inquisitoriais que, abrindo-me uma mina desconhecida, me levou à publicação do V volume das “Memórias Arqueológico-Históricas do Districto de Bragança”. Foi ainda o flaviense Domingos Manuel Rodrigues de Sá que, dando-me um exemplar fac-similado da documentação existente na Biblioteca Municipal do Porto referente ao Infante D. Henrique, por ocasião das suas festas centenárias, me levou aos estudos paleográficos, tão prestantes na Arqueologia. (Mensajeiro de Bragança, junho de 1969)

No despertar do interesse pela Arqueologia, menciona, igualmente, a influência de José Homem de Sousa Pizarro e do Pe. Liberal Sampaio, ambos de Chaves.

O seu professor liceal, José Henriques Pinheiro, terá tido influência no despertar para a Arqueologia enquanto jovem investigador. Quando Henriques Pinheiro procede à descoberta dos miliários romanos e lápides funerárias nas ruínas do mosteiro de Castro de Avelãs, o Abade escreve com grande entusiasmo sobre as memórias que reteve do ocorrido:

Em 1887, era já subdiácono quando se realizam as célebres sondagens de J. H. Pinheiro (que havia sido seu professor) em Castro de Avelãs, com grande impacto na imprensa, o que naturalmente impressionou a elite cultural da cidade, incluindo os jovens seminaristas. Disso nos dá testemunho numa conferência que proferiu mais tarde, em 1942, no Porto, em memória do Pe. Martins Capela: “No ano seguinte, ou seja em 1896, fundou-se o [Museu] de Bragança, graças aos esforços do coronel Albino dos Santos Pereira Lopo e à preparação anterior do professor do Liceu da mesma cidade José Henriques Pinheiro, já iniciada com a descoberta de três miliários romanos, além de várias lápides funerárias e outras antigualhas nas ruínas de Castro de Avelãs, junto a Bragança, por conta da Sociedade Martins Sarmento de Guimarães. // Era eu estudante ainda, quando chegaram à noite na mala-posta, os jornais do Porto com a notícia destas descobertas. Que delírio entusiasta! Tudo na rua aos bravos e palmas; janelas das casas iluminadas; os moradores abraçando-se na rua de contentamento, grupos escutando a leitura dos jornais com tanta avidez e curiosidade como se encerrassem as prosperidades d’El Dourado, marcha de archotes em honra de Pinheiro, passeio pelas ruas como os heróis nas festas triunfais. (Almeida 1985, citado em Campos & Coelho, 2016-2017, p. 80)

Os estudos no Seminário terão exercido igualmente uma grande influência no seu desejo e interesse pela História em geral e pela Arqueologia em particular.

Apontámos já que o Abade fez os estudos de humanidades e teológicos (1880-1889) nos tempos áureos do seminário de Bragança, que antecederam o advento da República. Foi próximo do bispo D. José Alves de Mariz, bispo com uma longa experiência de professor nos seminários de Aveiro e de Coimbra. Este quando chega à diocese de Bragança renovou o seminário, material, espiritual e pedagogicamente. Fundou em 1885 a cadeira de Filosofia Escolástica no curso de Teologia; em 1887 criou a de Física, Química e História Natural; em 1895 a de Música, Canto e Orquestra e, em 1898, a de Arqueologia e Iconografia. Esta cadeira associada à publicação da pastoral sobre a Arqueologia teria exercido um papel fulcral na formação histórica do Abade, assim como na de outros sacerdotes, alunos no seminário e colegas do Abade (Alves, 2000, vol. II, p. 136).

Os estudos no seminário e a pastoral de D. José Alves de Mariz no domínio da ciência histórica, originaram uma imensa recolha de materiais e chamaram a este campo múltiplas vocações de todo o bispado (destaquemos os seus amigos Abade Tavares, Monsenhor José de Castro, Pe. Firmino Martins, entre outros (Jacob, 2000, vol. I, p. XXII).

Por outro lado, à época, para os românticos, onde se pode incluir o Abade, a cultura popular adquire estatuto de objeto científico. Surgem os estudos etnográficos por intermédio de Leite de Vasconcelos, Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Ricardo Severo, Consiglieri Pedroso, Martins Sarmiento e Rocha Peixoto, que se organizam em rede, editam revistas, fundam sociedades, criam museus e organizam grandes exposições. O Abade segue-lhes o exemplo, lê estes autores de referência na época alicerçando a sua formação autodidata (Jacob, 2000, vol. I, p. XXII).

A sua tia Luzia Alves com as lendas e contos que lhe contava no serão teria, igualmente, contribuído para o despertar do interesse pela História:

A santa e inteligentíssima minha tia Luzia Alves, nascida em Baçal a 8 de Maio de 1826 e aqui falecida, solteira, sem geração, a 5 de Fevereiro de 1890, a quem eu devo inicialmente o gosto pelas antiguidades, por constantemente espicaçar a minha curiosidade com lendas, contos, anedotas e factos históricos da Guerra Peninsular, em que seu pai, Barnabé Alves, nascido em Baçal a 5 de Junho de 1790 e aqui falecido a 12 de Dezembro de 1860, militara, bem como seu irmão Ildefonso Alves, falecido em França na guerra em 1914, muitas vezes acalmou, com o

precedente apólogo, os meus dislates estouvados de rapaz sedento de miragens
à filho pródigo. (Alves, 2000, vol. X, p. 544)

6.4. A metodologia

Como já mencionámos, com as *Memórias* o Abade pretendia publicar tudo o que dissesse respeito ao distrito de Bragança, independentemente da temática, âmbito cronológico, ou tipo de fontes, realçando, deste modo, o seu perfil de documentalista. Apesar de, no Prólogo das *Memórias*, dar destaque às fontes escritas (documentais e bibliográficas), “a prática levou-o a manejar igualmente a informação arqueológica, a análise do património construído ou as recolhas orais” (Soeiro, 2000, vol. XI, p. II).

Contudo, tem sido mencionado por diversos autores que o Abade agiu mais como documentalista, na defesa e preservação patrimoniais, do que como historiador.

Apesar da ausência de uma matriz teórica e interpretação crítica, realçamos a erudição do Abade, o conhecimento de bibliografia local e nacional, dos documentos dispersos pelos arquivos públicos, privados, familiares e pessoais, que a vasta rede de informantes locais e eruditos alimentava e atualizava. Rede constituída por párocos, intelectuais, agricultores, recrutas, entre outros.

As informações transmitidas através das missivas, complementadas pelas excursões arqueológicas, os *couseiros* onde tudo anotava, eram depois passadas pelo crivo crítico do Abade, transformadas no discurso historiográfico e inseridas nas *Memórias*. Não se pense que estas tiveram menor importância na construção das *Memórias*. São estas missivas que permitem criar e manter esta rede de informadores de diversos níveis sociais e interesses intelectuais e de diversos locais geográficos. Por vezes eram os contactos epistolares que alimentavam a relação, e, em determinados casos, só existia conhecimento epistolar; sem, contudo, impedir a consolidação da amizade e que, por vezes, se materializou em contactos epistolares de longa duração.

De destacar que, paralelamente à escrita das *Memórias*, ia “edificando” o museu, o arquivo e a biblioteca, constituindo-se estes a parte material. Projetos que eram faces da mesma moeda e se incluíam no objetivo maior do Abade: preservar o património que ele sabia em perigo e afirmar a região, devolvendo-lhe a alma transmontana.

Face ao exposto, como interrogava o Abade os documentos, procurando a verdade e produzindo o seu discurso historiográfico? Já mencionámos que a metodologia histórica

do Abade, ou seja, a forma de fazer História é inspirada em Alexandre Herculano. Temas como nação e memória são fulcrais. Não lhe reconhecemos ideologia política na escrita histórica.

No método, estrutura e configuração é influenciada por Leite de Vasconcelos. Leite de Vasconcelos centrava-se no todo nacional, o Abade no distrito de Bragança. Ambos organizam e desenvolvem redes de informantes que os alimentam de múltiplas informações e objetos patrimoniais, que selecionam e integram nos circuitos das revistas e outras edições e dos museus.

O Abade transcreve os documentos. É através da imensa correspondência recebida dos informadores que, apesar de prioritariamente distritais, se ramificavam no todo nacional, reunindo um vasto caudal de informações.

À semelhança do seu mestre Alexandre Herculano, dialoga com as ideias de historicismo, romantismo, e a premissa da História como ciência, corrente em voga na historiografia europeia do séc. XIX. A História tinha como objetivo resgatar a origem da nação. E, como Herculano, perfilhava da importância do documento como fonte principal para a construção do discurso historiográfico. Por sua vez, a importância do documento e historiografia de bases científicas estavam ligadas à ideia de verdade na História, contrapondo-se à fabulosa História dos tempos anteriores.

Já apresentámos que é na segunda metade do séc. XIX que surge a primeira etnografia portuguesa com Leite de Vasconcelos, Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso, Martins Sarmiento, Alberto Sampaio, Rocha Peixoto, Ricardo Severo, Carolina Michaelis, entre muitos outros. Esse conhecimento adquire forma em sociedades, em museus, em exposições em revistas, baseada numa rede de indivíduos, instituições e saber.

O Abade tinha consciência da crítica que lhe poderiam fazer quanto ao método usado, afirmando-se como homem mais de ação do que de teorias epistemológicas. A esse respeito, no Prólogo do vol. V, refere: «o progresso é obtido pelo homem que faz as coisas e não pelo que discute de que maneira elas não deveriam ter sido feitas». Ele próprio destaca o seu papel de rector, referindo que recolheu «muitas notícias inéditas (...) hauridas, não comodamente em trabalhos de gabinete, mas por montes e

vales, sem temor do frio, calor e chuva e mil outros incómodos inerentes às excursões, só avaliados por quem a elas se dedica» (Alves, 2000, vol. V, pp. IX-X).

6.5. Os “influenciadores”

No conjunto dos investigadores que mais terão influenciado e motivado Francisco Manuel Alves na fase inicial dos estudos históricos destacamos José Henriques Pinheiro, impulsionador da Arqueologia da região, com trabalhos sobre a via romana de Braga a Astorga, assim como o Coronel Albino Lopo, arqueólogo fundador e diretor do Museu Municipal de Bragança (1897). Contudo, no desenvolvimento do projeto das *Memórias*, o Abade Tavares, iniciador dos estudos arqueológicos no sul do distrito de Bragança, terá exercido um papel primordial.

Abade Tavares

Começamos, então, pelo papel que terá exercido o seu amigo e colega sacerdote Abade Tavares. Este materializa e consolida uma relação epistolar com o Abade num conjunto de 57 documentos, cuja cronologia se situa entre os anos 1896 e 1932. A primeira missiva tinha o Abade Tavares 29 anos e a últimos 64 anos, três anos antes da morte do Abade Tavares. Morreu em Carviçais, a 10 de abril de 1935, tendo passado os últimos anos da sua vida completamente cego.

José Augusto Tavares, também conhecido por Abade de Carviçais, nasceu na freguesia da Lousa, concelho de Moncorvo, a 4 de abril de 1868, três anos depois do Abade. Foi aluno no seminário diocesano de Bragança, tendo sido colega e amigo do Abade.

Sobre a vivência no seminário o Abade escrevia nas *Memórias*: O Tavares deleitava-nos lendo as suas produções poéticas, coleções folcloristas ou dissertando proficientemente sobre questões literárias” (Alves, 2000, vol. II, p. 337).

Foi pioneiro dos estudos arqueológicos no sul do distrito de Bragança, assim como, colaborador do *Arqueólogo Português*. Os seus principais e primeiros interesses como investigador foram a Arqueologia e as quadras populares transmontanas.

O Abade nutria pelo seu colega a maior consideração, como constatámos no que sobre ele escreveu no vol. VII das *Memórias*:

O abade Tavares é um dos espíritos ilustrados e esclarecidos da actual geração transmontana, que tem dedicado a sua actividade intelectual ao estudo das antiguidades d’esta provincia, tanto da linguistica como de tudo o que pode

concorrer para o conhecimento do seu passado. Sacerdote exemplarissimo, ao mesmo tempo que exerce a evangelica missão da direcção espiritual dos seus parochianos, vae, como espirito sagaz, observador, colhendo entre elles e nos seus habitos, usos e costumes, todas as joias archaicas perdidas, que hão-de um dia servir para formar um thesouro de subido valor para a historia d'esta região. Como homem culto, foi um dos primeiros que, lá de uma escondida aldeia, levantou a voz a saudar com a sua penna fluente a fundação do Museu Regional de Bragança, e para o qual tem offerecido, por diversas vezes, vários objectos. (Alves, 2000, vol. VII, p. 546)

Apesar da amizade, protagonizaram um diferendo quando o Abade de Tavares, depois do insucesso na tentativa da criação de um museu arqueológico em Moncorvo, projeto que tanto ambicionou, não depositou a sua coleção no atual Museu do Abade de Baçal, entregando o seu espólio ao seminário de Bragança para aí fundar um museu diocesano.

O Abade deixa-nos o seu sentido desacordo nas *Memórias*:

O abade Tavares é um grande coleccionador de antiguidades arqueológicas, de que tem em sua casa um verdadeiro museu, sendo lamentável, porém, que não se resolva a depositá-las no Museu Regional de Bragança, que também o é da sua terra, visto respeitar a todo o distrito, e resultarem infrutíferas as suas tentativas para a fundação de um em Moncorvo. Que o nosso amigo nos perdoe, mas os coleccionadores de antiguidades são tão beneméritos quando as recolhem, salvando-as do perecimento, quão censuráveis desde que se fecham com elas, privando os estudiosos desses elementos de instrução, contra todo o bom critério, e expondo-as a perderem-se após a sua morte, sendo até preferível que as tivessem deixado ficar in loco (...) Mas não se compreende que tu, meu velho e grande amigo Tavares, retenhas por mais tempo a tua colecção archaica. A tua grande intelligência, desinteresse e amor à ciência brigam com tal resguardo. Não sei se ouvi, se li, que a querias dar a um museu a fundar no Seminário Diocesano. (...). Mas o seminário, um seminário nunca pode servir para museu, a não ser que reúna condições tão excepcionais que nunca talvez se encontrem nos portugueses. (Alves, 2000, vol. VII, pp. 546-549)

Contudo, na leitura dos documentos constatámos que o Abade Tavares teve um relevante contributo na génese das *Memórias*. Em longas missivas, numa escrita entusiasta, vai construindo com o seu amigo o “desenho” das *Memórias*.

Era compreensível este comungar de ideias. Unia-os o sacerdócio, a formação no Seminário, as mesmas paixões pela descoberta do passado, a Arqueologia, os manuscritos e os livros antigos, que cogitavam em todos os espaços, os arquivos, os

museus, etc. Unia-os igualmente uma profunda amizade que reverberam em mensagens epistolares onde os “achados” nas diversas áreas se comunicavam repletos de entusiasmo, sem, por vezes, emergirem alguns melindres e desilusões. Nada era realizado e transmitido com indiferença. Desta forma, não nos surpreende que pudessem ambicionar concretizar projetos em coautoria de escrita histórica sobre a História da Região. Além do mais, o âmbito geográfico das *Memórias* incluía a área de nascimento de ambos.

Relativamente à génese das *Memórias* damos destaque a dois documentos epistolares. Nestas missivas, o pacto de amizade é materializado em toda a sua densidade: as gratas memórias do seminário, o entusiasmo pela investigação, e, fundamentalmente, pela Arqueologia. Presente, também, o pioneirismo do Abade Tavares na investigação arqueológica e o marcar de territórios de pertença e de investigação. Contudo, depois do início de um projeto comum, num hiato de compreensão que a correspondência não nos permite decifrar, surgem-nos a defender cada um a “sua dama, o seu território natal”, não se concretizando o projeto em coautoria. Não obstante, a colaboração e a amizade nunca são colocadas em causa!

O Abade Tavares na sua primeira missiva (missiva que consideramos constituir-se num importante contributo para a compreensão da génese das *Memórias*, escrita 13 anos antes da publicação do I vol.), escreve sobre os muitos achados arqueológicos, as publicações dos seus artigos sobre Arqueologia, a amizade com Leite de Vasconcelos e as peças arqueológicas enviadas para o Museu Etnológico.

Pelo conteúdo da missiva, subentende-se o convite que o Abade lhe terá dirigido para colaborar na investigação histórica sobre a região e na futura publicação. O Abade Tavares terá anuído aos desejos do Abade, e comunica-lhe que irá colaborar num vol. intitulado “Arqueologia do Distrito de Bragança”, dividindo o trabalho por áreas geográficas. Teria sido este o primeiro embrião das futuras *Memórias*: um projeto a dois. O Abade investigaria no norte do distrito e a sul o amigo Abade Tavares. O tema central seria a Arqueologia, campo onde o Abade Tavares tinha já conquistado terreno, com as diversas publicações, sobretudo no *Arqueólogo Português*, revista de grande prestígio, dirigida pelo seu grande amigo Leite de Vasconcelos.

Estas missivas apresentam um registo pouco formal, muitas vezes próximo da humorada e solta conversação, manifestada, desde logo, na forma como o autor se dirige a Francisco Manuel Alves. Num tom coloquial, que só aos amigos é permitido, responde à carta do Abade, iniciando com a menção à sua “velha” amizade:

Amigo velho Robspierre:

Credo! Jesus! Anjo Bento! Sume-te, Canhoto! Tu és o demo, Robs! Pois eu podia esperar noticias tuas agora mesmo?!

Não! Foi uma surpresa da tua parte e por isso te agradeço do íntimo d`alma!

A sinceridade era o ingrediente da genuína amizade. E com essa sinceridade que a amizade exige, faz gala, referenciando os seus vastos trabalhos de Arqueologia que lhe tinham valido a entrada na *Real Associação dos Architectos Livres e Archeologos Portugueses* e o orgulho que sentia, apesar de se referir avesso a comendas. A esse respeito, cita Alexandre Herculano, a quem apresenta como sendo o mestre do Abade. Faz gala da sua amizade com Leite de Vasconcelos, a quem, a seu pedido, enviou diversos achados para o futuro museu.

Continua a expressar a sinceridade da amizade:

Respondendo á tua presadissima carta cumpre-me dizer-te com a minha singilleza e sinceridade características:

Tenho publicado uma longa e ardua serie d`artigos archeologicos no “Moncorvense”, “Vida Moderna”, do Porto e no “Archeologo Portuguez” de Lisboa, revista especialista e unica em Portugal, todos subordinados à epigraphia: “Archeologia do Districto de Bragança”, cujos artigos me valeram, não obstante ser indignamente, a distinta honra de ser nomeado “Socio Correspondente da Real Associação dos Architectos Livres e Archeologos Portugueses”. É um titulo modesto, mas expressivo; como Alexandre Herculano, teu eximio (?) mestre, detesto as comendas, titulos nobiliarchicos, etc.; mas em compensação orgulho-me do intimo d`alma (santo orgulho!) com a nomeação de socio d`essa Real e Cientifica Associação; se os (?) titulos são filhos da estultícia humana e do deus milhão (?), estes, ao contrario, são (?) do trabalho e do estudo. Sou amississimo do Dr. Leite de Vasconcellos, redactor do “Archeologo Portuguez” e a seu pedido já enviei ao Museu Ethnographico Portuguez, a seu cargo, uma importante e curiosa remessa de um idolo romano, alguns machados neolithicos e moedas romanas e

arabes. E a proposito de numismatica: Ha dias presentearam-me com uma moeda de prata — 80 reis — doreinado de D. João III em bom estado de conservação²⁷⁵.

Define e divide, depois, o seu território de investigação. Elenca as suas já avultadas conquistas, e denomina-se o iniciador/precursor da História do Distrito, o pai biológico, sobretudo na área da Arqueologia. Todavia, destacando esse ponto de partida, aceita o desafio que o Abade lhe terá dirigido. Colaborará no volume “Archeologia do Districto de Bragança”. Porém, apresenta a sua tese: dividem geograficamente o território de estudo. Para além da Arqueologia apresenta a necessidade da investigação e estudos de Filologia e Etnologia.

Não obstante a edea do estudo completo das antiguidades do nosso districto já estar começado por mim, como pode ver nos jornais retrocitados, de bom grado annuo aos teus desejos: de colaborar-mos ambos n`um volume intitulado: “Archeologia do Districto de Bragança”; concordas com esta minha edea? Tu encarregas-te dos concelhos de Bragança, Vinhaes, Miranda, Vimioso, Mogadouro e Mirandella e eu de Freixo, Moncorvo, Carrazeda, Villa Flor, Macedoe do extinto concelho d`Alfandega da Fé. Sobre os concelhos de Moncorvo, Carrazeda e Freixo tenho os meus estudos d`archeologia completos e até mesmosob o ponto de vista philologico e etnologico.

Tenho encontrado: Dolmens, moedas, inscrições romanas e arabes, sepulturas abertas em rocha. Suinos de granito, um de schisto, um sino (?), machado de pedra etc

Um verdadeiro pandemonio archeologico!

A minha terra natal, o Reboredo, Bellainhos (?), Cabanas Felgar etc são estações interessantissimas sob o ponto de vista archeologico. Se tivesse em duplicado todos os achados mandartos-hei, assim tem paciencia.

Termina a pedir a franqueza devida aos amigos, mencionando as partidas do Abade no Seminário.

Olha: tu manda-me com toda a franqueza d`antigos contemporaneos e amigos. Então dize-me: Quando mudas para Baçal? E o Bernardo Pires? E as tuas partidas do Seminario?!

Teu eximo corde Rece Nejirum

Ligares, Correio de Freixo d`Espada á Cinta,

14-2º-96 Pe. Je. Aug.to Tavares

²⁷⁵ MAB/FAAB-Doc. 152.

O projeto da escrita comum é retomado na carta de 12 de maio do mesmo ano. Decorriam assim três meses. Outras conversas teriam surgido, entretanto, sobre o projeto. Como colegas sacerdotes encontrar-se-iam em algumas ocasiões no decurso das funções sacerdotais. Estava aceite e decidido o projeto, fundamentalmente na divisão geográfica. O entusiasmo era imenso:

Acuso a recepção da tua ultima e apreciável carta, datada de 20 do preterito, cujo conteúdo me interessou muitissimo e por isso mesmo agradeço reconhecido.

Está muito bem: Trabalha cuidadosamente em relação aos 6 concelhos do alto districto e eu irei fazendo o mesmo nos concelhos do sul do districto; para isso é necessario não nos pouparmos a trabalhos e despesas; a empresa, como deves saber, é assás, arrojada, mas com muito estudo, trabalho e perseverança venceremos tudo. Labor omnia vincit! Que remédio Robspierre! O Ceu não se ganha a mãos lavadas; ad august per augusta, dizia o sabio philosopho do seculo XIX — Victor Hugo! Demais estes assumptos archeologicos são já de si muito arduos e estereis e pouco estudados em Portugal.

O Abade ter-lhe-á apresentado a intenção de designar “Memórias Históricas” ao neófito. O Abade Tavares aceita, contudo, desenha um projeto ainda mais ambicioso:

Homem: surgiu-me uma edea bastante complexa, mas d`um alcance devéras importante: visto desejares incluir na archeologia da diocese de Bragança algumas memorias historicas, então, meu caro, tem paciência; havemos de ir muito mais longe; o nosso futuro volume deve ser um vasto repositorio de conhecimentos transmuntano; deve portanto abranger os seguintes ramos:Archeologia, Historia Militar, Civil e Litteraria, Linguística, Ethimolophia, Romanceiros Transmontanos, Costumes Locaes, Estatisticas, Descrição Hydrographica, Orographica e Geologica, etc., etc. Então sim teriamos trabalhado muito em prol da nossa desgraçada diocese.

Mãos à obra! Hony soi qui mal y juisse!!...

Relativamente ao título “Memórias Históricas” apresentado pelo Abade, Tavares transmite:

O baptismo do futuro neophito mais tarde se decidirá, agora vamos acumulando o material e depois irá o exigido cerimonial: Título, prologo, etc. Eu avalio perfeitamente as tuas palavras em relação a memórias historicas; não ha uma só aldeia na nossa provincia onde se não tenha dado uma batalha, onde não tenha nascido (?), um escriptor, um benemérito; eu mesmo tenho conhecimento d`algumas d`essas cousas. Olha ha 2 annos dizia eu n “O Moncorvense”, referindo-me a esta provincia,: “A provincia de Traz-Os-Montes é uma perola embruto!” Pois bem, se pudermos, seremos nós os seus primeiros lapidadores; a messe, como

vês, é vastíssima, as agrícolas - os arroteadores — são muito raros por isso mãos à obra... Iremos colleccionando n'um Museu Robspierrano — Tavaresco os objectos archeologicos encontrados; eu ainda possuo alguns e outros já os mandei para o "Museu Ethnographico Português", em Lisboa, a pedido do meu amigo Dr. Leite Vasconcellos. Que grandes gargalhadas ao ler a descripção (?) das tuas estatuas! És o demo! Sempre o mesmo! Meu ratão de marca! (...) Maganão! Não deixes de me escrever a miúdo; não sejas mais desalmado, meu alma grande.

Teu Ex. imo Corde

Ligares – XV – 5 – XCVI

Freixo d'Espada à Cinta

J.é Augusto Tavares.

A História revelou-nos que este inicial projeto a dois não se concretizou. Como já evidenciámos, os motivos da não concretização não são aflorados nas missivas. Sabemos, sim, que a amizade que os unia prevaleceu e continuaram a colaborar e a partilhar informações. Ao longo das *Memórias* o Abade faz referência às informações do amigo e tece grandes elogios às suas qualidades intelectuais. Exceção, o melindre pela doação da sua valiosa coleção para o seminário, depois das tentativas goradas de criar o museu "Tavaresco", como referiu na epístola anterior.

Nas cartas o projeto comum não volta a ser mencionado, nem se evidencia algum desencontro relativamente à ideia inicial. As mensagens trocadas falam-nos depois dos percursos profissionais distintos, mas com uma assídua colaboração e ajuda. Trocavam informações várias e ajudavam-se mutuamente. Certo é que os interesses eram muito semelhantes e existia uma sintonia entre ambos, para além da amizade nascida no Seminário. Como referia o Abade Tavares "Não sabes como a minha alma se casa com a tua".

O Abade envia-lhe trovas populares para a edição que preparava, o seu tema de eleição, a par da Arqueologia. Decorridos dois anos, em 23 de outubro de 1898, o Abade Tavares escreve de Maçores: aguarda as prometidas "minhas prediletas trovas populares", referindo "Agora não te demores a mandar-mas, se tu soubesses como é o meu empenho em concluir o "Cancioneiro Transmontano!". Pede também para lhe enviar Romansas e adivinhas populares. Insiste nesse interesse: "Preciso que me ajudes n'estas impertinencias, em compensação brindar-te-ei com um exemplar de um futuro parto

intellectual e auxiliar-te-ei na tua obra histórica com relação ao sul do nosso districto ou diocese, pois sei de muitas cousas d'algum merecimento”.

Comungavam do mesmo interesse pelas bibliotecas. O Abade Tavares diz que é bibliomaniaco, pois essa é a sua "bolha (...) além da vetusta arqueologia". Lamenta não estar perto para "consultar a tua vasta e rica biblioteca, que neste concelho a melhor é a minha e mais não vale nada! Imagina como luto desesperadamente por falta de livros para entreter o meu espirito tão sedento de luz!".

Lamenta não ter possibilidades financeiras para adquirir livros. Tem dois irmãos a estudar Direito a quem custeia os estudos. Depois de formados já terá dinheiro para adquirir livros. O mesmo se passava com a preocupação pela “defesa” dos arquivos. Em 27 de julho de 1916, tece comentários sobre o caos e a incúria de que são alvo os livros paroquiais, agora no Registo Civil.

Numa mensagem, não datada, com grande entusiasmo, agradece o envio das trovas populares:

Meu Dilectissimo:

Muchas Gracias a usted cavallero!

Recebi, manuseei e Gostei! Bravo! As trovas populares eram muitas e lindissimas; a musa popular d'essas terras é deliciosa, amena e sentimental; não parece ser influenciada pelas cortantes nortadas da Sanabria e Montezinho!

Muitas d'ellas já existiam no meu “Cancioneiro; ainda assim aproveitei mais de 200.

Relativamente ás romanzas: Uma belleza, principalmente a Estebaninha! Lembraste? Em Alexandre Herculano encontro, no seculo 12, uma tal Estevaninha; será homonyma de Estevaninha ou Estebaninha e todos estes diminutivos serão derivados de Esteva, mulher d'Estevão e Esteves?!

Olha: Foi pena não teres colleccionado mais; se ainda por ahi existir alguma no caco d'alguma sancta velhota, copia-m'a, sim?

Uma cousa: Não me podeis arranjar algumas de Mairós e mesmo trovas populares? Desejava muitas do Concelho de Chaves, pois o meu plano é aproveitá-las de toda a provincia.

Na remessa d'ellas cometteste um erro palmar: Em mandares tudo n'uma carta em 200 reis de sello, podendo enviar-mas só com 25 ou 30 reis; bastava por n'um

envolucro a palavra: Manuscripto. Olha se tomas nota. Nada, meu caro amigo! Economia! Já muito nos come o nosso belissimo Governo!

Escreve, depois, sobre a permuta de livros:

Com relação aos livros não t'os remetto já no correio, porque tenciono ir brevemente a Bragança a collar-me e então levar-tos-hei, e até te hei de prevenir para ter o gosto de te abraçar na velha, marcial e judaica cidade. Descança, portanto, a este respeito; mas desde já te previno que não tenciono desfazer-me d'elles, maxime do idolatrado "Livro da Razão"; por mim já citado n'um artigo meu da "Gazeta de Bragança" — "Sepulturas Antigas" — Viste? — Mas empresto-te de boa vontade; depois trataremos das nossa permutas; tanto gostava do Flavio Josephus"! Pois hei de encontra-lo, Robspierre!

Em tendo occasião tentarei de organizar os meus apontamentos do sul do districto para te auxiliar na tua obra. Amor recompensatur! Has de gostar muito; alguns já estão publicados em differentes jornaes do paiz e outros jazem nas reconditas estantes da minha livraria.

Agradeço-te summamente reconhecido as tuas sinceras felicitações do meu despacho de Maçores e desejarei ter em breve ensejo para felicitar-te pela tua esperançosa obra. Avante!

Olha: Escreve-me, dá-me as tuas notícias e mata-me o tédio d'estas noites medonhas e (?).

Ai! que aborrecimento! Ai! Que tédio! etc.

Presbyterio de Maçores, ás 10 da noite do dia 10 do mez do Natal do anno de 1898 da Era Christã, estando prestes a dormir-me.

Valete, Amice! Good Bye.

Teu Vigorum Seminarii²⁷⁶.

O Abade Tavares colabora ativamente nos vol. VI e VII das *Memórias*. Envia dados biográficos sobre moncorvenses ilustres que o Abade vazará nos referidos vols.²⁷⁷. São diversos os documentos que mencionam o envio de dados biográficos:

Ahi vai 3ª remessa vou ver se ainda consigo enviar mais alguns.

Vai a bibliographia do Dr. Margarido conforme a pude organizar, embora já tenhas outra, como me dizes.

Muito bem. Continua, sempre nas tuas investigações historicas sobre o nosso malfadado districto (...).

²⁷⁶ MAB/FAAB-Doc. 261.

²⁷⁷ MAB/FAAB-Doc. 253; 252; 4531; 157; 156; 4530.

O districto de Bragança dentro em breve terá a sua historia, devido ao teu muito saber e trabalho.

Adeus. Um abraço²⁷⁸.

Ao Abade Tavares deve, igualmente, o envio de vasta informação sobre as indústrias populares que o Abade publicou no II vol. Informações que agradece “ao ilustrado abade de Carviçais, José Augusto Tavares, por várias vezes memorado nestas páginas, aqui renovamos o nosso reconhecimento pelos elementos que nos forneceu relativos a esta indústria e à do sabão” (Alves, 2000, vol. II, p. 475).

Teve que envidar diversos esforços para lhe fornecer esses conteúdos. Em 8 de agosto de 1912, quando foi pregar ao Felgar, aproveitou para recolher dados sobre a indústria da cerâmica e tecelagem. Não conseguiu informação sobre a fábrica de tecidos. Todavia, pediu informações urgentes sobre esse assunto, que enviou de imediato quando as obteve enviou-lhas. Revelando algum ressentimento, queixa-se por só agora o Abade o ter consultado sobre estas áreas, pois, apesar da sua “pobreza intelectual”, poderá fornecer-lhe alguns dados que o ajudarão²⁷⁹.

Noutra missiva, alude ao envio do questionário sobre a cerâmica e tecelagem de Felgar²⁸⁰. Cerca de um mês depois (12 de setembro de 1912) foi a Torre de Moncorvo a recolher informações sobre a amêndoa doce²⁸¹. Decorridos 15 dias, em 30 de setembro de 1912, completa os dados sobre as indústrias populares da região de Moncorvo: a indústria da amêndoa doce — descreve o fabrico — e a indústria do sabão. Não envia os dados solicitados sobre a pesca porque “não tenho vagar nem cabeça”. Esclarece o motivo: está processado por ter ido a Ligares intimar o pároco de suspensão de todas as ordens a pedido do prelado, pois este, casado civilmente, continuava a paroquiar. E, amargurado, menciona: “Se não ia, o Prelado suspendia-me, fui e sou processado. Calamitares tempos!...”²⁸².

²⁷⁸ MAB/FAAB-Doc. 4530.

²⁷⁹ MAB/FAAB-Doc. 255.

²⁸⁰ MAB/FAAB-Doc. 3039.

²⁸¹ MAB/FAAB-Doc. 3038.

²⁸² MAB/FAAB-Doc. 254.

Decorridos 26 dias (26 de outubro de 1912), finalmente, envia a informação sobre a pesca no rio Douro e Sabor e a oferta de um cobertor para passar os serões — o primeiro com aquele tamanho produzido na fábrica de Felgar²⁸³.

Em epístola de 27 de agosto de 1913, depois de ter recebido as informações do Porto, escreve sobre a fábrica do Felgar, nomeadamente, os mecanismos que possui: diz ter dois pisões, um para cobertores e outro para burel e 10 operários. Indica o nome dos fundadores, local e quem a dirigiu. Aborda, similarmente, a cerâmica de Felgar e de Freixo de Espada à Cinta e os preços praticados. Menciona a mina de volfrâmio em Lousa. Menciona outras indústrias, e pede ao Abade que não se esqueça da sua abordagem²⁸⁴.

Vai acompanhando com entusiasmo a edição dos diversos vols. das *Memórias*. Agradece as sucessivas ofertas e colabora na divulgação oferecendo alguns vols. a amigos de destaque de modo a promovê-la.

Acompanha-o em algumas viagens no decurso de investigações. No dia 20 de novembro de 1920, exprime ter passado momentos "indizíveis" em Vila Flor ao acompanhá-lo a compulsar "velhos manuscritos genealógicos dos descendentes de Fernão de Magalhães"²⁸⁵.

Colabora ativamente na temática sobre os judeus. A ele se deve a informação da existência do precioso manuscrito de Outeiro Seco, do séc. XVII, com 240 folhas; informação que usará amplamente no volume sobre os judeus. Em 5 de maio de 1922, pergunta se recebeu uma folha de papel almaço sobre os judeus em Torre de Moncorvo. Informa-o que tem na sua biblioteca, já com 1500 volumes, o livro "Sentinela do Judeu". Como contrapartida, pergunta-lhe se tem machados de cobre e pedra, medalhas e fíbulas para o seu "modesto e sertanejo museu"²⁸⁶.

O Abade não se esquece de agradecer ao amigo: "Augusto Tavares a quem gostosamente confessamos os nossos agradecimentos pelos valiosos subsídios que nos tem fornecido para esta obra" (Alves, 2000, vol. v, p. LXXX).

²⁸³ MAB/FAAB-Doc. 1801.

²⁸⁴ MAB/FAAB-Doc. 255B.

²⁸⁵ MAB/FAAB-Doc. 150B.

²⁸⁶ MAB/FAAB-Doc. 260.

Na última missiva, de 20 de fevereiro de 1932, comunica-lhe que os ápodos dos concelhos de Torre de Moncorvo e Freixo se encontram num seu vol. manuscrito. No entanto, está em poder de José Leite de Vasconcelos. Alude que lhe enviará dados de feiticeiras, dados que serão publicados no vol. IX das *Memórias*²⁸⁷.

É igualmente nesse documento que expressa o desalento e amargura sentidos, depois de se encontrar completamente cego. Escreve: "Sou um vencido da vida: estou... Cego e diabético... Bem desejava eu continuar a instruir-me...."²⁸⁸.

Leite de Vasconcelos

Se o Abade Tavares teve um papel relevante na escrita das *Memórias* como constatámos na epistolografia, Leite de Vasconcelos, como é sabido, exerceu uma grande influência no conjunto da sua obra. Foi seu impulsionador na escrita das *Memórias*. Sedimentaram uma amizade e respeito mútuos, onde a correspondência trocada desempenhou um papel fundamental.

Como já dissemos, se a investigação histórica em Francisco Manuel Alves reflete a influência de Alexandre Herculano, associando já à História, a Linguística, a Etnografia, a Arqueologia, o Folclore, etc., no método e forma como organiza a investigação segue Leite de Vasconcelos. À sua semelhança, procede a trabalhos de campo e cria uma imensa teia de informadores que lhe fornecem notícias históricas que seleciona e transpõe, no seu discurso historiográfico, fundamentalmente para as *Memórias*.

O Abade de Baçal e Leite de Vasconcelos protagonizam uma densa relação epistolar, materializada num conjunto de 140 missivas. Na missiva mais recuada no tempo²⁸⁹, de 11 de novembro de 1902, Leite de Vasconcelos agradece os romances que o Abade lhe enviou²⁹⁰: "Ex. Sr. por intremedio do nosso comum amigo Albano Lobo recebi uma colleção de interessantissimos romances p V. E. colhidos nessa localidade".

²⁸⁷ MAB/FAAB-Doc. 259.

²⁸⁸ MAB/FAAB-Doc. 154.

²⁸⁹ Um número assinalável de cartas não estão datadas.

²⁹⁰ MAB/FAAB-Doc. 4934.

Decorria apenas uma semana, no dia 26 de novembro de 1902, Leite de Vasconcelos redigia nova missiva, numa escrita com frases curtas e letra apressada:

No principio d'este fl. transcrevo o que V. E. deseja Chronica de Morales. Quanto aos bispos de Miranda, tem V. E. todas as indicações nos meus Estudos de philol. Mir. I, 133, n. 1 (e vid. Notas seguintes); este vol., assim como o II, e outros meus trabalhos vão no correio de hoje, registado, e os offereço a V. E. como pobre testemunho do meu reconhecimento p. todos os obséquios de V. Ex.

Mt. agradeço a nova col. de romances que me mandou, e fico esperando o que ainda me promette. Essa região é muito rica neste genero, e felizmente que V. Ex. ahi está para poder aproveitar o que ha. (...)

Para qualquer outra informação que V. E. deseje, e que eu esteja no caso de lhe dar, só tem de mandar-me e terei mt. gosto em cumprir as suas ordens quem ^é²⁹¹.

Por intermedio do nosso comum amigo Albano Lobo recebi uma colleção de interessantissimos romances por V. E. colhidos nessa localidade. A tradição dos romances foi out'ora muito viva em Portugal; actualmente está em decadencia, excepto no N. de Tras-os-Montes (e talvez na B. Baixa, que d'ahi não tenho informações). Convém pois recolher o que ainda for possivel recolher, pois nissosse presta grande serviço à Litteratura comparada, hoje tão estudada e apreciada por toda a parte. Muito agradeço a V. E. o cuidado e intelligencia com que formou a collecção que o Sr. Lobo me enviou. Supponho que nas malhas se devem por ahi cantar umas canções em que ha alternancia de rimas em — a e em — i, como:

Anda lá uma cobrezinha brava

“ “ “ viva Que toda a agoa empolvorava

“ “ “ empolvoria...

Perdigão que d'amores alli anda

Pousa na flor que não pousa na rama...Perdigão que d'amores alli ia

Pousa na flor que na rama não podia...

Etc.

Estas repetições concordam com o compasso das malhas. Por ahi deve haver algumas. Conhece-as V. E. ? E que nome lhes dão? Estas canções são também muito importantes; a sua tradição ascende pelo menos ao séc. XIV.

Diz V. E, no fim da sua colleção que ainda tem mais, e pergunta se as quero. Tudo o que V. E. puder mandar, será mt. bem vindo, mt. o agradecerei. Quando V. E. mandar collecção volumosa, será melhor registá-la no correio (+ 50 rs), para se evitarem extravios.

²⁹¹ MAB/FAAB-Doc. 522.

Tenho publicado várias cousas de archeologia, linguistica, tradições populares. Se V. E. se interessa particularmente por alguns d'estes assuntos, posso enviar a V. E. alguns folhetos (ou n. os do Archeologo Português, por exemplo).

Sou com toda a estima,

De V. Sr(?)

Dr. José Leite de Vasconcelos²⁹².

Leite de Vasconcelos acompanhava de perto a publicação das *Memórias* e dava a sua opinião, propondo algumas alterações e correções. A multiplicidade de temas, associada por vezes à ausência de uma estrutura temática, tornava a consulta das *Memórias* difícil. Em mensagem não datada, sugere-lhe que publique em volume à parte os índices dos vols. I a IV das *Memórias*, pois “seria utilíssimo”. Sobre a mesma questão volta a expressar que “O volume III devia conter um índice cronologia dos documentos com a indicação da página em que vêm. Assim quebra-se a cabeça à procura. Já hoje perdi mais de uma hora”²⁹³.

Ainda, a 1 de outubro de 1929, após ler as *Memórias*, coloca-lhe dúvidas sobre alguns documentos e sugere-lhe novamente a elaboração de índices para facilitar a pesquisa:

3) Quando publicais o índice alfabetico dos vols I a IV das Memor. Fazei um vol. especial à vossa custa que seja. Seria utilíssimo.

Faz-me muita falta. Se eu morasse aí perto, socorrer-me-hia do vosso manuscrito.

Ao T. VIII das *Memórias* juntei com o Apendice o Mariz e o catalogo de Simancas, e fiz um belo volume, encadernado do tamanho dos outros.

Vosso dedicado e grato amigo José Leite

Tencionais publicar mais algum vol. das *Memórias*?²⁹⁴.

Volta ao tema. No dia 1 de outubro de 1932, visita o Abade e depois agradece o afável acolhimento, contudo, sentiu não poder dispor de tempo para passar um dia com o Abade na sua biblioteca. Pede resposta com brevidade às dúvidas que lhe coloca. Poderão estar algumas respostas nas *Memórias*, que já leu todas, contudo, não tirou apontamentos de algumas situações. Sugere-lhe, assim, novamente, que elabore um

²⁹² MAB/FAAB-Doc. 4934.

²⁹³ MAB/FAAB-Doc. 389.

²⁹⁴ MAB/FAAB-Doc. 466.

índice alfabético. A mesma opinião transmite-a em bilhete postal de 5 de fevereiro de 1936, coloca-lhe dúvidas sobre alguns documentos das *Memórias* e sugere-lhe a elaboração de índices alfabéticos e cronológicos.

Querido amigo

5.II.36

Ao começar o meu dia de trabalho, esbarro com o seguinte. “Antre Douro e Tamega. 1355. Texto diz e não colais o papel do texto (?) é da vossa obra. A uma vista de olhos que dei aos vols. I e II não encontro a data de 1355. Poderei (?) dar-me (?) responder num postal. E agradecerei brevidade. A vossa obra é um manancial como já vos disse, faz falta um índice alfabetico e talvez um índice cronologico. Archivo Hist. De Braamcamp é um regalo, porque traz tudo muito bem registado no fim, nomes e datas, faz-se uma busca num instante²⁹⁵.

“Não deixeis de publicar o índice alphabetico. E não seria mau tambem o índice metodico (?)”.

Quando me mandardes quaisquer apontamentos tende paciência de os exarar cada um em seu papel escrito de um lado. Isto me facilita o uso d’eles se não tenho de os copiar²⁹⁶.

Aconselha-o, outrossim, na publicação e na ortografia das transcrições²⁹⁷.

²⁹⁵ MAB/FAAB-Doc. 526.

²⁹⁶ MAB/FAAB-Doc. 439.

²⁹⁷ MAB/FAAB-Doc. 4932.

6.6. As fontes de investigação

Autodidata, o Abade não realizou formação universitária, não teve aulas de diplomática, paleografia, epigrafia, saberes que demonstrou dominar²⁹⁸. Não se poderia lançar no ambicioso projeto da escrita das *Memórias* sem se munir dos conhecimentos e instrumentos fundamentais para a sua investigação. Não negligenciamos a sua vasta cultura, indiscutível capacidade de trabalho, inteligência, o seu espírito crítico e observador, a sua memória, e a resiliência com que encarou a escrita das *Memórias*. Todavia, o contacto com o círculo de pessoas intelectualizadas e influentes ter-se-á constituído num ponto importante na sua autodidata formação. Como temos vindo a referir, procurou incessantemente bibliotecas e arquivos, locais onde se munirá das ferramentas indispensáveis para o seu labor historiográfico.

No tocante às fontes bibliográficas e primeiras leituras, quais teriam sido e que influência teriam exercido na escrita das *Memórias*?

Num manuscrito existente no Museu do Abade de Baçal, dá-nos conta de “Algumas das obras mais importantes que tenho lido”. Apresenta muita teologia, revistas (*O Instituto*, *Revista de Guimarães*, *O Panorama*, *O Arqueólogo Português*, *O Ocidente*, *O Arquivo Pitoresco* clássicos e dicionários. Regista também os principais inspiradores e colaboradores. Destacamos, entre eles, Alexandre Herculano, Leite de Vasconcelos, Oliveira Martins, Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Raul Brandão, Sousa Viterbo, Emílio Hubner, Pinheiro Chagas, Martins Sarmiento, Luciano Cordeiro, José de Arriaga, Mendes dos Remédios, Rocha Peixoto, Luz Soriano, Rebelo da Silva, Gama Barros, Guerra Junqueiro, e Racinski.

Por vezes regista quem lhe proporcionou a obra e o local onde a leu. Destaca-se a Biblioteca de Chaves, a do Seminário de Bragança e a Biblioteca Municipal do Porto. Estas leituras terão exercido um papel fundamental no seu conhecimento histórico (Jacob, 2000, vol. I, pp. XXIV-XXV).

²⁹⁸ João Pedro Ribeiro terá sido o seu “mestre” na área da paleografia e diplomática.

Já mencionámos que na Biblioteca de Chaves terá consultado uma das primeiras e principais leituras, Jerónimo Contador de Argote.

Os documentos, matéria-prima, encontravam-se nos arquivos e nas bibliotecas públicos e privados, com destaque para a Torre do Tombo, a Biblioteca Nacional, a Biblioteca Municipal do Porto, o Arquivo Colonial, Arquivo de Simancas, o Arquivo Militar, não esquecendo os arquivos paroquiais e os privados.

Pelas citações que vai apresentando nas *Memórias*, sabemos que usou a obra de Frazer e de Van Genepp. Contudo, como diz campos “embora pouco citados, o que deixa antever que só deveria possuir apontamentos delas” (Campos, 2000, vol. IX, p. X).

Para além da obra de Jerónimo Contador de Argote, utilizou o manuscrito de João de Barros existente na Biblioteca Municipal do Porto, Cardoso Borges e *Memórias Paroquiais* na Biblioteca Nacional. O *corpus* epigráfico de Hubner, *Rituum qui olin apud romanos*. Os clássicos: Victor Hugo, Cervantes, Virgílio, Horácio, Tácito, Heródoto, Almeida Garret, Gil Vicente, etc.

Em suma, podemos aventar que as fontes, as eruditas (manuscritas), a bibliografia publicada e os contactos epistolares (cartas), constituíram a matéria-prima para a escrita das *Memórias*.

A biblioteca privada do Abade constituía-se num instrumento de trabalho fundamental.

O Abade muniu-se de uma vasta biblioteca, adquirindo livros, e com a leitura ia alargando a sua bagagem historiográfica, fundamentalmente para a escrita das *Memórias*. Desenvolvia a investigação longe dos meios culturais e das grandes bibliotecas, que tanto necessitava consultar para a sua investigação. Para colmatar esta situação, e motivado pelo interesse que teve sempre pelos livros, não hesitou em construir uma vasta biblioteca²⁹⁹. Sempre que podia, comprava livros. Na correspondência constatámos que muitos sacerdotes lhe solicitavam o empréstimo de

²⁹⁹ Apesar de algumas esparsas referências, não conhecemos integralmente os livros que constituíam a sua biblioteca.

livros. Outros, mais letrados, permutavam publicações, como é exemplo paradigmático o Abade Tavares com quem trocava livros com frequência.

Alguns colegas tecem comentários elogiosos à sua biblioteca. José Miranda Lopes, em 14 de agosto de 1917, de Argozelo, menciona “A tua livraria deve ser um verdadeiro thesoiro. Obrigada! Mil vezes obrigada por tudo”³⁰⁰.

Muitos dos livros adquire-os por intermédio dos amigos, ou por meio de empréstimos. São as cartas mais recuadas no tempo que nos evidenciam essas aquisições.

Não contando com boas livrarias na região, para a aquisição de livros na capital e no estrangeiro contou com a colaboração, fundamentalmente, de Ernesto Sales e Leite de Vasconcelos.

Por outro lado, conhecida a sua vasta biblioteca, chegavam por correspondência pedidos de empréstimo e permuta de livros³⁰¹.

Conhecido o interesse do Abade por bibliografia, chegavam também propostas de venda de publicações. O Abade de Vale Benfeito, Manuel Bernardo Pires, em 21 de abril de 1896:

Participo que tenho os dois volumes da História de Braga por D. Rodrigo da Cunha, um tanto deteriorado. Como deve recordar-se dos tempos de Bragança em que m`os perseguiu, impresso em 1634, o 2º vol. tem falta d`umas folhas³⁰².

Por sua vez, José Miranda Lopes, em 29 de julho de 1900, de Argozelo, diz já ter começado a devorar o livro de *Filologia Mirandesa* que lhe emprestara³⁰³:

Com muito prazer recebi hontem à noite os 2 vol. da (?) Mirandesa, e com um affectuosissimo abraço te agradeço mais este favor. Devorei logo metade do 1º vol e estou encantado com a sua leitura. Infeliz de mim! Que ignorava tudo isto! Porque não me chamaste logo a atenção para esta obra que é preciosissima para o estudo das coisas da minha terra?³⁰⁴.

³⁰⁰ MAB/FAAB-Doc. 2684.

³⁰¹ A sua biblioteca era “cobiçada” por muitos colegas. Sabemos que ele a legou ao Liceu Emídio Garcia, mas, malogradamente, não temos um catálogo que nos permita perceber a sua constituição temática.

³⁰² MAB/FAAB-Doc. 1825.

³⁰³ MAB/FAAB-Doc. 2698.

³⁰⁴ MAB/FAAB-Doc. 2698.

Da vizinha Espanha, temos igualmente registo de permutas de livros, como é exemplo o Pároco de Mandim, Nicolas Lousada Gardon, que, em 10 de agosto de 1896, lhe propõe a permuta de livros.

De um intenso movimento de empréstimos de livros, as cartas elucidam-nos. Albino dos Santos Pereira Lopo, em 8 de janeiro de 1906, solicita a devolução do livro “Religiões”³⁰⁵. Francisco de Moura Coutinho, em 3 de junho de 1916, pergunta se quer que lhe envie livro que possui sobre registo das ordens do bispo D. António Pinheiro³⁰⁶. António Neto, em 31 de agosto de 1932, de Vilar Seco de Lomba, como precisa consultar a “Antropologia” de Leite de Vasconcelos, pergunta se o Abade tem a obra e lha pode emprestar³⁰⁷.

Similarmente, o colega sacerdote, Pe. Francisco Martins, de Tuizelo, em 8 de dezembro de 1934, solicita:

Meu caro Mestre:

Peço-lhe o favor de me emprestar por dois dias, mandando-o já pelo correio, o numero da Revista de História, de 1914-1915, que trata em um artigo de Sto. Antonio e as patentes militares que teve. Confira primeiro não haja engano.

Eu agradeço com um grande abraço o discípulo e amigo dedicado

P. Francisco Martins³⁰⁸.

Em letra manuscrita, o Abade escreve a vermelho: “Mandei-lhe os fascículos 12 e 18”.

Valdemar de Sousa, em 21 de março de 1934, de Vimioso, agradece e devolve os livros de Agustin Millares Caride³⁰⁹. Adrião Martins Amado, em 22 de abril de 1939, solicita empréstimo do livro “Antroponímia Portuguesa”³¹⁰. Manuel António Pires, em 9 de dezembro de 1945, devolve os dois vols. do “Santuário Mariano”³¹¹.

³⁰⁵ MAB/FAAB-Doc. 1915.

³⁰⁶ MAB/FAAB-Doc. 2962.

³⁰⁷ MAB/FAAB-Doc. 2974.

³⁰⁸ MAB/FAAB-Doc. 116

³⁰⁹ MAB/FAAB-Doc. 4068.

³¹⁰ MAB/FAAB-Doc. 3484.

³¹¹ MAB/FAAB-Doc. 3209.

Muitos outros exemplos existem, contudo, a seriação feita e apresentada é elucidativa de como o empréstimo e permuta de livros se tornava, frequentemente, numa região tão carente de bibliotecas, o único meio de circulação de conhecimento.

Abordámos a aquisição e permuta de livros, contudo, quem acompanhava o interesse por livros com possibilidades económicas procedia, naturalmente, à sua aquisição.

Manuel Penousal, em 16 de abril de 1894, de Soutelo, Vila Pouca de Aguiar, responde à manifestação do interesse do Abade pela biblioteca do Reitor de Boticas. Informa-o que poderá consultá-la e está resolvido a vender todos os duplicados e livros que não são da sua especialidade.

O Pe. Silvino Rodrigues da Nóbrega, de Vila Real, em 12 de janeiro de 1896, envia lista dos livros e respetivos preço, livros pertencentes a José Simão Gonçalves³¹².

O amigo sacerdote, João da Cruz Teixeira, serve de intermediário na compra de alguns livros. Envia-lhe três vols. do “Portugal” (?) e o respetivo custo. Solicita o pagamento ao proprietário, Pe. Abreu Freire do Colégio de Cernache de Bonjardim, recomendando-lhe que “não te refiras a livros, nem a mim para que o Reitor não saiba do que é”³¹³.

O Pe. Domingos António Neves, de Travanca, Vinhais, em 16 de agosto de 1898, informa-o que pretende vender livros e que “talvez os anuncie no Nordeste”. Contudo, se o Abade estiver interessado na compra, dar-lhe-á a preferência³¹⁴.

Figura 52. Carta de Domingos António Neves, 16 de agosto de 1898



Fonte: Museu do Abade de Baçal

³¹² MAB/FAAB-Doc. 3265.

³¹³ MAB/FAAB-Doc. 3933.

³¹⁴ MAB/FAAB-Doc. 2948.

João Manuel Rodrigues, em 10 de setembro de 1901, de Varge, remete-lhe guia dos caminhos de ferro para levantar o caixote de livros³¹⁵.

Livros existiam que apenas se encontravam à venda em Lisboa e no estrangeiro. Nessas situações eram os seus amigos Ernesto Sales e Leite de Vasconcelos que procediam à aquisição. Leite de Vasconcelos proporcionou-lhe a compra de livros na capital e no estrangeiro. Por norma, essa compra era efetuada em livrarias e leilões.

Figura 53. Carta de Leite de Vasconcelos



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Em documento de 20 de março de 1907, informa-o que mal recebeu a mensagem do Abade, fez a encomenda à livraria e que receberá os livros diretamente de França³¹⁶.

Ernesto Sales, em 17 de outubro de 1914, de Lisboa, informa-o que não será possível adquirir em leilão os vols. do Inocência, dado haver muitos interessados e inflacionarem os preços. Decorrido cerca de um mês (13 de novembro de 1914), confirma-lhe que não conseguiu adquirir os volumes do Inocência em leilão³¹⁷:

³¹⁵ MAB/FAAB-Doc. 2291.

³¹⁶ MAB/FAAB-Doc. 4928.

³¹⁷ MAB/FAAB-Doc. 37.

Lisboa 13-XI-1914

R. do Sol à Graça, 18 E, 3ª D.to

Meu prezado Amigo

Como era suposição minha, não pude conseguir-lhe os volumes do Dicionario do Innocencio. Lancei, embora sem autorização sua, até vinte mil reis, e fi-lo por descargo de consciencia, pois ja se sabia de antemão que quem ficava com ele era o livreiro Coelho da Rua Augusta - Os compradores entenderam-se e não lançaram nos lotes pretendidos por outro livreiro comprador. Demais como temum bonus de creio que dez por cento nos preços por que arrematam, fazem subiros lanços, que para elles descem no acto de pagamento. Ficou pois o tal Coelho com o lote de 2.050 reis, que é como quem diz por 18.000 e tal reis para o livreirocomprador.

Esperei que o meu amigo dissesse qualquer coisa em resposta ao meu postal; como nada disse, quedei-me no lanço indicado, pois continuar a subir era sem resultado, a não ser que se subisse exorbitantemente.

Eu tenho desgarrado entre os meus poucos livros um exemplar do tomo IX que para nada me serve; envio-lho pois para o juntar aos seus; sempre é mais um. Há dias encontrei num livreiro (de 2ª mão, pois se vê) um exemplar do VIII vol.; que elle me vendia por mil reis. Se o amigo o quizer adquirir, e o homem ainda o tenha, diga.

Outro assunto. O amigo ficou com alguma nota de quais eram os livros antigos existentes no Archivo da Camara de Mirandella? Pode dizer-me quais são aquelles e quais os que lhe facultaram para consulta e que, segundo o meu amigome disse, foram em dois sacos cheios? Muito me obsequiava.

Eu tenho uma colecção de notas, apontamentos e documentos referentes a Mirandella, que nas minhas horas de pachorra vou coordenando; coisas copiadas por mim na Torre do Tombo; coisas que vou achando nas minhas leituras; etc., mas nada fornecido pela camara de Mirandella, que para mim é uma camara cerrada, no sentido literal. O secretario da dita camara, que é quem todo lo manda, não me permite que eu dali faça copias seja o que for, nem pagando ao empregado; e pronto. Aguentar e cara alegre. Ainda assim sei mais de Mirandellado que eles todos nunca hão-de saber, modéstia à parte.

Desejava eu pois, visto que directamente me é vedado sabê-lo, ter uma nota de quaisquer livros dali para aumentar o meu modesto tesouro.

Sei apenas que os livros de actas de sessões camararias começam em 1688, segundo um apontamento de curiosidades que tirei, por distracção, em 1885 quando estive uns meses á espera de tempo para me poder ordenar.

Um dos meus entretenimentos é meu livro onde tenho ido lançando os nomes de todos os mirandellenses e de alguns funcionários de Mirandella. Comecei nosque aparecem nas Inquirições e tenho ido por ali fora aproveitando aqui e acolá qualquer nome que se me depare com alguma indicação. Assim obtive, sem tal

pretender, variadas informações acerca de indivíduos pertencentes a duas das principais famílias de Mirandella Pintos Cardosos e Veigas de Sequeira. Se acerca de qualquer personagem outras famílias o meu amigo precisar por acaso algum esclarecimento, e que o meu canhenho o tenha é só pedir.

E basta de arauzel; mas antes de terminar, ahi vai uma coisa que há muito desejava perguntar-lhe: Disse-me o nosso amigo Alf. Meneres que o meu amigotinha um tombo dos bens dos Tavoras; é certo? De que data é esse tombo?

Indica alguma cousa acerca dos bens que a Casa tinha no concelho de Mirandella?

Quando tenha um serão pachorrento para escrever-me, muito lhe agradeço lembrar-se deste seu am.º m.to obrigado

P. Ernesto Salles³¹⁸.

Em 27 de janeiro de 1915, de Lisboa, envia-lhe os três livros pedidos adquiridos numa livraria, após ter percorrido alfarrabistas em vão, pois, o preço era mais alto³¹⁹. No dia 6 de fevereiro de 1915, confirma a receção de vale de correio com a verba para adquirir o livro “L’Art de Reconnaître les Styles”, todavia, lamentando não o ter encontrado à venda.

Por outro lado, sendo conhecido o interesse do Abade por livros, chegam-lhe pedidos para a sua avaliação. António Augusto Martins, em 19 de janeiro de 1931, de Edrosa, pede ajuda para atribuir o valor monetário de livros antigos da sua biblioteca³²⁰. José Rodrigues Pinto, no dia 17 de novembro de 1935, de Provesende, pede o favor de escrever o valor dos livros na relação que lhe envia³²¹.

³¹⁸ MAB/FAAB-Doc. 23.

³¹⁹ MAB/FAAB-Doc. 23.

³²⁰ MAB/FAAB-Doc. 213 e 144.

³²¹ MAB/FAAB-Doc. 1446.

6.7. As fontes documentais

Se é um facto que uma das grandes transformações que ocorreu na historiografia dos finais dos séc. XIX e XX se prende com o alargamento do conceito de “fonte” e dos lugares de memória — estes presentes no vestuário, habitação, na tecnologia, imprensa, cinema, fotografia, obras de arte, folclore, culinária, etc. —, possibilitando a abordagem de múltiplas temáticas e perspetivas diversificadas, não é menos verdade que nos sécs. XIX e XX o documento escrito, sobretudo o inédito, usufruía de grande protagonismo, nomeadamente na primeira fase de investigação, a designada heurística. Originou, deste modo, o gosto e culto pelos arquivos, considerados os laboratórios da história.

Nesta senda, publicar e “salvar os documentos” foi uma das grandes preocupações do Abade. Os documentos, para além de constituírem a matéria-prima para a sua investigação, era imperioso que fossem preservados e legados para a posteridade. Com esse desígnio visitou diversos arquivos públicos e privados e procurou reunir os documentos, garantindo-lhe condições para os perpetuar e constituir o acervo documental do então criado Arquivo Distrital de Bragança. Muitos desses documentos existem hoje graças à sua intervenção. Outros, por ele transcritos ou citados nas *Memórias*, já não os recuperamos, restando apenas as transcrições aí inseridas³²².

Adquirida a bibliografia possível, era necessário proceder à consulta das fontes documentais e dos estudos. A distância dos centros culturais era mais uma vez um obstáculo e tinha que, novamente, se socorrer dos amigos. Muitos foram os que colaboraram nestas pesquisas. Mencionamos, igualmente, que o conjunto de colaboradores se ia adensando à medida que a figura do Abade emergia no tecido cultural português.

Em documento não datado, o Pe. Manuel Jerónimo Pires transmite-lhe que não encontrou no catálogo da biblioteca nenhum livro sobre Nuno Álvares:

Em cumprimento do prometido, dei volta ao catálogo da biblioteca, mas não encontrei, por não existir, qualquer crónica ou livro antigo sobre Nun' Álvares.

Há a vida de Nun' Álvares por Oliveira Martins.

³²² Grande parte destes documentos encontram-se no Arquivo Distrital de Bragança, instituição da qual foi diretor.

Às suas ordens

O Abade escreve no envelope “agradeci”.

Figura 54. Envelope com notas manuscritas pelo Abade



Fonte: museu do Abade de Baçal

José Manuel Rodrigues, em 12 de julho de 1901, do Porto, escreve uma longa epístola sobre a bibliografia que procurou na biblioteca, para responder ao pedido do Abade:

Recebi a sua estimada carta de 6 do corrente e no dia seguinte fui á Bibliotheca procurar as obras de que me falla. Effectivamente em janeiro de este anno o Abbade de Miragaia offereceu à bibliotheca dois manuscriptos muito bem conservados: o Nobiliario Transmontano e a Historia da revolução da Silveira de 1823. O primeiro deve ser uma grande massada ultra — estafante; o segundo está escripto em boa calligraphia e o estylo não é desagradável; mas notei-lhe logo o inconveniente nas paginas que li que o autor se prende mais com rodeios rhetoricas e considerações geraes do que com a narração minuciosa dos factos.

Li a parte relativa à emigração do Silveira para Hespanha por saber que tinha passado pelas nossas aldeias, pois que até fez quartel general em casa de meus Paes, segundo reza a tradicção da familia, sendo de resto perseguido pelo general Luis do Rego Barreto. Interessaram-se em Hespanha e o autor perdeu uma bella occasião de fazer uma narrativa interessante das varias peripecias que necessariamente se dão n'estas condições. Preocupa-se muito com a sua pessoa, e de vez em quando arruma-lhe fortemente ao Silveira, apesar de ser o seu secretario particular. Não me deixou boa impressão. Quanto a sairem os livros d'ali não ha meio de o conseguir, exactamente por serem manuscriptos: até paraos ler ali tem uma meza à parte, talvez com receio de que lhe fujam com elles. É a regra adoptada para a leitura de manuscriptos. A tal Monarchia Lusitana são 8 grossos calhamaços, os dois primeiros escriptos por Fr. Bernardo de Brito, os quatro seguintes por Brandão, e os dois ultimos por outros dois frades. No

primeiro vol. diz Fr. Bernardo no frontespicio que a historia começa desde o principio do mundo até à fundação da monarchia. Quantas patranhas e bernardices dirá por ahi aquelle frei Bernardo!! Aqui costumam haver todos os annos uns leilões de livros aonde aparecem coisas boas. Lembro-me que ha 5 ou 6 annos houve um leilão quasi só de chronicas que rendeu um dinheirão, porqueos amadores parece que são muitos. Por isso o melhor é esperar a occasião e quando aparecer coisa que interesse lança-se nisso. O Portugalia Monumenta pode adquirir-se na Academia das Sciencias e talvez com algum abatimento para os socios. Vou encarregar de me obter informações num amigo e depois lhe direio que houver. Vou tratar de mandar copiar em papel pergaminho o tratado de Babe para ser archivado no Museu de Bragança. Estimo as informações que me dá relativamente á publicidade que a noticia do tratado já teve; porque eu tinhaideia de o publicar num jornal com commentarios meus sobre a alliança inglesa, o que havia de desagradar aos nossos dirigentes politicos de qualquer dos partidos militantes nos tempos que vão correndo. É melhor assim oscommentarios ficam só para mim. Diz-me na sua carta que foi o Ol. Martins quetornou o tratado conhecido. De facto concorreu muito para divulgar a sua noticia, mas ali por 1885, salvo erro, o conde de Villa-Franca escreveu um livro sobre D. João I e a alliança ingleza e lá cita o tratado de Babe muito antes do O. Martins, e rectifica um erro de Fernão Lopes que diz que o exercito partiu de Babe a 25 de Março e o tratado tem a data de 26. A descoberta do tratado pertence ao Soares da Silva que o achou na Torre do Tombo d'onde tirou copia auttenticca em 1734 e aonde deve existir ainda. O Villa-Franca, servindo-se das informações do chronista frances Froissart diz que o duque de Lencastre trazia consigo a família toda e até a amiga Katterina Ronet no meio da mulher e das filhas (bons tempos!) em que só as creadas ascendiam a mil. Veja o amigo que praga de ingleses cahiu na Lombada. As tendas do duque eram palacios com todos os requintes do luxo e da opulencia, e por isso não acredito que fosse meter-se nalgum palheiro de Palacios ou Caravella, mas que estabelece-se as suas tendas nalguma planície perto de Babe e fora do povoado. Outro tanto não merecia ao (?), porque era um pobretão apesar de já possuir os despojos de Aljubarrota e as tendas de campanha do rei de Castella. E depois aquellas festase jantares de que fala manhosamente F. Lopes, deixando apenas advinhar o que seria o resto, antes de D. Fillipa partir para Coimbra é uma confirmação do luxo e da opulencia do mostrengo do ingles. O F. Lopes nunca diz a verdade toda, é um lisongeiro manhoso. O Froisserol (?) pena que falla com mais clareza mas ainda não pude encontral-o. Cá não ha. E os nossos chronistas são todos assim: não passam de uns panegiristas lisongeiros³²³.

Felicit-o pelo projeto do seu diccionario ethnographico que ficaria um trabalho completo se ahi descrevesse os usos e costumes das nossas terras, e principalmente colleccionar as canções populares da segada que são restos de romances medievaes.

³²³ MAB/FAAB-Doc. 1685.

Daniel José Rodrigues terá procedido a pesquisas no catálogo do Liceu, em 27 de junho de 1902, e informa-o que apesar de estar referenciada, não localizou a obra de Inocêncio.

A Biblioteca Municipal do Porto tornava-se essencial para a pesquisa. Do mesmo modo, o seu diretor, António Augusto da Rocha Peixoto, em 25 de novembro de 1903, responde a missiva do Abade informando sobre a existência dos livros que ele pretende. Francisco Augusto Martins de Carvalho, em 14 de junho de 1919, de Coimbra, começa por elogiar as *Memórias*, tecendo alguns comentários, e escreve depois sobre a sua vasta biblioteca e a posse de algumas edições raras que lhe poderá disponibilizar. Escreve sobre a visita de Leite de Vasconcelos e do Abade Tavares e pergunta-lhe:

E como V. Ex. tem concorrido todas as livrarias publicas e particulares do districto, era favor dizer-me se conhece da existencia de mais algumas copias do Hyssope n'essas livrarias, ou na mão de arquivos particulares, e no caso affirmativo, se era possivel obter-me identicas informações³²⁴.

No que aos forais diz respeito, o Abade empreendeu um grande esforço para a localização e salvaguarda dos mesmos. Para esse trabalho, contou igualmente com múltiplos esforços dos colaboradores.

Da Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, Manuel António Monteiro, em 6 de maio de 1907, informa sobre a receção dos forais de Junqueira.

Domingos Lopes, em 8 de outubro de 1910, de Lamalonga, agradece os exemplares do foral da Torre.

José Miranda Lopes, em 15 de janeiro de 1914, de Argozelo, escreve sobre o foral de Vimioso e envia-lhe uma cópia.

Francisco de Moura Coutinho, em 4 de março de 1914, transmite que tem na sua posse os forais de Vila Flor e Alfândega da Fé.

Francisco Manuel Afonso, em 25 de julho de 1915, de Ervedosa, faz saber da existência na Junta de Paróquia de um livro em pergaminho e do foral de D. Manuel.

³²⁴ MAB/FAAB-Doc. 854.

Ernesto Sales desempenhou um papel de relevo na salvaguarda e proteção dos forais. Em 31 de outubro de 1917, de Lisboa, informa sobre as diligências feitas para encontrar o "paradeiro dos forais manuelinos", nomeadamente de Torre de Dona Chama, Mirandela e Frechas (estes entregues à Câmara por seu intermédio), Abreiro e Lamas de Orelhão. Em 29 de novembro de 1934, pede o envio de cópia do foral manuelino de Mirandela, pois na Câmara de Mirandela, local onde se encontrava, recusaram-lhe o acesso. No dia 18 de junho de 1936, de Lisboa, envia cópia do foral de Torre de Dona Chama. Este integrou o leilão da livraria Conde de Lucena, tendo sido adquirido pelo direito de preferência pela Biblioteca Nacional. Nesse leilão vendeu-se a carta de brasão de Thomaz Leitão Bandeira. Diz também que o foral de Penas Roias foi adquirido pelo livreiro Coelho.

Neste essencial desígnio foram muitos os que colaboraram e nos deixam esse registo no epistolário.

Também não se poupou a esforços para localizar arquivos, mesmo de índole privada. Tarefa nem sempre fácil.

Fortunato de Almeida, no dia 1 de junho de 1908, de Castro d'Aire, informa-o sobre os livros paroquiais e o arquivo privado de um bispo:

Não posso satisfazer o seu pedido porque os livros dos assentos de baptismo d'essa data — 1732 ou 1733 — já não existem n'este archivo, julgo estarem na Camara Eclesiástica de Lamego.

Enquanto à biographia do Bispo pode V. R. ma. encontrála ou pedir a Frederico Pinto Basto, residente na Quinta das Gaeiras, Concelho d'Obidos: este cavalheiro que hoje é Senhor da caza e propriedades pertencentes ao Bispo, levou todas os papeis que diziam respeito ao Bispo. É isto o que pude colher do Procurador de Frederico Pinto Basto, d'esta villa³²⁵.

Numa mensagem subscrita por Frederico Pinto Basto, da Casa de Gaeiras, Óbidos, em 16 de junho de 1908, responde ao Abade acerca de documentos referentes ao bispo D. Manuel Pereira de Vasconcelos:

Devo, em primeiro lugar dizer a V. Ex.^a que supponho que labora n'um erro suppondo que D. Manuel Pereira de Vasconcellos era meu parente.

³²⁵ MAB/FAAB-DOc. 218.

Effetivamente é hoje minha por herança a Casa de Castro Daire que foi dos Vasconcellos e ja escrevi para ali ao meu administrador o Sr. Francisco A. ^o Leitão pedindo-lhe as informações que deseja.

Tendo aquella casa estado ao abandono durante muitos annos perdeu-se e inutilizou-se o seu cartorio existindo apenas hoje alguns livros sem importância e titulos das propriedades.

No caso de effectivamente se tratar d'um dos antigos donos d'aquella casa eu avisarei³²⁶.

Francisco de Moura Coutinho, no dia 2 de junho de 1936, de Braga, informa-o que no leilão que será realizado pela livraria Manuel dos Santos em Lisboa, vai a leilão o foral de D. Manuel da Torre de Dona Chama. Preocupado, exprime que deveria ser adquirido, nem que para isso tivesse que haver uma subscrição.

Joaquim Augusto Ramos Taborda, em 12 de agosto de 1946, de Armação de Pera, envia notas sobre o foral manuelino de Freixo de Espada à Cinta e, em 28 de agosto de 1946, envia informação sobre o foral de Torre de Moncorvo.

Estes documentos epistolares permitem-nos perceber a multiplicidade de informantes que colaboraram e facilitaram o acesso às fontes documentais ao Abade.

Ernesto Sales, para além da ajuda na aquisição de livros, assunto já mencionado, auxilia na investigação. Em 29 de maio de 1914, de Lisboa, envia os apontamentos sobre o códice que consultou na casa do General Mota Carvalho³²⁷. Em 30 de agosto de 1914, informa que consultou na Biblioteca Nacional o códice "Catálogo de Todas as Igrejas Comendas e Mosteiros" e pergunta se pretende cópia³²⁸. Em 10 de outubro de 1914, remete cópia do códice dos Távoras, da carta referente à tomada de Miranda do Douro e da fuga do Marquês de Távora. Informa que na casa dos herdeiros do Conde de Vinhais, em Mirandela, existe o códice "Árvore dos Costados"³²⁹. Em 6 de janeiro de 1915, informa-o sobre a incorporação, feita a seu pedido e por indicação do Abade, dos tombos dos Távoras que se encontravam em Mirandela, na Biblioteca do Ministério da Guerra.

³²⁶ MAB/FAAB-Doc. 4141.

³²⁷ MAB/FAAB-Doc- 3209.

³²⁸ MAB/FAAB-Doc. 25.

³²⁹ MAB/FAAB-Doc. 24.

Pede-lhe que aí incorpore a primeira parte do tombo de 1743, documento que o Abade tem na sua posse³³⁰.

De modo igual, Francisco de Moura Coutinho, colaborou assiduamente com o Abade na investigação. Em 28 de novembro de 1914, solicita que venha buscar com urgência “documentos interessantíssimos em pergaminho” que encontrou no Paço Episcopal de Bragança, referentes ao mosteiro de Castro de Avelãs.

Sobre os arquivos paroquiais, de uma forma geral, eram os párocos que o informavam da existência de documentos e património de interesse. António Maria Domingues, em 27 de junho de 1915, de Penhas Juntas, Vinhais, transmite que não existem pergaminhos no arquivo paroquial. Contudo, tem conhecimento da existência de um livro em pergaminho em Ervedosa³³¹.

O Pe. António Maria Mourinho, em 16 de outubro de 1945, de Duas Igrejas, informa que esteve em Bragança com um Pe. de Braga que procurava documentos medievais (fragmentos de cantochão) com uma bolsa do Instituto de Alta Cultura. Pesquisaram no museu, no arquivo do Paço, no seminário e na coleção de documentos paroquiais do Abade Tavares. Descobriu na terra de Miranda do Douro e na obra do Pe. Firmino cantares de amor medievais. Enviou um artigo para a revista "Ocidente". Pede-lhe uma carta de recomendação para concorrer a uma bolsa de estudos do Instituto para a Alta Cultura, para fazer investigação em Madrid. Pretende ir a Zamora e Simancas procurar dados sobre Moreruela. Sugere que tire provas fotográficas dos documentos e deixá-los no arquivo do museu. Diz que esteve em casa do Prior de Argozelo, falecido em 27 de janeiro de 1942, e verificou que deixou muita coisa sobre folclore e cancioneiro, e que o Pe. Amado já pediu os apontamentos à sobrinha.

São também investigadores de todo o país que colaboravam nesta partilha de informação. Fernando Barreiros, em 19 de outubro de 1919, de Setúbal, partilha informações sobre investigação no Arquivo do Congresso da República. Informa-o da

³³⁰ MAB/FAAB-Doc. 22.

³³¹ MAB/FAAB-Doc. 1607.

existência de plantas e desenhos do Forte de São João de Deus na Biblioteca da Ajuda e na Biblioteca do Porto³³².

Trocava, também, informações com historiadores de renome. Torquato Brochado de Sousa Soares, em 10 de setembro de 1935, em Vila Meã, agradece a oferta do vol. IX, e fornece informações sobre o arquivo de Madrid.

Do Instituto de Coimbra, António Gomes da Rocha Madahil, em 2 de janeiro de 1940, solicita que o esclareça se publicou nas *Memórias* os documentos sobre o Colégio da Companhia de Jesus de Bragança. Consultou em tempos esses documentos que se encontravam no Arquivo da Universidade de Coimbra para a obra "Portugaliae Monumenta Historica"³³³. Precisava, agora, de esclarecer algumas dúvidas. Recorreu para o efeito às *Memórias*, mas não localizou os documentos.

Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, em 9 de janeiro de 1933, do Porto, tece considerações sobre os pergaminhos de Torre de Moncorvo encontrados no baú gótico e informa-o que tentou, se bem que em vão, que fossem para o Museu de Bragança³³⁴. Em 9 de maio de 1935, do Porto, diz comungar da preocupação do Abade quanto ao destino da biblioteca e manuscritos do Abade Tavares, dado que faleceu³³⁵. Em 23 de maio de 1942, envia cópias do Arquivo Histórico Colonial, e alude ter todo o prazer em lhas oferecer. Pergunta-lhe se tem interesse em cópia dos estatutos para a fábrica da seda da cidade de Bragança, que encontrou no mesmo arquivo³³⁶. No dia 8 de novembro de 1942, do Porto, envia novas cópias de documentos do Arquivo Histórico Colonial e do trabalho que apresentou ao congresso Luso Espanhol, "Episódio Bulhento entre Povos Fronteiriços no fim do Séc. XVIII".

Sobre os arquivos privados, eram os amigos que o informavam. Raul Teixeira informa-o que no espólio de Sá Vargas havia "coisas" referentes a Vinhais. Pede para nos cinco dias de "exercícios" o deixar copiar alguma informação, considerando que o Abade tem uma

³³² MAB/FAAB-Doc. 4479.

³³³ MAB/FAAB-Doc. 2276.

³³⁴ MAB/FAAB-Doc. 4473.

³³⁵ MAB/FAAB-Doc. 2126.

³³⁶ MAB/FAAB-Doc. 1761.

obra sobre Bragança e os Centenários, com alguma informação sobre Vinhais, pois no arquivo da Câmara de Vinhais apenas existem atas a partir de 1760.

Manuel Joaquim Cardoso, em 20 de fevereiro de 1924, de Vila Chã, envia-lhe informações sobre livros e pergaminhos do arquivo paroquial e sobre pedras de armas³³⁷.

O Arquivo Nacional da Torre do Tombo exerceu um papel central no que concerne às fontes documentais.

Leite de Vasconcelos, em 18 de fevereiro de 1903, informa-o que solicitou à Torre do Tombo os documentos referentes ao I vol. e envia-lhe a resposta. Propõe-lhe que venha para sua casa, consulte e copie apenas o que lhe interessa, por serem cerca de 300 páginas³³⁸. No mês seguinte, em 18 de março de 1903, como esteve ausente quase um mês, só agora pode responder ao seu pedido. Envia a quota dos documentos na Torre do Tombo: forais de Prados, Gostei, Castanheira e Vila Franca. Em 14 de outubro de 1910, envia informação sobre documentos existentes na Torre do Tombo, respeitantes ao foral de Rebordãos³³⁹.

Alfredo da Fonseca Menéres, em 24 de julho de 1914, envia a referência de documentos que consultou na Torre do Tombo³⁴⁰. António, Conde de São Payo, em 22 de fevereiro de 1940, envia apontamentos extraídos da Torre do Tombo³⁴¹.

Luís de Bivar Pimentel Guerra, a consultar os processos de inquisição na Torre do Tombo, em 13 de agosto de 1943, comunica-lhe que enviará umas notas colhidas nos mesmos³⁴².

Da Câmara Municipal de Vimioso, de 10 de maio de 1946, comunicam que receberam o desenho das fortalezas de Vimioso, cópia de Duarte de Armas, enviada por Norberto Lopes. Pediram, identicamente, à Torre do Tombo as demarcações³⁴³.

³³⁷ MAB/FAAB-Doc. 1964.

³³⁸ MAB/FAAB-Doc. 4937.

³³⁹ MAB/FAAB-Doc. 2066.

³⁴⁰ MAB/FAAB-Doc. 2588.

³⁴¹ MAB/FAAB-Doc. 3762.

³⁴² MAB/FAAB-Doc. 1378.

³⁴³ MAB/FAAB-Doc. 1416.

Álvaro Valdez, funcionário da Torre do Tombo, prestou assídua colaboração. São várias as missivas que versam a remessade cópias de documentos. Em 11 de agosto de 1909, de Lisboa, informa sobre pesquisasbibliográficas, nomeadamente a "Descrição topográfica da cidade de Bragança". Refere que não localizou as "Memórias de Bragança"³⁴⁴. Em 28 de agosto de 1909, dá conhecimento que recebeu o seu pedido e vai começar a trabalhar nele³⁴⁵. Em 4 de setembro de 1909,envia, em correio registado, as cópias³⁴⁶. Em 6 de setembro de 1909, informa que enviououtra remessa de documentos e o valor total que falta pagar³⁴⁷. Em 14 de setembro de 1909, reporta a ausência de comunicação sobre a receção de duas remessas que lhe enviou³⁴⁸. Em 16 de setembro de 1909, versa que acaba de receber a comunicação da receção das referidas remessas³⁴⁹. Em 23 de setembro de 1909, envia o valor das cópias que estão prontas para remeter³⁵⁰. Em 27 de setembro de 1909, remete oito cadernos e informa o valor em dívida³⁵¹. Em 29 de setembro de 1909, envia mais cadernos de cópiase informa a importância devida³⁵². Em 11 de outubro de 1909, envia mais cadernos de cópias e informa a importância devida³⁵³. Em 15 de outubro de 1909, envia mais cadernos de cópias³⁵⁴. Em 20 de outubro de 1909, envia mais cadernos de cópias e informa a importância devida³⁵⁵. Em 27 de outubro de 1909, envia os cadernos copiadossem correio registado³⁵⁶. Em 11 de novembro de 1909, recebeu o vale do correio e vai tratar do seu pedido³⁵⁷. Em 21 de novembro de 1909, remete os dados biográficos solicitados. Comunica que não encontrou os folhetos sobre a mina de Montezinho³⁵⁸. Em 25 de setembro de 1910, informa que Leite de Vasconcelos anda de viagem no Norte, em explorações

³⁴⁴ MAB/FAAB-Doc. 2079.

³⁴⁵ MAB/FAAB-Doc. 2075.

³⁴⁶ MAB/FAAB-Doc. 2076.

³⁴⁷ MAB/FAAB-Doc. 2074.

³⁴⁸ MAB/FAAB-Doc. 2072.

³⁴⁹ MAB/FAAB-Doc. 2073.

³⁵⁰ MAB/FAAB-Doc. 2070.

³⁵¹ MAB/FAAB-Doc. 2086.

³⁵² MAB/FAAB-Doc. 2081.

³⁵³ MAB/FAAB-Doc. 2082.

³⁵⁴ MAB/FAAB-Doc. 2083.

³⁵⁵ MAB/FAAB-Doc. 2084.

³⁵⁶ MAB/FAAB-Doc. 2080.

³⁵⁷ MAB/FAAB-Doc. 2085.

³⁵⁸ MAB/FAAB-Doc. 2078.

arqueológicas³⁵⁹. Em 14 de outubro de 1910, envia informação sobre documentos existentes na Torre do Tombo a respeito do foral de Rebordãos³⁶⁰. Em 4 de fevereiro de 1915, pede informação sobre o Brasão de Vila Real para Afonso Dornelas³⁶¹.

Remete mais observações sobre dúvidas de datas de documentos da Chancelaria de D. Fernando e pede para o incluir como assinante da "Revista Transmontana". Envia a lista de demarcações³⁶².

³⁵⁹ MAB/FAAB-Doc. 2071.

³⁶⁰ MAB/FAAB-Doc. 2066.

³⁶¹ MAB/FAAB-Doc. 3910.

³⁶² MAB/FAAB-Doc. 4751.

6.8. Os informantes

Figura 55. O inquérito para as *Memórias*



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Como constatámos nos capítulos anteriores, foi a densa rede de informantes que permitiu ao Abade o acesso às fontes documentais e à informação que o Abade transformava em narrativa histórica.

Que dados nos fornecem as missivas para descrever a configuração da impressionante e diversificada rede de informantes construída pelo Abade e muito concorreram para a escrita das *Memórias*? Que objetivos e interesses os moviam?

Temos vindo a referir alguns dos mais assíduos colaboradores, contudo, uma imensa constelação de informantes movia-se na rede de uma forma mais ou menos efetiva no tempo, e sendo provenientes de diversas regiões.

Muitos perfilhavam do grande desígnio do Abade: a necessidade de a região despertar para a importância do estudo do passado, adquirindo a “consciência de si mesmo” para, a partir daí, proceder à urgente afirmação e desenvolvimento das suas gentes.

Os perfis são múltiplos assim como os interesses, tornando a sua definição uma tarefa difícil.

Uma ideia se consolidou na leitura dos documentos epistolares: a extraordinária capacidade de mobilização do Abade para a sua causa maior — a escrita das *Memórias*!

Mencionámos já que o Abade, autodidata, teve de se munir dos conhecimentos necessários. Mérito seu, para além de muitos outros, seria a sua formação humanista, que lhe permitiu a mobilização, a admiração e o apoio de muitos informantes.

Podemos afirmar, com efeito, que foi uma região animada pelo desejo de preservar e construir uma História comum que a muitos mobilizou, independentemente do grupo social a que pertenciam. Essa mobilização teria sido mais intensa no início da investigação, época em que o fascínio pela Arqueologia, a “descoberta das pedras”, entusiasmou e mobilizou, apesar de ser igualmente fonte de diversos conflitos, sobretudo no destino a dar a essas “pedras”. Nesse decurso, surgiram os museus: primeiro o municipal, depois o regional. Outras tentativas para a criação de museus foram goradas, as do museu de Moncorvo e do museu Diocesano que tinha por impulsionador o Abade Tavares.

O Estado Novo conduziu a alguma letargia. Nesse período, encontrámos cartas de desânimo daqueles que fizeram destes projetos os seus projetos de vida e, depois, por desgostos, no final das suas vidas deixam-nos cartas amarguradas. Mencionamos a título de exemplo o coronel Albino Lopo, Ernesto de Sales, Abade de Tavares. Não sentimos esse desígnio no Abade, que como quem planeia o seu projeto de vida e o consegue concretizar, no final nos deixa cartas, apesar da descrença humana, sem revolta e amargura, de plena serenidade com a vida, e aceitação da natureza e das fragilidades humanas.

O Abade a todos agradecia, publicando a lista com os nomes dos beneméritos nas *Memórias* e na imprensa. Era esta a forma de envolver e motivar a comunidade na criação do museu e na escrita das *Memórias*.

Ao nível de grupos sociais podemos destacar os colegas sacerdotes. Eram eles que estavam próximos das populações, que podiam proceder a recolhas orais e ao

levantamento de locais de interesse histórico. Ao recenseamento dos arquivos paroquiais e privados, à recolha de documentos para o arquivo e objetos para o museu. O Abade agradecia e valorizava as informações, motivando-os para a escrita da História e exercendo dessa forma a pedagogia da defesa do património.

Temos de destacar que o ingrediente fundamental para a consolidação desta rede era a amizade e a consideração que nutriam pelo Abade. Não se poupavam a esforços para responderem aos pedidos do “Mestre”, como muitos o tratavam.

Sabemos, outrossim, que no último quartel do séc. XIX sobressaem homens com comprovada formação intelectual e que detêm cargos de destaque no ensino, na administração, na imprensa e na vida militar. Constituem uma elite formada por indivíduos com diversas formações ideológicas. Legam-nos obras onde materializam o seu pensamento e conhecimento, que demonstram a sua riqueza cultural, e as diversificadas matérias que dominam (Torgal, 1996, pp. 183-205). Neste grupo incluíam-se os historiadores e intelectuais, de relevância nacional, com quem o Abade se cartou. Consideravam-no, elogiando a sua obra, enviando informações, dando sugestões, propondo-o para uma série de agremiações.

Da imensa epistolografia sobre o tema seríamos algumas missivas que nos demonstram essas relações epistolares.

O Pe. Abel José Pires, em 23 de dezembro de 1907, de Gradíssimo, envia informações sobre a lápide de Pinhovello:

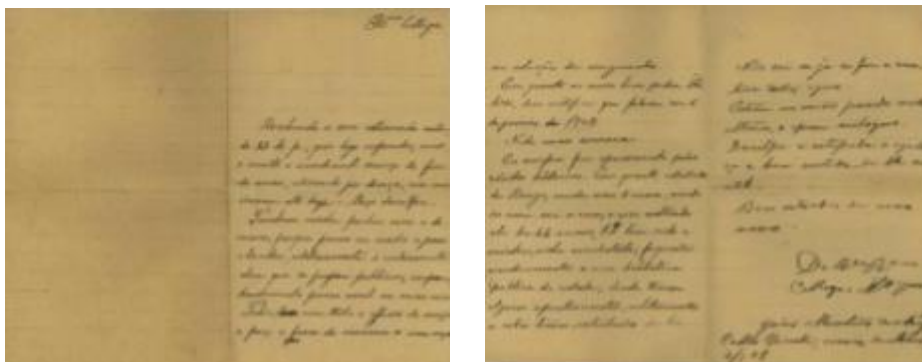
Fui hontem a Pinhovello, afim de tratar do assumpto de que o meu caro collega me encarregou (...)

Indaguei se ainda existiria a pedra a que se referia, a resposta foi affirmativa. Sempre ao dispôr do meu caro collega e illustrado amigo.

Contudo a familia a quem pertencia a pedra tinha ido passar o inverno para Bragança³⁶³.

³⁶³ MAB/FAAB-Doc. 4091.

Figura 56. Carta de João Martins de Aragão, 4 de janeiro de 1908



Fonte: Museu do Abade de Baçal

O Pe. João Martins de Aragão, em 4 de janeiro de 1908, de Castro Vicente, envia informações históricas sobre essa localidade³⁶⁴:

Recebendo a sua estimada carta de 22 do p., quis logo responder, mas o muito e inadiável serviço de fim de anno, atrasado por doença, não me deixou até hoje. Peço desculpa.

Tambem nada perdeu com a demora, porque pouco ou nada o posso elucidar, relativamente à interessante obra que se propõe publicar, empreendimento pouco usual no nosso meio. Felicito o com toda a effusão do coração e peço o favor de inscrever o meu nome na seleção dos assignantes.

Em quanto ao nosso bom padre Fabião, deve rectificar que faleceu em 6 de janeiro de 1903.

Nada mais escreveu.

Eu sempre fui apaixonado pelos estudos historicos. Em quanto estudante de Braga, aonde vivi 6 annos, vindo so uma vez a casa, e não voltando ali há 44 annos, tal tem sido a minha vida accidentada, frequentei assiduamente a rica biblioteca publica da cidade, donde trouxe alguns apontamentos, relativamente a estas terras, extrahidos da historia do arcebispado do Contador de Argote, de D. Luiz Caetano de Lima (?); mas esses apontamentos em um periodo, assim, d'annos, quase tudo inutilidade. Ainda, porem, alguns me serviram para um artigozinho publicado no Diccionario — Portugal, de que sou assignante, a respeito da minha terra C. Vicente.

Possuo algumas moedas — uma de prata do tempo dos consules romanos, e achada em um predio meu, outras (?); o Tombo do antigo Concelho de Castro Vicente, o cantaro — padrão do mesmo concelho (?), mas estas são mais proprias de um museu do que da historia.

Nada mais por aqui, que eu saiba, digno de menção.

³⁶⁴ MAB/FAAB-Doc. 1775.

O que lhe pode servir de muita utilidade é um opuscolozinho — Memórias de Balsamão — anónimas, escriptas pelo Dr. Antonio Julio de Sa Vargas, que viveu muitos annos e morreu na freguesia do Lombo, proxima a Balsamão.

É possível que tenha esta preciosidade, mas caso a não possua, poderá obtel-a do Sr. Doutor Vargas, sobrinho e herdeiro do falecido. Eu tenho um exemplar, aqui já raros, porque o auctor publicou um pequeno n.º e somente para obsequiar amigos.

Tenho tido ideia de publicar nova edição augmentada, mas espero que se façam umas importantes obras que projectam na Igreja do Convento uns brasileiros, de Chacim. Os terrenos do convento pertencem hoje ao Sr. Doutor Antonio Francisco Meneses Cordeiro, da casa da Saldonha, meu visinho e amigo.

Proximo ao Cabeço denominado Balsamão, existe outro cabeço, tudo termo de Chacim, no qual, ao norte ha um manancial de agoas sulfureas, denominado Escreledo, pertencente a Joaquim de Sa Dias, de Macedo de Cavalleiros, e outro ao nascente chamado Banhos de Balsamão, pertencente a Candido Carneiro, de Chacim. Cada um delles comporta apenas 30 pessoas diarios aproximadamente. Ja eram conhecidos dos padres de Balsamão, havendo, porem poucos annos, que estão em exploração. Não sei se já se fez analyse destas agoas.

Estive no verão passado nestas ultimas, e operam milagres. Desculpe a estopada e agradeço a boa vontade de lhe ser util. Boas entradas de anno novo.

De V.ª R. ma

Collega e (?)

João Martins de Aragão

Castro Vicente, correio de Macedo,

4/1/08 (?).

O pároco de Felgar e Souto da Velha, Abílio Augusto Pombo, em epístola endereçada à Secretaria do Paço Episcopal de Bragança, em 9 de outubro de 1931, numa longa missiva, envia toponímia de Souto da Velha, a lenda da moura encantada, a lendado orago de Sto. Ildefonso e a lenda da fundação da Freguesia³⁶⁵. Cartas onde o Abade escrevia “tomei nota”.

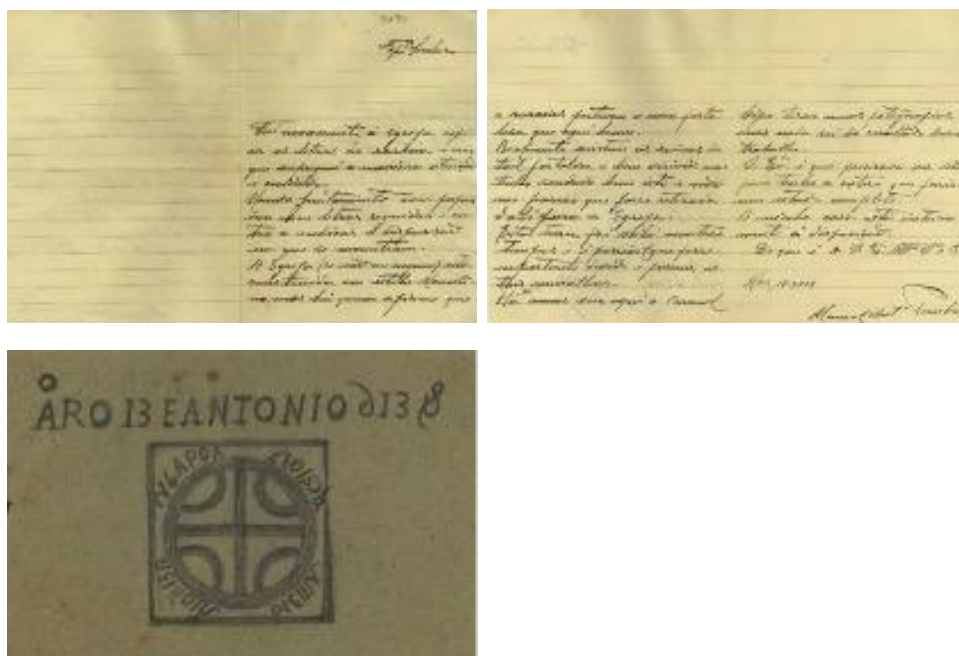
O Pe. Luís José Afonso Ruivo, em 11 de outubro de 1935, Castelo Branco, envia informações referentes à capela da Senhora da Vila Velha, Castelo Branco, Mogadouro³⁶⁶.

³⁶⁵ MAB/FAAB-Doc. 3392.

³⁶⁶ MAB/FAAB-Doc. 1746.

Manuel António Pombo, em 17 de março de 1937, de Mós, envia o desenho e letras da rosácea para facilitar o estudo³⁶⁷:

Figura 57. Carta de Manuel António Pombo, 17 de março de 1917



Fonte: Museu do Abade de Baçal

O Pe. Manuel Bernardo Pires (abade de Valebenfeito), em 1 de março de 1909, escreve:

Desejo que muito breve saia a obra a lume. Sem duvida deve ser apreciavel, poiso caro e energico Collega tem para (?) sacrificios e imensos de trabalho, tempo e despesas. Quando sahir pode o Collega logo mandar-me um exemplar (..) summa importancia, n'este recanto portuguez tão escaço de escriptores. (...) Teremos de lamentar que não seja obtida por todos os homens d'instrucção, porque muito em geral aprecia-se mais o romance que a historia, as flores que os fructos(...) Se alguma cousa mais necessita dos meus alfarrabios diga³⁶⁸.

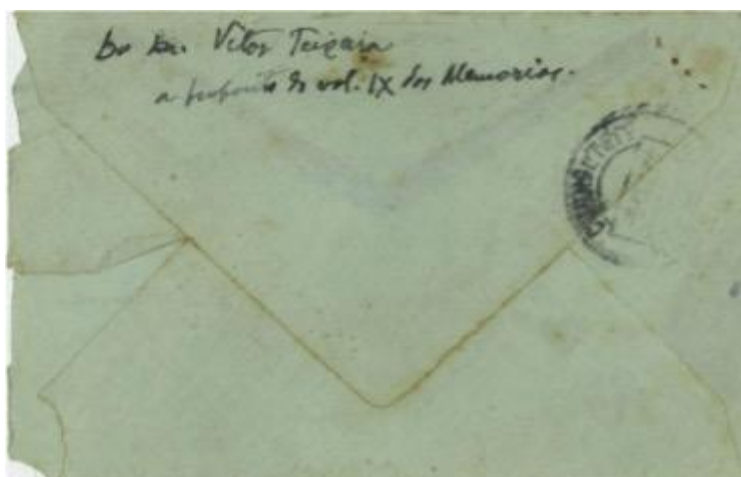
Vítor Teixeira, de Lisboa, tece considerações sobre as *Memórias* e a sua distribuição³⁶⁹:

³⁶⁷ MAB/FAAB-Doc. 3270.

³⁶⁸ MAB/FAAB-Doc. 3476.

³⁶⁹ MAB/FAAB-Doc. 4614.

Figura 58. Envelope com notas manuscritas do Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

José de Abreu, engenheiro civil, de Lisboa, em carta não datada, agradece o IX vol. das *Memórias* e enaltece o Abade e a sua obra:

Meu ilustre e Exmo. Amigo

A oferta do IX volume da sua notável e patriótica obra, deu-me o maior prazer e, como tal, profundamente agradeço a sua generosa atenção. Em que se baseará tão grande reconhecimento da parte deste fulano — poderia dizer, com os seus botões, o sr. Reitor?

A resposta a esta natural pergunta, vou eu dar-lha, poupando-o assim a êsse trabalho, já que tão árduos têm sido os que se tem visto obrigado a fazer, por montes e vales, através do nosso districto. — Suponho ser para o Sr. Reitor, quasi um desconhecido, pois nunca tivemos trato pessoal, distanciados quasi sempre um do outro: a principio pela diferença de idades, depois por imposição do ganhão que nos fez ficar em pontos, distantes de meia duzia de centenas de quilómetros.

Mas a minha admiração e respeito pelo Abade de Baçal (desculpe-me usar a forma familiar do tratamento que se lhe dispensa) datam de quando eu vim para Bragança a frequentar o liceu, e os anos apenas têm contribuido para radicar, cada vez mais acentuadamente, uma e outra.

Que a sua modestia me perdôe: o sr. Reitor, sendo um autentico valor da nossa terra e do nosso paiz, tão empobrecido de valores reais e tão abundante de intrujões, é e tem sido sempre um novo exemplo de homem de bem, e este aspecto da sua personalidade, perdoe-me ainda o Sr. Reitor e o homem da ciencia, tem para mim ainda mais alto valor do que a sua personalidade científica, tão raro se topa hoje com homens da sua envergadura moral.

Pode o sr. Reitor avaliar, pois, como a sua gentil e valiosíssima lembrança me pode ter sensibilizado e quanto apreço que eu lhe poderei dispensar³⁷⁰.

Se alguma informação partia da iniciativa dos correspondentes, outra, a grande maioria, resultava da resposta ao inquérito enviado pelo Abade. O Abade elaborou um modelo de inquérito de modo a facilitar a recolha de informação. São diversas os documentos que resultam desse inquérito. Francisco Guerra, em 25 de novembro de 1927, de Vila Flor, informa que recebeu a sua circular e dará resposta estruturada em consonância com o inquérito³⁷¹.

Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, Escreve:

Porto — 16 de Abril de 1929

Ex mo Sr. Pe. Francisco Manuel Alves

Recebi da parte de V. Ex. a, pela mão de um aluno da nossa Faculdade de Letras, cujo nome não me ocorre neste momento, uma circular informação sobre as Memórias Archeológico-Históricas do Districto de Bragança, e nela manuscritos 6 quesitos, as respostas dos quais eu deveria transmitir a V. Excia.

Quer-me parecer que me julga transmontano, e como tal me desejaria citar no VII vol. da monumental obra de V. Rev.^a, que eu tenho já compulsado com muito agrado e não menos proveito.

Mas eu não sou transmontano de nascimento; quanto muito poderei ser transmontano de alma e coração. (...)

Estive há anos em Bragança de passagem para Vimioso e com bastante pezar meu não houve ocasião de Me ser apresentado, como era meu desejo. De modo que hoje respondo às perguntas por V. Ex.^a feitas, tendo apenas em vista apresentar-me, e assim a quando do proximo congresso onde tenciono ir, dirigir-me-hei a V. Rev.^a sem encomendar terceiros.

Responde depois às perguntas que lhe foram dirigidas, num longo texto:

- 1.^a Dia, mês e ano e local de nascimento.
- 2.^a Nome dos pais.
- 3.^a Onde fez os estudos liceais e os da especialidade e quando os concluiu.
- 4.^a Título exato das publicações.

³⁷⁰ MAB/FAAB-Doc. 4734.

³⁷¹ MAB/FAAB-Doc. 4583.

5ª Cargos exercidos.

Aborda a seguir o Congresso Transmontano:

Escrevi ha mezes para aí pedindo informes sobre o Congresso. Essas indicações foram amavelmente fornecidas pelo secretário do mesmo. Depois disso voltei a escrever declarando que me achava disposto a apresentar o meu estudo sobre S. Pedro, com algumas alterações e ampliado em alguns capítulos da parte etnográfica. Não tive porem resposta. Esta falta de noticias baseia-se certamente no facto de apenas aceitarem trabalhos inéditos.

Já que falo no congresso, como sei que V. Rev.^a é um dos maiores entusiastas, honra lheseja feita, tomo a liberdade de lembrar a V. Rev.^a que será bem convidar o Sr. Prof. Dr. Gonçalo Sampaio a colaborar no livro do Congresso com um artigo sobre plantas transmontanas.

Como V. Rev.^a muito bem sabe o Prof. Dr. Gonçalo Sampaio é indubitavelmente o maior botânico português dos últimos tempos e aquele que melhor conhece a nossa flora.

Descreve depois algumas espécies botânicas da região e termina:

Como V. Rev.^a vê, e desnecessário seria eu estar com estas considerações, tem a provincia de Tras-os-Montes além do que cito muitas outras curiosidades botânicas, que lhe são particulares, e que seria na minha opinião de interesse dar a conhecer. Ninguém melhor que o Sr. Prof. Dr. Gonçalo Sampaio o poderá fazer.

Tenciono, como digo atrás, ir a Bragança aquando do Congresso, se porem as minhas ocupações m'ò não permitirem irei aí no verão pra visitar o museu que V. Ex.^a inteligentemente dirige com muito amor, proficiência e carinho.

Perdoê-me V. Ex.^a, pelo tempo que lhe vim roubar com o arrazoadado das laudas que ficam p'ra traz e creia na muita estima do que se assina com admiração e respeito.

De V. Ex.^a (?)

Joaq.m Rodrigues dos Santos Junior³⁷².

João do Nascimento Pires, seu assíduo colaborador, em 23 de outubro de 1928, de Santa Comba da Vilariça, escreve que como leu no "Trás-os-Montes" o questionário do Abade, responde ao ponto IV e V e envia a sua nota biobibliográfica³⁷³.

Como foi a Bragança e não conseguiu encontrar o Abade, no dia 13 de novembro de 1929 escreve:

³⁷² MAB/FAAB-Doc.4358.

³⁷³ MAB/FAAB-Doc. 2535.

Ja na estação de caminho de Ferro, entreguei à Senhora do Sr. Tenente Parra para que esta o entregasse a V. Ex. cia., uma machadinha muito pequena, em silez, uma joia em silez também, muito bem lapidada e com umas cores muito caprichosas, mas já com uma falha, um objeto de ceramica com um furo na partesuperior, que calculo ter sido algum pezo.

Também falei num cartão junto aos mesmos objectos, que tenho interesse em adquirir o resto da obra de V. Ex. cia e apenas tenho os primeiros quatro volumes³⁷⁴.

O Pe. Adérito Pimentel do Lombo escreve:

Recebi as vossas lettras que agradeço. Estou mesmo babadinho com a perspectiva do apparecimento do meu nome em letra redonda na “Illustração”.Ai que me pincho, como dizem los nuestros hermanos! Bom, vamos ao caso. --

José Marcellino da Rocha Cabral fugiu directamente p.^a o Brasil por causa das luctas constitucionais, e não por falta de meios pecuniarios, porque em olmos tinha elle um bom casal...³⁷⁵.

Manuel Maria Borges, em 26 de agosto de 1931, envia nomes dos sítios de Algosó³⁷⁶.

Francisco de Barros Ferreira Cabral Teixeira Homem, em 6 de agosto de 1931, de Chaves, envia dez exemplares da conferência proferida em Chaves. Agradece a publicação dos documentos filipinos relativos a Chaves. Envia transcrição de inscrição da capela de Santa Catarina em Chaves³⁷⁷.

Hermilo Branco Ramalhete, em 4 de janeiro de 1931, de Lisboa, deseja-lhe as melhoras para se deleitar a consultar os documentos da Casa de Bragança. Pois, antes de ir para Inglaterra, visitou o arquivo da Casa de Bragança e envia a referência a documentos sobre Bragança³⁷⁸.

Alfredo Mendes de Gouveia, em 5 de abril de 1943, remete cópia dos sumários dos documentos da fábrica das sedas de Trás-os-Montes. Está a reunir os documentos dispersos para lhe enviar os sumários, conforme pedido de Manuel Múrias³⁷⁹.

³⁷⁴ MAB/FAAB-Doc. 1879.

³⁷⁵ MAB/FAAB-Doc. 2553.

³⁷⁶ MAB/FAAB-Doc. 4059.

³⁷⁷ MAB/FAAB-Doc. 646.

³⁷⁸ MAB/FAAB-Doc. 1891.

³⁷⁹ MAB/FAAB-Doc. 2124.

Muitos outros exemplos poderíamos referir, de todo o modo, estes são bem exemplificativos da admirável capacidade de mobilização por parte do Abade.

Capítulo 7 As *Memórias* no epistolário de Francisco Manuel Alves: O período da execução e edição

Figura 59. A primeira edição das *Memórias*



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Reunida a informação, escritos os inéditos, era agora necessário financiamento para a edição. É o Abade, enquanto vereador, que propõe que se inclua no orçamento do ano de 1910 verba para a edição dos 1.º e 2.º vols. A proposta apresenta a edição dos forais e documentos históricos relativos a Bragança. Argumenta que esse tipo de edições estão a ser financiadas pelos “mais ilustres municípios”, fundamentando com o que sobre o assunto escreveu Herculano.

Sobre o assunto, escreve-nos no prólogo do II vol. das *Memórias*:

Em sessão da Câmara Municipal de Bragança, «por proposta do vereador reverendo Francisco Manuel Alves, foi deliberado que se incluísse no orçamento ordinário desta Câmara para o ano de 1910 a verba necessária para as despesas a efetuar com a impressão de forais e mais documentos históricos relativos ao município de Bragança que correm dispersos, de modo a que fiquem codificados num só volume, encarregando o autor da proposta a cuidar da parte técnica e económica dessa útil e interessante publicação. (Alves, 2000, vol. II, p. II.)

E acrescenta:

É consolador para a intelectualidade regional ver o nosso município marchar ao lado dos mais ilustrados, como o de Lisboa, Coimbra, Porto e vários outros, que estão dispendendo grossas quantias em idênticas publicações.

Justifica o apoio financeiro:

Desde que Herculano nos diz que «é uma necessidade literária o desenterrar dos arquivos, dos diplomas e de toda a espécie de monumentos a arqueologia portuguesa, na mais vasta significação desta palavra», desnecessário se torna insistir na importância do assunto. (Alves, 2000, vol. II, p. II).

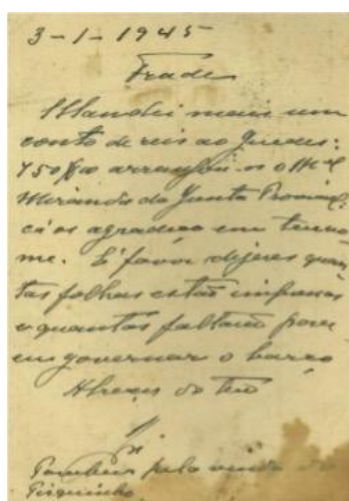
A primeira edição das *Memórias* distribuiu-se pelos anos de 1910 a 1948, tendo o Museu do Abade de Baçal procedido nos anos 80 a edições fac-similadas, culminando com uma reedição em 2000, edição onde se procedeu a revisão científica e a atualizações.

Quanto à escrita, sabemos que em 1909 é terminado o I vol., contudo a impressão ocorre apenas em 1910. Ainda em 1910 termina o II vol.; em 1913 conclui-se o III vol.; o vol. IV em 1918; o vol. V em 1928; o vol. VI em 1931; o vol. VII em 1932; o vol. VIII em 1932; o vol. IX em 1934, o vol. X em 1938 (apesar de datado de 1934); o vol. XI, edição póstuma, em 1948. Percebemos, assim, que a edição se estende por um período de 48 anos, com intervalos irregulares entre as edições. O espaço maior ocorre entre o vol. IV e V (dez anos).

A partir de meados da década de 20 e até à finalização da publicação dos onze volumes é já o Grupo dos Amigos dos Monumentos e Obras de Arte, primordialmente José Montanha e Raúl Teixeira, que assumem as lides da gestão e edição dos últimos vols.

Dessa forma, os grandes promotores e divulgadores do Abade e da sua obra coube fundamentalmente a Raul Teixeira e José Montanha. A sua amizade incondicional, apoio, entrega e empenho foi de extrema importância para a sua consagração. Além de procederem à publicação e gestão financeira das *Memórias*, fundamentalmente a partir do vol. III, auxiliavam na afirmação do museu e na consolidação da sua imagem pública (Jacob, 2000, vol. I, p. XXI).

Figura 60. Bilhete postal de José Montanha, 3 de janeiro de 1945



Fonte: Museu do Abade de Baçal

A Comissão da edição das *Memórias* exerceu, também, um papel de relevo na angariação de fundos e na sua distribuição. Muitas são as cartas onde presenciamos a sua ação, com agradecimento, elogio, pedidos de compra e de doações.

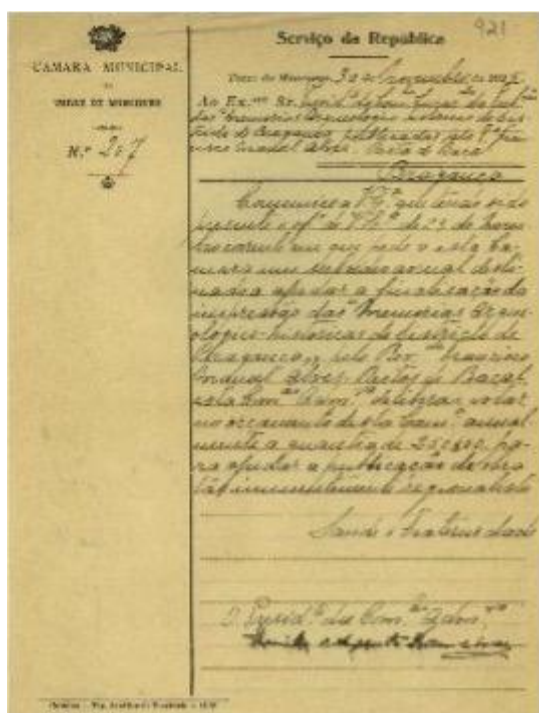
Bragança, 4-12-919

Os 39 exemplares a mais que vieram p.^a a Câmara estão à vossa disposição. Não nos é possível agora, por falta de verba orçamental, ficar com êles. Mas tenho o grande prazer de vos anunciar que na sessão de hoje, e por proposta minha, foi resolvido incluir no orçamento do futuro ano a verba de 60\$00 para auxílio da publicação do 5º volume das “Memórias”. Foi uma homenagem. É pequeno o subsídio, bem sei, mas as nossas circunstâncias financeiras não permitem maior generosidade. Ainda propuz 100\$00, mas parece que não pode chegar lá o nosso extro desprovido”.

Desculpai e crede-me, com um grande abraço Amº Certo e Sincero Adm.or

Augusto Moreno³⁸⁰.

Figura 61. Carta da Câmara Municipal de Vimioso



Fonte: Museu do Abade de Baçal

As Câmaras do distrito assumiram o apoio financeiro à edição. É neste contexto que, em 3 de fevereiro de 1927, de Alfândega da Fé, Álvaro José Pires comunica:

³⁸⁰ MAB/FAAB-Doc. 1637.

Meu prezado amigo

Com os meus cumprimentos e desejos d`uma boa saúde, remeto a inclusa quantia de Esc. 250\$00, importância que a Camara me encarrega de lhe remeter, para as Memorias Arqueológicas³⁸¹.

Francisco António Lopes comunica a concessão do subsídio por parte da Câmara Municipal de Vinhais para a edição das *Memórias*³⁸².

Meu respeitavel amigo:

Respeitosos cumprimentos.

Os meus multiplos afazeres somados com um relaxamento inato em mover a pena para escrever a um amigo, motivaram a demora da grata noticia, que, commuito prazer, vou dar-lha.

Trata-se, como deve presumir, do subsidio pedido por V. Ex^{cia} à Camara de que sou vice-presidente para auxiliar as grandes despesas feitas ou a fazer com as suas obras, que tem feito ecoar o seu nome não só pelo pais mas também pelo estrangeiro. Esforcei-me, tanto quanto pude, para que o subsidio em questão correspondesse à gloria do autor e à grande obra. Não foi, porem, possível obtero meu desideratum na sua integridade. Devo, no entanto, confessar que foi devido mais ao caotico estado financeiro do Municipio, do que à má vontade dos meus colegas. Reconheço que a quota concedida — 5000.00rs, embora repetidos durante alguns anos consecutivos, é pouco.

Mas, repito: o lastimavel estado financeiro do Municipio, não permitia mais.

Fazendo votos pela saude do grande archeologo nacional, termino esta apresentando-lhe muitos e respeitosos cumprimentos de toda a minha família, um grande abraço de meu irmão P.e Manuel e outro d`este seu ded.^o amigo que muito o admira.

Francisco Antonio Lopes³⁸³.

Júlio Guedes escrevia sobre a edição:

Meu Exmo Amigo

Conforme o combinado cá estou a importunal-o.

É no fim do presente mes que tenho uns compromissos grandes a satisfazer o que precisava me fizesse uma remessa de dinheiro. Tínhamos falado em tres contos, mas se fôsse possível mandar-me mais algum era muito favor.

³⁸¹ MAB/FAAB-Doc. 925.

³⁸² MAB/FAAB-Doc. 1026.

³⁸³ MAB/FAAB-Doc. 1026.

Agradecia-lhe se me fizesse a remessa um pouco antes do fim do mes para eu estar prevenido e fazer cá os calculos à vida.

Sobre a liquidação da livraria Fernando Machado, queira dizer-me se se pode fazer descontando a factura que apresentam.

Já estou a executar a folha 21 da obra.

Antecipadamente agradeço a V. Excia a sua atenção para o meu pedido e fico aguardando as suas presadas ordens.

Creia-me

Porto 21 Setembro 1929

Julio Guedes³⁸⁴.

Em muitas missivas, o seu amigo José Montanha dava conta de como decorriam os trabalhos de impressão:

O vosso livro lá está a correr, mas mais devagar do que eu queria. Ontem estivelá a descompo-los: prometeram diligencia. Talvez tente a publicação do 7º no Porto quando os de cá estiverem com o 6º: tratei outro dia disso.

Um abraço do vosso José³⁸⁵.

No dia 3 de janeiro de 1945, comunicava:

Frade

Mandei mais um conto de reis ao Guedes: 750\$00 arranjou-os o M. el Miranda da Junta Provincial: cá os agradeço em teu nome. É favor dizeres quantas folhas estão impressas e quantas faltam para eu governar o barco.

Abraço do teu José

Parabens pela vinda do Pisquinho³⁸⁶.

³⁸⁴ MAB/FAAB-Doc. 954.

³⁸⁵ MAB/FAAB-Doc. 283.

³⁸⁶ MAB/FAAB-Doc. 3033.

[illegible]

As colaborações eram de diversas tipologias. Francisco de Moura Coutinho, em 18 de janeiro de 1927, de Viseu, indica-lhe um nome de um amigo como provável interessado na publicação das *Memórias*:

303

gosto e especialidade. O homem vive em Lisboa, rua de Sant`Ana, á Lapa, 75. Escreva-lhe, se isso lhe convier, e póde evocar o meu nome³⁸⁷.

Só hoje tenho forças para lançar mão da pena e dar conta das incumbencias que me fizeste.

Aqui recebi no começo do mês passado os volumes para entregar no Secretariado da Propaganda e os mais que mandaste para distribuição a domicilio, aos intelectuais. Com vagar tem sido feita a distribuição, e ainda vejo ali na estante o pertencente ao diplomata Alberto Carvalho. Dos que não traziam sobrescrito dispuz de tres para ofertar a pessoas amigas possuidoras da coleção completa e que m.to admiram — o Dr. Egas Moniz, q. Vai colaborar no teu “In Memoriam — em vida”, e o esp. Joyce Diniz, director da Companhia Nacional, um cara de que, já tiraste o freio. Os outros tres foram para os jornais Diario de Lisboa, Diario de Noticias e Seculo.

O primeiro já publicou um artigo nas paginas literarias, com estampas, q. ontem mandei ao Raul. No Seculo pedi ao Matos Sequeira, que fizesse qualquer coisa — ainda nada vi. E no Diario de Noticias tambem pedi artigo e aguardo q. algo digam. Neste, com certeza, Pimenta — o aldrabão — vai falar de catedra. Na voz não conheço ninguém — nem quero. E o mesmo acontece nas Novidades. Como são órgãos de padres, entendo q. com eles te podes corresponder directamente. No “Diário da Manhã” conheço m. Bem o director. Se desejares, portanto, que o órgão do Salazar se manifeste, manda um exemplar — que eu lá irei levá-lo ao Pó-pó.

De prémio do Secretariado ficareis — parece-me bem — a chuchar no dedo. Em primeiro lugar estão os de casa e esses tambem concorrem.

Vejo q. te vão fazer grandes festas, com monumento até. Lá terei que pegar no canastro, na mulher e no raparico para contemplar a cerimónia.

Só os discursos, q. has-de ouvir, feitos p`los q. pensavam ser deputados e q. já os haviam preparados p`ra o parlamento!

Vou agora tambem tratar do caso do teu sargento, e oxalá q. o faça com mais exito do q. tratei dos desempregados, q. me recomendaste, para os quais nada consegui.

Cumprimentos da Maria Fernanda, dois beijos e um peido do Francisco pois — q. passa a vida a olhar para um retrato, q. aqui está na sala, teu. Do Raul e do Zé, cagando-se de satisfação a contemplar-vos e um abraço do m.to amigo.

Vitor

Ernesto Sales ajuda-o nas formalidades relativas à edição, nomeadamente ao registo da propriedade intelectual e do depósito legal. A esse propósito, escrevia:

³⁸⁷ MAB/FAAB-Doc. 1489.

Lisboa, 15-XII-1932

Meu muito prezado Amigo

Recebi ha dois dias a vosso postal noticiando-me estar pronto o VIII vol. das Memórias, ainda bem, porque é sinal de Deus vos ter dado saúde e vontade de trabalhar — que oxalá se prolongue por muito tempo.

Já agora que eu possa ainda ver publicado o IX volume, tão rico êle se promete.

Quanto ao depósito legal, segundo as últimas disposições legais, nada tem com isso o autor, mas sim as tipografias onde as obras são impressas (...).

Quanto aos exemplares a enviar aos jornais, mandai-me as que entenderdes; e, se alguns quiserdes mandar para particulares, muito conviria que vós lhe pusésseis uma ligeira dedicatória, pois da ultima vez alguém me fez notar essa falta; é que todos vão ver e procurar a tal dedicatória e ficam, se não a vêem, assim um tudo nada descontentes.

E creio que está tudo explicado. Às ordens. Obrigado mais uma vez pelas vossas atenções para com o velho reformado, mas sempre amigo,

Pe. Ernesto Sales³⁸⁸.

Outros exerciam um papel central na divulgação e distribuição:

Lx. 12-V-1931

Meu caro amigo

Um valente abraço, com as mais sinceras felicitações pelos seus Notáveis, 7.º volume da estupenda tarefa que milagrosamente vai sendo levada a cabo. Devem consolá-lo das muitas contrariedades as muitíssimas justas apreciações que de todos os lados lhe fazem. Ainda bem; outro abraço.

Recebi vinte e dois exemplares que distribui da seguinte forma: Propriedade Legal e Biblioteca Nacional de Lx.^a = 3; Século = 2; Diário de Noticias = 2; A Voz = 2; Dr. José Leite de Vasconcelos (que por sinal estava consultando um volume dos seus na ocasião da entrega) = 1; Dr. Francisco Antonio Correia (que promete escrever-lhe logo que regresse de Paris para onde partiu ontem) = 1, Dr. Aguedo de Oliveira (que agradeceu efusivamente) 1; Academia das Sciencias = 1; Grémio de Trás-os-Montes = 1; D. Beatriz Arnaut = 1; Dr. Deusdado = 1; Dr. Santos Vila = 1; Associação dos Arqueólogos = 1. São ao todo, já distribuídos, incluindo o meu, 19 exemplares. Restam três, dois dos quais o amigo destina a jornais, e fala-me na Liberdade (Novidades?) ou Noticias de Lisboa (Diário da Manhã?); diga-me qual destes três prefere, para os entregar.

³⁸⁸ MAB/FAAB-Doc. 14.

Como o amigo certamente, por prudência, adiará de novo a viagem para a Espanha, temos tempo de aguardar as suas ordens. A Voz logo no dia seguinte anunciou o aparecimento do livro, como terá visto. Os outros a seu tempo o farão.

Eu não sei se da tipografia enviaram o exemplar, que é de lei; para a Biblioteca de Évora, Porto, Braga, e ainda para Coimbra (Universidade e Biblioteca Municipal).

Depois de distribuídos, como eu indico, dois dos exemplares em meu poder, resta ainda um, que, se o amigo quiser, me encarrego de vender, pois já alguémme falou nele. Dirá, caso não queira dar-lhe outro destino.

Incluso achará o documento passado pela conservatória do registo da propriedade legal.

Ponto final por agora. Adeus. Mais um abraço, com muitos votos da melhor saúde, lhe envia o seu velho amigo.

P.e Ernesto Salles

P. S. Não me referi aos amistosos cumprimentos que lhe envia o dr. José leite, que quis também saber qual o assunto do futuro 8º volume, e de que não pude informá-lo.

E³⁸⁹.

Da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, o Professor Cabral Moncada, solicita a obra do Abade para responder a pedido de Prof. Ernst Mayer³⁹⁰:

Exmo. Sr. Pe. Francisco Manuel Alves, ilustre Reitor de Baçal

Perdoe-me V.^a Ex.^a a minha indiscrição. O Prof. de Wurzburg, Dr. Ernest Mayer, historiador ilustre do Direito que teria dedicado recentemente à Historia do Direito peninsular, pede-me para lhe obter e enviar um exemplar do riquíssimo repositório de Docs. que V. Ex.^a coligiu e que ele conhece das citações do meu recente opúsculo sobre — “Traditio”.

Tratando-se pois de divulgar no estrangeiro as nossas coisas e o conhecimento das nossas instituições e história pátria, tomo a liberdade de pedir a V. Ex.^a a altafineza de, podermos, querer enviar àquele professor um exemplar da sua bela obra.

A direcção do Dr. Ernest Mayer é a seguinte: - Prof. Dr. Ernest Mayer da Universidade de Wurbsburg Alemanha

Pedimos mais uma vez desculpa a V. Ex.^a pela minha impertinencia, subscrevo-me com consideração.

De V. E. Mt. Alt. Admirador

³⁸⁹ MAB/FAAB-Doc. 9.

³⁹⁰ MAB/FAAB-Doc. 2680. O Abade anota a lápis: “Não tem data, mas é meados de junho (19 a 21) de 1921.

Cabral Moncada³⁹¹.

Figura 63. Envelope com notas manuscritas pelo Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

³⁹¹ MAB/FAAB-Doc. 2682.

7.1. Incorreções e imprecisões

Tratada a edição, publicada na imprensa, feita a distribuição, surgem as primeiras impressões, na generalidade muito favoráveis. Contudo, alguns comunicavam as incorreções e imprecisões que iam detetando na leitura.

Os assuntos das *Memórias* eram diversos, as informações vinham de um país que se mobilizava para a edição de uma obra maior. Os ritmos da vinda da informação, nem sempre se coadunavam com os tempos da edição. Facilmente se compreende que situações existissem em que o Abade não teria o tempo necessário, dado o método usado já referenciado, para a análise crítica e cruzamento de toda a informação enviada.

Dessa forma, surgiam e iam sendo apontadas e comunicadas algumas imprecisões na edição. Era dado nota de imprecisões e lacunas que o Abade, quando considerava, ia introduzindo nas sucessivas adendas.

Deste modo, encaminhavam as imprecisões. Ernesto Sales, com alguma reserva, em 7 de março de 1919, escreve que o Foral de Quintela, referenciado no vol. III das *Memórias* se reporta a Quintela do concelho de Vila Real e não a Quintela de Lapaças, como aí constava. Aborda outrossim que o 1º foral conhecido referente a Cortiços é de Afonso IV e não de D. Dinis, como alguns escreveram. Indica os argumentos para a sua opinião:

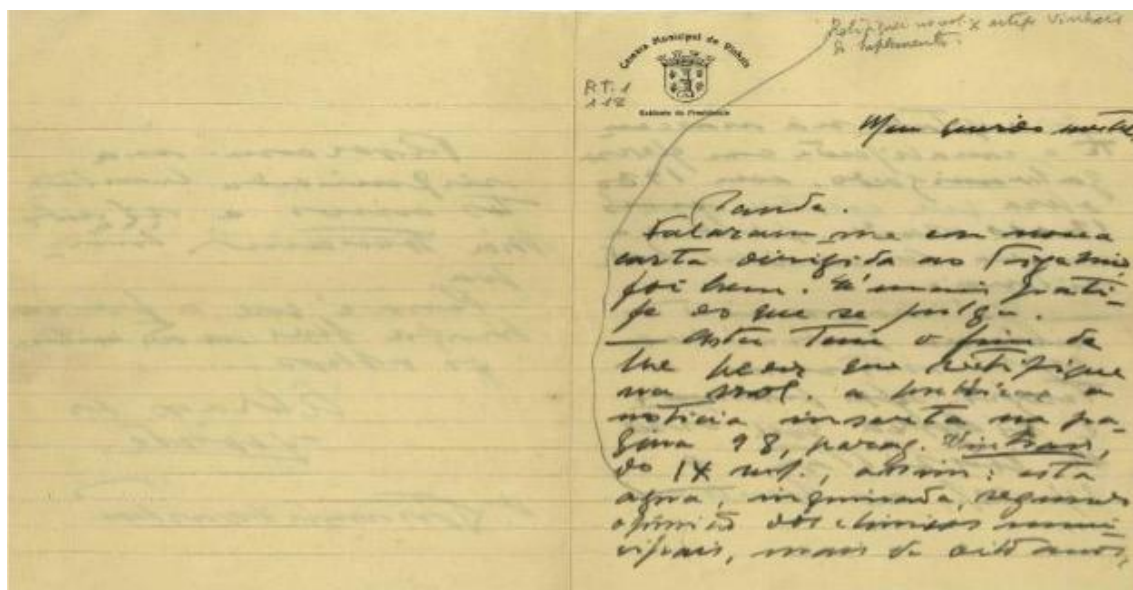
Agora vou-me encher de coragem para lhe falar num assunto que ha muito tenho querido abordar, mas adiando sempre; la vai hoje.

No vol. III das suas Memorias ha o doc. n.º 143 — Foral de Quintela — que ali figura como sendo de Quintella de Lapaças, e que eu suponho ser antes de Quintela, concelho de Vila Real, pelo seguinte³⁹²:

À margem, a lápis, o Abade escreve: “já tomei nota”.

³⁹² MAB/FAAB-Doc. 1.

Figura 64. Carta de Ernesto de Sales



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Raul Manuel Teixeira, em 26 de janeiro de 1925, de Carrazeda de Ansiães, pede que no último vol. das *Memórias* retifique o que escreveu sobre o Sepúlveda, a quem designa "indecoroso jogador de pau de dois bicos":

Meu caro Abade

Muita saude e boa disposição para o trabalho, eis o que vos deseja o que é antes de tudo vosso amigo, e depois amigo da nossa terra.

Estive ha tempos em Bragança com ganas de demandar a Baçal. Mas o "aspérrimo dezembro" meteu mêdo às minhas (?) e não deixou que eu afrontasse a nortada cortante da Sanabria. Exponho-vos o que de viva voz vos queria dizer — que no ultimo vol. das "Memorias" rectifiqueis o que de erros haja nos vol. publicados. E assim, tereis de pôr no seu devido lugar a figura (?) do Sepulveda, indecoroso jogador de pau de dois bicos.

Calculo que ao escreverdes sobre o homem não tinheis conhecimento do que d' ele conta o Raul Brandão no "El Rei Junot". Lêde este livro, se ainda o não fizestes, e pasmareis!³⁹³.

Outros completavam a informação. Jorge Chira Dine, em 26 de março de 1945, de Lisboa, comunica que no vol. VII, sobre a designação de publicações anónimas,

³⁹³ MAB/FAAB-Doc. 410.

menção o livro "As duas Amazonas", e que esse livro é da autoria da sua bisavó Mariana Cândida da Fonseca Pinto Dine³⁹⁴.

Firmino Augusto Martins pede a retificação da notícia inserta no vol. IX das *Memórias* sobre Vinhais³⁹⁵.

— Esta tem o fim de lhe dizer que rectifique nas Mem. Historicas a noticia inserta na pagina 98, parag. Vinhais, do IX vol., assim: esta agora, inquinada, segundo opinião dos chimicos municipais, mais de oito anos, foi captada na nascente e canalizada em ferro galvanizado, em 1930, obra que custou uns 12.000 escudos, pela camara da minha presidencia.

— Já ha muito andava para lhe dizer isto, mas o tempo foi passando e só agora que tive de consultar o IX vol., me lembrou.

Tiveram-na inquinada bastantes annos e só nós lha tornamos limpa. Pena é que a fresca limpa lhes não abra os olhos...

Abraços do excorde

Pe. Firmino Martins³⁹⁶.

O autor ia procedendo às retificações que considerava adequadas nos suplementos e ia dando nota na epistolografia. Na carta anterior regista a lápis: "Retifiquei no vol. X artigo Vinhais do Suplemento".

³⁹⁴ MAB/FAAB-Doc. 3475.

³⁹⁵ MAB/FAAB-Doc. 118.

³⁹⁶ MAB/FAAB-Doc.118.

7.2. O volume V: Os Judeus

Como já mencionámos, o Abade de Baçal organizava a correspondência em maços, estabelecendo a sua relação com os vols. das *Memórias*, pelo que, deste modo, podemos constatar o peso temático das *Memórias* na epistolografia.

Essa estrutura inicial perdeu-se. Excluindo a correspondência com menção explícita ao vol., apenas conseguimos recuperar a ordem original relativamente aos vols. que apresentam uma maior uniformidade temática. Essa tentativa apresentamo-la de seguida, relativamente aos volumes com maior representatividade no epistolário. Relativamente aos vol. I, III e IV, não nos foi possível individualizar os documentos.

Quanto ao vol. sobre os judeus, a intenção de incluir o tema dos judeus nas *Memórias*, como já aludimos, teria surgido em 1892, 14 anos antes da edição do V vol., como nos elucida:

Burlescas, para não dizer outra coisa, e bem, são as condições em que encontrei em 1892 na Rua Direita da Vila de Chaves, numa montureira de dejeções e concomitantes, a primeira Lista dos condenados na Inquisição; por ela vim ao conhecimento que havia mais do mesmo género, coisa que ignorava e tal conhecimento forneceu-me a principal base deste trabalho. Ainda conservo esta relíquia venerada, que ostenta o carimbo inconfundível dos lugares por onde andou, resistente à mais solícita lavagem. (Alves, 2000, vol. V, p. XI)

Este documento encontrado pelo Abade em Chaves, em data muito anterior à edição do vol. sobre os judeus (1926), terá exercido um papel fundamental. O Abade deixou-nos de diversas formas o apreço relativamente ao povo judaico e materializa-o, fundamentalmente, no vol. sobre os judeus. A sua publicação coincidirá com a época em que por toda a Europa o povo judaico era novamente colocado em causa.

Ao elogiar a minoria judaica, dando-lhe um lugar de destaque nas *Memórias*, apresentando-os como fonte de progresso da região, escandalizou os que não perfilhavam da mesma opinião. Nesse grupo assumiu posição de destaque o professor de liceu de Bragança, o Dr. Francisco Sena Esteves. Este viria a pedir-lhe para alterar o preâmbulo da edição, atrasando a publicação do vol., que sairá já em 1926³⁹⁷.

³⁹⁷ O Pe. Guilhermino Alves, em 22 de outubro de 1925, de Vinhais, envia uma carta onde tece comentários sobre a candidatura de Francisco de Sena Esteves Oliveira à Comissão Diocesana do Centro

O Abade teve a noção dos dissabores que esta obra lhe poderia causar, sobretudo no grupo de católicos. Solicitou a opinião de amigos próximos, como Ernesto Sales e José Montanha, marrano que, conhecido do capitão Barros Basto, tornar-se-á em 1927 fundador da comunidade israelita de Bragança.

José Montanha, a quem o Abade dedica a obra, apoiou sempre e incondicionalmente a edição. Este apresentou a publicação ao parecer do amigo. A confiança era de tal forma que coloca no “vosso bom senso” a decisão da publicação. Em documento que lhe dirigiu em 25 de julho de 1921 escreve:

Quanto à impressão do V volume das Memórias eis as minhas dúvidas. O volume está pronto, apenas faltarão duas lérias no Prólogo, lérias que já tenho engatilhadas. Há, porém, o seguinte: O volume é consagrado à colmeia israelita que é abundante no nosso distrito e eu tratando do estudo do mesmo não podia de forma alguma omitir esta parte que, de resto, já prometera tratar no 4º vol., p. 682. Para este estudo vali-me de vários documentos que encontrei nos nossos arquivos e principalmente das Listas dos indivíduos processados na Inquisição por judaísmo, uns 1705 indivíduos, entre homens e mulheres, pertencentes ao nosso distrito, processados durante os 254 anos que abrangem as Listas que eu vi e creio que há mais, divididas por 46 povoações (cidades, vilas e aldeias do distrito). Os documentos e estudos que tenho neste sentido, são importantíssimos para fixar a vida entre nós nos séculos 16, 17 e 18 no que toca a indústrias hoje desaparecidas — sedas, curtumes, etc., etc. e contém notas palpitantíssimas de etnografia, etc., etc. Mas, aqui está o busílis, pelas Listas, vem-se dar nos ascendentes de muitas famílias actuais processadas por jehovismo, é certo que as Listas lá estão e que mais cedo ou mais tarde alguém explorará este filão, mas repito, gostarão essas famílias que fale no caso, se bem que, em boa verdade, deviam até orgulhar-se pela coragem heróica que esses ascendentes mostraram na confirmação das suas doutrinas. Não têm eles direito a dar-se como mártires do jehovismo ou moiseísmo como os do cristianismo da doutrina de Cristo?

Enfim, José, à vista falaremos, hei-de mostrar-vos o volume, ler-vos tudo e se ao vosso bom senso parecer que não deve ser publicado, queima-se e está tudo acabado. (Fernandes, 1972, pp. 83-84)

A confiança que o Abade tinha pelo seu amigo Montanha levará a que dê conhecimento do livro ao capitão Barros Basto:

Aproveito a oportunidade para pedir licença para lhe oferecer um livro publicado por um padre e grande arqueólogo — e que não esconde a sua admiração pela nossa raça. Sob confidência vão juntas umas folhas que foram substituídas pelo

preâmbulo que dá início ao livro, em virtude dos católicos tentarem desviá-lo das suas afirmações, o que conseguiriam se não fosse o meu esforço e de outras pessoas. (Fernandes, 1972, pp. 83-84)

A temática sobre os judeus materializa-se de diversas formas e em diversas missivas no epistolário.

Leite de Vasconcelos, em 2 de abril de 1918, quando visitou a região, a falta de tempo e a doença impediram-no de fazer vários estudos que tinha em mente, nomeadamente sobre os judeus. Pede-lhe, assim, informações sobre o tema³⁹⁸. Decorridos 15 anos, em 18 de julho de 1933, solicita que lhe envie retratos de judeus de Bragança. Noutro documento, não datado, informa que sairá de Lisboa a 14 e estará no fim do mês em Bragança. Passará por Mesão Frio e irá pernoitar em Mirandela e pede para lhe arranjar um quarto. Falará com A. Faria e Artur Mirandela sobre os judeus.

Ernesto Sales colaborara assiduamente na preparação da obra sobre os judeus, quer na aquisição de bibliografia, quer no envio de informações. No dia 20 de outubro de 1919, de Lisboa, responde à missiva onde lhe pede “um conselho e um favor”. O conselho refere-se à publicação do vol. das *Memórias* sobre os judeus. Este estimula-o à sua publicação dada a importância do tema, embora consciente dos dissabores que esta lhe trará.

Noutra missiva, informa-o que não encontrou o livro que lhe pediu sobre os judeus e envia referências de outra publicação sobre o tema³⁹⁹. Em 28 de novembro de 1919, informa que não conseguiu dados sobre os rituais dos judeus (todos a quem se dirigiu se escusaram) e sobre os abafadores da Covilhã. Envia o contacto e nome de um jesuíta que escreveu sobre o judeu Ribeiro Sanches, de nome António Antunes, que usa o pseudónimo de Dr. António Viegas, pois poder-lhe-á ser útil no tema sobre os judeus⁴⁰⁰. Em 20 de janeiro de 1920, alude novamente a dificuldade em conseguir dados sobre os judeus. Envia o “pouco” que conseguiu sobre os abafadores⁴⁰¹.

³⁹⁸ MAB/FAAB-Doc. 413.

³⁹⁹ MAB/FAAB-Doc. 19.

⁴⁰⁰ MAB/FAAB-Doc. 33.

⁴⁰¹ MAB/FAAB-Doc. 1460.

Ernesto Sales, de Lisboa, em 27 de agosto de 1923⁴⁰²:

Meu muito prezado Amigo

É desanimador o que me conta na sua última carta referente ao volume que trataria de israelitas no distrito de Bragança; mas, meu amigo, era de prever desgostos com a publicação dêle, sendo talvez o menor a não publicação. Eu disse-lho em tempos, e alguém mais lho teria predito. O judeu é hoje ainda uma potencia encoberta, mas muito de temer pela sua solidariedade, e pelas suas ramificações que são maiores do que à primeira vista se julga. Compreendo a desolação do meu amigo por ver assim baldado tanto esforço e perda talvez tanta documentação; contudo bom é não desanimar.

Quanto aos participantes (?) da festa de (?) veremos se alguma coisa posso colher, mas duvido muito. De ha uns tempos para cá ja não é franqueada a entrada a toda a gente, como dantes na sinagoga. Entrei lá por curiosidade umas duas ou tres vezes (?) ha uns anos; agora dificilmente se lá consegue entrar. Ignoro o que motivou tal resolução. Mesmo às festas que lá celebram já não dão publicidade que davam outrora. Porque? Ignoro-o. No entanto se eu souber ou puder saber, informá-lo-ei. Eu tenho umas certas relações com um judeu praticante; mas se lhe falar no caso, era o bastante para êle ficar de sobreaviso, e certamente nada obter. Vamos a ver, e do que conseguir darei parte.

Nada mais senão desejamos muita saude e muita paz de espirito.

Um abraço de um velho amigo e admirador.

Como referimos, o Abade pediu opinião sobre a edição aos amigos mais próximos.

Firmino Augusto Martins, em 22 de fevereiro de 1926, de Travanca, agradece o envio da obra de Leite de Vasconcelos, o prefácio dos judeus e a relação dos nomes no concelho:

Meu ilustre mestre e prezado amigo

Desculpe-me a demora em agradecer-lhe a obra do Dr. J. Vasconcelos. Logo que termine, envial-a-hei sem demora. E ainda o prefacio dos Judeus e relação dos mesmos no concelho. Muito obrigado. Que penna não haver um pouco de liberdade para afixar á obra! Em minha humillíssima opinião tem apenas um paragrafo discutivel que, pessoalmente comunicarei, o resto é o facto a desmentir qualquer subjectivismo da critica. E, por isso mais valor tem.

Não tenha receio que, no Prefacio — introdução dos Evangelhos de Fr. Joaquim, bispo de Coimbra da auctoria do editor Pe. Balbester, vem esta passagem: “só a aristocracia sacerdotal na epoca evangelica, é que participava das honras e proveitos. Os levitas eram encarregados de funções secundárias do templo! Não tinham autoridade nem influencia. A sua pobreza tornava-os incapazes de exercer qualquer acto, e d'entre aquelles que não possuíam riqueza ou sciencia não eram

⁴⁰² MAB/FAAB-Doc. 35.

mais considerados do que simples vulgo... Desde mais de 100 annos (antes da vinda de J. C.) não havia senão huns sacerdotes indignos, comprando ao poder civil o seu titulo, cupidos, avarentos, tyranos, não receando mesmo deante d'um crime para garantirem a si mesmos uma vida de prazeres e etc.; etc.⁴⁴¹.

Novamente, Ernesto Sales, em 27 de agosto de 1923, lamenta as informações recebidas sobre o vol. dos judeus e diz serem de prever os desgostos que a publicação lhe trouxe. Informa-o que será difícil obter as informações que lhe pede sobre as festas judaicas, por deixarem de permitir a entrada na sinagoga. Em 18 de maio de 1925, informa que um engenheiro judeu (rabino) de nome Schwarz, prepara uma publicação acerca dos judeus.

Auxilia-o no registo da propriedade intelectual da obra os "Judeus" e, em 26 de janeiro de 1926, envia o documento que garante a propriedade literária.

Mário de Sá, em 10 de abril de 1922, agradece as referências que o Abade fez acerca da sua entrevista sobre os judeus⁴⁰³.

José Afonso, em 1 de maio de 1922, de Lagoaça, reporta-se aos costumes dos judeus, e caso tenha interesse, enviar-lhe-á a descrição⁴⁰⁴.

Jacob Tangi Júnior, em 29 de janeiro de 1926, de Lisboa, agradece a oferta dos "Judeus". Diz enviar-lhe o livro de Adolpho Benarus intitulado "Israel". Em 2 de fevereiro de 1926, remete carta de um sobrinho a pedir-lhe o autor do livro "Os Judeus" para lhe dedicar algumas palavras.

José Miranda Lopes, em 3 de fevereiro de 1926, elogia a lista que lhe enviou sobre os judeus, pela coragem e porque será de grande utilidade para os próprios judeus⁴⁰⁵.

Moisés Israel, em 15 de abril de 1926, de Lisboa, agradece o livro sobre os israelitas, bem como as justas e honrosas palavras sobre o povo hebraico⁴⁰⁶. Passados cerca de 15 anos, em 12 de novembro de 1940, em carta sofrida, de Lisboa, escreve sobre as atrocidades perpetradas aos judeus:

⁴⁰³ MAB/FAAB-Doc. 3943.

⁴⁰⁴ MAB/FAAB-Doc. 1598.

⁴⁰⁵ MAB/FAAB-Doc. 1674.

⁴⁰⁶ MAB/FAAB-Doc. 801.

Excelentíssimo Senhor Francisco Manuel Alves

Muito digno Reitor de Baçal Excmo. e Reverendo Senhor

Em Fevereiro de 1926 — já se passaram quasi 15 anos: - a meu pedido, teve V.Rev. a gentileza suprema de me oferecer o seu interessante livro sobre Judeus do distrito de Bragança e a sua amabilidade foi a tal ponto que escreveu nele a para mim inesquecível dedicatória que eu peço licença para transcrever:

“ Ao ::: Moisés Israel pela sinceridade com que se orgulha, e bastas razões tem para isso, de pertencer a uma raça a que Deus parece ter garantido na perseguição de seculos e seculos a condição do triunfo; raça a tantos respeitos admirável.

Centos de vezes eu releio estas palavras que são para mim como que um bálsamo consolador. Já agradei em seu tempo o precioso livro e essas gentilíssimas palavras de V. Rev., mas...

Os tempos mudaram bastante. Hoje, quem tenha a coragem de mostrar-se como Israelita, seja homem, mulher ou criança, é escoraçado como o peor das feras. Nas varias cidades da antiga Alemanha ou da nova Alemanha os seus templos são incendiados ou transformados em garages ou ainda para outros serviços. Na Polonia, outrora centro de grandes sábios da religião hebréia o povo eleito é abominavelmente perseguido e por forma que a moral ou caridade não permite que se relate aqui. Ao entrar em Varsovia o exercito vencedor logo procuraram a autoridade maxima religiosa hebraica, o Daian, e o fusilaram em seguida! E entretanto era um bom. O nosso escritor Julio Dantas, num artigo memorável no Primeiro de janeiro, do Porto, logo que teve conhecimento desta fatalidade homenageou-o. E a par desta creatura quantas outras teem sido mortas? E se não mortas a quantas não tem sido aplicada a negra lei da esterilisação? Porquêtudo isto Exmo. Snr. ?

Segundo o relato de muitos infelizes que chegam a este canto abençoado na mais cruciante miséria, homens de todas as edades, alguns já de barbas brancas, mulheres e crianças — conheço uma criança que nasceu durante o êxodo da Belgica para Portugal — já não existem mais sinagogas em território francês. Isto leva-me a perguntar o que terá sucedido á grande Sinagoga portuguesa de Amsterdam, construída, como V. Rev. Sabe, por judeus oriundos do nosso Portugal e que d'aqui foram expulsos no seculo XVI, templo este que até há pouco ainda conservava o rito retintamente Sefardi ou português na sua liturgia.

Também em Espanha, a única Sinagoga que agora lá existia, em Barcelona, foi destruída depois de sobre os Livros de orações se terem conduzido pela maneira mais desgraçada. Os pobres dos hebreus ainda existentes no Marrocos hespanhol sofrem igualmente e segundo informes que me chegam da zona francesa também aqui não se passa bem.

E no meio de todo este negrume chegam ao nosso torrão bendito centenas e centenas destes desgraçados banidos das suas terras e o êxodo não conhece nem edades, nem sexos, nem categorias. Mas numa coisa eles estão em pé de

verdadeira igualdade. Na pobreza. Verdadeiros párias. Da Alemanha ou dos territórios ocupados por esta nação não saem já nem com a aliança de casamento. Tudo se lhes confisca a pretexto de não sei o quê. E para onde vão todos estes infelizes? Nos papeis que nos Consulados do Brazil exigem é precisa resposta pelos próprios ás perguntas: qual a religião que professa” e qual a raça a que pertence”. E se é hebreu não entra mais no Brasil!!!

E V. Exa Rev^a falava-me na sua penhorante dedicatória “A que Deus parece ter garantido na perseguição de seculos e seculos e condição do Triunfo”!

E tudo isto é verdadeiramente horrível. Tenho 44 anos de idade. Tenho, graças a Deus Bendito, família constituída. Tenho esposa e uma encantadora menina de 5 anos. Tenho mais, irmãos, sobrinhos, todos nascidos neste Portugal que Deus protegerá. São todos portugueses. Mas ás vezes as lagrimas rolam na minha cara ao constatar aqui que creanças tiveram que sahir das suas casinhas, de ao pé dos seus brinquedos, dos seus amiguinhos, que pobres senhoras se viram obrigadas a calcurrear quilómetros e quilómetros e quilómetros a fugir dos horrores duma perseguição anti-humana, que homens, alguns de barba branca, que levaram anos e anos a estudar como engenheiros, médicos, sacerdotes, químicos, enfim, homens de bem que prestaram relevantes serviços a essa sociedade, se vejam hoje obrigados a estender a mão á caridade...para comer. E pergunto, Exmo. Sr. se isto é o triunfo.

Perdõe V. Exa Rev. o meu desabafo.

Creia-me com elevado respeito e muita consideração. De V. Exa Rev. Ato. Rev e Rep. obd.

(Assinatura)

Moisés Israel

Lisboa e casa de V. Exa Rev.

Rua das Amoreiras 66, 2^a

Em 12.11.40.

Óscar de Pratt, em 9 de junho de 1926, agradece a oferta do vol. V das *Memórias* e das páginas "censuradas" e elogia-o⁴⁰⁷:

Recebi e agradeço com muito reconhecimento o vol. V das Memorias Arg. Historicas de Bragança.

É um trabalho interessantíssimo, revelador de muito estudo, muita proficiencia e muita dedicação — tres qualidades tão raras neste momento de crise.

Cá vou deliciando o espírito e instruindo-me com a sua leitura que até me proporciona fartos elementos para a minha especialidade. Felicito-me e felicito-o

⁴⁰⁷ MAB/FAAB-Doc. 2623.

muito cordealmente pelo seu importantíssimo trabalho que é mais uma pedrapara o monumento que anda levantando com tanto saber e carinho.

Disponha sempre do obscuro admirador e amigo que tanto aprecia o seu talento

De V. Exa.

Am.º m^{to}. Grato

Óscar de Pratt

(q. voltar)

Hoje, 12, recebi a sua carta e a nova oferta das 18 páginas da primeira impressão, das que reproduziram o original, e que por este facto teem grande valor. Muito e muito obrigado pela delicadeza da oferta. Notei, numa leitura sumária, que o censor se assustou com tanta isenção e hombridade de character. Belo cérebro e belo coração — os seus.

Pratt.

Observámos já, noutros contextos, a colaboração de Casimiro Henriques de Moraes Machado, que agora toma lugar central na informação sobre os judeus da comunidade judaica de Vilarinho dos Galegos. Em 9 de agosto de 1926, de Mogadouro, depois de ter remetido "Aristóteles", envia agora "Praga do Cavalão", acompanhado da "Reza da Páscoa", que conseguiu em Vilarinho dos Galegos, centro judaico em extinção⁴⁰⁸.

Outros informantes enviam bibliografia sobre o tema. Eduardo Montez, em 16 de agosto de 1933, do Porto, informa sobre a publicação acerca da vida e trabalhos de Jacob Rodrigues Pereira.

Azevedo Pires, em 30 de abril de 1934, de Lisboa, agradece pelo envio da obra sobre os "Judeus". Irá escrever uma notícia sobre a obra para publicar e enviar para a Palestina⁴⁰⁹.

Da biblioteca do seminário Israelita, J. S. da Silva Rosa, em 6 de agosto de 1934, envia fotografia do desenho do Dr. Isac Oróbio para o museu, existente na biblioteca do seminário e agradece o vol. sobre os judeus⁴¹⁰.

Francisco de Moura Coutinho, em 16 de junho de 1935, envia matéria para completar a obra sobre os judeus. Esclarece sobre mais um judeu brigantino, médico, Manuel

⁴⁰⁸ MAB/FAAB-Doc. 1984.

⁴⁰⁹ MAB/FAAB-Doc. 3822.

⁴¹⁰ MAB/FAAB-Doc. 2785.

António Henrique Totta. Tece considerações sobre a ligação genealógica dos judeus de Bragança com os Silva Mendes de Viseu⁴¹¹. Em 17 de janeiro de 1936, propõe-lhe que, para completar o trabalho sobre os judeus, escreva sobre a ação social e política dessas famílias, que foi notabilíssima⁴¹².

Investigadores sobre o tema vão enviando diversos dados da Torre do Tombo, mesmo após a publicação. Luís de Bivar Pimentel Guerra, em 13 de agosto de 1943, de Lisboa, diz que enviará umas notas colhidas na Torre do Tombo sobre os judeus e que existe o processo de inquisição referente a João de Sá, trombeteiro em Bragança. Agradece o vol. IX das *Memórias* que lhe entregou o Montanha, e diz ter enviado uma árvore do costado materno até ao séc. XV ao Dr. Montanha. Informa que anda a organizar a genealogia pelos processos do Santo Ofício, sobre Jacob Sarmento e alguns judeus em Bragança⁴¹³:

Rev. ^{mo} Sr. Abade de Baçal e presado mestre

Com os desejos de boa saúde junto lhe envio umas notas colhidas na Torre do Tombo e que segundo creio achará interessantes. Há dias que trabalho naquele arquivo no mare magnum que é a Secção dos Feitos Findos e até agora só estas notas me apareceram, dignas de lhe serem enviadas.

Tambem o posso informar de que no Proc.^o n. 3038 da Inquisição de Coimbra, referente ao X. II. João de Sá, há um depoimento referente ao tal trombeteiro que deixou viúva Agueda Roiz. Trata-se da denuncia feita pela referida Agueda Roiz x. n. viúva de João Piz X. V. trombeteiro de Brag. ^{ça}.

Há dias recebi do Sr. Furtado Montanha dois volumes (o IX e o X) das *Memórias* e a promessa do V quando aparecer, o que tudo devo aos bons officios de V.^a Rev.^a pelo que muito lhe agradeço.

Ao Sr. Montanha agradeci e enviei-lhe uma arvore do costado materno remontando até ao seculo XVI, elaborada pelos cadernos genealogicos de familias X.X.n.n. do nosso distrito e que ando a organizar (manuscritos) pelos processos do Santo Oficio, Inquisições de Lisbôa, Evora e Coimbra.

Calculo que ele seja pessoa desempoeirada de vistas que possa apreciar o referido trabalho sem fazer caso de maior com as costelas judaicas que, muitas vezes, mais enobrecem que as de certos nobres. São pelo menos mais certas e mais

⁴¹¹ MAB/FAAB-Doc. 1175.

⁴¹² MAB/FAAB-Doc. 1165.

⁴¹³ MAB/FAAB-Doc. 1378.

garantidas. Mas se me enganei peço à boa amizade de V.^a Rev. ^a que me desculpe e justifique as minhas boas intenções ao falar com aquele senhor.

Há anos, uma D. Maria dos Anjos Lima, prima do José Sá Pilão, senhora que conheci no Estoril apresentou-me um tal Jacob Sehababo que era judeu e rabinode Bragança o qual pretendia ver umas orações judaicas do século XVII que eu possuía entre as recordações de família. Pediu que lhas emprestasse para as fotografar e mandar a foto para Haia. O homem desapareceu e com ele as orações que alguns judeus de Lisboa me dizem ter, decerto, o heroi, vendido por bons florins p. ^a a Holanda.

Mas vamos ao caso. Que homem pretendia convencer-me das excelentes qualidades intelectuais (que na sua opinião) que eu tinha para me tornar rabino dos marranos em Lisboa e citava-me a cada passo o exemplo de um Montanha rabino em Bragança. Ri da ideia mas fiquei sempre desejoso por saber que Montanha era para lançar em dado biográfico na s/ genealogia. Pregunto: era o filho ou algum dos irmãos deste a quem escrevi? E agora para final, um pedido. Terá V. Rev. facilidade em apurar a genealogia do meu tio avô Conego Luis Augusto de Moura Guerra que deve figurar na sua habilitação de genere? Se for possível mto. grato lhe ficarei: Termino afirmando-lhe que tudo quanto de interesse eu encontre lhe enviarei a disponha sempre do seu admirador mto. Grato e amigo

Luis de Bivar Guerra⁴¹⁴.

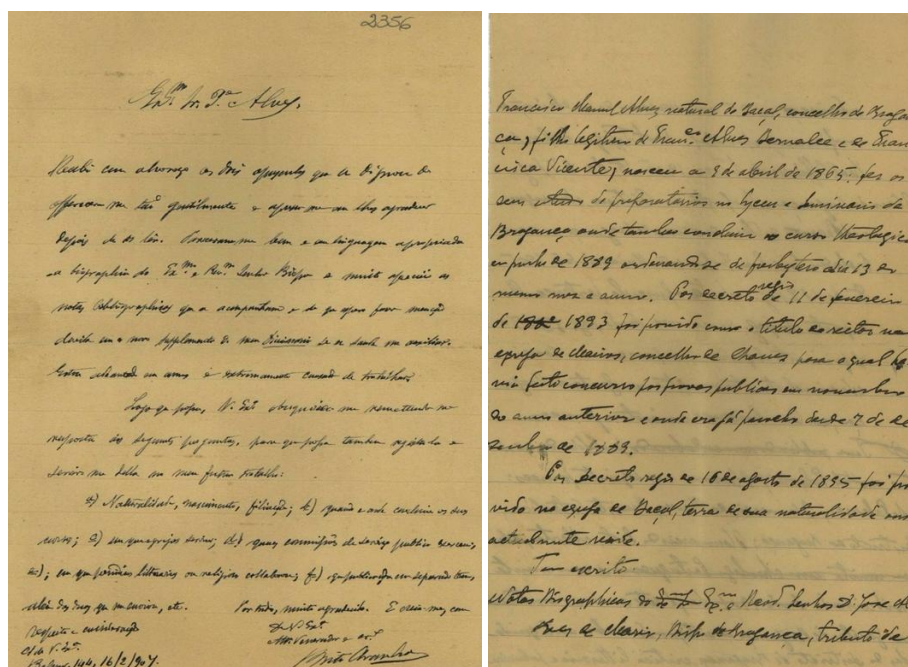
⁴¹⁴ MAB/FAAB-Doc. 1378.

7.3. Volumes VI e VII: Os Fidalgos e Os Notáveis

Luís Bivar Guerra terá sido a influência maior do Abade no método e conceitos na abordagem da genealogia e heráldica. Correspondeu-se com os grandes genealogistas da época. Teve também a preocupação de se munir das obras de referência na época sobre o assunto. Nas suas palavras, é à luz das novas abordagens, métodos e conceitos que o Abade escreveu sobre genealogia:

Este panorama, porém, seria injusto não o sublinhar, sofreu uma profunda alteração com os trabalhos de Anselmo Braamcamp Freire — nomeadamente a sua obra *Brasões da Sala de Sintra* —, onde se renovaram inteiramente os métodos e os conceitos, conferindo à genealogia e à heráldica um lugar destacado como ciências históricas. Infelizmente, porém, Braamcamp Freire não foi devidamente entendido pelos genealogistas posteriores. É certo que os nomes de Luís de Bivar Guerra, Eugénio da Cunha e Freitas, Marquês de São Payo, Marquês de Abrantes, Luís de Mello Vaz de São Payo, Vaz-Osório da Nóbrega e de alguns outros, nos remetem para trabalhos de grande qualidade e rigor e que honram a memória daquele Mestre; mas são ainda muitos aqueles que ainda agora continuam a perspectivar aquelas duas ciências em moldes já hoje inteiramente ultrapassados. (Pizarro, 2000, vol. VI, p. II)

Figura 65. Nota biográfica do Abade



biográficos e genealógicos. Neste tocante, os colegas sacerdotes continuam a exercer um papel de destaque.

Sobre o tema, o primeiro envio recenseado é do Pároco de Vale d'Asnes, em 22 de julho de 1908, remetendo dados sobre a biografia do Dr. Hipólito de Mirandela:

Hoje não vai timbrada com as armas da casa porque a virgem manifestou-me grande desgosto por te escrever em papel d'aquella natureza, que é destinado unica e exclusivamente às pessoas cujos corpos e almas ainda se não (?) (...) — Eu obediente procedi.

Hontem voltei a Mirandella para conseguir a auto-biographia do Dr. Olympio, mas nada pude conseguir porque o homem ainda vinha comodo ou commodamente sentado no seu vagon. Ainda tive a dita de ver passar o Cedão, mas não era propria a hora para me dirigir a sua Sr^a a inquerir ou antes exigir tantas coisas como desejas saber. Em taes condições encarreguei o Dr. João Pedro de Sousa de extrahir do homem todos os dados possíveis para a sua bio- bibliographia. (assim é que se chama ?). Portanto qualquer dia debes estar senhor de mais aquella figura do teu livro. — No dia dezaseis fui estar com o Figueira, como me dizias e espetei-lhe com a carta do parente⁴¹⁵.

Domingos Augusto de Miranda Ferreira Deusdado, em 15 de janeiro de 1908, de Angra do Heroísmo, envia dados genealógicos da sua família, abordando o financiamento das *Memórias* pelas Câmaras⁴¹⁶:

Envio-lhe uma relação referente a Miranda do Douro que foi publicada na minha Revista e que convem à sua obra, e com ela vão uns poemas que falam domeu nome. O grande Intendente M. el Glz. de Miranda era natural de Riofrio chamava-se Domingos de Miranda e era irmão de d. Maria de Miranda, minha trisavó pelo meu lado materno, d'onde vem o cryptonimo que eu uso Cavalleiro de Miranda, que são dois appellidos da minha linha materna. Vol XI de 1896 na pag. 168 da minha Revista peço-lhe que veja o artigo em mirandez: O cirurgião do Dr Abbade que era meu avô paterno, que inseriu dados interessantes da historia da região.

Tomando-lhe cada Camara do Districto 20 assignaturas já pode editar a sua obra. Mando-lhe inclusas mais umas notas de escriptores e fontes.

Angra 15-II.

Ex toto Corde

Manuel Ferreira.

⁴¹⁵ MAB/FAAB-Doc. 4169.

⁴¹⁶ MAB/FAAB-Doc. 1205.

Amigos, notáveis e fidalgos, enviavam agora os dados biográficos, genealógicos e heráldicos. Os seus e de conhecidos.

Ernesto Sales, também neste tema, exerce um papel de relevo. Envia-lhe os seus dados biográficos e ajuda-o na recolha de informações, fundamentalmente na área da Heráldica. Em 29 de fevereiro de 1908, de Lisboa, envia a sua informação genealógica e biográfica e diz que o Guerra, apesar do seu contacto, ainda não lhe remeteu a informação genealógica⁴¹⁷. Em 17 de outubro de 1914, pergunta se recebeu cópia do livro de Brasões do General M. Carvalho⁴¹⁸.

Por sua vez, Francisco de Moura Coutinho, em 9 de agosto de 1908, escreve sobre a família Figueiredo e a inscrição na Capela de Santa Maria. Indica a Carta de Brasão passada a Pedro de Figueiredo, em 1587, e remete apontamentos sobre a inscrição e Carta de Brasão, em 18 de abril de 1934.

Tece, depois, comentários sobre a ausência de alguns familiares nobres no vol. dos *Fidalgos*, e refere, a título de exemplo o Licenciado Francisco da Guerra Brandão⁴¹⁹. Em 2 de abril de 1935, envia apreciações sobre o escritor Manuel de Sousa Moreira, de Mogadouro⁴²⁰, autor de um livro precioso e raro de meados do séc. XVIII, com bonitas portadas, muitas estampas e retratos gravados por Giffart, e surpreende-o não o ter referido nas *Memórias*. Comunica-lhe que “anda com as genealogias Bragançanas às voltas. Terminou a família Ledesma e outras famílias judaicas que completariam o vol. V”.

O amigo Alfredo da Fonseca Menéres, em 25 de outubro de 1911, de Leça da Palmeira, envia dados biográficos e descreve a sua vida profissional como estudante⁴²¹:

Leça da Palmeira, 25 de Outubro de 1911

Meu prezado amigo:

⁴¹⁷ MAB/FAAB-Doc. 6.

⁴¹⁸ MAB/FAAB-Doc. 55.

⁴¹⁹ MAB/FAAB-Doc. 1164.

⁴²⁰ MAB/FAAB-Doc. 1171.

⁴²¹ MAB/FAAB-Doc. 792.

Tem sido tão amavel para comigo e tão paciente em aturar-me, que já me julgo com direito a dar-lhe este tratamento. Recebi; vi; e coloquei aqui na minha mesade trabalho, a sua photographia. Ahi vai o papa! O photographo é de ... Vizela!

Eu, não sei pelo que, não me presto a fazer pose, talvez questão de temperamento. Tirei o meu retrato, o ultimo, quando me cazei em 13 de maio de 1893, há bons 18 anos, com uma senhora que não me deu filhos, porque ha 15 annos soffre de epilepsia, algo attenuado com uns medicamentos que encontrei em Berlim, quando la estivemos ha 4 annos. Em julho de 1910, estando em Vizela a banhos, uns amigos apanharam-me n'um atelier photographico d'aquellas thermas a examinar uns trabalhos d'essa arte, e zás... forçaram-me a tirar o retrato. O photographo era fraco e a toilette não era a rigor — mas, verdade, verdade, eu entendo que o figurão não me favoreceu!

Eu era filho, o mais velho dos varões, de D. Maria da (?) Meneres, já fallecida, e de Clemente Menéres, casado em segundas núpcias com D. Antonia Candida d'Araujo Leite, filha do falecido Frederico Albino de Araujo Leite, que foi pharmaceutico em Mirandella, agente do Banco de Vila Real, e serviu, como substituto, de juiz de Direito n'aquella villa, por diversas vezes.

Nasci na freguesia de Miragaia, do Porto, em 29 de Agosto de 1866, portanto mais novo do que o meu amigo, cerca de anno e meio, o que sempre é alguma coisa em meu benefício!

Albano Ferreira Rodrigues de Almeida, em 1 de setembro de 1912, remete informações sobre genealogia e pedras de armas⁴²².

António Neto tece comentários sobre os *Notáveis*:

Primeiramente tenho por dever agradecer-lhe vivamente a oferta do último volume com que enriqueceu mais as letras bragançanas.

Não tenho dotes com que possa apreciar tão grande obra, de tam profundo Mestre!...

Pelas diferentes biografias, a leitura agrada e atrai (...)

Já tenho apontado as páginas que mais atenção, logo à primeira vista, me prestaram. São elas: —10, 16, 92, 100 (...)

Os diferentes caracteres das variantes figuras bragançana, torna os “Notáveis” um livro dos mais dignos de ocupar uma estante e de ser lido e relido.

Os brigantinos de destaque estão ali, em corpo e alma, descritos e vividos pela mão do mestre (...)

⁴²² MAB/FAAB-Doc. 2089.

Olhe Abade não precisa de orientações de ninguém, mas se pudesse incluir ahi o Moreno, Américo e Palmeiro, em Apêndice, num futuro volume! Para os "Fidalgos" também o fez, agora no final dos "Notáveis"!

É uma justiça a fazer e uma falta involuntária a reparar⁴²³.

Tinha colaborado, intensamente, na área da heráldica no vol. dos Fidalgos. No dia 1 de janeiro de 1926, envia pedra de armas de Tuizelo e Quirás e indica ter a de Vilar Seco⁴²⁴. Em 29 de julho de 1926, envia esboço de pedra de armas⁴²⁵. Em 3 de setembro de 1926, comunica que ainda não decifrou o brasão de Edral⁴²⁶.

Em 7 de setembro de 1931, agradece e elogia os "Notáveis". Sugere-lhe que, em apêndice no próximo vol. inclua o Moreno, Américo e Palmeiro⁴²⁷.

Alberto de Moraes Carvalho, em 7 de maio de 1914, de Pedrouços, lamenta não poder emprestar o livro "Brazão D'Armas de Manuel de Moraes Faria Antas da Silva", Cavaleiro da Ordem de Cristo⁴²⁸, remetendo, em 23 de maio de 1914, anotações sobre a cópia do livro.

Os historiadores, sabendo dos temas de estudo, solicitavam-lhe informações. José Augusto Ferreira, em 28 de novembro de 1919, de Vila do Conde, solicita *croqui* do brasão de D. Frei Aleixo de Miranda Henriques⁴²⁹.

⁴²³ MAB/FAAB-Doc. 2865.

⁴²⁴ MAB/FAAB-Doc. 2243.

⁴²⁵ MAB/FAAB-Doc. 2247.

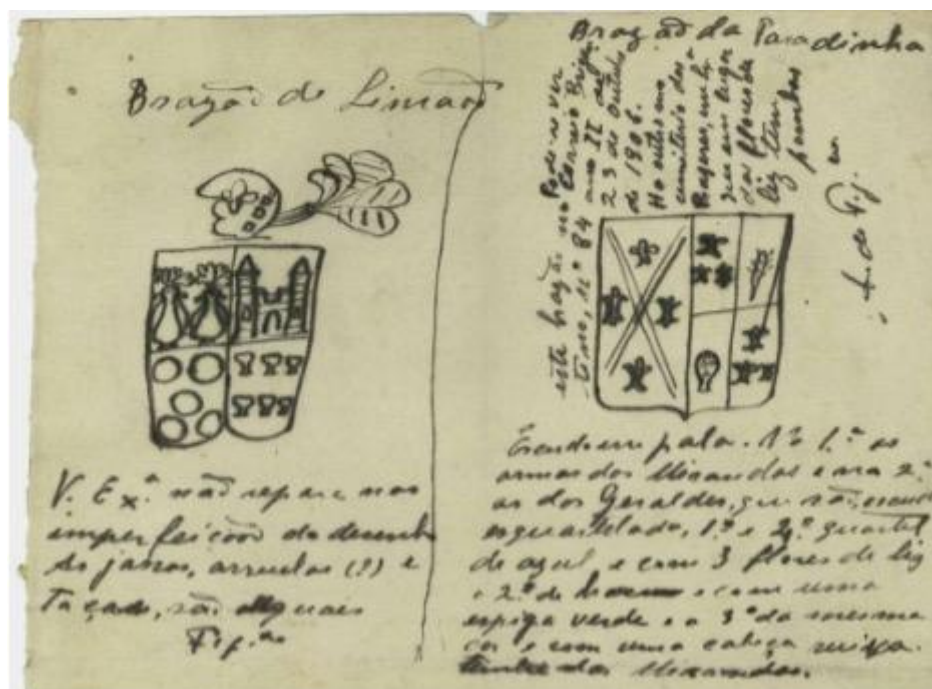
⁴²⁶ MAB/FAAB-Doc. 2252.

⁴²⁷ MAB/FAAB-Doc. 2865.

⁴²⁸ MAB/FAAB-Doc. 2769.

⁴²⁹ MAB/FAAB-Doc. 3556.

Figura 66. Desenho de brasões enviados na carta de António Henrique de Figueiredo Sarmento



Fonte: Museu do Abade de Baçal

António Henrique de Figueiredo Sarmento, em 29 de dezembro de 1921, de Vilar do Monte, envia brasões da família Sousa Freire Pimentel⁴³⁰. Em 21 de janeiro de 1922, encaminha cópia do brasão que pertence a Manuel Carlos de Figueiredo Sarmento e outro de Paradinha (Mirandês Gerales)⁴³¹. Em 4 de outubro de 1922, envia dados sobre o Dr. José Joaquim Pinto da Costa, Vigário Geral. Remete dados genealógicos e desenho do brasão dos Cortiços.

O Pe. Silvino Rodrigues Nóbrega, em 28 de maio de 1921, de Samaiões, agradece a remessa dos "Notáveis" com a dedicatória e elogia a obra.

Francisco Canavarro de Valadares, em 28 de junho de 1926, de Ribeira de Pena, envia informação genealógica sobre a sua família⁴³².

Correia Araújo agradece a inclusão nos *Notáveis*:

Meu querido Amigo:

⁴³⁰ MAB/FAAB-Doc. 835.

⁴³¹ MAB/FAAB-Doc. 831.

⁴³² MAB/FAAB-Doc. 1024.

Bem haja pela lembrança de incluir a minha obscura personagem nos seus luzentes annais.

Eu nasci em 1 de Janeiro de 1899. Nasci em Canelos, concelho da Régua. O H. Perdigão errou aquela data no dicionário, mas ressaltou-a no final da obra. O senhor abade poderá verificar essa emenda na pagina de erratas.

Meu pai chama-se António da Silva Correia. Minha mãe, já falecida, chama-se Maria Emília Augusta de Araujo Correia.

Fiz o liceu na escola Academica do Porto.

A minha biografia é chasca. Não tem accidentes que mereçam menção. Sou um homem vulgar.

Abraça-o

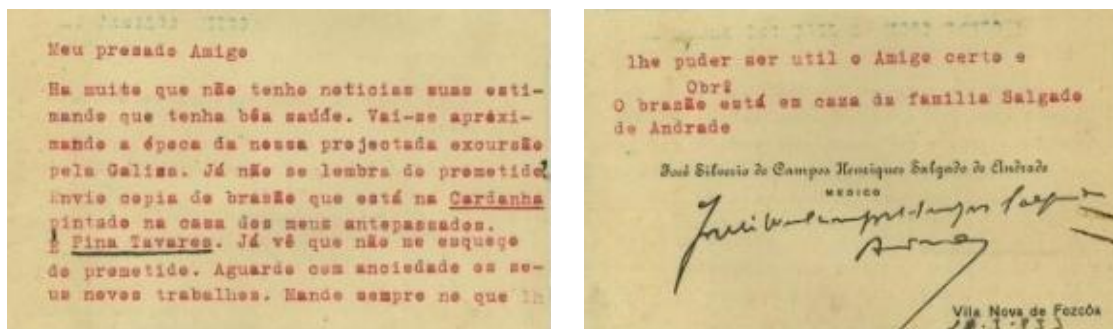
Amigo dedicado e agradecido

Régua 10-1-45⁴³³.

Afonso de Castro Monteiro, em 25 de abril de 1927, de Lisboa, solicita informação sobre os solares de Bragança⁴³⁴. Em 7 de maio de 1927, de Lisboa, solicita que contacte fotógrafo para tirar e enviar-lhe as imagens das casas brasonadas e pede informação da pertença de algumas dessas casas⁴³⁵.

José Miranda Lopes, em 18 de abril de 1927, transmite que em Argozelo só há uma casa com brasão⁴³⁶.

Figura 67. Carta de José Silvério Campos H. Andrade, 28 de março de 1933



⁴³³ MAB/FAAB-Doc. 1635.

⁴³⁴ MAB/FAAB-Doc. 3623.

⁴³⁵ MAB/FAAB-Doc. 4750.

⁴³⁶ MAB/FAAB-Doc. 1677.



Fonte: Museu do Abade de Baçal

José Silvério Campos H. Andrade, em 28 de março de 1933, de Vila Nova de Foz Côa, remete cópia do Brasão da Cardanha⁴³⁷. Em 27 de abril de 1933, remete notas sobre a pedra de armas da família Salgado, existente em Carviçais (Torre de Moncorvo)⁴³⁸. Em 23 de agosto de 1938, aponta uma gralha nos "Notáveis"⁴³⁹.

Alfredo Gonçalves de Azevedo, em 21 de setembro de 1933, de Arrifana, pede esclarecimentos sobre o brasão da sua terra⁴⁴⁰.

João Manuel de Morais Pessanha Vaz das Neves, em 14 de junho de 1934, de Lisboa, envia dados referentes ao brasão da família Pessanha Vaz das Neves⁴⁴¹. Em 5 de julho de 1934, de Lisboa, menciona o brasão do Morgado dos Cortiços⁴⁴².

Professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Hernâni Bastos Monteiro, em 28 de abril de 1934, do Porto, agradece os "Notáveis" e "No Arquivo de Simancas"⁴⁴³.

Clara Augusta Leite Antas, em 23 de novembro de 1939, envia o brasão da família do marido, Mendes Antas, e pede-lhe o favor de verificar se está correto para o mandar gravar num anel, que os filhos pretendem oferecer ao pai no dia de anos⁴⁴⁴.

⁴³⁷ MAB/FAAB-Doc. 2275

⁴³⁸ MAB/FAAB-Doc. 2395.

⁴³⁹ MAB/FAAB-Doc. 4278.

⁴⁴⁰ MAB/FAAB-Doc. 1259.

⁴⁴¹ MAB/FAAB-Doc. 822.

⁴⁴² MAB/FAAB-Doc. 823.

⁴⁴³ MAB/FAAB-Doc. 4634.

⁴⁴⁴ MAB/FAAB-Doc. 1610.

Maria Rita Calainho Morais Sarmiento, em 12 de maio de 1939, após a leitura dos “Notáveis”, lamenta a escassez de informação sobre a sua família⁴⁴⁵.

António Cardoso, de Saldonha, em 5 de maio de 1928, agradece o vol. VI das *Memórias* e aponta alguns lapsos nos “Fidalgos”⁴⁴⁶.

O Médico Abílio Adriano de Campos Monteiro, em 31 de maio de 1928, do Porto, tece considerações sobre o vol. VI das *Memórias*, que acabara de ler⁴⁴⁷.

O General Aires Osório de Aragão, em 15 de julho de 1928, de Guimarães, remete os dados biográficos da família da mulher, para nova edição de “Os Fidalgos”, se vier a existir, nomeadamente de António Lobo Silva⁴⁴⁸.

José António de Castro, em 17 de novembro de 1928, do Rio de Janeiro, acusa a receção do vol. “Os Fidalgos”. Transmite que leu a obra e ficou contente “que nas estevas e urzes de Bragança tivessem brotado tantos graúdos”. Elogia a obra do Abade: “Eu gosto da sua escola que é das verdades vivas, simples e espontânea. Conseguiu interessar o distrito pela sua história”⁴⁴⁹.

Artur Alberto Camacho Lopes Cardoso, em 28 de julho de 1928, de Lisboa, comunica que aguarda os dados da Câmara dos Deputados para lhe responder⁴⁵⁰.

Manuel José Alves Morais, em 21 de janeiro de 1929, do Porto, elogia a sua obra “Os Fidalgos” e envia informações sobre uma pedra de armas de Coelhoso⁴⁵¹.

Casimiro Henriques de Morais Machado, em 14 de março de 1929, envia a relação dos Brasões de Mogadouro e notas biográficas de José Joaquim de Oliveira⁴⁵².

⁴⁴⁵ MAB/FAAB-Doc. 599.

⁴⁴⁶ MAB/FAAB-Doc. 4381.

⁴⁴⁷ MAB/FAAB-Doc. 3620.

⁴⁴⁸ MAB/FAAB-Doc.2563.

⁴⁴⁹ MAB/FAAB-Doc. 47.

⁴⁵⁰ MAB/FAAB-Doc. 4539.

⁴⁵¹ MAB/FAAB-Doc. 4550.

⁴⁵² MAB/FAAB-Doc. 4500.

António Gonçalves, em 13 de maio de 1929, Torre de Moncorvo, remete dados sobre a casa brasonada de Vilarinho de Agrochão e dados biográficos de João Teixeira de Meneses Pimentel⁴⁵³.

Adolfo Augusto Baptista Ramires, em 6 de março de 1929, de Lisboa, envia-lhe "curriculum vitae pela estima que tem pela sua obra"⁴⁵⁴:

Exm^o Senhor

Escrevo tão mal, que vai á maquina esta carta.

Tomei em toda a consideração a sua carta, dado o alto espirito de regionalismo patrio da obra que está realizando, com alma afectiva e lucida inteligência. É obra de valorização fecunda, que servirá de lição a uns e de estímulo a outros, — porque o “passado” muito se aprende, e d’ele vem não poucas vezes o clarão que ilumina as virtudes que tivemos e nos mostra os êrros do “presente”.

Domina em V. Ex^a a velha alma portuguesa, que em régra só aparece quando o electrismo de uma grande emoção a desperta em actos de audácia, ás vezes infelizmente violenta, ou quando o amor á terra e o espirito religioso a sustentam e guiam. Se o exemplo de V. Ex^a. fosse em todas as províncias seguido, realizar-se-hia uma obra que na terra portuguesa seria notável como obra de valorização social.

Já em tempos o meu parente Felgueiras, que V. Ex^a conhece, me tinha transmitido os mesmos desejos em nome de V. Ex^a. Não me recordo do que então respondi, mas naturalmente recusei, porque sistematicamente assim tenho procedido sempre, nem mesmo dando para o “Anuário” do Instituto notado que tenho escripto, — porque o que valoriza alguém não é a extensão da obra, ou quantidade do que fez, mas o valor d’ela.

Recebendo agora a sua carta, e julgando compreender o elevado espirito que anima V. Ex.^a, invocando o interesse da região transmontana em que me orgulhede ter nascido, a razão que V. Ex.^a invoca impéra em mim, e, assim, junto lhe envio a nota que deseja para estabelecer o meu “curriculum vitae”.

Espero disponha de quem é com afectuosa e alta consideração

De V. Ex^a.

C^o. Mtt^o. Att^o. Vor e Obgd^o.

Lisbôa, em 6 de Março de 1920.

Adolpho Augusto Baptista Ramirez ⁴⁵⁵.

⁴⁵³ MAB/FAAB-Doc. 4495.

⁴⁵⁴ MAB/FAAB-Doc. 4359.

⁴⁵⁵ MAB/FAAB-Doc. 4359.

Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, em 16 de abril de 1929, do Porto, envia nota biográfica e a resposta ao inquérito⁴⁵⁶.

José Franco de Matos, em 26 de agosto de 1929, de Belmonte, envia informações sobre José Jorge⁴⁵⁷.

Frei João Penitente, em 6 de junho, de Vale de Asnes, transmite que não encontrou as informações que lhe pediu, não há fidalgos célebres em Vale de Asnes. Indica apenas que João Inácio Pimentel era escritor e escreveu uma obra de medicina. Escreve "Que isto de história é graça que não passa, embora eu esteja plenamente convencido que tu vaes fazer obra com o coração na mão. Todos os teus escriptos me revelam aquella tua feição"⁴⁵⁸.

A escrita dos notáveis e fidalgos trouxe ao autor alguns dissabores, fundamentalmente por aqueles que não foram aí incluídos, ou que consideraram que tiveram "parca" informação a seu respeito.

Numa carta anónima lê-se:

Ultimamente tenho-me entregado a leituras de que muito gosto e li o seu livro Fidalgos. Neste está muito que não devia estar, e devia estar o que não está.

Relancei a vista por essa Bragança e vi que as mais nobres famílias foram lançadas à margem. Porque não se fala nos Calhagus — Nos Raus — Nos Forcos

— Nos Ornelas (...) Todas estas famílias descendem de mui nobre e fidalga Abraim Canet, que no ano 70 de Cristo veio estabelecer (?) nesta Peninsula Ibérica. Queira remediar este esquecimento no proximo livro XI. Se V. Rec. Cia desejar mais as pedras de armas queira dizer as suas ordens. Conheço bem as suas descrições e origens.

De V. Re^{cia}

O Zé Ninguém⁴⁵⁹.

⁴⁵⁶ MAB/FAAB-Doc. 4358.

⁴⁵⁷ MAB/FAAB-Doc. 4545.

⁴⁵⁸ MAB/FAAB-Doc. 4709.

⁴⁵⁹ MAB/FAAB-Doc. 2761.

Figura 68. Envelope com notas manuscritas pelo Abade



O Pe. Adérito Pimentel, do Lombo, encaminha notas biográficas de José Marcelino⁴⁶⁰:

Prezado Collega e Amigo

Porr... Robs! Como o Pe. João dizia ao Aderito.

Agora entoando á moda do Pe. João — Este diabo não larga os pobres curas com pedidos de esclarecimentos, de paus, pedras, meninos, meninas, santos e santas da corte celestial. Ande lá Aderito responda a isso se sabe, houve...

Bom vamos ao assumpto, da carta do meu amigo.

Folheei os livros de registo dos baptismos e não fui capaz de achar o tal J.é Marcellino da Rocha Cabral. Porem como agora trago um trabalho entre mãos que me absorve bastante tempo, logo que possa farei nova revisão dos livros.

Os dados que posso dar são os seguintes:

José Marcellino da Rocha Cabral envolveu-se na política do Brazil (...).

António Augusto Esteves Mendes Correia, em 6 de maio de 1930, de Lisboa, envia os seus dados biográficos⁴⁶¹.

António Manuel Martins, no dia 31 de janeiro de 1930, de Freixo de Espada à Cinta informa-o que o administrador Alfredo Guerra, finalmente, irá mandar tecer a colcha de seda para oferecer ao museu. Não o fez antes porque a família tinha ficado melindrada por imprecisões do Abade publicadas nas *Memórias*, acerca da sua família. Como tiveram conhecimento que ia retificar, enviará a colcha.

⁴⁶⁰ MAB/FAAB-Doc. 2555.

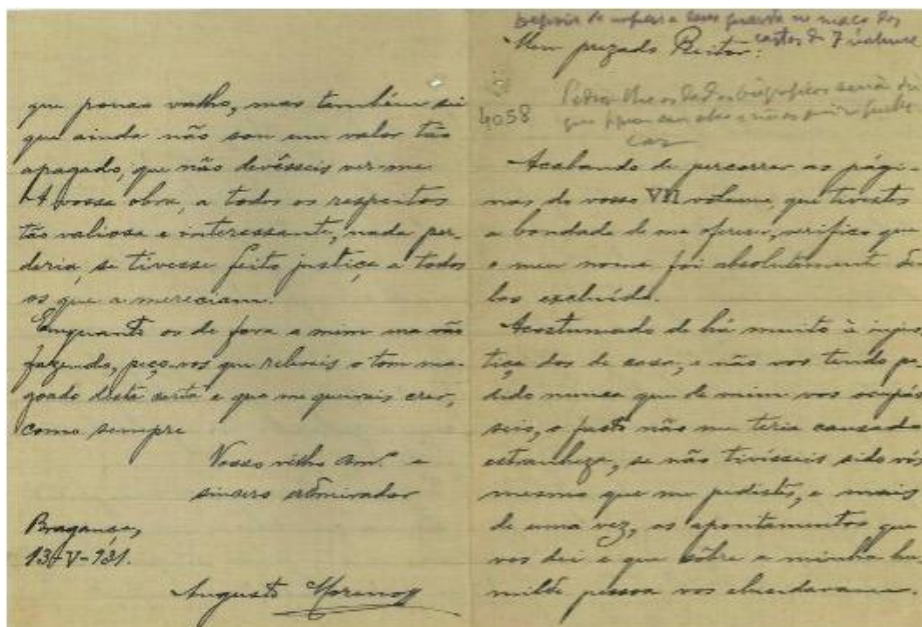
⁴⁶¹ MAB/FAAB-Doc. 4537.

Senhor Abade

Cá neste canto, quasi esquecido do mundo já nem me lembrava de lhe escrever. Graças aos fortes ventos de hoje que parecendo quererem destruir tudo, me despertaram tal lembrança. Agora uma noticia agradavel. O administrador Alfredo Guerra, anda todo entusiasmado com a sua colcha de sêda. Já comprou um tear. Agora andam a tecer uns tapetes, depois querem tecer uma colcha paracama, de linho ou outra coisa qualquer, e logo em seguida a de sêda para o museu. Deve esta demorar um mez ou mez e meio o maximo. Sabe a razão porque eles a não tinham arranjado já? Foi porque o Alfredo Guerra, seu irmão Dr. Manuel Guerra e mais familia, aliáz pessoas de grande prestígio cá na terra, estavam escamadíssimos, pelo facto de o Sr. ter dito num dos volumes das suas obras, que um tal medico da sua família a quem estimavam muito, pelas suas grandes qualidades tanto intellectuais como morais, que tinha abandonado Freixo por ocasião duma grande epidemia. Ora dizem eles que, saíu é certo, mas com a devida licença, dando-se o caso de nessa mesma ocasião adoecer gravemente uma pessoa de familia, a quem teve que ir visitar, e tão gravemente que essa pessoa morreu passados poucos dias. Ora eu quero crer que assim fosse, por me parecer que estas pessoas são incapazes de dizer uma coisa por outra, e sobretudo o Sr. Dr. Manuel Guerra, em quem eu tenho as mais intimas relações.

Agora como lhe constou que ia fazer uma retificação, estão já contentes, por isso tratam já da colcha. O administrador Alfredo Guerra, diz que lhe vai escrever brevemente⁴⁶².

Figura 69. Carta de Augusto Moreno, 13 de maio de 1931



Fonte: Museu do Abade de Baçal

⁴⁶² MAB/FAAB-Doc. 2543.

A situação de Augusto Moreno terá sido das que mais o terá constrangido. Em 15 de maio de 1931, de Bragança, expressa o seu desagrado por não o ter incluído no volume VII das *Memórias* “os Notáveis”:

Meu prezado Reitor:

Acabando de percorrer as páginas do vosso VII volume, que tivestes a bondade de me oferecer, verifico que o meu nome foi absolutamente delas excluído.

Acostumado de há muito à injustiça da casa, e não vos tendo pedido nunca que de mim vos ocupásseis, o facto não me teria causado estranheza, se não tivésseis sido vós mesmos que me pedistes, e mais de uma vez, os apontamentos que vos dei e que sobre a minha humilde pessoa vos elucidavam.

Razões teríeis, supervinientes, para a omissão. Quais? Sabei-las vós. Eu não as conheço. E desadorando tudo o que é falso, até a falsa modéstia, não quero deixar de vos dizer, com mágoa, que a exclusão a considero inteiramente injusta.

Se a plana de intelectual e de homem razoavelmente culto em que tôda a gente me tem não bastasse para me dar jus à vossa atenção de investigador, nada mais me deveria ser preciso para me dar direito a não ser esquecido do que as obras que já publiquei e que eram do vosso conhecimento. O “Dicionário Popular” por exemplo, corre publicado desde 1920, e conta já 6 ou 7 edições.

Também “O Português Popular” tem logrado ser visto e aplaudido, tanto cá como no Brasil. E êsse 2.º volumezinho que vos ofereci bastará a provar-vos, se tiverdes vagar de o ler, que outra devia ser a consideração que devia merecer-vos a benemerência de um homem que pela pureza do idioma pátrio tem pugnado com a galhardia com que eu o tenho feito.

Enfim... Não me queixo nem protesto. Peço-vos que deis às minhas palavras a sua justa interpretação. Nunca fui um vaidoso insofrido. Sei que pouco valho, mas também sei que ainda não sou um valor tão apagado, que não devêsseis ver-me.

A vossa obra, a todos os respeitos tão valiosa e interessante, nada perderia, se tivesse feito justiça a todos os que mereciam.

Enquanto os de fora a mim ma vão fazendo, peço-vos que releveis o tom magoadado desta carta e que me queirais crer, como sempre

Vosso vélho am.º e sincero admirador Bragança,

13-V-1931

Augusto Moreno⁴⁶³.

⁴⁶³ MAB/FAAB-Doc. 4058.

Escrito a lápis pelo Abade na primeira página, consta: “Depois de cumprir o dever guardo no maço das cartas do VII volume Pedir-lhe os dados biográficos senão diz que fiquei com eles e não os quiz publicar”.

Augusto Moreno, em 19 de maio de 1931, agradece as explicações dadas pelo Abade, que o satisfizeram, quanto ao esquecimento de o ter incluído nas *Memórias*⁴⁶⁴:

Meu caro Reitor:

Do coração vos agradeço as explicações da vossa atenciosa carta, e que plenamente me satisfazem.

Eu nunca podia lembrar-me de propósitos desprimorosos: a omissão só podia atribuí-la a esquecimento. Mas êsse mesmo seria mentir-vos dizer-vos que não me doía. — Ainda bem que tudo se pode remediar. Ouvi, porém: agora, que tudo está explicado, não vos preocupeis muito com o caso. — É claro que é motivo de desvanecimento meu entrar também numa obra como a vossa — uma obra que ficará. — Mas, se por qualquer motivo puder causar-vos transtôrno a apostila a meu respeito, pronto! Resigno-me: a mim bastame a certeza de que me honrais com a vossa amizade.

Às vezes é pena que não tenhamos vagar ou modo de conversarmos com mais demora. — No tocante à minha Lagoaça, podia ter-vos dado informações mais seguras que a que vos deram (...)

— Se vos fôr possível, não deixeis de dedicar umas linhas à memória do Pe. Sardinha — M. el Joaquim Sardinha, se me não engano. — Conheci-o pároco de Ifanes, Miranda. Era tão modesto quanto alto espírito. Mostrou-me poesias de uma absoluta perfeição e beleza, e que o Guerra Junqueiro, que muito o considerava, lhe encareceu com entusiasmo. Decerto se perderam, e foi uma verdadeira pena. Não imaginais! Nunca vi coisa tão alta e perfeita nem no próprio Junqueiro! Arrepelo-me de lhe não ter pedido cópia das que me mostrou! Águia de remontado voo aquele espírito! Não o conheceste?

— Estou-vos a tomar tempo precioso.

Adeus. Crede-me afectuosamente

Velho e ded.º am.º

E grande admirador

Bragança, 19-V-931

Augusto Moreno.

⁴⁶⁴ MAB/FAAB-Doc. 4056B.

O Abade retifica o engano e no vol. VIII das *Memórias*, na p. 428, escreve: “A biobibliografia deste nosso ilustre conterrâneo deixou de sair no tomo VII destas *Memórias* devido a salto na composição, que nos passou despercebido e que muito lamentamos”.

Augusto Moreno agradece a concretização da retificação:

Meu Ex.^{mo} e Prezado Amigo:

Lido de fio a pavio o Tomo VIII das vossas inestimáveis Memórias Arqueológico-Históricas, venho agradecer-vos muito do coração as boas palavras da notícia que lá me dedicastes, e não menos as tão gentis e penhorantes que a vossa generosidade quiz endereçar-me na dedicatória.

Bem hajais por tudo, e muito.

Sôbre o valor do vosso trabalho, outros mais competentes do que eu saberão dizer, pois não passo de um leigo em assuntos de Arqueologia e História. Mas assim mesmo, em face de Obra assim, nem os próprios leigos, desde que saibam ler, podem menos que ficar assombrados!

É realmente de assombro e pasmo a impressão com que se fica em presença do vosso labor, em que se não sabe o que é que vale mais, se a riqueza omnímota da documentação tão bem discriminada e tão felizmente descoberta, se a exuberância das informações etnográficas, tão interessantes e tão características.

Dentro da modéstia que tanto realça o vosso valor, há um orgulho que fica beme que podeis ter: o orgulho da vossa Obra, que fica, que tem de ficar, como um padrão imorredoiro erguido à glória do distrito e à glória do vosso nome.

Eu também tenho êsse orgulho de vós, e o de vos ter por amigo e por conterrâneo.

Sei que o credes e que me credes muito

Vosso amigo e devotado admirador

V/C Bragança

16-12-1932.

Augusto Moreno⁴⁶⁵.

Francisco de Moura Coutinho, em 18 de abril de 1934, de Braga, escreve-lhe sobre a ausência de alguns familiares nobres no vol. dos *Fidalgos*, como por exemplo, o Licenciado Francisco da Guerra Brandão⁴⁶⁶.

⁴⁶⁵ MAB/FAAB-Doc. 3686.

⁴⁶⁶ MAB/FAAB-Doc. 1164.

Bom Abade e Amigo

Apezar de vélho e doente ainda não larguei de todo o gosto pelos livros e pelas investigações, e assim, de quando em vez, passam-me pela vista coisas varias que dizem respeito ao vosso districto. A mais das vezes não vos digo nada, porque presumo que de todo estais ao fato num ponto e que só uma crassa novidade vos poderia dár, no entanto verdade é que um homem como vós, auctor da mais poderosa investigação regional que a tem feito no paiz, qualquer noticia, por insignificante que seja, vos deve interessar.

Aí vai o que me leva a este arzoado: não vejo no vosso livro — “Fidalgos” a citação de uma familia nóbre de Bragança — Guerreiros — que aí, em tempos idos, teve nome e consideração. É no titulo dessa família, que encontrei: num nobiliario de nome, que encontrei referencia a bragançano ilustre, porque o foi, que tambem não vejo citado no outro vosso livro “Notaveis” e que, a meu vêr, bem melhor o merecia que outros, a principiar por mim...

Trata-se do licenciado, nado em Bragança, Francisco da Guerra Brandão, filho de Diogo Guerreiro e de sua 1ª mulher Inez da Guerra.

Já sabeis da existencia de tal figurado?

Interessa-vos a noticia genealogica da familia e os dados p.^a a biografia do licenciado?

Se assim fôr, em me sendo possivel vos remeterei isso. Dizei.

Ha dias encontrei tambem uns dados interessantes sobre a origem dos Sepulvedas, que eram daqui; e que um investigador da terra deixou com m.^{tas} outras curiosíssimas noticias.

Ha tempos tive de me interessar com os (?), ou Pontes, dos quais alguns foram de Bragança pessoas de vulto, não me foi possível completar ainda o trabalho, pois que nos vossos livros não encontro noticias genealogicas q. o façam e, do que aí colhi, ha m.^{tas} falhas.

Um estreito abraço sempre e sempre sinceramente amigo e grato

Braga

18-VI-34

Francisco Coutinho

Apesar de termos registos de descontentamento sobre a história pessoal que o Abade tinha produzido, muitos são os que agradecem e se sentem muito reconhecidos por terem sido incluídos, respetivamente, nos vols. VI e VII. Beatriz Arnaut, em 14 de maio de

1931, de Lisboa, agradece, "enterneçada", a oferta dos "Notáveis" e a ter incluído na obra⁴⁶⁷.

Francisco de Barros Ferreira Cabral Teixeira Homem, em 25 de maio de 1931, de Chaves, enaltece e agradece o envio dos "Notáveis"⁴⁶⁸.

Pe. António Alberto Gonçalves, em 25 de julho de 1931, de Sintra, elogia o vol. VII dos "Notáveis"⁴⁶⁹.

Henrique Fernandes Tavares, da Figueira da Foz, agradece por ter inserido o seu nome nos "Notáveis"⁴⁷⁰.

Manuel Múrias, de Lisboa, remete dados biográficos⁴⁷¹.

O Pe. José Saavedra, em 12 de abril de 1940, envia os seus dados biográficos⁴⁷².

O Prof. Paulo Quintela escreve:

Coimbra, 14 de Abril de 1945.

Senhor Abade de Baçal e meu Excelentíssimo Amigo:

Estou-lhe muito agradecido pela sua carta de 9 dêste mês a que só hoje me é possível responder. Queira perdoar-me! — Muito bem haja por querer incluir-me no XI vol. das suas Memórias, honra a que não sei por que motivo, que não seja a sua bem-querença, tenha direito. Mas, já que assim deseja, aí vai o que pede.

Após descrever a sua biografia, termina:

E foi tudo o que a cepa deu até hoje...

Desejo-lhe, meu querido Amigo, a melhor saúde, e acompanho-o de todo o coração nos seus votos de Paz para todo o mundo.

Muito cordialmente,

Seu amigo muito grato e grande admirador Paulo Quintela

P. S. Quero acrescentar expressamente o q o Sr. Abade já sabe: — Na minha educação literária fui desde menino orientado pelo meu Padrinho — O meu irmão António — Sem essa orientação, que definitivamente me firmou no amor da

⁴⁶⁷ MAB/FAAB-Doc. 4874.

⁴⁶⁸ MAB/FAAB-Doc. 647.

⁴⁶⁹ MAB/FAAB-Doc. 2809.

⁴⁷⁰ MAB/FAAB-Doc. 262.

⁴⁷¹ MAB/FAAB-Doc. 4525.

⁴⁷² MAB/FAAB-Doc. 2927.

leitura e da poesia, nada teria sido neste mundo. Faz-me sempre bem lembrar isto, juntamente com a recordação dos enormes sacrifícios que os meus queridos Pais e os meus irmãos fizeram sempre por mim.

Sempre seu Paulo Quintela⁴⁷³.

⁴⁷³ MAB/FAAB-Doc. 1857.

7.4. Volumes IX, X e XI: A Arqueologia

Figura 70. Desenho da epígrafe de Picote, enviada por José Cardoso



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Captar o ambiente científico característico de uma época pressupõe que não se considere apenas um conjunto limitado de atores, mas sim a diversidade de personagens que contribuíram, neste caso, para a sucessiva institucionalização da Arqueologia e para a implementação e crescimento dos museus de arqueologia em Portugal. Esse desiderato pode ser, de algum modo, alcançado no epistolário estudado, ao conferir visibilidade a atores e coleções até agora não mencionados ou que têm sido secundarizados, evidenciando como a construção do conhecimento arqueológico decorre da natureza inter-relacionada de um conjunto de pessoas.

Não cabe nesta tese o desenvolvimento aprofundado deste tema, contudo, é importante dar-lhe algum realce, dado o elevado número de documentos analisados que a ele se reportam.

No tocante à Arqueologia, os informantes e os doadores exercem um papel central na obra escrita do Abade (fundamentalmente nas *Memórias*) e na obra material (com destaque para o atual Museu do Abade de Baçal). Já referimos que o Abade ia

publicando a lista com os nomes dos beneméritos nas *Memórias* e na imprensa; era assim a forma de envolver a comunidade na investigação histórica e na criação do museu.

Para além dos materiais reunidos por meio de inquéritos orais, o Abade recorria aos “recrutas” para obter a informação, como, por exemplo, o Tenente João José Vaz de Moraes Abreu Sarmento e o Major José Teixeira. Este oficial, oriundo do concelho de Macedo de Cavaleiros, começou a interessar-se pela arqueologia a partir do achado de uma cista numa propriedade sua. Tornou-se um dos assíduos e dedicados colaboradores do Abade, acompanhando-o em excursões arqueológicas (Alves, 2000, vol. IX, p. 650).

As primeiras incursões do Abade na Arqueologia não teriam sido fáceis, como ele nos materializa na minuta da carta escrita a Correia de Araújo. No início consideravam-no louco quando o viam pelos campos.

As escavações não o teriam tentado, apesar de ter acompanhado com interesse, nos anos oitenta, os trabalhos de José Henriques Pinheiro. Sabemos que nessa época não existia grande preocupação pela interpretação dos registos arqueológicos. As escavações faziam-se sobretudo para encontrar artefactos para os museus e coleções particulares. A única escavação que diz ter realizado, foi numas cavidades no termo de Sacoias, por volta de 1900 (Campos, 2016-2017, pp. 95-100).

Como aludimos, o epistolário dá-nos a conhecer um conjunto de atores que permaneceram na margem da historiografia e revela-nos, igualmente, elementos importantes para um melhor conhecimento das coleções históricas que se preservam nos museus, locais para onde eram enviados os achados. Simples cidadãos interessados pela Arqueologia colecionavam e identificavam objetos, davam informações e ofereciam ou vendiam os objetos aos museus.

É fundamentalmente nos vols. IX, X e XI das *Memórias* que os materiais sobre Arqueologia são publicados, na época em que o Abade alcançara já definitivamente a consagração.

Nesse tocante, Artur Coelho, de Lisboa, escreve:

Recebi o IX volume das preciosíssimas suas “Memórias Arqueológicas”, e muito penhorado agradeço o oferecimento que V. Ex.^{cia} teve a bondade de me fazer.

Se é possível distinguir de entre os volumes já publicados este é dos mais interessantes e foi lido desde um sábado á noite e segunda de manhã (a 1ª vez, porque hei de lê-lo mais vezes, como já o fiz aos outros). Muito obrigado pela inclusão do meu humilde nome, como ofertante do tecto que estava no Asilo, e que o falecido coronel dizia que havia de sair do lugar onde estava quando o castelo se mudasse p.a o Forte de S. João de Deus. Afinal o Castelo ficou no mesmo lugar, e o tecto foi p.a onde devia ir e tudo acabou em bem, ficando êsse preciosíssimo objecto livre de novas pintadelas estúpidas e de furos selvagens, como sofreu. Se, por acaso, eu tivesse sido aí governador efectivo garanto a V. Ex.^{cia} que o Museu havia de ter recebido mais coisas, sem receio das maldições do Diegues. Não pude porque onde está galo não canta galinha⁴⁷⁴ (...).

Por vezes, as ofertas das peças arqueológicas originavam algumas suscetibilidades. Gilberto Beça de Aragão, em 4 de junho de 1914, de Vinhais, envia comentários ao artigo que o Abade publicou no *Notícias de Bragança*, a agradecer a oferta de objetos arqueológicos:

Perdoe V. Ex. que eu, apesar de não ter a honra de pessoalmente o conhecer, o venha a incomodar, tomando-lhe o seu precioso tempo, mas, como representante d'um nome que muito prezo, não posso deixar de lhe enviar uma correção ao seu artigo publicado em o "Noticias de Bragança" de 7 de maio do corrente anno, referente ao espolio d'um membro da minha Familia.

Não foram só os herdeiros da D. Eugenia Leitão Bandeira, foram, tambem, os herdeiros do meu tio Celestino Beça que ficaram possuidores dos objectos archeologicos que elle, com tanto entusiasmo, reuniu.

De resto, um conjunto de curiosas antiguidades foi arranjado com perfiado trabalho por esse saudoso Tio e por isso, naturalmente, pelo menos — permita-me a apreensão, pertence aos seus sobrinhos, e sua Familia.

Eu bem sei que, visto não ter havido escriptura de separação de bens entre elle e sua esposa D. Eugenia, hoje esses objectos serão repartidos pelos herdeiros d'ambos, mas metade d'elles pertence aos herdeiros de Celestino Beça — suas sobrinhas Annita, Maria Branca de Lourdes, Adriana e Judite Beça — que, com a maior satisfação concordaram no offerecimento d'elles ao Museu Bragançano.

Deixe por isso V. Ex. que eu tenha também a vã vaidade de reivindicar para os meus a parte que lhes cabe no oferecimento⁴⁷⁵.

Muitas das peças foram enviadas para o Museu Etnológico e para o Museu Municipal do Porto.

⁴⁷⁴ MAB/FAAB-Doc. 794.

⁴⁷⁵ MAB/FAAB-Doc. 3616.

Leite de Vasconcelos acompanhava com toda a atenção os achados arqueológicos da região, dado o interesse que tinha nas peças para o Museu Etnológico. Motivava o Abade para proceder à publicação desses achados, conseguindo assim a sua divulgação e o controlo dos achados concretizados na região. São inúmeros os documentos epistolares que refletem esse interesse, por vezes, aconselhando-o na forma como devia proceder à edição:

Felicitó a V. E. pelo seu achado. Parece-me útil que V. E. o torne conhecido do público, — conservando a orthographia dos originais, ou fazendo apenas leves modificações, se isso fôr necessario por não haver os caracteres na imprensa, mas declarando em que consistem as modificações, pois é sempre preciso que o leitor tenha deante dos olhos o texto fielmente.

Talvez V. E. possa publicar isso no Instituto de Coimbra, embora aqui leve muito tempo. O melhor seria publicar tudo em folhetim de qualquer dos jornais de Bragança que sairá mais vezes. Depois de tudo assim publicado, poderia organizar um volume.

Muito agradeço as novas versões de romances que me promete, e estou ansioso por elles⁴⁷⁶.

Numa outra missiva, indica como proceder para a lápide de Chaves dar entrada no Museu Etnológico. Aconselha-o a não demonstrar demasiado interesse, para não elevarem em demasia o preço, e a lidar com cautela com os opositores. Revela-se assim um negociador nato e com experiência.

Em 10 de janeiro de 1907, escreve novamente sobre esse assunto:

Fico em novas ansias a respeito das lapides de Chaves. As lapides d'esses sítios são sempre importantes, pque tem nomes barbaros. Mas V. E. não encareça isto para lá, senão elles tomam o encarecimento scientifico e encarecimento pecuniário, e não consegue nada depois. Se V. E. tem lá, como deduzo do seu bilhete, pessoas competentes, ataque fortemente. É de recear que o Dr. Liberal Sampaio intervenha, impedindo, como já uma vez interveio, não podendo eu alcançar p isso uma pedra que desejava.

À de Aerno, se se conseguir, deve vir imediatamente, a ver se eu ainda posso referir-me á aquisição da pedra no capitulo, já em provas typographicas, do vol.III das Religiões.

Tenho por cá números AVULSOS de revistas históricas e archeologicass (Boletim da Academia de Hist. de Madrid, Boletim da Soc. Archeolog. de Barcelona, Rev. de

⁴⁷⁶ MAB/FAAB-Doc. 4932.

Guimarães, Boletim da Soc. de Geogr.; O Instituto, e outras francesas etc.) Como V. E. é pessoa estudiosa, e nesses sitios faltam bibliothecas, posso repartircom V. E. estes n. ^{os}, como já tenho repartido com outros, pois são para mim repetidos. V. E. me dirá se os quer. Não sei se V. E. tem do começo o Archeologo; se não tem, posso enviar-lhe a colleção completa.

Leite de Vasconcelos⁴⁷⁷.

O Abade continua a presentear o amigo. Este, por sua vez, dá-lhe indicações para o transporte e acondicionamento (caixas, e peças envoltas em papéis e palhas). Em 19 de fevereiro de 1907, escreve:

Bibl. Nac. 19.II.907

Ex. Am. e Sr. Abbade

Mt. contente fiquei com a noticia q. me deu de que vae mandar-me insc. lapidares, cerâmica ornamentada etc. Rogo o favor de acondicionar tudo mt. bem, com papeis q. envolvam os obj. e palhas por fôra d'elles, tudo em caixas. Agora tem o comboio ahi, o que facilita o transporte. Seria bom, porém, avisar-me com alg. antecedência, para prevenção aos chefes a fim de as mandarem comcuidado. O endereço deve ser, não o meu nome, mas: Museu Ethnologico Português, Belem (Lisboa). Claro está que farei todas as despesas de transporte.

Seria mt. interessante que V. E. me enviasse os artigos referentes aos objectos p. cá publicados no Archeologo, aos que juntarei as respectivas estampas⁴⁷⁸.

Em 26 de julho de 1907 agradece o bilhete, dizendo não ter respondido logo, porque esteve doente. Expressa que se a mó for boa serve para o museu, por ter pouca coisa de Trás-os-Montes. Esteve em Bragança duas vezes, mas tem o desejo de voltar e ir a Miranda do Douro. Seria a sua última viagem, ao ter tanto material recolhido que precisa da vida toda para o estudar e publicar⁴⁷⁹.

Finalmente, em 16 de agosto do mesmo ano, chegava o desejado caixote com os objetos:

Bib. N.al

16.VIII.907

Chegou hoje o caixote com os objectos, que muito apreciei. O machadinho e o cavalinho são deliciosos. Tem V. E. toda a razão é considerar a haste furada como

⁴⁷⁷ MAB/FAAB-Doc. 4944.

⁴⁷⁸ MAB/FAAB-Doc. 4940.

⁴⁷⁹ MAB/FAAB-Doc. 4942.

alfinete ou fusilhão de fibula. A conta é que talvez seja cassoiro, e nessa conformidade emendei, no artigo, como V. E. me autorizou. Gostei do artigo. Vejo que V. E. estuda com toda a atenção. Ora é exactamente do q. nós mais precisamos é de quem estude as cousas a serio e com atenção. Muitos parabens.

Todos os objectos foram já inscritos no livro das entradas e postos no mostrador com o nome de V. E. como offerente, na secção de antiguidades de Tras-os-Montes (epoca dos castros).

Quando V. E. remetter mais alg objecto, escusa de pagar; bem basta a generosidade da dádiva.

Entendo que o artigo deve ir acompanhado de estampas. Vou mandar fazer as dos objectos que vieram. Não poderá mandar as de objectos que ahi ficaram (machado, pesos)? . Ficava assim o artigo mais ornamentado.

Vejo do seu interessante artigo que ha ahi 3 fragmentos de lapides (...) Ó Sr. Reitor: não seria possivel obter para o Museu todos estes três fragmentos? Eu faria a despesa de construção, substituição e condução. Embora sejam fragmentos, bem os desejava, por ter poucas cousas de Tras-os-Montes⁴⁸⁰.

Ainda em 1907, em novembro, expressa os receios quanto à não concretização da entrega de algumas inscrições romanas:

16. XI. 907

A carta de V. E. deixou-me verdadeiramente sobressaltado pela noticia, já em geral, já em particular. Em geral, pque tomo a peito qualquer inscripç. romana, principalmente do Norte, que ainda está modestamente representado no Museu, e o meu empenho é augmentar cada vez mais a colleção. Em especial, pque — curiosa coincidencia! — hoje mesmo começo o capitulo do vol. III das Religiões em que me ocupo dos deuses pre-romanosdos, isto é, em que resumo o assunto que tratei no vol. II, — e ahi tenho de tornar a fallar de Aernus. Não me largue o assunto da mão, e guarde segredo compatívelcom elle, senão surgem logo dificuldades. Eu faço qualquer despesa q. seja preciso fazer com encaixotamento, transporte etc. mais a mais tem agora comboio em Macedo. Tomára eu cá a inscripção quanto antes!⁴⁸¹.

Em dezembro de 1907, envia-lhe uma missiva onde escreve ter ficado deslumbrado com a notícia do seu artigo sobre o deus Aerno. Solicita-lhe todos os esforços para a adquirir para o "Pantheon Lusitano" do museu⁴⁸²:

Fiquei deslumbrado com a importante noticia q. me dá no seu artigo em que trata do deus Aerno. Já porque desejo organizar no Museu o nosso Pantheon Lusitano,

⁴⁸⁰ MAB/FAAB-Doc. 4940.

⁴⁸¹ MAB/FAAB-Doc. 4938.

⁴⁸² MAB/FAAB-Doc. 4941.

cujo chronista tenho sido, já pqe a prov. de Trás-os-Montes não está no mes^{mo} Museu tão ricamente representada, como merece, peço a V. E. o obsequio de envidar todos os esforços para me adquirir a lapide. Eu pago por ella o que se combinar. Ha na Lei uma disposição segundo a qual os objectos q. estão em terrenos publicos pertencem aos Museus. Não sei se a lapide está nesse caso. Estando, eu poso officiar ao Presidente da Junta.

Enfim, espero merecer a V. E. mais este obsequio, e que faça o possível p. me obter a pedra⁴⁸³.

No ano seguinte, em 12 de fevereiro de 1908, menciona ter ficado "das bandas da morte" pelo incómodo do Abade e por não vir o deus. Pede para não se descuidar com a lápide de Chaves⁴⁸⁴.

12.II.908

Ex m. S.

Fiquei das bandas da morte com o que disse, já pelo incómodo q. V. E. passou, já por não vir o deus. Não tinha nenhum transmontano ainda cá! Em todo o caso escrevi logo ao Dr. Julio, fallando lhe no nome de V. Ex. (...)

Não se descuide de V. E. das lapides de Chaves. E desculpe tanto incómodo⁴⁸⁵.

No dia 7 de março de 1908, dá instruções para a compra da “pedra de Chaves” e volta a referir a forma como deve ser feito o acondicionamento para o transporte:

Só hoje respondo porque estive fóra a passar o Entrudo e excursão Andaluza. Voltei esta noite com os alforjes cheios de uns 100 objectos archeologicos, e contentissimo por isso.

Quanto à pedra de Chaves, visto que a não dão por menos, eu dou 6.000 rs. Rogo a V. E. o favor de me dizer a quem se deve remetter o vale, e de fazer que mandem a lapide quanto antes, para a inscrição poder ainda entrar no vol. III das Religiões (...) se as cá veremos o que póde ler-se. V. E. dirá particularmente ao seu amigo que a pedra é cara, mas que pelo desejo de completar a colleção etc., ... para eles não se arrependerem.

Eu faço todas as despesas. Só desejo q. venha bem encaixotada, com palha sobre as lettras, e pregadas as pregas de modo que não firam as pedras ao pregarem-nas (o que já tem sucedido p. vezes). Podendo ser desejo saber quando chega à estação, e a qual, para ir recomendação de cuidado. O carroceiro q. a levar, deve

⁴⁸³ MAB/FAAB-Doc. 4941.

⁴⁸⁴ MAB/FAAB-Doc. 4946.

⁴⁸⁵ MAB/FAAB-Doc. 4946.

prestar-lhe toda a atenção. Desejava q. elle chegasse cá intacta, não olhe às pequenas despesas que o cuidado pode custar. Mt. mt. obrigado⁴⁸⁶.

Depois de todos os esforços enveredados para concretizar a ida da lápide para Lisboa, Leite de Vasconcelos viu-se a braços com a oposição veemente de Albino Lopo, diretor do Museu Municipal de Bragança, que pretendia que os peças arqueológicas ficassem nesse museu.

Informa-o que esteve no Museu o Dr. Martins a transmitir-lhe que gostaria de ser agradável a Albino Lopo, pois este escreveu-lhe a pedir que não o deixasse “sem as pedras”. Deixa, assim, o assunto à razoabilidade do Abade, pois não quer desagradar a nenhum. Deseja, sobretudo, que o Abade se compenetre na gratidão que tem para com ele e que continue a ser protetor do museu⁴⁸⁷.

Sobre essa complicada questão, que originou grandes dissabores, em 19 de junho de 1908, escreve nestes termos ao Abade:

19.VI.908

Depois que vim tenho tido imenso que fazer, além d'isso doente 8 dias até hoje. O seu artigo está na Imprensa ha mt. Receberá prova, e acrescenta-la-ha.

Agora qto ás lapides.

O Dr. Martins esteve cá e mostrou-me q. tinha empenho de ser agradável ao Lopo. Por outro lado este escreveu-me a pedir-me com mt. instancia q. os não deixasse sem as pedras. Eu respondi-lhe que uma já estava no Museu, e que quanto à outra faria para o obsequiar. Eu expus ao Martins que, visto V. E. me ter com tanto trabalho e dedicação conseguido a pedra, não o desejava desconsolar, recusando as pedras, para V. E. não dizer que me obtinha assim pedras, e eu as dava a outrem. De modo que me vejo em uma colisão. Todavia V. E., como é pessoa razoavel, compreende a minha situação. Por fim disse ao Dr. Martins que se entendesse com V. E. Por mt. desejo que eu tenha das pedras, não quero desagradar nem a V. E., nem ao Lopo, nem ao Dr. Martins. Se pois V. E. concordarem ir a pedra p. Bragança, eu não ponho obstaculo. O q. desejo é que V. S. se compenetre bem da gratidão em que lhe estou, e q. o meu desejo é q. continuea ser o protector, que tem sido, da nossa Musa Ethnologica.

Por mais que procure, não encontro a carta em que V. E. me enviava cópia da lapide de Chaves, pois a metti num maço, e este está mettido em lugar que esqueci. Rogo a V. E. o favor de me mandar uma copia. Talvez possa dar-se mais

⁴⁸⁶ MAB/FAAB-Doc. 4931.

⁴⁸⁷ MAB/FAAB-Doc. 4936.

alg.^a coisa alem de 10.00 rs. Pode V. E. escrever neste sentido ao seu amigo Rev. Moraes. Tenho tantas pedras de graça, q. para uma ou outra poderá dar-se mais⁴⁸⁸.

Em missiva de 16 de agosto de 1909, refere: “claro que quero seu trabalho sobre a descoberta da divindade, mas também queria a pedra”. Como está muito fatigado deixará a visita que lhe prometeu para o próximo ano, com o intuito de recolher alguns objetos transmontanos para o Museu e proceder a investigações filológicas. Esteve no Egito, Itália e Paris a visitar museus e bibliotecas e trouxe objetos para o Museu⁴⁸⁹.

Continua a dar informações sobre as descobertas. Em 21 de agosto de 1909, comunica que acaba de receber o postal que o Abade lhe mandou para a Torre do Tombo, onde o informa da descoberta de um "venerando deus do pantteon" e pergunta-lhe se não se poderá obter para o Museu. Estimará o artigo para o "Arqueólogo". Participa-lhe que deram entrada no Museu imensos testemunhos paleolíticos⁴⁹⁰.

No ano de 1912, expressa:

2-VII-912

Porque é que eu havia de estar zangado?

Não me zango com tanta facilidade. — A carta de V. E. vinha aberta! Foi-o no correio, e já me queixei à respetiva repartição. — Eu li logo o livro de V. E., vol. I; o que desejava era saber se obteria a lapide: agora vejo que não.

De (?) nada lhe posso dizer.

Saiba que ha dias appareceu um Deus novo, numa lapide que porém não pude obter. Hoje entraram-me no Museu nada menos de 3 ámulas, uma d'ellas claramente consagrada a outro deus (as restantes devem sê-lo tambem). O 1º é TVERAEVS, o segundo CAEPVS. (?)

Espero com ansia a descripção da sua inscripção de que me falla, de Malhadas. Pode obter-se? O vol. XV ir-lhe-há breve⁴⁹¹.

O interesse pela Arqueologia continua a manifestar-se nas cartas de 1913 e 1915:

Quanto à pedra, escusado seria perguntar se a desejo. Já se vê que sim. Farei todas as despesas de arrancamento e encaixotamento. Ella deve vir em grade, de modo

⁴⁸⁸ MAB/FAAB-Doc. 4936.

⁴⁸⁹ MAB/FAAB-Doc. 4939.

⁴⁹⁰ MAB/FAAB-Doc. 4925.

⁴⁹¹ MAB/FAAB-Doc. 417.

que não dance, e com as letras cobertas. — E a de Malhadas? Não poderá obter-se igualmente?⁴⁹².

O fenómeno de que me fala chama-se a magia envontement, e a ele se refere Vergilio numa ecloga. Vejo que o documento será (?), mas fica mt. cara a sua reprodução. (...) Espero ir aí este verão, e terei pois o gosto de conhecer pessoalmente a V. E., de quem sou sempre

Amigo muito grato

J. L. de V.⁴⁹³.

Em novembro de 1915, escreve:

Lx. 9.XI.915

Caríssimo amigo

Tenho estado mt. ocupado com exames, aulas, provas, Museus, etc., e p. isso só agora respondo às suas cartas. Quanto á 1.^a vou ver se encontro a moeda à venda. Quanto à 2.^a. Nas linhas 6-7, não será ANTONINO FELICI? A pedra é mt. importante (marco miliário). A ultima letra é R? Distancia de mil passos de qualquer parte. Mas o R final está bem? Não será outra letra? Acho prudente não a dar a público, nem fazer alarde. Se não a puder obter pois, tentarei eu isso. Felicito-o pelo achado⁴⁹⁴.

Em 17 de junho de 1921, pede informações sobre a "pedra" que lhe enviaram⁴⁹⁵. Em 21 de dezembro de 1930, de Évora, felicita-o pela descoberta do "novo deus". Espera que lhe envie para o Arqueólogo um artigo sobre o assunto⁴⁹⁶. Em 7 de dezembro de 1935, transmite que as pedras estão embrulhadas, "mas o amigo ainda não veio". Pergunta se continua a manter a tese que nos Painéis de São Vicente a figura tida por judeu não o é⁴⁹⁷.

José Henriques Pinheiro tem sido considerado o mentor do Abade na área da Arqueologia, como já mencionámos. Numa curta troca epistolar, em 1896, de Bragança, informa que em Sacoias ainda devem aparecer mais achados arqueológicos. Explica como devem ser feitos os decalques das inscrições e remete para a leitura de Hubner.

⁴⁹² MAB/FAAB-Doc. 501.

⁴⁹³ MAB/FAAB-Doc. 420.

⁴⁹⁴ MAB/FAAB-Doc. 421.

⁴⁹⁵ MAB/FAAB-Doc. 446.

⁴⁹⁶ MAB/FAAB-Doc. 429.

⁴⁹⁷ MAB/FAAB-Doc. 382.

Envia informações sobre algumas epígrafes⁴⁹⁸. Em 3 de agosto de 1896, envia-lhe um exemplar de um trabalho sobre a Via Romana de Braga a Astorga e pede-lhe decalque de inscrição de Baçal⁴⁹⁹.

Em 11 de agosto de 1896, escreve:

Pela sua carta de 6 do corrente vejo que não perdeu o fogo sagrado. A santa arqueologia que tem os seus feitiços, apodera-se de nós, não nos paralisa os movimentos, ao contrario, leva-os por esses montes fóra e vai-nos dizendo — procura que acharás. (...) (...) Hubner estava examinando o meu traçado de (...)

O Hubner foi encarregado do Rei Guilherme da Prussia de colleccionar todas as inscrições latinas⁵⁰⁰.

O fundador e impulsionador do Museu Municipal, Albino dos Santos Pereira Lopo, como já constatámos na correspondência com Leite de Vasconcelo, pretendia que todos os achados arqueológicos da região entrassem no museu municipal, protagonizando alguns conflitos, quando isso não acontecia.

Em 1 de novembro de 1897, pergunta quando trazem as lápides de Mairos⁵⁰¹. Em 14 do mesmo mês, escreve novamente sobre a vinda das lápides de Mairos⁵⁰².

Em 30 de abril de 1905, de Bragança, tece comentários sobre a leitura da inscrição da lápide que lhe enviou o reitor de Ifanes, primo do Abade. Solicita-lhe que reforce o pedido para conseguir a lápide para o museu municipal⁵⁰³. Em 25 de maio de 1905, de Bragança, escreve sobre a lápide e leitura da inscrição e pede para agradecer ao primo. Irá, assim, enriquecer o museu⁵⁰⁴.

António Sarmiento, em 22 de abril de 1908, de Bragança, por "imposição" de Lopo, pede-lhe que não envie a pedra para Lisboa⁵⁰⁵.

⁴⁹⁸ MAB/FAAB-Doc. 293.

⁴⁹⁹ MAB/FAAB-Doc. 290.

⁵⁰⁰ MAB/FAAB-Doc. 291.

⁵⁰¹ MAB/FAAB-Doc. 1901.

⁵⁰² MAB/FAAB-Doc. 1897.

⁵⁰³ MAB/FAAB-Doc. 2461.

⁵⁰⁴ MAB/FAAB-Doc. 2460.

⁵⁰⁵ MAB/FAAB-Doc. 2493.

Casimiro Henriques de Moraes Machado, em 6 de outubro de 1930, de Mogadouro, transmite que fez várias incursões arqueológicas, tendo encontrado uma inscrição na capela de N.ª S.ª da Vila Velha, que transcreve e pede ajuda para decifrar. Solicita ainda informações sobre uma inscrição tumular na igreja de Azinhoso. Indica ter encontrado achados arqueológicos no Monte de Zava⁵⁰⁶.

Em 25 de janeiro de 1933, de Mogadouro, dá nota de "pedra" encontrada no Prado de S. Martinho de Pêso e envia a inscrição de outra encontrada em Algosinho. Anuncia o aparecimento de moedas romanas em Zava, Saldanha, Urrós, Vale de Porco, Ventozelo, Macedo de Cavaleiros de Pêso; moedas que tem na sua posse. Por sua vez, em Mogadouro, junto do castelo, encontrou um machado de pedra⁵⁰⁷. Em 14 de maio de 1933, informa que tem o Calejo quase convencido para lhe mandar o "sapatinho de metal romano"⁵⁰⁸.

Em 3 de setembro de 1935, envia cópia de inscrição de uma janela do castelo de Penas Roias. Esteve com Nascimento Pires, de Urrós, e este falou-lhe de uma gruta dos morcegos, onde irá procurar pinturas e uma sepultura. Sugere-lhe, assim, uma visita a Urrós para ver esses locais. Pergunta se as igrejas de Algosinho e de Azinhoso não poderão ser restauradas pelos Monumentos Nacionais⁵⁰⁹.

António Augusto da Rocha Peixoto, em 10 de dezembro de 1903, diz ter falado no achado ao Abade de Miragaia e mostrou-se muito interessado nas três lápides e na de Júpiter⁵¹⁰. Em 13 de abril de 1904, do Porto, agradece a aquisição das lápides e pede para ver se consegue adquirir a de Parada⁵¹¹. Em 10 de maio de 1904, do Porto, concorda com os preços pedidos pelas "três lápides e dois porcos". Pede que contrate pessoa de confiança para dirigir a extração e acompanhamento das peças até Chaves ou Régua⁵¹².

⁵⁰⁶ MAB/FAAB-Doc. 93.

⁵⁰⁷ MAB/FAAB-Doc. 90.

⁵⁰⁸ MAB/FAAB-Doc. 85.

⁵⁰⁹ MAB/FAAB-Doc.91.

⁵¹⁰ MAB/FAAB-Doc. 4909.

⁵¹¹ MAB/FAAB-Doc. 4913.

⁵¹² MAB/FAAB-Doc. 4911.

Em 28 de maio de 1904, solicita confirmação da receção da carta que lhe enviou a pedir a ida de colaborador para ajudar no transporte das pedras⁵¹³. Em 28 de junho de 1904, informa que recebeu em boas condições as três lápides. Quanto à análise dos minerais que lhe pediu, diz tratar-se apenas de ferro e cobre⁵¹⁴. Em 29 de outubro de 1908, lembra que, melhorando a estação, trate da vinda dos "apetecidos calhaus"⁵¹⁵.

Em mensagem não datada, roga-lhe para não se esquecer do caso das quatro inscrições e deo instruir para tratar da aquisição a favor do museu⁵¹⁶. Em mensagem não datada, aguarda as suas instruções e ordens para enviar o homem para o transporte das lápides⁵¹⁷. Em carta não datada, do Porto, envia notas sobre o transporte das lápides e berrões para o Porto e informações sobre a lápide de Júpiter⁵¹⁸.

As Câmaras Municipais eram, por vezes, convocadas para resolverem os conflitos, chegando a levar os assuntos a reunião de Câmara. Daniel José Rodrigues, em 8 de maio de 1908, de Bragança, envia cópia da ata onde se pede que o Abade ofereça as lápides de Pinhovelo ao museu municipal⁵¹⁹.

António Pimentel Martins, em 6 de junho de 1908, de Macedo de Cavaleiros, transmite que esteve com o Dr. Leite de Vasconcelos no Museu de Etnologia e informou-o que, para evitar desentendimentos, desistia da remessa da lápide de Pinhovelo. Esta devia ser enviada para o museu municipal, evitando atritos com Albino Lopo. Ele próprio, se o Abade assim entendesse, poderia tratar do transporte⁵²⁰. Em 8 de julho de 1908, de Macedo de Cavaleiros, tece comentários sobre a ida da "pedra" para o museu de Bragança. Em 16 de julho de 1908, de Macedo de Cavaleiros, informa que o Pires lhe entregou as pedras e as mandou para Bragança.

⁵¹³ MAB/FAAB-Doc. 4903.

⁵¹⁴ MAB/FAAB-Doc. 4912.

⁵¹⁵ MAB/FAAB-Doc. 4901.

⁵¹⁶ MAB/FAAB-Doc. 4894.

⁵¹⁷ MAB/FAAB-Doc. 4896.

⁵¹⁸ MAB/FAAB-Doc. 4910.

⁵¹⁹ MAB/FAAB-Doc. 2488.

⁵²⁰ MAB/FAAB-Doc. 2494.

Alfredo José Rodrigues, em 26 de abril de 1908, de Bragança, tece comentários sobre a oposição veemente de Albino Lopo quanto à ida da lápide de Pinhovelo para Lisboa. Pede ao Abade que considere⁵²¹:

Meu Caro Chico:

O Lopo, tem estado que mete dó, vem de estar comigo.

A ida das pedras para Lisboa representa para ele um crime de lesa-pátria altíssimo.

Já escreveu ao Leite de Vasconcelos, pedindo-lhe que te desligue do compromisso, e, segundo elle diz, fe-lo em termos violentos.

Diz elle que, em ultimo extremo, podes ter auctorizar o roubo, que elle immediatamete levará a effeito.

Que se da tua parte ha alguma queixa pessoal a que elle involuntariamente desse causa, que a ponhas de parte, e que tomes a direcção do museu pois que elle, de fora continuará a cooperar como até hoje.

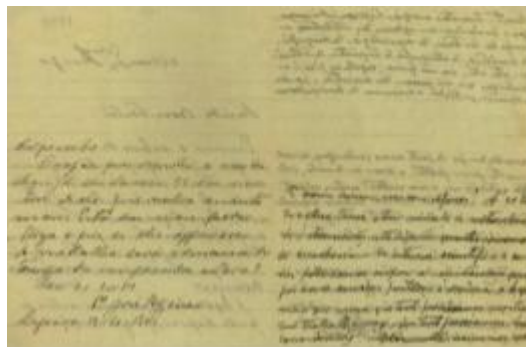
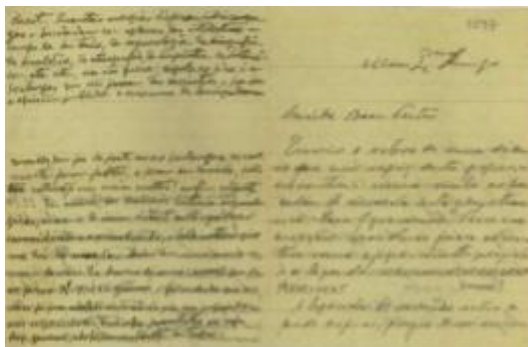
Enfim, se podes fazer a vontade ao homem; no caso contrario, cavas-lhe a sepultura. Não calculas como elle está. Verdadeiramente desolado!

Diz qualquer coisa ao Teu

collega e am. ^o ded.^o

Alfredo Rodrigues⁵²².

Figura 71. Carta de José Afonso com notas manuscritas pelo Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

O Pe. José Afonso, em 19 de abril de 1922, envia descrição de uma moeda romana que um rapaz encontrou numa vinha e quer vender. Integra minuta da resposta do Abade enaltecendo o seu cuidado⁵²³.

⁵²¹ MAB/FAAB-Doc. 2491.

⁵²² MAB/FAAB-Doc. 2491.

⁵²³ MAB/FAAB-Doc. 1597.

Meu Ex mo. Amigo

Envio o relevo de uma de ouro que um rapaz desta freguesia encontrou n'uma vinha ao bacelar. A moeda está perfeitíssima. Pesa 7 grammas. Tem inscripção nas duas faces. N'uma tem uma effigie muito perfeita e a legenda: NEROCLAVDCAESVRVSVSGERMPRINCVENT.

A legenda do reverso não a pude copiar, porque disso eu nada percebo.

O rapaz quer vender a medalha. Já lhe davam 50:00 reis. Eu disse que valia muito mais. Está em meu poder. Diga o que se lhe offereccer. A medalha será romana do tempo do imperador Nero?

Meu ex corde

P.e José Affonso

Lagoaça 19-4-1922

O Abade escreveu a minuta da resposta na própria carta:

É assim mesmo, meu caro Afonso! Á se todo o clero tivesse o teu cuidado de meticularidade e observação inteligente quantas cousas se recolheria de interesse scientifico e como poderíamos impor a consideração geral por bons serviços prestados à sciência e hoje mais que nunca que tanto precisamos mostrar que trabalhamos e que tanto precisamos dessas considerações! Infelizmente menos nos car (?) quando, sem por de parte essas perlengas, se realmente fazem falta, e fazem sem duvida, podia ter cotação nos meios cultos! Enfim adiante ... Em nome das sciências historico- arqueologicas, em nome do nosso districto eu te agradeço comovidissimo e reconhecido, a bela noticia que me dás da moeda. Dizes bem uma moeda de Nero. É o denaro de ouro (aureo) que deve pezar 7, 266 gramas e foi cunhada quando Nero já fora adotado mas ainda não era imperador mas simplesmente Principes Juacutestis(?) ou seja dux, General, chefe, comandante das tropas ducit. Quantas energias dispersas poderia congregar o Semiador com aplauso dos intellectuais no campo da história, da arqueologia, da biografia, da heraldica, da etnografia, da linguística, da botanica, etc. etc., mas não quere; esgota-se p` ra i em perlengas que não passam das sacristias e por isso a opinião publica o crismou de Seringador.

Dê-me licença para lhe apresentar, por este meio, o meu amigo e nosso consórcio na "Associação dos Arqueólogos Portugueses", Sr Augusto Cardoso Pinto, — que anda investigando o quer que seja que se prenda com a provincia de Traz-os-Montes. Ele mostrou-me ardentemente o desejo de se lhe dirigir, como a um ponto de referencia, e refúgio do saber em Traz-os-Montes.

Muito e muito grato lhe ficarei por o atender, como grato já estou por todos os seus obséquios.

Os amigos que sempre o acompanharam também se interessavam pela Arqueologia. José Montanha, em 8 de dezembro de 1935, de Bragança, comunica que "a porca de Faílde já dormiu na noite passada no Museu", e que lhe tinha dado muito trabalho a ida para o Museu⁵²⁴:

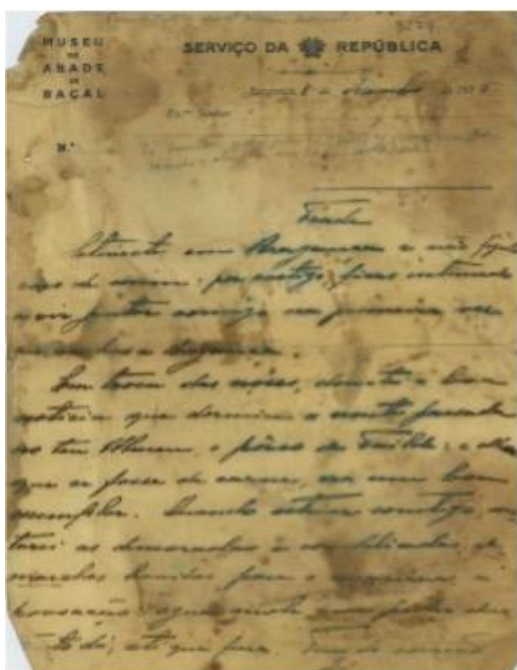
Frade

Estiveste em Bragança e não fizeste caso de mim: por castigo, ficas intimado a vir jantar comigo na primeira vez que venhas a Bragança.

Em troca das nozes, dou-te a boa notícia que dormiu a noute passada no teu Museu, o pôrco de Faílde: e olha que se fosse de carne, era um bom exemplar. Quando estiver contigo, contarei as demoradas e as complicadas demarches havidas para o arrancar à povoação: "água mole em pedra dura tanto dá; até que fura. Teu do coração

Zé.

Figura 72. Carta de José Montanha



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Américo Rodrigues, 30 de junho de 1937, de Agrochão, faz saber que tem em sua posse pedras que lhe parecem ser de moinho, encontradas em montes de Vale da Bouça. Informa-o que vai oferecê-las ao museu⁵²⁵.

⁵²⁴ MAB/FAAB-Doc. 3279.

⁵²⁵ MAB/FAAB-Doc. 4453.

José Saavedra, em carta não datada, de Provesende, pede-lhe para ter cuidado com depósito da pedra feito pelo Pimentel⁵²⁶.

Neste conjunto epistolar recolhemos alguns dos relevantes dados referentes aos inícios da atividade arqueológica na região de Trás-os-Montes. Refletem o contexto cultural e social em que é produzida a escrita sobre a Arqueologia por Francisco Manuel Alves, transmitindo-nos a vitalidade arqueológica da região e os seus protagonistas.

⁵²⁶ MAB/FAAB-Doc. 4594.

7.5. As *Memórias*: a opinião dos “pares”

Na segunda metade do séc. XIX, são vários os autores que salientam o interesse da História Local, mencionámos, a título de exemplo, Oliveira Martins, Alberto Sampaio e Laranjo Coelho. A História Local adquire dignidade própria. Esta consciência teve consequências ao nível da investigação e produção historiográfica, tendo dado origem à elaboração de monografias sobre diversas localidades do País (Torgal, et al., 1996, p. 206).

Herculano afirmava a necessidade de buscar a verdade, e “no meio de uma nação decadente, mas rica de tradições, o ‘mister’ de recordar o passado é uma espécie de magistratura moral, é uma espécie de sacerdócio. “Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime” (Herculano, 1843, p. 12).

Defendiam o imperativo de escrever como dever patriótico numa nação decadente. O desmoronamento do Antigo Regime apontava para a necessidade de regenerar a Nação, fazendo apelo ao regresso às origens, a essência da alma nacional que se revelava na cultura popular, na memória, nos monumentos, nos costumes, ou seja, na história. Esta rememoração do passado constituiu-se uma das facetas principais do romantismo: o culto do passado e a construção de uma nova memória da nação (Torgal, et al., 1996, p. 49).

Neste contexto, no último quartel do séc. XIX surge uma elite constituída por indivíduos com múltiplas formações ideológicas, de uma sólida e multifacetada preparação e de uma grande cultura. Neste grupo insere-se o Abade de Baçal. (Torgal, et al., 1996, p. 198).

Assim, neste ponto, abordamos o autor das *Memórias* na estreita relação de diálogo intelectual e, por vezes, de amizade com os seus “pares”. Paradigmático é o caso de Abel Salazar, com quem estabelece um diálogo epistolar materializado apenas em três missivas, mas extensos documentos de uma grande densidade. Uma profunda amizade emana desses registos; dois amigos que a estima e veneração recíprocas uniram nas reflexões sobre a relação sociedade-ciência, cultura e religião.

Apesar de não apresentarem a mesma intensidade das cartas anteriormente mencionadas, surge uma constelação de missivas de “intelectuais”, que, de diversas formas, nos deixaram o apreço pelo Abade e pela sua obra. Estes, de uma forma mais ou menos continuada no tempo, acompanhavam a atividade intelectual e as edições dos diversos vols. das *Memórias*, registando nas missivas a sua opinião e sugestões.

Sabemos, também, que a escrita historiográfica do Abade coincide com uma fase em que se afirmam historiadores não universitários, com é o seu exemplo; ainda que numa época em que as Universidades e a Igreja assumem destaque. Os grupos católicos afirmam-se na historiografia como é exemplo paradigmática o Centro Académico de Democracia Cristã. Este movimento que teve em Gonçalves Cerejeira o seu mentor, afirmando a “Renascença Católica” nos intelectuais portugueses (Torgal, et al., 1996, p. 222). Assim, o catolicismo assume novamente protagonismo. Ressurge a Companhia de Jesus com a sua revista *Brotéria*, que se destaca na área da História. É neste contexto que surgem alguns historiadores-clérigos, de vasta erudição, grupo onde se insere e destaca o Abade de Baçal (Torgal, et al., 1996, p. 222).

O Abade estabeleceu contactos epistolares com nomes das diversas correntes políticas e científicas. A par de uma História Nacional, com nacionalistas e providencialistas, surge uma historiografia que se pretende científica, livre das amarras ideológicas. É uma época em que a ideia de “nação” assume um papel central na historiografia, quer de índole republicana, tradicionalista, modernista ou reacionária.

António Sardinha, historiador integralista (Integralismo Lusitano) com Caetano Beirão, João Ameal e Alfredo Pimenta, defende a Monarquia nacionalista, corporativista e municipalista, que funda a Nação Portuguesa, revisionismo historiográfico este que se irá projetar no Estado Novo. Será Manuel Múrias que dirigirá depois de António Sardinha a *Nação Portuguesa*.

Por sua vez, o movimento da Renascença Portuguesa, em 1912, com a revista *A Águia*, e com Jaime Cortesão afirmavam uma historiografia de cunho nacional, se bem que afastando-se do tradicionalismo da historiografia dos integralistas (Torgal, et al., 1996, p. 224).

Seareiros, integralistas, anarquistas e republicanos de todas as sensibilidades, com políticas e métodos diferentes, perfilhavam a ideia de reconstrução nacional.

O Instituto de Coimbra, prestigiada academia, desde 1853 editava a publicação o *Instituto*, tendo sido dirigida durante a República por José Pereira da Paiva Pita, até 1923, e por Paulo Mêrea, de 1923 a 1925. Teve uma produção historiográfica eclética, dado a diversidade de colaboradores e o dilatado âmbito temporal. Aí publicaram os profissionais e os amadores com outras formações em direito, medicina, teologia, matemáticas, etc. Aí colaboraram, entre outros, Fortunato de Almeida, Luís de Pina e Laranjo Coelho. Aí colabora com alguma frequência o Abade a par com Mêrea, Joaquim de Carvalho, Queirós Veloso, Rocha Madahil, Carlos Passos, Belisário Pimenta, etc. (Torgal, et al., 1996, p. 171). Muitos destes autores marcam presença no epistolário.

O Movimento Nacional e Nacionalista da história, com génese antes da República, teve em Fidelino de Figueiredo o seu representante maior, fundando a Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos. Contra uma concepção de história racionalista, opõem-se a uma história exata, preconizando uma “ciência da vida”. Representando uma nova teoria do conhecimento onde estão presentes a razão, os sentimentos e as tradições — a história importante para a vida de qualquer povo. Esta corrente teve a adesão de António de Vasconcelos, Paulo Mêrea, Fortunato de Almeida, Lúcio de Azevedo, entre outros. Fidelino de Figueiredo foi diretor da *Revista de História* (1912-1927/1928), revista com espírito interdisciplinar, apesar de se inscrever na formação monárquica, nacionalista, defensora de posições autoritárias (Torgal, et al., 1996, p. 230).

Como já fizemos alusão, a correspondência demonstra à sociedade que o Abade se relacionava e correspondia com intelectuais de diversas tendências. Refira-se, a título de exemplo, Abel Salazar, Pedro de Azevedo, Fidelino Figueiredo, Júlio Dantas, António Baião, Esteves Pereira, Paulo Mêrea, Torquato de Sousa Soares, Raul Proença, etc.

Passamos a analisar, na diacronia, algumas dessas missivas.

Francisco Marques Sousa Viterbo divulgou uma enorme quantidade de documentos de arquivo. Neste âmbito, agradece a oferta das *Memórias* e refere a apreciação feita em artigo publicado no *Diário de Notícias*:

15.VII.1910

Exmo e Rev.mo Senhor

Não acusei ha mais tempo a recepção e delicada offerta de um exemplar do seu livro porque estava à espera que sahisse no Diário de Notícias um artigo editorial, em que me referia ao seu valioso trabalho. Já hontem lhe enviei um n.º desse periodico.

Reiterando os protestos do seu reconhecimento, faço votos para que V. Ex.^a não perca a bôa disposição de espirito e a coragem indispensaveis para levar quanto antes a cabo uma empreza de tão alta vantagem para as letras patrias e para o desenvolvimento intellectual do paiz.

Com a maior consideração e estima me subscrevo

De V. Ex.^a

Confrade (?) e adm.or sincero

Sousa Viterbo⁵²⁷.

José Maria da Silva Pessanha, aristocrata, historiador de arte e arqueólogo, que exerceu funções de conservador da Torre do Tombo e foi professor na Escola de Belas Artes de Lisboa, dá-nos a sua opinião numa missiva de 1912:

Já vi os seus livros. Cedeu-mos o sr. Pedro de Azevêdo, a quem procurei na Torredo Tombo.

Achei-os interessantíssimos e revelam um aturado e inteligente trabalho. Merecedores são de que os novos volumes completem a sua obra magnifica. Ficoa deseja-lo, pelo muito que tudo isso aproveitei para o estudo histórico das nossas terras. Pode orgulhar-se de haver trabalhado com manifesta competência e aproveitamento. Felicito-o. (...)

Seu dedicado

José Pessanha

Lisboa, 19-3-1912⁵²⁸.

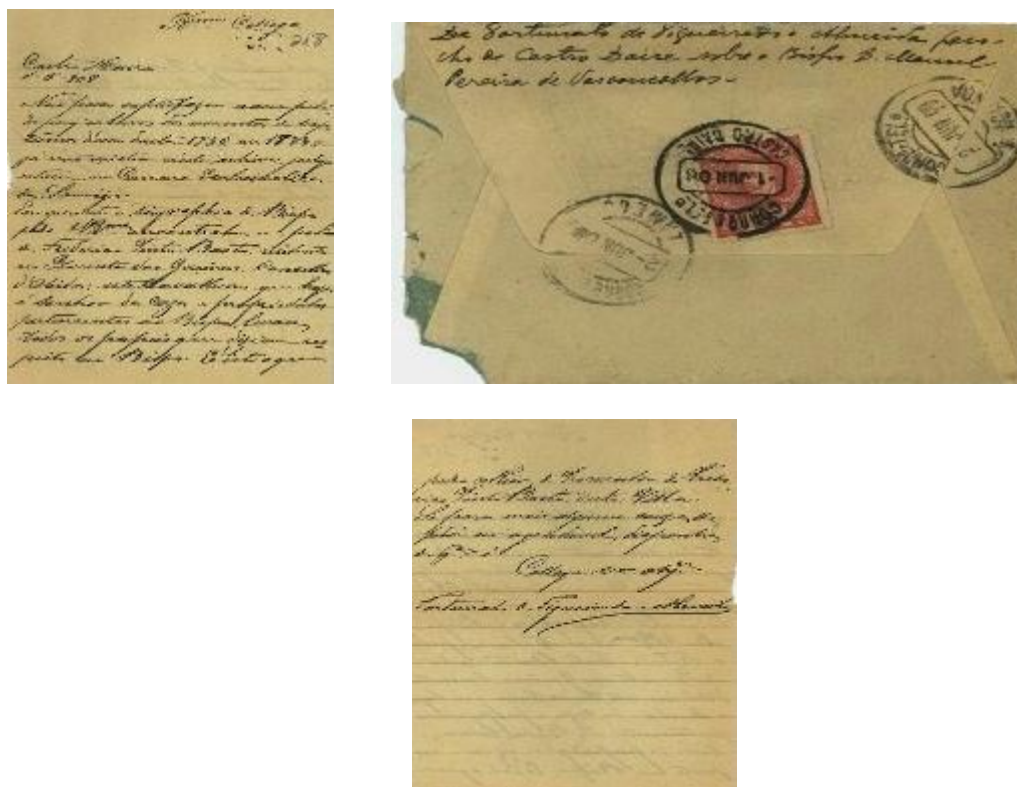
Fortunato de Almeida, um dos mais prestigiados historiadores do seu tempo, incluído no grupo dos “historiadores católicos”, estabeleceu com o Abade assídua

⁵²⁷ MAB/FAAB-Doc. 3148.

⁵²⁸ MAB/FAAB-Doc. 3527.

correspondência. É ele que o propõe para integrar a Sociedade Portuguesa de Estudos históricos.

Figura 73. Carta de Fortunato de Almeida de 1 de junho de 1907



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Exmo. Senhor e Amigo

Se V. Ex^a m'ò permittisse, propô-lo-hia para membro da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos. O encargo é de 250 reis mensais, que costumam cobrar pelo correio de dois em dois meses. Esta quota dá direito a receber a Revista de História, que se publica trimestralmente por enquanto e que se espera venha a sair com intervalos menores.

Desculpe-me V. Ex^a a impertinência e disponha do

De V. Ex. a

Coimbra, 14-III-13

O conjunto epistolar entre Fidelino de Figueiredo e o Abade apresenta como assunto central a colaboração na *Revista de História*.

Sabemos que as agremiações terão exercido um papel fundamental na vida e obra do Abade, tendo contribuído para a sua notabilização. É pela mão de Fidelino de Figueiredo

que o Abade, aos 48 anos, se torna sócio da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos. Precisamente em carta datada de 11 de agosto de 1913, comunica ao Abadeque fora eleito sócio.

Em resposta à carta de V. Ex^a de 6 do corrente tenho a dizer o seguinte:

Foi V. Ex^a já eleito socio desta sociedade Portuguesa de Estudos Historicos, na nossa ultima sessão do mês passado e não lhe foi esse facto notificado, por eu ignorar o endereço seguro de V. Ex^a.

Faço-o hoje m.to gostosamente, juntando-lhe a expressão do meu alto apreço edo jubilo pela valiosa adesão à nossa Sociedade, que tem um ambicioso programa a realizar⁵²⁹.

Correspondeu-se com Joaquim de Carvalho, de 1914 a 1939. Na primeira carta, datada de 15 de julho de 1914, de Coimbra, comunica-lhe a autorização para publicar no *Instituto*:

Coimbra 15-VII-1914

Pode V. Ex. mandar os documentos porque o Ex. Sr. Dr. Luiz da Costa autorizou a sua publicação no Instituto, attendingo aos serviços que V. Ex.^a tem feito à instrução e ao jornal o Instituto⁵³⁰.

Figura 74. Envelope com notas manuscritas pelo Abade



Em 14 de novembro de 1931, agradece a oferta e informa que o livro está na imprensa nas mãos do Sr. C. Nagrareth, para mandar compor o próximo volume. Solicita

⁵²⁹ MAB/FAAB-Doc. 817.

⁵³⁰ MAB/FAAB-Doc. 2618.

colaboração do Abade na imprensa. Empréstalo-lhe três opúsculos de Cecil Roch sobre os Marranos e disponibiliza a sua "grande biblioteca"⁵³¹. No dia 9 de dezembro de 1931, agradece o envio do livro sobre Chaves e refere que aguarda o original do Frei Luís de Sousa⁵³².

Aconselha-o na impressão das *Memórias*. Em 7 de janeiro de 1933, pede para separar o orçamento da composição e impressão do orçamento do papel, pois vê em depósito papel suficiente. Indica-lhe a fábrica de venda de papel. Felicita-o pela interpretação dos painéis de S. Vicente⁵³³. Em 17 de abril de 1935, agradece a hospitalidade e lamenta não ter podido ver o museu com calma e sossego⁵³⁴. Dia 9 de fevereiro de 1936, agradece pelo testemunho da sua estima⁵³⁵. Em 4 de janeiro de 1939, agradece o vol. X e elogia a obra⁵³⁶.

Por sua vez, António Sardinha, apesar de elogiar as *Memórias*, tece algumas críticas, não questionando o seu saber, mas o seu "critério histórico", afirmando de uma forma contundente que a sua escrita parece ser de um judeu ou protestante e não de um católico:

Excelentíssimo Senhor:

Recebi a monografia de V. Ex.cia sobre Carvalhais, cuja leitura terminei agora mesmo. Não tenho a honra de o conhecer pessoalmente, a grande gentileza de V. Ex.cia penhora-me deveras. Aceite V. Ex.cia por ela as minhas mais escolhidas homenagens e deixe-me significar-lhe o meu agradecimento. O trabalho de V. Ex.cia é interessante e revela, com uma facilidade de expressão, uma bagagem larga de conhecimentos e de estudo. Não seria franco com V. Ex.cia porem, se lhe não dissesse que não concordo com o seu critério histórico. Através desse critério, que é infelizmente parte dos nossos historiadores, nós chegaríamos à conclusão que não valia a pena termos povo livre. No livro de V. Ex.cia ha passagens que mais parece ser escrito por um judeu ou por um protestante — enfim — por um inimigo da nossa formação tradicional, católica e monarquica, do que por um português, nascido com nome da sua Patria, como V. Ex.cia inegavelmente o é. Desculpe-me

⁵³¹ MAB/FAAB-Doc. 384.

⁵³² MAB/FAAB-Doc. 3846.

⁵³³ MAB/FAAB-Doc. 1347.

⁵³⁴ MAB/FAAB-Doc. 4758.

⁵³⁵ MAB/FAAB-Doc. 3843.

⁵³⁶ MAB/FAAB-Doc. 1371.

V. Ex.cia a impertinencia e disponha sempre dos meus reduzidos prestimos.
Enviarei a V. Ex.cia brevemente uns trabalhos meus.

De V. Ec.cia

Criado m.to agradecido e m.to admirador

António Sardinha

Lisboa, 25 .1. 1917⁵³⁷.

Por sua vez, Pedro de Azevedo, historiador, diplomatista e paleógrafo, descendente da tradição romântica e erudita do século XIX, em Portugal, materializada por Alexandre Herculano, refere:

21-VI-1919

Meu Ex. Amigo e Prezado Confrade

Venho agradecer a V. E. a oferta do valioso IV vol. das Memórias de Bragança, acompanhadas de uma penhorante dedicatória.

V. Rv. é um dos nossos raros investigadores que nunca deveríamos (?) apesar de todas as contrariedades e de estar longe de todos quantos lhe possam possibilitar (?) a providencial missão a que se consagrou⁵³⁸.

Foi também a pedido do Abade que o seu amigo Clemente Menéres se tornou sócio da mesma Sociedade. Fidelino de Figueiredo comunica:

Lisboa, 28 de janeiro de 1917

Exm.º Consocio e Sr.

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que na ultima sessão da nossa Sociedade foi por unanimidade eleito socio d'esta Sociedade o Exm.º Sr. Alfredo de Menéres, recomendado por V. Ex.ª⁵³⁹.

Fidelino de Figueiredo associou-se à homenagem prestada ao Abade em 1921:

Lisboa, 16 de Abril de 1921

⁵³⁷ MAB/FAAB-Doc. 2604.

A obra de António Sardinha (Monforte do Alentejo, 1887 - Elvas, 1925) inspirou uma visão historiográfica contrarrevolucionária que iria vigorar ao longo do Estado Novo. Poeta, panfletário, publicista, foi diretor do mais relevante órgão doutrinal (*Nação Portuguesa*, 1914-1938). Representante do Integralismo Lusitano, do radicalismo monárquico e da reação anti moderna e anti republicana. Para ele, a História constituía-se, fundamentalmente, em “arma” de combate doutrinário. (Norte, s.d.)

⁵³⁸ MAB/FAAB-Doc. 1865.

⁵³⁹ MAB/FAAB-Doc. 815.

O nosso commum amigo, Pe. Ernesto de Sales, contou-me da homenagem que fôra prestada a V. Ex^a pelos seus amigos e admiradores de Bragança com a oferta duma penna d'ouro e dum calix. E eu, posto que m.to tardiamente por ignorancia, venho a associar-me a esse justissimo preito, testemunhando a V. Ex. a minha alta admiração e viva sympathia, com o reconhecimento dos indeleveis serviços por V. Ex. a prestados aos estudos historicos⁵⁴⁰.

Figura 75. Carta de Manuel Paulo Mêrea, 14 de junho de 1919



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Paulo Mêrea, considerado um dos mais importantes historiadores do Direito da Época Contemporânea, acompanhava com atenção as publicações do Abade. Em carta de 1919, manifesta o quando admira o seu trabalho, e como a sua obra é conhecida, estando já consagrada. Lamenta que o Abade integre as poucas exceções no marasmo cultural que o país atravessa. Em 16 de junho de 1919, agradece a oferta do vol. VI das *Memórias*, mencionando a exceção que o Abade constitui e como a escrita histórica é um dever de consciência. Com sinceridade, proclama-se seu admirador:

Ex mo Sen. Francisco Manuel Alves

Venho agradecer a V Exa. muito reconhecidamente a gentileza da sua oferta do Tomo IV das “Memórias do Districto de Bragança”, obra que aliás não constitui para mim inteira novidade, porquanto segui com o maior interesse a sua publicação

⁵⁴⁰ MAB/FAAB-Doc. 271.

no “Instituto”. O nome de V. Exa. é sobejamente conhecido dos poucos que no nosso país se consagram a estudos vários da historia nacional e a sua obra está mais que suficientemente consagrada para que eu lhe dirija palavras de banal elogio, que poderiam ser tidas, além do mais, à conta da lisonja quando eu só sei prestar justiça. Mas neste caso, e embora o epiteto se tenha banalizado à força de ser prodigamente aplicado, justiça, e justiça inteira é proclamar V. Exa. um benemérito, lastimando ao mesmo tempo que o exemplo de V. Exa. represente uma excepção, o que a V. Exa. ainda mais enaltece, é um triste sintoma do atraso da nossa aliás tão apregoadada cultura. O caminho que levam as coisas da nossa querida pátria lança-nos a todos os estudiosos, no desanimo e no pessimismo: é preciso força, coragem mesmo, e grande independencia moral, para reagir. V. Exa. dá-nos o exemplo, e um exemplo bem autorizado: eu sou dos que também entendem, que é preciso trabalhar malgré tout, e o pouco que faço obedece a um dever de consciencia. Escrevo à pressa e atabalhoadamente, entre mil preocupações: assim estas poucas linhas só tem o mérito da sinceridade, e por feliz me darei se lograrem convencer V. ^a de que tem um admirador no⁵⁴¹.

Na presença feminina, Beatriz Arnaut, agradece e elogia o vol. V, bem como a inserção do seu nome nesse vol.

Lisboa, 14-5-1931

Excelentissimo Senhor da minha maior consideração

Com os meus respeitosos cumprimentos, venho testemunhar a V. Ex^a o meu sincero reconhecimento pela gentilissima oferta do seu valioso volume “Os Notaveis” e a extrema bondade que se dignou conceder-me, incluindo o meu modesto nome na na pleiade das pessoas ilustres e distintas da nossa linda provincia.

A valiosa obra de V. Ex^a é magistral e brillaria eternamente como um padrão de gloria.

Trás-os-Montes, que tanto deve ao talento e à bondade de V. Ex.^a devia comovidamente, ajoelhar com gratidão perante V. Ex^a pelos grandiosos esforços que tem tido para fazer realçar os meritos dos seus filhos para os perpetuar na morte:

Guardarei o livro de V. Excia em terminando toda a sua leitura, com o mesmo carinho e unção com que guardaria uma estrela que Deus me enviasse do Céu.

Livros como os de V. Ex^a são astros, são obras de Deus. Renovando os meus agradecimentos, subscrevo-me com elevada consideração e apreço.

De V. Ex^a

Sincera admiradora e conterranea muito obrigada.

⁵⁴¹ MAB/FAAB-Doc. 3892.

Beatriz Arnaut⁵⁴².

Pelos quadros da Torre do Tombo passaram historiadores de renome como António Baião, Pedro Azevedo, Gabriel Pereira e João Martins da Silva Marques.

João Martins da Silva Marques, esgotada a edição de alguns vols. das *Memórias*, apesar de se encontrarem alguns vols. à venda em leilões, atingindo valores elevados, escrevia ao Abade uma longa missiva, em 30 de abril de 1937, versando, entre outros, esse assunto:

Para um bibliófilo, que melhor presente do que uma obra valiosíssima de ha muito esgotada?

A sua monumental obra era já de ha muito minha conhecida, mas apenas pelos Vols. V, VI e VII, os 4 primeiros tomos de ha muito que desejava estudá-los e possuí-los, mas baldamente os procurava. Ainda ha cerca de 6 meses se me escaparam n'um leilão de livros, aqui realizado, em que atingiram a soma de mais quatrocentos e setenta escudos. Para a minha magra bolsa foi impossível alcançá-los.

Tece depois grandes elogios à sua obra:

Não foi sem comoção que li o que V. Ex. ia escreve a pags. 679 e ss. do Vol. IV. (...)

Na grande obra de V. Ex. ia admirei não apenas o grande amor do torrão natal, que não foi apenas tema para faceis artigos de jornal e discursos, mas um verdadeiro imperativo que levou V. Ex. cia. a erguer á gloria da sua terra — e, portanto, de Portugal — uma obra que ficará. Que ficará, sejam quaes forem os seus senões (e qual é a obra que os não tem?), como um exemplo vivo de amor inteligente e militante, de trabalho incansavel, persistente, tenaz, e profundo conhecimento dos assuntos versados. Com efeito a massa de documentos factos, notícias, inscrições. Brazões, etc. É enorme, é verdadeiramente imponente. Quando terá a minha província (sou alentejano) qualquer cousa que se possa comparar ao trabalho de V. Ex. ia? E te-la-ha algum dia?

Não posso deixar de admirar, e de admirar sem reservas, o grande e nobre empreendimento e a sua realização. Eu que estou dentro d'um arquivo, avalio bem a enorme soma de energia e conhecimentos, a tenacidade, a força de vontade, os obstaculos e hostilidades a vencer para lograr uma obra como aquela a que V. Ex. ia ligou o seu nome. Se a ambição (legítima, justíssima) de quem toma uma pena é ligar o seu nome para sempre a uma obra, pode-se dizer sem lisonja que V. Ex. ia alcançou plenamente esse fim, pois alem de nada haver no nosso pais — eu ia dizer na Peninsula — que se lhe compare, quem, de futuro quizer tratar

⁵⁴² MAB/FAAB-Doc. 4874.

destes assuntos ha-de (queira ou não queira!) proferir com respeito e gratidão o seu nome e trilhar a estrada que o seu braço abriu atravez do que era uma floresta virgem. Curvo-me com respeito perante tão meritória obra e peço licença para incitar V. Ex. ia a pôr o remate á sua bella e grande obra e, se possível, reeditar os Vols. já esgotados e que aqui, no Sul, são verdadeiras raridades bibliograficas.

De entre todas, destacarei os Vols. IV e V que se me afiguram ser mais interessantes; não são estudos de caracter local, mas geral e nacional — o 5º Vol., até mundial dado o crescente interesse que os estudos hebraicos estão despertando lá fóra. O Vol. IV é um verdadeiro Corpus da Provincia Transmontana, nenhum estudioso, historiador, investigador ou simples curioso saberá agradecer suficientemente o saber, o cuidado, o esforço do seu ilustre e benemerito Autor.

Abordados os trabalhos como conservador da Torre do Tombo, termina com referência à independência moral da escrita do Abade:

(...) Não o farei, contudo, sem louvar e louvar com entusiasmo e respeito a nobre independencia e altivez moral de tantas apreciações e paginas da obra, vesse, mais uma vez, que a inteireza e desassombro dos transmontanos honram a especie humana, como algures li⁵⁴³.

Torquato de Sousa Soares manifesta algumas divergências na abordagem feita pelo Abade a alguns temas.

Santa Cruz de Vila Meã — 7 de Fevereiro de 1930

Ex.mo Senhor

Muito obrigado pela sua carta tão erudita e tão cheia de esclarecimentos.

A explicação que dá sobre a existência dos cavaleiros vilãos que aparecem no foral de D. Sancho é realmente engenhosa, mas não creio poder perfilhá-la.

Desculpe-me V. Ex. cia, mas a franqueza e a sinceridade são atributos indispensaveis ao investigador histórico não é assim?

Não creio que os miles do foral pudessem ser descendentes da nobreza de Bragança pela razão que essa teria desaparecido com a invasão muçulmana; mas mesmo que assim não fôsse não podia dar origem a uma classe de tradição e de índole tão diversas. Como V. Ex. muito bem sabe a nobreza era predominantemente constituída pelos godos ao passo que as classes tributárias pelos hispano-romanos que vieram a constituir mais tarde os grémios municipais.

A cavalaria-vilã, sem dúvida de tradições anteriores à Reconquista, aparece então, organizada de maneira diferente sem obediência às necessidades da guerra. Bem sei que ha quem seja de opinião — seguindo — Hinojosa — que a cavalaria-vilã

⁵⁴³ MAB/FAAB-Doc. 1030.

surgiu então sem qualquer afinidade com os decuriões, como queria Herculano e muito modernamente o prof. Ernesto Mayer.

Para o nosso caso, agora, pouco importa. O que eu queria saber é se realmente a existência de cavaleiros-vilãos na cidade ou no districto de Bragança aparece confirmada por outros documentos além do foral de D. Sancho, pois não só nos distritos de Entre-Douro e Minho, como no distrito de Panoias tal classe não aparece representada.

Sobre Bragança o único documento que dessa epoca conheço, além do foral, são as Inquirições de D. Afonso II, mas o apógrafo que delas nos resta é tão mutilado e resumido que nada nos diz a êsse respeito.

Chegariam a Bragança os inquiridores de D. Afonso III?

Enfim, não poderia V. Ex. indicar-me quaisquer documentos dos primeiros tempos da nossa monarquia que confirmassem a existencia de cavaleiros-vilãos na cidade ou distrito de Bragança?

Quanto à Romanização do Norte de Portugal, é claro que é impossivel negar que os romanos tivessem deixado abundantes vestígios da sua civilização nestas paragens.

Mas também é evidente que êsses vestígios provam apenas uma adaptação mais ou menos superficial à civilização latina, por parte da população que já aqui existia antes do domínio romano e que, além de numerosa, era, por índole, tão avessa à adopção de usos e costumes estranhos.

A esta conclusão chegaram Hubner e depois dêle Schulten e muito modernamente ainda manifestou-se do mesmo modo o Dr. Vergilio Correa (Hist. de Portugal, vol. I — O Domínio Romano).

Em grande parte das inscrições funerárias que V. Ex. cita encontrará sem dúvida nomes indigenas, e não lápides votivas nomes de deuses que não são os do Lácio.

É claro que hão-de aparecer nomes romanos não só de pessoas como de deuses, mas isso também se pode atribuir, em parte, ao facto de não só pessoas mas divindades indigenas se designarem por nomes latinos.

Como V. Ex. naturalmente sabe o Dr. Leite de Vasconcelos nas “Religiões da Lusitania” aventa a hipótese de que as lápides consagradas a Jupiter que se encontraram no norte do país escondem um deus indigena por baixo do nome da divindade capitolina.

Mas nada disto prova, é claro, contra a romanização do norte do país. É evidente que ela se deu, mas em muito menor escala que no sul.

E tanto assim é que enquanto no sul aparecem municipios de direito latino e romano e até colónias, como Scalabis e Pax Julia, no norte, que me conste, não ha memória duma única povoação de organização semelhante.

É, pois, evidente que enquanto o sul adoptou inteiramente a organização romana, o norte resistiu a ela e, mesmo depois de pacificados os castros, a sua organização, e com ela os seus costumes e as suas tradições, prevaleceram sobre a organização dos dominadores.

Perdoe-me V. Ex. tão grande maçada.

Muito lhe agradeceria se pudesse esclarecer as minhas duvidas indicando-me documentos que se refiram à classe dos cavaleiros-vilãos, e, sem mais.

Peço me creia

De V. Ex cia

Mto. (?) e obr.º

Torquato de Sousa Soares⁵⁴⁴.

Figura 76. Carta de António Gomes da Rocha Madail



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Rocha Madail, em 2 de janeiro de 1940, não o conhecendo pessoalmente, presta-lhe sincera homenagem e solicita-lhe apoio “histórico-bibliográfico”:

Exmo Rev.º Senhor Reitor Francisco Manuel Alves, da minha muito elevada consideração.

Peço licença para importunar V. Rev. cia com uma consulta histórico-bibliográfica, que, por dizer respeito a Bragança, não pode ser dirigida a mais capaz informador; e não tenho a honra de conhecer V. Rev.cia mais do que pela sua notabilíssima obra histórica, a que presto sincera homenagem, invoco, em desculpa à liberdade que tomo de escrever a Rev. cia, a circunstância de sermos ambos membros do

⁵⁴⁴ MAB/FAAB-Doc. 1043.

Instituto de Coimbra: Rev. mo membro honorário, e eu efectivo e secretário Geral da Redacção⁵⁴⁵.

Belisário Maria Bustorf da Silva Pinto Pimenta⁵⁴⁶, no dia 24 de maio de 1939, agradece a oferta da coleção completa das *Memórias*.

Il.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Pe. Franc.^o M.^{el} Alves:

Quiz o meu colega e velho Amigo António José Teixeira proporcionar-me a feliz sorte de possuir, completas, as Memórias Arqueologico-historicas do Dist^o de Bragança. Prometeu-me sem dizer que, alem de simples posse, já p.^a mim de grande valia, os volumes que me faltavam poderiam ser oferecidos por V Ex.^a.

Ora eu não aspirava a essa honra; quiz V. Ex.^a, por sugestão do meu condiscipulo, conceder-ma. Assim, alem de honrado, sinto-me extremamente satisfeito, pois a obra de V. Ex.^a é daquelas que não podiam faltar na estante do estudioso mesmo modesto como eu. Muitas vêzes tenho consultado, nas bibliot.^{as} publicas, alguns dos volumes agora oferecidos, porque ha perto de 30 anos trabalho em historia local embora sem seguro exito de V Ex.^a e a sorte de encontrar quem, noconcelho estudado, se interesse pelo assunto⁵⁴⁷.

António Gonçalves (1848-1932), professor, investigador e dinamizador cultural, teve um papel fundamental na secção de Literatura, Belas-Letras e Artes e na musealização do núcleo inicial do Museu Nacional Machado de Castro. Desempenhou também papel central na revista *O Instituto*.

Leite de Vasconcelos, em carta de 10 de maio de 1931, em Lisboa, estabelece paralelismo entre as *Memórias* e um monumento, onde cada volume representa uma coluna, referindo que no dia anterior o Pe. Ernesto Sales lhe foi entregar a "6ª coluna do Monumento que estais a levantar à Vossa Terra"⁵⁴⁸.

Júlio Dantas elogia o vol. VI das *Memórias*:

Meu Exmo e Illustre consorcio

Acabo de receber o valiosíssimo presente do VI volume das suas "Memorias Arqueologico-Historicas do Distrito de Bragança", consagradas aos fidalgos

⁵⁴⁵ MAB/FAAB-Doc. 2276.

⁵⁴⁶ Belisário Maria Bustorf da Silva Pinto Pimenta foi militar e historiador. Convicto republicano, anticlerical e membro da maçonaria, participou ativamente na revolução republicana. Foi opositor da Ditadura Militar e do Estado Novo. Contudo, cedo abandonou a vida política para se dedicar à investigação histórica, sobretudo à História Local e Militar. (Fundo Belisário Pimenta, s.d.)

⁵⁴⁷ MAB/FAAB-Doc. 1923.

⁵⁴⁸ MAB/FAAB-Doc. 433.

transmontanos. Obra de opulenta informação, produto de um trabalho (?) e d'uma vasta cultura, não é demais encarecer o seu valor sob os multiplos aspectos historico, genealogico, nobiliarquico e filologico. V. Ex. a acaba, com a publicação d'esse novo tomo da sua obra respeitável, de prestar mais um relevante serviço ao paiz e à região que teve a ventura de o possuir como seu filho. Peço a V. Ex. que acceite, com os meus gratos cumprimentos a expressão da minha mais elevada consideração e amizade.

De V.a Exa.

Confrade atento, venerado e admirador grato.

Julio Dantas.

Similarmente, os historiadores conterrâneos foram registando epistolarmente a sua opinião sobre a produção intelectual do Abade:

Miranda Lopes, em 1919, elogia o primeiro vol. das *Memórias*, edição que revela o talento, inteligência e conhecimentos do autor.

Meu querido Reitor

Argosello

6-Agosto-1910

Muitissimo obrigado pela remessa dos ultimos n. os do Instituto.

Já comprei ao Adriano o 1º vol. das tuas Memorias archeologico-historicas. É um livro precioso, que revela o teu formosissimo talento, a grandeza da tua intelligencia e os profundos conhecimentos que (?)

Estou encantado com a sua leitura e com o teu estado sobre esse potentado de outras eras, e que se chamou Mosteiro de Castro de Avellãs. Neste teu estudo achei dados preciosissimos que vieram derramar muita luz sobre o meu espirito.

Oh! Que não sabia quasi nada do passado da nossa região!

Se pudessemos ir mais alem, preencher-se-iam muitas das enormes lacunas, que ha na historia do nosso pais. Mas não poderemos avançar muito mais; porque tudo se perdeu no desleixo dos nossos antepassados e na noite dos tempos idos.

Continua, porém, meu querido e illustrado amigo, continua a decifrar com essa paciencia beneditina os enygmas das inscrições das nossas mais antigas ruinas do passado, e darás novos horizontes à história da nossa patria e novos mundos ao mundo dos intellectuais. Não posso mandar-te ainda os outros números do Instituto. Tem paciencia. Não me fica vagar para nada, porque a freg. dá-me muito trabalho, um trabalho (?) e muito mal remunerado! E que absorve um tempo precioso. Mas, já agora terei de levar a cruz até ao calvario, e morrer na obscuridade da minha aldeia.

Qualquer dia te escrevo com mais vagar.

E, entretanto, crê que sou com muita estima e consideração

Teu amigo dedicado e sincero admirador.

Pe. Mel Miranda Lopes⁵⁴⁹.

Ernesto Sales, em 8 de julho de 1919, agradece o IV vol. elogiando-o e lamenta a falta de interesse pelo público e poderes políticos:

Beijo-lhe as mãos com muitos agradecimentos pela sua amabilidade extrema para o velho companheiro de seminário a quem dispensa tanta imerecida consideração. Se até lhe chama “erudito”! Curioso, e nada mais, é o que êle é.

Recebi com a maior satisfação o seu IV vol. das Memórias. Nada lhe direi senão que eu só peço a Deus que compense quem tanto tem trabalhado numa cruzada tão patriótica e tão desprezada do público e dos poderes públicos; um e outros riem-se perante o amor que certas pessoas, poucas infelizmente, dedicam ao estudo do passado, e chamam-lhes sobranceiramente maniacos de velharias. É o conhecimento que êles teem do que é a sciencia historica. Deixá-los...

Amigo velho e admirador

Ernesto A. F. de Salles⁵⁵⁰.

Em carta de 27 de agosto de 1923, agradece as referências que lhe faz ao longo do vol. X. Testemunha a emoção com que leu a sua despedida das excursões arqueológicas, que a levou às lágrimas e realça o quanto tem afirmado o Distrito pela sua escrita.

Meu bom e prestante Amigo

Recebi ha três dias, remetido pelo teu Amigo José Montanha, o exemplar que me dedicaste, como aliás é teu generoso costume, do volume X do teu monumental trabalho das Memórias arqueológico-históricas do nosso distrito. Deus to pague com muita saúde, satisfação e paz de espirito, riquezas que só ele pode dar. Muito me penhoraste com as carinhosas expressões que me dirigiste no livro desde o começo ao fim, e tão rapidamente abrangendo os meus, pelos quais tive de repartir o teu “grande abraço.” Por tudo bem hajas. Deixa-me que te abrace em especial pela consolação e lágrimas que me saltaram dos olhos e do coração ao ler a tua Despedida das minhas excursões arqueológicas. Parece-me que te estou vendo! Bendito seja Deus que nos faz feliz vendo a felicidade dos amigos, embora distantes.

⁵⁴⁹ MAB/FAAB-Doc. 2001.

⁵⁵⁰ MAB/FAAB-Doc. 34.

Honra te seja pelo que de alto tens levantado o nosso tão abatido distrito — de outros tempos!

Um grande abraço do teu velho Amigo, e muitos cumprimentos da minha filha e netos.

Teu do coração e sincero admirador.

P.e Ernesto Salles⁵⁵¹.

Por sua vez, Campos Monteiro traça-nos o perfil do Abade e o seu método de trabalho, aplaudindo-o enquanto homem de ciência e literato, em carta de 30 de maio de 1928:

E venho agradecer-lho, e dizer-lhe toda a minha admiração pelo seu estrénuo trabalho de cabouqueiro, de homem de sciencia e de literato, desenterrando dopó dos arquivos tão preciosos documentos, examinando-os á lupa do seu critériode historiador, e apresentando-os ao publico sob a forma simples e elegante doseu estilo, sóbrio como convem a um sábio, correcto como é de esperar de quem tantos códices portugueses tem manuseado.

Grande e precioso trabalho o seu, meu caro e insigne amigo! Nunca homem algum foi crédor de tanta gratidão ao districto de Bragança. Vejo pelo seu livro que enfim as Camaras Municipais se resolveram a subscrever para o alto e perduravel monumento que o meu amigo está levantando. Ainda bem! E muitofolgo ver à frente d'essa Cruzada verdadeiramente santa um dos homens que eumais aprecio pelas suas qualidades de inteligencia e character. Refiro-me ao Dr. José Bacelar, fidalgo no sangue e fidalgo no proceder, — duas coisas que nem sempre andam juntas.

Agora que começa a ser compreendido, e tem o apoio das Corporações do Districto, continue sem esmorecimento, meu ilustre Camarada. E Deusprolongue ao seu rude arcaboço de transmontano a saude e a vida necessarios para podêr assentar a cúpula do portentoso edifício que tão laboriosamente vaconstruindo!

Dentro do livro encontro uma circular impressa pedindo umas informações. Vou responder-lhe, na parte que me respeita⁵⁵².

João Loureiro, colega na escola do “Tio-Rito” quando ainda eram crianças, escreve sobre a modéstia do Abade relativamente a todos os “afagos” da sociedade perante a sua obra. Refere a unanimidade nas homenagens, onde apenas existe uma nota dissonante, um alto dignitário, este movido pela inveja:

⁵⁵¹ MAB/FAAB-Doc. 1357.

⁵⁵² MAB/FAAB-Doc. 3620.

Meu caro Pe. Francisco

Pelo que vejo, parte da tua existência vem sendo uma luta travada contra os afagos da Sociedade! A sociedade a dizer: este Padre é inteligente, estudioso, sabedor, e como tal digno da nossa admiração. E o Padre a responder: não há tal: = apenas uma simples cura d'almas, isolado dos homens, no seu presbiterio, n'um circunfuso de coisas quietas; livros, mapas, plantas, croquis, esqueletos, fosseis, musgos e ferrugens, como a querer fazer mover e falar esse pandemonio de trapos, pedras e metaes!

Já é teimosia, meu caro Pe. Francisco. E a teimosia em certo grau é pirronice! Pois se tu estudas, investigas, escreves e publicas livros didacticos e artigos doutrinaarios, como queres fugir á crítica laudatoria dos que lêem e apreciam a tua obra? A fazeres-te desentendido e a perguntares, a tí próprio, ... se aquilo é contigo!...

Mas, vamos adeante: então, o meu menino, socio vogal da academia de Siencias, socio do Instituto da Associação de Archeologos, Presidente do Instituto Científico-literario, pena d'ouro, tinteiro de prata, calix, mensagens, pastas, comendas de merito científico, literario e artístico, e tudo de borla, ou melhor, por subscrição do clero, nobreza e povo ... que maior premio quer então, o meu caro Reitor de Baçal, aos seus estudos, pesquisas e canseiras? No meio d'este alfobre de offertas e mensagens, apareceu em tortulho, "um alto dignatario ecclesiastico", mas que importa... ficou amaganhado sob a folhagem cerrada das plantas floriferas que lhe ficaram em volta. Há homens, verdadeiros ôdres de inveja! Tanto enchem que um dia estoiram, n'uma difusão pestosa, de odios. E o alto clero não é imune a esses ataques de gafeira moral!

Pois que o meu condiscipulo, e mto. am. ^o Pe. Francisco Manuel Alves, continue a estudar, a descobrir, e a dar à estampa o resultado dos seus trabalhos, para que os entendidos na materia o cubram de benções e flores, cada vez mais, até que não haja uma polegada no seu habito eterno onde já caiba a petala d'uma rosa ou a fita d'uma comenda.

Eu também participarei, um pouco, d'essas glorias, visto que fomos amamentados no mesmo peito — na teta do Tio-Rito, que Deus aha em sua santa graça. Nem tudo que de lá saiu foi escabracho.

E de vez em quando dá as tuas noticias. Não é só fachinar nos archivos poeirentos e descurtinhar os mortos. Falar com os vivos, que são amigos, também consola!

Um abraço mto. sincero do Teu Velho João Baptista Loureiro

9-01-1921⁵⁵³.

⁵⁵³ MAB/FAAB-Doc. 2373.

José Francisco Deusdado elogia e agradece o I vol. das *Memórias*:

Meu querido amigo

Tive o grandíssimo contentamento de receber e de ler dum trago as Memórias do Districto de Bragança. As grandiosas palavras de offerta veem perfumadas (?) inebriante e vestidas de sorrisos (?). Quam fragrante o tomador que as paramentou! Cheiram á madresilva e á açucena. Viver espiritualmente é conviver e conviver é amar fazendo reviver em nós todos os bens que jazem amortecidos no fundo da nossa alma.

Como filho dessa terra proclamarei o auctor das Memórias um dos raros beneméritos della cantando com Isaias: Glorian meam alteri non dobo.

Eu sei a (?) do trabalho, de carinho e de talento que estas obras representam. Conhecemos o adagio francês: Il ne faut pas parler latin devant les cardeliers. No latim das indagações litterarias sou, candidato a franciscano. Fico ansioso por ver chegar a continuação. (?) prestar á obra e ao seu auctor a minha homenagem do templo da minha terra natal a sua obra ficará com o (?) e a mais subida columna.

Do coração lhe agradeço o prazer e o proveito que a leitura do 1º volume das Memorias me causou Vale des leis anima.

Angra 16-VI

Tuis pedibus devolutus

José Francisco Deusdado⁵⁵⁴.

Numa outra carta de maio de 1928, José Francisco Deusdado expressa que todos os seus trabalhos são de feição cristã, sendo os inimigos da igreja os seus inimigos. Disponibiliza a sua colaboração e solicita a do Abade, para os seus trabalhos, auxiliando-se assim mutuamente servindo a “verdade e a patria”. Afirma que defendeu a Companhia de Jesus e provocou ódio da maçonaria:

Maio, 1928

Meu Rev.^{do} Amigo

Recebi a carta e o n.º da gazeta que insere o artigo sobre os Quadros Açorianos. Ambas as enviaturas foram uma prova de tanta gentileza e de tam fina benignidade que por palavras eu não sei iguala-la em reconhecimento. Limito-me a dizer-lhe à moda da nossa terra: Bem haja, Deus Nosso Senhor lho pague.

Todos os meus trabalhos teem o cunho Christão, os inimigos da Igreja são os meus inimigos. Aspiro a dizer com o apostolo — Bonum Cartamem Cartori. Muito sympathico com a obra que está elaborando sobre Bragança e com o ardente

⁵⁵⁴ MAB/FAAB-Doc. 1224.

patriotismo que os escriptos de V. Ex.^{cia} exhalam. Eu posso Deo (?) auxiliá-lo alguma cousa e também peço a sua ajuda n'um livro que vou publicar. Incluso lhe mando um inquerito relativo à instrução. Entre a sua serie de documentos deve haver factos que interessam a meu livro e desejava d'esses a copia, podendo V. Ex.^{cia} inspirar-me quanto à minha orientação no discurso da abertura do meu lyceu que lhe remetti: Como vê é uma defesa da Igreja e um elogio da Companhia de Jesus, que já provocou o ódio da maçonaria. Ahí mesmo tem mais uma vez um firme confessor da fé Deus é connosco (?) auxiliar-nos vantajosamente, servindo ambos a verdade e a patria. Tudo quanto encontrar para o seu fim mandar-lhe-ei mui gostosamente. V. Rev.^{cia} tem em Lisboa tres paquetes para Angra que sam de manhã, dia 5, 12, 20 de cada mês.

A Junta Geral deve editar o livro de V. Rv.^{cia} como serviço do districto.

Hoje mando-lhe um n.º da Espanha, de Lisboa, que publica um artigo sobre os Quadros Açorianos, assignado por um poeta e critico distinto.

Não recebi o Alerta mas vi uma outra edição do mesmo periodico e tenho achado a sua serie de artigos interessantissimos. Quanto ao Castello, rendo-me à opinião justificadissima de V. R.^{cia}.

Conte V. Rev.^{cia} litteraria e pessoalmente commigo em tudo o que eu possa. Rogo a Deus haja V. Rev.^{cia} ao abrigo da sua mão omnipresente.

Sei vales, bem est, ego valeo.

Angra 14-X

Ex toto corde

José Ferreira Deusdado⁵⁵⁵.

José Rosa de Araújo, em 30 de maio de 1942, de Viana do Castelo, envia carta com apreciações sobre as *Memórias*, vol. X. Felicita-o e diz que gostaria de fazer o mesmo em Viana do castelo⁵⁵⁶: Fala de amigos comuns, como os pintores Joaquim Lopes e Alberto Sousa e fotógrafo Saucassaux. Expressa como sente a “identidades das nossas inclinações”. À semelhança do Abade, investiga nas áreas de Arqueologia, Etnografia e artística. Contudo, não é valorizado o seu trabalho e chamam-no de “doido, homem das pedras”⁵⁵⁷.

Nossa última leitura ao Tomo X das vossas Memórias forço-me a escrever-vos esta carta para vos patentear a minha admiração pelo vosso trabalho, pela vossa persistência e pelo vosso saber. Se, em cada distrito, um homem vos emitasse,

⁵⁵⁵ MAB/FAAB-Doc. 1224.

⁵⁵⁶ MAB/FAAB-Doc. 1340.

⁵⁵⁷ Sobre este assunto veja-se a resposta do Abade referida no epílogo.

teríamos a mais curiosa história que Portugal poderia mostrar ao Mundo. Infelizmente, homem como V. R. são excepções — para inveja e despeito das outras terras.

Eu tenho por V. R. a mais fanática das admirações. Já mais de uma vez me tenho socorrido do vosso saber e sempre me haveis socorrido com a paciência e solicitude de um verdadeiro Santo. O vosso viver não só é inteiramente desconhecido, mercê das benevolas informações de amigo, tais como os pintores Joaquim Lopes e Alberto Sousa e fotógrafo Soucassaux de Barcelos.

A causa principal da minha fascinação deve-se a identidade das nossas inclinações. O meu mais belo sonho, seria dotar a minha terra com um monumento como o vosso. Mas além de falta de competência, há aqui a mais completa indiferença por esse género de estudos!

E estamos numa região riquíssima, em qualquer dos campos arqueológico, etnográfico e artístico!

Trajes, usos, costumes, lendas, tradições, etc. etc. Há para ocupar vidas inteiras.

Eu vou juntando fichas sobre fichas, como embriagado. Compro Trajes, objetos... Todos os números dos jornais da terra inserem colaboração minha. Mas é como atirar pedras ao mar. Chamam-me doido, homem-das-pedras e outras coisas mais.

Uma miséria.

Entretanto vou trabalhando, trabalhando, com uma fé... nem sei em quê.

A propósito, venho comunicar-vos uma notícia que não vos será indiferente. A iniciativa minha, o sábio Dr. Figueiredo da Guerra, vai ter uma homenagem. Coisa simples — mas sincera: A colocação duma lápide comemorativa na casa onde nasceu e faleceu. A pedra está a ser lavrada e quando da sua inauguração, a “Aurora do Lima”, jornal local, tirará um número especial, colaborado por amigos daquele arqueólogo. Eu não me atrevo a pedir-vos umas linhas. Mas se tal for da vossa vontade, e por enviardes será recebido com embandeiramento de festa.

E outra coisa também — mas essa apenas de meu interesse. É que tenho as coisas planeadas para nas proximas férias grandes, por Agosto a Setembro, ir a Baçal — unicamente para ter o prazer de vos conhecer pessoalmente.

Releve-me V. Ex. a tremenda maçada que lhe dei com a leitura desta carta. Mas um homem da vossa envergadura tem que se sujeitar a estes e outros precalços...

De V. R.

O mais humilde de sempre sincero admirador

José Rosa de Araújo

Viana do Castelo⁵⁵⁸.

⁵⁵⁸ MAB/FAAB-Doc. 1340.

Como já mencionámos, o Abade, apesar de avesso às teorizações, alimentava-se de um espírito positivista quanto ao método, contudo, tradicionalista e patriótico no que respeitava às interpretações. Como católico, foi criticando e apoiando a igreja, não escrevendo uma história apologética (Amaral, 2002).

Apesar da diferença entre estes historiadores eruditos, unia-os a importância atribuída às fontes, quer inéditas, quer publicadas, o rigor da crítica do documento e a escolha da informação descritiva e factual, em detrimento da problematização e da explicação (Torgal, et al., 1996, p. 192).

7.6. A casa em Baçal: a varanda e as visitas

Figura 77. Varanda da Casa do Abade



Fonte: Centro Português de Fotografia

Baçal, na varanda ao sol, coado através da folhagem do martírio que em festões avança de coluna a coluna tendo sobre um joelho a Muxeninha, bisneta da Tartaruga, já falecida, que, de quando em vez, estende a pática brincalhona sobre os papéis, e aos pés deitado o Prinze, que, embora digno, não consegue apagar-me as gratas recordações do Lafrau, enquanto uma abelha no canteiro aos sucalcos do curral zumbe em volta da floração vermelha de um goivoenamorado das rosas em botão da camélia e meia duzia de pardais, sumidos porentre as galinhas, os porcos e a burra, procuram apanhar os grãos que meus sobrinheiros Luzia Alves e Bernabé Alves lhe deitam, 14 de Dezembro de 1927. Padre Francisco Manuel. (Alves, 2000, vol. IX, p. III)

Baçal é a casa rural que receberia Francisco Manuel Alves no seu nascimento e onde viria a falecer assumem um papel central na vida e obra deste autor. É, primordialmente, a partir de Baçal que vai construindo a sua obra e a imensa teia de contactos, que o constituíram figura pública de carácter nacional. Neste contexto, torna-se de Baçal um lugar de peregrinação regular para muita gente de diversos setores da vida cultural portuguesa. Construiu, assim, a sua obra a partir do espaço geográfico condicionado da aldeia, à luz do sol e da candeia, tendo por secretária uma pedra e o campo aberto da cortinha.

Foi neste espaço que homens como Jorge Dias, José Leite de Vasconcelos, Egas Moniz, Abel Salazar, e muitos outros o visitaram e deixaram o indelével registo da visita nas

paredes da varanda. É para a sua casa em Baçal que são endereçadas a quase totalidade das cartas em seu nome, as missivas que foram o nosso objeto de estudo.

Figura 78. Registo da visita de Leite de Vasconcelos nas paredes da varanda da casa do Abade



Fonte: Museu do Abade de Baçal

A Baçal muitos dos escreventes deslocam-se à procura de informações seguras, da sabedoria, de livros, ou apenas do agradável convívio e o simples prazer da presença. Pressentiam no Abade o demiurgo da cultura e alma transmontana. Significava o meio e a cultura que ele próprio integrava e descrevia, com uma sonoridade e verdade que só nestas circunstâncias se consegue.

Como já aludimos, dessas visitas tomava nota nas paredes da sua varanda, onde epigraficamente assinalava os nomes e as datas da visita. É assim a partir da sua casa de Baçal que o Abade vai construindo a sua obra e a teia de relações.

A sua impressionante capacidade de mobilização permitiu-lhe a consolidação e extensão dessa rede e o peregrinar constante a Baçal. A força mobilizadora do Abade é caracterizada por Monsenhor José de Castro no Mensageiro de Bragança:

Sabe-se que o Abade de Baçal atraía sem querer atrair; conquistava sem querer conquistar: um simples contacto sugeria uma amizade que se atava para sempre. Querer bem ao Abade, admirá-lo, visitá-lo na sua casa, chegou a ser moda agradável. Ir a Bragança, e não ir a Baçal era quase o mesmo que ir a Roma e não ver o Santo Padre. (Mensageiro de Bragança, 20 de dezembro de 1947)

Figura 79. Almoço na cortinha da casa do Abade, nos inícios da década de 30, com amigos de Bragança e Henrique Tavares, Eng. Gomes da Silva e Arq. Baltazar de Castro



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Na leitura das cartas confirmamos que a comunidade científica o reconhecia e que a imprensa o seguiu sempre com grande atenção. Para além da valiosa colaboração, publicada em revistas como o *Arqueólogo Português*, o *Instituto*, a *Brotéria*, *Portucale*, o *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, entre outras, o Abade foi vendo a sua obra referenciada por vários jornais de índole nacional e regional que iam publicando e solicitando os seus artigos.

Figura 80. O Abade na sua cortinha



Fonte: Museu do Abade de Baçal

Imaginámo-lo sentado nas pedras da sua cortinha, ou na cadeira do seu alpendre com um longo horizonte, no labor epistolar, na leitura e resposta às constantes missivas. Foi aí que recebeu muitos dos escreventes, fazendo-o sem cerimónias, mas, com toda a afabilidade. Muitos desses encontros tiveram a génese em contactos epistolares, que, por vezes, se transformaram em sólidas amizades. O culminar do conhecimento epistolar era o encontro na sua casa, o pacto da amizade registado epigraficamente “agora para sempre” nas paredes da sua varanda, como escreveu o seu dileto amigo Leite de Vasconcelos.

Era na sua casa que recebia as suas inúmeras visitas, e a todos deixava desconcertados pela simplicidade com que os acolhia. Pão, presunto e vinho, por vezes, acompanhavam a receção.

É na escrita de Monsenhor José de Castro que ficamos a conhecer melhor a casa:

Era uma casa de linhas romanas, quadrada, com janelas irregulares para a rua, portas interiores para a varanda em todo o quadrado, e a varanda para o pátio onde muito à vontade estão os porcos, malha bezerra, branca a burra e as galinhas. (...) Atrás da casa, um místico jardim, debruado de alecrim e alface, mesa posta às abelhas infatigáveis. Mais atrás, uma cortinha onde o verde alface das videiras é relevado pelo verde duplo das oliveiras que ele plantara.

A um canto da Cortinha, um pombal; e junto deste uma mesa tosquíssima — a sua secretária — e junto da mesa um grande seixo que trouxera, às costas (...).

O desenho com os nomes na parede crescia, pois as visitas multiplicavam-se como se um santuário do conhecimento se tratasse. Como faltava espaço para os registos, arranjou, então, o Abade um caderno para assentar as visitas. Apesar de parte da casa estar em ruínas, ainda sobrevivem alguns desses desenhos.

É na sua casa que fica a conhecer muitos dos contactos epistolares, como, por exemplo, Leite de Vasconcelos, que em carta de 5 de março de 1915, escreve: “Espero ir ai este verão, e terei pois o gosto de conhecer pessoalmente V. E., depois para sempre(...)”⁵⁵⁹.

Analisemos algumas das visitas registadas nos documentos epigráficos. Raul Proença, em 17 de setembro de 1926, envia missiva e convida-o para colaborar no III vol. do *Guia*

⁵⁵⁹ MAB/FAAB-Doc. 420.

de Portugal, dedicado ao Norte. Explica-lhe os conteúdos e estrutura⁵⁶⁰. Para o efeito, combinou com Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes que iriam visitá-lo a sua casa.

Todavia, percebemos pelas missivas que a visita não se concretiza: nem Raul Brandão nem Teixeira de Pascoaes o visitarão, como tencionavam.

Um padre austríaco na sequência da visita a Baçal, escreve a agradecer a receção:

Sinto muito ter invadido o seu lar... mas d'outro lado estou de facto obrigadíssimo ao Padre Jesuita, ter me ele seduzido a fazer uma visita ao ilustríssimo sabio de Baçal. Pois foi para mim uma aventura extraordinária e horas felizes que terei sempre na boa memória em toda a minha vida.

Porquê- porque encontrei alguma coisa, que fez tão bem a um homem novo e que encontra tão poucas vezes neste mundo: uma — personalitas en se confirmacta — intacta de todas estas doenças contagiosas da hypocrisia e da mediocridade⁵⁶¹.

A respeito da visita a Baçal, António Lello da Livraria Lello no Porto, em 31 de outubro de 1938, escreve:

Ex.^{mo} Sr. Francisco Manuel Alves

Os meus agradecimentos pela forma acolhedora, como me recebeu e aos meus que me acompanharam na visita á casa de Baçal (...) Não esquecerei facilmente os momentos que passei junto de V. Ex.^a, a delicada oferta de dois opusculos seus a minha querida néta (...) ⁵⁶².

Do mesmo modo, o arqueólogo Maxime Vaultier, em 12 de setembro de 1940, envia duas fotografias que tirou em Baçal e agradece a forma atenciosa como o recebeu:

Meu prezado Amigo,

Tomo a liberdade de juntar as duas fotografias tiradas quando tive o prazer de visitar V. Ex.^a, e aproveito a ocasião para agradecer, mais uma vez, a forma atenciosa como me recebeu (...) ⁵⁶³.

Da Universidade de Coimbra, o professor Artur Augusto Taborda Moraes, em 4 de março de 1941, pede informações para os seus trabalhos de botânica da região e sobre árvores centenárias, referenciando a visita que lhe terá feito acompanhado por Santos Júnior:

⁵⁶⁰ MAB/FAAB-Doc. 4797.

⁵⁶¹ MAB/FAAB-Doc. 4663.

⁵⁶² MAB/FAAB-Doc. 2803.

⁵⁶³ MAB/FAAB-Doc. 4919.

A carta de V. Ex.^a veio avivar-me a visita que com o Dr. Santos Junior tive a honra e o prazer de lhe fazer em Outubro de 1938 em breve intervalo duma excursão botânica que então fiz pela nossa Província no intuito de sobre ela escrever no domínio da fitopografia (...) ⁵⁶⁴.

Orlando Ribeiro visitou o Abade em agosto de 1936, quando acompanhou Leite de Vasconcelos e Jorge Dias numa viagem a Bragança. Essa visita possibilitou a Orlando Ribeiro o conhecimento da região e da sua cultura (Garcia & Daveau, 2017).

No epistolário encontramos um cartão de visita de Hermann Lautensach, geógrafo alemão que consagrou parte da sua vida de investigação à Península Ibérica e, em particular, a Portugal. Sabemos que o visitou em 1943, por recomendação de Orlando Ribeiro e Leite de Vasconcelos.

Nas palavras de Jorge Dias, ao descrever a receção em Baçal com uma assombrosa clarividência, compreendemos o âmago do homem, do investigador e do cristão e como estas facetas se fundem e se tornam indissociáveis para compreensão do homem (Abade) e da obra:

Conheci o Abade no Verão de 1943 (...) Entrámos em Baçal transportados pela paz imensa que irradiava a velha aldeia com os seus grandes negrilhos e as belas casas de pátio fechado. Alguém nos indicou a casa do Abade, que nos acolheu com o à-vontade fidalgo e seguro de quem neste mundo é o que é e não pretende ser o que não é. Conversamos primeiro na ampla varanda que dava para o pátio de uma casa de lavoura, onde se amontoava o estrume e corriam os animais domésticos. Ouviu o nosso nome, quem éramos, o que queríamos e com simplicidade indicou-nos a parede e disse-nos que escrevêssemos lá o nome, pois, de contrário, se esquecia, e os cartões de visita em geral perdiam-se. Na parede onde escrevemos o nome vimos, de relance, muitos outros, de Portugueses e estrangeiros, alguns de pessoas muito conhecidas. Fomos até à sua sala de trabalho, onde reunia uma considerável biblioteca. Depois, com a singeleza e a hospitalidade do povo da sua região, tirou uma garrafa de vinho dentre os livros, trouxe um grande magnífico pão de trigo caseiro e um bom naco de presunto (...) Quem ler tudo o que o grande Abade de Baçal escreveu sobre etnografia ou tradições populares encontrará sempre esse espírito de generosa compreensão. Ele sabia, como qualquer bom etnólogo, que o homem pode exprimir a sua fé sincera de maneiras muito variadas e que todas as sobrevivências pagãs que duraram séculos e milénios não se podem nem devem extirpar à força, violentamente, sem perigo de traumatizar a alma desse mesmopovo.

⁵⁶⁴ MAB/FAAB-Doc. 3865.

O abade de Baçal chegou a esta atitude não pelo estudo de teorias etnológicas, mas pelo caminho do Cristianismo singelo de um sacerdote que era profundamente puro e bom, e extraía das lições de Cristo essas normas seguras pelas quais se guiava sem receio de errar. Não foi, portanto, um etnólogo baseado em teorias científicas; mas foi alguém que, por intuição e amor, se coloca na posição fundamental de qualquer etnólogo moderno. Ele compreendia o povo, o seu povo bragançano, mesmo quando se tratava de judeus, ou mesmo quando os cristãos estavam envolvidos de tradições remotas, vindas dos confins dos tempos.

Afinal, esta atitude do Abade de Baçal, que particularmente a partir do grande Papa João XXIII voltou a ser adoptada por muitos representantes da Igreja, entroncava numa antiga tradição do Cristianismo. Foi ela que fez do Abade de Baçal não um banal colector de materiais, mas um etnógrafo vivo, com o sentido profundo das raízes e das credências e das tradições e uma alma generosa para compreender e amar o seu povo. (Dias, 1985, pp. 341-344)

Também o visitavam os seminaristas, a quem oferecia a fruta da cortinha. Aí recebiam as lições de História e, na sua sequência, registavam a bonomia do Abade. É na escrita do P.e Francisco José Afonso que ficamos a conhecer essas visitas. Em 14 de janeiro de 1945, expressa:

Rev.mo Senhor Abade:

Li no último numero do “Mensagem de Bragança” num artigo, relativamente ao Castelo de Avelãs, em que V. Rev.cia refere que as “Inquisições” ao tratar da freguesia de Fresulfe, dizem que o citado Castelo foi mandado fazer por D. Sancho I e D. Galego ... ora tal referência á minha terra nas “Inquisições” fêz comque lhe bata novamente à porta. Já o fiz outra vez o ano passado, antes da sua grande doença e após ela recebi a resposta, que só hoje penhoradamente agradeço com um “Muito Obrigado”.

Acêrca do que então lhe perguntei disse-me V. Rev.cia que nada sabia, mandou-me porém consultar o “Dicionário Geográfico de Portugal” da Torre do Tombo, mas como ainda não fui a Lisboa não pude experimentar esse prazer.

(...) Queria ter mais êsse incómodo a par de tantas outras canseiras, e Deus lhe pagará tudo, já que os homens nem sempre agradecem.

Diga-me, seu ultimo volume já se acabou de imprimir?

Desculpe-me a maçada, que já vai longa demais. Oxalá V. Rev.cia pudesse responder-me a tudo!

Quem me dera ir a Baçal visita-lo nas férias do Carnaval, beber-lhe uns copos, e encher os bolsos de maçãs no meio da estudantada. Já não era a terceira nem a quarta nem quinta vez. Mas quê, êsse belo tempinho já lá vai!...

Baçal... O senhor Abade!...

Nunca nos esquecia (nem me esquece ainda hoje) e para a nossa consciência de seminaristas de então, seria falta imperdoável, não visitar o Sr. Abade em Baçal! Pudera! É que ali tínhamos nós um amigo, e um sábio que sempre nos falava pouco, por bastante que fôsse. Como nos faziam bem aquelas visitas. E os seus conselhos eram sempre salutares, vivificadores. E então os copos eram óptimos fortificantes.

Pois bem, meu caro Senhor, já que eu não posso repetir essas visitas como dantes, (?) a Deus que os meus antecessores, nos bancos do seminário as repitam por muitos anos ao Snr. Abade, “á Candida” como nós lhe chamavamos e ao “Pisquinho”, que avaliar pelos jornais chegou bem êste ano.

Faço votos para que o seu amigo o “Pisco” vá e venha muitos anos, sempre alegre e contente por encontrar o Sr Abade sempre robusto, franco e (?)

Permita Deus, que assim seja. Os seus amigos embora obscuros, cá estão nas dobras das serranias agrestes, onde as pedras toscas de granito admirando um homem, um sábio, colega no sacerdócio e conterrâneo, e bendizendo a sua obra colossal.

De V. Rev.cia

M.to am. 9 d.do e ob. 9

P. Francisco José Afonso⁵⁶⁵.

Afrânio Peixoto, depois de uma visita ao Abade, em 1947, ano da morte do Abade, registava as impressões da visita, numa carta dirigida ao Pe. Firmino Martins, carta publicada no *Mensageiro de Bragança*:

A maior curiosidade de Bragança e do seu museu é o próprio Abade de Baçal (...) a figura mais completa de investigador e cientista que conheci (...) É um sábio e um santo. O homem parece um castanheiro secular; de um desses sotos de Trás-os-Montes. Um pedaço de homem, alto, corpulento que tem 80 anos e, se o deixarem, irá aos 160. Rude e primitivo, como uma lasca de pedra de dólmén ou anta, plantada em terra erma. Por tudo, esse homem é admirável e mais, é único. Simples e sábio como um filósofo grego. Pobre e desprezador de bens e honras como um ermita cristão, ou arcaico franciscano.

Não fazia cortesias nem dava a ninguém o tratamento de Vossa Excelência, nem Vossa Senhoria, nem de Vossa Mercê. A todos — fosse quem fosse — dava a segunda pessoa do plural — Vós isto, Vós aquilo, Vós aqueloutro. (Mensageiro de Bragança, 20 de novembro de 1947)

⁵⁶⁵ MAB/FAAB-Doc. 1539.

Muitas outras visitas poderíamos elencar a partir do conjunto documental estudado, não obstante, os elementos referenciados demonstram-nos com clareza a importância da casa e dessas visitas na vida e obra do Abade de Baçal.

Epílogo

O alargamento do conceito de fonte histórica conduziu a que objetos do quotidiano fossem considerados “documentos”. Como expressou Jacques Le Goff, citado por J. Amado Mendes, “Terminou a ditadura do documento escrito, tendo a história passado a fazer-se com tudo o que pertencendo ao homem, depende do homem, exprime o homem, demonstra a presença, a actividade, os gostos e a maneira de ser do homem” (Mendes, 2009, p. 62).

Foi neste espectro que estudámos o epistolário de Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal:

Enquanto suportes de memória, testemunhos materiais do passado, de proveniência heterogénea e multiforme, proporcionam elementos surpreender a vida privada, restituindo, ainda que de uma forma incompleta, o quotidiano vivido com detalhes anódinos mas surpreendentemente ricos para os estudiosos (...) recordações guardados como espólio familiar por herdeiros ou acautelados em museus ou instituições museológicas, constituem testemunhos eloquentes sobre a vida privada e sobre o modo como se organizava o espaço doméstico, representativos da estrutura mental e da visão do mundo e da cultura em geral. Muitos desses objectos são investidos de emoções e de afectos (...) considerando-se que esta cultura material constitui matéria-prima para o ensino das disciplinas ligadas ao mundo social e tendo um papel importante na formação da memória histórica. (Vaquinhas, 2011, p. 454)

Foi partindo dos pressupostos enunciados que desenhamos a *cartografia* cultural tendo por base o epistolário estudado e que apresentamos neste trabalho. Usamos a correspondência na sua dimensão histórica, atendendo fundamentalmente à informação, emanada dos textos epistolares. As narrativas epistolares, que enquadrámos no contexto social da época, ofereceram-nos um terreno muito fértil.

O esboçar do enquadramento teórico-metodológico, a caracterização global do epistolário, o perscrutar da voz escrita, permitiu-nos cimentar trajetórias biográficas, tornando mais nítidas as redes de sociabilidade de Francisco Manuel Alves. Aproximámo-nos de vivências de diversa índole da vida privada. Vivências esboçadas pelos sentimentos que, explícita ou veladamente se confessavam nas mensagens mais intimistas. Emoções, factos, situações e pensamentos, deixaram o seu caudal na

atividade epistolar. Confidências e impressões disseminadas pela correspondência contam trajetórias de vida e permitem-nos esboçar psicologias singulares, que nos ajudam a compreender identidades pessoais e ajudam a clarificar e interpretar os meandros em que circulavam neste imenso cartear (Sanchis, 1999-2000, pp. 13-26).

O vasto conjunto dos testemunhos epistolares forneceu-nos, com grande relevância, uma visão em perspectiva da obra de Francisco Manuel Alves. Assim, evidencia-se no presente estudo o importante contributo hermenêutico destas missivas para a escrita das *Memórias* e para estudos que se venham a produzir sobre a historiografia de Francisco Manuel Alves.

O ponto de partida foi a correspondência dirigida ao Abade de Baçal. O interesse historiográfico destes documentos genericamente silenciados situou-se, no nosso ver, por um lado, na possibilidade de proceder ao conhecimento da vasta rede de correspondentes, por outro, no conhecimento das temáticas centrais da epistolografia, dando detalhe a alguns acontecimentos históricos e contribuindo para o melhor conhecimento do Abade de Baçal, enquanto cidadão, sacerdote e intelectual.

Permitiu-nos, ainda, conhecer a cultura e sociedade de uma época com algumas singularidades, a partir das narrativas dos correspondentes em tempos conturbados da passagem da Monarquia para a República, no espaço geográfico de Trás-os-Montes, restituindo-lhe algum detalhe. Por fim, perceber a génese das *Memórias*, tema central da epistolografia.

Assim, um conjunto de cartas inéditas deram a conhecer elementos valiosos para o estudo da personalidade do Abade e da sua obra e como ele se posicionou, numa teia construída por inúmeros correspondentes de vários locais e de múltiplas temáticas que teceram uma complexa rede. Fornece-nos dados que ajudam a compreender a História e Cultura do século XX. Aos prolíferos estudos sobre o Abade, os documentos epistolares acrescentam outras importantes dimensões de estudo.

Sempre que nos foi possível procedemos ao confronto de aspetos evidenciados nas missivas com elementos conhecidos da biografia do Abade e dos escreventes, cotejo que nos auxiliou na identificação dos assuntos e na reconstituição do itinerário pessoal

e científico do historiador. Não podemos deixar de mencionar que, se é verdade que a leitura destes documentos evidencia um centramento na figura do Abade, não é menos evidente que os registos deixam aflorar o rosto e a vida dos correspondentes.

Num mosaico tematicamente diversificado, muitas das epístolas têm como motivação o agradecimento das *Memórias* enviadas pelo Abade e pelos seus amigos, grupo onde se destacam Raul Teixeira e José Montanha, cartas breves. Outras, mais longas, apresentam comentários pormenorizados às obras recebidas que importa considerar para a definição do percurso historiográfico do autor. Informações que nos permitem ter uma visão mais nítida da construção historiográfica das *Memórias* no seu conjunto, desde o projeto inicial, até à edição dos XI vols., ocorrida num dilatado período temporal, de 1910 a 1947. Outras descrevem-nos as teias sociais nos tempos conturbados da República.

Por último, mas não menos importante, esta leitura apresentou-nos um retrato do Abade, que vem pôr em causa a sua imagem de historiador isolado.

Num último momento, revisitamos algumas cartas que nos acompanharam neste percurso e demos voz a algumas minutas do Abade, que, de uma forma exemplar, nos sintetizam os temas abordados neste trabalho e nos expressam, singularmente, a sua visão do mundo, conferindo corpo e forma mais nítida ao que o conjunto epistolar nos revelou.

Numa minuta, dirige-se ao seu amigo, D. Frei João Bosco, agora devotado à vida monástica. Expressa como entende agora a sua passagem para a espiritualidade monástica e estabelece analogia com a sua própria existência: também se refugia na Arqueologia, fugindo da vida mundana, mantendo-se “longe da tempestade, paixões, e as arrelias, as intrigas...”. Concluindo que o homem é uma autêntica fera “incapaz de regeneração, pelo menos colectiva”.

Em tom de desabafo, expressa que o mundo se engana quando o apelida de sábio e santo, apresenta-se como “silo de velhacarias embora latentes”. A Arqueologia desempenha esse papel de catarse e não deixa expandir essas “velhacarias”. Pede, assim, que reze por ele e que Deus lhe aumente e esclareça a fé, onde “sempre tenho

manqueado muito”. Transcrevemos a minuta, que, em nosso entender, sintetiza de uma forma magistral o carácter do Abade.

Meu caro Pe. Mariz e Castro

Perdoai-me o tratamento porque, porque sim. Continuais sendo o Pe. Mariz e Castro, dos tempos paroquiais na diocese de Bragança, o Pe. Mariz e Castro q. tantas informações me deu fora as excursões arqueológicas históricas do distrito de Bragança, que às custas dele; o Pároco de Vinhais, que (?) nas minhas excursões arqueológicas me hospedou fidalgamente em sua casa.

E convencidíssimo estou que sereis bom frade porque — bom padre, melhor frade; mau padre, pior frade — de pároco para frade (?) (?) de frade para padre ao contrario, se não era (?) que frutifique a secularização.

Na altura da vossa iniciação monastica não o compreendi e assim continuei até q. a vossa carta veio abrir me os olhos — ideais de espiritualidade — que certamente Deus terá (?) (?) grosseiro de espírito.

Eu fujo do mundo pela via da arqueologia e ficome longe das tempestades, paixões, a as arrelias, as intrigas e eu — mergulho mais e mais no passado, que afinal não é melhor q. o presente, porque o homem é uma autentica fera incapaz de regeneração, pelo menos colectiva, mas absorve e para me esquecer o presente e (?) (?) É que cada (?) responde pelos talentos que recebeu e os meus ficaram muito em baixo.

O mundo tem no galardoado na (?), jornais, nos livros, nas honras académicas, nos títulos espantoso(?) (?)

Esquecer porque sei bem q. o mundo se engana quando me chama sábio e virtuoso e alto Santo. Santo! Vede que profanação! Santo! Vede que profanação! Santo eu que sou um silo de velhacarias embora latentes porque a arqueologia as arreta sem lhe dar tempo a expandirem-se. Oraí por mim, meu caro Mariz, pedi-lhe que me aumente a fé em que sempre tenho manqueado muito e me esclareça o intellecto afim de abraçar sem duvidas. A vossa carta é datada de 8 de Julho de 1940 chegou a Lisboa dia 25 de Setembro e so hoje de Outubro se segue esta no correio.

Desde que vos refugiastes no Claustro já publiquei o 8º, 9º e 10º vols. das Memórias Arqueologico-Históricas, e estou agora para findar a impressão do XI, mais três ou quatro folhetos e dezenas e dezenas de artiganços em periódicos, revistas e números únicos in memorias.

Ata, monografia sobre o (?) concelho (?) Carrazeda de Anciães não cheguei a publical-a. Andou em visto por diversas mãos, e, entretanto passei a outros assuntos q. me fizeram esquecer dela; até q. diversas pessoas me perguntaram por ela. No principio não fiz caso, disse-lhes simplesmente que ainda não estava publicado. (?) (?) tratei da publicação mas por mais voltas que dei à papelada nãoa

encontrei. Roubaram-ma? Não creio. Parece-me que deve estar em qualquer parte da minha livraria, que é uma verdadeira babel mas desisto de a procurar (?), como tantas vezes me tem sucedido, que ha de aparecer quando menos o pense, ao procurara outra coisa. Mas a verdade é q. já lá vão 4 ou 5 anos e ainda não surgiu.

Adeus meu caro D. Frei João Bosco de Sampaio Mariz e Castro. Não vos esqueçais de pedir a Deus que aumente e esclareça a minha fé e crede que de coração vos desejo saúde e paz. Francisco Manuel Alves Baçal

12.X.1940

Bragança Portugal⁵⁶⁶.

Numa outra minuta endereçada a Manuel Monteiro, onde lhe solicita o apoio para conseguir a aposentação. Revela-nos as suas inclinações políticas. Alega que foi respeitado pela Monarquia, mas também é respeitador da República, como revela a sua alcunha Robespierre. Contudo, dado o constante e persistente despotismo de quem toma o poder, seja ele qual for, aspira ao socialismo, ou seja, sempre à “corrente seguinte”.

Revela, também, como era contra o celibato. Define-se como um bom homem. Plantou árvores (22.000). Escreveu centenas de livros, não teve um filho pela estupidez do celibato clerical, contra o qual se debateu, mas cumpriu-o, obedecendo aos votos.

Sente-se cansado, aos 60 anos, e 35 de pároco, sem descanso, pedindo assim que o ajude para conseguir a aposentação. Havia solicitado ajuda a Couto Martins há cerca de três anos. Contudo, apesar de o ter informado que o processo já tinha transitado para o Ministério das Finanças, e de, pela lei, ter direito à aposentação, ainda não a tenha conseguido. Ressalva que esse pedido não o poderá comprometer politicamente, apenas lhe tributará gratidão.

Em minuta de 1 de setembro de 1924, escreve o Abade⁵⁶⁷:

Confundem-me as vossas amabilidades pois não vos esqueceis nessas alturas sociais do pobre cura de Baçal. Jamais esquecerei tamanha honra. Por tudo mil graças. Tenho ideia de que o general, engenheiro Adolpho Loureiro, presidente da Associação dos Archeologos Portugueses me passar para socio e de me dizer que a coisa de guia: mas morreu logo e ... em todo o caso heide virificar e dizer mas

⁵⁶⁶ MAB/FAAB-Doc. 4731.

⁵⁶⁷ MAB/FAAB-Doc. 3827.

não nestes oito dias mais proximos porque ando a por a limpo uns apontamentos que trouxe da bela exposição de arte realizada em Bragança no dia 29 p.p. onde muito consolei os olhos e o espirito por ver que a nossa terra ainda brilha.

Já agora outra cousa. Requeri ha não sei quantos anos a minha aposentação como pároco que tenho direito porque afinal sou um bom cidadão respeitador do statuquo na monarquia, mas já então republicano como se mostra pela alcunha de Robspierre; respeitador agora da republica mas aspirando por outra formula socialista mais avançada e, se ainda chegasse a ver realizada esta aspiração, suspiraria por outra e assim sucessivamente porque os apostolos das grandes ideias tendem sempre a abusar e ao despotismo desde que se apanham no poder, donde a necessidade de os combater. Bom cidadão porque se todo o homem deve plantar uma arvore, escrever um livro e fazer um filho, eu plantei 22:000 arvores, escrevi não sei quantos alfarrabios alem de centenas e centenas de artigos em jornais e revistas o que tudo deve compensar a sinalefa em que toca ao filho, sinalefa de que não tenho culpa, mas sim a estupidez do celibato clerical contra o qual sempre tenho clamado se bem que o guardo porque assim o prometi. Ainda bom cidadão porque sacho feijões, batatas, pimentos, cebolas, couves, planto todas estas cousas, pôdo vinha para 600 almudes, etc. etc. Enfim trabalho se não quero morrer à fome pois esta freguesia de Baçal nunca valeu — 180:000 no tempo das vacas gordas, dois contos hoje — uma miséria (?) — trabalho material espiritualmente e intelectualmente. Já vedes pois que com 60 anos de idade, 35 de paroco, sem um momento de descanso favorecido de mais a mais pela lei tenho direito e sobra-me, mas hominem nom habeo como dizia o paraliticulo (sic). Quereis ser vós esse homem? Há tres meses que o meu procurador em Lisboa — Couto Martins — me disse que o processo tinha transitado para o ministerio das finanças e que a cousa ia em pouco tempo, mas falta-me o homem que a empurre: Quereis ser esse homem repito e faço-vos a proposta por ver a vossa consideração pela minha pouquidade? É claro que a vossa acquiescencia não me deve arrastar a compromissos políticos, mas não obsta ao meu reconhecimento e gratidão a que fico obrigado.

Quanto à Associação dos Arqueologos Portugueses direi lá para o dia 12 deste e então devolvarei a carta do vosso amigo.

Vosso dedicado e grato

Baçal 1-9-1924

P. Francisco Manuel Alves⁵⁶⁸.

Numa outra minuta, também a Manuel Monteiro, apresentando-se como fanático pelos estudos arqueológicos, felicita o então ministro da Justiça, Manuel Monteiro, e explicita porque o faz, a um ministro de um “regimen separatista”. Ainda mais ele, que rejeitou

⁵⁶⁸ MAB/FAAB-Doc. 3827.

o “penso”, não por discordar da ideia republicana, mas por achar uma afronta a lei da separação. Não felicita o “democrata embora correligionário”, mas o Manuel Monteiro que o acompanhou a uma excursão a Montesinho com o Rocha Peixoto.

Escreve:

Ex Sr

Um padre a felicitar o ministro da justiça de um regimem separatista! De mais a mais paroco q. rejeitou o penso não por discordancia da ideia republicana; mas por achar afrontosa, imposta e escarninha a lei da separação!

Não ha mal. É um fanatico por estudos archeologicos na mais ampla latitude do termo, autor de alguns livros q. teve o prazer de offerecer a V. Ex.^a em retribuição bem q. desigual, de outros recebidos que felicita, não o democrata embora correligionario, o deputado, o Governador Civil de Braga, o vogal do Supremo Tribunal administrativo, enfim o ministro da justiça; mas sim o Manuel Monteiro da excursão Bragança a Montesinho em companhia do saudoso Rocha Peixoto, collega na collaboração da Illustração Transmontana, e não sei se tambem na Portugalia, o brilhante escritor de arte, o autor de profundo estudo romanico sobre S. Pedro de Rates onde tem elucidativas referencias a cousas romanicas deste districto, por ver nelle honradas os estudos de investigação historica.

Consinta pois V. E. ^a q. levado por estas razões lhe envie um longum vale, vale, ab imo pectore.

17-2-1914

Francisco Manuel Alves

Reitor de Baçal

Bragança⁵⁶⁹.

Em minuta de carta destinada ao Agrónomo Clemente Mondragão Silva, de Vimioso, é bem evidente como assume a sua condição de homem rural, a simplicidade e o tratamento sem cerimónias que dedicava aos seus amigos e conhecidos. Detestava exéquias e formalismos, pois afirmava ser “chapadíssimo burguês, com dezenas de ancestrais grosseiramente agricolas, detesta formalismos praxistas, ardenças protocolares”.

Quando se tem um belo talento servido por um superior espirito de observação critica, como V. Ex. ^{cia}, dispensam-se apresentações, que aliás nunca vincaram na nossa terra. (...)

⁵⁶⁹ MAB/FAAB-Doc. 3906.

O vós da nossa terra tão classico, tãoportuguês, tão singelo, tão infinitamente superior em respeito a quantas excelencias fingidas por aí se esbanjam (?) antes menosprezo que consideração.

A usança classica da nossa terra com a qual só me quero — são os meus amores — é: abre-se a porta, entre-se (com tão belas qualidades de intellecto como vós nem é preciso pedir licença) e vai-se dizendo para os donos da casa: tire F. eu cá vou entrando; aqui tendes este saquito, farnel, cesto, (?) (qualquer destas formas serve) de observações etnograficas. E o visitante, confundido pela pequenes do seu merecimento em comparação (— espera um pouco que está a minha irmã a chamar-me para almoçar — Já cá estou; tambem para o que eu tinha que comer!

— do labor mental do ilustre visitante: Bem haja: Deus lhe pague, e, com um grande abraço de reconhecimento esperando sempre iguaes (?) de que tão bem compreende o assunto e pedindo amistosas lembranças para com o amigo P. Manuel Cardoso, que já me fez merecidas referencias a vosso respeito numa remessa de trabalhos similares, desejovos prosperidades, paz e distrações para a neurastenia o vosso

Francisco Manuel Alves

Bragança

6-X-1924⁵⁷⁰

Na minuta de resposta à carta de João Araújo onde lhe havia manifestado o desalento pela falta de interesse da população pelo seu trabalho de investigação, o Abade anima-o e apresenta o seu exemplo. Para o efeito, traça o seu percurso biográfico:

Meu caro Araújo

Não há que desanimar no estudo das monografias. Eu andei dez anos a sofrer contrariedades por causa delas, arrostando com os apodos de parvo, sebento, maçador, incapaz de produzir coisa de jeito, salteador, ladrão, revolucionário, anarquista, ateu, doudo e tuti quanti. Por último, ao cumprimentar-me diziam:

está melhorzinho? Não tenho estado doente, volvia-lhes, e eles ficavam-me a olhar para mim com olhos de compaixão, como se estivesse tão doudo que nem sequer conhecia a minha triste situação!

Outros, encontrando-me por montes e vales, ao sol e à chuva, saudavam-me com aparente tristeza e sempre me iam procurando se me sentia melhor da cabeça.

Relata também as agressões que lhe fizeram quando escreveu um artigo na *Gazeta*:

Chegaram a queimar em auto público de fé numa praça de Bragança a *Gazeta* de Bragança onde eu escrevia, combatendo uma corrente política prejudicial à terra.

⁵⁷⁰ MAB/FAAB-Doc. 3286.

Alguns propuseram mesmo que me afogassem no Batoque; outros que me fuzilassem pelas costas, no Campo do Forte, junto a Bragança.

Escreve também como foi ludibriado na edição das *Memórias*:

Um figurão, que ganhava passante de seis contos de réis por ano, hoje equivalentes a mais de 120, para satisfazer questionários que lhe vieram da França e da Alemanha, e seria descrédito completo para ele não lhes responder, meteu-me na publicação dos três primeiros volumes das *Memórias Arqueológico-Históricas*, comprometendo-se a pagar todas as despesas e, desde que achou elementos para responder aos questionários, não pagou mais nada, deixando-me a braços com de 800\$00 na tipografia! Em que apuros me vi para pagar! 800\$00 naquele tempo! Quando a freguesia me rendia apenas uns escassos 200\$00! Nem quero que me lembre.

Explica porque não lhe atribuíram o título de Abade de Baçal, à semelhança dos seus anteriores colegas sacerdotes:

O bispo ao colocar-me em Baçal não me quis dar o título de abade, como tivemos meus antecessores, por causa de um artigo que publiquei na *Revista Católica*, de Viseu, donde veio eu assinar-me reitor de Baçal e toda a gente me chamar abade.

Depois de todas estas atrocidades, refere como ele se manteve e caminhou:

Eu via e ouvia toda esta saraivada de flechas, para não dizer coices e ria-me e marchava impávido para a frente.

Só após cerca de 10 anos lhe começaram a valorizar o seu trabalho e, então, atribuíram-lhe as mais variadas honras. Não considerando justas as atrocidades e as exageradas honras, refugiava-se na sua casa e cortinha, onde se dedicava à agricultura, às leituras e escrita:

Por último, após dez anos de impropérios, reconheceram o engano e resgataram-me nobremente, mas eu passei a sofrer, porque então ria-me por ter a consciência de que não merecia tanto vilipêndio, e agora entristeço-me por a consciência me dizer que sou indigno de tantas honras e, por isso, me sepulto mais e mais neste meu Baçal, fugindo até de casa para a cortinha pegada a ela, onde passo os dias lendo, escrevendo, sachando as batatas, os feijões, os melões, mondando as ervas, podando a vinha, conversando com as pombas, os galináceos, as roseiras, as flores, os rouxinóis, melros, pintassilgos, que por aqui afluem.

Confessa-lhe a atitude dos colegas sacerdotes, quando o decidiram homenagear em 1935:

Felizmente, para não me perder ensobercido, continua dando sinais de vida, uma maltasinha de santinhos, que primeiro quis desviar a homenagem para um padre velho, alegando: o abade merece tudo, mas está novo, há tempo, agora auxilia-se, comprando-lhe os livros e promovendo a venda, depois, daqui a anos, fazemos-lhe a ovação. Como o estratagema não pegou, exercitaram outro muitomais fino, que não tenho agora vagar de expor, e por último, saiu-lhe este também gorado, convocaram conciliábulo e puseram pena de excomunhão maior a quem cooperasse na homenagem. São os deste grupelho os que me vão mantendo seu tanto ou quanto de alegria, evitando que a besta do meu eu se mantenha em si e não se envaideça.

Aconselha-o a proceder da mesma forma, continuando na sua investigação:

Muito mais lhe queria dizer para lhe mostrar a paciência que as monografias encontram na remoção dos trambolhos, mas esta carta vai escrita aos poucos em cada dia por causa da dor de olhos e não posso mais. Um abraço e não faça caso dos gárrulos, ande para diante e deixe-os grasnar nos charcos.

Francisco Manuel Alves

26-6-1942. (Araújo, 1985, pp. 258-259)

Pela sua relevância não podemos deixar de referir a “despedida das minhas excursões arqueológicas”. Emocionado relato no vol. X a pp. 617-621, sensível e carinhoso olhar retrospectivo sobre a sua vida de investigador.

Tinha combinado com o colega Firmino Augusto Martins um passeio à Serra da Coroa, para se despedir das excursões, no dia 1 de outubro de 1935.

Quando para aí se dirigiu, surpreendeu-o a imagem da cordilheira apinhada de homens. Aí lhe prestaram sentida homenagem por entre discursos e fartos farnéis.

Descreve o momento com sentidas palavras:

Enquanto memorava, confundido, a gentileza do caso, que jamais esquecerei, perpassou-me pela mente a generosidade dos vinhaenses; mas Firmino, Firmino, eu queria despedir-me, segundo me impunham os meus setenta e um anos, e quem se despede leva saudades e não quer festas.

Queria despedir-me e nenhum local mais adequado: nas encostas da serra tinhaas insculturas rupestres de Cerdedo e Travanca e do cume via realmente ou em espírito todo o distrito de Bragança, por onde me tem ficado a vida arqueológica aos farrapos e agora me fica a alma. (...). Via o distrito de Bragança na sua história, tradição e lenda, nos seus monumentos arqueológicos, artísticos, românicos, góticos e renascentistas, e, abraçando os que tinha à mão, por eles transmitia aos

outros as minhas saudades, o longum vale, vale virgiliano. Via, enfim, lá ao longe Mairos, onde, vai em meio século, iniciei a vida paroquial e passei os melhores sete anos da minha vida e, um pouco mais abaixo, via Chaves, a quem tanto devo mentalmente.

Mas, Firmino amigo, eu queria reviver os transe mais ou menos perigosos das excursões, visto que ... recordar hum mal, que he já passado, dá depois mais prazer, que então cuidado.

Queria despedir-me, queria rememorar os episódios burlescos das excursões provocados pela minha figura atabalhoada, grosseira, pela minha indumentária delida, suja, emporcalhada, para que a besta do meu eu, revendo-se no irmão-jumento e suíno, não se envaidecesse, supondo ser alguém pelas honrarias que lhe têm dispensado a generosidade dos contrerrâneos.

Queria despedir-me desse nunca assaz louvado sextunvirato — Bacelar, Cordeiro, Montanha, Quintela, Raul e Vítor — beneméritos mecenas inscritos na primeira página de honra destas Memórias, porque, sem o auxílio desta Junta de Educação Nacional Bragançana, a primeira no género em todo o país, o meu labor ficaria inútil como obra de conjunto, podendo, quando muito, dispersar-se por revistas e publicações periódicas.

Queria dizer bem alto que, sem o auxílio do José Montanha e do Quintela, sem o gosto estético do Raul, sem o prestígio de todos três, o Museu de Bragança, só por mim, não teria metade do recheio que o enriquece, nem passaria de armazém de velharias amontoadas sem arte, por me faltar tempo e influência para tanto.

Queria dar às câmaras municipais do distrito de Bragança, à Junta Geral do mesmo a quota parte, que lhe pertence de justiça, no auxílio à publicação das minhas investigações, bem como aos governadores civis: — Tomás Frago, João Carlos de Noronha e Salvador Nunes Teixeira.

Queria despedir-me de ti, meu Firmino, do Miranda Lopes, prior de Argozelo, do saudoso abade de Carviçais José Augusto Tavares e do nosso colega Ernesto Augusto Pereira Sales, agradecendo de facto as muitas informações que me forneceste.

Queria despedir-me das câmaras municipais do distrito, agradecendo a boa vontade com que aturaram as minhas impertinências de investigador pelos seus arquivos, bem como das pessoas particulares que me facilitaram a leitura da sua documentação atinente a notícias genealógico-históricas.

Queria mandar a todos o longum vale, vale do meu reconhecimento.

Queria despedir-me, mas a opípara merenda, os vinhos crepitantes a saltar aos olhos — não estivéssemos nós em terras de Vinhais — a hilaridade da companhia, o ar aperitivo da montanha, o estômago, enfim, ordenaram outra coisa. Ao repasto discursou-se largamente, destacando-se o Padre Firmino Martins e o nosso governador civil. Eu, como sempre em actos de igual significado homenageante, «mudo e quedo como um penedo», segundo se diz no Caramuru.

É que o silêncio, quando resulta de comoção sincera, da certeza de serem imerecidas as referências elogiosas, tem a sua eloquência e a ela me limitei.

Terminamos com o relacionamento epistolar com Abel Salazar. No nosso entender, é através destas missivas que melhor percebemos a concepção e visão do mundo de Francisco Manuel Alves.

Estes dois intelectuais refletem sobre o binómio “Religião e Ciência”, permitindo-nos compreender as ‘interfaces’ entre o religioso erudito e o cientista e artista (Torgal, et al., 1996, p. 194). Abel Salazar, cientista de renome, opositor ao regime salazarista, médico, pintor, espírito culto, socialista, defende a metafísica e o positivismo e a dialética entre a razão e experiência e o cientismo. Demitido de professor da Universidade do Porto pelo Estado Novo, contou com a solidariedade do seu “mestre espiritual” Abade de Baçal, como o designava, que também ele se viu a braços com a censura sobre a sua obra acerca dos judeus.

Personalidades bem diferentes, com vivências em contextos socioculturais dispares, mas que não impediram a convergência em muitas dimensões, que originaram missivas onde se imprimem confidências recíprocas de amizade e admiração mútuas.

Apenas três longas cartas dão forma à relação epistolar entre o Abade e Abel Salazar. As cartas não estão datadas, contudo, no nosso entender, pelo conteúdo, poderemos situá-las no ano de 1935.

Como refere João Manuel Neto Jacob na apresentação da edição destas cartas, em *Abel Salazar e o Abade de Baçal — breve nota*:

As cartas de Abel Salazar para o Abade, agora apresentadas em leitura conforme o original, não foram datadas. A famosa epístola que o Abade lhe endereça (mestre, amigo, irmão e mártir...), datada de Janeiro de 1936, e por ele junta à última das cartas de Abel Salazar, parece permitir-nos apontar para 35 como o ano provável das missivas deste. (Jacob, 1997, s.p.)

Numa missiva agradece a oferta, mas expressa que não é sobre o “livro” que lhe escreve, por ser leigo nos assuntos tratados, apesar de os valorizar. Emociona-se com o “episódio encantador o do pastor que cantava junto da gruta, e outros que surgem, aqui e ali, com um imprevisto cheio de pitorêso. E como nelle se reflecte bem a alma do seu auctor!”

A ideia central explorada na missiva expressa-se da seguinte forma: “não estamos possivelmente tão longe como imagina (...). Não há diferença alguma entre o crente e o não-crente, entre o ateu e o teísta”.

Num texto dissertativo, explica o seu ponto de vista. Segundo a sua análise, “a Humanidade labora há séculos em muitos erros singulares e paradoxais”. Muitas das batalhas religiosas sangrentas que ocorreram na história foram baseadas em ilusões, divisão de palavras e atitudes e não na realidade.

Apresenta o conceito de “Religiosismo Indefinido”, que considera a chave de todas as religiões. O conceito tem por base o “estado de emoção perturbada pela visão do Cosmos” (...) (Emoção — Mundo) é a fonte de tudo: Arte, Poesia, Lendas, Mithos, Místicas, Religiões.”. Emoção-Mundo é o conteúdo real de toda a palavra de Deus, fundo sobre o qual as religiões são configuradas.

Alega, depois, que este estado indefinido de emoção tende a definir-se de muitas formas. Essa definição é uma necessidade psicológica, uma descarga emotiva. A necessidade de símbolos representa a forma como os homens comunicam e exteriorizam o seu estado interior. Assim, o “Religiosismo Indefinido” define-se conforme as raças, os povos, os tempos históricos, as classes.

Segundo Abel Salazar, “Teísmo e Ateísmo — não são, no fundo, senão, duas formas diferentes de definir o mesmo religiosismo indefinido, resultando desse estado emotivo”. O ser humano não se apercebe deste “paradoxo”, confrontando-se não percecionando o que têm em comum, conferindo à realidade metafísica as definições de um estado indefinido como se fosse a “a própria verdade absoluta ou metafísica”. Essas definições vão desde a magia às religiões mais elaboradas, onde insere o cristianismo.

Cada definição tende a impor-se, originando uma definição contrária e criando conflito. “O teísta gera o ateu, e o ateu intensifica o teísmo”. Assim, todo o sentimento é ambivalente.

Termina, comparando-se com o teólogo Strauss: “apenas e somente crer, sem dizer em quê”, e conclui com a ideia chave da missiva: Como o Abade e “todos os homens que se elevaram a uma visão religiosa superior: — a qual transcende todas as definições

historicas, por um recuo à fonte inicial. E por isso eu lhe dizia — que não estamos tão longe um do outro como imagina: — antes próximos como irmãos.”.

No *post scriptum* afirma:

Não havendo matéria lógica para a religião fica apenas “o Religiosismo Indefinido” que conduz a uma forma sublime de religiosidade. Apenas a música, em excepcionais momentos, consegue unir num só sentir homens e crenças diversas. Considera que a “Música religiosa quando superior, é apenas uma definição indefinida do religiosismo indefinido”. Ao contrário, as grandes religiões históricas ao definir o indefinível matam o mistério, esvaziando-se da sua substância e ficando reduzido a fórmulas, ritos e símbolos.

Neste contexto, a Igreja pela inteligência, moral, abnegação, simplicidade e desprendimento e pela sua liturgia musical pode conduzir os homens à confraternização da “Religião Indefinida Universal”. Utopia! Reconhece.

Explica com a seguinte metáfora: emoção sentida na penumbra de uma catedral gótica. As cores transmitidas e os primeiros compassos de uma música religiosa. Esvaindo a vã teatralidade, cerimonial, teologias das religiões definidas, como mísera representação da pirâmide do papa e dos bispos, lhe surge como um “triste erro moral e historico do caminho religioso que tem seguido historicamente o Homem: — e cuja culpa é tanto maior, quanto mais alto é o lugar dos responsáveis!”⁵⁷¹.

Numa outra carta, também ela não datada, demonstra a grande consideração e importância que para ele tem a opinião do Abade, e pede que lhe explique “em que é mais radical”, como expressou na carta que lhe escreveu.

Escreve, em tom de desabafo, que cada vez o aflige mais o paradoxo: o homem debater-se na história não pela religião, mas por um Deus como chefe, por uma “política religiosa” e não por um “sentimento religioso fundamental — que é comum a todos” e, assim, não se compreende que seja a causados conflitos. Segundo ele “Envenenou-se o termo “religião”, “crença” e até o termo “Deus”.

⁵⁷¹ MAB/FAAB-Doc. 215

“Falta à Humanidade uma Religião pura, que se erga acima destas miserias, destas disputas ridículas de teologias (...) que enobreça e purifique o Homem”. Afirma que se trata “No fundo, tudo “política”; e da pior”. Nunca ataca o Cristo, apenas o Cristo-Rei que é a negação do Cristo. Nunca ataca o catolicismo, nem o cristianismo como crenças, mas sim como política. Encontrou católicos com “consciência moral”, de quem se sente próximo, numa “comunhão fraternal”. Contudo, não pode estar próximo de padres “janotas”, com relações com a polícia de informação, que o desafiam na rua.

Termina afirmando que a ciência procura a verdade e, por isso, não pode ser antagônica de Deus.

Na terceira carta, também não datada, expressa que escreve sob estado psicológico de “détresse moral”. Desabafa que não encontra “com suficiente clareza, a linha da Justiça e do Dever”, bem mais difíceis de aplicar do que a bondade e a caridade.

A sua missiva destina-se a responder à pergunta que lhe fez na carta enviada há bastante tempo, à afirmação “**fosteis um pouco duro com a religião** (...) a qual é devida a um pequeno equivoco, que eu não queria deixar persistir n`um homem que tanto prezo e respeito.”.

Argumenta que nunca atacou a religião nem o sentimento religioso da humanidade no que de sincero têm, mas a exploração da humanidade, política, material e social.

Todas as religiões partem da “Emoção”, “Mystério” e “Infinito”, a religião indefinida chegando a definida petrífica. As religiões definidas não têm o direito de oprimir, tem que ir ao encontro das inquietações humanas — não com ditaduras e fascismos, inquietar a humanidade e explorar as ansiedades humanas.

No *Post Scriptum* afirma que “foram estas ideias, ditas sinceramente, e a principio serenamente, sem qualquer sentido agressivo”. Contudo, valeram-lhe ataques violentos no seio dos católicos fanáticos que o conduzira à situação atual, chegando a ser vítima de ameaças corporais nas ruas.

Apenas reage com violência à calúnia, difamação e deturpação dos “católicos de parada”. Nunca atacou a religião. É preciso separar a religião da “religião de parada”, dos

“católicos de parada”. Sempre afirmou que a “ciência não pode dar uma satisfação integral ao homem, este precisa de arte, poesia e religião, etc.”.

O “Devotismo de Parada” e “Devotismo político” originaram um lamentável espetáculo dopaís onde Deus é um chefe de partido político. Lamenta que o Abade não faça ouvir de Baçal “a sua austera e autorizada voz contra estes insensatos...”.

Apenas localizamos uma carta de resposta do Abade a Abel Salazar, publicada no jornal a “República” de 28 de setembro de 1927, carta de 10 de janeiro de 1936.

Dirige-se-lhe como “Mestre, Amigo, Irmão, Martir”.

Começa por afirmar que concorda com o expresso na carta que lhe remeteu, que guarda como relíquia preciosa, aliás como se comprova no que escreveu no Preâmbulo dos judeus e noutros volumes das *Memórias*. Sempre “clamei contra exibicionismos... contra a exploração do indivíduo...”. Contudo, refere que “as paradas” são de todos os tempos e corporações. Tem escrito que o clero devia abandonar os formalismos e não devia ligar as questões religiosas à política. Escreve depois de uma forma contundente e com desalento sobre a condição humana.

Argumenta que a origem das maiores calamidades da história têm origem na ideia do “meu e teu”, como os vencedores se convertem de avançados em conservadores, de modo a garantirem as benesses e explorarem os vencidos. Desalentado, não vê solução para esta situação. Considera que a humanidade não tem remédio. Como tal, só existem dois caminhos: os idealistas que veem as coisas como devem ser, não se apercebendo da diferença com a realidade, e os “materializados” que só veem egoísmo interesseiro.

Revela-nos, depois, o que em nossa opinião é a chave para o entendimento do seu percurso de vida. Um terceiro grupo, onde se inclui, caminha entre os dois percursos, para tornar o mundo mais tolerável, o mundo de “misérias, descabros e injustiças revoltantes. Como não existe solução, o melhor é “ter sempre algo que fazer, algo que amar e algo que esperar” como os “tristes que esperam reparo das injustiças na outra vida”. Escreve: “No olvides és comedia nuestra vida Y teatro de farsa el mundo todo”.

Termina referindo que queria escrever uma carta e lhe saiu uma “sermoa” em que foi padre demais. Adverte que tome a carta vindo de quem vem, mas que fique certo do muito que o admira e estima.

A predileção pela Arqueologia é bem patente nestes documentos, é nela que se exila voluntariamente. Assim, refugiava-se na investigação, a Arqueologia foi a resposta e o seu posicionamento político e existencial, como resposta ao pessimismo quanto à condição humana. É esse o fio condutor do seu pensamento, que determina as suas escolhas intelectuais.

Nas cartas não conseguimos recuperar a infância. Apenas breves apontamentos da escolaridade enquanto jovem, a influência da tia Luzia na curiosidade histórica, a bondade da mãe, o pesar pela morte do cunhado e o amor pelo irmão e como sempre se sentiu rural. É lacunar a referência à morte dos outros três irmãos. Assim, a narração nestes temas mostra-se precária e fugaz. Contudo, entre o manifesto e o latente verificamos a dedicação à família e o amor à terra que lhe foi berço.

Quanto ao seu retrato íntimo, ao seu carácter, a copiosa correspondência representa a escrita da “vida do eu”. Define-lhe o carácter e as suas características ao longo do tempo, vistas por diversos indivíduos e confirmadas nas minutas como atrás expusemos.

O seu autorretrato revela-nos as suas características físicas e psicológicas. Reflete o corpo e a alma de uma forma objetiva e subjetiva.

Podemos afirmar, sem exagero, que a sua vida se presume num exemplo de dignidade, onde a liberdade de pensar, sentir e julgar realizaram sempre caminho.

Livre pensador, sem dominadores de influências do meio social, sentiu livremente, e livres foram os seus instintos intelectuais (veja-se o caso da edição sobre os judeus), apesar das humanas hesitações e dúvidas, onde a sua condição de sacerdote se revela.

Alma robusta, mas sensível, vejam-se os poemas, o amor às flores, aos animais, à arte, aos livros que leu e a genuína escrita com toda a sonoridade. Ponto de extrema importância na sua vida é a valorização que sempre deu à amizade, aí residia a luz animadora da vida Humana e a sua condição de ser. A vasta correspondência é a prova da importância que o Abade conferia à amizade na sua vida. O lugar que atribuiu a

amizade, colocando-a entre os mais dignos sentimentos, adquiriu forma na solidariedade que nas mais diversas circunstâncias ofereceu desinteressadamente ao longo da sua vida aos amigos. Encontramos assim perfeita simbiose entre a amizade e a escrita.

Fez da amizade, sacerdócio, honra e trabalho o objetivo único e ignorou a adulação e todo o medo. Padre, a boa conduta perpassa nas cartas, mesmo as mais intimistas. Apesar de não aceitar o celibato, cumpriu-o segundo os votos.

Na sua Visão do mundo revela profunda humanidade, preocupação pelos problemas que afetam o sentido da vida humana. Visão semelhante a Herculano em relação ao homem e sociedade, mas critica a preterição dos valores espirituais. Não negava o apoio moral a quem precisava. O seu espírito crítico fê-lo pairar acima de quaisquer sentimentos negativos e intriguistas.

Foi, assumidamente, este o nosso percurso epistolar. Outros, infindáveis, teriam sido possíveis. Fica o trabalho longo e detalhado do tratamento dos documentos plasmado nos anexos para todos os que outros caminhos queiram fazer.

Foi o nosso ponto de chegada que desejamos se transforme num ponto de partida para um novo conhecimento sobre Francisco Manuel Alves. Percurso, à semelhança do que nos transmitiu o Abade, honesto e sem vaidades!

Para futuras investigações apresentamos algumas propostas:

Desenho da rede epistolar;

Transcrição e edição das cartas;

Criação de um repositório de todas as cartas do Abade (recebidas e expedidas).

Uma nota técnica apenas se nos oferece. Apesar de este trabalho não se incluir no domínio das Ciências Documentais, procurou-se identificar um possível modelo de leitura e representação documental da correspondência. Desenvolver o processo de leitura documental e elaborar um parâmetro de leitura e seleção dos termos.

Os conjuntos epistolares encerram um relevante valor histórico e social, representam um valioso património cultural. Constituem um património configurado por segmentos

de memória. Torna-se assim, fundamental que se proceda ao tratamento, à análise e representação da informação documental destas unidades documentais.

A Identificação de um possível modelo de leitura e representação documental na correspondência facilita o ajustamento da descrição à tipologia documental. Investigamos, deste modo, a forma mais adequada para representar a informação.

A partir dessa representação pudemos, com mais precisão, resumir o assunto, elaborando um sumário e extraíndo os conceitos dos documentos por via de um processo de análise intelectual. Processo que nos permitiu descrever e caracterizar os documentos através de duas etapas (sumário e representação dos conceitos existentes) e assim conseguir a recuperação da informação.

A encerrar, damos voz ao ponto inicial deste trabalho, e voltamos à explicitação do objetivo central desta tese, depois da sua finalização.

A partir do tratamento técnico do conjunto documental e do guia temático produzido demos a conhecer um extraordinário conjunto documental. Propusemos chaves de leitura que lançaram focos sobre o entendimento deste relevante e inédito conjunto documental.

Construímos uma singular proposta de leitura e interpretação, conscientes que a partir deste “tesouro documental” muitas outras propostas se poderão edificar. Desta forma, revelamos e demos voz, a estas fontes documentais que, entre outras ‘nuances’, nos permitiram:

Aprofundar e criar novo conhecimento sobre o Abade e a sua obra;

Aceder ao ambiente intelectual e cultural do Portugal nos finais do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX;

Construir e conhecer as redes de correspondentes, a sua dispersão geográfica, os seus interesses pessoais, políticos e culturais, os seus valores, e a informação que circulava nessas redes;

Perceber como uma periferia cultural se relacionou com os centros.

Bibliografia

- Abela, J. J. (2002). *Las técnicas de análisis de contenido: Una revisión actualizada*. Fundacion Centro de Estudios Andaluces.
- <http://public.centrodeestudiosandaluces.es>
- Almeida, P. T. (1985). Comportamentos eleitorais em Lisboa (1878-1910). *Análise Social*, XXI (85), 111-152.
- Alves, F. M. (2000). *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* (XII vol.). Câmara Municipal de Bragança; Museu do Abade de Baçal.
- Alves, V. (1999). A Cultura finissecular na periferia: O exemplo do Abade de Baçal. In J. N. Jacob (Coord.), *Actas do Colóquio O Abade de Baçal* (pp. 25-47). Museu do Abade de Baçal.
- Amaral, L. C. (2002). Apresentação. In F. M. Alves & A. Mendes, *Vimioso: Notas Monográficas* (2 ed.) (pp. 5-12). Câmara Municipal de Vimioso.
- Amaral, L. C., & Afonso, A. M. (2016-2017). Correspondência recebida pelo Padre Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. *Brigantia*, XXXIV-XXXV, 259-449.
- Ambrière-Fargeaud, M. (1984). Bilan des éditions de correspondances des XIXe et XXe siècles. In A. Françon, & C. Goyard (Eds.), *Les Correspondances inédites* (pp. 81-92). Economica.
- Amed, F. J. (2006). *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. Alameda.
- Andrade, M. (1972). In *O empalhador de passarinho*. INL-MEC.
- Anhezini, K. (2003). Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. *Estudos Históricos*, 2(32), 51-70.
- <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2201/1340>
- Antunes, L. (2005). *D'este viver aqui neste papel descripto Cartas da Guerra*. Dom Quixote.
- Araújo, J. R. (1985). O Abade de Baçal que conheci. *Brigantia*, V(2-3-4), pp. 255-269.

Arquivo da cultura portuguesa contemporânea. Espólios. (2020, julho 10). In Biblioteca Nacional Portuguesa.

<https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios.html>

Artières, P. (1998). Escrita de Si/Escrita da História: Arquivar a própria vida. *Revista de Estudos Históricos*, 11(21), 9-34.

<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>

Artières, P., & Kafila, D. (2002). Présentation: L'historien et les archives personnelles: Pas à pas. *Sociétés & Représentations*, 13, 7-15.

<https://doi.org/10.3917/sr.013.0007>

Bardet, J. P., Arnoul, E., & Ruggiu, F. J. (2010). *Les écrits du for privé en Europe du Moyen Âge à l'Époque Contemporaine. Enquêtes, analyses, publications*. Presses Universitaires de Bordeaux.

<https://doi.org/10.4000/clio.10623>

Batalhone, V. (2015). *O Cavalo de Troia da nação: Tempo, erudição, crítica e método em Capistrano de Abreu (1878-1927)*. [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130781>

Batista, P. V. P. (2006). *Capistrano de Abreu e a correspondência feminina*, 41. Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.

Bebiano, R. (2002). Sobre a história como poética. In J. d'Encarnação (Coord.), *As Oficinas da História* (pp. 47-70). Edições Colibri; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Belchior, M. L. (Jan. 1995). Recensão crítica a “Cartas I — Para Joana Luísa (1943-1944)”, de Sebastião da Gama. *Colóquio Letras*, 135/136, 269-271.

<https://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issue?n=135>

Bellotto, H. L. (1998). Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: Debate com Terry Cook. *Estudos Históricos*, 11(21), 201-207.

<http://localhost:8080/xmlui/handle/123456789/653>

Benthien, R. F. (2014). O que há de impessoal em arquivos pessoais: Considerações a partir de uma experiência de pesquisa na França. *Vozes, Pretérito & Devir*, 3(1-2), 42-57.

<http://revistavozes.uespi.br/index.php/revistavozes/article/view/50/52>

Beunza, J. M. I. (2011). Redes sociales y correspondencia epistolar. Del análisis cualitativo de las relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas. *Redes*, 21(2), 98-138.

<https://doi.org/10.5565/rev/redes.419>

Bloch, M., & Bloch, E. (1998). Crítica histórica e crítica do testemunho. In M. Bloch, *História e Historiadores: Textos reunidos por Etienne Bloch* (pp. 21-30). Editorial Teorema.

Bloch, M. (2001). *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Jorge Zahar.

Bonifácio, M. F. (1999). A narrativa na "época pós-histórica". *Análise Social*, XXXIV(150), 11- 28.

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218798577V2kVA6jr0Wv16UN8.pdf>

Bossis, M. (2002). Une correspondance paysanne en Normandie (1863-1866): Quelle approche? In A. M. Sohn (Org.), *La correspondance, un document pour l'histoire*. Cahiers du GRHIS, 12.

Branco, A. (1997). *Abade de Baçal. Vida e Obra*. João Azevedo.

Brandes, U., Kenis, P., De Grande, P., & Eguía, M. (2008). Reconstruyendo la red de lazos personales. Metodología egocéntrica para investigación sociométrica. *Redes*, 15.

<http://revista-redes.rediris.es>

Braudel, F. (1992). História e Ciências Sociais: A longa duração. In J. Guinburg, & T. C. S. da Mota (Trans.), *Escritos sobre a história* (pp. 41-78). Perspectiva.

<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/675>

- Brefe, A. C. (2005). *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945*. UNESP.
<https://doi.org/10.7476/9788539303281>
- Caffarena, F. (2005). *Lettere dalla grande guerra. Scritture del quotidiano, monumenti della memoria, fonti per la storia. Il caso italiano*. Edizioni Unicopli.
- Camargo, A. M. (1998). Contribuição para uma abordagem diplomática dos arquivos pessoais. *Estudos Históricos*, 11(21), 169-175.
<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2065>
- Camargo, A. M. (Jul.- Dez. 2009). Arquivos Pessoais são Arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, XLV(2), 26-39.
http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf
- Camargo, A. M., & Goulart, S. (2007). *Tempo e circunstância: A abordagem contextual dos arquivos pessoais*. IFHC.
<https://repositorio.usp.br/item/002669730>
- Camargo, M. R. (2011). *Cartas e escrita: Práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade*. Editora Unesp.
<http://hdl.handle.net/11449/113672>
- Cameirão, C. P. (1999). Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX. *Série Estudos*, 42. Instituto Politécnico de Bragança.
<http://hdl.handle.net/10198/16>
- Campos, J. F., & Bezerra, L. (2015). Entre a sala de aula e o laboratório: Os arquivos pessoais de professores e a memória da Universidade de São Paulo. In L. V. Oliveira, & M. Silva, *Gestão de documentos e acesso à informação: Desafios e diretrizes para as instituições de ensino e pesquisa* (pp. 223-244). Fundação Casa de Rui Barbosa.

http://site.mast.br/encontro_arquivos_cientificos/pdf/setimo_encontro_de_arquivos_cientificos.pdf

Campos, N. (2000). Introdução. In F. M. Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* (Vol. IX, pp. I-XV). Câmara Municipal de Bragança, Museu do Abade de Baçal.

Campos, N., & Coelho, A. (2016-2017). Arqueologia Bragançana antes, durante e depois do Abade de Baçal, até ao final do século XXI. *Brigantia*, XXXIV-XXXV, 21-148.

Carvalho, R. G. (2017). *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: Escrita de si e memória (1969-1986)*. [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Paraná].
<https://hdl.handle.net/1884/46337>

Castillo Gómez, A. (2011). Me alegraré que al recibo de ésta... Cuatrocientos años de prácticas epistolares (siglos XVI a XIX). *Manuscripts: Revista d' Història Moderna*, 29, 19-50.

<https://raco.cat/index.php/Manuscripts/article/view/249943>

Castro, A. P. (2008). Prefácio: As cartas de Trindade Coelho: Um monumento da língua portuguesa. In H. Fernandes, *Trindade Coelho. Correspondência 1873-1908* (p. 8). *Brigantia*, XXVIII-XXIX.

Castro, José de. (1886-1966). *Bragança e Miranda (bispado)*(4 vols.). Tipografia Porto Médico.

Cepeda, F. J. (2021). *Bragança no século XX através da imprensa regional*. Greca - Artes Gráficas, Lda.

Chartier, R. (1991a). As práticas da escrita. In A. Philippe, & C. Roger (Coords.). *História da vida privada* (pp. 113-161). Companhia das Letras.

http://moodle.stoa.usp.br/file.php/1064/AS_PRATICAS_DA_ESCRITA.pdf

Chartier, R. (1991b). *La Correspondance. Les usages de la lettre au XIXe siècle*. Fayard.

Christino, B. P. (2007). *A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): Uma análise historiográfica do rã-txa hu-ni-ky~i em face da Sul-americanística dos anos 1890-*

1929. [Tese de doutoramento, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo].

<https://doi.org/10.11606/T.8.2007.tde-16042007-162715>

Cook, T. (1998). Arquivos pessoais e arquivos institucionais: Para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Estudos Históricos*, 11(21), 129-150.

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article>

Costa, A. L. (2015). Estas Duas Regras: Construção da referência em cartas. *Estudos Linguísticos*, 10, 49-64.

https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/49_64.pdf

Cruz, M. B. (1978). As origens da democracia cristã em Portugal e o salazarismo. *Análise Social: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, 14(54), 265-278.

https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/49_64.pdf

Cruz, V. D. (2005). Missivas mensageras: La carta de la Edad Moderna en la historiografía española. *Revista de Historiografía*, 11(3), 48-54.

<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/167907>

Cunha, O. M. (2004). Tempo imperfeito: Uma etnografia do arquivo. *MANA*, 10(2), 287-322.

<https://doi.org/10.1590/S0104-93132004000200003>

Dauphin, C. (2004). Les correspondances comme objet historique: Un travail sur les limites. *Sociétés & Représentations*, 13(1), 43-50.

<https://doi.org/10.3917/sr.013.0043>.

Dauphin, C., Lebrun-Prezerat, P. & Poublain, D. (1995). *Ces bonnes lettres: Une correspondance familiale au XIXe siècle*. Albin Michel.

Dauphin, C., & Pouban, D. (2010). Édition électronique d'une correspondance familiale

- du XIXe siècle. In J. P. Bardet, E. Arboul, & F. J. Ruggiu (Orgs.), *Les écrits du for privé en Europe* (pp. 631-642). Presses Universitaire de Bordeaux.
- Deleuze, G. (2003). Correspondance avec Dionys Mascolo. In D. Lapoujade (Ed.), *Deux regimes de fous: Textes et entretiens 1975-1995* (pp. 305-310). Minuit.
- Dias, J. (1985). O Abade de Baçal como etnógrafo. *Brigantia*. V(2,3,4),341-347.
- Dominguez, O. G. (1993). *Manual de arquivos familiares*. ANABAD.
- Eley, G. (2005). *A Crooked Line, from cultural history to the history of society*. The University of Michigan Press.
- Erbereli Jr., O. (Dez. 2016). De preterida a preferida: Considerações em torno da trajetória intelectual de Alice Piffer Canabrava (1935-1951). *História da historiografia*, 9(22), 97-115.
- Espagne, M. (1999). *Les transferts culturels franco-allemands*. Presses Universitaires de France.
- Fernandes, H. P. (1985-1992). Bibliografia do Distrito de Bragança — Francisco Manuel Alves. *Brigantia*, V(2,3,4), 349-496; VI(1,2,3), 37-218; X(4), 69-102; XII(4), 79-140.
- Fernandes, H. P. (Jun. 1972). Cartas do Abade de Baçal a José Montanha. *Presença*, *Boletim da Escola Industrial e Comercial de Bragança*, 83-84.
- Fernandes, H. P. (2012). *Bibliografia do Distrito de Bragança* (vol. I). Câmara Municipal de Bragança.
- Fernando, A. (2006). *As cartas de Capistrano de Abreu: Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca*. Alameda.
- Ferreira, M. D. (2013). *A história como ofício: A constituição de um campo disciplinar*. FGV Editora.
- Fileno, N. F. (2014). *Leão Dehon: Espiritualidade sacerdotal a partir da obra "Le Coeur Sacerdotal de Jesus"*. [Dissertação de mestrado, Universidade Católica Faculdade de Teologia].
- Fonte, J. B. (1998). *Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto Durienses* (vol. I).

Editora Cidade Berço.

Foucault, M. (1992). A Escrita de Si. In *O que é um autor?* (pp. 129-160). Passagens.

Fraiz, P. M. (1994). *A construção de um eu autobiográfico: O arquivo privado de Gustavo Capanema*. Ed. URJ.

Franco, J. E., Calafate, P. & Maduro, C. (2013). *Padre António Vieira: Cartas Diplomáticas* (vol. I). Círculo de Leitores.

Freyre, G., & Lima, O. (2005). *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Organização de Ângela de Castro Gomes*. SP: Mercado de Letras.

Fujita, M. S. (Dez. 2003). A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, I, 60-90.

<https://doi.org/10.20396/rdbci.v1i1.2089>

Garcia, J. C., & Daveau, S. (2017). *Baçal Segundo o Seu Abade*. Frauga.

García-Valdecasas, J. I. (2011). Una definición estructural de capital social. *Redes*, 20.

<http://revista-redes.rediris.es>.

Gastaud, C., & Costa, B. F. (2017). Apontamentos sobre Cultura Escrita e Práticas Epistolares. *CEM*, 8, 13-23.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.

Goff, J. L. (1989). Documento/Monumento. *Irargi. Revista de Archivística*, II, 103-131.

Gomes, A. C. (1998). Nas malhas do feitiço: O historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, 11(21), 121-127.

<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2069>

Gomes, A. C. (2004). *Escrita de Si: Escrita da História*. FGV Editora.

Gomes, A. C. (2005). *Em família a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. CECULT, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura: Mercado de Letras.

Gomes, A. C., & Hansen, P. S. (2016). *Intelectuais mediadores: Práticas culturais e ação*

política. Civilização Brasileira.

Gontijo, R. (2004). “Paulo amigo”: Amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In G. A. de Castro (Org.), *Escrita de si, escrita da história* (pp. 163-193). FGV Editora.

Gontijo, R. (2006). *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador* [Tese de doutoramento, Universidade Federal Fluminense].

https://www.academia.edu/26982819/O_velho_vaqueano_Tese_de_doutorado_

Grassi, M. C. (2001). La letttrre en archives: Approche méthodologique. *GRHIS*, 1-2, 73-83.

Guimarães, L. M., & Araújo, V. L. (2004). O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper Branner. In A. C. Gomes, *Escrita de si, escrita da história* (vol. I, pp 93-110). FGV Editora.

Gusdorf, G. (1991). *Lignes de vie. Les écritures du moi*. Odile Jacob.

Hartog, F. (2011). *Evidência da história*. Autêntica.

Henrique Mitchell de Paiva Cabral Couceiro. (2022, julho 22). In Wikipedia.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_Mitchell_de_Paiva_Cabral_Couceiro

Heymann, L. Q. (1997a). *As obrigações do poder: Relações pessoais e vida pública na correspondência de Filinto Müller* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].

<file:///C:/Users/Ana%20Afonso/Downloads/admin,+209.pdf>

Heymann, L. (1997b). Indivíduo, memória e resíduo histórico: Uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Estudos Históricos*, 10, 41-60.

https://www.academia.edu/16091224/Indiv%3%ADduo_Mem%3%B3ria_e_Res%3%ADduo_Hist%3%B3rico_Uma_Reflex%3%A3o_sobre_Arquivos_Pessoais_e_o_Caso_Filinto_M%3%BCller

Heymann, L. (2005). Os “fazimentos” do arquivo Darcy Ribeiro: Memória, acervo e legado. *Estudos Históricos*, 2, 43-58.

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2246>

Heymann, L. (2009). O Indivíduo fora do lugar. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, XLV(2), 41-57.

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A03.pdf

Hildesheimer, F. (1990). *Les Archives privées: Le traitement des archives personnelles, familiales, associatives*. Editions Christian.

Hobsbaw, E. (1997). *On History*. Abacus.

http://catalogo.ul.pt/F/?func=item-global&doc_library=ULB01&type=03&doc_number=000571091.

Imízcoz, J. M. (2018). Actores, redes, processos: Reflexiones para uma história más global. *Revista da Faculdade de Letras. História. Porto*, 5(1), 115-140.

<https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5056>

Iumatti, P. T. (2001). *Caio Prado Júnior, historiador e editor* [Tese de doutoramento, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo].

Iumatti, P. T. (2005). Organização do Fundo Caio Prado Júnior, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. *Registro, Indaiatuba*, 4(4), 65-74.

Iumatti, P. T. (2008). O percurso para o "Sentido da Colonização" e a dinâmica da historiografia brasileira nas primeiras décadas do século XX. *Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 127-167.

Iumatti, P. T. (2018). *História, dialética e diálogo com as ciências: A gênese de formação do Brasil contemporâneo, de Caio Prado Jr. (1933-1942)*. Intermeios.

Iumatti, P. T., & Nicodemo, T. L. (2018). Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: Um balanço crítico. *Revista Brasileira de História*, 38.

<https://doi.org/10.1590/1806-93472018v38n70-05>

Jacob, J. N. & Fernandes, M. L. (Coord.). (1997). *O Abade de Baçal e o Abel Salazar no cinquentenário da sua morte*. Catálogo de Exposição. IPM.

- Jacob, J. N. (2000). O Abade de Baçal. In F. M. Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* (vol. I, p. VII-XLI). Câmara Municipal de Bragança; Museu do Abade de Baçal.
- Jacob, J. N. (Coord.) (1991). *O Abade de Baçal: Actas do Colóquio O Abade de Baçal*. Museu do Abade de Baçal.
- Jacob, N. & Simões, V. (2010). *BRAGANÇA: Roteiros Republicanos*. QUIDNOVI
- Lage, M. O. (2015). *Mécia de Sena e a escrita epistolar com Jorge de Sena: Para a história da cultura portuguesa contemporânea*. CITCEM, Edições Afrontamento.
- Lage, M. O. (2016-2017). Abade de Baçal, o amigo: Correspondência com Abel Salazar. *Brigantia*, XXXIV-XXXV, 193-212.
- Lemos, F. d. (1999). O Abade de Baçal: Arqueologia e Território. *Actas do Colóquio O Abade de Baçal* (pp. 57-62). Museu do Abade de Baçal.
- Lima, K. T. (Jun. 2010). Cartas, História e Linguagem. *Revista de Teoria da História*, 1(3), 210-225.
- <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28851>
- Lledó, E. (1998). *El silencio de la escritura*. Espasa Libros.
- Lopez, T. A. (1975). *Macunaíma: A margem e o texto*. Hucitec.
- Macedo, A. M. (2018). *Arquivos de família e escritos autobiográficos: Estudos de caso* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais].
- <https://hdl.handle.net/1822/60646>
- Machado, D. V. (2016). *Por uma “ciência histórica”: O percurso intelectual de Cecília Westphalen, 1950-1998* [Tese de doutoramento, Universidade Estadual Paulista].
- https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143940/machado_dv_dr_assis_int.pdf?sequence=7&isAllowed=y
- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. Atlas.

Marques, P. M. (2016). *A Epigrafia da Hispania na correspondência epistolar entre Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos*. [Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa].

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/25080/1/ulfl223227_td.pdf

Marquilha, R. (Mai. 2009). Eu ainda sou vivo. Sobre a edição e análise linguística de cartas de gente vulgar. *Estudos de Linguística Galega*, 47-65.

Marquilha, R., Costa, A. L., Pinto, C., Pratas, F., & Vaamonde, G. (2014). *Post Scriptum: Archivo Digital de Escritura Cotidiana*.

<http://hdl.handle.net/10451/33153>

Marquilha, R. (2011, junho 22-24). *Layouts and drawings in a corpus of Portuguese letters (16th to 20th century)*. [Comunicação]. *Historical Sociolinguistics Network, Touching the Past: (Ego) documents in a Linguistic and Historical Perspective*, University of Leiden.

Marquilha, R. (2015). Grandes marges: Une approche socio-pragmatique de textes manuscrits et de leurs graphismes. In A. C. Gómez, *Los lugares del escrito (siglos XV-XX)* (pp. 135-146). Casa Velásquez.

<http://hdl.handle.net/10451/30973>

Martín Baños, P. (2006). La carta en el Renacimiento y el Barroco. Guia bibliográfica. *Cuadernos De Historia Moderna*, 187-201.

<https://revistas.ucm.es/index.php/CHMO/article/view/CHMO0505220187A>

Mattoso, J. (1992-1994). *História de Portugal* (8 vols.). Circulo de Leitores.

Mattoso, J. (Dir.) (2011). *História da Vida Privada em Portugal: Época Contemporânea* (vol. III). Círculo de Leitores e Temas e Debates.

Mendes, J. A. (2009). Ecomuseus e museus de sociedade: cultura e saber fazer. *Estudos do património. Museus e Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra. 61-71.

Meneses, U. T. (1999). A crise da memória, história e documento: Reflexões para um

tempo de transformações. In Z. L. Silva, *Arquivos, patrimônio, memória: Trajetórias e perspectivas*. Ed. UNESP.

<http://localhost:8080/xmlui/handle/123456789/2215>

Mestre Sanchis, A. (1999-2000). La carta, fuente de conocimiento histórico. *Revista de Historia Moderna*, 18, 13-26.

<https://revistahistoriamoderna.ua.es/article/view/1999-2000-n18-la-carta->

Mónica, M. F. (2005). *Dicionário biográfico parlamentar: 1834-1910*. Assembleia da República.

Monteiro, J. R. (2013). Sociedade e quotidianos de Bragança contemporânea. In Fernando de S. (Coord.), *Bragança na época contemporânea (1820-2012)* (vol. I, pp. 183-302). Câmara Municipal de Bragança.

Moraes, M. A. de. (2002). "*Orgulho de jamais aconselhar*": A epistolografia de Mário de Andrade e seu projeto pedagógico. [Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo].

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-15062023-111304/>

Moraes, M. A. (Jan.-Mar. 2007). *Epistolografia e crítica genética*. *Ciência e Cultura*, 59(1), 30-32.

<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n1/a15v59n1.pdf>

Moreno Haro, Y. (2009). Correspondencia privada em V. Sierra Blas. In L. M. Monteagudo, *Esos papeles tan llenos de vida... Materiales para el estudio y edición de documentos personales* (pp. 134-138). CCG Editions.

Moura, M. L. B. (2010). *A "Guerra religiosa" na I República* (vol. 8). CEHR-UCP.

Nicodemo, T. L. (2008). *Urdidura do vivido: Visão do Paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda na década de 1950*. EDUSP.

Neves, M. (1985). Poeta dentro de um arqueólogo. *Brigantia* V(2-3-4), pp. 245-254.

Nicodemo, T. L. (2014). *Alegoria moderna: Crítica literária e história da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. UNIFESP.

https://www.academia.edu/11167157/Alegoria_moderna_Cr%C3%ADtica_liter%C3%A1ria_e_hist%C3%B3ria_da_literatura_na_obra_de_S%C3%A9rgio_Buarque_de_Holanda

Nicodemo, T. L. (2016). Para além de um prefácio: Ditadura e democracia no diálogo entre Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Brasileira de História*, 36(73), 159-180.

<https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n73-009>

Nora, P. (1989). Between memory and history: Les lieux de mémoire. *Representations*, 26, 7-24.

<https://doi.org/10.2307/2928520>

Norte, A. (s.d.). AZEVEDO, Pedro Augusto de São Bartolomeu de (Santarém, 1869 – Lisboa, 1928). In *Dicionário de Historiadores Portugueses. Da Academia Real das Ciências do Estado Novo*

https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/azevedo_pedro.pdf

Nóvoa, R. S. (2016). *O Arquivo Gama Lobo Salema e a produção, gestão e usos dos arquivos de família nobre nos séculos XV-XVI* [Tese de doutoramento, Universidade Nova].

<http://hdl.handle.net/10362/19004>

Olaio, N. (2004). Jacinto Cândido da Silva (1857-1926): O Nacionalismo Católico através das memórias de um dos seus fundadores. *Lusitania Sacra*, 2.^a Sr.(16), 147-178.

Olivares, I. D. (2017). Redes intelectuales en América Latina: una lectura desde los márgenes. Em L. W. (Coord.), *El ensayo en diálogo* (pp. 175-214). CIAL-UNAM.

<https://repositorio.unam.mx/contenidos/5001319>

Oliveira, M. D. (2006). *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7111/000539349.pdf?sequence>

=1

Pallares-Burke, M. L. (2005). *Gilberto Freyre: Um vitoriano nos trópicos*. Ed. UNESP.

Pallares-Burke, M. L. (2012). *O triunfo do fracasso: Rüdiger Bilden, o amigo esquecido de Gilberto Freyre*. Ed. UNESP.

<https://doi.org/10.4000/bresils.364>

Palmeira, M. (2013). Arquivos pessoais e história da história: A propósito dos Finley papers. In I. Travancas, J. Rouchou, & L. Heymann, *Arquivos pessoais: Reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa* (pp. 79-99). FGV Editora.

Pereira, H. S. (2014). *Os Beças, João da Cruz e Costa Serrão: Protagonistas da linha de Bragança*. MIT Portugal Program: Universidade do Minho: EDP.

https://www.academia.edu/33859771/Os_Be%C3%A7as_Jo%C3%A3o_da_Cruz_e_Costa_Serr%C3%A3o_protagonistas_da_linha_de_Bragan%C3%A7a

Pereira, H. S. (2017). Tecnologia, periferia, caciquismo: Abílio Beça e o caminho-de-ferro de Bragança. *Análise Social*, 52(222), 40-71.

<https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/22531/16608>

Perrot, M. (1990). Introdução. In P. A. Duby, *História da Vida Privada* (p. 11). Edições Afrontamento.

Petrucci, A. (2006). Escritura y epistolografía. *Cultura Escrita & Sociedade*, 2, 163-182.

Pinho, A. D. (2016-2017). Vida, Obra e Pensamento de Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. *Brigantia*, XXXIV-XXXV, 239-242.

Pires, M. A. (1985). A dimensão teológica na obra do Abade de Baçal. *Brigantia*, V (2, 3,4), 235-243.

Piret, A., Nizet, J. & Bourgeois, É. (1998). L'analyse structurale. *Revue des sciences de l'éducation*, 24(2), 429-431.

<https://lib.ugent.be/catalog/rug01:000436182>

- Pizarro, J. A. (2000). Introdução. In F. M. Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* (vol. VI, pp. I-II). Câmara Municipal de Bragança; Museu do Abade de Baçal.
- Pontes, M. J. (2018). *Sinais de vida: Cartas da guerra, 1961-1974* [Tese de doutoramento, ISCTE-IUL].
<http://hdl.handle.net/10071/15770>
- Portugal, S. (Mar. 2007). Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. *Oficina do CES*, 271.
<https://eg.uc.pt/bitstream/10316/11097/1/Contributos>
- Prescott, V. L. (2009). *A decadência nacional de fim-de-século: Estudo sobre Guerra Junqueiro*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa Faculdade de Letras Departamento de Estudos Românicos].
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/404/1/21140_ulfl068165_tm.pdf
- Prochasson, C. (1998). "Atenção: Verdade!" Arquivos Privados e Renovação das Práticas Historiográficas. *Estudos Históricos*, 21, 105-119.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2018). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*.
- Rafael, D. J. A. (1985). Actualidade do Abade: Pastor da Cultura. *Brigantia*, V(2-3-4), pp. 601-606.
- Ramos, A. (1983). A Igreja e a I República: A reacção católica em Portugal às leis persecutórias de 1910-1911. *Didaskalia*, 13(1-2), 251-302.
<https://doi.org/10.34632/didaskalia.1983.835>
- Ramos, R., Sousa, B. D., & Gonçalo, N. M. (2015). *História de Portugal*. A Esfera dos Livros.
- Reid, M. (1990). Ecriture intime et destinataire. In M. Bossis, & C. A. Porter, *L'épistolarité a travers les siècles. Geste de communication et/ou d'écriture* (pp. 20-26). Franz Steiner Verlag.

- Revel, J. (2010). *História e historiografia: Exercícios críticos*. Ed. UFPR.
- Ribeiro, F. (1996). *Indexação e controlo de autoridade em arquivos*. Câmara Municipal do Porto.
- Riego Amézaga, B. (Coord.) (2010). *España en la tarjeta postal. Un siglo de imágenes*. Lunwerg
- Rocha, A. C. (1965). *A epistolografia em Portugal* (2ª ed.). Almedina.
- Romero Tallafigo, M. (2000). Simbología retórica y visual del documento de archivo: Del medieval al contemporáneo, In *V Jornadas Archivísticas: actualidad de la Heráldica y la sigilografía* (pp. 161-232). Diputación de Huelva.
- Rosa, C. C. (2005). *Divulgação de documentos referentes à intimidade da vida privada e familiar de outrem: Responsabilidade civil* (Documento AFPE. Grupo de trabalho para os Arquivos de Família e Pessoais).
- Rubalcaba, C. P. (2005). *Prácticas de cultura escrita aproximaciones y realidades. Provincia de Santander, Séc. XIX*. [Tese de doutoramento, Universidade de Cantábria].
<http://repositorio.unican.es:8080/xmlui/handle/10902/685>
- Rudestam, K. E., & Newton, R. R. (2007). *Surviving your dissertation: A comprehensive guide to content and process* (3ª ed.). Sage Publications.
- Santos, A. (2013). *A Universidade, a história e o historiador: O itinerário intelectual de Francisco Iglésias* [Tese de doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais].
https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/50230/1/tese_alessandrasantos.pdf
- Santos, F. S. (2018). *A Prática de Indexação em correspondências: Proposta de modelo de leitura e representação documentária*. Universidade Federal de Pernambuco.
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30662>
- Santos, P. A. (2009). *História erudita e popular: Edição de documentos históricos na obra de Capistrano de Abreu* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras

e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo].

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25112009-090917/publico/PEDRO_AFONSO_C_DOS_SANTOS.pdf

Santos, P. A., Nicodemo, T. L., & Pereira, M. H. (2017). Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: O historicismo em questão. *Estudos Históricos*, 30(60), 161-186.

<http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/9580>

Schapochnik, N. (1998). Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In N. Sevcenko, *História da vida privada no Brasil* (pp. 423-512). Companhia das Letras.

Sembou, E. (2011). *Foucault's genealogy*. 10th Annual Meeting of the International Social Theory Consortium. University College Cork.

https://www.academia.edu/679231/_Foucaults_Genealogy_

Sierra Blas, V. (2005). Olvidos epistolares. Luces y sombras en la epistolografía contemporânea. *Revista de Historiografía*, II(3), 55-68.

Sierra Blas, V. (2008). *Letras Huérfanas. Cultura escrita y exilio infantil en la Guerra Civil Española* [Tese de doutoramento, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alcalá].

Silva, R. P. (2015). *“A morte do homem cordial”: Trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982)*. [Tese de doutoramento, Universidade Campinas].

https://www.academia.edu/33949556/A_morte_do_homem_cordial_Tese_Uni_camp

Silveira, L. d. (2011). Caminhos de ferro, população e desigualdades territoriais em Portugal, 1801-1930. *Ler História*, 61, 7-37.

Sirinelli, J. F. (2003). *Os intelectuais*. In R. Rémond, & T. D. Rocha, *Por uma história política* (2ª ed.). FGV Editora.

- Sobral, J. M., & Almeida, P. G. (1982). Caciquismo e poder político. Reflexões em torno das eleições de 1901. *Análise Social*, XVIII(72-73-74), 649-671.
- <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223400131E6mWB0rx5lr71IL0.pdf>
- Soeiro, T. (2000). Introdução. In F. M. Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* (vol. XI, p. I-II). Câmara Municipal de Bragança, Museu do Abade de Baçal.
- Sousa, F. (2013). *Bragança na época contemporânea (1820-2012)* (2 vols.). Câmara Municipal de Bragança.
- Souza, J. A. (2015). *Roquete-Pinto imortal: Constituição, tratamento e usos do arquivo Roquete Pinto na Academia Brasileira de Letras* [Dissertação de mestrado CPDOC, FGV Editora].
- <http://hdl.handle.net/10438/15102>
- Teresa, M. (2001). Práticas de memória na Oliveira Lima Library. *História*, 20, 11-28.
- Thomas, W. I., & Znaniecki, F. (1918). *The polish peasant in Europe and America: Primary-group organization*. R. Badger.
- Tin, E. (2018). "Em mangas de camisa": Lugares-comuns do gênero epistolar. *Eixo Roda*, 27, 181-204.
- <https://doi.org/10.17851/2358-9787.27.1.181-204>
- Torgal, L. R., Mendes, J. A., & Catroga, F. (1996). *História da História em Portugal. Sécs. XIX-XX*. Círculo de Leitores.
- Tosh, J. (2009). *Historians on History*. Pearson Education Limited.
- Traverso, E. (2005). *Le passé, modes d'emploi: Histoire, mémoire, politique*. La Fabrique Éditions.
- Traverso, E. (2011). *L'Histoire comme champ de bataille. Interpréter les violences du XXe siècle*. Lá Découverte.
- Trebitsch, M. (Mar. 1992). Correspondance d'intellectuels: Le cas des lettres d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947). *Les Cahiers de L'IHTP (Sociabilités*

Intellectuelles: Lieux, milieux, réseaux), 20, 70-84.

Ulbrich, C. (2010). Les écritures de soi dans une perspective transculturelle. Pistes de recherche en Allemagne. In J. P. Bardet, E. Arnoul, & F. J. Ruggiu, *Les écrits du for privé en Europe, du Moyen Âge à l'époque contemporaine* (pp. 81-89). Presses Universitaires de Bordeaux.

Universidade de Coimbra. SIBUC. (s.d.). *Fundo Belisário Pimenta*.

<https://www.uc.pt/sibuc/republicadigital/fundobelizario>

Universidade do Porto. (2016, julho 6). *Antigos estudantes ilustres da Universidade do Porto*. Abílio Campos Monteiro.

https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20ab%3%adlio%20campos%20monteiro

Vaquinhas, I. (Coord.) (2011). *História da Vida Privada em Portugal: Época Contemporânea* (III vol.). Círculo de Leitores.

Vasconcellos, E. (2008). Intimidade das confidências. *Teresa*, (8-9), 372-389.

<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116762>

Venâncio, G. M. (2001). Presentes de papel: Cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, 2(28), 23-47.

<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2146>

Venâncio, G. M. (2003). *Na trama do arquivo: A trajetória de Oliveira Vianna*. [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais].

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=18912

Venâncio, G. M. (2006). Da escrita impressa aos impressos da biblioteca: Uma análise da trajetória de leitura de Francisco José de Oliveira Vianna. In E. Dutra; J. Y. Mollier. (Org.). *Política, Nação e Edição. O lugar dos impressos na construção da vida política* (pp. 87-108). Annablume.

- Venâncio, G. M. (2015). *Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara*. Autêntica.
- Verdelho, T. (1999). As Memórias... do distrito de Bragança. Um Roteiro do amor à terra.
In J. N. Jacob (Coord.) *Actas do Colóquio O Abade de Baçal* (pp. 109-122). Museu do Abade de Baçal.
- Vilhena, M. C. (1985). *Correspondência de Teófilo Braga: Cartas em francês*. Universidade dos Açores.
- Wegner, R. (2000). *A conquista do oeste: A fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Ed. UFMG.

https://www.academia.edu/43699327/A_Conquista_do_Oeste_a_frenteira_na_obra_de_S%C3%A9rgio_Buarque_de_Holanda
- Werner, M. (2004). *De la comparaison à l'histoire croisée*. Seuil.
- Werner, M. & Zimmermann, B. (2003). Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 58, 7-36.

<https://www.cairn.info/revue--2003-1-page-7.htm>.
- Wimmer, M. (2015). The Present as Future Past: Anonymous History of Historical Times. *Storia della Storiografia*, 68, 165-185.
- Zeny, D. & Farias, L. (2005). *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: Resgate da memória e estudo arquivístico*. ICI.
- Zular, R. (2002). *Criação em processo: Ensaio de crítica genética*. Iluminuras.

